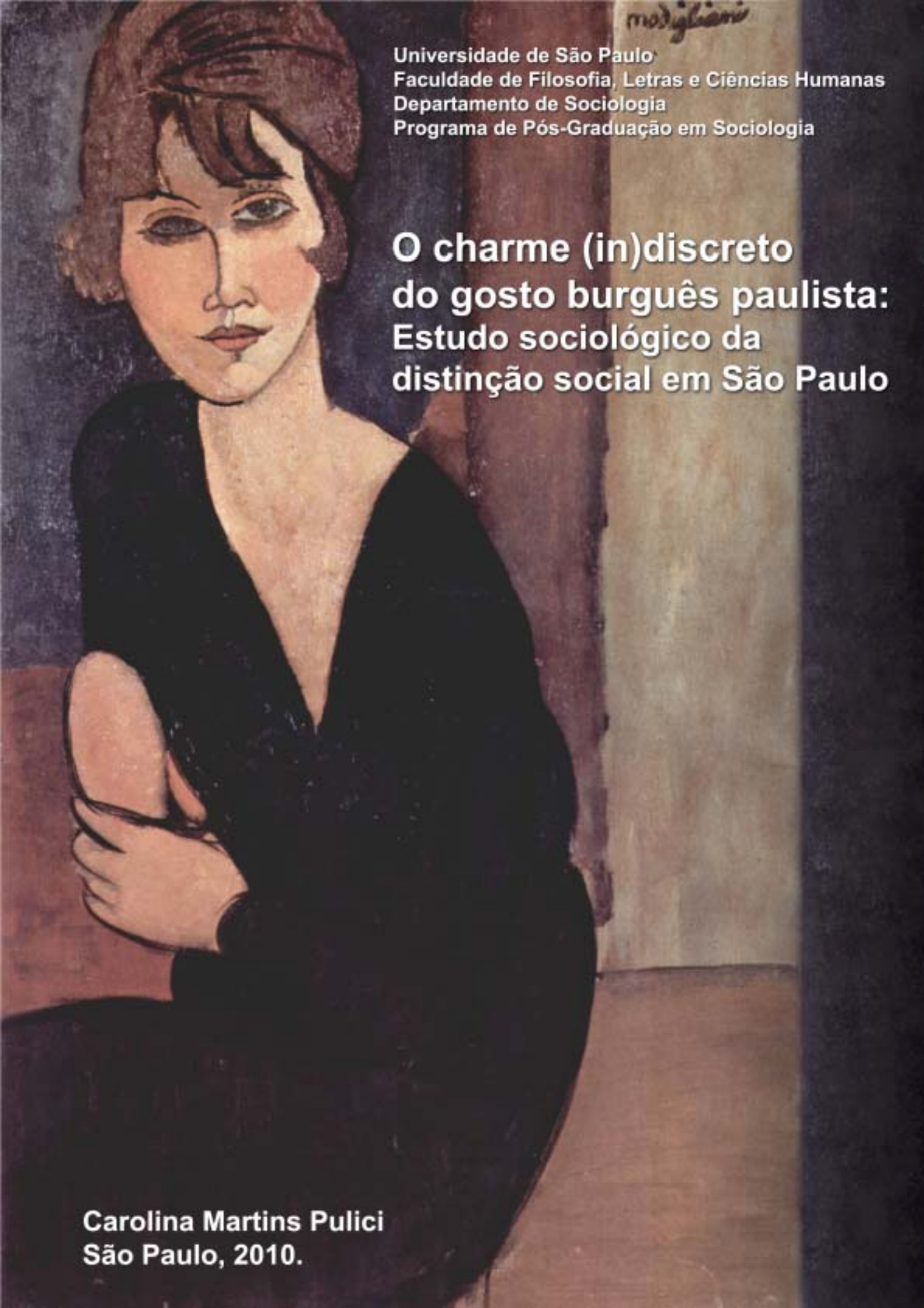


Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo

Carolina Martins Pulici
São Paulo, 2010.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

O charme (in)discreto do gosto burguês paulista:

Estudo sociológico da distinção social em São Paulo

Carolina Martins Pulici

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Brasilio João Sallum Jr.

São Paulo
2010

Para o Yves

Agradeço aos meus informantes, homens e mulheres das classes altas paulistanas que, de bom grado, aceitaram submeter seus testemunhos ao crivo da análise sociológica[1].

[1] A capa é uma montagem feita a partir do “Retrato de Madame Reynouard”, de Modigliani, de 1916.

“Qu’était-elle? Actrice? Cantatrice, grande vedette? Dame d’honneur peut-être? À moins qu’elle ne fût princesse, archiduchesse? Archiduchesse! Il n’en démordit plus et sembla prendre au sérieux cette hypothèse. Comment ne l’avait-il deviné tout de suite à sa sobre distinction, à son allure, à son regard. Il s’arrêta pour mieux observer sa démarche».

Arthur Schnitzler, Thérèse.

Resumo: Partindo dos confrontos que atravessam os estudos de sociologia do gosto na Europa e na América do Norte, esta tese trata dos processos de distinção social pelo gosto com ocupantes das mais altas posições na hierarquia social da cidade de São Paulo. Num primeiro momento, aborda os itens simbólicos das hierarquias culturais "legítimas" e as "técnicas da sociabilidade mundana" tal como se manifestam em manuais de etiqueta, crônicas da vida mundana e críticas culturais, passando em revista algumas estatísticas de dispersão social dos bens culturais e certas representações do consumo encenadas no material da imprensa paulistana contemporânea. Num segundo momento, o estudo se encaminha para a investigação de como frações das classes altas de duas áreas residenciais de São Paulo (a dos Jardins e a de Alphaville) – marcadas por disparidades associadas à estrutura e, sobretudo, à evolução no tempo do volume total do capital - reagem a esses apelos de "estilização da vida". A análise de seus confrontos de preferência, realizada com base em entrevistas semi-diretivas, permite afirmar que os processos de distinção e estigmatização seguem se revigorando através das classificações conflitivas que explicitam *habitus* de classe e se atualizam através das práticas e das escolhas estéticas.

Palavras-chave: desigualdade – distinção – gosto – classes altas – São Paulo - Brasil

Abstract: Having as a starting point the controversies that criss-cross the studies in sociology of taste in Europe and North America, the present dissertation tackles the processes of social distinction through taste of people occupying the highest positions within the social hierarchy of the city of São Paulo. In a first stage, it deals with the symbolic items of the "legitimate" cultural hierarchies as well as the "techniques of the worldly sociability" as they appear in etiquette handbooks, chronics of the worldly life, and cultural critic. It also surveys statistical data about social dispersion of cultural goods and representations of consumption displayed in the material from present-day press of São Paulo. In a second stage, the study goes into an inquiry about how fractions of high classes inhabiting two residential areas in São Paulo (the Jardins and Alphaville), that are marked by disparities associated with the structure and, above all, the long term evolution of the overall volume of capital, do react to these appeals to "stylization of life". An analysis of their confrontations of preferences, carried out on the basis of half-directive interviews, allows affirming that the processes of distinction and stigmatization are reinforced by conflicting classifications that make explicit class *habitus* and actualize through esthetical practices and choices.

Keywords: inequality – distinction – taste – high classes – São Paulo - Brazil

Sumário

Introdução : variantes do estilo de vida dominante em São Paulo, 08

Do alto: o trabalho de campo com as classes altas, 13

As condições sociais de recolhimento dos dados, 23

1. Gostos e atributos sociais, 42

Contraponto, 49

2. Autoridade mundana nas crônicas de *savoir-vivre*, 66

3. Hierarquia social dos gostos em São Paulo, 91

Música, 95

Televisão, 100

Leitura e programas culturais, 101

Espetáculos de dança, museu e teatro, 104

4. Elites dos bairros-jardins da Companhia City: prestígio, distinção pelo gosto e conivência com o mundo da arte, 126

- A fala da procedência: sentimento de amor-próprio com a memória dos imortalizados ancestrais, 128; - "Então você tem algumas referências": gosto apurado pela via familiar e ostentação da discrição, 135; - "Eu sempre tenho convite porque a gente patrocina muita gente": comprometimento cultural e envolvimento em causas sociais, 147; - O

gosto dominante como gosto tradicional, 167; - Repúdio à voracidade popular e apego às funções de representação, 188; - Exclusividade ou primazia dos espaços virgens e das práticas raras, 204; - Senso de dignidade social: ineditismo da trajetória e capital de relações, 214; - Parente não é serpente: trunfos familiares e negação da gênese social das preferências, 224; - Migração de classe, 241.

5. Alphaville: contentamento material e renúncia aos investimentos simbólicos, 257

- Incompatibilidade entre os "gostos de tendência" e os "gostos de vontade", 261; - "Eu não nasci em berço esplêndido": a ascensão solitária, 271; - Elite profissional, 280; - A degustação distinta da natureza, 288.

Considerações finais, 293

Anexos:

Roteiro da entrevista, 298

Carta-convite, 304

Tabela dos gostos das classes altas de São Paulo, 305

Bibliografia, 306

Fontes secundárias, 320

Introdução:
Variantes do estilo de vida dominante em São Paulo

"La cause de mon échec réside précisément dans ce que je viens de te dire. Je n'ai pas été assez courageux pour accepter la tendresse de cette femme qui m'aimait, je l'ai aussi un peu méprisée à cause de ses goûts*, de sa manière de vivre qui n'étaient pas les miens, mais ceux de la petite bourgeoisie ».*

Sándor Márai, Métamorphoses d'un mariage.

"Só me diz uma coisa, a gente fala gostos ou *"góstos"*?" Assim começou a conversa com Teresa Cristina[2], paulista quatrocentona, decoradora, residente nos Jardins, ex-mulher de um rico empresário, filantropa e amiga de pessoas influentes na cena econômica e mundano-cultural da cidade de São Paulo. De fato, quando enviava cartas-convite para solicitar uma entrevista, eu me apresentava dizendo que fazia uma tese sobre os "gostos" entendidos de forma ampla: estéticos propriamente ditos (pintura, teatro, música, literatura, etc.), mas, também, gastronômicos, indumentários e em matéria de moradia, viagens e cuidados com o corpo.

Não que eu não estivesse, de fato, fazendo isso. Mas o trabalho de campo junto a pessoas que, em sua maioria, podem ser consideradas ricas, a análise das representações de excelência cultural encenadas no material de imprensa e a leitura de manuais de "savoir-vivre" integravam o *corpus* empírico de uma pesquisa que visava, sobretudo, lançar luz sobre a base social das práticas estéticas e, assim, investigar em que medida os juízos de gosto eram atravessados pelas relações de força entre as classes.

Para que os diferentes perfis existentes pudessem ser representados, entrevistei um advogado atuante no mercado financeiro; uma embaixatriz e crítica de decoração; um médico proprietário de clínica e colecionador de arte; um alto executivo e proprietário de gigantesca construtora de obras civis casado com uma filantropa, patrocinadora cultural e colecionadora de obras de arte e de móveis do século XIX; um industrial (instrumentos de cirurgia cardiovascular) e antigo presidente de multinacional; uma fazendeira, psicóloga e herdeira de um grande exportador de café; uma artista plástica herdeira de uma renomada agência de publicidade e uma artista plástica viúva de um industrial; uma historiadora da arquitetura, ex-diretora de museu e

[2] [Entrevista 1]. Com exceção das pessoas que escreveram e publicaram suas observações a respeito do gosto, foram atribuídos nomes fictícios a todos os outros informantes desta pesquisa.

mulher de um reconhecido arquiteto brasileiro; uma psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante empresário do setor têxtil; uma decoradora e filantropa; três donas-de-casa (uma viúva de um advogado atuante na assessoria política da prefeitura de São Paulo e também industrial, as outras duas esposas de industriais); uma consulesa e jornalista de um órgão da imprensa oficial casada com um cônsul da Europa Central, empresário e antigo juiz de direito; uma arquiteta casada com um arquiteto e industrial de materiais de construção; um empresário de construtora de arquitetura ecológica e herdeiro de uma família de construtores de condomínios de luxo; um maestro, compositor e músico de jazz e MPB e herdeiro de um industrial; um professor universitário, ex-ministro e antigo diretor de uma vigorosa empresa brasileira e sua esposa psicanalista aposentada; um *chef* "badalado" da alta gastronomia e proprietário de restaurantes e *buffet*; um grande banqueiro, ex-presidente e diretor de bancos públicos e privados e filantropo; uma restauradora de obras de arte de uma família de fazendeiros em agudo descenso social; um presidente de multinacional "auto-construído" e colecionador de arte; um engenheiro civil ("salvo pela escola") e executivo de um dos maiores escritórios de engenharia de São Paulo e outro professor universitário, presidente/proprietário de construtora e herdeiro de uma família de construtores; um proprietário/administrador/herdeiro de imóveis localizados em áreas estratégicas da cidade e filantropo; um músico, escritor e herdeiro de uma família de banqueiros e políticos do Nordeste e um jornalista ocupante de altos postos em várias instituições culturais públicas e privadas do Brasil.

Homens e mulheres que, vivendo nos bairros do Jardim Europa, Jardim América, Jardim Paulistano, Jardim Paulista, Alto de Pinheiros, Cidade Jardim e Alphaville situam-se acima dos 50 anos e são bem dotados em matéria de dinheiro e/ou de cultura e, em alguns casos, de relações e de prestígio também. Uns têm mais dinheiro, outros têm mais cultura. Uns são mais prestigiados, suas casas possuem o caráter público, outros têm apenas casas particulares de alto padrão, mas sem importância social. Mas todos têm alguma parcela de cada um desses "trunfos" sociais, e é justamente a estrutura da relação entre cada um deles e seus efeitos sobre a disposição estética que interessam a este trabalho.

Partindo do suposto de que o senso estético constitui uma dimensão de uma relação global com o mundo e os outros, de um estilo de vida onde se exprimem determinadas condições de existência, busquei recuperar, em registros de natureza variada, as marcas de classe no sistema de preferências e, na mesma medida, as formas

de coesão social que emergem da adesão ao *establishment* cultural. Ao longo desse percurso, instigavam-me questões como estas: quais grupos e maneiras constituíam os "alvos" privilegiados das apreciações negativas e quais eram aqueles que, ao contrário, logravam manter uma espécie de ascendência sobre setores destituídos de refinamento cultural e "faro mundano"?

Ainda que o trabalho de campo tenha sido feito junto a representantes de círculos da elite paulistana – através de trinta entrevistas semi-diretivas realizadas entre 2008 e 2009 -, a discussão não se restringiu a esses achados empíricos, já que esta análise da distinção social pelo gosto também teve como fonte documental manuais de etiqueta recentemente publicados no Brasil, material da imprensa paulista contemporânea, estatísticas culturais e observações etnográficas.

O uso de matérias jornalísticas como evidência apta a validar ou refutar um corpo de hipóteses de pesquisa é bastante mal aceito nos trabalhos de ciências sociais, a menos que se faça um trabalho específico sobre a representação de tal fenômeno na imprensa, e sempre nas várias imprensas que concorrem entre si (*Folha de São Paulo* X *Estado de São Paulo*; *Veja* X *Isto é*, etc.). Por isso digo de saída que este *não é* um trabalho que se propõe mostrar como a ideologia do gosto inato e/ou a gênese social do sistema de preferências são encenadas exclusivamente na mídia impressa e só nela. Não busquei, assim, empreender uma comparação entre os diferentes tratamentos jornalísticos dados ao meu assunto. E também não acho possível defender ou refutar teses acadêmicas a partir da realidade que nos é apresentada pelo jornalismo cotidiano. Com esse material eu busquei, tão-somente, fazer com que certas impressões de uma mentalidade tal como se revelam no espaço de um jornal (ou de uma revista) dialogassem com as discussões teóricas, os achados das entrevistas, as observações etnográficas e os levantamentos estatísticos mobilizados neste estudo. Consciente de que as pesquisas de mercado e as encenações que figuram nas matérias jornalísticas constituem, inequivocamente, "o olhar da imprensa" sobre as práticas culturais dos paulistanos, buscou-se aqui apreender, de maneira crítica, as possíveis contribuições que esses e outros materiais podem render à minha problemática. Mesmo que todo acontecimento abordado pela mídia sofra inevitavelmente uma série de deformações – muito em função do fato de que os meios de comunicação não fazem senão reforçar interpretações "espontâneas" da realidade -, as mídias são, ainda assim, parte integrante

da realidade, e criam "uma visão midiática da realidade que contribui para criar a realidade que pretende descrever" [3].

Nessa linha de juízo, malgrado o fato de que os manuais de etiqueta e as críticas culturais aqui discutidos não sejam nunca registros literais da experiência social paulistana, eles também não deixam de documentar convicções. Falar dos gostos e desgostos, do que prestigia e do que estigmatiza no âmbito das hierarquias culturais não é propriamente um dos temas mais debatidos pela sociedade mais ampla, muito pelo contrário. É inegável, contudo, que a encenação desses princípios de classificação na imprensa é indicativa de sua presença na atmosfera mental contemporânea.

Esse o motivo pelo qual, "autorizada por Goffman", decidi submeter à análise todos os indícios que, de uma maneira ou de outra, tocavam as questões centrais deste trabalho. A propósito, o prefácio de *A representação do eu na vida cotidiana* diz:

« Les matériaux utilisés dans cette étude ont des sources variées : certains proviennent de recherches solides qui tirent de régularités rigoureusement établies des généralisations légitimes ; d'autres proviennent de récits d'inspiration diverse rédigés par des personnalités souvent pittoresques ; beaucoup enfin occupent une place intermédiaire entre le fait scientifiquement établi et le témoignage »[4].

A crer no que afiançam estudiosos da metodologia qualitativa, a heterodoxia das fontes seria própria à toda e qualquer pesquisa qualitativa, que « utilise souvent une grande variété de données (*slice of data*), hétéroclites au surplus, qui ont été parfois obtenues par chance ou sans aucun critère systématique »[5].

Em *La distinction*, referência obrigatória no domínio da sociologia do gosto, Bourdieu também não deixou de se valer das representações provenientes do material de imprensa, mesmo não tendo feito um trabalho especificamente voltado à análise das hierarquias culturais tal como são encenadas na mídia impressa. É já na Introdução que o autor termina de enunciar os propósitos do estudo valendo-se, como "prova", de dois trechos de duas críticas culturais publicadas no jornal francês *Le Monde*:

---

[3] CHAMPAGNE, Patrick. "La vision médiatique". In BOURDIEU, Pierre (org.). *La misère du monde.* Paris, Seuil, 1993, p. 116.

[4] GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation de soi.* Paris, Minuit, 1973 [1959], p.10.

[5] PIRES, Álvaro P. *Échantillonnage et recherche qualitative : essai théorique et méthologique.* In POUPART, DESLAURIERS, GROULX, LAPERRIÈRRE, MAYER, PIRES (Groupe de recherche interdisciplinaire sur les méthodes qualitatives). *La recherche qualitative : enjeux épistémologiques et méthodologiques.* Québec, Gaëtan Morin Éditeur, 1997, p. 114.

"A ciência do gosto e do consumo cultural começa por uma transgressão que nada tem de estético: de fato, ela deve abolir a fronteira sagrada que transforma a cultura legítima em um universo separado para descobrir as relações inteligíveis que unem 'escolhas', aparentemente, incomensuráveis, tais como as preferências em matéria de música e de cardápio, de pintura e de esporte, de literatura e de penteado. Esta reintegração bárbara do consumo estético no universo do consumo comum revoga a oposição – que desde Kant, se encontra na origem da estética erudita – entre o 'gosto dos sentidos' e o 'gosto da reflexão'; e entre o prazer 'fácil', prazer sensível reduzido a um prazer dos sentidos, e o prazer 'puro' que está predisposto a tornar-se um símbolo de excelência moral e a dimensão da capacidade de sublimação que define o homem verdadeiramente humano. A cultura que é o produto desta divisão mágica tem valor de sagrado. E, de fato, a consagração cultural submete os objetos, pessoas e situações que ela toca a uma espécie de promoção ontológica que se assemelha a uma transubstanciação. *Como prova, contento-me com a citação desses dois julgamentos* que, segundo parece, foram inventados para a felicidade do sociólogo: 'Eis, afinal de contas, o que nos causou maior impressão: nada poderia ser obsceno em nossa primeira encenação e as bailarinas da *Ópera*, até mesmo, como dançarinas nuas, sílfides, endoidecidas ou bacantes, conservam uma pureza inalterável'. 'Existem atitudes obscenas, como esses simulacros de coito que são chocantes para o olhar. Certamente, não pretendo aprová-las, embora a inserção de tais gestos nos balés confira-lhes um aspecto estético e simbólico que faz falta às cenas íntimas exibidas, cotidianamente, à frente dos espectadores no cinema (...). E o nu? Limito-me a dizer que é breve e exerce reduzido efeito cênico. Não direi que é casto ou inocente porque nada do que é comercial pode receber tal qualificativo. Digamos que não é chocante; no entanto, pode ser criticado, sobretudo, por ter servido de atrativo para o sucesso da peça (...). A nudez de *Hair* carece de dimensão simbólica'. A negação da fruição inferior, grosseira, vulgar, venal, servil, em poucas palavras, natural, que constitui como tal o sagrado cultural, traz em seu bojo a afirmação da superioridade daqueles que sabem se satisfazer com os prazeres sublimados, requintados, desinteressados, gratuitos, distintos, interditados para sempre aos simples *profanos*. É assim que a arte e o consumo artístico estão predispostos a desempenhar, independentemente da nossa vontade e de nosso saber, uma função social de legitimação das diferenças sociais" [6].

Esses "argumentos de autoridade" não têm a intenção de dizer que todas as fontes fornecem, indistintamente, aportes à pesquisa. É inegável, contudo, que o uso de jornal, informes publicitários e manuais de savoir-vivre antigos e contemporâneos por parte de autores importantes no domínio em estudo contribui para justificar aqui também a seleção de materiais dessa natureza.

[6] BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento.* São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2008, p. 13-14. As referências dos artigos de jornal são as seguintes: MERLIN, O. "Mlle Thibon dans la vision de Marguerite". *Le Monde,* 09/02/1965 e CHENIQUE, F. "Hair est-il immoral?" *Le Monde,* 28/01/1970. Grifos meus.

Do alto: o trabalho de campo com as classes altas

"(...) the higher one's place in the status pyramid, the smaller the number of persons with whom one can be familiar, the less time one spends backstage, and the more likely it is that one will be required to be polite and decorous ».

Erving Goffman, The Presentation of Self in Everyday Life.

"Para uma justificativa mais completa das diferenças de estilos de vida entre as diferentes frações – particularmente, em matéria de cultura -, conviria levar em consideração sua distribuição em um espaço geográfico socialmente hierarquizado".

Pierre Bourdieu, A distinção.

O trabalho de campo junto a grupos que concentram uma ou várias formas de capital pede algumas reflexões prévias. Sem pretender fazer do grupo social sobre o qual incide a pesquisa a escolha a mais desafiante possível, eu julgo válidas algumas das argumentações que se depreendem dos trabalhos de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, que se tornaram especialistas do *grand monde* na França [7]. Em primeiro lugar, quando se trata de analisar as classes populares ou médias, o pesquisador se encontra de certa forma numa posição "soberana", o que não é o caso quando o social é apreendido a partir dos setores os mais abastados da sociedade. Se, como advertem muitos manuais de metodologia, as entrevistas realizadas por aqueles que falam em nome da Ciência caracterizam-se por uma "dessimetria das possibilidades de iniciativa", pode-se dizer que quando os entrevistados advêm de meios altamente burgueses essa relação de força tende a se inverter [8].

Com efeito, o "cara a cara" pode ser bastante infantilizante, pois, como uma parte do que está em jogo é a autoridade cultural e mundana, alguns informantes esperam – e até exigem – também de seu entrevistador o domínio desse repertório. Em minha experiência de pesquisa, passei por situações em que quase fui "acusada" de não conhecer bem História ou a pronúncia correta de dada palavra, de não saber de cor o

[7] Cf. PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*. 2ª edição. Paris, Quadrige/PUF, 2005; *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris, La Découverte, 2000; Idem. *Les ghettos du Gotha : comment la bourgeoisie défend ses espaces*. Paris, Seuil, 2007.

[8] Ver também, a esse respeito, LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue. Approche ethnographique de la culture bourgeoise.* Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Paris, 1988.

nome de todos os prefeitos de São Paulo no século XX, de desconhecer tal artista contemporâneo, de não estar a par de quem é tal ou tal pessoa, de não saber qual o museu de destino de tal coleção de arte, de não ter lido tal livro, em suma, meus informantes ficavam a me "testar" incessantemente: "Já foi à Vienne, no sul de Lyon? Não é Viena na Áustria, não. Viena na França, o maior pólo de gastronomia do mundo!". "Você conhece o móvel Thonet?". "Mas Berlim, agora, você foi ultimamente?". "Sabe o que é *Lapinha*, né? É um SPA, é um SPA". "Como é que você fica fazendo pergunta sobre arte se você não sabe quem é esse pintor?" "A.L.M., você não tem idéia de quem ele seja?". "E eu me lembro de uma grande discussão minha com ele porque ele defendia Billy Wilder. E eu defendia William Wyler. Sabe a diferença entre os dois?"[9]

Eles também não hesitaram em dizer que tal pergunta não era boa, que tal outra era ultrapassada, sobretudo os informantes cuja estrutura patrimonial se caracterizava por um alto capital cultural e um capital econômico menos importante. Para Bourdieu,

« Les bourgeois se distinguent tout spécialement par leur aptitude à *maîtriser la situation d'enquête* (que devrait prendre en compte toute analyse de résultats). La maîtrise de la relation sociale dans laquelle fonctionne la culture leur est fournie surtout par l'aptitude, très inégalement répartie, à adopter le rapport au langage qui est appelé dans toutes les situations de conversation mondaine (e.g. bavardage sur le cinéma ou sur le voyages) et qui suppose un art d'effleurer, de glisser, de masquer, en usant abondamment de toutes les chevilles, tous les termes de remplissage et toutes les prudences syntaxiques repérés par les linguistes comme caractéristiques du langage bourgeois » [10].

Mesmo quando o informante é gentil e respeitoso, é difícil assumir que ele está sendo entrevistado exclusivamente por ser um integrante das classes altas. Na maior parte das vezes, está-se diante de pessoas que querem falar de suas obras, pois passaram a vida inteira querendo ser reconhecidas por algo que não seja tão-somente seu estatuto social ("filho de fulano de tal", "herdeiro de tal e tal", etc.). A entrevista tinha um roteiro de questões pré-estabelecido[11], que foi seguido na medida do possível, pois, como os informantes eram, em sua grande maioria, pessoas que tinham se destacado em

[9] Sobre a intimidação inerente à entrevista junto aos dominantes ver CHAMBOREDON, Hélène & PAVIS, Fabienne & SURDEZ, Muriel & WILLEMEZ, Laurent. «S'imposer aux imposants: à propos de quelques obstacles rencontrés par des sociologues débutants dans la pratique et l'usage de l'entretien ». Genèses, 16, 1994, pp. 114-132.

[10] Cf. BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Minuit, 1979, p. 194, nota 5.

[11] O roteiro da entrevista segue anexo.

algum domínio de atividade, eles sempre escapavam das minhas questões para falar das coisas que haviam realizado com sucesso. Essas mudanças de rumo eram inevitáveis, pois ficou claro que eles detestavam saber que eu os entrevistava pura e simplesmente devido ao fato de serem membros das classes altas e, não, colecionadores de arte, artistas ou empresários bem sucedidos.

A pesquisa junto a famílias afortunadas suscita desinteresse no meio científico em geral e, especialmente, entre os sociólogos de países com índices sociais alarmantes, como é o caso do Brasil. Dito de outra forma, não existe uma demanda social para pesquisas que não sejam por assim dizer de "utilidade pública", que não focalizem as pessoas que enfrentam dificuldades de toda sorte, fazendo com que os setores privilegiados permaneçam fora do escopo das agendas de pesquisa que, mais ou menos vinculadas aos poderes públicos, têm sempre em vista certos fins intervencionistas. Como notaram Elias e Scotson,

> "Desde o começo, a escolha dos temas de pesquisa é influenciada por juízos de valor externos e, como se pode constar, o que é tido como 'ruim' tende a ser preferido como tema de pesquisa ao que é visto como 'bom'. Há uma preocupação com tudo o que cria dificuldades, não se dando tanta importância ao que parece estar correndo bem. Levantam-se perguntas sobre o primeiro caso: as coisas 'ruins' pedem explicações, mas as 'boas', aparentemente não" [12].

Numa situação em que o sociólogo não advém dos meios que acumulam várias formas de privilégio – como é o meu caso -, existe uma distância social que tem conseqüências não apenas no momento das entrevistas, mas, na própria obtenção de possíveis informantes. Oriunda de uma família de classe média do interior de São Paulo marcada pelo declínio social (seguido ao adoecimento precoce de seu progenitor), eu demorei muito a constituir um conjunto de trinta entrevistados, e isso fez com que o período de realização das entrevistas durasse de agosto de 2008 a maio de 2009.

De modo geral, eles foram selecionados pelo critério "bairro de residência", sempre complementado, por intermédio de entrevistas semi-dirigidas, pelos indicadores profissão, nível e características da escolaridade, *tempo do pertencimento à posição atual* e, nas poucas vezes em que foi possível obter a resposta, pelo montante aproximado de renda. A fim de dispor de uma coleção de casos que contrastasse a *estrutura* e, sobretudo, a *evolução no tempo* dos capitais, entrevistei residentes dos bairros do Jardim Europa, Jardim América, Jardim Paulistano, Jardim Paulista, Cidade

[12] Cf. ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* Rio de Janeiro, Zahar, 2000 [1990], p. 180.

Jardim, Alto de Pinheiros e Alphaville, por serem áreas da cidade em que residem paulistanos representativos das classes altas.

Num primeiro momento, minha estratégia de obtenção de informantes consistiu no envio de uma carta, em papel timbrado da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* da Universidade de São Paulo e do *Centre de Sociologie Européenne* da École des Hautes Études en Sciences Sociales explicando os propósitos da pesquisa e solicitando uma entrevista totalmente anônima e com fins estritamente científicos[13]. Foi dada a opção de que a garantia de anonimato fosse registrada em cartório, a fim de atenuar as reticências que eventuais informantes pudessem ter frente a um desconhecido que pretendia recolher informações cujo uso eles desconheciam[14].

O recorte por bairro não foi sem problemas, e por mais de um motivo. Uns mais, outros menos, todas as áreas selecionadas abrigam paulistanos que poderiam ser considerados integrantes de uma alta classe média profissional, mas, não, propriamente "classe alta" [15]. Escolher a dedo cada casa, como fez David Halle em Nova Iorque [16], também não funcionou bem, pois, malgrado todas as cartas enviadas aos moradores de residências escolhidas individualmente, obtive retorno de uma única pessoa, uma restauradora de obras de arte acadêmica residente num casarão do Jardim América[17].

Num dado momento da pesquisa de campo, a dificuldade de encontrar informantes das classes altas dispostos a serem entrevistados foi tanta que quase deixei de lado o critério bairro, porque algumas vezes as indicações que tinha à mão não eram de pessoas residentes nos bairros da Companhia City nem em Alphaville. Foi nesse contexto que entrevistei uma colecionadora de arte residente num apartamento de quinhentos e oitenta metros quadrados em Higienópolis, um maestro que vivia numa cobertura em Perdizes e um herdeiro do setor industrial e imobiliário morador de uma

[13] O modelo da carta segue anexo.

[14] Devido a essa exigência, meu maior esforço consistiu em evitar perder todas as informações sociologicamente relevantes a fim de garantir o anonimato dos informantes.

[15] Isso foi especialmente válido no caso do Jardim Paulista e, de outro lado, muito menos freqüente no Jardim Europa, por exemplo.

[16] HALLE, David. *Inside culture: art and class in the American house*. The University of Chicago Press, 1993.

[17] Enviei por volta de cem cartas a residências localizadas nas ruas Argentina, Canadá, México, França, Holanda, Uruguai, Espanha, Grécia, Áustria, Cuba, Alemanha, Jamaica, Itália, Guadalupe, Venezuela, Suécia, Panamá, Suíça, Costa Rica, Polônia, Bucareste, Inglaterra, Portugal, Groenlândia, Alasca, Hungria, Atenas e Bolívia.

"casa-sítio" generosamente ladeada por árvores e muita área não-construída no Campo Belo.

Assim, à medida que a pesquisa de campo se desenvolvia, foi ficando claro que me servir de relações de amizade e/ou profissionais poderia me ajudar a deixar de bater na porta de pessoas que não se encaixavam no perfil social da investigação. Também aceitei uma ou duas (mas não mais de duas) indicações de alguns dos entrevistados.

Mas mesmo a indicação pessoal não funcionou à maravilha, pois foi difícil para todos os amigos e colegas que se empenharam em me ajudar na obtenção de informantes dizer explicitamente aos seus conhecidos que "só me serviriam" pessoas que fossem indubitavelmente pertencentes às altas classes. Especialmente se o conhecido em questão fosse ele próprio um integrante dos altos estratos que mantém relações de amizade com pessoas de classe média e média alta. Na verdade, quando tal é o caso, parece existir um acordo tácito que garante que o sujeito de classe média ou média alta jamais se mostre ciente de que o amigo "rico" é "rico". Por essas e outras é que pude ver, com bastante clareza, o quanto a estratificação social é assunto tabu: quando se trata de obter informante mulher, negro, católico, judeu, homossexual, etc. não há problema em abrir o jogo para pedir indicação de possíveis entrevistados. Quando o assunto é a posição de classe e, sobretudo, a posição nas altas classes, tudo parece ficar mais complicado[18].

No caso de Alphaville, não foi possível explorar inicialmente a pé as residências que me parecessem representativas de famílias privilegiadas da cidade de São Paulo, por se tratar de um condomínio completamente fechado a não residentes. Dada essa dificuldade, travei contato com um arquiteto que realizou muitos projetos residenciais nesse condomínio e, também, escreveu uma dissertação de mestrado sobre o Alphaville, defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Depois de se inteirar dos propósitos da pesquisa, ele se prontificou a contatar seus antigos clientes solicitando uma entrevista em meu nome[19]. Ao longo de um ano inteiro, ele conseguiu convencer sete moradores a me receber[20].

[18] Nesse processo de obtenção de informantes nas classes altas, um amigo herdeiro se afastou de mim, outra herdeira se distanciou de uma amiga que se dispôs a me ajudar e outra amiga viveu uma situação tensa ao pedir para a amiga rica uma entrevista com algum membro de sua família.

[19] O estudo comparativo entre as elites dos Jardins e a de Alphaville não teria sido possível sem a solicitude extrema de Clovis Ferreira, por meio de quem cheguei a todos os entrevistados do condomínio.

[20] O menor número de informantes em Alphaville (7 x 23) não prejudicou a análise comparativa, pois, como demonstra a tese do mesmo arquiteto, os residenciais deste condomínio teriam engendrado uma

Assim é que, em vista dos próprios limites e possibilidades em que se desenvolveu, este trabalho pede ser considerado uma *pesquisa exploratória*, que se permitiu uma flexibilidade de seleção da população analisada incompatível com as exigências operacionais de constituição de uma "amostra" (no sentido forte da palavra). Quando discutem a questão da amostragem na pesquisa qualitativa, Deslauriers e Kérisit mostram como o emprego ou não do termo é revelador de dois tipos de estrutura da pesquisa empírica: enquanto a *estrutura fechada* ou *convencional*, que adota a noção de "amostra", construiria sua pesquisa baseada na seleção de uma população bem delimitada empiricamente no tempo e no espaço, a *estrutura aberta* ou *paradoxal* não emprega o termo "amostra", pois este implicaria todo um procedimento operacional (princípio de saturação, de diversificação, de caso negativo, de indução analítica, etc.) inexistente neste caso [21].

Nem todos os informantes entenderam de saída que eu estava fazendo, *grosso modo*, uma pesquisa sobre o estilo de vida da "burguesia" paulistana, e conversaram abertamente sobre isso comigo. E eu própria me senti pouco à vontade em explicitar demais isso ao longo dos bate-papos que antecederam à entrevista. Incomodavam-me questões controladoras do tipo "mas o que é que você quer exatamente?", "onde você vai chegar?", "me deixa entender primeiro por que é que você está aqui me entrevistando", "antes de começarmos eu quero saber com quem é que eu estou conversando", "com quem mais você vai falar?", "eu posso saber quem mais você já entrevistou ou vai entrevistar?", "depois aí você que vai me explicar algumas coisas porque eu vou te perguntar", etc [22]. Eu já havia me apresentado como socióloga,

---

notável homogeneidade social: "Apesar de contar com uma população fixa elevada, Alphaville contém razoável homogeneidade de estilos de vida, desde instituições de ensino freqüentadas pelos filhos até os locais de lazer e serviços utilizados por todos, pais e filhos". Cf. FERREIRA, Clovis Chiezzi Seriacopi. *A casa dos sonhos: necessidades, aspirações, símbolos. Uma avaliação de residências unifamiliares idealizadas, planejadas e empreendidas pelos próprios usuários, em Alphaville, Região Metropolitana de São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP em 2006, p.101.

[21] DESLAURIERS, Jean-Pierre & KÉRISIT, Michèle. « Le devis de recherche qualitative ». In POUPART, DESLAURIERS, GROULX, LAPERRIÈRRE, MAYER, PIRES (Groupe de recherche interdisciplinaire sur les méthodes qualitatives). *La recherche qualitative : enjeux épistémologiques et méthodologiques*, op. cit., p.118.

[22] Com freqüência os informantes iniciaram a entrevista me pedindo para explicar o que era exatamente a pesquisa. E eu sempre recorri à *La distinction* como inspiração primeira do trabalho, tomando o cuidado para que a referência a um sociólogo e à sociologia não os deixasse ressabiados. Um jeito eufemístico de dizer às pessoas que eu me concentrava nas classes altas era informar que o meu trabalho se restringia aos residentes dos bairros Jardim Europa, Jardim América, Jardim Paulistano, Alphaville, e, que, meus informantes eram embaixadores, banqueiros, colecionadores de arte, proprietários de hospitais, etc.

contrariamente ao que havia sido recomendado por uma professora de metodologia na França, que julgava que a palavra "sociologia" era associada, no senso comum, a posições políticas de esquerda, o que exerceria influência considerável nas respostas dos informantes afortunados, se é que não lhes afugentaria completamente.

Mas me apresentar como socióloga e estudante de doutorado na USP não foi o bastante. Repetidas vezes me vi submetida a uma investigação cerrada sobre a minha vida privada: questionavam com quem eu morava, namorava, quem eram e o que faziam os meus pais e o meu namorado ("Você é o quê? Seu sobrenome?"), como e em que circunstâncias eu tinha deixado de viver com meus pais, de modo que eu passava da condição de entrevistadora para a de entrevistada. Também ocorreu de as perguntas com freqüência resvalarem para as minhas relações com os demais informantes: "Você foi à casa da Marieta?" "Ah, duas vezes!" "Por que é que você foi falar com a Teresa Cristina?" "Com quem você falou?" "Quem mais você está pensando entrevistar?" "Mas como é que você vai compor essa sua tese?" "Você pode me dizer quais são os nomes dos seus outros entrevistados?". Como notou a estudiosa da cultura burguesa Béatrix Le Wita:

«(...) l'informateur veut savoir à qui il parle. L'enjeu n'est pas plus de faire connaissance avec le chercheur que de s'intéresser à ses qualités professionnelles. *L'informateur cherche seulement à savoir si la personne qui est face à lui appartient ou non à son monde.* Mais dans son monde, justement, la question ne se pose pas : ordinairement on sait à qui on a affaire. L'informateur va alors résoudre ce problème en s'intéressant aux relations qui unissent le chercheur à l'intermédiaire. 'Vous devez connaître la grande-mère de Julie ?', etc. Autant d'indices cherchés qui indiqueront à l'informateur le degré de familiarité ou d'intimité que le chercheur entretient avec 'ce monde'» [23].

Como a busca de relacionamento com pessoas "do mesmo mundo" é corrente, não é de se espantar que muitos dos estudos sobre setores de elite sejam realizados por um de seus membros e de forma desbragadamente enaltecedora, resultando em análises em que a visão dos retratados é a mesma do analista. Essa literatura – rara em outros grupos sociais – parece atender às necessidades de uso interno, visando à conservação das redes de relações sociais no interior das classes dominantes[24].

[23] LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue.* op. cit., p.11. Grifos meus.

[24] Também a curiosidade de vários de meus informantes em conhecer quais seriam as outras pessoas que participariam da pesquisa se explica, a meu ver, na sobrevivência do clássico movimento de disponibilizar-se às investidas em que estão metidos os prestigiados e recusar os círculos estigmatizados que estigmatizam. Como recebi indicações de futuras entrevistas junto a alguns de meus entrevistados, cada um deles já sabia, na grande maioria das vezes, ao menos quem era uma das pessoas com quem eu já

É já na introdução de uma dessas obras que a autora justifica a escolha de seu tema da seguinte maneira:

"As pessoas que figuram neste livro galgaram posição de destaque em diferentes áreas. É necessário que sejam lembradas pelas gerações atuais e pelas de amanhã. Vamos descobri-las e valorizá-las enquanto estão na ativa. Com esse objetivo as entrevistei: como disse Garcia Márquez, 'o importante é contar a vida' (...) Depoimentos de personalidades destacadas, vibrantes e ativas nos mais diversos setores de nossa sociedade valem por si mesmas. Encantei-me com elas todas; foi gratificante ouvi-las" [25].

No capítulo sobre Eduardo Carvalhaes Filho, um dos proprietários da firma corretora de café que leva seu sobrenome, afirma: "Filho de Eduardo e Helena Carvalhaes, Duda, como é mais conhecido, *revela suas raízes inglesas na postura ereta, elegante e nos traços físicos*. É descendente de Teodoro Hayden, almirante contemporâneo de lorde Cochrane – os dois foram contratados pelo governo brasileiro para organizar a Marinha de Guerra" [26]. Vê-se aqui um outro traço caro a certas elites brasileiras, qual seja, a imprescindível sintonia com o continente europeu, que chega ao paroxismo na identificação naturalizadora entre ser inglês e ser elegante ou ser inglês e manter a coluna ereta!

A valorização do "pedigree social" é muito evidente no capítulo sobre os descendentes de José Bonifácio de Andrada e Silva e, especificamente, Anna Maria Martins: "Como se vê, até os dias de hoje há membros da família ligados à política brasileira – *as raízes da 'árvore Andrada e Silva' continuam fortes e dando bons frutos*"[27]. Mais adiante: "Anna Maria se orgulha de ser descendente de José Bonifácio de Andrade e Silva, o Patriarca da Independência. Historiadores apontam José Bonifácio como o grande herói do Brasil, do mesmo nível de Tiradentes" [28].

O sentimento de amor-próprio com a memória dos antepassados aparece também de forma inegável no retrato de elites comerciantes, como a do café:

---

tinha conversado. Isso tranqüilizava os que estavam prestes a começar a responder a entrevista, e a referência a esse vínculo era sempre lembrada no decorrer da "conversa".

[25] GRIEG, Maria Dilecta. *Elite: ontem, hoje e sempre.* São Paulo, Olho d'água, 2006, p. 9.

[26] Idem, ibidem, p. 39. Grifos meus.

[27] Idem, ibidem, p. 16. Grifos meus.

[28] Idem, ibidem, p. 17.

"Duda tem orgulho de fazer parte da quinta geração de coffee business, com raízes que atingem os finais do século XIX. A tradição começou com Vicente Carvalhaes, fazendeiro importante e comissário-exportador de origem mineira; continuou com Ildefonso, sobrinho de Vicente, que foi trabalhar em Santos; com Leônidas, ligado também à Companhia Lara Campos de café. Em 1918, foi a vez de Álvaro e Nelson Carvalhaes, cuja corretagem deu origem ao atual Escritório Carvalhaes. *Tais como o carvalho, árvore difícil de abater e que dura muito, os Carvalhaes resistem ao tempo. São verdadeiros* quercus robus"[29].

Sobre Maria Celeste Souza Aranha Machado, "bisneta do barão de Anhumas e pertencente à tradicional família Souza Aranha" e, atualmente, responsável pelos eventos da Fundação Maria Luiza e Oscar Americano, escreveu:

"Empolgada, Maria Celeste comenta a construção de um local mais apropriado para eventos que às vezes contam mais de 700 pessoas: 'Há algum tempo fizemos um belíssimo jantar para a rainha da Suécia que foi o máximo. Havia mulheres lindas, chiquérrimas com jóias deslumbrantes' (...) Outro evento de alta qualidade, foi o casamento envolvendo a família Safra (...) A Fundação encanta porque é envolvida por um clima especial em seus grandes espaços e seus objetos históricos bem conservados e organizados que alegram o coração e a alma. Todos sentimos falta da beleza, pureza e requinte e, depois de uma visita a esse recanto especial, o mundo fica mais leve e transparente. O prazer do belo nos encanta. Sem o luxo público, as cidades carecem de arte, desfilam feiúra e monotonia'"[30].

No capítulo sobre Gilberto Tinetti também não faltam comentários naturalizadores: "Ao entrar em cena, ostenta uma *postura naturalmente nobre* que o acompanha ao longo da execução musical" [31]. O mesmo ocorre na análise da trajetória de Joachim Timm, nascido em Neubrandenburg:

"Joachim se encaixa numa frase do artista plástico Wesley Duke Lee sobre os nórdicos: 'Quando eles chegam em algum lugar é para vencer. Nós latinos temos que reconhecer essa força, essa fibra'. Timm teve, tem e sempre terá essa garra"[32].

Mas os biógrafos condescendentes não são os únicos a louvar os setores abastados da sociedade brasileira. Por conta de suas ações caritativas e de fomento às artes, boa parte de meus entrevistados é admirada por setores mais amplos da sociedade. A esposa de um banqueiro que reforma primorosamente a casa paroquial de uma cidade do interior (em cuja zona rural possui uma fazenda) só pode gozar de imenso prestígio

[29] Idem, ibidem, p. 40. Grifos meus.

[30] Idem, ibidem, pp. 45-46.

[31] Idem, ibidem, p. 49. Grifos meus.

[32] Idem, ibidem, p. 55.

junto aos notáveis da região. O grande empresário que destina parte de seus rendimentos a ações sociais será sempre "o presidente de honra" da instituição da qual é mantenedor.

Tendo como um de seus traços comuns a presença cativa junto às instituições de caridade e às voltadas à conservação e à exposição das artes - como os conselhos dos museus e das salas de concerto -, os homens e mulheres das classes altas de São Paulo que pude entrevistar experimentam o mundo de um modo muito particular, uma vez que estão predispostos a construir relacionamentos humanos que confirmam, a cada instante, sua importância social.

Em estudo sobre a eficácia da "militância" da alta burguesia francesa e a implicação do Estado e dos serviços públicos na gestão dos bens da alta sociedade, Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot mostraram como os interesses das grandes famílias e os objetivos de interesse geral não raro coincidem, tal como ocorre nas situações em que proprietários de castelos, parques, capelas, museus, etc. contam com a ajuda pública para conservar os monumentos históricos de que são proprietários:

«L'une des forces de la grande bourgeoisie est d'incarner l'intérêt général, parce qu'elle contrôle les espaces les plus précieux, parce qu'elle possède les demeures, les oeuvres et les ancêtres qui ont fait la richesse symbolique de la France »[33].

Em outros meios sociais, dizem os Pinçon, não é comum que o engajamento público na preservação das artes (da natureza, da vida humana, etc.) se confunda com a preservação da história de uma família. O apoio que a *Pinacoteca do Estado de São Paulo* se dispôs a prestar a João Carlos Figueiredo Ferraz na formação de um museu que abrigasse sua coleção na cidade de Ribeirão Preto, onde reside, não permite dizer que a convergência de interesse entre as grandes famílias e os poderes públicos seja estranha ao caso brasileiro: "Houve uma coincidência extremamente feliz entre as intenções de João Carlos e as nossas", declarou Marcelo Araújo, diretor da *Pinacoteca do Estado*[34]. Como argumentam ainda os Pinçon, a manutenção de um patrimônio e o empenho para que ele seja acessível ao público mais amplo atribui à família detentora a aura da generosidade com relação ao "povo", fazendo com que os ganhos simbólicos desses proprietários estejam à altura dos bens que estão em condições de "partilhar". No

[33] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Les ghettos du Gotha*, op. cit., p. 187.

[34] S/A. "Os doces frutos da monocultura". *Valor Econômico*, 28 de abril de 2006, disponível em http://ftp.mackenzie.com.br/dhtm/assessoria_comunicacao/imprensa/macknaimprensa.php?ass=1110&ano=2006 (consultado em janeiro de 2009).

caso em pauta, a evidência de que os dominantes acabam por assumir também os "belos" papéis do "altruísmo" e do "desinteresse" dá-se a ver na justificativa de Figueiredo Ferraz a propósito da conservação de suas obras em um museu: "Acho que a arte faz parte da história do país, da nossa cultura. Não pode ser de uma pessoa só. A arte tem de ser aberta. Todas as pessoas têm de ter a possibilidade de aproveitar as informações que a arte traz" [35].

A inscrição da lógica social na lógica urbana foi documentada pela revista *ISTO É Dinheiro* em matéria sobre o império gastronômico montado por João Paulo Diniz, herdeiro do *Grupo Pão de Açúcar*, na Rua Amauri, no Itaim. Segundo a reportagem, o proprietário de quase todos os mais badalados restaurantes da região comprou e derrubou uma casa para construir, em frente à sua Forneria San Paolo, uma praça de 200 m2 no valor de um milhão de reais. Projetada pelo célebre arquiteto Isay Weinfeld e abrangendo um *coffee shop* cuja renda é revertida para a caridade, a praça inspirada numa área nova-iorquina foi assim justificada pelo seu idealizador: "É um presente para a cidade" [36].

De modo análogo, um informante das classes altas, empresário *rentier* e filantropo, se propôs a pagar pela construção de uma praça em frente à sua casa, que fica numa confluência de três ruas – porque "vira e mexe tem acidentes e me entram muro adentro" - e, durante nossa entrevista, afirmou que "eu estou há dois anos querendo doar uma Praça para São Paulo" [Entrevista 2].

As condições sociais de recolhimento dos dados

Creio que eu não teria conseguido constituir um conjunto de informantes se não tivesse vivido e estudado em Paris, no quadro de um estágio de doutorado-sanduíche no *Centre de Sociologie Européenne* da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Tendo enviado a carta-convite em papel timbrado da USP e também do CSE, muitos dos entrevistados foram logo no primeiro contato inquirindo sobre a temporada na França, e sempre de forma admirativa. Num certo momento, também me dei conta de que os próprios amigos aos quais recorri na busca de informantes me apresentavam

[35] Idem, ibidem.

[36] Cf. SAMBRANA, Carlos. "O dono da rua". Revista ISTO É Dinheiro, 27 de agosto de 2003 e disponível em http://www.terra.com.br/istoedinheiro/313/estilo/313_diniz.htm (consultado em 12/06/2009)

como alguém que fazia um doutorado "na USP e na França", como se isso fosse aumentar a disposição em me conceder uma entrevista. Eu pude ver com bastante clareza o quanto o estágio no exterior era o que me credenciava junto à quase totalidade dos entrevistados, o que quebrava os gelos e desarmava os informantes mais arredios, sendo assunto sobre o qual gostavam de especular (onde morei, se meu namorado ou marido era francês, "que privilégio ter vivido num lugar tão interessante", etc., de modo que a entrevista, não raro, se interrompia em digressões sobre a França). No frigir dos ovos, pode-se dizer que se por um lado as historietas sobre a França acabavam por estabelecer certa relação de condescendência, de outro elas cumpriam a função bastante preciosa de atenuar as distâncias entre entrevistador e entrevistado, suscitando um clima mais espontâneo e participativo na interação[37].

Como eu não tinha em mente fazer um trabalho exaustivo de observação participante – como Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, que participaram de jantares, caças e festas oferecidos pela alta burguesia francesa, tendo passado finais de semana em seus castelos nos arredores de Paris -, uma possibilidade de atenuar as inevitáveis artificialidades do método de entrevista semi-diretiva era exibir elementos de minha biografia há muito familiares aos meios sociais investigados, projetando uma idéia de mim mesma que fosse aceitável às pessoas com as quais eu interagia[38].

Discutindo os aspectos dramatúrgicos da condição humana, Goffman nos ensina que, frente a desconhecidos, as representações prudentes são obrigatórias e, no caso em pauta, parecia-me cauteloso evocar alguns dos assuntos e valores caros ao grupo em estudo. Através do cuidado indumentário e da ostentação da ainda tão prestigiada vivência na Europa e nos Estados Unidos, eu buscava fazer com que meus interlocutores retivessem a impressão de que eu não era assim tão estranha ao mundo que interrogava. Essa foi uma condição *sine qua non* para conseguir entrevistar, já num primeiro encontro, representantes de grupos socialmente privilegiados da cidade de São Paulo que, com raríssimas exceções, não tinham a menor idéia de quem eu fosse. Para falar nos termos de Goffman, foi preciso instaurar um acordo mínimo para que a

[37] Entendida, aqui, no sentido goffmaniano, isto é, "como um conjunto de representações individuais". Cf. GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne*, op. cit., p. 171 (tradução minha).

[38] Convidada para um almoço que um dos meus informantes do Jardim América ofereceria aos artistas da Bienal de São Paulo de 2009, eu agradeci, mas recusei gentilmente o convite, pois temia que relações de sociabilidade mais intensas pudessem comprometer a autonomia do meu trabalho. Não foram poucas as vezes em que, finda uma entrevista, o entrevistado se despediu dizendo "vamos manter contato, pois quero ver o resultado do seu trabalho".

interação se efetivasse, emitir declarações que fizessem referência a valores que todos estivessem em condições de homenagear [39].

O incômodo no começo era grande, pois, desde que eu chegava às suntuosas residências, a conversa já era a França. Um colecionador de arte, médico e proprietário de uma clínica residente numa rua fechada do Jardim América recebeu-me na entrada de um corredor de parede de plantas (do tamanho de uma rua) que antecede a sua casa - onde já havia uma obra de arte comprada numa Bienal - dizendo, primeiro, que a casa era assinada por Barry Parker e, em seguida, "s'il vous plaît entrez madame" [40] [Entrevista 3]. Na sala, me esperava com uma garrafa de vinho francês. Um eminente banqueiro e filantropo bastante afeito à França e as coisas francesas começou a entrevista dizendo "Alors, allons y!" [Entrevista 4] Os informantes proprietários de apartamentos em Paris insistiam em comparações sobre o cotidiano aqui e na capital francesa, sempre esperando que eu emitisse minha opinião a respeito. Decidi então que a entrada só poderia ser essa mesmo, pois eu não advinha desse meio social, não estava escrevendo uma das tantas obras hagiográficas que existem sobre as elites e também não era jornalista. Sem querer me colocar "à altura" dos meus informantes em matéria de autoridade mundana, munia-me de todos os elementos que, relativamente excepcionais em minha vida eram, ao contrário, correntes no dia-a-dia deles.

A leitura de Goffman foi crucial para que meu mal-estar diminuísse e para que eu percebesse que, no fundo, só estava fazendo a mesma coisa que uma colega que, estudando a violência na favela, referia-se, de saída, em suas entrevistas, ao conhecimento de militantes nativos dos direitos humanos, a fim de obter empatia dos entrevistados e, também, novos informantes. Da mesma forma, eu não fazia senão como um outro colega que, pesquisando o tráfico de drogas na periferia, jogava futebol e bebia cerveja com a população envolvida, a fim de ganhar a confiança de seus informantes. Cada um à sua maneira, nós estávamos os três às voltas com a necessidade

[39] « On attend plutôt de chacun des participants qu'il réprime ses sentiments profonds immédiats pour exprimer une vue de la situation qu'il pense acceptable, au moins provisoirement, par ses interlocuteurs. Le maintien de cet accord de surface, de cette apparence de consensus, se trouve facilité par le fait que chacun des participants cache ses désirs personnels derrière des déclarations qui font référence à des valeurs auxquelles toutes les personnes présentes se sentent tenues de rendre hommage ». GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne*, op. cit., p. 18.

[40] Para um estudo dos projetos de Barry Parker no bojo da implantação do Jardim América pela *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*, ver WOLFF, Sylvia Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura.* São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

de reduzir a distância social que nos separava de nossos objetos de estudo. Longe de pretender imitar ou se passar por um de nossos entrevistados, procurávamos demonstrar alguma consideração pelo modo de viver daqueles que seriam submetidos a um conjunto de questões. Em seu estudo sobre os usuários de maconha, Howard Becker assume que, ao longo das entrevistas, "where it was possible and appropriate, I used the jargon of the user himself" [41]. Loïc Wacquant também destaca a importância de se minimizar a violência simbólica inerente à relação de comunicação etnográfica e de se favorecer a compreensão de cada informante por meio do conhecimento das condições sociais de que ele é produto [42].

Em *The presentation of self in everyday life* Goffman se refere ao fato de que, diante de alguém que encena ser "menos" do que é não reagimos com hostilidade, ao passo que acusamos frequentemente aquele que pretende ser "mais" do que é [43]. Ora, na esteira do sociólogo americano, poder-se-ia acrescentar que tal discriminação não faz muito sentido, pois, como ele adverte em outro momento de sua análise, a preferência por representações que ostentam conhecimento dos hábitos das classes superiores é perfeitamente compreensível em sociedades que incutem a aspiração à mobilidade social ascendente: ela só faz priorizar um estilo de vida socialmente valorizado[44]. Nesta linha de juízo, é possível argumentar que em situações de face a face junto a integrantes de grupos altamente privilegiados – que são, não raro, os que mais impõem restrições ao contato e, com isso, a manutenção das distâncias sociais -, a evocação razoavelmente confortável de alguns de seus modos de experimentar o mundo é ainda mais justificada: tendo em vista a vulnerabilidade a que está exposta toda ordem de interação, a

[41] Cf. BECKER, Howard S. *Outsiders: studies in the sociology of deviance.* New York, The Free Press, 1966 [1963], p. 46.

[42] Cf. WACQUANT, Loïc. "Seguindo Bourdieu no campo". Revista de Sociologia Política, Curitiba, 2006, p. 20.

[43] «La définition sociale de l'imitation, toutefois, n'est pas elle-même quelque chose de très cohérent. Par exemple, alors que l'on considère le fait d'imiter une personne ayant un statut sacré, telle qu'un médecin ou un prêtre, comme une inexcusable faute contre la communication, on s'inquiète souvent beaucoup moins de voir imiter une personne ayant un statut profane, dépourvu de prestige et peu valorisé, comme celui d'un clochard ou d'un manoeuvre. Quand nous découvrons que notre partenaire est d'un statut supérieur à ce qu'il nous faisait croire, les bons usages nous invitent à réagir par l'étonnement et la contrariété plutôt que par l'hostilité. La mythologie et les magazines populaires sont pleins d'histoires romanesques dans lesquelles le traître et le héros déguisent tous deux leur véritable identité et sont démasqués au dernier chapitre, où il s'avère que le traître n'est pas de statut supérieur et que le héros n'est pas de statut inférieur». GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne*, op. cit., p.62.

[44] Idem, ibidem, p. 42.

capacidade de exibir familiaridade vis-à-vis à rotina daqueles aos quais se dirige o pesquisador está a garantir uma espécie de "socialização antecipada" [45].

A adoção de alguns dos critérios de conduta correntes na chamada "boa sociedade" visou, em suma, aumentar as chances de recolher informações menos artificiosas. Se, como se sabe, a técnica da entrevista semi-diretiva influencia inevitavelmente as respostas dos informantes, a atitude de dar a ver elementos de nossa biografia compatíveis com o estilo de vida das altas classes só pode ajudar a reduzir a influência do destinatário desses discursos sobre a própria construção dos mesmos, isto é, só pode tornar a fala desses segmentos abastados mais independentes das condições de sua enunciação (e, no caso em pauta, menos marcadas pelo fato de que estão falando para um sociólogo-pesquisador). Quando se trata de realizar o trabalho de campo junto às classes dominantes, advertem Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot,

"Não satisfazer a certas exigências elementares é se condenar a não recolher senão proposições adaptadas a um interlocutor de quem se desconfia ou, pior ainda, a não poder entrar em contato senão com os marginais do meio, elementos em ascensão ou em declínio e, por conta disso, mais próximos socialmente do sociólogo"[46].

Em minha experiência de pesquisa, não foram poucas as ocasiões em que um informante das classes muito, mas muito altas começou a entrevista revestido da couraça da simplicidade ("eu sou um homem muito simples"; "eu sou um homem do mato"), do trabalho sem fim, mas que, desafiado a responder a perguntas que insistiam em "testar" sua sofisticação estética e mundana, mudou o teor das respostas, cuidou de "sair bem na fita", como que aceitando tais hierarquias em matéria de cultura[47].

---

[45] Idem, ibidem, p. 73.

[46] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, op. cit., p. 37, tradução minha. Nesse sentido, não é um acaso que a única informante obtida através de carta advenha de uma família de fazendeiros em profundo descenso social. O fato de essa entrevistada ter respondido de pronto dizendo que era restauradora de obras de arte e que estava à minha disposição para responder à entrevista também me fez lembrar de uma passagem bastante significativa d'*A sociedade de corte*, na qual Elias sugere que os nobres mais poderosos eram os que mais sabiam dosar a distância e a aproximação no comportamento, e, em contrapartida, um ethos solícito e respeitoso seria marca indefectível de declínio social. Como orientavam as crônicas da vida mundana da época, "Um favorito deve ser observado bem de perto; pois, se ele me faz esperar menos em sua antecâmara do que habitualmente, se tem o semblante mais acolhedor, se franze menos o cenho, se me escuta com mais paciência, e se me leva até a porta, pensarei que ele começa a decair, e estarei pensando a verdade". LA BRUYÈRE, "De la cour" APUD ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.* Rio de Janeiro, Zahar, 2001, p. 84.

[47] Houve o caso de um informante muitíssimo bem situado socialmente que, à minha pergunta "Suas roupas do dia-a-dia são muito diferentes daquelas usadas nas ocasiões especiais?", respondeu "Não, eu

O modo como esses segmentos de elite foram abordados buscou contemplar a discussão dos confrontos que atravessam a área de sociologia do gosto na Europa e na América do Norte. Antes de qualquer coisa, há que se reconhecer que em estudo sobre setores pouco habituados à interrogação do sociólogo, as perguntas eufemísticas pareceram pré-requisitos à própria realização das entrevistas. Esta foi também outra razão pela qual decidi abordar o estilo de vida de setores dominantes paulistas através de questões sobre seus gostos e desgostos: tanto quanto foi possível verificar neste trabalho, esse é um assunto que não gera tanta desconfiança ("me disseram que a sua entrevista é muito agradável"), o que não seria o caso se as perguntas abordassem diretamente as práticas conducentes à reprodução da ordem social. A vantagem, para o sociólogo, é evidente: ele interroga sobre atitudes aparentemente ingênuas (como as "maneiras" e as preferências manifestas) que, passadas pelo crivo da análise, não cessam de proclamar diferenças e desigualdades.

Dito isso, há que se dizer que a entrada pelos gostos não foi, contudo, isenta de dificuldades, imune ao mal estar inerente à situação em que um desconhecido pede a um entrevistado que ele lhe confie dados de sua biografia. Aqui não se trata apenas de interrogar os dominantes, mas de interrogá-los a respeito de coisas bastante íntimas, e, não, sobre assuntos genéricos, questões do debate público como "a violência em São Paulo". A entrevista residencial, que em si já é bastante invasiva – o pesquisador passa duas ou três horas na casa de alguém que nunca viu na vida e que, ele sabe bem, escolhe a dedo os seus relacionamentos – torna-se ainda mais incômoda porque o sociólogo fica a averiguar as práticas culturais e as maneiras de cidadãos de um país tido exatamente por inculto e sem modos. A insistência dos meus entrevistados, das demais pessoas que acompanhavam a pesquisa e de outros estudos acadêmicos na inelutável indignidade cultural de nossas elites já advertia que eu as abordaria em searas em que não se sentem propriamente senhoras de si. Não por acaso, uma parcela dos informantes não ficou à vontade numa entrevista que por assim dizer "mensurava" suas aquisições especificamente culturais. Os senhores e senhoras abordados, especialmente os recém-chegados às altas posições, referiram-se freqüentemente ao problema de ter que se lembrar de nomes de diretores de teatro, de cinema, dos pintores favoritos e assim por diante.

---

sou muito simples". Ocorre que, poucos meses antes de nossa entrevista, ele foi fotografado em smoking num jantar oferecido a uma família real que viera ao Brasil e se hospedara em sua casa.

Eu já sabia que meu roteiro de entrevista assumia inevitavelmente ares de um exame cultural, e estava também consciente de que teria que "ajudar" os informantes[48]. "O problema é que a gente não se lembra dos nomes" foi uma frase que, formulada das mais diversas maneiras, apareceu em muitas das entrevistas, o que sugere que, independentemente do capital cultural possuído, tais segmentos *reconheciam* a importância do cultivo de si e do refinamento cultural. E, nesse sentido, pode-se dizer que foi minoria, na coleção de casos apresentadas nesta tese, o número de pessoas que questionaram os critérios de excelência social que estavam por detrás das questões formuladas, o que mostra que eles aceitam e se submetem a algumas das regras de "saber-viver" que hoje se impõem como legítimas.

Feita a opção de análise de um único grupo social, a questão de como discernir os pontos precisos em que ele começa e termina se impõe inevitavelmente. A esse respeito, a escolha de regiões específicas da cidade para a realização da pesquisa de campo deveu-se basicamente à impossibilidade de se identificar as classes abastadas paulistanas a partir dos critérios renda e profissão. Estudiosos desses setores destacam as dificuldades de se estimar os rendimentos de operações financeiras ou valores de patrimônio por meio de questionários, e apostam no fato de que « a sonegação de informações parece ser maior nos estratos de renda mais alta »[49].

Outro indicador problemático na definição de grupos relativamente homogêneos no que tange à posição na estrutura social seria ainda, segundo Marcelo Medeiros, o título ocupacional, já que existiria, no Brasil, acentuada desigualdade intra-ocupacional[50]. Soma-se a isso o fato de que no Brasil não se tem algo como o *Bottin Mondain*, que está a fornecer uma seleção mais "objetiva" dos que estão no "alto" [51].

---

[48] Sobre a situação de exame cultural que impõe toda pesquisa sobre as práticas culturais consultar MAUGER, Gérard & POLIAK, Claude F. & PUDAL, Bernard. *Histoires de lecteurs.* Paris, Nathan, Essais & Recherches, 1999.

[49] Cf. MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira.* São Paulo, Hucitec: Anpocs, 2005, p. 18. Ver ainda GOIS, Antônio. "Muito ricos escondem renda em pesquisa". *Folha de São Paulo,* 21 de outubro de 2007, p. C5. A propósito, um informante extremamente solícito, que inclusive recebeu por e-mail o quadro sinótico referente à sua origem social completou, de bom grado, todas as informações que ficaram faltando na entrevista, com exceção daquela referente à renda mensal.

[50] A bem da verdade, esse parece ser um problema enfrentado por todo pesquisador de grupos sociais específicos. Em sua pesquisa sobre as atitudes culturais das classes populares inglesas, Richard Hoggart afirmou não ser possível traçar uma fronteira nítida entre os trabalhadores e as camadas vizinhas por meio do critério renda, nem através das oportunidades no mercado de trabalho. Mas isso não representou, segundo o autor, um obstáculo à análise, pois, como ele afirma deliberadamente, num estudo sobre os comportamentos culturais das classes populares – e, por extensão, de todas as outras classes e frações de classe -, não são os diferenciais de renda que devem, antes de tudo, serem evocados para identificar tais

E a escolha dos informantes por meio das estatísticas disponíveis também não seria de grande interesse, pois me levaria a um hipotético indivíduo "classe A", que pode muito bem estar longe de integrar os mais altos e influentes estratos das elites paulistanas, já que o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) constrói classes econômicas a partir da posse de certos itens de conforto doméstico, além do nível de escolaridade do chefe da família[52]. Fica-se, assim, na "impossibilidade prática de introduzir, na análise, fatos de estrutura, tais como o poder detido por alguns indivíduos ou grupos sobre a economia ou, até mesmo, sobre os inumeráveis ganhos indiretos e ocultos, correlatos a essa situação" [53].

Microcosmo do processo mais amplo de agregação (de semelhantes) e segregação (de estranhos) a que o espaço urbano se presta, o local de residência, pelo contrário, evidencia um social objetivado que não pode ser facilmente mascarado, como pode ocorrer numa situação de entrevista ou de preenchimento de um questionário diante de um sociólogo, reconhecidamente um profissional suspeito aos olhos dos que acumulam trunfos sociais de toda ordem. Não parece haver dúvida de que a propriedade de uma mansão no Jardim América, de uma casa numa praia fechada do litoral paulista e de um apartamento em Paris são indicadores bastante claros do montante do capital econômico e - como sugerem estudos sobre os setores dominantes-, informações passíveis de serem recolhidas ao longo de uma entrevista, diferentemente de uma questão formal sobre a quantidade e a natureza do referido capital:

«La haute société cultive la discrétion: sur son mode de vie, mais *surtout sur les richesses accumulées*. Cette discrétion est systématique et sourcilleuse lorsqu'il s'agit d'argent, un sujet tabou. L'administration protège les fortunes : *il est impossible de connaître la composition des patrimoines familiaux*. Les documents fiscaux sont aussi bien gardés que ceux relevant du secret défense »[54].

---

classes. Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre: etude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1970 [1957].

[51] O *Bottin Mondain* foi publicado pela primeira vez em 1908, reunindo uma lista de famílias exclusivamente parisienses selecionadas do Anuário do Comércio a partir dos critérios de prestígio social, prestígio do nome ou da função. Em 1987, a composição social da lista contava com 48% de famílias de origem nobre. Seu site diz que "hoje o BM acolhe mais 'pessoas' do que 'nomes' e, mais do que 'títulos', os 'valores'". Cf. www.bottin-mondain.fr (página consultada em 18/8/2009).

[52] Para se ter uma idéia, a classe C inclui famílias com renda entre R$ 736,00 e R$ 1.195,00. Cf. SOUZA, Ana Paula. "A classe operária vai ao cinema". *Folha de São Paulo*, 10 de setembro de 2009, p. E1.

[53] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 229.

[54] Cf. PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie*, op. cit., p. 5.

A título de exemplo - e considerando-se um entrevistado desta pesquisa -, é impossível não localizar socialmente um informante que, indagado a respeito dos bairros em que vivera, responde: "Região da paulista, na época dos meus pais e dos meus avós, depois eu morei na Oscar Freire, depois aqui (...) E depois Paris. Paris em Neuilly e casa de campo no Vale do Loire". Como sugeriu Bourdieu, "(...) deve-se reencontrar essas estruturas [patrimoniais] no espaço dos estilos de vida, ou seja, nos diferentes sistemas de propriedades em que se exprimem os diferentes sistemas de disposições" [55].

Assim – e, tendo em vista que a cidade é uma cristalização espacial de relações sociais -, o recorte por bairro mostrou-se um índice que, malgrado suas imperfeições, permitiria aferir de modo mais fiável o pertencimento social dos informantes. Se, como analisaram Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, em todos os lugares do mundo, as famílias da alta sociedade cultivam uma rejeição de contatos indesejáveis que se revela, de modo bastante claro, na escolha dos locais de moradia, "le souci et le goût de l'entre-soi sont redoublés dans les pays pauvres par un besoin de sécurité qui ne relève sans doute pas du fantasme" [56]. Em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, assim como em todos os países em que o individual tem primazia sobre o coletivo, a empresa privada sobre o Estado, a concorrência do mercado sobre a proteção social, é bastante paradoxal, dizem os autores, "de voir à quel point les grands bourgeois, partisans de l'individualisme théorique, adoptent pour eux-mêmes un collectivisme pratique" [57]. Na era do individualismo triunfante, ironizam os Pinçon, a alta burguesia adquire seu último privilégio: o senso do coletivo. Em obra recente sobre o modo como a alta burguesia defende seus espaços na cidade - por conta da convergência entre os seus interesses e os dos poderes públicos -, os mesmos autores destacaram o quanto a busca de homogeneidade social através de projetos de residência e leis urbanísticas e/ou de zoneamento é decisiva à reprodução das posições dominantes, entre outros motivos porque "é-se mais rico em meio aos ricos": "Habiter les beaux quartiers, c'est à la fois jouir de l'ensemble des richesses ainsi regroupées et bénéficier de la valorisation, matérielle et symbolique, de son propre domicile par la proximité de tous les autres" [58].

[55] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 241.

[56] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie*, op. cit., p. 65.

[57] Idem, ibidem, p. 65.

[58] Idem. *Les ghettos du Gotha*, op. cit., p. 28.

Ainda que não se possa falar numa homologia inequívoca entre o sistema de posições sociais e o espaço geográfico da cidade de São Paulo, pode-se deduzir, com alguma segurança, que lugares como Jardim Europa, Jardim América, Jardim Paulistano Jardim Paulista, Cidade Jardim e Alto de Pinheiros concentram parte de uma "burguesia" paulistana mais antiga, da mesma forma que alguns residenciais de Alphaville constituem lugares emblemáticos de grupos que ascenderam economicamente de forma tardia. A apropriação diferencial do espaço urbano por parte de segmentos que ocupam uma situação relativamente semelhante no que tange às condições de existência é indicativa de fraturas no conjunto dos valores orientadores das diferentes frações da classe alta. Como escreveu Bourdieu:

"Além de constituir uma das manifestações de sua posição no espaço social, a distribuição de uma classe ou de uma fração de classe no espaço geográfico socialmente hierarquizado – e, em particular, sua distância em relação aos 'centros' econômicos e sociais – é sempre, praticamente, uma manifestação de suas hierarquias internas" [59].

A análise das oposições que distinguem estes dois grupos pode fazer aparecer, portanto, diferenças associadas à *estrutura* e, sobretudo, à *evolução no tempo* do volume total do capital, rejeitando os nominalismos tão recorrentes nas análises em termos de classe social[60].

Tema clássico da literatura ocidental[61], as relações conflitivas (mas, também, de aliança) entre estabelecidos e recém-chegados a uma posição *relativamente* semelhante no espaço social são especialmente profícuas aos estudos que procuram desvelar as dimensões simbólicas do conflito social, já que as várias formas de « luta surda » são tanto mais identificáveis quanto menos distintos forem os grupos no que concerne às condições materiais de existência pontualmente definidas. Exemplar, nesse sentido, é o livro *Os estabelecidos e os outsiders*, de Norbert Elias e John L. Scotson, que mostrou

[59] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit. , p. 518.

[60] Os bairros-jardins da Companhia City e Alphaville podem ser considerados bairros "tradicionais" de uma burguesia mais estabelecida e de "novos-ricos" respectivamente. Não tivesse sido a minha intenção selecionar, justamente, grupos mais estáveis em suas posições, eu poderia ter optado por fazer a pesquisa na Vila Nova Conceição e no condomínio Tamboré, por exemplo.

[61] Cf. PINTO, Louis. Présentation de « Proust sociologue. De la maison aristocratique au salon bourgeois ». In PINTO, Louis & MAUGER, Gérard. *Lire les sciences sociales (volume 4/1997-2004).* Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2004.

como numa comunidade relativamente homogênea do ponto de vista dos indicadores sociológicos correntes, a distinção e o poder se fundavam num princípio de antigüidade:

"Na verdade, a supremacia dos aspectos econômicos tem acentuação máxima quando o equilíbrio de poder entre os contendores é mais desigual – quando pende mais acentuadamente a favor do grupo estabelecido. Quanto menos isso acontece, mais claramente reconhecíveis se tornam outros aspectos não econômicos das tensões e conflitos"[62].

O impacto das relações de vizinhança estrutural nas preferências culturais propriamente ditas foi analisado por Pierre Bourdieu em *La distinction*, obra em que o autor mostrou como as escolhas estéticas declaradas se constituíam freqüentemente por oposição aos gostos dos grupos mais próximos no espaço social, com os quais a concorrência é mais direta e mais próxima. Empenhada em desvelar os aspectos extra-econômicos da estratificação social, a literatura sociológica com a qual minha pesquisa dialoga não diverge, portanto, quanto ao fato de que a relativa igualdade do ponto de vista da condição material apreendida sincronicamente pode exacerbar as estratégias distintivas que, em relação a grupos mais afastados na estrutura das relações de classe, mostrar-se-iam dispensáveis.

Feitas essas considerações preliminares, resta ponderar que a estratificação social é em grande medida um universo de continuidades e nunca uma divisão precisa da sociedade em blocos absolutamente estanques. Como ponderou Richard Hoggart, outro estudioso do comportamento cultural das classes, não há como evitar esse tipo de aproximação[63]. Em função disso, há que se dizer que no quadro desta pesquisa, a divisão entre uma elite mais antiga e, de outro lado, um grupo recém-chegado aos altos estratos - encarnados, respectivamente, pelos moradores dos bairros-jardins da Companhia City e de Alphaville - se pretende ideal-típica, isto é, um instrumento de identificação de duas variantes exemplares de pertencimento aos setores dominantes em São Paulo e, não, uma descrição empírica da diversidade dos casos possíveis no plano individual [64].

---

[62] Cf. ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders,* op. cit., p 33.

[63] Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op. cit., p. 44.

[64] Essa parece ser, ao contrário, a intenção dos autores de "Les goûts des autres" que, em análise sobre os repertórios culturais das novas elites onívoras, insistem nas "diferenças profundas" que estão a apartar os indivíduos que pertenceriam a uma mesma classe social. Tendo em vista as inúmeras clivagens internas aos próprios indivíduos, não seria possível falar de uma comunidade social de gosto e, muito menos, de uma coesão das elites a partir das preferências estéticas. Cf. BELLAVANCE, Guy ; RATTÉ, Michel &

Ainda assim, acredito que faz sentido retratar, de forma contrastiva, os padrões de gosto dessas frações dos setores privilegiados da sociedade paulistana contemporânea, orientada pela hipótese de que o "gosto" e a sensibilidade estética constituem parâmetros de identificação de fronteiras internas a essas elites. Em estudo sobre os padrões de consumo dos ocupantes dos mais altos estratos da hierarquia social britânica, Shinobu Majima e Alan Warde notaram que "some of the main priorities of the Very Rich are ones where selection is subject to aesthetic judgements. Personal items of jewellery, holiday destinations and restaurant meals are all symbolical goods which play a major role in strategies of distinction" [65].

Se, de acordo com as estatísticas do IPEA, "as classes A/B se distinguem da C por priorizarem o consumo de espetáculo vivo e as artes" [66], e, ainda, se uma pesquisa do CEBRAP apontou "uma enorme desigualdade de acesso à cultura tradicional" [67], quais segmentos desses grupos abastados têm como atributo quase que exclusivo o chamado "amor pela arte"? E se praticamente todos os moradores dos bairros-jardins que pude entrevistar pertencem ao conselho da Bienal, da Sala São Paulo, do Mozarteum Brasileiro, do MAM, ao grupo de sócios do MOMA, Metropolitan e demais instituições destinadas à promoção e consagração da chamada "alta cultura", não me parece possível deixar de lado suas respectivas relações com essas atividades que são, ainda, insígnias das classes cultas, abastadas e sofisticadas do Brasil. Contrariamente a estudos recentes sobre as elites do Rio de Janeiro, que minimizam as diferenças entre os hábitos de consumo dos "emergentes da Barra" e os da "tradicional elite carioca", acredito que nos altos estratos de São Paulo existe um conflito de legitimidade no que diz respeito aos critérios de "savoir-vivre" e ao relacionamento com a Cultura e, dessa

---

VALEX, Myrtille. « Le goût des autres : une analyse des répertoires culturels de nouvelles élites omnivores » . Sociologie et sociétés, vol. XXXVI, 2004.

[65] Cf. MAJIMA, Shinobu & WARDE, Alan. "Elite consumption in Britain, 1961-2004: results of a preliminary investigation". In SAVAGE. Mike & WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites*. Oxford, Blackwell Publishing, 2008, p. 236.

[66] SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras". In SILVEIRA, Fernando Gaiger & SERVO, Luciana Mendes & MENEZES, Tatiane & PIOLA, Sérgio Francisco (orgs.). *Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas*. Volume 2. Brasília, Ipea, 2007, p. 126. O capítulo sobre consumo cultural foi realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com a Unesco e o Ministério da Cultura (Minc).

[67] BOTELHO, Isaura & FIORI, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo". Relatório de pesquisa disponibilizado pelo Centro de Estudos da Metrópole – CEBRAP em abril de 2005, p. 6.

forma, no que concerne aos parâmetros definidores do que vem a ser, atualmente, a chamada estima social[68].

******

Tendo como ponto de partida o confronto das tendências de leitura do meu tema[69], este estudo se encaminhou pelo exame de algumas hipóteses. A primeira e mais geral delas é a de que os diferentes gostos e maneiras, devido às condições econômicas e culturais que supõem, são estreitamente ligados às diferentes posições possíveis no espaço social e, assim, significativamente inseridos nos *sistemas de disposições* característicos das diferentes classes e frações de classe (tais como concebidas por Bourdieu)[70]. Tendo em vista que, como mostrou Marcelo Medeiros, "há várias décadas o Brasil encontra-se entre os países que apresentam os maiores níveis de desigualdade do mundo" [71], a hipótese mais genérica do trabalho é a de que os estilos de vida não teriam se autonomizado tão significativamente das condições de existência, como parece fazer crer certas vertentes da sociologia da cultura contemporânea[72].

[68] Em "Ethos emergente: notas etnográficas sobre o sucesso", Diana Lima discorda que haveria uma disputa entre o que o colunismo social chamou de a "Tradicional Elite Carioca" e a "Nova Sociedade Emergente", argumentando que os "emergentes da Barra" não estão sozinhos no investimento em estética corporal, festanças, carros importados, exposição na mídia e "falta de gosto", nem aspirariam para si a autoridade que detêm as antigas famílias nas questões relativas ao estilo de vida. Nesse cenário de adesão supostamente indiferenciada aos valores do consumo ostentatório e do trabalho árduo, o "gosto" ou a sensibilidade estética não seriam parâmetros significativos na identificação de fronteiras internas às elites: "Não foi raro encontrar pessoas que fazem questão de apontar os 'emergentes' como outros com base no critério do gosto e da 'futilidade' e, ao mesmo tempo, reservam uma parcela importante de sua agenda semanal à freqüência em academia de ginástica e salão de beleza, consomem produtos de grife e ficam, muitas delas, envaidecidas quando destacadas pelo colunismo social. A espera de mais de uma hora por uma mesa em um restaurante badalado, em pé, sobre um salto alto, na rua, não é vivenciada como desagradável, mas já as cadeiras do Teatro Municipal, ouvi de Alice, - arquiteta, filha de um advogado importante, uma mulher trilingüe educada, como sua mãe, em um colégio católico tradicional – são duras demais e, portanto, 'impossível ficar sentada ouvindo Nelson Freire depois de dez minutos' ". LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. "Ethos emergente: notas etnográficas sobre o sucesso". Revista Brasileira de Ciências Sociais, volume 22, número 65, 2007, p. 78.

[69] Um balanço dos confrontos atualmente existentes na sociologia do gosto será apresentado de forma sistemática no primeiro capítulo.

[70] Cf. Capítulo 1.

[71] Cf. MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos ricos*, op. cit., p.15.

[72] Ver o primeiro capítulo deste trabalho.

Para além desta hipótese mais geral (e mais "teórica") de que o senso estético constitui uma dimensão de um habitus de classe, orientei-me também pela hipótese mais específica de que no Brasil, e mesmo na capital paulista, a *maior instabilidade do sistema de estratificação social* apontaria para *uma menor estereotipação dos juízos de gosto* quando comparada, por exemplo, à realidade francesa. A significativa ascensão social das classes médias e altas ao longo da expansão das oportunidades de emprego e da sociedade de consumo que se seguiu ao "milagre econômico brasileiro" de 1968 a 1974 é um exemplo dessa especificidade brasileira [73].

Justamente porque o processo de constituição das classes no Brasil é mais instável, as entrevistas junto a representantes das classes altas não retrataram apenas o (s) universo (s) valorativo (s) dos ocupantes de alguns dos mais altos estratos na hierarquia social da São Paulo contemporânea. Com efeito, quase metade dos informantes (14/30) nasceu, como se diz, em "berço esplêndido". Pouco mais de um terço (12/30) advém dos grupos médios profissionalizados e, por fim, uma minoria (4/30) se auto-representou como oriunda de "famílias humildes". Desse modo, a análise do "alto" da hierarquia social paulistana impõe que se fale em *classes altas no plural*, afastadas do artificialismo inerente a uma representação monolítica de "classe dominante".

Em concordância com a inspiração teórico-metodológica que atenta para a multidimensionalidade das formas de riqueza, a delimitação do pertencimento originário a cada um desses três grandes e heterogêneos estratos levou em conta a estrutura dos diferentes patrimônios. Um colecionador de arte abastado e filho de médico proprietário de hospital, mas, neto de imigrantes mascates e analfabetos, que rememora na entrevista as experiências de vergonha social no *Colégio Santa Cruz*, por exemplo, não pode ser agrupado no primeiro grupo, composto majoritariamente por informantes oriundos de famílias quatrocentonas que, nos primeiros anos de vida, detinham diferentes espécies de capital (prestígio, cultura, relações e dinheiro). Levou-se também em conta as auto-representações dos entrevistados, que permitiram ver, claramente, que os oriundos das famílias antigas de São Paulo são mais afeitos ao relato elogioso de suas origens.

E é por existirem "frações" de classe alta apartadas não apenas por suas atividades produtivas e formas de poder, mas, também, por diferentes concepções de

[73] Sobre isso conferir, entre vários outros, O'DOUGHERTY, Maureen. "Auto-retratos da classe média: hierarquias de 'cultura' e consumo em São Paulo". DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 41, n. 2, 1998.

excelência social que aqui se falará em *variantes do estilo de vida dominante em São Paulo*. Do ponto de vista de uma pesquisa interessada nos princípios classificatórios de ordem cultural, a análise relacional de diferentes frações de classe dá a ver lutas simbólicas cujo pretexto é a imposição de um estilo de vida legítimo. Bom exemplo dessa variedade é a própria existência de diferentes áreas domiciliares ao alcance dessas classes privilegiadas, como a região dos Jardins (América, Europa, Paulistano, Paulista), integrada à malha urbana, e os condomínios residenciais de Alphaville que, ao contrário, funcionam como bairro estanque.

Dessas hipóteses depreenderam-se as questões que orientam as discussões privilegiadas no texto. Quais são os grupos mais sensíveis às imposições das novas normas culturais e quais são, em contrapartida, os mais impermeáveis a valores que ponham em risco tradicionais hábitos de conduta? Quais as classes e frações de classe mais apegadas à hierarquia dos valores culturais e quais são, ao contrário, as que se permitem tomar distância com relação às fronteiras da legitimidade cultural? Pode-se dizer que uma dimensão do estilo de vida sinaliza todas as outras, isto é, que o "estilo de vida" constitui um conjunto unitário de preferências que exprime, nos diferentes subespaços simbólicos, a mesma intenção expressiva? No domínio das questões de honra e prestígio ligadas à disposição estética, quais os julgamentos classificatórios que os grupos sociais fazem das práticas dos outros segmentos e também das suas próprias? Onde se localizam, socialmente, as manifestações de "estima de si" e em quais posições sociais emergem, ao contrário, sentimentos de "indignidade sócio-cultural"? As taxonomias culturais andam de mãos dadas com as classificações sociais? [74]

[74] De acordo com o que apurou a *Folha de São Paulo* a respeito do "enfeamento" da Parada Gay, a resposta seria sim. Tendo ouvido muitas vezes e da parte de diferentes grupos a frase "Nunca vi tanta gente feia", a reportagem saiu em busca de explicações para esta suposta escassez de beleza justamente em meio a uma minoria que se diz mais cuidadosa com a aparência. Um fotógrafo participante do evento emitiu o seguinte comentário: "Como vocês dizem aqui em SP, *só tem periferia*. Lá no Rio, a gente diria *suburbano*". A feiúra é atributo dos destituídos também nas explicações emitidas por um professor que acompanhou a Parada: "Acontece que isso aqui é um evento aberto, *não precisa pagar nada. Então, não dá para controlar a freqüência"*. Cf. SAMPAIO, Paulo. "'Nunca vi tanta gente feia', dizem habitués". *Folha de São Paulo*, 11 de junho de 2007, p. C3. Grifos meus. A homologia entre o espaço das posições sociais e o espaço dos valores culturais aparece de forma bastante clara num livro de decoração recente consagrado a desvelar a "intimidade residencial de pessoas proeminentes na comunidade paulista e internacional contemporânea". Quando discorre sobre o gosto do proprietário de um apartamento nos Jardins, a autora sugere que em meio aos setores de baixa renda não se pode esperar encontrar bom design: "Diferentemente do pai, que na cidade de São Bernardo fez fortuna com comércio de móveis para a população de baixa renda, e dos quatro irmãos que seguiram nessa linha, Hossein acreditou que, com o bom design, poderia também ganhar a vida". Cf. BARBOSA, Maria Ignez (Texto) & REINÉS, Tuca (Fotografia). *Casas de São Paulo*. São Paulo, Metalivros, 2009.

Enquanto padrões de comportamento desigualmente influentes na determinação dos critérios de "saber-viver" tidos por legítimos, os diferentes gostos serão avaliados como expressão de lutas simbólicas travadas entre os vários grupos envolvidos na representação do mundo social (e, no caso, na imposição de maneiras legítimas de "savoir-vivre"). Partindo do estudo clássico de Durkheim e Mauss, Roger Chartier lembrou que as lutas de classificação são indicadores privilegiados para adentrarmos nas formas pelas quais um grupo tenta impor a sua concepção de mundo social e os valores que são os seus. O tratamento das práticas e representações em termos de concorrência e competição seria, assim, uma inegável demonstração de como o estudo dos conflitos de classificação não nos afasta do social, pois, "muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais" [75].

O primeiro capítulo constrói um confronto bibliográfico a partir da discussão de duas tendências de análise sociológica do gosto: a mais antiga (e majoritariamente européia) que, tendo Pierre Bourdieu como principal expoente, sugere a homologia estrutural do espaço das posições sociais e do espaço dos estilos de vida e, a mais recente - e predominantemente norte-americana-, que atenua o peso do pertencimento de classe na conformação do juízo de gosto. Como será exposto nesse ponto do trabalho, o autor de *La distinction* também é criticado em seu pressuposto de que a reprodução das posições sociais pode se sustentar nos cabedais e deficiências engendrados no universo da cultura erudita.

O exame da trajetória social e de todas as disposições a ela associada pressupõe que se avalie de saída a configuração atual dos sistemas de classificações vigentes em São Paulo, pois, certas propriedades constitutivas de uma classe ou fração de classe podem ser eficazes ou, ao contrário, irrelevantes num contexto social determinado ou num outro momento da história de uma mesma sociedade. Tendo isso em vista, o segundo capítulo destaca algumas das "prescrições" concernentes à chamada "arte de viver legítima" na capital paulista. Para tanto, analisa manuais de "savoir-vivre", crônicas da vida mundana e informes publicitários, por constituírem materiais privilegiados na análise de como certos grupos sociais são convidados a incorporar determinados arbitrários culturais.

[75] CHARTIER, Roger. "Por uma sociologia histórica das práticas culturais". In *A história cultural: entre práticas e representações.* Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa, Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, Difel, 1990 [1988], p. 17.

Tendo em vista as condições de possibilidade da disposição estética, o terceiro capítulo discutiu os resultados de estatísticas culturais e uma parte do material de imprensa contemporâneo dedicado ao consumo cultural (como as matérias que apresentam pesquisas de mercado). De posse desse material, procurei traçar uma paisagem genérica da atual dispersão social dos bens de cultura na cidade de São Paulo. Com o intuito de elucidar alguns aspectos contemporâneos da distinção social pelo gosto, tratou-se aqui também de analisar críticas do jornalismo cultural, registros etnográficos, informes publicitários e a própria sociologia do gosto (tomada como objeto de estudo) que, tanto quanto as "técnicas da sociabilidade mundana", também compõem um conjunto de representações que vincula objetos culturais e grupos sociais[76].

Por fim - e como por puro senso de realidade tive que abandonar a intenção originária de fazer o trabalho de campo junto a representantes de todo o espaço social paulistano -, os últimos dois capítulos do trabalho analisaram variantes do estilo de vida dominante em São Paulo. De modo geral, os estudos sobre os setores da elite brasileira tendem a uma abordagem em termos das variáveis socioeconômicas que influenciam a mobilidade social, ocupacional e/ou financeira[77], enquanto outros empreendem um

[76] Analisei mais recorrentemente as críticas culturais veiculadas pelo jornal *Folha de São Paulo* entre os anos de 2005 e 2009, especialmente as que abordaram as representações acerca do que vem a ser consumo cultural "legítimo". A fim de construir um panorama da atual dispersão social dos bens de cultura, o capítulo se vale também de matérias jornalísticas que divulgaram pesquisas de mercado voltadas aos gostos e aos estilos de vida de forma mais ampla. Se, como notou Patrick Champagne, as várias visões jornalísticas não têm o mesmo peso no processo de constituição das representações sociais, é possível afirmar que a *Folha de São Paulo*, na condição de jornal mais lido pelos jornalistas de São Paulo e do país inteiro (com exceção do Rio), é um dos veículos midiáticos mais poderosos na criação de efeitos de realidade. Cf. CHAMPAGNE, Patrick. "La vision médiatique", op. cit. De acordo com a pesquisa Barômetro da Imprensa realizada com 563 jornalistas brasileiros, a *Folha de São Paulo* é o jornal mais lido pelos profissionais da mídia do Estado de São Paulo (73% dos entrevistados, contra 62,7% de *O Estado de São Paulo*). Com exceção do Estado do Rio de Janeiro, onde o jornal mais lido é *O Globo* (69%), nos demais estados do país a *Folha de São Paulo* também está em primeiro lugar nas preferências dos jornalistas: "Fora do eixo São Paulo-Rio, a *Folha* recebeu 62% das indicações, seguida por 'O Estado de São Paulo' (24%), 'O Globo' (20,2%) e 'Zero Hora' (10,6%)". Cf. S/A. "Folha é o jornal mais lido por jornalistas". *Folha de São Paulo*, 9 de outubro de 2008, p. A10. Com todas as limitações de uma pesquisa quantitativa que define classes com base no nível de instrução do chefe da família e na posse de televisores e automóvel, por exemplo, um levantamento feito pela *Research International* por encomenda da própria *Folha* mostrou que os integrantes das classes A e B da Grande São Paulo consideram ser este "o jornal mais completo, mais influente, mais bonito e mais fácil de ler". Cf. S/A. "Folha tem a melhor imagem nas classes A e B de São Paulo". *Folha de São Paulo*, 17 de maio de 2009, p. A9. Além disso, a leitura sistemática de *O Estado de São Paulo* ao longo do segundo semestre de 2008 mostrou que o principal concorrente da *Folha* em São Paulo concedia um espaço bem menos significativo às questões cruciais para esta pesquisa.

[77] FERREIRA, Marcelo Costa. "Permeável, *ma non troppo?* A mobilidade social em setores de elite, Brasil – 1996". Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 16, n. 47, 2001.

exame detido das causas da extraordinária concentração de renda existente no Brasil[78]. Este trabalho pretende, ao contrário, apreender as representações que alguns de seus agentes formam a respeito de si mesmos e dos outros em suas preferências culturais declaradas, as quais também contribuem para formar a "realidade" desses grupos. Nesse domínio de pesquisa e, para o caso específico de São Paulo, os estudos exclusivamente voltados à formação de barreiras simbólicas a partir dos estilos de vida abordaram períodos diferentes da história da capital [79].

Muito embora o contexto ideológico favorável à apologia da "singularidade" e, na mesma medida, hostil aos indivíduos "genéricos" tratados pela sociologia dos grupos sociais[80], o andamento desta pesquisa mostrou ser questionável a idéia de que os gostos só existem em sua liberdade e originalidade, como querem os que advogam que "gosto não se discute, cada um tem o seu". Muito ao contrário, a análise aqui empreendida apontou o quanto o senso estético – que, antes de tudo, é um senso prático – é uma dimensão de um habitus de classe, isto é, de uma relação global com o mundo e os outros, de um estilo de vida onde se exprimem determinadas condições de existência. Para falar como Pierre Bourdieu e Monique de Saint-Martin, quando o que se tem em vista é a "anatomia do gosto", um conhecimento exaustivo da *combinação singular de propriedades genéricas definidoras de cada caso individual* é o que permite compreender a singularidade das práticas que a ideologia do dom imputa à singularidade insubstituível e inimitável da "pessoa" [81].

Desse modo, recuperar as marcas de classe nas preferências estéticas das pessoas consiste, antes de tudo, em levar a sério tais disposições frente à cultura, sob pena de

---

[78] MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos ricos*, op. cit.

[79] Para uma contribuição ao estudo da classe dirigente a partir do gosto e das estratégias distintivas derivadas do consumo entre 1855 e 1985 consultar DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção. Artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985.* São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989; A respeito de como a estilização da vida era um recurso de que lançava mão a oligarquia paulista na construção de seus traços distintivos ver CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyriall: crônica da belle époque paulistana.* São Paulo, Senac, 2001. Sobre o estilo de vida dos "paulistas de quatrocentos anos" e os valores e práticas com os quais esse grupo procurou se distinguir socialmente consultar TRIGO, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo, Annablume, 2001. Ver ainda, a respeito das elites brasileiras, FORJAZ, Maria Cecília Spina. "Lazer e consumo cultural das elites". Revista Brasileira de Ciências Sociais, AMPOCS, n.6, vol.3, 1988.

[80] PINTO, Louis, (2006), « Ne pas multiplier les individus inutilement ». Revue Interrogations, 2, disponível em http://www.revue-interrogations.org/article.php?article=39 (consultado em janeiro de 2007).

[81] BOURDIEU, Pierre & SAINT MARTIN, Monique de. « Anatomie de goût ». Actes de la recherche en sciences sociales, volume 2, número 5, 1976.

resvalar na defesa da naturalização dos gostos e da espontaneidade das maneiras. Ademais, a análise de como o juízo de gosto se articula a uma dada estrutura de relações de classe não desqualifica outras abordagens de pesquisa que, como as de gênero, faixa etária ou etnia podem ser muito profícuas ao exame desta e de outras práticas características de determinadas sociedades de certos períodos históricos. A propósito, faço minhas, aqui, as palavras de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot: «Même si nous voulons bien admettre que l'homme n'est pas réductible aux seules logiques économiques, sociales et culturelles, il n'en demeure pas moins que notre travail vise à contribuer à épuiser le sens qui peut advenir de ces logiques » [82].

Se em estudo sobre "a ritualização da feminilidade", Goffman admitiu ser legítimo não ter se apropriado de imagens publicitárias que mostravam o que era comum aos dois sexos [83], minha análise de como os embates de gosto são atravessados pelas relações de força entre as classes manteve em surdina muito do que pode ser considerado um repertório cultural indiscriminadamente compartilhado.

Por fim – e muito embora eu saiba que os juízos de gosto não são os únicos fatores importantes na criação de distinções culturais de classe e que, da mesma forma, a dinâmica dos gostos não tem no espaço das classes sociais seu único princípio gerador-, tratou-se, aqui, de enfatizar as contribuições sutis (e específicas) que o confronto de preferências mais cotidiano presta à formação de barreiras entre os grupos e, assim, à manutenção da ordem simbólica estabelecida.

[82] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, op. cit., p. 75.

[83] GOFFMAN, Erving. "La ritualisation de la féminité" (1976). In GOFFMAN, Erving. *Les moments et leurs hommes.* Paris, Seuil/Minuit, 1988, p.155.

1. Gostos e atributos sociais

"Le goût est le principe de tout ce que l'on a, personnes et choses, et de tout ce que l'on est pour les autres, de ce par quoi on se classe et par quoi on est classé. Les goûts (c'est-à-dire les préférences manifestées) sont l'affirmation pratique d'une différence inévitable".

Pierre Bourdieu, La distinction.

A categoria "estilo de vida" fez fortuna na história da sociologia, tendo sido objeto de discussão dos "pais fundadores" da disciplina assim como das análises sociológicas contemporâneas. Buscando apreender os vínculos que se estabelecem, atualmente, entre os juízos de gosto e a estrutura de relações de classe na cidade de São Paulo, este trabalho focaliza-a do ponto de vista da estratificação social e, assim, parte das contribuições que Max Weber e, principalmente, Pierre Bourdieu deram ao assunto.

Em franco debate com a teoria marxista das classes sociais, Max Weber fez da categoria estilo de vida um princípio altamente distintivo de classificação social, reivindicando a autonomia dos princípios classificatórios de ordem cultural frente às classificações de ordem material. A preocupação weberiana em distinguir "classe" e "grupo de status" [84] – bem como "ordem econômica", na qual estão em jogo a distribuição material e os interesses materiais, e "ordem social", onde imperam as reivindicações de prestígio e honra social (o que Weber chama de "interesses ideais") - acentua respectivamente os aspectos econômicos e os não-econômicos da realidade social, aspectos que sempre coexistem em todas as sociedades, ainda que a importância relativa de cada um deles dependa das características específicas de cada contexto histórico[85].

O empenho de Weber em distinguir "classe" e "grupo de status" (e, simultaneamente, estabelecer pontos de contato entre as duas categorias) se prolonga na forma como Pierre Bourdieu concebe o conflito social. Considerando que "entre os operários e os funcionários, passa uma verdadeira fronteira, pelo menos na ordem do

[84] "Estamentos", dependendo da tradução.

[85] WEBER, Max. "A distribuição do poder dentro da comunidade. Classes, estamentos e partidos". In *Economia e Sociedade: Fundamentos de Sociologia Compreensiva*. Volume 2. Brasília, Editora da UNB, 2000, p. 185.

estilo de vida" [86], ou ainda que "as oposições entre as classes se exprimem tanto no uso da fotografia ou na quantidade e qualidade das bebidas consumidas quanto na preferência em matéria de pintura ou de música" [87], Bourdieu retém a idéia weberiana de que os agentes se diferenciam de acordo com o consumo de bens que orienta estilos de vida específicos, e entende que o conflito social seja multidimensional (e não apenas concernente à esfera produtiva). Afastando-se, como Weber, do economicismo, Bourdieu reivindica a autonomia relativa das lutas simbólicas, nas quais está em jogo a própria representação do mundo social e dos princípios de hierarquização vigentes no interior de cada campo e entre os vários campos sociais.

Mas ainda que a ênfase nas dimensões simbólicas do conflito social aproxime Weber e Bourdieu, há que se ter claro uma diferença importante. Enquanto o primeiro associa idealmente "estilo de vida" a estamentos, a grupos endogâmicos que boicotam os princípios classificatórios eminentemente econômicos, Bourdieu insistirá que na sociedade de classes, onde *em tese* a propriedade e o mercado seriam os critérios fundamentais de classificação social[88], as classes e frações de classe estão elas mesmas separadas por categorias sócio-culturais e, no caso, por estilos de vida divergentes. Nas palavras do autor, "l'intolérance esthétique a des violences terribles. L'aversion pour les styles de vie différents est sans doute une des plus fortes barrières entre les classes"[89]. Dizer, como visto acima, que tanto o uso da fotografia quanto a qualidade de bebidas consumidas refletem "as oposições entre as classes" é afirmar, de forma muito mais explícita que Weber, um entrecruzamento inequívoco entre as manifestações da classe e do grupo de status[90].

Em *La distinction: critique sociale du jugement* Bourdieu afirma que o gosto é um indicador muitas vezes negligenciado pelos especialistas em estratificação social, sendo por isso mesmo o terreno por excelência da negação do social. Segundo o autor,

---

[86] BOURDIEU, Pierre. "Gostos de classe e estilos de vida". In *Pierre Bourdieu*. ORTIZ, Renato (org.). 2 ed., São Paulo, Ática, 1994 [1976], p. 105.

[87] Idem, ibidem, p. 84.

[88] IANNI, Octávio. "Estratificação e história". In *Teorias de estratificação social: leituras de sociologia*. 3ª edição. São Paulo, Editora Nacional, 1978.

[89] BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. 60.

[90] Para falar como Brasilio Sallum, "o conceito weberiano de estamento se 'moderniza', já não se opõe em princípio à classe, torna-se inerente a ela". Cf. SALLUM JR., Brasilio. « Classes, cultura e ação coletiva ». Lua Nova, São Paulo, 65, 2005, p. 29.

as definições dominantes do que vem a ser "bom gosto" e consumo cultural "legítimo" tomaram tais disposições por princípio de aplicação universal, consagrando os "dons" supostamente "naturais" daqueles que estão liberados das urgências materiais, que são mais escolarizados e vieram dos meios mais cultivados. Na contramão desse processo de naturalização de condições sociais específicas, Bourdieu tenta mostrar, ao longo dessa e de outras obras[91], as condições nas quais são produzidos os consumidores de bens culturais e seus gostos, mostrando como as diferentes "maneiras", pelas condições econômicas e culturais que pressupõem, estão estreitamente ligadas aos sistemas de disposições característicos das diferentes classes e frações de classe[92]:

"Le goût classe, et classe celui qui classe: les sujets sociaux se distinguent par les distinctions qu'ils opèrent, entre le beau et le laid, le distingué et le vulgaire, et où s'exprime ou se traduit leur position dans les classements objectifs. Et de ce fait, l'analyse statistique montre par exemple que des oppositions de même structure que celles qui s'observent en matière de consommations culturelles se retrouvent aussi en matière de consommations alimentaires: l'antithèse entre la quantité et la qualité, la grande bouffe et les petits plats, la substance et la forme ou les formes, recouvre l'opposition, liée à des distances inégales à la nécessité, entre le goût de nécessité, qui porte vers les nourritures à la fois les plus nourrissantes et les plus économiques, et le gôut de liberté – ou de luxe – qui, par opposition au franc-manger populaire, porte à déplacer l'accent de la matière vers la manière (de présenter, de servir, de manger, etc.) par un parti de stylisation qui demande à la forme et aux formes d'opérer une dénégation de la fonction" [93].

[91] BOURDIEU, Pierre & BOLTANSKI, Luc & CHAMBOREDON, Jean-Claude & CASTEL, Robert. *Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1965; BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo, Edusp, Zouk, 2003 [1969] e BOURDIEU, Pierre & SAINT MARTIN, Monique de. « Anatomie de goût », op. cit.

[92] O interesse pelos gostos está presente em toda a obra de Bourdieu, desde as pesquisas na Argélia, quando procurou relacionar as vestimentas com as características sociais de seus portadores, até *As regras da arte* e sua autobiografia, onde abundam referências à oposição dos gostos como sendo a marca da distância social (entre Frédéric e Deslauriers, no primeiro caso, e entre ele próprio e Canguilhem de um lado, e Aron, de outro).

[93] BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. VI. Vê-se, nessa passagem, que para Bourdieu é preciso reintegrar o consumo estético no universo do consumo ordinário, fazendo com que a ciência do gosto deixe de lado a idéia de que o consumo cultural é um universo à parte, não conspurcado, e assim descobrir as relações que unem as preferências em matéria de música e de cozinha, de pintura e de esporte, de literatura e de vestuário, etc. Dessa forma, a análise dos modos de apropriação estética que são hoje tidos como legítimos deve voltar-se não apenas às percepções das obras nomeadas artísticas, mas às apreensões diferenciais *de todas as coisas do mundo*: « Cette réintégration barbare des consommations esthétiques dans l'univers des consommations ordinaires révoque l'opposition, qui est au fondement de l'esthétique savante depuis Kant, entre le 'goût des sens' et le 'goût de la réflexion' et entre le plaisir 'facile', plaisir sensible réduit à un plaisir des sens, et le plaisir 'pur', qui est prédisposé à devenir un symbole d'excellence morale et une mesure de la capacité de sublimation qui définit l'homme vraiment humain ». Cf. Idem, ibidem, p. VII.

Além da obra de Bourdieu, na qual as práticas culturais constituem dimensão essencial na conformação das classes[94], há um número considerável de trabalhos (anteriores e/ou posteriores) que, de maneira menos sistemática, recupera o conflito social em suas dimensões culturais, rejeitando um modelo por demais objetivista de estratificação social, como se nesta as classes não fossem mais do que conjuntos de posições sócio-econômicas[95].

As distinções culturais de classe constituíram objeto privilegiado de análise em *A barreira e o nível: retrato da burguesia francesa na passagem do século*, de Edmond Goblot, hoje um clássico em meio aos estudos empenhados em desvelar as dimensões simbólicas do conflito social. Quando trata da educação intelectual da burguesia francesa e da controversa divisão entre a instrução científica "prática e utilitária" e os estudos de "cultura geral", Goblot insiste em que sob uma aparente questão pedagógica existe, inegavelmente, uma questão de classe social, uma vez que a defesa da tradição humanista de aprendizagem desinteressada foi desde sempre um instrumento nas mãos de burgueses interessados em manter em pé a "barreira" que os distinguia do povo. Para Goblot, a defesa do latim pela alta burguesia "não deve ter outro motivo, mesmo que o neguem, a não ser o de manter entre as classes sociais esta distinção bem nítida, fácil de reconhecer: de um lado, os que não sabem latim, do outro – não vou dizer os que o sabem – mas os que o aprenderam"[96].

Sublinhando a sintonia fina entre as escolhas indumentárias e as trajetórias sociais, a socióloga brasileira Gilda de Mello e Souza já em 1950 tratou dessa espécie de "luta surda e subterrânea dos grupos" [97] ao ver na vestimenta, nas maneiras, na linguagem e na distribuição do espaço geográfico, uma expressão concreta de certos afastamentos e contrastes que correm no bojo da sociedade. Certa de que nas sociedades em que *as classes se encontram separadas por estilos de vida diversos*, a distinção entre elas se faz menos em função de sua riqueza que pela forma como esta é utilizada, Gilda

---

[94] Cf. JOPPKE, Christian. "The cultural dimensions of class formation and class struggle: on the social theory of Pierre Bourdieu". Berkeley Journal of Sociology, n. 31, 1986.

[95] "(...) c'est enfin une adhésion immédiate, inscrite au plus profond des habitus, aux goûts et aux dégoûts, aux sympathies et aux aversions, aux phantasmes et aux phobies, qui, plus que les opinions déclarées, fondent, dans l'inconscient, l'unité d'une classe". BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit. , p. 83.

[96] GOBLOT, Edmond. *A barreira e o nível: retrato da burguesia francesa na passagem do século*. Campinas, Papirus, 1989, [1925], p. 93.

[97] SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. 4. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2001 [1950], p. 112.

de Mello e Souza mostra como num momento de afrouxamento das barreiras – como quando o espartilho rompe em 1830 o círculo dos elegantes - os grupos dominantes não renunciam com facilidade a uma posição longamente ocupada e, diante da ascensão de grupos economicamente fortes, descobrem "um meio eficiente de combater a lenta absorção de seus elementos distintivos" [98]. Assim, quando a emergente começa a ofuscar a dama exemplar pela posse de vestidos luxuosos,

> "uma nova barreira se interpõe entre as classes, ainda mais difícil de transpor que a antiga, pois já não se apóia na ostentação da riqueza, mas no polimento das maneiras, na composição elaborada dos gestos, enfim no elemento dinâmico da moda. A distinção econômica do luxo cede lugar à distinção estética da elegância" [99].

Nesta linha de juízo, a autora mostra como mesmo a partir do século XIX, a moda que deixa de ser apanágio das elites continua a ser poderoso instrumento na luta por distinção cultural travada entre as várias classes e frações de classe, como não nega o fato de que toda vez que a *parvenue* dá o tom da época, vingando os emergentes até então colocados à margem da sociedade, não se deixa de registrar que suas *toilettes* trazem "como fatalidade, a rubrica de sua origem: cores vivas contrastantes, exagero de enfeites, ênfase nas características sexuais do corpo feminino, elaboração excessiva do lingerie" [100].

Outro trabalho ocupado em sublinhar o quanto os agentes sociais diferenciam-se a partir do consumo de bens que orienta estilos de vida específicos é *A nova classe média (white collar)*, que Wright Mills fez vir a lume em 1951. Questionando os critérios de estratificação social exclusivamente econômicos, Mills pondera que um dos atributos mais típicos da categoria *white collar* - isto é, dos trabalhadores não empenhados diretamente na produção de bens que recebem um salário mensal e usam roupas de passeio no desempenho de suas atividades profissionais – é o prestígio advindo do aspecto exterior que apresentam. Mas aqui, como nos demais estudos citados acima, o universo das honrarias coincide, em alguma medida, com certa estrutura de relações de classe: "As reivindicações de prestígio fundamentam-se no

[98] Idem, ibidem, p. 134. Grifos meus.

[99] Idem, ibidem, p. 134.

[100] Idem, ibidem, p. 134.

consumo; mas, como o consumo é limitado pela renda, a situação de classe e a posição de prestígio se entrecruzam" [101].

De forma mais explícita do que Mills, o sociólogo francês Luc Boltanski empenhou-se em mostrar como os cuidados com a "apresentação de si" e o consumo médico associam-se profundamente a específicos habitus de classe. Baseado em entrevistas realizadas na França entre 1967 e 1968, Boltanski concluiu que "o interesse e a atenção que os indivíduos concedem ao próprio corpo, ou seja, à sua aparência, agradável ou desagradável e, por outro lado, às suas sensações físicas, de prazer ou desprazer, cresce quando eles se elevam na hierarquia social" [102]. Nessa linha de juízo, registra Boltanski, "as mulheres das classes populares maquiam-se menos que as mulheres das outras classes e vão muito menos ao cabeleireiro" [103]. Em lugar de ver nessas diferenças apenas o resultado de coerções econômicas, Boltanski atenta para a existência de uma "moral de classe", ou seja, para:

"(...) as regras e os valores que, em cada classe social, regem a relação que os indivíduos mantêm com seu corpo: assim, é menor o número de mulheres das classes populares a se declararem de acordo com a afirmação de que 'uma mulher deve fazer o máximo para cuidar e manter seu rosto e seu corpo' e a declararem que gostariam, se pudessem, de consultar uma esteticista"[104].

Ao contrário dos grupos localizados nos estratos mais baixos da hierarquia social, cuja utilização intensa do corpo torna incompatível uma relação reflexiva e atenta para com o mesmo, as camadas superiores da sociedade empenham-se em alcançar um corpo conforme os cânones de beleza em vigor atualmente, buscando alimentos cuja motivação primeira é a necessidade de "manter a forma":

"a valorização da 'magreza' cresce quando se passa das classes populares às classes superiores ao mesmo tempo em que cresce a atenção dada à aparência física, de maneira que dois indivíduos de mesma corpulência serão considerados como magros nas classes populares e gordos nas classes superiores" [105].

As práticas alimentares constituem outra dimensão do estilo de vida que alguns estudiosos julgaram assentada na história social de seus portadores. Quando discorre

---

[101] WRIGHT MILLS, C. *A nova classe média (white collar).* Rio de Janeiro, Zahar, 1969 [1951], p. 259.

[102] BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo.* 3ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2004, p.135.

[103] Idem, ibidem, p. 139.

[104] Idem, ibidem, p. 139.

[105] Idem, ibidem, p. 158.

sobre a dieta dos trabalhadores ingleses durante a Revolução Industrial, E. P. Thompson evoca as representações sócio-culturais subjacentes aos hábitos alimentares populares, mostrando como o pão branco era um símbolo de status para o povo, ao passo que a batata, independentemente de suas eventuais virtudes nutricionais, era alimento profundamente desvalorizado no imaginário popular:

"Os especialistas em nutrição podem atestar, hoje, as virtudes da batata: certamente, a adição da batata à dieta, tornando-a mais variada, num momento em que o padrão de vida subisse o suficiente para permiti-la, representava um avanço. Contudo, a substituição do pão e da farinha de aveia pela batata era considerada uma degradação. Os imigrantes irlandeses e sua dieta de batatas (Ebenezer Elliott chamou-os de 'hordas alimentadas por raízes da Irlanda') serviam como uma prova significativa, e muitos ingleses concordaram com Cobbett de que havia uma conspiração contra os pobres, para reduzi-los ao nível dos irlandeses (...) A carne, como o trigo, envolvia uma questão de status que suplantava seu simples valor alimentar. O Roast Beef na velha Inglaterra era o orgulho dos artesãos e a aspiração do trabalhador" [106].

Outra análise demonstrativa de como todo um universo de valores e interesses sociais pode dar-se a ver através dos consumos alimentares foi encaminhada por Maurice Halbwachs que, discutindo as teorias nutricionais de sua época, apontou para a importância de se avaliar aquilo que "o operário pensa quando ele vai se alimentar": "bem mais do que uma quantidade dada de carbono, de gordura e de albumina, é a representação complexa de uma satisfação (onde entram, como veremos, mais elementos sociais) que ele evoca, a propósito de tais pratos, de tais alimentos" [107].

Assim, muito embora a variedade de objetos e abordagens a partir dos quais os autores discutidos acima procuram tecer considerações a respeito do mundo social, pode-se dizer que todos estão de acordo na sugestão de que a fruição de bens tende a expressar os sistemas de disposições característicos dos diferentes segmentos sociais. O tratamento das classes como "agentes de cultura" contribui para que se conheça melhor aquilo que muitos especialistas em estratificação social tendem a deixar de lado: os aspectos especificamente culturais da desigualdade social.

---

[106] THOMPSON, E. P. "Padrões e experiências". In *A formação da classe operária inglesa*. 2ª ed., vol. II, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 [1968], p. 180. Thompson mostra ainda como o declínio do consumo de cerveja – quando da atribuição do imposto sobre o malte – foi tido como uma degradação, por tratar-se, uma vez mais, de uma questão tanto cultural como dietética: "Os trabalhadores agrícolas, os carregadores de carvão e os mineiros consideravam a cerveja essencial para o desempenho de qualquer trabalho pesado ('para repor o suor'); em certas regiões do norte, cerveja era sinônimo de 'trago'". Cf. Idem, ibidem, p. 182.

[107] HALBWACHS, Maurice. *A classe operária e os níveis de vida: pesquisas sobre as hierarquias das necessidades na sociedade industrial contemporânea.* Apud POULAIN, Jean Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis, Edufsc, 2004, p. 178.

Contraponto

Tendo em vista que todo tema encerra um espaço de possíveis intelectuais, a opção por abordagens convergentes não me isenta da tarefa de discorrer sobre os debates que tais teses suscitam. Desse modo, se todos os autores comentados até aqui sugerem a especificidade dos gostos próprios aos diferentes grupos sociais, há que se confrontar agora esses estudos com algumas análises da sociologia da cultura contemporânea, que tendem, justamente, a impor restrições à tradição mais antiga que acabei de expor.

Contrapondo-se abertamente ao que anuncia ser a perspectiva de Bourdieu, John Hall insiste que nem todas as distinções na ordem dos estilos de vida dependem da classe social. Para Hall, Bourdieu trata a classe como a base fundamental das distinções de status, esquecendo-se de que as distinções de classe da cultura são mediadas por outras barreiras socialmente construídas, como as de idade, etnicidade, gênero e localização geográfica. Nessa linha de juízo, a análise dos estilos de vida não deveria priorizar uma única variável analítica, exatamente o que considera que o autor de *La distinction* teria feito:

"Bourdieu has given short shrift to distinctions other than those of class. He tends to see gender in class terms, for example, by pointing to class differences in women's attitudes toward the 'working wife' (1984, 178). This approach stems from his argument that other bases of social division – such as age, sex, and ethnicity – are 'secondary' to class: 'The secondary principles of division...indicate potential lines of division along which a group socially perceived as unitary may split, more or less deeply and permanently...groups mobilized on the basis of a secondary criterion (such as age or sex) are likely to be bound together less permanently and less deeply than those mobilized on the basis of the fundamental [i.e., class] determinants of their condition' (1984, 107)"[108].

David Halle é outro sociólogo americano a questionar a idéia de que a disposição estética dá a ver um habitus de classe. Em estudo sobre o público consumidor de arte abstrata em Nova Iorque, Halle concluiu não ser possível afirmar que o consumo "legítimo" desta arte "não-representacional" seja específico das classes mais bem dotadas de capital cultural, nem apresentar o consumo de arte para fins puramente decorativos como próprio às classes mais desguarnecidas culturalmente. Para Halle, isso imporia reparos aos estudos que, como os de Bourdieu, propõem diferenças de classe na forma como os bens artísticos são apropriados:

[108] HALL, John R. "The capital (s) of cultures: a nonholistic approach to status situations, class, gender, and ethnicity". In LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences: symbolic boundaries and the making of inequality*. The University of Chicago Press, 1992, p. 267.

"Everyone (the working class, the middle class, and the upper middle class) displays purely decorative motifs – lines, colors, and so on – in their homes (...) Thus, moving from one taste culture to another may not require elaborate cultural training; it may be a simple step, involving little more than the decision to use abstract art in decoration" [109].

Em edição especial dedicada à sociologia do gosto, a revista canadense *Sociologie et sociétés* reuniu textos que sugerem, de um modo geral, que:

"a perspectiva bourdieusiana, em sua insistência no espaço das classes sociais como princípio gerador da estratificação dos gostos, na homologia entre os campos, assim como numa concepção unificada e estável do habitus, não consegue mais dar conta das condições atuais" [110].

Ainda no que concerne às distinções culturais de classe, a oposição à idéia de que o "amor pela arte" seria um critério distintivo em meio às elites empresariais é afirmada, mesmo que de forma mais branda, em estudo que aponta para o ecletismo dos gostos próprios aos grandes consumidores de arte quebequenses:

« Si les plus populaires privilégient assez exclusivement des formes légères (rock, humour, polars, romans d'aventure...) et considèrent souvent la télé ou la publicité comme une forme d'art tout à fait légitime (au nom d'un certain idéal de la communication), ceci ne les empêche pas pour autant d'aller parfois à l'opéra, au concert de musique classique ou de jazz. Si les seconds préfèrent de façon plutôt exclusive les formes les plus classiques de la culture bourgeoise traditionnelle (abonnés d'orchestres symphoniques, mélomanes, collectionneurs...) et s'opposent à la dimension festive des formes de cultures moins sophistiquées (au nom souvent d'un certain humanisme), fort peu d'entre eux correspondent véritablement à la réprésentation classique du lettré cultivé (les grands lecteurs de grands auteurs sont exceptionnels) ; tous démontrent en revanche un faible pour telle forme d'humour ou tel chanteur populaire »[111].

Passando em revista os argumentos dos proponentes do chamado "pós-modernismo", Mike Featherstone argumenta que está se deixando de focalizar o estilo de vida com base nas relações de classe. Certo de que se verifica um embaçamento de fronteiras entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura, no qual todo objeto ou experiência poderia ser tido como de interesse cultural, Featherstone afirma que

[109] HALLE, David. "The audience for abstract art: class, culture and power". In LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences*, op. cit, p. 146. Ver também, do mesmo autor, HALLE, David. *Inside culture: art and class in the American house*, op. cit.

[110] FRIDMAN, Viviana & OLLIVIER, Michèle. « Goûts, pratiques culturelles et inégalités sociales: branchés et exclus ». Revista Sociologie et Sociétés, vol. XXXVI, 2004, p. 3-11, p. 8. Para uma outra crítica de como Bourdieu vê os gostos, essencialmente, em função do pertencimento social de seus portadores, ver FISCHLER, Claude. *L'homnivore: le goût, la cuisine et le corps.* Paris, Odile Jacob, 1990.

[111] Cf. BELLAVANCE, Guy ; RATTÉ, Michel & VALEX, Myrtille. « Le goût des autres : une analyse des répertoires culturels des nouvelles élites omnivores », op. cit., p. 52.

disso decorre “um desvio na atenção, que passou da concepção de estilos de vida como conjunto relativamente fixo de disposições, gostos culturais e práticas de lazer que demarcam fronteiras entre os grupos, para a suposição de que, na cidade contemporânea, os estilos de vida formam-se de maneira mais ativa” [112]. Nesse movimento que procura transpor as fronteiras entre arte e vida cotidiana – que ele chama de “desconstrução das hierarquias simbólicas”-, “alguns comentadores sugerem a hipótese de essas novas tendências serem indicadores de processos que estão rompendo com os padrões tradicionais de regulação social que vinculam estreitamente os estilos de vida às classes, faixas etárias e normatividades” [113].

Uma parte dessas críticas foi rebatida por estudos contemporâneos, que assim empreenderam a chamada “crítica da crítica”. Em estudo recente, Louis Pinto argumentou que as vertentes pós-modernistas radicais enunciam uma intransigente e irreversível escatologia, segundo a qual a realidade teria se tornado de tal forma complexa, “plural”, que só poderia ser apreendida, em quaisquer de seus domínios, a partir da substituição completa dos clássicos instrumentos de análise sociológica [114]. Nesse contexto de reivindicação da inesgotável complexidade do “indivíduo”, a sociologia dos grupos e, especialmente, a sociologia das classes, haveria que humilde e gentilmente sair de cena [115].

Em estudo demonstrativo da persistência dos vínculos entre a estrutura dos hábitos de consumo e a estrutura social, Louis Chauvel também questionou a “hipótese sedutora”, que nos promete uma sociedade “aberta”, subjacente às teses de que as classes sociais teriam perdido sua pertinência, e de que as clivagens de gênero, etnia, etc. teriam desestruturado as distinções tradicionais da sociologia, num contexto de aparição de “um caos pós-moderno da cultura” que a todos permitiria uma escolha de estratégias e modos de vida [116].

---

[112] FEATHERSTONE, Mike. “Culturas da cidade e estilos de vida pós-modernos”. In *Cultura de consumo e pós-modernismo.* São Paulo, Studio Nobel, 1995, p.136.

[113] Idem, ibidem, p. 142.

[114] PINTO, Louis. « Ne pas multiplier les individus inutilement », op. cit.

[115] O ódio ao determinismo, às classes e às classificações também foi discutido, por esse mesmo autor, em PINTO, Louis, "Comment négocier un tournant?", *EspacesTemps.net*, 11 de novembro de 2004, disponível em http://espacestemps.net/document778.html (consultado em novembro de 2006).

[116] CHAUVEL, Louis. «Du pain et des vacances: la consommation des catégories socioprofessionnelles s’homogénéise-t-elle (encore) ? ». Revue française de sociologie, XL-1, 1999.

Ao questionar a figura caricatural do "teórico da reprodução" atribuída a Pierre Bourdieu, Loïc Wacquant enfatizou as raízes etnográficas da empreitada teórica do sociólogo que, desde as suas primeiras pesquisas de campo, já tratara da transformação social, da disjunção cultural e da divisão da consciência. Mas, como sugere Wacquant, falar em "seres bifurcados" num contexto que absorve critérios de julgamento inconciliáveis – como a desvalorização dos modos do homem rural do Béarn tornado "incasável" ou as disposições discordantes no "mundo duplo da Argélia colonial em desagregação" - não é o mesmo que celebrar a fluidez, o hibridismo e a multiplicidade, como se essas fossem propriedades gerais e inevitáveis do social de hoje:

"As 'grandes narrativas' sobre classe, progresso e sobre uma modernidade unificada, características da geração precedente foram substituídas, pelos defensores da etnografia pós-moderna e/ou global, pela igualmente grande narrativa das identidades múltiplas, da dispersão contínua e do hibridismo universal. A aceitação confiante da existência da comunidade fechada, da homogeneidade cultural e da estabilidade temporal como parâmetros de produção etnográfica tem, desse modo, dado lugar a uma igualmente acrítica aceitação da fluidez, heterogeneidade, porosidade e contestação como metáforas fundamentais da vida social e do trabalho de campo, com redes, fluxos e 'periferias' que deslocam abruptamente comunidades, instituições e territórios. Isso obscurece o fato de que o grau de fechamento e de conexão de um dado local são altamente variáveis, dependendo do fenômeno examinado e da problemática em que ele está inserido. É irônico, por exemplo, que aqueles que estudaram as fronteiras nacionais no seu funcionamento concreto [*at ground level*] descubram que elas revelam pouco da volatilidade, hibridismo, permeabilidade, liminaridade que os etnógrafos multi-situados reclamaram como propriedades gerais do social de hoje"[117]

O gigantesco volume de obras voltado à crítica das pesquisas sobre as práticas culturais dos franceses encaminhadas por Bourdieu e sua equipe de fato parece redundante, para não dizer que por vezes fabrica falsos problemas. É desse mal que padece, a meu ver, o trabalho de Laurent Fleury sobre o Théâtre National Populaire (TNP), dirigido por Jean Vilar entre 1951 e 1963. Tal como David Halle, que investigou o público cativo da arte abstrata, Fleury também se ateve a uma prática cultural específica – a ida ao teatro – e, mais do que isso, a uma gestão específica de um teatro específico. A partir disso, concluiu ser possível, contrariamente ao que mostraram as análises de Bourdieu, identificar centros culturais que teriam definido um espaço de abolição, mais do que de exacerbação, das diferenças sociais[118].

[117] WACQUANT, Loïc. « Seguindo Pierre Bourdieu no campo », op. cit., p. 22, nota 21.

[118] FLEURY, Laurent. « Abolition des classes sociales ou production d'une fiction d'égalité ? La réalisation d'un espace utopique au TNP de Vilar ». In CHOPART Jean-Noël & MARTIN Claude (org.). *Que reste-t-il des classes sociales ?* Paris, Éditions de l'ENSP, 2004, p. 121-136.

O caráter de exceção – e até "utópico", para empregar os termos do texto - representado pelas práticas dessacralizadas e anti-burguesas de acolhida do público implementadas pelo TNP, reconhecido pelo próprio autor, não o impede, contudo, de atribuir à sociologia da cultura francesa dos anos 1960 uma espécie de má vontade democrática movida por um ceticismo inebriante. Reconhecer que a política Jean Vilar, declaradamente voltada à "conquista sistemática do público popular", rompeu com os "rituais intimidantes do teatro burguês" é uma coisa. Outra muito diferente é dizer que a sociologia da cultura "dos anos 1960", de tanto insistir nas "características sócio-demográficas do indivíduo", só viu o teatro como palanque de distinções, e, assim, negligenciou a especificidade da relação com o teatro que "reside, ao contrário, na suspensão, *certamente momentânea*, desses atributos" [119]. Não consigo ver em que medida uma experiência excepcional – cuja característica temporária é lembrada pelo próprio autor - invalidaria a tese de que existem índices socialmente diferenciados de freqüência aos teatros que são, eles mesmos, desigualmente importantes. Além disso, como o próprio autor admite em referência a estudos contemporâneos, essa distinta dispersão social dos fruidores dos bens culturais mantém-se atualmente vigorosa[120].

Não menos redundante é a crítica de que é sempre interessante priorizar mais de uma variável de análise. Tomarei, a título de exemplo, a crítica supracitada de John Hall que, exigindo *uma apreensão "não-holística" das distinções sociais*, pretende equivaler todas as variáveis de análise, como se não houvesse relação de subordinação alguma entre cada uma delas. Ora, a leitura de *La distinction* – e especialmente de seu oitavo capítulo ("Cultura e política") – mostra que seu autor não deixou de tratar das barreiras de gênero, ainda que tenha insistido no fato de que as divisões de poder entre os sexos não podem ser pensadas independentemente das divisões de poder entre as classes. Também ao longo de todo o segundo capítulo, Bourdieu insiste que para além dos determinantes fundamentais das condições de existência, há que se levar em conta o conjunto das características secundárias (sexo, etnia, idade, local de moradia, etc.)

[119] Idem, ibidem, p. 127. Grifos meus.

[120] De acordo com Olivier Donnat, « L'enquête la plus récente montre que, en dépit d'une transformation profonde des rapports à l'art et à la culture, les pratiques culturelles demeurent, dans bien des cas, élitaires et cumulatives. Les pratiques les plus 'traditionnelles', en particulier, restent très discriminées socialement : aucune réduction significative des écarts entre catégories socioprofessionnelles n'est observable depuis 1973 ». DONNAT, Olivier. « La stratification sociale des pratiques culturelles et son évolution 1973-1997 ». Revue française de sociologie, XL-1, 1999, p. 111.

constitutivas da posição social sem, contudo, esquecer que esses vários fatores possuem pesos diferentes e, assim, relacionam-se de forma hierárquica:

« (...) ces principes de division sont eux-mêmes hiérarchisés et les groupes mobilisés sur la base d'un critère secondaire (comme le sexe et l'âge) ont toutes les chances d'être unis par des affinités et des solidarités *moins durables et moins profondes* que les groupes mobilisés sur la base des déterminants fondamentaux de la condition » [121].

Em estudo sobre a crise da sociedade camponesa do *Béarn*, o autor mostra que o "casar para cima", profundamente ameaçador para os homens, é uma evidência inequívoca de como a análise das posições ocupadas no espaço social é uma condição prévia do exame das relações de força entre os sexos:

«(...) la société béarnaise suggère que la sociologie de la famille, si souvent livrée aux bons sentiments, pourrait n'être qu'un cas particulier de la sociologie politique: la position des conjoints dans les rapports de force domestique et, pour parler comme Max Weber, leurs chances de succès dans la concurrence pour l'autorité familiale, c'est-à-dire pour le monopole de l'exercice légitime du pouvoir dans les affaires domestiques, n'est jamais indépendant du capital matériel et symbolique (dont la nature peut varier selon les époques et les sociétés) qu'ils ont apporté »[122].

A subordinação da "cultura feminina" – para falar como Simmel - aos habitus de classe que lhe são associados emerge de forma clara numa pesquisa de mercado divulgada no jornal *Folha de São Paulo* que, contrariamente aos defensores da desconstrução das hierarquias sociais, sugere que a especificidade dos gostos próprios às diferentes classes e frações de classe está longe de ser uma idéia ultrapassada, especialmente em sociedades como a brasileira. Estribado na pesquisa "Hábitos & Consumo 2005", o texto jornalístico mostra que enquanto os temas mais típicos dos programas femininos na TV paga – cujo telespectador tem uma formação escolar superior ao público em geral – são: 1. desfiles de moda; 2. saúde alternativa; 3. soluções de beleza caras indicadas por modelos e mulheres bem-sucedidas ; 4. culinária com ênfase em curiosidades e a história da gastronomia, os temas abordados nos programas na TV aberta são : 1. como cuidar dos filhos; 2. dicas de economia; 3. saúde/prevenção de doenças, 4. culinária, com ênfase em receitas e preparação de pratos; 5. vida das

[121] BOURDIEU, Pierre. *La distinction,* op. cit., p. 118, nota 13. Grifos meus.

[122] Idem. *Le bal des célibataires: crise de la société paysanne en Béarn*. Paris, Éditions du Seuil, 2002, p.196.

celebridades de novela[123]. Nota-se, sem grande dificuldade, que ao público da TV aberta estão dirigidas as práticas por assim dizer "funcionais" e os bens que são antes de tudo definidos pelo seu uso, conformando um estilo de vida que exclui qualquer forma de "gratuidade" ou de "estilização da vida". Enquanto o canal pago aborda o universo da culinária a partir da história da gastronomia, dando mostras de que as práticas alimentares podem estar aliadas às práticas de "cultivo de si", o canal dos telespectadores não-pagantes limita-se a tratar da comida como satisfação de necessidades primárias ("divulgação de receitas" e "preparação de pratos"). Ao passo que o canal voltado ao público menos escolarizado enfatiza a saúde enquanto prevenção de doenças, isto é, enquanto conquista do básico mais básico, a audiência mais bem posicionada socialmente será incitada a gostar das curas alternativas, desacreditando a medicina preventiva tradicional que, de tão arraigada em seu cotidiano, pode por isso mesmo ser tida como "natural", evidente e, portanto, descartável. Enquanto as mulheres socialmente privilegiadas assistirão a desfiles de moda e a dicas de beleza "caras", dando a ver uma relação potencialmente atenta para com o próprio corpo, o grupo feminino situado nas camadas mais baixas da sociedade continuará aprisionado nos afazeres mais triviais: o cuidado dos filhos e do (pouco) dinheiro que tem ("dicas de economia" e "como cuidar dos filhos"). Por fim, enquanto os programas femininos na TV aberta contemplam informações a respeito da "vida das celebridades de novela", a programação da TV paga se pretende "mais inteligente", uma alternativa aos programas "estilo Ana Maria Braga". Ressalta, nas falas de seu público alvo, a barreira aparentemente intransponível que o separa da audiência popular, evidenciando o quanto o consumo cultural atende à legitimação (e à naturalização) das diferenças sociais: "Os programas femininos da TV aberta são deprimentes. Já os da TV fechada, como 'Saia Justa', têm uma linguagem mais parecida com a de mulheres como eu. É o tipo de programação a que você assiste sem culpa. Não é só dedicado àquela dona-de-casa que não pensa sobre o mundo" [124].

[123] Cf. SAITO, Bruno. "Feminices". *Folha de São Paulo*, 5 de junho de 2005, p. E1.

[124] LEMOS, Nina. "Feminices: TV para moças divide público alvo". *Folha de São Paulo*, 5 de junho de 2005, p. E 3. Como mostrou Richard Hoggart, « dans la conversation courante des classes populaires les célébrités sont le plus souvent l'objet d'un traitement amplificateur ». Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op. cit., p. 61.

Numa primeira apresentação dos debates que a minha inspiração teórico-metodológica suscita[125] excluí o livro *A cultura dos indivíduos*, pois, embora seu autor critique diversos aspectos de *La distinction* - apresentando-se como « renovador » do conhecimento sobre as relações dos franceses com a cultura -, considero que as duas obras tiveram alvos muito distintos: enquanto Bourdieu explorou a aquisição diferencial da disposição estética, demonstrando as desigualdades sociais frente à cultura, Bernard Lahire esteve voltado – como ele próprio reivindica - às variações intra-individuais dos comportamentos culturais. Este é o primeiro a reconhecer que sua busca de perfis "dissonantes" não colocava em causa os resultados alcançados pela sociologia do gosto "clássica", que fez aparecer as variações inter-classes [126].

Em « Peut-on encore parler de légitimité culturelle », Jean-Louis Fabiani posiciona-se contrariamente à proposta de se remeter todos os produtos culturais e os estilos de consumo a uma teoria da dominação simbólica baseada na existência de uma hierarquia de legitimidade. Na opinião do autor, nem sempre se interiorizam as normas que conferem valor às obras ditas legítimas. Os agentes podem, não raro, tardar a perceber as hierarquias culturais: « On oublie souvent en effet que les agents sociaux perçoivent de manière très diversifiée (et en règle générale à l'état crépusculaire) les hiérarchies culturelles auxquelles les sociologues assignent des fonctions très précises de classement social »[127].

Mas o fato dos agentes demorarem a perceber as hierarquias atenua o caráter objetivo das mesmas? Ou, ao contrário - e como quer Bourdieu -,

"*Assim como, segundo Hegel, a ignorância da lei não constitui uma circunstância atenuante diante de um tribunal, 'a ninguém é permitido ignorar a lei cultural', nem mesmo aqueles que só vão descobri-la diante do tribunal das situações sociais capazes de impor-lhes o sentimento de sua indignidade cultural.* Pelo fato de estar sempre objetivamente em vigor, ao menos nas relações entre classes diferentes, esta lei impõe-se por sanções, desde as sanções mais brutalmente materiais – como aquelas a que estão sujeitos os indivíduos mais desprovidos de capital cultural nos mercados de trabalho ou das trocas matrimoniais – até as sanções mais

[125] PULICI, Carolina. "Sociologia do gosto: notas sobre um confronto bibliográfico". BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 67, 2009.

[126] Cf. LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos.* Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre, Artmed, 2006.

[127] FABIANI, Jean-Louis. « Peut-on encore parler de légitimité culturelle? », texto apresentado no colóquio *Les public(s). Politiques publiques et équipements culturels*, em 2002 e disponível em http://www2.culture.gouv.fr/deps/colloque/fabiani.pdf, p. 1 (consultado em julho de 2009).

sutilmente simbólicas, como por exemplo o ridículo atribuído às 'maneiras' contrárias às normas indefiníveis que definem a excelência em uma formação social determinada"[128].

E mesmo que os atores reconheçam, diz Fabiani, a hierarquia dos gêneros e das obras, eles não necessariamente interiorizam as normas que conferem um valor especial às obras ditas legítimas. E como "prova" desse argumento ele apresenta resultados obtidos numa pesquisa sobre as práticas de leitura na prisão:

« c'est ce que j'ai montré à partir d'un travail récent sur la lecture dans l'univers particulier de la prison: la connaissance des critères de l'ortholecture ne conduit pas nécessairement les enquêtés à dissimuler leurs goûts ou à les exprimer sur le mode de la dénégation ou de la honte de soi. Une détenue qui évoquait avec de multiples détails sa capacité de lire des ouvrages de la série Harlequin en série répondait ainsi à l'enquêtrice qui lui demandait si elle était une bonne lectrice avant son incarcération : 'Ben enfin, lire des Harlequin, c'est pas bonne lectrice, hein ! »[129].

Ocorre que num universo bastante "particular" - como diz o autor - como a prisão, boa parte das regras seguidas pela maioria dos indivíduos de uma sociedade são de antemão infringidas. Neste contexto em que se contraria sistematicamente o consenso do que seja próprio, não haveria nenhuma razão para se pensar que determinados valores culturais seriam preservados: quem se permite matar ou roubar, por exemplo, admite mais facilmente que se é um leitor voraz de livros de conteúdo duvidoso. Para falar como Howard Becker, "the person who does not have a reputation to maintain or a conventional job he must keep may follow his impulses. He has nothing staked on continuing to appear conventional "[130].

Assim como Roland Pfefferkorn, Jean-Louis Fabiani critica a maneira negativa com que Bourdieu teria caracterizado as preferências das classes populares. E ambos vêem em Richard Hoggart uma visão alternativa das mesmas. Ao contrário de Hoggart, diz Pfefferkorn, Bourdieu teria retratado as classes populares meramente como classes dominadas, evidenciando uma visão miserabilista das mesmas[131]. Outro não é o juízo de

[128] BOURDIEU, Pierre. "O mercado de bens simbólicos". In *A economia das trocas simbólicas.* MICELI, Sergio (org.). 5ª edição. São Paulo, Perspectiva, 1999 [1970], pp. 131-132, grifos meus.

[129] FABIANI, Jean-Louis. « Peut-on encore parler de légitimité culturelle? », op. cit., p. 2.

[130] BECKER, Howard S. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*, op. cit., p. 28. E, ainda, "the rationales of deviant groups tend to contain a general repudiation of conventional moral rules, conventional institutions, and the entire conventional world". Idem, ibidem, p. 39.

[131] PFEFFERKORN, Roland. *Inégalités et rapports sociaux: rapports de classes, rapports de sexes*. Paris, La dispute, 2007, p. 74-75.

Fabiani quando avalia que os trabalhos de Hoggart teriam sido constatações pioneiras da "autonomia irredutível do simbolismo dominado" [132].

Ora, como é facilmente demonstrável, Bourdieu só fez confirmar, em 1979, e de forma mais sistemática, o que Hoggart já tinha afirmado em 1957, já que, segundo este último, « les ménages populaires ont toujours vécu dans la gêne » (...) « dans l'ensemble, c'est une vie de 'contrainte' et de 'gêne' »; « Dans les classes populaires, la mère vieillit vite: à trente ans, après deux ou trois grossesses, elle a en général perdu tout attrait sexuel »; « Les ménagères d'âge mûr se soignent mal, travaillent trop et trop longtemps, ne savent pas se détendre, ne dorment pas assez et on un régime alimentaire mal équilibré. Elles croient ne devoir jamais s'arrêter de 'trimer' et, requises par des tâches multiples toutes urgentes, elles y font face dans la précipitation et parfois dans l'affolement : elles n'ont pas le temps de 's'écouter' » ; « *Les termes qu'elles utilisent sont souvent frustes et grossiers* (...) » ; « Les héroïnes sont généralement jolies (...), *mais cette joliesse est sans éclat, comme c'est souvent le cas dans les classes populaires* : elles portent un chemisier ou un chandail et une jupe, ou bien leur unique robe de bal » ; *« Privés de tout équipement scolaire ou culturel, n'ayant reçu aucune formation scientifique, même rudimentaire, les membres des classes populaires ne peuvent guère formuler leurs jugements qu'à l'aide des dictons ou des maximes que la tradition du groupe présente à leur esprit »*. Da mema maneira, Hoggart já mostrara, como faria Bourdieu depois, que as classes populares caracterizam-se pela « cultura da necessidade », que as leva a consumir o que há de pior: «les articles sont d'une qualité bien inférieure à celle qu'on aurait pu avoir pour un shilling de plus; les cadeaux sont de pacotille et cassent au moindre choc; la couche de chrome n'est qu'une mince pellicule qui s'écaille vite » ; durante as festas de casamento, « malgré les soins de la couturière, la robe et le voile de la mariée ne sont que *de pauvres imitations de la vraie toilette bourgeoise* qui coûte plus de cent guinées ; les demoiselles d'honneur sont toutes habillées de la même façon ; il ne manque pas un ruban, pas une paire de gants à trous-trous, pas un chapeau à guipure, *mais les robes ne tombent pas très bien et la finition est bâclée»*[133].

[132] FABIANI, Jean-Louis. «Peut-on encore parler de légitimité culturelle?», op. cit., p. 5.

[133] Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre,* op. cit., p. 77, 82, 83, 152,176, 244, 79 e 196. Grifos meus.

Por fim, argumenta Fabiani, a teoria da legitimidade cultural apresentaria um rendimento explicativo decrescente e o desenvolvimento da indústria cultural, o alargamento do círculo dos objetos tidos por artísticos, etc. teriam colocado em questão a linha divisória entre o erudito e o popular. Evocando o trabalho *Rethinking Popular Culture*, de Chandra Mukerji e Michael Schudson, o autor afirma que a separação entre o popular e o erudito se deve mais a razões de ordem política e social do que a motivos propriamente estéticos[134]. Ora, o fato relevante para o sociólogo é a existência de tais barreiras, independentemente de serem ou não justificadas de um ponto de vista estético. Mantidas por questões políticas e sociais, mais do que por motivos puramente estéticos, essas barreiras existem.

O trabalho de Michèle Lamont sobre a cultura da alta classe média francesa e americana também discute a sociologia do gosto bourdieusiana e conclui que seus dados "(...) sugerem que Bourdieu subestima imensamente a importância das barreiras morais ao passo que exagera a importância das barreiras culturais e econômicas" [135]. Ocorre que já na Introdução do livro a autora mostra que as mais fortes barreiras ao contato são levantadas pelos *mais sofisticados culturalmente*, por aqueles para quem "a sofisticação cultural é um *sine qua non* para as relações interpessoais". Como não é difícil perceber, tal conclusão é em tudo compatível com algumas das hipóteses de *La distinction*, como a de que "a intolerância estética gera violências terríveis" [136]. E aqui é possível contra-argumentar ainda que a existência de diversos princípios de classificação social não impede que se opte pelo tratamento exaustivo de um único símbolo de distinção, tal como o refinamento cultural. Ao criticar a noção universalista de gosto da estética kantiana e ver na intolerância estética uma barreira não desprezível entre as classes e frações de classe, Bourdieu não negara que existem outros parâmetros de inclusão/exclusão: ele simplesmente fez dos embates de gosto "o" aspecto da realidade a ser acentuado, independentemente de existirem outros conflitos classificatórios tão ou mais significativos:

"Tentar apreender as regras do jogo da divulgação e da distinção segundo as quais as classes sociais exprimem as diferenças de situação e de posição que as separam, não significa reduzir

[134] FABIANI, Jean-Louis. «Peut-on encore parler de légitimité culturelle?», op. cit., p. 8.

[135] Cf. LAMONT, Michèle. *Money, Morals and Manners: The Culture of the French and the American Upper-Middle Class*. University of Chicago Press, 1992, p. 5. Tradução minha.

[136] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 60.

todas as diferenças, e muito menos a totalidade destas diferenças, a começar por seu aspecto econômico, a distinções simbólicas, e muito menos, reduzir as relações de força a puras relações de sentido. Significa optar por acentuar explicitamente, com fins heurísticos, e ao preço de uma abstração que deve revelar-se como tal, um perfil da realidade social que, muitas vezes, passa despercebido, ou então, quando percebido, quase nunca aparece como tal" [137].

Tendo em vista discutir uma última crítica, é pertinente lembrar que para a sociologia do gosto de inspiração bourdieusiana, há que se recusar toda sorte de nominalismo, insistindo na pluralidade das vias de acesso a uma posição social que, por sua vez, deve ser sempre e invariavelmente analisada no interior de um determinado campo. Assim é que, ao sugerir os vínculos entre os habitus de classe e os estilos de vida, Bourdieu está bem longe de afirmar que as práticas de consumo só dependem do cabedal sócio-econômico. Isso porque o capital cultural é, junto do econômico, o que ele chama de "os dois grandes princípios de organização do espaço social":

"Como o ser segundo Aristóteles, o mundo social pode ser dito e construído de diferentes modos: ele pode ser praticamente percebido, dito, construído, segundo diferentes princípios de visão e de divisão – por exemplo, as divisões étnicas -, dando-se por entendido que os reagrupamentos na estrutura do espaço construído na base da distribuição do capital apresentam maiores probabilidades de serem estáveis e duradouros e que as outras formas de reagrupamento estarão sempre ameaçadas pelas cisões e oposições ligadas às distâncias no espaço social. Falar de um espaço social é dizer que não se pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais" [138].

Nessa abordagem que acentua a multidimensionalidade das formas de riqueza, os agentes diferenciam-se não apenas pelo *volume* de seu capital (sob suas diferentes espécies), mas também pela *estrutura* (composição) do mesmo, ambos apreendidos sincrônica e diacronicamente. Isso quer dizer que no interior de todas as "classes", estabelecem-se oposições entre as frações mais ricas em capital cultural e mais pobres

[137] Idem. "Condição de classe e posição de classe". In *A economia das trocas simbólicas*, op. cit., p. 25. Grifos meus.

[138] Idem. "Espaço social e gênese das classes". In *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998 [1984], p. 137. Em estudo sobre as classes dominantes francesas, Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot notaram que o discurso depreciativo das antigas famílias a respeito da invasão do balneário "chique" de Deauville por judeus recém enriquecidos não se devia a preconceitos de ordem étnica: « Pour nous, ce qui est décisif, ce n'est pas l'antisémitisme, plus ou moins latent dans de telles manières de désigner les responsables de ce qui est vécu comme une 'dégradation' de la 'qualité' sociale de la station. Ce qui nous apparaît plus déterminant dans les récriminations des vieilles familles, c'est qu'elles les fassent porter sur le caractère de nouveaux enrichis de cette population du Sentier qui est supposée ne pas disposer des habitus adéquats, des dispositions propres à la haute société, celle qui est en place depuis plusiers générations. Leur façon d'être, qui n'est pas discrète, heurte des barons et des banquiers, qui d'ailleurs peuvent eux-mêmes être juifs ». PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, op. cit., p.112-113.

em capital econômico - e entre as frações que detêm um patrimônio inverso -, bem como entre as estabelecidas e as recém-chegadas a essas posições.

Essa proposição bastante importante de que as frações de classe caracterizam-se por uma estrutura em quiasma parece ter sido ignorada por Philippe Coulangeon, que reivindica o rompimento com a visão de uma cultura dominante unificada pela veneração das obras da cultura erudita:

« La sociologie du goût demeure quant à elle fortement imprégnée du concept de legitimité culturelle qui, formulé abruptement, constitue l'aspect du modèle défendu par l'auteur de *La distinction* qui colle au plus près à la définition marxiste des classes sociales: le goût dominant est le goût des classes dominantes » [139].

Ora, não é certo que Bourdieu tenha concebido "uma cultura dominante unificada pela legitimidade cultural das preferências" nessa obra tão controversa que é *La distinction*. Dado que a posse de capital econômico e a de capital cultural não necessariamente coincidem, o autor enfatizara, muito pelo contrário, o quanto a "fração dominante da classe dominante" – caracterizada, sobretudo, pelo maior volume de capital econômico – rejeita sistematicamente toda forma de intelectualismo e pretensão vanguardista, situando-se nas antípodas dos padrões de gosto dos intelectuais e artistas:

« L'antagonisme entre les styles de vie correspondant aux pôles opposés du champ de la classe dominante est en effet tranché, total, et l'opposition entre les professeurs et les patrons (et tout spécialement sans doute entre les petits et moyens des deux catégories) évoque celle qui sépare deux 'cultures' au sens de l'ethnologie. D'un côté, la lecture et la lecture de poésie, d'essais philosophiques et d'ouvrages politiques, du *Monde* et de mensuels littéraires ou artistiques (plutôt de gauche) ; de l'autre, la chasse et le tiercé et, quand lecture il y a, la lecture de récits historiques, de *France-Soir* ou de *L'Aurore*, de l'*Auto-Journal* et de *Lectures pour tous.* Ici, le théâtre, plutôt classique, ou d'avant-garde (avec par exemple *Le Tartuffe* ou la *Remise* mis en scène par Planchon, *Noces de sang* de Lorca ou *Un mois à la campagne* de Tourgueniev), le musée, la musique classique, France-Musique, les 'puces', le camping, la montagne et la marche à pied ; là, les voyages et les repas professionnels, le théâtre de boulevard (Robert Lamoureux, Marcel Achard, Françoise Dorin) et le music-hall, les spectacles de variétés de la télévision, les foires-expositions, la salle des ventes et les 'boutiques', la voiture de luxe et le bateau, l'hôtel (trois étoiles) et les villes d'eau » [140].

Esse espaço social multidimensional construído em função do *volume*, da *estrutura* e da *evolução no tempo* dos capitais também rejeita a representação estática de uma escala de estratos sociais não-antagonistas - que não faria mais do que constatar,

[139] COULANGEON, Philippe. « Classes sociales, pratiques culturelles et style de vie : le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète ? », volume 36, 2004, p. 59-60.

[140] BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. 321-322.

sincronicamente, o estado das distribuições – para, em lugar disso, acentuar o quanto todas as classes e frações de classes estão permanentemente envolvidas em lutas distributivas e classificatórias tão impiedosas quanto dinâmicas[141].

Da mesma forma, é de pouca valia um conceito de classe que não seja mais do que uma soma de propriedades, ou, então, uma cadeia de propriedades ordenadas a partir de uma propriedade fundamental (como a posição nas relações de produção), numa relação de causa-efeito. Ao invés disso, há que se *construir uma classe social a partir da estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes*, a qual confere a cada uma delas e aos efeitos que exerce sobre as práticas o seu valor próprio. Para Remi Lenoir:

« En fait, selon Bourdieu, il faut poser le problème de la causalité en terme de 'causalité structurale', dans la mesure où c'est toujours une constellation de variables qui agit. Si l'on considère par exemple cinq ou six facteurs, on obtiendra chaque fois une constelation particulière de facteurs qui, tout en restant les mêmes, auront des poids relatifs différents : par exemple, le facteur 'étudiant salarié' peut avoir des significations et des efficacités causales tout à fait différentes selon la constellation de facteurs dans laquelle il est inséré. Ce facteur n'a pas une efficacité causale 'en soi' (substantialisme) mais possède une efficacité proportionnée à son poids dans une certaine structure. Soit l'exemple de la constellation des facteurs qui expliquent la réussite dans l'enseignement supérieur ; on peut trouver pêle-mêle comme facteurs le fait de ne pas travailler, l'âge, la catégorie socioprofessionnelle (CSP) des parents. Or, indépendamment de toute relation cachée entre ces facteurs et la CSP des parents, on peut penser que ce dernier facteur, bien que ne pouvant agir que si d'autres facteurs sont présents, reste prééminent, en sorte que lorsqu'on le prend comme principe d'analyse, on risque moins de manquer la structure des phénomènes qu'en partant d'un facteur qui, tout en participant de la même constellation, aurait un poids fonctionnel infinitésimal, comme le fait d'être interne ou externe » [142].

Na avaliação de Klaus Eder, uma das grandes mudanças operadas por Bourdieu na teoria tradicional de classe consiste em que "a identificação da presença social de classes não depende mais da consciência de classe. Depende apenas do código cultural

[141] "(...) a eficácia relativa dos instrumentos que permitem dominar o jogo – o capital sob suas diferentes espécies – está ela própria em jogo, portanto, submetida a variações segundo o decorrer do jogo. É assim que, conforme nossa insistência – nem que fosse por meio de aspas – a noção de 'volume global do capital', cuja construção é incontornável para justificar certos aspectos das práticas, não deixa de ser um *artefato teórico* que, aliás, poderia produzir efeitos realmente perigosos se nos esquecêssemos de tudo aquilo de que se deve fazer abstração para constituí-la, a começar pelo fato de que a taxa de conversão de uma espécie de capital em uma outra é, em cada momento, um pretexto de lutas, portanto, exposto a mudanças incessantes". BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 230.

[142] Cf. LENOIR, Remi. "Espace social et classes sociales". In PINTO, Louis & SAPIRO, Gisèle & CHAMPAGNE, Patrick. *Pierre Bourdieu, sociologue.* Paris, Fayard, 2004, pp. 152-153.

de uma ação de classe e ocorre, sobretudo, de forma inconsciente" [143]. A integração da esfera da cultura na estruturação das relações de classe é externalizada pelo próprio Bourdieu:

"Une classe est définie par son *être-perçu* autant que par son être, par sa consommation – qui n'a pas besoin d'être *ostentatoire* pour être symbolique – autant que par sa position dans les rapports de prodution (même s'il est vrai que celle-ci commande celle-là). La vision berkeleyenne – c'est à dire petite-bourgeoise – qui réduit l'être social à l'être perçu, au paraître, et qui, oubliant qu'il n'est pas besoin de donner des représentations (théâtrales) pour être l'objet de représentations (mentales), réduit le monde social à l'agrégation des représentations (mentales) que les différents groupes se font des représentations (théâtrales) offertes par les autres groupes, a le mérite de rappeler l'autonomie relative de la logique des représentations symboliques par rapport aux déterminants matériels de la condition" [144].

Ao explorar exaustivamente as dimensões "esquecidas" do conflito de classe, a sociologia de Bourdieu se afasta do esquema clássico de estratificação social e da representação unidimensional do mundo social que lhe é subjacente, mas sem resvalar, contudo, numa perspectiva unilateral oposta: a que vê as classes sociais das sociedades modernas quase que exclusivamente como grupos culturais. A clássica definição de Shils de que "class designates an aggregate of persons, within a society, possessing approximately the same status" [145] é a condensação expressiva do conjunto de estudos sobre estratificação social encaminhados pelo chamado funcionalismo normativo norte-americano, no qual a categoria classe é por assim dizer subsumida no conceito de status, emergindo especialmente por meio dos processos coletivos de deferência e reprovação[146].

---

[143] EDER, Klaus. "Cultura e classe: a mudança operada por Bourdieu na teoria tradicional de classe". In *A nova política de classes.* Tradução de Ana Maria Sallum. Bauru/SP, Edusc, 2002, p. 113.

[144] BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. 564.

[145] SHILS, Edward. « Class ». In *Center and periphery in microsociology*. Chicago, The University of Chicago Press, 1975, p. 249.

[146] "*The deference which defines class position* is granted to persons, offices, and institutions in accordance with the deferring person's perception, which may be erroneous and which is almost always fragmentary and vague, of the characteristics of the person, office, or institution being judged. A man is judged in accordance with the judging person's perception of his income and wealth, his occupation, his level of achievement within his occupation, his standard of living (including the location of his residence), his ethnic characteristics, his kinship connections, his educational level, his relationships to the main centers of the exercise of power in the society as a whole and in his particular institutions, such as business firms, churches, universities, armies, governmental departments, etc., and his associates, formal and informal. (His wife and children are usually granted deference corresponding to his status.)." Idem, ibidem, p. 249 e 250. Grifos meus.

Enquanto para Bourdieu deve-se evitar não apenas as teorias exclusivamente materialistas das classes sociais, mas, também, as visadas tão-somente subjetivistas - "qui réduisent l''ordre social' à une sorte de classement collectif obtenu par l'agrégation des classements individuels ou, plus précisément, des stratégies individuelles, classées et classantes, par lesquelles les agents se classent et classent les autres"[147] -, em Shils, como em Warner, o pertencimento de classe advém, sobretudo, das avaliações subjetivas que as pessoas fazem umas das outras em seus encontros diários, numa abordagem que focaliza os processos culturais de divisão de status e negligencia os conflitos distributivos de ordem econômica:

"There was no attempt to weigh the relative importance of class and status in social class formation, and certainly no attempt to assign primacy to class. 'Economic' factors were treated, as they were by Parsons, as residual categories in social stratification. Warner's work was an application of the idea that status evaluation was central to social stratification and that the social classes of modern societies were, at heart, communal, cultural groupings"[148].

O divertido comentário de Yves Winkin sobre as influências teóricas que teriam pesado sobre a dissertação de mestrado de Goffman - a saber, *Symbols of Class Status*[149] – é emblemático dessa abordagem em que a classe reduz-se às classificações que as pessoas fazem umas das outras e em que todos os fatores constitutivos da posição social se equivalem num conjunto superposto:

« A Chicago, Birdwhistell travaille sous la direction de Lloyd Warner, un anthropologue qui dirige une vaste étude d'une petite ville du Massachusetts, qu'il appelera 'Yankee City' dans une série de cinq livres publiés entre 1941 et 1959. Son analyse de la communauté repose sur une conception de la 'stratification sociale' faite de trois classes (lower, middle, higher) chacune divisée en deux (upper, lower). Et l'appartenance à l'une de ces 'strates' est déterminée grâce à une combinaison de six caractéristiques (profession, montant des revenus, etc) agrémentée d'une multitude d'indices de 'styles de vie', qui vont du nombre de chambres à la couleur des rideaux du salon. Revenons maintenant au jeune Birdwhistell, enseignant du jeune Goffman. Ce que Birdwhistell enseigne à ses étudiants, c'est l'observation des indices corporels qui permettent de classer leurs porteurs dans la typologie warnérienne. Ainsi Birdwhistell les emmène parfois dans un pub près du campus et leur demande de déterminer l'appartenance sociale des consommateurs d'après leur démarche, leurs vêtements, leur manière de boire ou de fumer. Exemple: ils repèrent une jeune femme. Pas de doute, elle est 'UMC' (upper middle class), concluent les étudiants, très fiers de la subtilité de leurs observations. Tout indique une appartenance 'UMC': son tailleur, ses gestes, etc. 'Erreur, s'esclaffe Birdwhistell, vous avez

[147] BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. 563.

[148] SCOTT, John. *Stratification and power: structures of class, status and command*. Cambridge, Polity Press, 1996, p. 111.

[149] GOFFMAN, Erving. « Symbols of Class Status ». The British Journal of Sociology, vol. II, n.4, 1951.

oublié ses souliers - ce sont des souliers LMC (lower middle class). Regardez les semelles!' Et les étudiants de s'incliner. Goffman est passionné par cette manière de procéder »[150].

Desse modo – e como não fosse minha intenção fazer um balanço exaustivo da longa e intricada história do conceito de classe social nas investigações do sociólogo-, a recusa das alternativas materialistas e subjetivistas na análise das lutas de classificação das classes constitui a razão pela qual neste trabalho procurou-se trabalhar com as distinções culturais de classe em sua acepção bourdieusiana. Nessa linha de juízo, a lógica das representações simbólicas tem, portanto, tanto peso e existência quanto os determinantes sócio-econômicos, longe das alternativas excludentes entre classes reduzidas ao seu status ou à percepção deste status ou, ainda, a qualquer outra característica tomada isoladamente, isto é, fora da estrutura de relações em que a própria posição de classe se define e ganha sentido.

Por fim, o reconhecimento de alguns dos principais embates que atravessam o campo da sociologia do gosto contemporâneo visou justificar por que o livro *La distinction* acabou sendo o ponto de partida e a inspiração privilegiada deste trabalho. As críticas passadas em revista não enfraqueceram, a meu ver, os principais parâmetros analíticos estabelecidos por essa obra tão debatida pela *sociology of taste* do mundo inteiro. A fim de subsidiar algumas contribuições às contendas aqui expostas, este estudo buscará demonstrar nos capítulos seguintes que os processos de distinção e estigmatização (inerentes à reprodução das posições na estrutura social) seguem se valendo dos itens simbólicos da cultura "legítima" e das "técnicas da sociabilidade mundana" para poderem existir.

[150] WINKIN, Yves. "Erving Goffman: portrait du sociologue en jeune homme". In GOFFMAN, Erving. *Les moments et leurs hommes*, op. cit., p. 22 e 23.

2. Autoridade mundana nas crônicas de savoir-vivre

"'Qu'avez-vous dit, ma chère? Vous avez parlé de "culture" ? Un mot lourd de signification ! Mais savez-vous (je le vois levant son index et j'entends encore sa voix de pédagogue) ce qu'est, au fond, la culture ? ... Vous peignez en rouge les ongles de vos pieds, n'est-ce pas, ma chère ? Et il vous arrive, n'est-ce pas, de lire un beau livre, avant de vous endormir ? Et même de vous laisser bercer par le charme de la musique ? (...) Mais non, ma chère, la culture, c'est tout autre chose. La culture, ma très chère, c'est avant tout un réflexe'».

Sándor Márai, Métamorphoses d'un mariage.

"Não se pode confundir o *gosto* com a *gastronomia.* Se o gosto é esse *dom natural* de reconhecer e amar a perfeição, a gastronomia, ao contrário, é o conjunto das *regras* que presidem a cultura e a *educação* do gosto. A gastronomia é para o gosto o que a *gramática* e a literatura são para o *senso literário* (...) O gourmet é seu próprio gastrônomo, assim como o homem de gosto é seu próprio gramático (...) Mas como nem todo mundo é gourmet, é necessário haver gastrônomos (...) Deve-se pensar dos gastrônomos o que pensamos dos pedagogos em geral: que são às vezes insuportáveis pedantes, mas que têm sua utilidade. Eles pertencem ao *gênero inferior e modesto* e deles depende melhorar esse gênero *um pouco subalterno* com tato, medida e elegante leveza (...) Existe um mau gosto (...) e os *refinados* o sentem por instinto. Para os que não o sentem, é preciso uma regra" [151].

Foi a partir desta (e de outras proposições análogas) que Pierre Bourdieu construiu sua crítica da ideologia do gosto inato que, como estratégia distintiva que se engendra na luta de classes mais cotidiana, converte sistematicamente diferenças no modo de aquisição da cultura em diferenças de ordem natural. O prazer soberano do esteta, diz o autor, se pretende livre de quaisquer regras ou aprendizagens escolares, reconhecendo na familiarização precoce com os bens de cultura a única via legítima de conformação de um habitus cultivado.

Hierarquizando dois modos de relacionamento com os bens simbólicos – a saber, o conhecimento tardio, o mais das vezes adquirido à custa de muito estudo, e a experiência direta, fruto de um aprendizado no seio da família -, essa ideologia da *espontaneidade das maneiras* confere, também nos mercados mundanos, um rendimento simbólico fatalmente superior aos que desde sempre integraram os círculos

[151] Cf. PRESSAC, P. de. *Considérations sur la cuisine* Apud BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. 73, tradução minha, grifos meus.

eruditos e/ou requintados, obstruindo o caminho dos retardatários em matéria de "cultivo de si", de antemão despojados de todos os atributos de excelência social.

Na esteira de Max Weber, que já havia notado que a "estilização da vida" era princípio altamente distintivo de classificação social, e convencido de que "a intolerância estética gera violências terríveis" [152], o sociólogo francês houve por bem tomar essas e outras questões *só aparentemente apolíticas* como objeto de análise privilegiado de *La distinction*, uma de suas obras mais exaustivas e, como visto anteriormente, mais discutidas no mundo todo. Como qualquer outro princípio de classificação e hierarquização social, o chamado "bom gosto" é produto das relações de força que atravessam a sociedade e, assim, um objeto de estudo a ser dignificado nas investigações sociológicas [153].

A exemplo dos manuais de "savoir-vivre" europeus, nos quais predomina a ideologia do gosto inato e, assim, a desvalorização de todo e qualquer processo de aprendizado formal, de tudo o que não é simplesmente sentido "por instinto" [154], as visões que se depreendem dos manuais de etiqueta e crônicas da vida mundana recentemente publicados em São Paulo também são exemplos notáveis de como, em matéria de refinamento cultural, a busca de uma elegância "espontânea", não estudada, é o grande alvo[155].

Tendo analisado os cursos de etiqueta na cidade de São Paulo dos anos 1990 e diversas revistas, livros e sites difusores do "refinamento", Daniela Scridelli Pereira observou que, no caso dos livros, "as orientações seguem no sentido de facilitar a absorção das regras, mas, geralmente destacam que, ainda que não necessitem de grande preocupação, *somente serão encarados como 'elegantes' comportamentos que pareçam habituais"* [156]. Não por acaso, no mundo dos profissionais propagadores das "boas maneiras", Pereira observou uma clara hierarquia nos modos de aquisição da cultura

[152] Idem, ibidem, p. 60, tradução minha.

[153] Sobre as transformações do gosto alimentar ao longo dos séculos XVII e XVIII e, especialmente, o papel do "gosto" nas relações sociais da época ver FLANDRIN, Jean-Louis. "La distinction par le goût". In ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. *Histoire de la vie privée.* Paris, Seuil, 1986.

[154] BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., pp. 73-77.

[155] Optei por selecionar os manuais de etiqueta lançados ou relançados na década de 2000, a fim de que as diferentes fontes desta pesquisa (crônicas da vida mundana, críticas culturais, informes publicitários, depoimentos, entrevistas semi-dirigidas, etc.) pertencessem a um mesmo contexto histórico.

[156] Cf. PEREIRA, Daniela Scridelli. *Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta*. São Paulo, Annablume, 2006, p. 65. Grifos meus.

através do embate simbólico entre os que adquiriram tal comportamento no seio da família e os que o aprenderam tardiamente, pelo aprendizado formal: "Os professores que herdaram esse tipo de conhecimento fazem isso transparecer nas aulas agindo como detentores legítimos das 'boas maneiras', em detrimento dos que as aprenderam posteriormente, fora do âmbito doméstico" [157].

O pressuposto de que a única relação verdadeiramente autêntica com a cultura é, justamente, a que faz desaparecer todos os traços de sua gênese – isto é, tudo o que houve de estudado, aprendido e treinado – parece orientar também o testemunho de uma autora de um célebre manual de etiqueta brasileiro: "Nunca me esqueço da história daquela mãe que perguntou a uma especialista em boas maneiras com que idade deveria matricular seu filho no curso. Ao saber que o futuro aluno estava com três meses de idade, ela respondeu: 'Talvez já seja tarde'" [158]. Eternizando a constância das distâncias, Danuza Leão sublinha a importância de se ignorar certas convenções, mas advertindo, contudo, que a negação de tais formalidades é privativa de poucos, já que "só as pessoas *naturalmente educadas* conseguem fazê-lo com propriedade" [159]. A bem da verdade, ironiza a autora, o sôfrego apego aos códigos é quase uma insígnia dos que só recentemente alcançaram os símbolos exteriores da estima social [160].

Outro indício de como a segurança social há muito conquistada é o que permite tomar distância com relação às fronteiras da legitimidade cultural aparece na crônica culinária de Nina Horta, *chef* de cozinha, proprietária do buffet *Ginger* e crítica gastronômica do jornal *Folha de São Paulo*. A propósito do gosto de seus clientes, observa que enquanto "o grupo que dita as regras transgride sem parar, porque afinal, quem faz as regras é ele", o freguês que teme despencar dos setores privilegiados é geralmente "um cliente que fica preso a todas as normas que imagina serem as do nascimento em berço de ouro" [161].

---

[157] Idem, ibidem, p. 113.

[158] LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 205.

[159] Idem, ibidem, p. 10. Grifos meus.

[160] Lançado em 1992, *Na sala com Danuza* ficou em primeiro lugar na lista dos livros mais vendidos durante um ano. Em 2005 – isto é, antes do lançamento da edição de bolso pela Companhia das Letras -, já tinha vendido mais de 200 mil exemplares. Cf. GÓES, Mara. "Simplesmente uma mulher". Entrevista com Danuza Leão. *O liberal*, ano LXII, n. 32163, 28 de janeiro de 2005.

[161] Cf. HORTA, Nina. "O gosto que se discute". *Folha de São Paulo*, 9 de março de 2006, p. E9. A análise de Estelle Bonnet sobre os críticos gastronômicos franceses mostra como esta "expertise" situa-se a meio caminho entre o juízo semi-erudito e o juízo autorizado, sendo menos profissionalizada e menos

Organizada pelo historiador e professor titular da Unicamp Jaime Pinsky, a coletânea *Cultura & Elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante* sugere que aquilo que se toma por "elegância" é algo da ordem do indefinível, uma vez que faria parte de uma suposta "delicadeza natural" do ser-humano, sendo por isso mesmo muito difícil de ser ensinado:

"É possível aprender a ser elegante? E se for, como adquirir uma *elegância espontânea*? (...) Aqui entramos em contato com algo muito buscado, *mas realmente difícil de ser ensinado*: elegância como modo de viver, uma maneira de estar presente no mundo com *estilo próprio* (...) *Não dá para ensinar essa delicadeza natural* aliada ao charme de um *estilo próprio*, mas todo mundo pode tentar desenvolver em si a elegância: basta cultivar a sensibilidade e ampliar os próprios horizontes (...) Ora, se é verdade que *elegância não se ensina*, podemos certamente buscar inspiração no que essas pessoas têm a nos dizer. Cada um dos autores do livro, a seu modo, enriquecerá nossa maneira de viver e ajudará nessa importante busca individual de ser elegante. Cada capítulo de *Cultura & Elegância* é um convite sedutor para penetrarmos em *um mundo pessoal e intransferível* "[162].

Em que pese o fato de haver aí um dos pontos de honra mais característicos das convenções mundanas, qual seja, o imperativo da *não premeditada originalidade "pessoal"* [163] (atitude própria/espontânea e comportamento pessoal/intransferível), esse recente manual de savoir-vivre brasileiro concede em advertir, não obstante, que ser elegante não é apenas vestir-se bem e cuidar da aparência, mas, também, cultivar-se, familiarizar-se com o repertório cultural universal, o que abre ao menos uma brecha para o aprendizado formal e tardio da cultura.

O mesmo não se observa em meio aos julgamentos emitidos por alguns críticos e estilistas de moda que, bem ao contrário, não parecem conceder espaço algum aos pressupostos sócio-culturais da chamada elegância, uma vez que esta parece ser, antes de tudo, um dom de nascimento. Ressalta, na fala desse segmento de profissionais da moda, uma evidente depreciação do que pode ser adquirido pelo estudo e, no extremo oposto, a valorização de uma familiaridade com pessoas elegantes e de uma espécie de "radar mundano". Quando indagada sobre a idéia de que a elegância requer certo

---

regida por regras próprias do que a crítica cultural, por exemplo. Cf. BONNET, Estelle. "Les critiques gastronomiques: quelques caracteristiques d'une activité experte". Sociétés contemporaines, 2004, n. 53, p. 135-155.

[162] MENDES CALDEIRA, Eleonora. "Apresentação". In PINSKY, Jaime (org.). *Cultura e elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante*. São Paulo, Contexto, 2005, páginas 11, 12 e 13. Grifos meus.

[163] Ver, a esse respeito, PINTO, Louis. "L'émoi, le mot, le moi: le discours sur l'art dans le 'musée égoïste' du Nouvel Observateur". Actes de la recherche em sciences sociales, n.88, 1991, pp. 78-101.

"cultivo de si", a crítica de moda do jornal *Folha de São Paulo* Érika Palomino discordou avaliando que "não sei se tem a ver cultura e elegância. Tem gente que nunca foi à escola e é elegante". Extrapolando os limites da caricatura Rita Comparato, estilista da grife *Néon*, admite na mesma ocasião que "há quem tenha elegância no DNA. Só cultura não basta, mas observar os elegantes pode ajudar" [164].

E em alguns escritos de História da arte não se encontra algo muito diferente, uma vez que aí também a disposição estética legítima é essencialmente intuitiva e, portanto, incognoscível, privativa daqueles que podem não conhecer, mas, tão-somente, "sentir":

"(...) tudo o que uma pintura apela para o intelecto – os sinais, as histórias, as personagens, o espaço, a luz e os acontecimentos temporais que aí estão representados – é transposto para uma realidade pictórica *que o espectador apreende intuitivamente, só pelo fato de o olhar. O raciocínio perde terreno em relação ao olhar.* Por causa disso, é uma arte que põe em questão as certezas fundamentais do conhecimento" [165].

A recusa do ensino racional da Arte – e, assim, de todos os que não vivenciaram uma experiência direta com as obras artísticas - é presente no discurso construído pelo maestro Júlio Medaglia que, depois de afirmar que a música clássica "faz parte do nosso repertório auditivo comum, de nosso convívio, assim como outras criações de diferentes áreas artísticas", argumenta que "Ninguém precisa freqüentar um curso de arquitetura ou de escultura, por exemplo, para achar o Vaticano uma maravilha ou se emocionar diante da *Pietá*, de Michelangelo" [166]. Ora, se o amor à "grande arte" ao qual ele se refere fosse de fato um prazer sensorial que, como o gosto por chocolate, dispensa todo treino formal e a mobilização de um patrimônio cognitivo, as estatísticas culturais que serão analisadas adiante certamente não mostrariam uma apropriação tão desigual dos bens culturais segundo os grupos sociais e seus respectivos níveis de escolaridade.

O "saber-escolher" como dádiva dos céus é ostensivamente afirmado em informe publicitário sobre a rua "que concentra as grifes mais famosas do mundo", qual seja, a Oscar Freire, na cidade de São Paulo. Segundo a Associação dos Lojistas locais,

[164] QUINTANILHA, Leandro. "Elegância depende de cultura", texto da agência Estado de 27 de outubro de 2006, disponibilizado no site de notícias do Yahoo (sessão "Entretenimento").

[165] BOCKEMÜHL, Michael. *Rembrandt: o mistério da aparição (1606-1669).* Paisagem, 2005, p. 11. Grifos meus.

[166] Cf. MEDAGLIA, Júlio. "O que você precisa ouvir". In PINSKY, Jaime (org.). *Cultura & elegância*, op. cit., p. 51.

a Rua dos Jardins atende principalmente o público das classes A e B, *por ser o único "que reconhece a tradição das marcas e procura qualidade*" [167]. Ora, dizer que apenas as classes A e B interessam-se pela qualidade dos produtos não faz apenas negar a gênese social das preferências, mas culpabilizar os portadores do chamado "mau gosto", fazendo com que deficiências de ordem social se passem por falhas de critério pessoal.

Referindo-se ao comentário que Roger Bastide fez de *Salões e damas do segundo império*, Gilda de Mello e Souza já advertia, no início da década de 1970, que "os salões mundanos, sob a aparência de futilidade, podem ser um excelente instrumento para conhecer o estilo de vida de uma época, a transformação das maneiras, o advento dos gêneros artísticos, etc" [168]. Tendo em vista os propósitos específicos desta pesquisa eu acrescentaria: as crônicas da vida mundana são instrumentos indispensáveis à análise da naturalização do que é produto do arbitrário social, que só faz transformar privilégios em norma universal, como bem o demonstra o texto "Uma vida com tudo lindo: lenda viva da alta moda conta histórias de glamour e elegância", de autoria da socialite carioca Carmen Mayrink Veiga. Tendo se casado no civil com um *Dior*, se tornado amiga de Hubert de Givenchy ("tudo o que aprendi sobre moda foi com o Hubert") e freqüentado assiduamente desfiles de alta costura em Paris, onde tinha um apartamento, Mayrink Veiga avalia que "essa vida com tudo lindo só era possível *caso você fosse casada e seu marido gostasse da mulher sempre impecável*" [169].

Ora, vestir primorosa e sofisticadamente a esposa não é uma essência ou uma atitude congênita, mas a expressão de um "gosto de liberdade" que é produto de uma condição que se define pelas "facilidades", isto é, pela distância em relação às necessidades e urgências do mundo. Como notou Béatrix Le Wita, « Le bourgeois croit que sa culture (ou ce qu'il est) devrait être universellement partagée. Vision naïve: les bourgeois n'ont pas conscience de leur particularisme »[170]. Dizer, como no caso em pauta, que a elegância de uma mulher depende apenas de seu estatuto de casada e,

[167] Cf. Sem autor. *Oásis de charme e sofisticação*, informe publicitário do jornal *Folha de São Paulo*, 20 de dezembro de 2006, p. 6. Grifos meus.

[168] SOUZA, Gilda de Mello e. "A estética rica e a estética pobre dos professores franceses". *Discurso*. São Paulo, Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, n. 9, 1979 [1973], p. 18.

[169] MAYRINK VEIGA, Carmem. "Uma vida com tudo lindo: lenda viva da alta moda conta histórias de glamour e elegância". *Folha de São Paulo, Revista de Moda*, n.14, 29 de julho de 2005, p. 42. Grifos meus.

[170] LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue*, op. cit., p. 80.

especialmente, da boa vontade do marido em vê-la bem arrumada é converter em inclinações naturais os "trunfos" sociais que não são uniformemente distribuídos entre os casais. Em poucas palavras, é universalizar disposições associadas a uma condição particular. É uma maneira de afirmar que todos os outros maridos de estrato social inferior pouco ou nada se importam com o eventual desleixo de suas companheiras, transformando vantagens de ordem social em debilidades de cunho pessoal. Vê-se bem que Monique de Saint-Martin tem razão em dizer que não é no cerimonial da vida em sociedade (festas, casamentos, visitas, ralis, etc.) que se pode esperar encontrar princípios mais meritocráticos de classificação social e, com eles, o enfraquecimento da interiorização de "diferenças naturais":

« Cette acceptation et cette intériorisation de différences 'naturelles', encouragées par la prime éducation, peuvent être mises à l'épreuve moins au cours de cérémonies ou d'actes rituels que lors des échanges scolaires, matrimoniaux, avec des membres d'autres catégories et plus encore lors des tentatives de reconversion dans les secteurs professionnels les plus méritocratiques »[171].

Com efeito, os ritos da vida mundana encenam exemplarmente as visões essencialistas do mundo – e, no caso, a ideologia naturalista dos gostos - porque as lutas entre as diferentes "maneiras" em jogo independem, em boa medida, dos trunfos que podem ser adquiridos através da escola. Se, como mostram diversas pesquisas quantitativas – como as que serão vistas em seguida -, o cultivo das atividades culturais tradicionais (teatro, cinema, concerto, museu, leitura) é amplamente influenciado pelos anos de aprendizado escolar, a escolha de um mobiliário, as preferências gastronômicas ou o critério apurado no vestir-se escapam ao campo de intervenção da escola e revelam, por isso mesmo, as disposições mais distintivas e mais precoces e, assim, mais autônomas em relação a uma ação pedagógica institucionalizada[172].

A depreciação mundana do escolar e toda a idéia de que o "saber-escolher" é um dom da natureza é freqüentemente acompanhada de uma outra, igualmente anti-

[171] SAINT-MARTIN, Monique de. *L'espace de la noblesse*. Paris, Éditions Métailié, 1993, p. 293.

[172] A maior autonomização de certas práticas com relação aos aprendizados da escola reproduz na verdade os princípios de hierarquização vigentes no próprio campo de produção e difusão dessas práticas. Tome-se, como exemplo, o campo dos críticos gastronômicos na França que, mais frágil institucionalmente, é movido por pessoas cuja legitimidade não deriva de um saber superior – angariado notadamente através de um diploma -, mas de uma proximidade com relação aos juízos profanos: « A priori, tout individu réputé gourmand, amateur de bonne chère et de bon vin, déjà habitué à la fréquentation de restaurants et curieux de ce qui est proposé sur le marché de la gastronomie, est susceptible de pouvoir présenter sa candidature (...) Une formation vient ensuite compléter les qualités déjà pressenties ». Cf. BONNET, Estelle. "Les critiques gastronomiques: quelques caractéristiques d'une activité experte", op. cit.

genética, que toma as disposições associadas ao chamado "bom-gosto" por um princípio de aplicação universal, como se só existisse uma relação possível com os bens de cultura, a saber, a relação burguesa, feita de requinte e desprendimento, na mesma medida alheia às dificuldades que aprisionam os "reles mortais". Isso se vê bem nas revistas de Arquitetura de interiores, que pressupõem o acesso irrestrito a todos os bens e impõem uma visão naturalista das necessidades de consumo legítimas[173]. Malgrado o tom "democrático" que se tenta infundir pelo uso de terminologias genéricas ("o acordar", "os homens"), não há dúvida quanto à dispersão social dos bens em questão:

Fonte: Revista Flashcasa, número 13, 2007.

[173] Cf. BOLTANSKI, Luc. « Taxinomies populaires, taxinomies savantes: les objets de consommation et leur classement ». Revue française de sociologie, XI, 1970.

homens de bom gosto

Além de conforto e praticidade, os homens descobriram que, em decoração, beleza também é fundamental. Veja três exemplos.

POR **CLAUDIA AVALLONE**

Foi-se o tempo em que casa de homem sozinho era um misto de acampamento e brechó, com colchão no chão, móveis trazidos das casas dos pais, uma tevê para assistir ao futebol e uma geladeira vazia. Fogão pra que, se o máximo que eles (os homens) se atreviam a fazer na cozinha era um sanduíche frio?

Hoje em dia, as coisas são bem diferentes. Depois da emancipação feminina, chegou a vez de os homens mudarem e se transformarem em verdadeiros "donos de casa..." E que casas! Projetadas por arquitetos e *designers*, as residências masculinas ainda priorizam o conforto e a praticidade, porém, sempre aliados à beleza das formas e à qualidade dos materiais.

Por isso, nos três apartamentos que se vê a seguir, há diversos móveis com *design* assinado, armários planejados para manter tudo em ordem, objetos decorativos de presença, antiguidades, obras-de-arte, tecidos diferentes, detalhes interessantes, iluminações caprichadas e, como não poderia deixar de ser, belas cozinhas para receber os amigos ao sabor de uma refeição preparada com capricho.

Fonte: Revista Flashcasa, n.13, 2007.

Mas mais do que nas revistas voltadas à decoração doméstica, são nas imagens publicitárias que uma vida livre de quaisquer constrangimentos aparece com toda força:

Fonte: Folha de São Paulo, 14 de abril de 2007, A20.

Fonte: Folha de São Paulo, 30 de junho de 2007, C11.

Informadas por um individualismo utopicamente otimista, tais encenações de estereótipos aprovados por todos (família heterossexual com filho, bela mulher, sonho da casa própria, etc.) correspondem, de forma bastante exata, à análise de imagens publicitárias empreendida por Goffman, para quem "les publicitaires ne créent pas les expressions ritualisées qu'ils emploient (...) ils ne font que conventionnaliser nos conventions, styliser ce qui l'est déjà (...)" [174].

A mesma atitude de universalização de formas bastante particulares de experimentação do mundo dá-se a ver nas "prescrições" emitidas pelo já comentado *Cultura & elegância*, que se esmera em receitar quais as obras literárias "essenciais", os livros "que não podem faltar" na estante dos que almejam adquirir "uma cultura minimamente razoável" e um "roteiro básico" para se conhecer o mundo do jazz. Apesar de seus autores mapearem "os melhores roteiros do chamado circuito Elisabeth Arden: New York, Paris, Londres e Roma" já que, segundo advertem, "para alguém tornar-se culto e elegante, é desejável que seja também uma pessoa cosmopolita e

[174] GOFFMAN, Erving. "La ritualisation de la féminité", op. cit., p.185.

viajada" [175], sabe-se que 63,9% das classes D/E, 44% da classe C e 22,6% das classes A/B da cidade de São Paulo sequer foram à praia entre abril de 2004 e abril de 2005 [176].

O mesmo se diga de um outro manual de "savoir-vivre" que, longe de afirmar apenas a importância das viagens ("Existe um tipo de cultura que só se adquire viajando"), aconselha ainda que se viaje fora do período de alta temporada, o que exige simultaneamente a liberação das urgências materiais e da submissão ao calendário regular de trabalho. Supremo exemplo de algo escrito por e para os grupos privilegiados – sabidamente menos sujeitos aos homogeneizantes ritmos coletivos -, o guia de "boas maneiras" que se pretende "alternativo", à mão de todos, orienta para a *busca deliberada da distância em relação aos outros*: "(...) viaje fora de estação, procure, sobretudo, lugares que não estejam na moda. A Índia, por exemplo, só no ano 2015. Miami, nunca. Não se misture com hordas de turistas, ninguém pode apreciar uma obra de arte cercado por trezentas pessoas" [177]. Para Luc Boltanski, a denúncia do turismo de massa:

> "(...) exprime o ressentimento dos membros das classes superiores constrangidos a mudar seu período de férias (eles são menos numerosos a tirarem férias durante o mês de agosto), o domínio do tempo permitindo muito freqüentemente compensar a perda relativa do controle do espaço e renovar seus lugares de vilegiatura para escapar ao contato poluente das outras classes à custa de viagens mais e mais longínquas e mais e mais custosas" [178].

A obsessão pela "raridade" que caracteriza o humor constantemente associado à ocupação de uma posição dominante é também presente em *Cultura & elegância*, que indica "pequenos e preciosos lugares, todos fora dos grandes circuitos turísticos

---

[175] MENDES CALDEIRA, Eleonora. "Apresentação", op. cit., p.13.

[176] Cf. BOTELHO, Isaura & FIORI, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit., p. 101. Mesmo num país como a França, lembra Anne-Catherine Wagner, onde o número de viagens ao estrangeiro é cada vez maior, « les vacances restent néanmoins inégalement accessibles aux différentes classes sociales. La part des ouvriers ne partant jamais reste stable, autour de 48%, et les voyages lointains sont encore plus sélectifs socialement que les vacances en France ». Cf. WAGNER, Anne-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation*. Paris, La Découverte, 2007, p. 86. Bertrand Réau também mostrou o quanto as diferentes modalidades de férias permanecem dependentes dos perfis sociais das famílias francesas. Cf. RÉAU, Bertrand. « Évasions temporaires : socialisations et relâchements des contrôles dans les villages de vacances familiaux ». Espaces et sociétés, 120-121, n. 1-2, 2005, p. 123-139.

[177] LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*, op. cit., p. 127.

[178] BOLTANSKI, Luc. « L'encombrement et la maîtrise des 'biens sans maître' ». Actes de la recherche en sciences sociales, n. 7, 1976, p. 107, tradução minha.

mundiais" [179]. O enaltecimento dos circuitos "raros", freqüentados por poucos – que não violam, assim, o princípio da homogeneidade social – é encenado ainda no material de imprensa. Em matéria dedicada à exposição de "um certo *script* para aproveitar o melhor que o mar tem a oferecer", a *Revista da Folha* lança os critérios que devem presidir a escolha de uma praia: "é fundamental que ela seja limpa, *de preferência longe da muvuca*"[180].

Eis algumas evidências de como as várias dicas do "bem viver" que se pretendem universalmente válidas, não determinadas por princípios objetivos, são, na verdade, a realidade de alguns poucos e o sonho que se tenta infundir a muitos, por mais "didáticos" e voltados a todos que manuais como esses possam parecer. Expressão distintiva de uma posição privilegiada, essa "estilização da vida" de que falava Weber é, inevitavelmente, uma reivindicação de superioridade em relação aos que permanecem dominados pelas urgências ordinárias.

A legitimação de um estilo de vida feito de desprendimento e de viagens ao exterior, em que estão ausentes quaisquer preocupações por assim dizer "triviais" é o que figura num outro guia de "boas maneiras":

"Se você convidou alguém para o restaurante, jamais, mas jamais mesmo, faça comentário algum sobre o preço de um prato. Nem para dizer que é baratíssimo, menos ainda para dizer que é caro. Se quer ser mesmo muito elegante, vá logo dizendo: 'Não quer uma lagosta? '. É um risco, claro, o outro pode aceitar. Mas, se for tão elegante quanto você, poderá responder: 'Olha, não vou querer porque só como lagosta no Palm, em Nova York'. *Chapeau* para os dois" [181].

Junto de um ethos de desprendimento, a "certeza de si" é outra marca distintiva dos "verdadeiramente elegantes", dos que estão tão inteiramente convencidos de sua legitimidade social e que, assim, dispensam as infusões contínuas de admiração de que dependem os ainda inseguros socialmente:

"Atenção: uma pessoa realmente elegante nunca se irrita se a mesa que lhe deram no restaurante não é a mais bem situada. (Claro, o lugar onde ela estiver sentada passa a ser automaticamente o melhor.) Também não exige tratamento especial do *maître*. E trata tão bem os garçons quanto o gerente do banco" [182].

---

[179] MENDES CALDEIRA, Eleonora. "Apresentação", op. cit., p. 13.

[180] Cf. BRISSAC, Chantal. "Doce balanço: transforme algumas horas à beira-mar em uma sessão de bem-estar". *Revista da Folha*, 7 de janeiro de 2007, p. 4. Grifos meus.

[181] LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*, op. cit., 67.

[182] Idem, ibidem, p. 111.

Desse modo, os menos autoconfiantes são, a um só tempo, os mais obcecados pela busca de status "Nada revela mais a insegurança social de uma pessoa do que ouvi-la dizer que 'estava na primeira classe'. Morro de pena e fico com um pouquinho de vergonha cada vez que ouço" [183].

Nesses círculos que almejam transformar uma maneira arbitrária de viver na única forma legítima de existir, não ter dinheiro é sempre e invariavelmente uma experiência de extrema vergonha social e, supremo exemplo de imposição tirânica de uma "arte de viver", algo a ser mascarado a todo custo:

"Se o grupo combinar de jantar num restaurante e você estiver absolutamente duro, coma um cachorro-quente antes de sair de casa e, à mesa, peça um chá, alegando uma terrível gastrite ou úlcera; apesar de banal, também vale dieta, sobretudo aquela da Lua, que constrange a vítima à ingestão de líquidos uma vez por semana" [184].

Para além de um conformismo extremo, que desacredita de antemão toda e qualquer outra maneira de conceber e experimentar a vida, o que mais impressiona nesse difundido manual de etiqueta é um senso de realidade tão excessivo que beira o oportunismo mais elementar. Louva-se ou reprova-se uma mesma atitude tendo por critério exclusivo a posição social dos envolvidos:

"Só pode achar e dizer o que pensa quem é rico ou poderoso; se não for o seu caso, é bom manter a boca fechada e dar sempre razão aos ricos e poderosos (...) todas as infidelidades são permitidas, desde que com pessoas que pertençam ao mesmo grupo. Um homem pode ter um caso com a mulher de alguém da mesma roda (e vice-versa); mas ai de quem resolver namorar alguém de outro grupo social, sobretudo se esse grupo for de um patamar mais baixo, digamos assim: esses nunca serão perdoados" [185].

A idéia de que um mesmo comportamento reveste-se de um sentido completamente diferente em função do pertencimento social dos envolvidos aparece ainda de forma flagrante no capítulo "Apresentando pessoas", no qual a autora adverte sobre o perigo de se interessar por alguém apenas em função de seus atributos físicos:

---

[183] Idem, ibidem, p. 127.

[184] Idem, ibidem, p. 68. Ainda que de maneira menos incisiva, Claudia Matarazzo também acaba por legitimar um estilo de vida alheio às urgências materiais quando discorre sobre como um casal pode (ou deve) se presentear: "presentear com champagne é sempre elegante, mas *atenção para que seja de uma marca reconhecidamente superior*". Cf. MATARAZZO, Claudia. *Amante elegante: um guia de etiqueta a dois.* São Paulo, Melhoramentos, 2001, p. 68. Grifos meus.

[185] LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza,* op. cit., p. 27 e 28.

"Quando não se sabe direito quem é quem, corre-se o risco de achar mais charmoso o marinheiro do que o dono da lancha" [186].

Por vezes o imperativo de sinalização da posição social privilegiada é tão flagrante que dispensaria o comentário do sociólogo. Emblemática dessa atitude de assegurar um lugar (e manter uma distância) é a matéria veiculada pela revista ideal-típica do gosto burguês *Veja São Paulo* intitulada "Suave é a vida nos Jardins", na qual a proprietária da *Galeria São Paulo* declara: "Quem anda por aqui tem o perfil do poder: é rico, elegante, culto, belo e sofisticado". Sob pretexto de revelar os sinais de "intimidade com os usos e costumes nativos", as advertências são abundantes:

"Para um conhecedor do código Jardins, *é uma heresia consultar cardápios em certos restaurantes*. O *In Cittá*, por exemplo, é um lugar para se ordenar um prato de nhoque. No *David's*, um almoço não começa adequadamente sem a mortadela com limão no aperitivo. No *L'Arnaque*, é tempo de pato com manga. Para beber, em qualquer lugar dos Jardins, estará dentro das regras quem pedir vinho branco servido em copos, mesmo que seja nacional. Outro cuidado indispensável é ter sempre um sorriso pronto – em nenhuma outra parte de São Paulo há tal profusão de fisionomias risonhas. 'Os Jardins são uma festa', diz a atriz Bruna Lombardi, que nasceu no Rio de Janeiro mas passou boa parte de sua vida na Alameda Jaú. 'É um lugar de pessoas alegres, inteligentes, que têm estilo e tentam fazer da vida uma arte'" [187] .

Mas muito embora o artigo se esmere em difundir "o código de comportamento em vigor no mais requintado paraíso do bem viver de São Paulo" - e até arrisque dizer que "as fronteiras desse universo singular estão permanentemente abertas a brasileiros de outros bairros e outras cidades"-, o senso de realidade não tarda a se mostrar implacável já que, no final das contas, "fazer parte da população fixa é notavelmente mais complicado e difícil", entre outros motivos porque, como sugere outra moradora,

[186] Idem, ibidem, p. 79. Mesmo que de forma menos peremptória, Glória Kalil também localiza na hierarquia social o princípio orientador das práticas da "etiqueta do beijo", como não nega a afirmação de que "É sempre o superior hierárquico quem dá o sinal: se vocês forem apresentados para o Presidente da República, por exemplo, é ele quem vai sinalizar se beija ou não, entenderam?". Cf. KALIL, Gloria. *Alô, chics!* São Paulo, Ediouro, 2007, p. 111. Um colecionador de arte e médico proprietário de clínica residente no Jardim América também não abriu mão, ao longo de nossa entrevista, de se mostrar respeitoso diante das pessoas que considera seus superiores: "Gravata é respeito, eu acho. Quando eu vejo uma pessoa muito importante eu ponho gravata. Um artista... Eu não tenho dúvida, eu uso gravata".

[187] Cf. NUNES, Augusto. "Suave é a vida nos Jardins: no quadrilátero dourado da cidade, pessoas ricas, bonitas e elegantes lançam moda e fazem do dia-a-dia uma grande festa". Edição comemorativa de 20 anos da *Veja São Paulo* publicada em abril de 2005 e disponibilizada no site da revista no endereço: http://vejasaopaulo.abril.com.br/especiais/20anos_jardins1.shtml, grifos meus (consultado em maio de 2007).

"'é preciso ao menos conhecer as pessoas' – porque os antigos freqüentadores efetivamente se conhecem" [188].

Outra atitude invariavelmente legitimada nesses guias da vida mundana é o controle das satisfações corporais, especialmente quando o assunto é a alimentação:

"Pessoas são convidadas não para ser alimentadas, mas para contribuírem de alguma maneira para o sucesso da reunião. Com seu charme, sua beleza, sua inteligência, sua capacidade de ser divertidas. Faça sua parte com brilho (...) Menos costuma ser mais em festas e jantares. Comer de menos. Beber de menos. Falar de menos. Se exibir de menos. Permanecer menos" [189].

Ecoando as observações de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, segundo os quais "Un dominant se doit d'adopter en toutes circonstances l'allure digne que permet cette maîtrise du corps"[190], o manual preceitua ainda: "Mesmo que você adore comer, não se atire no prato como se estivesse saindo de uma greve de fome. Se você for mesmo um Pantagruel, coma uma coisinha antes de sair de casa" [191]. Com efeito, ao longo de todo o livro, a associação entre o glutão e o emergente social é patente:

"Durante o vôo, coma pouco. Beba pouco. Assim você diminui os efeitos do *jet lag*. Não se comporte tipo 'quero tudo a que tenho direito'. Não se precipite no champagne, no caviar. Melhor viajar de executiva e, com a diferença do preço da passagem, comprar um quilo de caviar para comer no hotel do que dar esses vexames a bordo" [192].

O autocontrole figura como competência de classe alta também nas representações da imprensa cotidiana a respeito das distintas participações dos diferentes públicos em espetáculos esportivos. A platéia popular é retratada como aquela que se entrega aos "berros" e aos "assovios", ao passo que o público reputado mais "distinto" é também mais distante e contido. Em matéria sobre o caráter atípico da

[188] Idem, ibidem. É interessante notar como o conservadorismo político coincide com uma liberalidade moral nesse bairro em que "se namora muito". Nas palavras de uma de suas antigas moradoras: "Como boa elite que se preza, o pessoal aqui não é moralista". Idem, ibidem. Quando discute o processo de secularização do amor iniciado no século XI, Werner Sombart fala em "triunfo do amor ilícito" até o século XVIII, argumentando que certa liberalidade moral sempre diz respeito aos estratos sociais mais elevados das sociedades européias investigadas. Segundo o autor, relações sexuais pré-matrimoniais ou extra-matrimoniais suplementaram continuamente as relações matrimoniais em todos os círculos que desejassem estar no "estilo". Cf. SOMBART, Werner. *Luxury and Capitalism.* Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1967 [1913].

[189] Cf. LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*, op. cit., páginas 33 e 34.

[190] Cf. PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie,* op. cit., p. 91.

[191] Cf. LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*, op. cit., p. 109.

[192] Idem, ibidem, p. 129.

torcida do Brasil na Copa do Mundo de 2006, ocorrida na Alemanha, a *Folha de São Paulo* apurou que a arquibancada brasileira estava "menos barulhenta do que de costume" porque, como opinou um consultor, "O Brasil que está na arquibancada é o que pode pagar para vir assistir à Copa aqui. É uma classe média-alta, abastada. Esse povo não está acostumado a torcer. É muito educadinho"[193].

O tênis já não é o mesmo

Quando comecei a me interessar pelo esporte, os caras jogavam tênis com calças brancas. As mulheres, me lembro perfeitamente de Maria Esther Bueno, jogavam de saiote elegante. Era tudo de branco, tudo muito chique. Aí apareceu um tal de André Agassi que avacalhou com tudo de vez, cabelos longos – depois ele ficou careca – bermudas de jeans, camisas coloridas. Tentaram impedir, mas a barreira já estava ultrapassada. Mas continuei acreditando que estando um jogador de cada lado da quadra não haveria como fazer a chamada "guerra dos nervos". Afinal era um esporte de elite. Era... acabo de ler que a sérvia Ana Ivanovic – aliás lindíssima – tirou a concentração de sua adversária a eslovaca Daniela Hantuchova, na semifinal do Aberto da Austrália, fazendo barulhos estranhos. Hantuchova se queixou com o juiz, que não deu a menor bola. Ivanovic depois de vencer, de virada, explicou. – Não, eu estava apenas posicionando meus pés para rebater os saques. Agora, a sola do tênis em contato com o chão dessas quadras realmente faz barulho. Mas isso acontece muito nos jogos dos homens e nunca vi ninguém reclamar. Pronto, lá se foram as minhas ilusões.

Michel Laurence, fundador da revista *Placar*[194].

A defesa de contenção permanente e a negação do que trazemos de "animalesco" também aparece no manual de etiqueta contemporânea escrito por Glória Kalil, para quem o controle dos impulsos é o que distingue os "seres civilizados" das "feras selvagens":

"Estou voltando de férias passadas num *resort*, tipo paraíso tropical, num dos estados do Nordeste. Aquele sonho: praia deserta, coqueirais, mar quentinho e nada, mas nada mesmo de preocupações, a não ser passar protetor solar, não esquecer de levar o livro para a praia e não perder o horário das refeições, todas ótimas. *Pois foi numa dessas férias que arrepiei com o que vi: pessoas avançando no bufê e voltando para a mesa com pratos gigantescos como se estivessem saboreando a última refeição de suas vidas. Era feio de olhar: verdadeiros esganados colocando pirâmides de comida na frente e atacando os alimentos com uma ansiedade de dar inveja a uma onça magra perdida no deserto. Um show de voracidade que se repetia a cada refeição. O fato de ter diante de si muitas opções – sem ter de pagar por prato pedido ou pelo peso do que se consome – não justifica esse destempero grosseiro e excessivo. Controlar os impulsos e apetites é o que distingue seres civilizados de feras selvagens"* [195].

[193] Cf. SAMPAIO, Paulo. "Com alemães demais, Brasil leva surra na numerada". *Folha de São Paulo,* 28 de junho de 2006, p. D6.

[194] Cf. http://colunistas.ig.com.br/jogoquaseperfeito/2008/01/24/o-tenis-ja-nao-e-o-mesmo/ (consultado em abril de 2009).

[195] KALIL, Glória. *Alô, chics!*, op. cit., p. 150.

A negação do gozo "natural" implica, como é claro, a afirmação da superioridade daqueles que se satisfazem com os prazeres sublimados, desinteressados, refinados e gratuitos. Para falar como Elias e Scotson:

"Aí temos, de fato, um traço geral das 'velhas famílias': elas se diferenciam das outras por certas características comportamentais distintivas, inculcadas desde a infância em cada um de seus membros, de acordo com a tradição distintiva do grupo. Os círculos das famílias antigas costumam ter um código de conduta que exige, em situações específicas ou na totalidade delas, *um grau de autocontrole maior que o habitual entre grupos interdependentes de status inferior*. Eles podem ou não ser 'civilizados', no sentido europeu contemporâneo da palavra, mas, comparados àqueles em relação aos quais reivindicam com sucesso uma superioridade de status, em geral são mais 'civilizados', no sentido factual da palavra: sob alguns ou todos os aspectos, *seu código exige um nível mais elevado de autodomínio; em situações específicas ou em todas, prescreve um comportamento mais firmemente regulado, associado a uma previdência maior, maior autodomínio e costumes mais refinados*, e provido de tabus mais elaborados (...) Os princípios relativamente mais rigorosos são apenas uma das formas de autocontrole socialmente induzido, dentre muitas outras. As boas maneiras são outra. Todos eles aumentam as chances de que um grupo superior se afirme e mantenha seu poder e superioridade (...) Num ambiente relativamente estável, *o código de conduta mais sofisticado e o maior grau de autocontrole costumam associar-se a um grau mais elevado de disciplina, circunspeção, previdência e coesão grupal.* Isso oferece recompensas sob a forma de status e poder, para contrabalançar a frustração das limitações impostas e da relativa perda de espontaneidade. Os tabus compartilhados e o *comedimento* característico reforçam os laços que unem a rede de 'melhores famílias'. A adesão ao código comum funciona, para seus membros, como uma insígnia social. Reforça o sentimento de inserção grupal conjunta em relação aos *'inferiores', que tendem a exibir menos controle nas situações em que os 'superiores' o exigem.* As pessoas 'inferiores' tendem a romper tabus que as 'superiores' são treinadas a respeitar desde a infância. *O desrespeito a esses tabus, portanto, é um sinal de inferioridade social. Com freqüência, fere profundamente o sentimento de bom gosto, decência e moral das pessoas 'superiores'* – em suma, seu sentimento dos valores afetivamente arraigados. Desperta nos grupos 'superiores', conforme as circunstâncias, raiva, hostilidade, repulsa ou desdém; *enquanto a adesão a um código comum facilita a comunicação, infringi-lo cria barreiras*" [196].

Se, como visto, o apetite voraz é atributo dos setores precariamente situados na hierarquia social - e aprisionados ao prazer "fácil" das satisfações corporais -, a alimentação parcimoniosa é, ao contrário, privativa dos que, liberados das urgências do mundo, são também mais livres das pulsões primárias e, portanto, mais capazes de se regalarem com as práticas alimentares "cerebrinas" que hoje se impõem como dominantes. Isso é exemplarmente documentado na matéria de capa que a *Revista da Folha* dedicou ao chamado "Jantar do Século". Esse encontro que reuniu dezessete dos mais badalados *chefs* espanhóis no hotel *Grand Hyatt*, em São Paulo, atendeu ao público disposto a pegar um mínimo de CR$5.000 pelo convite, mas, também, pronto a

[196] ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*, op. cit., páginas 170 e 171. Grifos meus. Bourdieu também escreveu que "a recusa da natureza ou, melhor ainda, do abandono à natureza que é a marca dos dominantes – que sabem dominar-se – encontra-se na origem da atitude estética". Cf. BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. 42.

encontrar "*pequenos bocados* da vanguarda espanhola", tais como o *carpaccio* de melancia assada a 70ºC por nove horas:

"Em certa medida, é como se juntassem Picasso, Goya e Miró para pintar cada um o seu quadro para a mesma casa. O que se fará no Hyatt, porém, será uma arte efêmera, para ser apreciada apenas nas cinco horas do jantar, ao longo de cada garfada. Serão pequenos bocados da vanguarda espanhola bem ali ao alcance dos 80 convidados. E bota *pequeno bocado* nisso. *A cozinha contemporânea não é amiga da gula*. 'Não é uma comida do dia-a-dia, *mas que nos faz pensar*', diz Ricardo Castilho, diretor editorial da 'Prazeres da Mesa', tentando explicar a desconstrução à la Dalí que Adrià e sua turma fazem" [197].

Também na opinião de Nina Horta, chef de cozinha, proprietária de bufê e crítica gastronômica, "a herança que essa 'nouvelle-nouvelle' está reafirmando são os pratos pequenos. Quem agüenta, atualmente, comer um prato de estivador, até as bordas?" [198].

Mas o "quanto" comer está longe de ser o único alvo dos legisladores do "gastronomicamente correto", que estão a alardear também o "como" se deve alimentar, um e outro imprescindíveis à negação dos desejos de ordem instintiva. Se Rogério Fasano, dono de uma das redes de restaurante mais requintadas do país, deplora o fato de que "o brasileiro tinha aquela coisa do pratão único, que não rola na alta gastronomia", admitindo que "já recusei pedido de costeleta à milanesa com espaguete de frutos do mar junto no mesmo prato" [199], Danuza Leão sentencia: "Seja superexigente à mesa. Isso é padrão de civilização e refinamento" [200].

Inserida na mesma dinâmica que está a separar os estabelecidos dos emergentes em matéria de "faro mundano", a atitude distintiva em relação aos que começaram a

[197] BASTOS, Giuliana. "Banquete para poucos". *Revista da Folha*, 19 de outubro de 2008, p. 11. Grifos meus.

[198] Cf. HORTA, Nina. "A carregadora de livros". *Folha de São Paulo*, 20 de novembro de 2008, p. E5.

[199] BERGAMASCO, Daniel. Entrevista de Rogério Fasano em "Jardim Europa deveria ser demolido e virar parque". *Folha de São Paulo*, 8 de julho de 2007, p. C6.

[200] Cf. LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*, op. cit., p. 154. O partido da "estilização da vida", que leva a deslocar a ênfase da "matéria" na direção da "maneira" (de servir, de apresentar e fruir objetos ordinários) aparece de forma exemplar em "Nem precisa beber", reportagem voltada à exposição de bebidas que "fazem parte do repertório de todo bom bebedor". Depois de apresentar a garrafa de porcelana inglesa do uísque *Royal Salute 21*, o *Rosé Villa Francioni*, conservado em garrafa francesa, rolha de cortiça portuguesa e cápsulas de estanho espanholas ou a *Vodca Wyborowa Single Estate*, cujo frasco foi criado por Frank Gehry, a *Revista da Folha* sugere que bebidas com "uma silhueta esplendorosa, um *blend* único e um perfume indefectível" merecem um destino à altura: sessões de degustação ou um lugar (privilegiado) na estante já que "*conteúdo à parte*, fazem suspirar". Cf. PIEMONTE, Marianne & XAVIER, Karime. "Nem precisa beber". *Revista da Folha*, 22 de abril de 2007, p. 9. Grifos meus.

viajar de forma tardia é também desbragadamente recomendada nessa espécie de guia "descolado" de boas maneiras que é o livro *Na sala com Danuza*:

"Questão malas. Aquelas bem caras, de grife conhecida, são maravilhosas, porque você viaja com tranqüilidade: o zíper não quebra, a alça não cai. Paga-se uma fortuna pela qualidade, não pelas letrinhas da marca. Um detalhe: *que sejam muito velhas, maltratadas pelo tempo. Malas tinindo de novas são um sinal inequívoco de peruagem e nouveau richisme.* Outra coisa: se sua mala, companheira de tantas aventuras, está às quedas, *nada mais chique do que uma boa recauchutagem. Vai custar quase o preço de uma nova, mas não hesite, é o que deve ser feito"*[201].

Ainda segundo esse que foi um dos manuais de etiqueta mais vendidos no país e, a um só tempo, um inimigo declarado dos novos-ricos, a resposta à pergunta sobre a proveniência de louças e pratarias durante um jantar seria, sem hesitação, "'Eram da minha mãe'. Fica chiquérrimo, dá um toque de nobreza (mesmo que seja mentira)" [202]. A duração do pertencimento aos altos estratos é, nesses casos, um bem inestimável: há que se mostrar que não apenas o indivíduo em questão é digno de honrarias, mas, sobretudo, que sua família é uma garantia de qualidade. Em "Experts em receber", a revista Veja São Paulo também se empenhou em ostentar o *pedigree* social "das maiores anfitriãs da cidade": "Filhas de famílias tradicionais da cidade, essas experts em receber começaram a aprender o bê-a-bá da etiqueta no berço. Reforçaram a educação em colégios renomados. E casaram com homens poderosos e bem relacionados" [203].

Mesmo que de forma velada, uma iniciativa de diferenciação baseada em princípios de antigüidade – que está a operar uma distinção entre os grupos emergentes e os setores há muito enraizados no mundo da sofisticação cultural - se depreende da proposta de *Cultura e elegância*. Apresentado por uma figura de proa das antigas elites paulistanas, o manual de "savoir-vivre" adverte que "elegância" não é simplesmente

[201] LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza*, op. cit., p. 131. Grifos meus.

[202] Idem, ibidem, p.33. Como se ainda fosse preciso demonstrar que os veredictos da vida mundana não cessam de zombar dos reputados "novos-ricos", menciono o comentário de Gildas D'Ollone, responsável pelos negócios do Chateau Pichon Longueville Comtesse de Lalande, no contexto de uma entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo* quando de sua visita ao Brasil. Diante da pergunta: "Os consumidores de vinhos top realmente entendem de vinho?", D'Ollone respondeu: "No Brasil, o mercado está dividido. Existem *os conhecedores, que são de famílias mais antigas*, e *os novos milionários, amadores, que compram mais para mostrar*. Eles são como vitrines porque, de fato, consomem o vinho e o mostram aos amigos". Cf. S/A. "Nunca pagaria R$7.500 num vinho". *Folha de São Paulo*, 11 de setembro de 2008, p. E2. Grifos meus.

[203] ALONSO, Maria Rita. "Experts em receber". *Veja São Paulo* da semana de 25 de junho de 2003, disponível em http://veja.abril.com.br/vejasp/250603/sociedade.html (consultado em março de 2007).

sinônimo de “boas maneiras” e “saber vestir-se”, uma vez que teria estreitos vínculos com a posse de cultura:

« Ou seja, já no título da obra há uma informação precisa: não basta conhecer regras de boas maneiras ou saber harmonizar cores e formas para alguém ser elegante (...) A proposta central do livro, portanto, é a de que *uma pessoa elegante interessa-se necessariamente por cultura. Um homem ou uma mulher elegante quer – e precisa – saber o que se passa no mundo das artes*, da literatura, da música, dos espetáculos, das viagens, da gastronomia »[204].

Contrariamente aos que se apegam exclusivamente às dimensões “corporais” da elegância e que, assim, munem-se tão-somente dos símbolos imediatamente visíveis e mais facilmente alcançáveis da distinção social, a autora situa o refinamento para além da posse dos signos exteriores de estima social, isto é, no terreno do “cultivo de si”, da cultura, “a Cultura tida, então, como alimento do espírito” [205]. Dito de forma direta, não basta nutrir apenas o “corpo” - que nos remete inevitavelmente ao terreno do instintivo e, portanto, ao nosso lado “menos humano” e mais animal - se o intuito é adentrar o círculo dos elegantes, distintos por guarnecerem especialmente o “espírito”. A própria epígrafe do livro, de autoria de Paul Valéry, está a denunciar as maneiras ostensivas atribuídas aos “novos ricos” entregues às extravagâncias: “Elegância é a *arte de não se fazer notar*, aliada ao cuidado sutil de se deixar distinguir” [206].

Outro não é o tom de uma crônica escrita por outra mulher de família antiga - e autoridade em matéria de “bom gosto” em terras cariocas - que, numa tentativa evidente de se diferenciar das “novas ricas”, fez como se as questões de estilo de vida fossem algo da ordem do imponderável e do incognoscível ao declarar que “Ser bem-vestida é um departamento, ser elegante é outro”. Tendo em vista dizer que a posse de dinheiro não basta para se dizer elegante, ela precisou ainda “nunca ter sido consumista”. Vê-se afirmar aqui também, como é de praxe nas convenções mundanas, o imperativo da singularidade pessoal: “Tony e eu viajávamos bastante, o que me permitiu conhecer bem a alta-costura e *firmar meu estilo – o que sempre achei importante*” [207].

---

[204] MENDES CALDEIRA, Eleonora. “Apresentação”. In *Cultura e elegância*, op. cit., p. 11. Grifos meus.

[205] Idem, ibidem, p. 11.

[206] PINSKY, Jaime (org.). *Cultura e elegância*, op.cit., p. 5. Grifos meus.

[207] Cf. MAYRINK VEIGA, Carmem. “Uma vida com tudo lindo: lenda viva da alta moda conta histórias de glamour e elegância”, op. cit., p. 42.

O sentimento de amor-próprio com a memória dos antepassados e a soberania dos que dispõem dos princípios da elegância como um "bem de família" foram exaustivamente afirmados na matéria de capa da *Revista da Folha* intitulada *"Herança vintage: elegantes desde o berço, paulistanas como Vanda Jacintho, 28, guardam no closet peças que contam histórias"*, como já o atestam os próprios títulos das reportagens: "Três gerações de elegância", "Figurino da própria história", "Um guarda-roupa que é um acervo", "Brechó chique em casa" e "As preciosidades dos guarda-roupas de mulheres de famílias tradicionais que desfilam uma elegância do tempo da vovó" [208]. Quatro dos perfis apresentados são suficientes para ilustrar o problema aqui em pauta por demonstrarem, de forma incontestável, o quanto os mercados mundanos outorgam um valor simbólico infinitamente superior aos "requintados de nascença".

Vanda Jacintho mora nos Jardins, dorme numa imensa cama de jacarandá que pertenceu ao avô e dispõe de um closet cuja maioria das peças era da avó: nove bolsas *Chanel* (das antigas coleções), sete vestidos do estilista Markito, peças das grifes *Hermès*, *Ferragamo*, *Puccis*, *Elle et lui* e biquínis da *Beach Couture*, que "também carrega o perfume de outras gerações" e que, mais comportados, "são biquínis para moças finas. Fazem sucesso em lugares como Dubai, Grécia, Irlanda e Sul da França". Amadora de Ella Fitzgerald e Billie Holliday, "Vandinha", 28 anos, é retratada como alguém que se formou em marketing de moda pela London College of Fashion, mas que, malgrado tal aprendizado formal das artes indumentárias, foi mesmo é com a avó que aprendeu que "estilo é como castelos, não se compra, se herda".

Christiana Neves da Rocha acompanhava "desde menina" a avó Lia nas visitas ao ateliê de Guilherme Guimarães, estilista que há mais de 30 anos confecciona os vestidos de noiva da família. É descrita como alguém que tem tanto apreço pelas criações do estilista quanto pelas obras de arte expostas nas paredes de sua casa no Jardim Paulistano, pois, como representante de "um tradicional antiquário" carioca em São Paulo, ela sabe bem que "peças sem história são como longos sem dobras: valem pouco". Exclusividade pessoal, irredutibilidade do amor ao dinheiro (que só o dinheiro proporciona), supremo requinte, em suma, todos os imperativos das ocasiões mundanas estão aí presentes: "Não venderia por dinheiro nenhum do mundo a bolsa *Ferragamo* que herdei de minha mãe (...) além de chiquérrima, nunca vi ninguém com uma igual". Outra peça que recebe um tratamento "nobre" é o maiô *Pucci* comprado na lua-de-mel em Capri, que Christiana, 51, não usa mais nos passeios de barco – tal como fazia na Europa nos anos 1970 -, mas sim na companhia de uma saia em almoços sob a pérgula do Copacabana Palace, no Rio.

Marina Rivetti, 23, trabalha numa das mais tradicionais casas de leilão do mundo, a Sotheby. Tendo tomado gosto pelas obras de arte "ao visitar museus do mundo todo, sempre estimulada – e acompanhada – pela mãe", com quem divide também o interesse pelo acervo da avó, Lulla Gancia, ela sabe "que um lenço pode fazer toda a diferença. É só saber usar". Um legítimo lenço de seda *Pucci*, "displicentemente amarrado a uma bolsa Kelly", da *Hermès*, da coleção que homenageou a princesa de Mônaco, um longo estampado de *Yves Saint Laurent*, um vestido *Azarro* que sua mãe usou pela primeira vez em 1977, numa festa da princesa da Jordânia, tais são algumas das peças que Marina tem hoje à disposição, com muito orgulho: "Vintage para mim não é moda, é tradição".

[208] NENO, Silviane. "Herança vintage: elegantes desde o berço, paulistanas como Vanda Jacintho, 28, guardam no closet peças que contam histórias". *Revista da Folha*, 18 de maio de 2008, p.15-21.

"Os armários de Paola de Bourbon de Orleans e Bragança narram mais de 200 anos da história do Brasil". Tendo crescido pelos corredores "do imenso casarão imperial em Petrópolis" Paola, 24, mantém "em seu amplo quarto de dormir" em Higienópolis, "lembranças da família real brasileira". Estudante de design industrial na Faap, a tataraneta da princesa Isabel "via a mãe se vestir de modo diferente das mães das amigas" e vive "cercada por objetos que compõem a herança da monarquia". Um maiô da avó Esperança, tia de Juan Carlos, da Espanha, com o qual "arrancou suspiros" em Ibiza, um cinto dourado "da primeira coleção" de Valentino, usado no Carnaval do Rio, eis algumas das peças à mão desta "herdeira direta" que, fazendo às vezes de socióloga da reprodução, declara: "Olhando para trás, é possível enxergar o futuro".

Na verdade, o capital cultural incorporado das gerações anteriores é invariavelmente a tônica não apenas quando se trata de pensar o gosto em seus aspectos mais "mundanos", como também em suas vertentes propriamente estéticas, o que sugere certa convergência entre os requisitos que concedem o "direito de entrada" no universo da sofisticação artística e as exigências de estilização da vida que facultam o acesso ao *grand monde.* Para falar como Bourdieu, "o certo é que existe uma afinidade imediata entre as disposições que se adquirem pela familiarização com a cultura legítima e o mercado 'mundano'" [209]. Exemplar, nesse sentido, é o manual de savoir-vivre *Cultura e elegância*, apresentado pela senhora da sociedade de família quatrocentona Eleonora Mendes Caldeira e composto por textos de profissionais "autorizados" da cultura como o professor titular de História da UNICAMP Jaime Pinsky, o maestro Júlio Medaglia, o crítico cultural *d'O Estado de São Paulo* Daniel Piza, o ator, diretor, crítico de teatro, escritor, ex-professor da EAD e da ECA-USP Alberto Guzik, o crítico de cinema da *Rádio Cultura* Luciano Ramos, entre outros [210].

Emblemática dessa afinidade entre refinamento cultural e "radar mundano" é também a reportagem de capa da *Veja São Paulo* dedicada à Glória Kalil, apresentada como jornalista especializada em moda e em etiqueta moderna que "ensina as pessoas a ser adequadas". Na composição do perfil dessa "mulher de gostos refinados", o fato de morar num apartamento de 340 metros quadrados, nos Jardins, aparece ao lado do gosto por artes plásticas e música clássica:

[209] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 85.

[210] Isso não significa que os vários campos culturais a que pertencem esses críticos dispõem dos mesmos graus de autonomia e constroem suas fronteiras a partir dos mesmos critérios seletivos. A esse respeito, a comparação entre os princípios que regem o campo gastronômico e os que organizam o mundo da crítica artística empreendida por Estelle Bonnet é bastante elucidativa. Cf. BONNET, Estelle. « Les critiques gastronomiques: quelques caractéristiques d'une activité experte », op. cit.

"É uma mulher de gostos refinados. Nas paredes do apartamento de 340 metros quadrados onde mora, nos Jardins, há obras de arte de artistas como Arthur Luiz Piza, Siron Franco e Daniel Senise. Na estante, livros de arte e CDs de música clássica. É constantemente vista em vernissages e concertos, como os da Sala São Paulo, da qual é assinante. Fala francês, inglês, italiano e alemão, *idioma que aprendeu em casa, com a governante germânica"* [211].

Não é raro que o "berço de ouro" seja um pressuposto em várias prescrições em matéria de "cultivo de si" que, de modo contraditório, se dirigem àqueles que pretendem "correr atrás do atraso". Atribuindo-se um objetivo pedagógico e democrático, tais regras que se dizem voltadas à "formação de pessoas cultas" incorrem, tanto quanto os mais frívolos preceitos vistos acima, na universalização de comportamentos que são, em verdade, gerados em condições de existência bastante privilegiadas. Assim é que Moacyr Scliar, médico, escritor e membro da *Academia Brasileira de Letras*, naturaliza relações socialmente adquiridas de contato com os livros ao afirmar, primeiramente, que ler "é algo embutido em nosso genoma" e, em seguida, que "*todo pai ou toda mãe sabe* que há uma maneira irresistível de convencer o filho ou a filha a fazê-lo: contando ou lendo uma história"[212].

Se, como visto, a sagacidade mundana infama aquele que viaja "com malas novas" e incensa os que afirmam a proveniência familiar da prataria, a perspicácia estética censura, da mesma forma, os recém admitidos no mundo da fruição artística. Pelo menos é isso que se depreende do discurso do maestro Júlio Medaglia que, a propósito do comportamento que se espera da audiência das salas de concerto, emitiu as

[211] CAETANO, Nana. "Glória da moda". *Veja São Paulo* da semana de 26 de abril de 2006, disponível em http://veja.abril.com.br/vejasp/260406/perfil.html (consultado em dezembro de 2008). Ao analisar as condições de trabalho e os modelos de êxito em que estão metidos artistas e críticos, José Carlos Durand também apontou para essa relação simbiótica entre autoridade cultural e prestígio mundano: "Arte é coisa 'de sociedade', e um meio possível de impulsionar a carreira, sobretudo quando a beleza, o charme e a origem de família ajudam, é estar presente na coluna 'social'. Para tanto é conveniente de um lado tornar-se um artista mundano, ou seja, fazer parte daqueles círculos de artistas donde se pode, sem risco de gafe ou chatice, recrutar alguém para balancear uma festa de homens de negócio ou de políticos. O artista, uma vez incluído nessas listas, vê-se sistematicamente convidado a eventos noturnos, pois, como pessoa, tornou-se 'notícia', o que de si promove a obra feita e por fazer, trazendo uma vantagem a mais em ser adquirido e mencionado. Seu nome já é conhecido de repórteres e redatores e erra-se menos ao escrevê-lo; seu rosto já é mais conhecido e portanto mais reconhecível; tudo, enfim, faz dele um 'boca livre', quer dizer, alguém assediado para 'abrilhantar' inaugurações de boates de luxo, premiações de publicitários, noitadas de visitantes ilustres etc. Com a intensiva mercantilização do terciário, encontram-se até mesmo firmas especializadas em 'colocar' um artista e/ou uma galeria sistematicamente em colunas 'sociais', ao menos naquelas onde informalmente se sabe que o dinheiro compra ingresso. A mercantilização da coluna 'social', associada ao *lobby* dos escritórios de assessoria de imprensa a serviço de galerias (ou, às vezes, do próprio artista), é um dos meios atuais de promover alguém, mantendo-o na lembrança dos círculos de compradores e de freqüentadores de *vernissages*". Cf. DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op. cit., p. 243-244. Nessa linha de juízo, não me parece um acaso que a coluna social da *Folha de São Paulo* e de *O Estado de São Paulo*, por exemplo, façam parte do caderno de cultura.

[212] Cf. SCLIAR, Moacyr. "O que você precisa ler". In PINSKY, Jaime. *Cultura e elegância*, op. cit., p.19.

seguintes "regras" para os que pretendem vivenciar tal experiência "*sem dar vexame de neófitos deslumbrados"*: nunca conversar durante a execução de uma peça; não bater os pés, tamborilar os dedos ou ficar mudando a cabeça para conseguir se concentrar e não desconcentrar os outros; não aplaudir nunca entre os movimentos ("Se não souber quando aplaudir, espere que os outros o façam antes") [213]. Como não é difícil perceber, a aquisição precoce das maneiras exigidas pela apropriação legítima das obras legítimas, inegavelmente valorizada no comentário de Medaglia, é o que permite a liberação do trabalho de "correção" necessário ao apagamento dos aprendizados "impróprios".

A tese de que a intolerância estética comete violências terríveis[214] deu-se a ver na crítica implacável de Gustavo Piqueira veiculada pela *Folha-Ilustrada.* Ridicularizando o comportamento do público da exposição "*Corpo humano, real e fascinante"*, ocorrida na Oca, no Parque Ibirapuera, o designer exprime, de forma bastante nítida, a visão detratora dos legisladores do bom gosto com relação às práticas das pessoas pouco habituadas ao convívio com as artes. Contrapondo-se abertamente aos propósitos pedagógicos da Mostra, o crítico tece sua crônica:

"Atenta a um crânio com todos os ossos didaticamente separados, a mocinha se surpreende. 'Nossa! Deve ser difícil disso funcionar, não?' Deve, sim. Bem difícil. Na verdade, em alguns casos é um pouco mais do que em outros".

E o tom de deboche – para não falar de verdadeiro "racismo de classe" – não se dirige apenas aos desafortunados culturalmente, como também aos que, como ele sugere, carecem dos bens materiais os mais básicos:

"Outra visitante, ao observar um cérebro picado em cinco fatias perfeitas, conclui, invejosa: 'Que lâmina, hein?', provavelmente recordando-se da enorme dificuldade que tem para cortar bifes com aquelas facas velhas e mal amoladas de sua cozinha".

Por fim – e como o maior sacrilégio, para os que falam em nome da Arte, é reduzir os fatos artísticos a proposições morais – o crítico desdenha as atitudes "educativas" que a exposição, tal como concebida, tendeu a suscitar:

"O alcance da mostra ultrapassa o mero conhecimento anatômico. 'Vem ver, Rafinha!', apressa-se a mãe próxima a um pulmão destruído pelo tabaco. 'Viu por que não pode fumar quando crescer, Rafinha?'"[215].

---

[213] Cf. MEDAGLIA, Júlio. "O que você precisa ouvir", op. cit., p. 67. Grifos meus.

[214] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 60.

[215] Cf. PIQUEIRA, Gustavo. "'Uma ligação fantástica com seu próprio corpo'. Não é lindo?". *Folha de São Paulo*, 10 de junho de 2007, p. E7.

O exame de alguns dos valores reconhecidos no mundo do refinamento cultural e da sofisticação mundana tal como se manifestam num variado conjunto de "guias" orientadores do chamado "bem viver" permite afirmar que tais publicações não fazem apenas "instruir" e abrir caminho aos não-oriundos dos setores cultivados da população brasileira, já que tendem, o mais das vezes, a consagrar os comportamentos e maneiras dos desde sempre educados para se portarem "com classe". Há uma flagrante contradição nesses manuais que, no limite, afirmam que a necessidade de aprendizado é uma prova de não-educação: "un homme bien né n'apprend pas les bonnes manières, il les reçoit en don ou en grâce" [216].

O fatalismo que emana desse espaço de discursos – que não deixa de ser um trabalho de inculcação significativamente institucionalizado – é flagrante e facilmente identificável: o aprendizado tardio ou formal da chamada "elegância" não poderá jamais substituir ou se igualar aos conhecimentos que foram adquiridos no seio da família, muitas vezes "antes dos três meses de idade", como enfatizou, aliás, um célebre manual de etiqueta brasileiro aqui discutido.

[216] LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue*, op. cit., p. 74.

3. Hierarquia social dos gostos em São Paulo

"Quando nós abrimos essa coleção [...] que tinha, que tem toda a, os talhares, o faqueiro da Marquesa dos Santos, que é em vermeil, que é uma coisa maravilhosa, todas aquelas louças, aqueles bichos e passarinhos que foram encomendados... Aquelas pessoas [os funcionários humildes do museu] amavam aquela coleção, elas limpavam aquelas salas maravilhosamente, quer dizer, aquela coisa que o Joãozinho Trinta falava 'quem não gosta de luxo é intelectual porque o resto adora' ".

Historiadora da arquitetura e ex-diretora de museu, 59 anos.

"Uma vez eu dei aula (...) porque eu trabalhava no Mappin, sabe o Mappin? (...) No centro da cidade? (...) Eu ia fazer, fiz parte ali da 'Coordenação do Lar', que chamava. Então eu ia lá. Daí eu comecei a ver que eu não ia conseguir fazer nada se eu não ensinasse (...) Então eu falei, 'como é que eles podem comprar uma coisa se eles não sabem nem o que aquilo significa? ' Então eu cheguei no Egito antigo para falar 'bom, isso é o estilo Império', vem daqui, quando eu vi eu estava dando uma aula, porque senão a pessoa não sabia comprar, o vendedor não sabia o que é que ele ia vender, nada. Então, eu me lembro que eu cheguei numa seção, eu falei assim 'onde está o seu jogo americano?' E a pessoa falou 'está na seção de brinquedos'. Eles não sabiam nem o nome, sabe? O jogo americano de se comer...

Decoradora e filantropa, 65 anos.

Tendo analisado a configuração *de parte* dos princípios classificatórios vigentes na cidade de São Paulo, condição lógica prévia para a compreensão do sistema dos gostos, meu objetivo agora é focalizar *as condições sociais de possibilidade da disposição estética*, ligando duplamente a percepção artística (e as práticas culturais de forma mais ampla) ao seu contexto histórico, isto é, a um universo social situado e datado, mas, também, aos usos diferenciais marcados pela posição social de seus portadores. A fim de fornecer elementos para a discussão da tese da homologia entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida, este terceiro capítulo analisará estatísticas culturais recentes e uma parte do material de imprensa contemporâneo dedicado ao consumo cultural no Brasil. Em vista da controvérsia em torno da efetividade de noções como a de "legitimidade cultural", analisarei algumas críticas do jornalismo cultural de São Paulo que, tal como os manuais de etiqueta e crônicas da vida mundana examinados no capítulo anterior, também resguardam hierarquias e participam dos processos de distinção social pelo gosto. Ainda no âmbito dessa temática, registros etnográficos, informes publicitários e a própria sociologia do gosto (tomada como objeto de estudo) compõem um conjunto de representações que

vincula objetos culturais e grupos sociais sugerindo, dessa forma, que a classificação das coisas segue de perto a classificação dos homens[217].

Malgrado o fato de que o esboço do sistema de gostos e desgostos vigente atualmente em São Paulo não poderia ser construído sem a utilização de estudos quantitativos que observam fenômenos de massa e, assim, nos informam sobre a dispersão social dos bens culturais, eu não poderia iniciar esta seção sem fazer uma crítica à boa parte das fontes secundárias às quais recorro, isto é, às estatísticas culturais e às pesquisas de mercado, quer as que foram produzidas por centros de pesquisa acadêmicos, quer as que foram levantadas por órgãos de pesquisa de mercado, o mais das vezes às voltas com a caça aos consumidores. A bem da verdade, vários são os limites próprios à análise desses dados de segunda mão, a começar pela incompatibilidade dos parâmetros definidores das variáveis influentes nas práticas examinadas, para não falar das deficiências no próprio sistema de classificação empregado para se aferir o comportamento cultural do brasileiro.

Realizada pelo CEM/CEBRAP, a pesquisa "O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo" fez 2002 entrevistas junto à população da RMSP com mais de 15 anos entre maio e julho de 2003. Segundo os pesquisadores, "a amostra se comportou dentro dos padrões esperados, conforme o Censo 2000: baixa escolaridade (até ensino fundamental) de mais da metade da população entrevistada, números elevados de população jovem em determinadas áreas periféricas e, finalmente, grande concentração da população nas classes mais baixas: 70% de todos os entrevistados estão concentrados nas classes C, D ou E, de acordo com os critérios da ABIPEME"[218]. A pesquisa adotou a estratificação por classes a partir dos critérios ABIPEME, ainda que tenha existido uma pergunta específica sobre a renda familiar e individual. Desenvolvido pela Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado, o critério ABIPEME divide a população segundo "potenciais de consumo": uma classificação socioeconômica é criada por intermédio da atribuição de pesos a itens de conforto doméstico, além do nível de escolaridade do chefe da família. No que tange à distribuição espacial dos entrevistados, a amostra foi constituída por 195 residentes na região do "centro expandido" (Bela Vista, Bom Retiro, Brás, Cambuci, Consolação,

[217] Cf. DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. "Algumas formas primitivas de classificação". In: RODRIGUES, José Albertino (org.). *Durkheim: Sociologia*. São Paulo, Ática, 1981.

[218] BOTELHO, Isaura & FIORI, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit., p. 118.

Liberdade, Pari, República, Santa Cecília, Sé, Alto de Pinheiros, Barra Funda, Perdizes, Jardim Paulista, Itaim Bibi, Lapa, Moema, Vila Mariana e Ipiranga) e 1807 nas demais regiões da Região Metropolitana de São Paulo.

Em primeiro lugar – e sem negar os superficialismos a que estão expostos todos os estudos quantitativos -, não se pode silenciar sobre o quanto pode haver de impreciso em indicadores como "classe social" identificado exclusivamente à "potencial de consumo". Ao contrário do que se passa na França, onde a categoria sócio-profissional foi acolhida pelos sociólogos e todos os produtores de estatísticas sociais[219], a sinonimização de "classe" e "renda" (ou, mais exatamente, "poder de compra") é também o padrão adotado pelo *Ipea* (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), pela *Câmara Brasileira do Livro* e por boa parte das pesquisas de mercado em que se baseia o material de imprensa aqui analisado:

"A construção de classes econômicas (A/B, C e D/E) seguiu o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), adotado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep). Esse critério é uma das formas de estimar o poder de compra das pessoas e famílias em classes econômicas. Para isso, pontua-se a existência de alguns eletroeletrônicos e eletrodomésticos e, também, de automóvel e banheiro, além de empregada mensalista. De acordo com essa pontuação, as classes são distribuídas pelas cinco primeiras letras do alfabeto, sendo que as primeiras letras representam as famílias mais abastadas e, as últimas letras, as famílias com menor poder econômico. O nível de escolaridade da pessoa de referência também é pontuado" [220].

Adotada nas representações do senso comum, nas pesquisas acadêmicas e nos estudos de mercado, a redução do que vem a ser fortuna às suas dimensões materiais, ao mero poder de compra, passa em silêncio diante do fato de que, trunfos menos visíveis do que os de ordem econômica – como o capital cultural e o capital social – contribuem amplamente para determinar a posição ocupada na estrutura social. Se não há consenso, nos dias de hoje, sobre o que vem a ser uma classe social – e sem negar a importância crucial da situação econômica num país como o Brasil -, não parece haver dúvidas de que, para o sociólogo – e não para o marqueteiro -, a categoria sócio-profissional mostrar-se-ia muito mais profícua na avaliação do princípio das práticas, sendo por isso mesmo mais legítima em meio às abordagens em termos de classe. Como avalia Louis

[219] Cf. PFEFFERKORN, Roland. *Inégalités et rapports sociaux*, op. cit.

[220] Cf. SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras", op. cit., p. 106. A pesquisa teve âmbito nacional e manteve representatividade amostral para os meios urbanos de todas as unidades da federação e para o meio rural das cinco grandes regiões brasileiras.

Pinto, a variável "profissão" obteve um estatuto privilegiado nas análises sociológicas não:

"(...) porque ela conteria, tal como uma essência, a totalidade das propriedades que poderíamos manifestar, mas somente porque ela é, entre todas as variáveis objetivadas pelas instituições, aquela que, malgrado suas imperfeições, pode aparecer como a mais densa: de um lado, ela cristaliza relações sistemáticas com outras variáveis (renda, nível escolar,...), e de outro, ela delimita de forma bastante ampla um espaço de possíveis sociais parcialmente redundantes (estratégias matrimoniais, escolares, práticas culturais...)" [221].

Além de não mencionar os ganhos secundários e/ou não declarados, o critério exclusivo do capital econômico (representado pelo "poder de consumo") apreendido sincronicamente pouco diz sobre o volume do capital cultural, sobre os pesos respectivos de cada um deles no tamanho da riqueza total (*estrutura do capital*) e omite dados referentes à trajetória social, uma vez que silencia sobre a origem social e os cabedais anteriores dos entrevistados (ainda que a pesquisa leve em conta o "nível de escolaridade" do chefe do domicílio): ou seja, o que vale é a posição pontualmente flagrada no espaço social, o que pressupõe, de antemão, uma imobilidade social.

Também o indicador "nível de escolaridade" – "baixo", "médio" e "alto" – fornece informações pouco precisas sobre o volume do capital cultural possuído, pois, como se sabe, há em nosso país extraordinária heterogeneidade no que diz respeito às instituições em que tais "níveis de escolaridade" foram adquiridos. A frágil homogeneização do sistema de ensino brasileiro impede avançar até onde é possível tendo como parâmetro exclusivo o diploma mais elevado obtido[222].

Em segundo lugar, o sistema de classificação utilizado na avaliação do consumo cultural permanece, no relatório de pesquisa do CEM/CEBRAP, superficial, pois se é verdade que a freqüência ao teatro é em si um indicador não-desprezível em sociedades como a nossa, não é menos significativo conhecer quais são as salas que têm a preferência dos sujeitos investigados: ir ao *Teatro Bibi Ferreira*, que "é muito agradável com seus halls de espera, ambientes climatizados e o café onde sempre se aglomera um público bonito"[223], é uma prática em tudo diversa da ida ao *Teatro Oficina*, em que "o

[221] Cf. PINTO, Louis. "Ne pas multiplier les individus inutilement", op. cit.

[222] Ter nível superior completo ou incompleto também já garante a posição "alto nível de escolaridade" na pesquisa do CEM/CEBRAP.

[223] Citação que figura na abertura do site do Teatro Bibi Ferreira disponível em http://www.bibiferreira.hpg.ig.com.br/ (consultado em julho de 2008).

artista é a arma da revolução" [224]. Da mesma forma, qual a especificidade que pode haver numa afirmação, a respeito dos gostos musicais, do "predomínio da música popular brasileira", quando se sabe que em tal rubrica foram agrupados gêneros tão díspares como o sertanejo, o samba, o pagode, o rock nacional e, ainda, o que se convencionou chamar de MPB? [225]

Insistir, como fazem alguns sociólogos contemporâneos, no fato de que hoje as fronteiras da legitimidade cultural tornaram-se mais difusas é uma coisa. Pretender que no Brasil, um amador das canções de Chico Buarque vale, socialmente, o mesmo que um fã de música sertaneja não faria senão afirmar que toda e qualquer prática cultural garante as mesmas insígnias de estima social. Confundindo o que deveria distinguir, tais nomenclaturas são, assim, desfavoráveis a estudos que, como o meu, buscam avaliar a construção de fronteiras sociais a partir das preferências de gosto[226].

Não obstante as deformações em que as estatísticas incorrem, elas fornecem uma *indicação aproximativa* da dispersão socialmente seletiva dos bens de cultura na cidade de São Paulo: mesmo critérios bastante imperfeitos como "potencial de consumo" e "nível de escolaridade" permitem que se esbocem as tendências mais gerais das chances de acesso à cultura em função da distribuição diferencial de capital econômico e cultural na metrópole paulista.

Música

Referindo-se a um concerto de Shostakovich (1906-1975) interpretado pelo violoncelista Antonio Meneses e pela pianista Celina Szrvinski na capela do Palácio Boa Vista, em Campos de Jordão, o crítico musical Arthur Nestrovski comenta (não sem antes avaliar que era *"como se menos que isso nem fosse música"*):

"Dava dó pensar que só cento e poucas pessoas tinham o privilégio de escutar Meneses assim de perto. E naquele cenário, com as montanhas cobrindo a vista de lado a lado da transparente

[224] Citação que figura na abertura do site do Teatro Oficina disponível em http://www.teatroficina.com.br/ (consultado em julho de 2008).

[225] Cf. BOTELHO, Isaura & FIORE, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op.cit., p. 62.

[226] Luc Boltanski apresenta uma crítica apurada das nomenclaturas, códigos e escalas utilizados nas pesquisas de mercado: dada à desatenção às qualidades dos produtos, às características do consumidor e às diferentes categorias de percepção dos objetos, não surpreende a tendência a afirmar a homogeneização dos hábitos de consumo. Cf. BOLTANSKI, Luc. « Taxinomies populaires, taxinomies savantes: les objets de consommation et leur classement », op. cit.

capela do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. *Que esse privilégio, ao mesmo tempo, correspondesse à verdade daquela música de câmara, que afinal é para ser ouvida em 'câmara'*, seria um bom tema para a sociologia, meio esquecida hoje no debate musical" [227].

O exclusivismo social inerente a determinadas práticas culturais, flagrante no comentário de Nestrovski, foi uma constante na história do gosto pela cultura erudita no Brasil, o que por si só inviabiliza toda tentativa de desvincular o valor distintivo de tal acervo de sua distribuição entre as classes. Tida por instrumento excessivamente nobilitante das elites[228], a "grande arte" assume, até os dias de hoje, um papel importante nas estratégias distintivas vigentes nas relações de classe, no mínimo porque, quanto mais avançamos em direção às práticas culturais mais reconhecidas na tradicional hierarquia dos valores culturais, maiores as diferenças estatísticas associadas à classe social.

Índice bastante revelador de pertencimento a um meio culto, a fruição de música clássica é, na cidade de São Paulo, fortemente associada às classes sociais mais altas, e de forma mais intensa do que as demais práticas da chamada cultura erudita (como a ida ao teatro ou ao museu, por exemplo): 14,2 % das classes A/B elegem-na como gênero musical preferido, ao passo que na classe C este percentual cai para 4,5% e, finalmente, nas classes D/E, para 2,8%. Sobre a ida a um concerto de música erudita entre abril de 2004 e abril de 2005, os resultados foram, respectivamente, 10,1% para as classes A/B, 2,4% para a classe C e 1,0% para as classes D/E. Especificamente sobre a ida à ópera: 4,8% para as classes A/B, 0,8% para a classe C e 0,9% para as classes D/E[229].

Muito embora a noção de espaço social que orienta esta pesquisa não separe o volume do capital econômico e o do capital cultural, sendo a composição específica dessas duas formas de riqueza - e sua evolução no tempo tal como se revela no sistema de disposições (habitus) de um agente - o princípio de explicação das práticas, o mesmo não ocorre nas estatísticas culturais de que me sirvo. Tal cisão me obriga, neste ponto do trabalho, a avaliar separadamente os patrimônios materiais e escolares dos grupos sociais investigados. E, seguindo tais critérios, pode-se dizer que o gosto por música

[227] NESTROVSKI, Arthur. "Campos recebeu dois gigantes da música". *Folha de São Paulo,* 18 de julho de 2006, p. E2. Grifos meus.

[228] FERNANDES, Florestan. "Análise e crítica do projeto de lei sobre diretrizes e bases da educação nacional". In: BARROS, Roque Spencer Maciel de. *Diretrizes e bases da educação nacional*. São Paulo, Pioneira, 1960, p. 259.

[229] BOTELHO, Isaura & FIORE, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit., p.64-67.

clássica e a ida a concertos e óperas estão concentrados não apenas entre os mais ricos, mas, também, entre os mais escolarizados: a escolha da música erudita como gênero musical favorito atingiu 19,5% dos paulistanos com alto nível de escolaridade, 6,3% dos de média escolaridade e 3,3% dos de escolaridade baixa. A freqüência a um concerto entre abril de 2004 e abril de 2005 registrou o percentual de 13,3% para os que chegaram ao ensino superior, 4,3% para os que cursaram o ensino médio e, finalmente, 1,4% para os paulistanos que não ultrapassaram o ensino fundamental. Sobre a ida à ópera nesse mesmo intervalo de tempo, os números foram os seguintes: 7,5% para os de alta escolaridade, 1,5% para os de média e 0,7% no caso dos de baixa escolaridade.

Os gostos musicais também são atravessados pela estrutura das relações de classe quando o que se tem em vista é a MPB propriamente dita, corroborando a opinião de Carlinhos Lyra, que a associa a classes sociais e, não, a gerações[230]. Se 36,5% das classes A/B elegem-na como gênero predileto, apenas 18,8% da classe C e 12,1% das classes D/E afirmam o mesmo. E o peso do capital escolar também é aqui fundamental: 47,2% dos paulistanos de alto nível de escolaridade, 25,8% dos de média e 11,6% dos de baixa escolaridade afirmam ser a Música Popular Brasileira seu gênero musical favorito[231].

Inversamente – e levando em conta todo o território nacional -, o "tecnobrega" dos paraenses da banda *Calypso* e o "sertanejo romântico" da dupla goiana Zezé Di Camargo e Luciano são, de acordo com uma pesquisa do *Datafolha*, mais ouvidos entre os de menor nível de escolaridade, evidenciando como as preferências culturais seguem de perto as hierarquias sociais. Tendo abordado 2.166 pessoas em 135 cidades do país com a pergunta: "Qual é o cantor, cantora ou banda que você mais tem escutado?", a pesquisa revelou ainda que a banda *Calypso* lidera nas regiões Nordeste, com 20%, e Norte/Centro-Oeste, com 26%, o que também não deixa de ser altamente significativo. Letras fáceis de assimilar, compromisso com o público e música romântica "que conquista a pessoa pelo coração" explicam, na visão dos próprios cantores, a liderança no gosto popular [232].

---

[230] ARANTES, Silvana. "Questão de classe". Entrevista com Carlos Lyra. *Folha de São Paulo*, 2 de setembro de 2005, p. E1.

[231] BOTELHO, Isaura & FIORE, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit., p. 64.

[232] CANONICO, Marco Aurélio & NOVAES, Tereza. "Preferência nacional". *Folha de São Paulo*, 22 de julho de 2007, p. E1. Segundo os dados disponibilizados pelo IPEA, o Sudeste metropolitano responde a 71% dos gastos culturais, ao passo que para as regiões metropolitanas do Norte e Centro-Oeste esse

Para o caso da cidade de São Paulo especificamente, os índices estatísticos referentes à predileção pela música sertaneja também acompanham os diferentes níveis de escolaridade (16,8% para o alto, 24,5% para o médio e 36,6% para o baixo) e as assimetrias materiais (26% das classes A/B adotam-no como gênero dileto, seguido por 32% da classe C e 28,8% das classes D/E), mas menos marcadamente do que o gosto pela MPB e, sobretudo, pela música clássica [233].

Nada disso nega o fato de que, no Brasil, os "gostos de classe" são menos nítidos do que em sociedades como a francesa, na qual emergiu a tese da homologia entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida. Ainda assim – e como se verá de forma sistemática a seguir -, estudos quantitativos recentes e de proveniência variada convergem na conclusão de que, no Brasil, "o consumo é coerente com as posições e o capital social e econômico acumulado pelos indivíduos e famílias" [234]. Além de mostrar que aqui, como na França e na Inglaterra, as práticas culturais mais "tradicionais" permanecem as mais discriminantes socialmente[235], tais estatísticas também sugerem que a tese do ecletismo do gosto das elites[236] funciona, de fato, quase que exclusivamente para as elites, que podem transitar das novelas para os concertos, ao passo que os menos favorecidos socialmente continuarão primordialmente restritos aos bens, eles também, menos dignificados pela sociedade. A *adoção eletiva* de práticas tradicionalmente populares por parte de grupos alheios às urgências do mundo – como, por exemplo, o jogar futebol - e, do outro lado, o *penoso acesso* a práticas típicas dos setores dominantes por parte das frações sujeitas a necessidades de toda ordem – como

índice cai para 1,8% e 2,8% respectivamente. Cf. SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras", op. cit., p. 132-133. No que diz respeito aos investimentos públicos na promoção de atividades culturais, um levantamento do IBGE mostrou que São Paulo é o estado que mais aplica dinheiro no setor cultural (28% do total de investimentos estaduais em todo o Brasil), seguido pela Bahia (11%) e, depois, o Rio de Janeiro (8,2%). Cf. "Cultura leva apenas 0,2% do total de gastos públicos". *Folha de São Paulo*, 20 de novembro de 2006, p. B11.

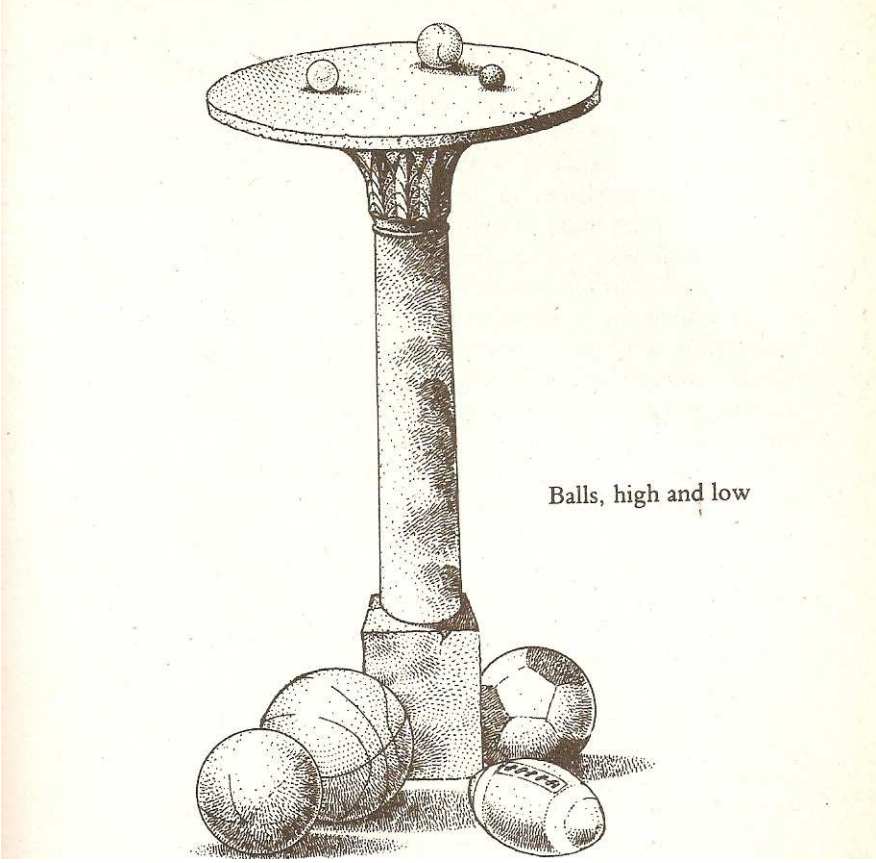
[233] Cf. BOTELHO, Isaura & FIORE, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit., p. 64.

[234] Cf. SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras", op. cit., p.106.

[235] Cf. DONNAT, Olivier. « La stratification sociale des pratiques culturelles et son évolution 1973-1997 », op. cit. e WARDE, Alan & BENNETT, Tony. "A culture in common: the cultural consumption of the UK managerial elite". In SAVAGE, Mike & WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites*, op. cit.

[236] COULANGEON, Philippe. « Classes sociales, pratiques culturelles et style de vie : le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète ? », op. cit.

o caso do senhor de origem humilde que revelou amar ópera e não ir ao Municipal por não poder chegar de carro nem com roupas adequadas – nos incita a concluir que a hipótese da homogeneização social dos gostos e práticas é ainda uma realidade longínqua. Essa "comunhão" cultural por ora bastante restrita guarda semelhança com o quadro construído por Louis Chauvel a propósito da sociedade francesa "(...) um quinto dos lares de altos executivos tem uma estrutura de consumo mais 'operária' do que um quinto dos lares operários que apresenta um consumo mais 'alto executivo'. Inversamente, quatro quintos dessas populações estão ordenadas segundo um eixo claramente hierárquico" [237].



Fonte: *Class. A Guide through the American Status System*, de Paul Fussell, NY, Touchstone, 1992.

[237] CHAUVEL, Louis. «Du pain et des vacances: la consommation des catégories socioprofessionnelles s'homogénéise-t-elle (encore) ? », op. cit., p. 93. Tradução minha.

Televisão

Ainda que o crítico cultural Marcelo Coelho diga que as "novelas, programas da Hebe e noticiários de Cid Moreira são de uma estupidez exasperante. Não há como levá-los a sério" [238] e, apesar do crítico de cinema Ricardo Calil denunciar "o romantismo irreal das telenovelas" [239], o gosto pela novela é, queira-se ou não, uma das preferências mais cultivadas pelo grande "grande público", entidade a um só tempo fascinante e desprezível para os produtores culturais. Mas, ainda que apreciadas pelo "'burguês' escravizado às preocupações vulgares do negócio, e o 'povo' entregue ao embrutecimento das atividades produtivas" [240], as várias produções novelísticas são, elas mesmas, diferencialmente importantes em meio aos diferentes segmentos da sociedade brasileira. Seguindo as estatísticas culturais, sabe-se que, em março de 2006, "Cidadão Brasileiro", a novela das 20 horas da TV Record, foi sintonizada em 15,5% do total de domicílios das classes D/E, 13,7% do da classe C e 9,4% do das classes A/B. Pouco mais equilibrada, a audiência de "Belíssima", produção da Rede Globo, foi composta por 20% dos domicílios das classes A/B, 23% dos da classe C e 25% dos das classes D/E [241].

Assim como, para Weber, o gosto "por narrativas emotivas, com tendências sentimentais e edificantes" fazia parte do quadro de necessidades religiosas da pequena e média burguesia[242], não é possível falar em novela como "paixão nacional" sem fazer referência à *intensidade da adesão* e às *modalidades de apreensão* desse mesmo produto televisivo em função das especificidades sócio-culturais de seu público. Cabe lembrar aqui também as observações argutas de Richard Hoggart, para quem a recepção de toda e qualquer mensagem cultural não pode ser dissociada das condições sociais em que se realiza, e, conseqüentemente, do ethos característico do grupo social receptor [243].

---

[238] COELHO, Marcelo. *Gosto se discute*. São Paulo, Ática, 1994, p. 51.

[239] CALIL, Ricardo. "Diretora usa Lars von Trier e novelas como influências". *Guia da Folha*, de 22 a 28 de junho de 2007, p. 20.

[240] BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996 [1992], p. 74.

[241] Cf. CASTRO, Daniel. "Pobres sustentam ibope de novela da Record". *Folha de São Paulo*, 8 de abril de 2006, p. E 12.

[242] WEBER, Max. "Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)". In *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Volume 1. Brasília, Editora da UNB, 2000 [1913], p. 333.

[243] Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op. cit.

Apesar de uma pesquisa focalizada em São Paulo afirmar que "o hábito de assistir TV e a posse de televisor são absolutamente disseminados em todas as classes sociais"[244], há que se precisar que as possibilidades de acesso a produtos televisivos mais variados (e também mais sofisticados) têm relações bastante estreitas com as diferentes distâncias com relação às necessidades: segundo as estatísticas produzidas pelo IPEA, enquanto 11,4% das classes A/B dispõem de TV a cabo, esse percentual cai para 4,3% na classe C e não mais de 1% nas classes D/E [245]. Sobre a "democratização" de repertórios de informações e imagens afirma-se o seguinte:

"Mais interessante é que essa universalização se dá, ironicamente, em relação a conteúdos de gosto e informação em geral duvidosos, e a narrativas limitadas e sem profundidade analítica. A mídia mais 'democrática' apresenta então a menor diversificação de estilos e conteúdos e essas são acessíveis àqueles de menor renda, enquanto as classes A/B e parte da C podem diversificar suas fontes de informação" [246].

De acordo com essa pesquisa que abrangeu todo o território brasileiro, as práticas culturais são, em quaisquer de seus domínios, claramente seletivas socialmente, e os domicílios mais abastados tendem a concentrar os gastos em matéria de cultura: enquanto os 40% mais pobres perfazem tão-somente 10% do consumo cultural, os 10% mais ricos direcionam 40% de seus gastos às atividades culturais. E ainda:

"As classes A/B despendem 47% dos montantes gastos com cultura, enquanto as classes D/E realizam 23%. No entanto, a primeira categoria representa apenas 13% dos domicílios e 12% da população, enquanto as classes D/E representam 62% dos domicílios e da população. O consumo médio para cada 100 domicílios do grupo A/B é de 372% sobre a média brasileira, enquanto o da classe D/E é de 37%" [247].

Leitura e programas culturais

A desigualdade econômica e educacional vigente no Brasil relaciona-se claramente às não menos diversas preferências em matéria de leitura, que permanecem quantitativa e qualitativamente diferenciadas segundo a história social de seus portadores. Como se pode ver através das estatísticas do IPEA, malgrado o fato da

[244] BOTELHO, Isaura & FIORE, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit., p. 50.

[245] Cf. SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras", op. cit., p. 125.

[246] Idem, ibidem, p. 132.

[247] Idem, ibidem, p. 120, 121 e 123.

prática de leitura (entendida em sentido amplo) ocupar o segundo lugar no montante dos gastos culturais do brasileiro,

"*O consumo de livros* concentra-se em boa medida nas classes de renda alta: 90% das classes A/B, 66% da C e apenas 42% das D/E têm mais de dez livros em casa. Em termos gerais, ter uma grande quantidade de livros em casa, mesmo que não implique a existência de um grande leitor, tem uma correlação com maior escolarização e com o fato de a pessoa se situar nos estratos de mais alta renda" [248].

Desse modo, diferentemente da opinião do crítico cultural Daniel Piza, para quem "toda lista de leituras é uma escolha *estritamente pessoal*" [249], as estatísticas culturais apontam, pelo contrário, para *padrões sociais* (e não idiossincráticos) de práticas literárias. E se Godofredo de Oliveira Neto, escritor e professor de literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, toma como dado o hábito de leitura ao ponderar que jamais se deve perder tempo com autores como "todos os que escrevem auto-ajuda" [250], a pesquisa do Cebrap mostra que 75,1% dos paulistanos das classes D/E, 58,6% dos da classe C e 45,4% dos das classes A/B sequer leram um único livro por prazer (de auto-ajuda ou não) entre abril de 2005 e abril de 2006 [251].

No que diz respeito às despesas com produtos da indústria fonográfica, não deixa de ser significativo que, nos dias que correm, os maiores gastos com equipamentos estejam nas classes de menor renda. Segundo os analistas do consumo cultural, isso se deveria ao fato de que esses aparelhos já foram, há muito, adquiridos pelos grupos mais abastados. Essa explicação é válida e facilmente demonstrável, assim como é razoável supor que a aquisição de um aparelho de som, por exemplo, é muito mais vantajosa para os que estão mais sujeitos às urgências de toda ordem: em lugar de comprar ingressos individuais para shows e concertos que ocorrem muitas vezes do outro lado da cidade – o que exigiria, a um só tempo, dispêndio de tempo e dinheiro -, a aquisição de um toca-discos proporciona, ao contrário, uma forma de entretenimento que, pelo menor custo, pode ser usufruída por um maior número de pessoas.

---

[248] Idem, ibidem, p. 112.

[249] PIZA, Daniel. "O que você precisa ler". In *Cultura e elegância*, op. cit., p. 37. Grifos da autora.

[250] Cf. "Antologia pessoal: Godofredo de Oliveira Neto". *O Estado de São Paulo,* 24 de setembro de 2006, p. D16.

[251] Cf. BOTELHO, Isaura & FIORE, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit.,76.

Mas há que se notar ainda que tais padrões de consumo não são jamais uma reprodução literal da situação orçamentária: no caso em pauta, por exemplo, a aquisição de um equipamento ajusta-se da forma a mais perfeita ao ethos comunitário-hedonista que marca tão fortemente as classes desguarnecidas do mundo todo. Como sublinhou Jean-Claude Passeron em apresentação ao clássico *The Uses of Literacy*:

« (...) si l'achat d'un poste de télévision est plus logique que celui d'une machine à coudre et si le charbon nécessaire à 'un bon feu' dont tous peuvent profiter passe avant le souci des sous-vêtements c'est que dans les classes populaires, la préférence va toujours, quelle que soit l'exigüité du budget, aux *biens dont l'utilisation collective peut servir de support au rassemblement ou à la communion hédonique de la communauté familiale*, le repli sur la privauté ou même la promiscuité du foyer constituant le seul recours contre une condition qui serait autrement inviable »[252].

No Brasil, de modo parecido, "As práticas fora do domicílio são raras nas classes D/E (83% nunca vão ao cinema, 92% nunca vão ao teatro e apenas 8% sempre vão a shows)" [253]. Nesse cenário, a pesquisa do IPEA tem razão em insistir que esta é uma dentre muitas outras evidências de como os padrões de fruição cultural dão a ver heterogeneidades sociais, mas, também, territoriais, refletindo a diminuição cada vez maior de espaços urbanos de uso compartilhado e, dessa forma, o isolamento das frações de classe em espaços delimitados de consumo e lazer [254].

Verdadeiro libelo contrário à idéia da apreensão indiscriminada de um patrimônio cultural comum, o relatório do IPEA acentua o quanto a fruição cultural está a exacerbar as distâncias sociais, já que "É muito clara a diferença do nível e qualidade

[252] PASSERON, Jean-Claude. "Présentation". In HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op.cit., p. 18, grifos meus.

[253] Cf. SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras", op. cit., p. 139.

[254] Além disso, revela o relatório de pesquisa, "metade da classe C, 1/10 da classe D e apenas 1% da classe E possuem o recurso do automóvel para se deslocar pela cidade, o que significa muito desconforto, já que terão de usar os precários transportes coletivos para desfrute de poucas horas de entretenimento". Idem, ibidem, p. 127. Antecipando os resultados divulgados pelo IPEA em 2007, uma investigação realizada pelo IBGE também indicou o quanto as práticas culturais fora do domicílio são muito mais presentes nos setores socialmente privilegiados da população brasileira: "Nas famílias com renda média mensal inferior a R$ 2.000, por exemplo, gasta-se mais com o aluguel de fitas de vídeo e DVD do que com ingressos de cinema. Essa situação se inverte nas famílias com renda superior a R$ 3.000, cujo gasto médio é de R$ 9,4 com cinema e de R$ 6,3 com aluguel de fitas ou DVD". Cf. GOIS, Antônio. "Famílias gastam 4% da renda com cultura: quando adicionados os gastos com telefonia, despesas atingem 8%, segundo pesquisa do IBGE com dados de 2003 e 2004". *Folha de São Paulo*, 30 de novembro de 2006, p. B9.

da informação desfrutada pelas classes sociais" [255]. A disparidade de acesso a informações de todo tipo é, assim, afirmada e reafirmada nesses dados quantitativos, quer a respeito dos veículos mais tradicionais de circulação de mensagens, quer a propósito das tecnologias contemporâneas:

"O acesso à internet tem sido saudado como uma nova modalidade de acesso que, em muitos casos, simboliza a democratização da cultura, mas uma aproximação rápida mostra que essa prática é restrita aos 2/10 de maior renda, que realizam 87% dos gastos com internet e 71% dos gastos com microinformática" [256].

Espetáculos de dança, museu e teatro

Se, como visto até aqui, a desigualdade em matéria de cultura se expressa em diversas modalidades das práticas investigadas, o consumo artístico propriamente dito é ainda mais privativo dos grupos socialmente favorecidos da sociedade brasileira:

"Todas as classes valorizam muito os bens audiovisuais, a televisão em particular. As classes A/B e C consomem, em seguida, a microinformática, a leitura e os bens da indústria fonográfica. Nesse último caso, o consumo da classe C já é tão importante quanto o da leitura. Finalmente, *as classes A/B se distinguem da C por priorizarem o consumo de espetáculo vivo e as artes*. As classes D/E desfrutam de outro padrão de consumo. Seu segundo maior gasto depois do audiovisual é com bens de fonografia, depois leitura, 'outras saídas', microinformática e, finalmente, espetáculo vivo, artes e cinema. *Portanto, o consumo aqui é pouquíssimo direcionado aos bens das belas-artes e letras*, com ligeira exceção aos conteúdos da mídia impressa a que têm acesso" [257].

Quando o que se tem em vista é a cidade de São Paulo, o relatório de pesquisa divulgado pelo Cebrap autoriza observações que seguem na mesma direção, mostrando como a fruição das "belas artes" integra primordialmente o hall das atividades dos estratos mais bem posicionados na hierarquia social. A preferência pela música clássica e a ida a concertos e óperas são, como visto, valores e práticas nitidamente localizados nos setores mais privilegiados econômica e culturalmente. Como se verá a seguir, a mesma peculiaridade é encontrada no caso dos espetáculos de dança, na freqüência a museus e nas idas ao teatro. Evidencia-se, então, um argumento caro à análise das

[255] SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras", op. cit., p. 140.

[256] Idem, ibidem, p. 113. O microcomputador, por exemplo, está presente em 60,8% dos domicílios brasileiros mais ricos e em apenas 1,4% dos lares das classes D/E.

[257] Idem, ibidem, p. 126. Grifos meus.

conseqüências culturais das revoluções tecnológicas empreendida por Eric Hobsbawm: a redução das formas tradicionais de grande arte a guetos de elite[258].

Por volta de 80% dos paulistanos que integraram a audiência de um espetáculo de dança recente pertencem às classes A/B. Entre abril de 2004 e abril de 2005, 8,9% dos membros das classes A/B, 1,8% dos da classe C e 1,0% dos das classes D/E afirmaram ter assistido a uma apresentação de balé clássico. No que concerne à variável "nível de escolaridade", 10,4% dos paulistanos de alto nível educacional, 3,5% dos de médio e 1,7% dos de baixo nível educacional afirmaram o mesmo. Seguindo uma estrutura distributiva semelhante, as proporções dos paulistanos que nunca foram a um espetáculo de balé clássico foram as seguintes: 96,5% para as classes D/E, 92,8% para a classe C e 75,1% no caso das classes A/B; 95,0% dos que possuem um baixo nível de escolaridade, 89,0% dos que possuem um nível médio e 68,0% dos de nível alto jamais compuseram a audiência dessa modalidade artística.

Os freqüentadores de museus e galerias também se concentram nas frações mais ricas e mais escolarizadas da cidade de São Paulo. Sobre a ida a um museu nos últimos doze meses que antecederam à pesquisa, as porcentagens foram as seguintes: 27,6% dos entrevistados que compõem as classes A/B, 10,2% dos da classe C e 5,0% dos das classes D/E; 37,7% dos informantes de alto nível de escolaridade, 15,7% dos de média e 5,0% dos de baixa. A respeito da freqüência a uma exposição de arte, no mesmo intervalo de tempo, os índices foram: 29,1% dos paulistanos das classes A/B, 11,6% dos da classe C e 4,8% dos das classes D/E; 41,4% dos que detêm alta escolaridade, 17,4% dos de escolaridade média e 4,6% dos de escolaridade baixa. Se 83,6% dos informantes das classes D/E afirmaram nunca ter ido a uma exposição de arte, nas classes A/B esse percentual cai para 42,9%. Enquanto 25,6% dos integrantes das classes A/B disseram nunca ter ido a um museu, nas classes D/E a porcentagem sobe para 62,5%.

No que concerne à freqüência aos espetáculos teatrais, os analistas do consumo cultural do Cebrap também apontaram o nível de escolaridade e a classe social como variáveis decisivas: entre abril de 2004 e abril de 2005, 29,1% dos membros das classes A/B, 11,5% dos da classe C e 4,2% dos das classes D/E foram ao teatro; as porcentagens dos que foram assistir a uma peça, segundo o nível de escolaridade, foram: 46,8% para os de alto nível, 16,0% para os de médio e 3,3% para os de nível

[258] HOBSBAWM, Eric. "Morre a vanguarda: as artes após 1950". In *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).* São Paulo, Companhia das Letras, 2002 [1994], p. 492.

baixo. Enquanto 81,4% dos integrantes das classes D/E nunca foi a um teatro, este índice cai para 61,1% na classe C e, finalmente, 31,0% nas classes A/B.

Por fim – e como anunciado acima -, quando o que se tem em vista é a intensidade das práticas que os analistas do Cebrap reputam "as mais raras", constata-se que a ida a concertos, espetáculos de dança, museus e teatros registram as maiores disparidades no recrutamento social de seu público, indo ao encontro dos resultados das pesquisas de Oliver Donnat sobre o consumo cultural dos franceses [259].

No tocante ao relacionamento com a música, os dados estatísticos referentes ao hábito de cantar revelam o quanto os menos liberados das urgências materiais aderem preferencialmente às práticas por assim dizer "funcionais", tendentes a excluir toda forma "estilização da vida", como bem indica o fato de que cantar na igreja, prática de função ritualística dissociada de um aprendizado formal, predomina nas classes D/E (22,8%) e entre os de nível de escolaridade baixo (19,1%). Nesses estratos se identificam também as menores porcentagens dos que estudam formalmente o canto (0,8% e 0,7% respectivamente), o que sugere que nos meios populares as práticas culturais, longe de ocuparem um espaço específico da vida das pessoas, estão a reboque das atividades da vida social mais ampla.

Assim é que o aprendizado e a prática de um instrumento musical atingiram, em 2005, o índice de 20,1% nas classes A/B, 14,3% da classe C, 10,5% das classes D/E; 26,2% em meio às pessoas com alto nível de escolaridade, 18,4% entre as de nível médio e 8,9% dentre os paulistanos com baixa escolaridade. No tocante à posse de um instrumento musical, as diferenças estatísticas são mais gritantes: 42,2% nas classes A/B, 27,3% na classe C, 10,9% nas classes D/E; 47,5% entre os que possuem alto nível de escolaridade, 34,2% entre os de nível médio e 15,4% em meio aos apresentam baixa escolaridade[260].

A tese de que a disposição estética e as práticas culturais de forma mais ampla constituem uma dimensão de uma relação global com o mundo e com os outros, de um estilo de vida onde se exprimem as necessidades e facilidades de uma condição se dá exemplarmente a ver quando o que se tem em mãos são as representações emitidas pelos setores populares que, em sua reverência à cultura, revelam o efeito implacável de

[259] DONNAT, Olivier. « La stratification sociale des pratiques culturelles et son évolution 1973-1997 », op. cit.

[260] Cf. BOTELHO, Isaura & FIORE, Maurício. "O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo", op. cit., páginas 57 e 58.

uma exclusão. A desigual dispersão social das práticas de estilização da vida que se pôde acompanhar até aqui não permite afirmar, contudo, que os mais afastados das atividades de "cultivo de si" recusam a hierarquia dos valores culturais ou buscam a oportunidade de uma desforra contra a cultura "legítima".

Em matéria sobre a ausência dos moradores da periferia na *Mostra de Cinema de São Paulo*, a *Revista da Folha* destacou que os mal situados socialmente acabam vendo apenas filmes americanos, exibidos nos *Shopping Centers*, já que o circuito dos « filmes de arte », concentrado na região da Avenida Paulista e em bairros como Jardins, Pinheiros e Itaim Bibi, « guardam uma distância oceânica da periferia », o que implica em gastos com condução e ingresso, para não falar de um trajeto de quase três horas de viagem. Mas o mais interessante, contudo, é notar que para além das barreiras materiais e espaciais de acesso ao mundo das artes, existe um obstáculo mais difícil de ser transposto, e que reside propriamente na ausência de um habitus cultivado, na incapacidade de *censura dos sentimentos « naturais »* que, como visto no capítulo dois, está no princípio da disposição estética tida por legítima. Como notou um morador da periferia de Osasco na saída de sua « estréia » como espectador da *Mostra* de 2005: « *Nos cinemas a que eu vou, os namorados conversam demais*. Essas pessoas não, elas gostam bastante de cinema, porque mesmo nas partes 'nada a ver', em que nada acontecia, elas ficavam quietas, prestando atenção ». Construindo uma imagem maculada das práticas de seu meio social e enaltecendo, ao mesmo tempo, as atitudes condizentes com o modo de percepção artístico que se impõe como legítimo, ele prossegue: « *É gente que aprecia a arte que está passando na tela, que não está ali para fazer bagunça ou namorar*. Se o pessoal não come pipoca na sala, é para prestar mais atenção. *E pelo filme ser de arte*, ninguém conversa, porque os comentários devem ser feitos depois »[261].

Eis um testemunho notável de como os que pertencem aos grupos dominados são, não raro, os primeiros a se considerarem deficientes, vivenciando sua inferioridade social como se esta fosse antes uma inferioridade humana. Tem-se também aqui um caso exemplar da "vergonha de si", "essa emoção auto-destrutiva que surge quando os dominados começam a observar a si próprios através dos olhos dos dominantes, ou seja,

[261] Cf. YURI, Débora. "Estranhos no paraíso". *Revista da Folha*, 30 de outubro de 2005, p. 16. Grifos da autora.

quando são forçados a vivenciar os seus próprios modos de pensar, de sentir e de se comportar como degradados e degradantes" [262].

Outro testemunho inequívoco de deferência, mas, também, de desapossamento cultural, aparece na fala de um ex-catador de lixo - que virou projetista de cinema popular – a propósito de "Manderlay", de Lars von Trier, outro filme concorridíssimo na *Mostra* supracitada: "Gostei bastante, mas não pego toda a história sempre na primeira vez. Não deu vontade nem de piscar os olhos, a gente entra e fica preso no filme até o desfecho. E também, quem sou eu para falar mal de um filme se a maioria na sala estava aprovando?"[263].

Reverência e privação cultural são termos que exprimem bem as impressões em matéria de pintura e literatura que advêm de dois outros informantes desafortunados socialmente. Tome-se, primeiramente, o caso de Edílson Souza Silva, filho de imigrantes cearenses, morador da periferia de Santo André e ex-porteiro terceirizado da *Pinacoteca do Estado*. Tendo acompanhado, por acaso, uma explicação do quadro "Cena de Família de Adolfo Augusto Pinho" (1891), de José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899), durante uma visita de um grupo de estudantes, Silva testemunha: "Fiquei estupefato. Jamais imaginei que um quadro tivesse tantas referências, detalhes e significados". A partir dessa ocasião, ele que nunca tinha freqüentado museus passou a pesquisar toda a obra de Almeida Júnior, levou a irmã para ver a tela "Saudade" e a namorada para apreciar "Cristo Crucificado" e "Caipiras Nagaceando", tendo se tornado recepcionista (e não mais porteiro) do museu. Silva - que agora tem planos de cursar História e se tornar professor - emite comentários que, excluindo qualquer julgamento

[262] WACQUANT, Loïc. "Seguindo Pierre Bourdieu no campo", op. cit., p. 19. Já nos primeiros meses desta pesquisa, pode-se dizer que vivi uma autêntica (e deveras desajeitada) experiência etnográfica num sábado de manhã circulando pelo *Shopping* Guarulhos, na periferia da cidade. Estava acompanhada de minha cachorra adotiva, uma samoieda, raça russa raríssima no Brasil, e, sobretudo, exuberante, de uma beleza realmente notável, o que faz com que ela sofra constante assédio das pessoas. Tão logo parei para tomar um café, uma moradora local veio se apresentar perguntando dados da cachorra e etc. Disse que não entendia como eu tinha passado na frente do segurança sem ter tido problemas, uma vez que era proibida a entrada de cachorros naquele *Shopping*, e que ela própria já havia sido barrada diversas vezes na tentativa de entrar com os seus dois cães. Com inegável senso de complacência com relação a universos que lhe são inacessíveis afirmou, em seguida: "No *Shopping* Villa-Lobos, *que é um Shopping chique*, pode entrar cachorro e aqui *nesse Shopping de pobre* não pode". Ao que eu respondi, distraidamente, "Ah, o Villa-Lobos é mesmo uma maravilha para quem tem cachorro". Ela então, me olhando de cima a baixo, imediatamente perguntou: "Você mora perto do Villa-Lobos?" Ao ouvir minha resposta afirmativa, replicara: "Mas, então, o que é que você está fazendo *aqui nesse 'mundão'*?" A essa moradora da periferia de São Paulo, exemplo vivo das *homenagens que a privação presta à possessão*, se aplica primorosamente o que Pierre Michon chamou de "l'imperturbable réalisme social des humbles". MICHON, Pierre. *Vies minuscules.* Paris, Gallimard, 1984, p.16.

[263] YURI, Débora. "Estranhos no paraíso", op. cit., p. 15.

de ordem formal, reconhece apenas a importância social das representações realistas de Almeida Júnior, exprimindo a disposição a mais antitética em relação às atitudes exigidas pela estética dominante:

"Muita gente acha que Almeida Júnior era um pintor do ambiente caipira paulista. Também foi, mas seus trabalhos revelam a variedade de sua obra (...) Eu me identifico com esse contraste; o urbano com o campo; a burguesia com a pobreza; os abastados com os caipiras. Não podemos esquecer que sua produção está concentrada num período em que a elite costumava ser tema da maioria das pinturas" [264].

Outro caso exemplar do apego *ao que* a obra representa – e não *ao como* as temáticas são representadas – é facilmente identificado no depoimento de Eunice Maria de Lima, 59 anos, negra, ex-arrumadeira, passadeira, costureira e hoje operadora de máquina copiadora da *Biblioteca Mário de Andrade*:

"Uma colega nordestina me falava muito de um escritor baiano que retratava a presença negra em sua literatura. Fiquei curiosa. Ela me emprestou 'Capitães da Areia'. Foi com ele que debutei (...) Os livros de Jorge Amado mostram uma casa, uma cidade, um Estado, um Brasil sem essa imposição de classes, tão forte e marcante numa cidade como São Paulo. Sem cor. O negro e sua cultura recebem um tratamento de reverência" [265].

Recusa da insignificância do tema, ausência de qualquer referência ao universo das obras do passado e do presente e *subordinação dos retratos dos objetos aos objetos retratados* sugerem o quanto sua percepção pictórica do mundo em nada se diferencia de sua atitude ordinária com relação ao mundo, o que induz à conclusão de que o olhar "puro" às criações artísticas, dadas as condições de sua realização, implica uma *ruptura de ordem social*, isto é, uma distância eletiva em relação ao mundo e suas urgências. Ela, que entre uma cópia e outra, leu todos os livros de Amado e planeja agora iniciar-se na obra de Zélia Gattai enaltece, de forma evidente, os bens culturais tradicionalmente apropriados pelos setores cultivados da população brasileira ao ponderar que "Na escola da vida não se tira férias. Aqui tenho condições de ler todos os livros dela" [266].

Tal como as práticas culturais, as práticas alimentares também parecem seguir mantendo uma especificidade segundo os grupos sociais que lhes são portadores, senão a propósito *do que* é consumido, certamente a respeito *de como* se consome e, mais

[264] Cf. OLIVEIRA, Roberto de & CARMOS, Maria do. "A gente não quer só merenda". *Revista da Folha*, 1º de abril de 2007, p. 12.

[265] Idem, ibidem, páginas 15 e 16.

[266] Idem, ibidem, p. 16.

ainda, *do que se espera* de uma refeição. Tome-se, como exemplo, a matéria "Arroz e feijão são o principal prato de pobres e ricos", cujo próprio título é explícito na intenção de afirmar a participação indiscriminada num repertório cultural comum. Se é certo que tanto a família de São Caetano do Sul, residente num bairro humilde, quanto os moradores de uma casa de Alphaville, condomínio de alto padrão, comeram arroz e feijão no jantar acompanhado pela *Folha*, também é verdade que o modo como cada grupo o fez e, sobretudo, as expectativas em relação à alimentação de modo geral permanecem significativamente diferenciadas. Enquanto Sueli - moradora do ABC paulista que durante anos trabalhou como zeladora de prédio – servia arroz e feijão à família acompanhado de peixe frito e guaraná, em Alphaville comia-se – simultaneamente ao acompanhamento televisivo do jornal - tais alimentos junto de carne de panela e salada, tendo suco de manga como bebida. Não bastassem as diferenças nos modos como se come "o mesmo" arroz e feijão (com salada/fritura, com refrigerante/suco, inteirando-se sobre o que ocorre no mundo ou não, etc.), as falas de membros dos dois grupos dão claramente a ver como os mais sujeitos às urgências materiais mantêm uma relação inegavelmente mais funcionalista e também imediatista com as práticas alimentares, excluindo qualquer visão de si mesmos em longo prazo. Ao passo em que o morador de Alphaville afirma seu gosto pela arte da culinária ("também gosto de cozinhar. Já fiz *paella* para 200 pessoas. Comer, para mim, é um prazer"), a residente de São Caetano do Sul reduz a comida à satisfação das necessidades as mais elementares e vive exclusivamente no e para o presente, reconhecendo que, apesar de saber que fritura não faz bem, "até aceito ter problema de colesterol. *Só não quero ficar de estômago vazio*"[267].

Ressalta, na fala dessa informante, o mesmo modo de pensar dos membros das classes populares inglesas estudadas por Richard Hoggart, para os quais "Tant qu'on a l'estomac bien garni il n'y a pas à se plaindre"[268]. Na visão de Bourdieu,

> « A raiz comum de todas essas 'permissões' assumidas pela pessoa é, sem dúvida, o sentimento de que ela não vai impor a si mesma controles, obrigações, restrições deliberadas – menos ainda em matéria de alimentação que é uma necessidade primária e uma desforra -, além de ser, no próprio âmago da vida doméstica, o único refúgio de liberdade uma vez que, por todos os lados e no tempo restante, ela continua submetida à necessidade"[269].

[267] Cf. WESTIN, Ricardo. "Arroz e feijão são o principal prato de pobres e ricos". *Folha de São Paulo*, 17 de fevereiro de 2008, p. C4. Grifos meus.

[268] Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op. cit., p. 72.

[269] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 186.

Segundo Richard Hoggart, um dos valores mais característicos das classes populares do mundo inteiro é o gosto dos prazeres imediatos : « On vit au jour le jour ou, plus précisément, avec la fin de la semaine pour seul horizon... » ; « (...) on pense toujours à court terme. Dans la vie sociale non plus, rien n'est organisé à l'avance : on ne tient pas d'agenda (...) ». E não se trata simplesmente de um estilo de vida hedonista, mas de um « hédonisme de surface, parce que les gens du peuple savent au fond d'eux-mêmes que les satisfactions les plus pleines, qui supposent la maîtrise de l'avenir, 'ne sont pas pour eux' »[270]. Para Bourdieu, só é possível abrir mão das satisfações imediatas quando se têm chances de obter recompensas futuras superiores àquelas sacrificadas: "o hedonismo que, no dia-a-dia, leva a tomar as raras satisfações – 'os bons momentos' – do presente imediato é a única filosofia concebível para aqueles que, segundo se diz, não tendo futuro, só podem acalentar, de qualquer modo, escassas expectativas a seu respeito"[271]. Evidencia-se, aqui também, o peso inelutável dos trunfos e das deficiências sociais do presente na construção das expectativas dos destinos prováveis.

Assim, é possível supor que a preocupação cada vez mais evidente com a saúde e a tendência cada vez maior de "ataque ao prazer" não atingem a todos da mesma maneira[272]. Diferentemente dos que pertencem a mundos mais "polidos" e "mais autopoliciados", os que têm pouco ou nada a esperar da vida comem "sem culpa", excluindo todo vislumbramento futuro e não vendo a comida senão como satisfação de necessidades primárias. Como a própria reportagem sequiosa de negar as hierarquias em matéria de estilo de vida não consegue esconder, os que têm menos a esperar do futuro têm, a um só tempo, mais chances de estarem afastados das "regras do bem viver" emitidas pelos nutricionistas, um dos profissionais-chave na atual e sempre mais presente busca de longevidade: "Na comparação de classes, a pesquisa mostra que as famílias com melhor nível socioeconômico consomem, no jantar, mais verduras. As humildes comem frango, pão e massas"[273].

---

[270] Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op. cit., p. 80, 185 e 186.

[271] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 173.

[272] Conferir, a esse respeito, a entrevista de Paul Flatters, diretor-executivo da *Future Fondation*, organização britânica que analisa tendências sociais, em "A sociedade da culpa". *Folha de São Paulo*, 23 de outubro de 2005, Caderno *MAIS!* , p. 4.

[273] WESTIN, Ricardo. "Arroz e feijão são o principal prato de pobres e ricos", op. cit., p. C4.

Por fim, o fato do marido residente em Alphaville afirmar, sem o menor constrangimento, que adora cozinhar, é índice bastante revelador de como os homens mais bem posicionados socialmente dão menos importância aos valores comumente associados à virilidade [274].

As representações do consumo cultural que figuram no material de imprensa recolhido parecem feitas para o deleite do sociólogo. Ainda uma vez, é uma matéria desejosa de afirmar certa partilha de hábitos de consumo que se pode tomar como material de análise para provar uma tese contrária. Se os exames das pesquisas de mercado veiculados pela imprensa incorrem em distorções, acentuando certos aspectos da realidade e passando em silêncio a respeito de outros, vale notar que no material coletado abundam crônicas tendentes a afirmar a adoção transclassista de um patrimônio cultural. Ocorre que as mesmas reportagens nos fornecem elementos de sobra para contradizer semelhante ponto de vista, confirmando a análise de Gérard Mauger, para quem a autonomia dos estilos de vida com relação às condições objetivas de existência, tão reivindicada pelos profissionais da comunicação, é uma afirmação mais retórica do que empírica[275].

Tal é o caso de "Doméstica influencia consumo de patrão", que visa mostrar um "troca-troca", isto é, "que os dois lados absorvem hábitos de compra e conhecimento de produtos um do outro". Se, segundo Luciana Aguiar, sócia-diretora da *Data Popular*, "a patroa aprende muito com a doméstica, que traz conhecimentos sobre preços e produtos", do mesmo modo que "a doméstica também traz para o seu dia-a-dia uma parte do padrão de consumo das classes mais altas", valeria a pena olhar mais de perto as especificidades dessa "influência recíproca". Em primeiro lugar, as empregadas opinam principalmente a respeito de *produtos de limpeza* e *itens de primeira necessidade* – como arroz e feijão -, ao passo que assimilam de seus patrões produtos de

[274] Em seu trabalho sobre o estilo de vida das classes populares inglesas, Richard Hoggart sublinhou uma divisão do trabalho extremamente desigual entre os dois sexos, mostrando ainda como as mulheres cujos maridos vez ou outra ajudavam nas tarefas domésticas temiam que os mesmos fossem considerados afeminados pela vizinhança. Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op. cit. Em estudo empírico sobre a escolha do nome dos filhos, Stanley Lieberson e Eleonor O. Bell sugeriram diferenças de classe na propensão a selecionar "(...) boy's names that have the imagery of strength. These patterns in general suggest class differences in concerns about the roles of females and males and the images that are held for the sexes – for example, 'strong' names are preferred for sons born to women with less education". Cf. LIEBERSON, Stanley & BELL, Eleonor O. "Children's first names: an empirical study of social taste". The American Journal of Sociology, vol. 98, n. 3, 1992, pp. 548-549.

[275] MAUGER, Gérard. « Modes de vie/genre de vie ». In *Dictionnaire de sociologie, Encyclopédie universalis.* Paris, Albin Michel, 2007.

higiene e *beleza*: “Elas têm um olho muito bom para preço: sabem se o produto está caro ou não e onde estão as melhores promoções”. Ou seja, as domésticas entram em cena investidas de seus costumes funcionalistas e absorvem, tanto quanto possível, hábitos de estilização da vida, já que “incorporam à sua cesta novas marcas de xampus, por exemplo” [276].

Do mesmo modo que a moradora de São Caetano do Sul analisada acima pensa, sobretudo, em “não ficar de estômago vazio”, na matéria em exame é a mesma atitude incontida, funcional e pouco seletiva, na qual *o mais é obrigatoriamente o melhor*, o que se vê: “As classes mais altas valorizam a variedade e a diferenciação dos produtos. A baixa renda quer *encher o carrinho*”. Nota-se, também nesse caso, a mesma despreocupação para com os eventuais benefícios nutricionais dos alimentos: “Elas *acham que os empregadores comem pouco* e alimentos sem sabor, como produtos lights”[277]. Tais representações sobre os hábitos alimentares dos setores que ocupam as mais baixas posições na hierarquia social brasileira nos permitem concordar com as observações feitas, em fins da década de 1950, por Richard Hoggart, para quem “uma boa mesa”, nas classes populares inglesas, significa « un repas copieux plutôt qu’un menu équilibré. C’est ainsi que bon nombre de familles semblent ne pas acheter beaucoup de lait et que les salades ne figurent pas souvent sur les tables populaires »[278].

Além das estatísticas e das representações do consumo cultural que figuram no material de imprensa, registros etnográficos, críticas culturais, informes publicitários e crônicas e ensaios diversos sobre o gosto também compõem um conjunto de representações que vincula práticas culturais e grupos sociais. O modo como um determinado estilo de vida deve sempre uma parte de seu prestígio ao valor social de quem o pratica figura na contraposição entre o mundo dos jóqueis e a realidade dos rodeios empreendida por Waldenyr Caldas. De acordo com o professor da *Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo*, apesar da luta homem-cavalo ser muito mais “igualitária” e movida por regras menos brutalistas nos rodeios – já que, “diferentemente do jóquei-clube, o cavalo não é exaustiva e ininterruptamente esporado

[276] Cf. FUTEMA, Fabiana. “Doméstica influencia consumo de patrão”. *Folha de São Paulo*, 11 de novembro de 2005.

[277] Idem, ibidem.

[278] HOGGART, Richart. *La culture du pauvre*, op. cit., p. 70.

para correr até a total exaustão física" [279], podendo se rebelar, jogar o peão no chão e dar coices à vontade -, as corridas de cavalo, freqüentadas por pessoas requintadas, constituem uma modalidade esportiva inteiramente identificada ao refinamento e à elegância, ao passo que o ambiente despretensioso das "festas do peão", onde se houve música sertaneja, é invariavelmente considerado brega. Além disso, lembra o autor, "enquanto os jóqueis-clubes estão localizados em capitais ou eventualmente em cidades importantes do interior (...), o forte mesmo dos rodeios são as cidades do interior" [280].

A idéia de que o princípio do gosto reside *parcialmente* nas estratégias distintivas vigentes nas relações de classe parece orientar o comportamento das pessoas as mais variadas, até mesmo o daquelas que, munidas de uma sofisticada formação intelectual, se pretendem compassivas com os desafortunados socialmente. Numa tarde de dia da semana Marília, pós-graduanda em filosofia na USP, chega da rua, mais precisamente do trecho da Rua Teodoro Sampaio próximo ao Largo da Batata, uma área de intenso comércio de classe média baixa e popular no bairro de Pinheiros. E, mal entra em casa, desabafa: "é incrível, quanto mais uma mulher é de *classe baixa*, mais ela faz questão de usar decotes ultra-ousados, apelativos, roupas colantes e *vulgares*".

Os supostos vínculos entre os trajes por assim dizer mais sensuais e a baixa localização social de seus portadores talvez expliquem por que uma psicanalista de família quatrocentona e mulher de um importante empresário brasileiro tenha acentuado, durante nossa entrevista, que:

"Eu já normalmente não sou muito de ficar mostrando o corpo. Eu não gosto. Braço eu já não mostro desde que eu tenho quarenta anos. Não uso nem roupa assim de alcinha e nem sem manga. Só com manga" [Entrevista 5].

Quando discorre sobre a inadequação do trajar europeu nos trópicos, Gilberto Freyre lembra os "pequenos martírios" vividos pelos homens e mulheres das camadas senhoriais que, com a reeuropeização dos costumes a partir do século XIX, foram compulsoriamente transformados em adeptos de modas de trajar de tendências apolíneas, sufocando nossas possíveis predisposições dionisíacas:

"Pelo que é de supor que, nesse particular, alguns dos brasileiros e das brasileiras senhoris tenham invejado nos servis aquelas liberdades de trajo que lhes permitiam ser mais instintiva ou ecológica e teluricamente tropicais. Daí mais de um observador estrangeiro, dentre os mais

[279] CALDAS, Waldenyr. *Uma utopia do gosto*. São Paulo, Brasiliense, 1999 [1998], p. 28.

[280] Idem, ibidem, p. 30.

perspicazes, ter observado, no Brasil patriarcal e escravocrata, contrastes entre solenidades e gravidades de brasileiros senhoris, com espontaneidades, alegrias, à-vontades, de brasileiros de condição servil"[281].

As representações que figuram no espaço da crítica cultural também fornecem indícios favoráveis à tese da homologia entre as classificações que orientam o campo da produção cultural e as hierarquias que correm no bojo da sociedade. Tome-se, para o mundo do teatro, a crônica de Sérgio Salvia Coelho a propósito do melodrama. Muito embora a montagem "Ferro em Brasa" tenha sido, na opinião do crítico, uma digna tentativa de resgate de um gênero que é ainda visto como tabu, como "um mau gosto que a modernização do teatro erradicou" - e malgrado o fato de os modernistas de 22 terem considerado o universo circense de Piolim o grande representante do teatro nacional -, "os grandes sucessos circenses da família Neves permaneceram relegados às classes populares"[282].

Como se pode ver em várias de suas crônicas publicadas em momentos diferentes, Coelho encarna, no espaço da crítica cultural paulista, a posição de denúncia da arte que se macula no intuito de conquista do "grande público". Tal é o argumento central de *"Musical 'My fair lady' entrega apenas o que seu público espera"*, em que o crítico se refere ao diretor Jorge Takla - "que se mantém fiel ao espetáculo da Broadway" - e a um ator "à vontade em um humor televisivo altamente eficaz", um e outro cúmplices de uma concepção de teatro "eficiente" (e não "criativo") e medíocre. Mas, ao fazer isso, *associa claramente objetos artísticos e grupos sociais*, como quando chama de "mediano" o público preferencial do espetáculo: "O milionário investimento se limita à garantia da mediocridade, para alimentar a curiosidade da classe média por aquilo que foi privilégio até pouco tempo daqueles que podiam pegar o avião para Nova York" [283].

Tais representações das especificidades de recrutamento social das diferentes práticas culturais apontam que, embora diminuto, *"o amor pela arte" permanece um critério distintivo de classificação social na cidade de São Paulo*.

---

[281] FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*. 2ª edição. São Paulo, Global, 2009, p. 240.

[282] Cf. COELHO, Sérgio Salvia. "'Ferro em Brasa' é um digno, mas limitado resgate do melodrama". *Folha de São Paulo,* 14 de outubro de 2006, p. E8.

[283] Idem. "Musical 'My fair lady' entrega apenas o que seu público espera". *Folha de São Paulo*, 30 de junho de 2007, p. E7.

Isso não invalida, evidentemente, o fato de que a significação social da chamada cultura erudita no Brasil é menor do que em países como a França, onde surgiu a sociologia do gosto que inspira esta pesquisa[284].

Exemplares, nesse sentido, são a imagem publicitária e a charge abaixo:

Fonte: *Folha de São Paulo*, 2005 [285].

Cartum de Adão Iturrusgarai, em "Existe Sexo Após a Morte?"

Fonte: *Folha de São Paulo*, 10 de abril de 2007.

---

[284] A tiragem média de um romance no Brasil é de 3.000 exemplares, a ocupação média dos teatros é de 18% e a média de espectadores de filmes brasileiros foi de 180 mil em 2006. Cf. ARAÚJO, Alcione. "Esquizofrenia na educação e cultura". *Folha de São Paulo*, 4 de agosto de 2006, p. A3. Conferir, a esse respeito, ORTIZ, Renato. "Legitimidade e estilos de vida". In *Mundialização e cultura*. São Paulo, Brasiliense, 2003 [1994].

[285] A grande maioria dos informantes das classes altas entrevistados faz muito mais práticas culturais (cinema, teatro, concerto e exposição) quando está fora do Brasil, o medo da violência urbana tornou as elites ainda mais cosmopolitas: "Eu gosto [de cinema], mas, vou muito pouco. Hoje eu faço muito pouco essas coisas aqui, por uma razão muito de brutalidade da cidade. É tão difícil eu ir ao cinema em São Paulo (...) Então, como é que você faz? É muito desagradável. Teatro? Vivendo em São Paulo? Teatro, teatro, teatro, só vou ao teatro na Inglaterra praticamente. Porque você vai ao teatro, primeiro, imagina, o teatro em São Paulo hoje é quinta, sexta e sábado. Em todo lugar do mundo são seis dias por semana (...) é marcado para as 21:00 e começa às 22:00. O banheiro é nojento"(Banqueiro, Jardim Europa). [Entrevista 6].

Um informe publicitário que explora o baixo capital cultural do brasileiro foi o feito pela *W/Brasil* em 2005 para divulgar a "Coleção Folha de Música Clássica", formada por 24 livros-CDs contendo a biografia e as principais obras dos compositores mais conhecidos executadas pela *Royal Philharmonic Orchestra*. Na semana que antecedeu a chegada do exemplar dedicado a Rossini, a *Revista da Folha* reservou uma página à seguinte frase: "Ele compôs o Barbeiro de Sevilha, Guilherme Tell, Tancredo. E você só conhece o medalhão à Rossini?"[286]

Ainda assim, julgo válido (e transportável) o argumento de Louis Pinto que, em debate com Bernard Lahire sugere que não é necessariamente o maior número de praticantes que decide quais os princípios de hierarquização legítimos. Na verdade, diz o autor, o reconhecimento da objetividade das sanções inerentes ao referencial erudito independe de seu pequeno número de adeptos, pois, "s'il est possible de se retirer d'un jeu surtout quand on n'a rien à en espérer, le jeu n'en continue pas moins d'exister, quitte à se modifier à travers l'action de ceux qui, même peu nombreux, ont assez de croyance pour y participer" [287].

Elias e Scotson também mostraram como a classificação hierárquica das famílias de uma pequena cidade da Inglaterra não tinha relação alguma com sua representação estatística, rejeitando a crença, ainda tão arraigada nos estudos de sociologia, de que quanto maiores as dimensões numéricas, maior a importância sociológica de determinado fenômeno:

> "Em alguns casos, o poder maior pode pertencer aos muito numerosos, à 'maioria', mas, noutros, fica reservado à minoria. Assim, uma minoria estreitamente unida pode exercer poder sobre uma maioria menos unida e menos organizada. As 'famílias antigas' de Winston Parva eram um exemplo. Certamente não compunham a maioria dos membros da comunidade. Mas as crenças, os padrões e a classificação de terceiros que prevaleciam nesse grupo unido de elite tinha maior peso em relação aos outros, sobretudo porque, como veremos, seus membros detinham todos os postos-chave da comunidade" [288].

O suposto de que não é o número de adeptos que garante a legitimidade de um determinado código de honra também foi trabalhado por Loïc Wacquant que, passando em revista os primeiros estudos de campo de Pierre Bourdieu, argumentou que o comportamento da maioria não foi forte o suficiente para impedir que as maneiras viris

[286] *Revista da Folha*, 16 de outubro de 2005.

[287] Cf. PINTO, Louis. "Comment négocier un tournant ?", op. cit.

[288] Cf. ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*, op. cit., p. 83.

outrora tidas por desejáveis em sua aldeia natal do Béarn caíssem no descrédito, ensejando a cisão da subjetividade camponesa:

"Essa última explica, por exemplo, que embora sejam largamente predominantes em termos demográficos, os agricultores e trabalhadores agrícolas do Béarn elejam sempre para posições locais de autoridade médicos, professores, funcionários da cidade e grandes proprietários que possuem exatamente as espécies de capital que lhes faltam" [289].

Em suma, todos estão dizendo que admitir a objetividade de uma norma não é o mesmo que constatar a conformidade a ela nas práticas efetivas da maioria das pessoas. É reconhecer que apenas alguns, ainda que pouco numerosos, podem atuar sobre o jogo dos lucros simbólicos em relação aos quais todos serão avaliados, quer se dêem conta disso ou não. No que tange aos propósitos específicos desta pesquisa, mesmo que o domínio do repertório cultural erudito não seja um princípio de hierarquização tão significativo quanto a posse de capital econômico, por exemplo, ele ainda assim contribui com os processos de dominação "suaves" que atravessam a sociedade.

No caso de São Paulo, observa-se que o *conteúdo substancial* dos gostos muitas vezes (mas não sempre) é diferente, mas *a oposição estrutural entre o distintivo e o vulgar* (e as violências "surdas" feitas em seu nome) *permanece idêntica*. Veja-se, por exemplo, essa matéria veiculada pela *Folha de São Paulo* em 2006, na qual Fernando Henrique Cardoso disse duvidar que Lula gostasse de música clássica. Em entrevista a um programa de rádio de música erudita de Nova York – o "Mad About Music" – o ex-presidente brasileiro escolheu, dentre sete músicas, as nacionais "Bachianas Brasileiras n. 5", de Heitor Villa-Lobos, e "Lua de São Jorge", de Caetano Veloso, e ainda falou dos gostos do atual presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva. Em resposta à pergunta sobre se já tinha conversado com Lula sobre música, FHC respondeu: "Não. Eu não sei se Lula gosta de música. Talvez. *Mas certamente não música clássica*" [290].

[289] Cf. WACQUANT, Loïc. "Seguindo Pierre Bourdieu no campo", op. cit., p. 19. Um outro indício de como não é o número de adeptos que chancela, objetivamente, um estilo de vida, aparece de forma bastante viva no caso de uma cidade como Salvador, cujos descendentes de escravos, que totalizam 75% da população, não conseguem se impor como cultura dominante: "Em Salvador, as peças publicitárias em sua maioria exibem *top models* loiras, de pele alva, impondo um modelo de beleza inalcançável, que não guarda nenhuma relação com o padrão de beleza local. Globalizar, dessa forma, é exterminar a especificidade e a originalidade do que é local para implantar a cultura e o modo de vida genérico de quem detém o poder político e econômico". Cf. CHIODETTO, Eder. "'Salvador Negroamor' questiona 'apartheid' econômico". *Folha de São Paulo*, 15 de janeiro de 2007, p. E8.

[290] Cf. DÁVILA, Sérgio. "FHC diz a rádio de Nova York que duvida que Lula goste de música clássica". *Folha de São Paulo*, 10 de junho de 2006, p. A4. Grifos meus.

Ainda a respeito dos (des)gostos dos presidentes do Brasil, cabe lembrar aqui que em 27 de junho de 2006 o *Jornal da Rádio Cultura* emitiu o seguinte comentário: "O interesse do presidente Lula pelo futebol contrasta com o interesse do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que já afirmou não ver muitos jogos pela televisão, preferindo ler livros". Por fim – e para completar essa imagem do ex-operário inculto e sem estudo - uma das entrevistadas desta pesquisa, colecionadora de arte, psicanalista e ex-exposa de um grande industrial referiu-se ao presidente Lula como "o nosso analfabeto-mor" [Entrevista 7] e, quando indagada sobre sua reação frente a pessoas que cometem erros de português, uma outra informante das classes altas, restauradora de obras de arte acadêmica disse que "eu me incomodo bastante, assim, escuto erros... E agora, especialmente, é uma época terrível, *eu vejo o presidente falando na televisão, uma coisa revoltante, absurda"* [Entrevista 8].

Diferentemente das abordagens que sugerem a obsolescência de noções como a de "legitimidade cultural" [291], outra evidência de como a legitimidade da norma erudita continua a ser mobilizada na reprodução da hierarquia social aparece em "Hipercorreção e a vontade de acertar", crônica de Odilon Soares Leme veiculada pelo jornal *Folha de São Paulo.* De acordo com o professor de português do *Anglo* e responsável pelo programa *S.O.S Língua Portuguesa* da rádio *Jovem Pan*, a hipercorreção ou ultracorreção, isto é, o erro cometido pelo excesso de zelo, é um fenômeno muito comum nas provas do *ENEM:*

"É tanta a vontade de acertar, que se acaba errando (...) O pronome *lhe* freqüenta muito pouco a linguagem coloquial. Daí o perigo de usá-lo de forma equivocada, na doce ilusão que se está falando 'bonito'. E então ouvimos frases como 'eu não lhe vi', 'ela lhe convidou' (...) Há, também, um erro de colocação pronominal, muito comum, quando, em situação formal, alguém fala ou escreve, por exemplo, 'o prejuízo que verificou-se'. O raciocínio é claro: como todo mundo diz 'o prejuízo que se verificou', o chique deve ser 'o prejuízo que verificou-se'. E a pessoa 'fica se achando' (...) Coisas da hipercorreção"[292].

Ainda um indício da legitimidade da "alta cultura" figura no informe publicitário do condomínio de classe alta Tamboré 11, ao lado de Alphaville, que nos indica que esse novo empreendimento da *Fernandez Mera Negócios Imobiliários* chamará "Terras de Provence" e, sua portaria, "Praça Cézanne" (e não "Gera Samba", por exemplo) [293].

[291] FABIANI, Jean-Louis. « Peut-on encore parler de légitimité culturelle? », op. cit.

[292] Cf. LEME, Odilon Soares. "Hipercorreção e a vontade de acertar". *Folha de São Paulo,* Especial Fovest, 12 de setembro de 2006, p. 6.

[293] Cf. *O Estado de São Paulo,* 20 de setembro de 2008, p. D1.

Essa pretensão aristocratizante é especialmente arraigada em setores ascendentes que estão bastante longe das classes baixas, mas, ainda assim, não chegam a penetrar o círculo dos propriamente ricos, quer em termos materiais, quer em termos culturais. Tendo acompanhado uma sessão de um leilão de arte e antiguidades ocorrido no Jardim Paulista, pude ver a mesma avidez de refinamento que havia encontrado nos manuais de etiqueta. Lá, como cá, os verdadeiros detentores da sagacidade mundana e do refinamento cultural não constituíam o público preferencial de tal investida, a começar pelo próprio leiloeiro que, na tentativa de fazer subir o preço de uma tela disse: "Nem em Paris, lá no *Momatre* (sic) encontramos por esse preço, você já foi lá e sabe que não". Tendo conduzido (e induzido) os lances atribuídos a aproximadamente 450 peças que iam de CR$20,00 a CR$30.000,00, o leiloeiro em questão chegou a ser corrigido mais de uma vez pela platéia, como quando apresentava um oratório mineiro do século XX e, ao ressaltar o fato da peça de madeira ter até "pinhanha", ouviu imediatamente em alto e bom tom, "P-E-A-N-H-A!". O mesmo quando mostrava uma escultura de ouro que, dizia ele, retratava um surfista. Um outro participante, também um senhor, disse que a figura estava mais para esgrimista, pois, nem prancha de surf havia[294].

Tal desapossamento cultural não inibia, contudo, esse animador que por vezes parecia pisar em ovos. Os princípios de antigüidade, singularidade ("São peças únicas") e espelhamento no mundo europeu e norte-americano eram sempre evocados em suas várias tentativas de situar a platéia: "Os brinquedos alcançam preços altos na Europa e nos EUA, quanto mais antigos, mais caros". Para vender um lustre antigo, fez referência aos "da Consolação que não duram nem um ano". Escritores e pintores eram "acionados" para agregar prestígio às obras à venda: o mesmo artista ali leiloado alcançou preços elevadíssimos no leilão que a família de Jorge Amado acabara de fazer, o pintor de tal tela pertencia à família de Nelson Leirner, etc. Isso nos força a concluir que o baixo capital cultural que comumente se atribui ao brasileiro não implica o apagamento das hierarquias vinculadas ao repertório erudito, como se tais princípios classificatórios fossem por demais inócuos, decididamente incapazes de induzir à formação de barreiras entre os grupos [295].

[294] Observação feita em novembro de 2008.

[295] Ao longo das entrevistas junto às classes altas, ouvi de uma informante do Jardim América que o grupo *Tableau*, promotor da sessão de leilão que eu acompanhei, realizava leilões muito "chinfrins".

O reconhecimento dos veredictos emitidos pelas instâncias de consagração cultural por parte *dos que são considerados (e se consideram)* forasteiros no circuito da produção erudita dá-se a ver todas as pouquíssimas vezes que os feitos culturais desses *outsiders* conseguem adentrar as instituições tradicionalmente dedicadas à exposição de obras de arte, tais como as galerias e museus. De tão raras, tais iniciativas de pôr em contato grupos socialmente heterogêneos são, em si mesmas, o motivo exclusivo das críticas de arte, independentemente das obras propriamente ditas, a respeito das quais pouco se fica sabendo. A exibição de telas de pintores da feira da Praça da República, no centro de São Paulo, na Galeria Atelier Vanguarda, em Pinheiros, é bastante ilustrativa desse fenômeno. Seguindo a crítica cultural de Gabriela Longman, pode-se dizer que a dinâmica da estigmatização-distinção segue sempre uma via de mão única e se passa da seguinte forma: enquanto os "entendidos de arte", numa exposição cujas obras consideram ruins, emitem o comentário "Parece arte da Praça da República", o pintor João Cândido da Silva, um dos artistas reunidos pela curadoria de José Eduardo Areias, testemunha o sentimento de auto-valorização advindo, justamente, do fato de expor a um público julgado mais "distinto": "De certa forma, me sinto importante. A praça te dá a satisfação de lidar direto com o público, mas *a galeria é o sonho de ter uma valorização. A clientela é mais requintada*" [296].

A tese de que o consumo cultural continua a afirmar diferenças de posicionamento (e de trajetória) social, mantendo em mundos não-conspurcáveis os que conviveram desde sempre, os que se familiarizaram tardiamente e os que jamais entraram em contato com as obras artísticas também se sustenta quando o assunto é o mercado dos colecionadores de arte, isto é, o universo daqueles que podem *se apropriar materialmente das obras de arte*. Em reportagem sobre a terceira edição da *SP Arte*, evento que reúne diversas galerias brasileiras e estrangeiras no Pavilhão da Bienal com vistas à comercialização de obras, realização de debates e venda de livros, a articulista faz referência ao fascículo especial editado pela feira, no qual colecionadores e especialistas dão "dicas" aos que buscam iniciar sua coleção. Quando expõe, porém, as quatro sugestões de "boas compras" da *SP Arte* – "Expedição do Amazonas", de Brígida Baltar, de até R$ 5 mil, "Guaritas", de Elaine Tedesco, de R$ 5mil a R$ 30mil, "Duomo", de Antonio Manuel, de R$ 30 mil a R$ 100 mil e, finalmente, "Bell's fall",

[296] Cf. LONGMAN, Gabriela. "Praça da República chega à galeria". *Folha de São Paulo*, 8 de fevereiro de 2006, p. E6. Grifos meus.

de Tunga, acima de R$ 100 mil – o texto jornalístico acaba concluindo que, a despeito de tais "indicações" dos críticos de arte, galeristas e artistas, "fica na memória a receita do colecionador Gilberto Chateaubriand para jovens compradores: 'Que tenha bom faro e uma boa conta bancária' "[297].

As disposições dos marchands e colecionadores de arte são, de fato, variantes exemplares do "preço" que se atribui às coisas "sem preço" e, assim, da *irredutibilidade do amor ao dinheiro que só o dinheiro proporciona*: "É uma coisa que não tem preço", diz o empresário, marchand e economista Miguel Salles ao referir-se ao fato de ter pago R$ 3.000,00 por um par de ingressos do show da turnê de despedida de BB King na "atmosfera intimista" do *Bourbon Street*, em São Paulo[298].

A "retórica da negação do mercantil" como salvaguarda do estatuto superior do desfrute artístico foi observada por José Carlos Durand em sua análise do mercado de arte no Brasil. Segundo apurou o trabalho, o corretor da bolsa de valores de São Paulo Raul Forbes teria afirmado, quando da compra de o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, "sou colecionador, não sou investidor" [299]. O modo como a revista *Época* e o jornal *Valor Econômico* retrataram o economista, empresário e colecionador João Carlos Figueiredo Ferraz - filho do prefeito de São Paulo José Carlos de Figueiredo Ferraz e marido de Dulce Almeida Prado Figueiredo Ferraz - mostra como esse é de fato um discurso bastante arraigado no mundo dos que colecionam "apenas por prazer" e são, aos olhos dos marchands, "desbravadores, aqueles que assumem o papel de coadjuvantes da história dos artistas emergentes, como os corajosos que compraram a vanguarda nos anos 50" [300].

[297] Idem. "Feira aposta no mercado de arte". *Folha de São Paulo*, 18 de abril de 2007, p. E8.

[298] Cf. NEY, Thiago. "Para marchand, 'valor de reposição' justifica pagar R$ 3.000 para ver BB King". *Folha de São Paulo*, 30 de novembro de 2006, p. B10.

[299] Cf. DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op. cit., p. 215, nota 44. Como se verá adiante, os dois colecionadores de arte entrevistados para esta pesquisa também insistiram no "desinteresse" por critérios como "liquidez" ou "nomes prestigiados" na aquisição de suas coleções.

[300] GONÇALVES FILHO, Antonio. "Os novos colecionadores". Revista Época, 14 de março de 2003, edição número 252 disponível em http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG56176-6011-252,00.html (consultado em dezembro de 2008).

"Sob o olhar de João Carlos de Figueiredo Ferraz, 54 anos, arte é pura paixão. E é essa paixão que leva o empresário, um dos maiores colecionadores privados de arte contemporânea do país, a freqüentar o 'jet set' cultural e patrocinar as artes. Dono de um acervo de cerca de 750 obras, entre quadros, esculturas e fotografias, Figueiredo Ferraz trabalha para reunir suas 'preciosidades' – entre elas, Amílcar de Castro, Hélio Oiticica, Leda Catunda, Vik Muniz -, em um museu próprio em Ribeirão Preto (SP), principal pólo canavieiro do país (...) O empresário confessa que começou a comprar as obras de arte pensando em decorar as paredes de sua casa. Percebeu que tinha tomado gosto pelo negócio quando continuou a comprar obras mesmo depois que já não havia mais paredes para preencher. Isso foi no fim da década de 70, mais precisamente em 1979, quando se casou. Embora ele já tivesse 25 anos quando aconteceu seu batismo de colecionador, Figueiredo Ferraz começou a respirar arte desde a infância, sob forte influência materna. 'Em casa, sempre convivi muito com arte, principalmente por conta de minha mãe [Lydia Machado Chagas]. Ela é da geração do Volpi [Alfredo Volpi], Rebolo [Francisco Rebolo], Tarsila [Tarsila do Amaral]. Também foi casada com um artista, que exerceu forte influência sobre nós' (...) 'Fui formando minha coleção por pura paixão. Você gosta, você compra, vai atrás das coisas que quer' (...) Figueiredo Ferraz não fala em cifras. E diz que não especula arte".

In: "Os doces frutos da monocultura", *Valor Econômico*, 28/4/2006.

O grau de autonomia em relação ao mercado foi um critério onipresente nas auto-representações dos produtores e nos veredictos dos críticos examinados[301]. O ideal de que é preciso jogar o jogo da arte enquanto arte, isto é, contra os fins mercantis daqueles que não hesitam em reduzir os negócios de arte a negócios de dinheiro é explícito na pena do crítico teatral Sergio Salvia Coelho que, analisando a montagem de *O avarento*, de Molière, encenada por Paulo Autran, refere-se aos atores « impagáveis » e à fórmula bem-sucedida do espetáculo da seguinte maneira: « Se a montagem dá certo do jeito que deu, é porque estão todos aí pelo amor ao jogo. Hirsch não tenta 'assinar o nome' com piadas grosseiras em cima de um clássico, como autodenominados encenadores geniais fazem sistematicamente »[302]. O mesmo tom orienta a crítica teatral da sexta edição do Festival Internacional de São José do Rio Preto, dado o inegável entusiasmo pelo festival que « abandona o agradável », prioriza núcleos de resistência

[301] «(...) não existe nada que divida mais claramente os produtores culturais que a relação que mantêm com o sucesso comercial ou mundano (...)» BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*, op. cit., p. 247.

[302] Cf. COELHO, Sergio Salvia. "'O Avarento' reverencia o bom teatro". *Folha de São Paulo*, 23 de agosto de 2006, p. E4.

aos lançamentos comerciais e conta com uma curadoria que « deve ter um faro não para o sucesso, mas para o relevante »[303].

Sem pretender construir aqui o histórico e o funcionamento do "campo" de cada uma das atividades culturais evocadas, é possível identificar invariâncias e as apostas mais largamente perseguidas. O descrédito associado à conquista desbragada do maior público, por exemplo, também direciona a crônica do crítico de artes plásticas Fabio Cypriano a respeito do *Art-O-Meter*, aparelho criado pelo brasileiro Marcelo Coelho, pesquisador do *MIT Media Lab*, para medir o tempo que as pessoas passam em frente a uma obra de arte. Fiel seguidor de um dos pressupostos mais sagrados da teoria estética - qual seja, o que faz do desinteresse pelo objeto representado a única maneira de se reconhecer a obra de arte por aquilo que ela é [304] -, o crítico da *Folha-Ilustrada* não titubeia em proclamar as regras legítimas de apropriação das obras de arte, fazendo uma distinção nítida entre os poucos que "se deleitam" diante dos expoentes canonizados pela História da Arte Erudita, que sabem apreciar os feitos artísticos relacionalmente, através da comparação com outras obras e, no extremo oposto, a multidão dos que aderem ao que é da ordem do instintivo, do vulgar e do "fácil", alimentando a infâmia do sensacionalismo:

"Ora, imagine uma exposição num museu de alta visitação que tenha uma pintura hiper-realista com Brad Pitt sem roupa, de um artista reconhecido, mas muito bem feita, e uma tela abstrata como o "Quadrado Preto Suprematista", de Malevich, que é um quadrado preto sobre fundo branco. *Qualquer um com boa noção de artes visuais irá se deleitar frente à obra de Malevich*, mas a maior parte do público buscará explorar as partes pudicas do ator"[305].

Não me parece um acaso que o crítico tenha elegido esta obra de Malevich que, pela própria natureza do objeto representado – um quadrado monocromático – desconcerta todas as expectativas realistas com relação às obras de arte. Esse desgosto

[303] Idem. "Rio Preto assume riscos de quebrar novas barreiras". *Folha de São Paulo*, 18 de julho de 2006, p. E5. Luiz Fernando Ramos também denuncia as encenações que não são mais do que um novo sucesso de bilheteria: "Por trás das declaradas intenções de colocar em discussão os grandes temas humanos, há, de fato, risco artístico real zero, e a certeza de dividendos fartos na fórmula do escândalo comportado". Cf. RAMOS, Luiz Fernando. "Peça 'chique' não corre riscos". *Folha de São Paulo*, 10 de setembro de 2009, p. E11.

[304] «Tout intérêt corrompt le jugement de goût et lui retire son impartialité, notamment quand il ne situe pas, comme le fait l'intérêt de la raison, la finalité avant le sentiment du plaisir, mais la fonde sur celui-ci – ce qui se produit toujours dans le jugement esthétique qui est porté sur une chose en tant qu'elle plaît ou déplaît ». KANT, E. *Analytique du beau. Critique de la faculté de juger*. Paris, Flammarion, 2008, p. 80.

[305] CYPRIANO, Fabio. "Art-O-Meter mede só o ibope da obra". *Folha de São Paulo*, 27 de dezembro de 2006, p. E4. Grifos meus.

do “fácil” e do “agradável” parece estar na raiz da rejeição às estéticas mais “sensoriais” e, portanto, mais aptas a proporcionar uma satisfação imediata[306].

Tais “prescrições” de críticos influentes na cena cultural paulistana constroem permanentemente hierarquias entre as várias produções culturais e, sobretudo, entre as possíveis modalidades de apreciação artística. Convergindo, de certa forma, com as prescrições dos manuais de etiqueta e das crônicas de *savoir-vivre* que, como visto, assentam as atitudes condizentes com o “faro mundano”, as opiniões de produtores e críticos de bens de cultura discutidas aqui não fazem apenas guiar os primeiros passos no mundo das artes, já que estão, o mais das vezes, ocupadas em definir quais os princípios imprescindíveis à apropriação legítima das obras legítimas. Além disso, junto das estatísticas culturais e das pesquisas de mercado apresentadas no material de imprensa, as críticas do jornalismo cultural integram um conjunto de representações que vincula objetos e/ou práticas culturais a grupos sociais. A pujança desses princípios classificatórios torna questionável toda tentativa de afirmar, de forma peremptória, o fim das hierarquias em matéria de cultura.

[306] Segundo Kant, «Le goût reste toujours barbare quand il a besoin de mêler à la satisfaction les attraits et les émotions – et il l’est même encore bien plus quand il en fait la mesure de son assentiment ». KANT, E. *Analytique du beau. Critique de la faculté de juger*, op. cit., p. 80-81.

4. Elites dos bairros-jardins da Companhia City:

Prestígio, distinção pelo gosto e conivência com o mundo da arte

"(...) os milionários deixaram a Avenida Paulista. Acompanhando a expansão da cidade, desceram com ela para o sul da colina, na direção dos tranqüilos bairros de ruas sinuosas. Suas residências de inspiração californiana, de cimento micáceo e com balaústres de ferro fundido, advinham-se no fundo de parques cortados em bosquetes rústicos onde se implantam esses loteamentos para ricos ».

Claude Lévi-Strauss, Tristes trópicos.

Os bairros Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulistano e Jardim Paulista integram o território dos "Jardins", uma área relativamente jovem da cidade de São Paulo. Construída a partir do conceito de cidade-jardim e caracterizando-se, originalmente, por ruas sinuosas envoltas por árvores e edificações rodeadas por plantas e cercas-vivas, essa área da capital paulista logo atraiu famílias ricas e os chamados barões do café, que então deixaram suas antigas moradias em Higienópolis e, principalmente, Campos Elíseos, bairros tradicionais da época [307]. De acordo com a historiadora da arquitetura Silvia Wolff, a instalação da *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company* em São Paulo teve um papel decisivo na consagração de um eixo de concentração dos bairros residenciais da elite da cidade:

"O padrão foi, efetivamente, tão bem-aceito que se estendeu não apenas em terras da própria companhia, mas também por loteamentos de outras empresas que buscavam incorporar características dos primeiros bairros-jardins da City. O caso mais evidente desse processo é o do Jardim Europa, implantado já em 1921, apenas dois anos após o lançamento do Jardim América em continuidade a suas terras, e logo depois Cidade Jardim, que do outro lado do rio Pinheiros levou ao limite o eixo da rota de expansão dos bairros das classes altas que se prolongou, já na segunda metade do século XX, à concretização do bairro do Morumbi" [308].

Tais padrões de ocupação do espaço urbano paulistano vão ao encontro das observações realizadas por Pinçon e Pinçon-Charlot a propósito das especificidades sócio-espaciais da capital francesa, onde os bairros residenciais de alta sociedade são sempre bairros novos, construídos *por* e *para* ela, configurando uma estratégia de

[307] Cf. S/A. "Modernidade prevalece desde o planejamento". *Oásis de charme e sofisticação*, informe publicitário do jornal *Folha de São Paulo*, 20 de dezembro de 2006.

[308] WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América*, op. cit., p. 83.

confinamento num gueto dourado e voluntário [309]. Nas palavras de um informante residente numa "casa de campo", como ele diz, no Jardim América, "ter bom gosto é você poder estar confortável no que você..., *no teu enclave*, né?" [310].

No caso de São Paulo, essa homologia entre o espaço geográfico e o espaço das posições sociais deveu-se, na opinião de Silvia Wolff, à atuação da City que:

"(...) contribuiu muito para a intensificação da tendência que estabeleceu uma *setorização do zoneamento da cidade segundo suas classes sociais*. A ocupação preferencial do eixo sudoeste pelos bairros residenciais de elite – que vinha se delineando desde o século XIX com os bairros de Campos Elíseos, Higienópolis e com a criação da Avenida Paulista – foi reforçada pela atuação da empresa, cujas terras localizavam-se segundo essa direção" [311].

Reconstituindo o campo das artes plásticas em São Paulo e, especificamente, o deslocamento geográfico do comércio de luxo no início dos anos 1960, José Carlos Durand também apontou para a cotação social desses bairros ao se referir aos Jardins como "bairros de alta burguesia" [312]. Um outro indício de que tal região figura como um dos espaços preferenciais de acolhida das classes não apenas abastadas, mas, também, sofisticadas aparece em *Casas de São Paulo*, composto por textos de Maria Ignez Barbosa, crítica de decoração d'*O Estado de São Paulo* e fotografias de Tuca Reinés, "que clicou a maior parte das casas que valem a pena ser mostradas, da arquitetura que merece ser publicada, das pessoas que têm algo a dizer"[313]. Das vinte e nove casas urbanas registradas no compêndio de arquitetura e decoração, ao menos quinze distribuem-se no território que abrange o Jardim Europa, o Jardim América, o Jardim Paulistano e o Jardim Paulista[314].

---

[309] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie,* op. cit.

[310] Buscando relacionar o "espaço social" e o "espaço geográfico", o estudo sobre a distribuição dos grupos sociais nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro realizado por Eduardo Marques, Celi Scalon e Maria Aparecida Oliveira apontou que a estrutura da segregação é impulsionada pela segregação dos agrupamentos mais bem posicionados socialmente. Cf. MARQUES, Eduardo & SCALON, Celi & OLIVEIRA, Maria Aparecida. "Comparando estruturas sociais no Rio de Janeiro e em São Paulo". DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 51, n.1, 2008, pp. 215 a 238.

[311] WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América*, op. cit., p.261.

[312] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção,* op. cit., p. 191.

[313] SCHNEIDER, Clarissa. "Prefácio". In BARBOSA, Maria Ignez (Texto) & REINÉS, Tuca (Fotografia). *Casas de São Paulo*, op. cit., p. 6.

[314] O Jardim Paulista, representante da região dos Jardins no Censo de 2000, alcançou o segundo maior índice de grau de escolaridade elevado do chefe do domicílio, e o terceiro lugar no quesito renda ("acima de 20 salários-mínimos"). Fontes: Fundação Seade, Fundação IBGE-PNAD e Fundação IBGE.

Vê-se, assim, o quanto a paisagem urbana é um espaço de sedimentação das desigualdades e, nesse sentido, o quanto o poder das classes altas é, também, um poder sobre áreas da cidade. Afora um informante residente em Perdizes, um no Campo Belo e uma entrevistada em Higienópolis, todos os outros informantes de fora de Alphaville vivem em bairros criados pela City ou inspirados por ela: Jardim América, Jardim Europa, Jardim Paulistano, Jardim Paulista, Alto de Pinheiros e Cidade Jardim.

A fala da procedência:

Sentimento de amor-próprio com a memória dos imortalizados ancestrais

Assegurada de seu antigo pertencimento aos grupos sociais os mais privilegiados, a psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante empresário brasileiro Marieta adotou uma atitude bastante desenvolta e respeitosa, tendo me recebido para uma entrevista em seu dormitório composto de tapetes, sofás e poltronas, deitada na cama, em *robe de chambre*, por ocasião de um problema na coluna. Minutos antes, acompanhada por uma empregada, o percurso até o segundo andar, onde ficam os quartos, pôs-me diante de um social objetivado e, assim, imune às oscilações que freqüentemente acompanham as intervenções do pesquisador: obras de arte, tapeçarias, móveis e pisos marchetados não eram senão a cristalização de condições de existência primorosas. A prova mais inequívoca, aliás, de uma longeva existência avantajada me foi dada pelo generoso tempo que a entrevistada gentilmente dedicou à reconstituição de sua trajetória social. O sentimento de amor-próprio com a memória dos antepassados foi, com efeito, traço evidente durante a tarde de domingo em que me concedeu a primeira parte da entrevista: a história da família se confunde invariavelmente com a história da cidade, e muitas vezes com a do país. Para falar como Béatrix Le Wita,

«(...) les individus appartenant aux classes supérieures et ce depuis longtemps, précisent-ils, 'mémorisent le mieux le passé professionnel de leur grands-parents'. L'enracinement dans un statut social semble bien être un facteur déterminant dans la mémorisation de données généalogiques »[315].

Engenheiro formado na Politécnica da USP, seu avô paterno é descrito como um autêntico "paulista de quatrocentos anos":

[315] LE WITA, Béatrix. *Ni vue ni connue*, op. cit., p. 141.

"Meu avô era formado aí em São Paulo, e teve a Revolução de 32, então os engenheiros paulistas tinham que ir ao Rio revalidar o diploma obtido em São Paulo para serem considerados engenheiros. Meu avô se recusou a revalidar o diploma, não ia para o Rio, meu avô era super quatrocentão, então ele falou que ele não ia. E aí ele foi trabalhar num banco do primo dele e nunca foi engenheiro na vida. Mas por orgulho de ser paulista, 'imagina se eu ia no Rio revalidar o meu diploma'".

Tendo feito o Colégio Santa Marcelina, depois o São Bento, o São Luís e, finalmente, a Politécnica na USP seu pai, de família quatrocentona do Vale do Paraíba, engenheiro e professor universitário, secretário e inspetor de obras e vias públicas na prefeitura de São Paulo (durante cinco gestões municipais) é descrito como "uma memória viva de São Paulo":

"Papai, antes do computador... foi ele que trouxe o primeiro computador para a prefeitura... ele sabia décor e salteado todas essas ruas de São Paulo e o que tinha debaixo, era uma memória viva de São Paulo. Eu falava 'Mas papai não é possível, você tem que escrever isso'... porque você vê a Sabesp fura, faz oitocentos furos na rua porque não sabe onde estão as coisas. O papai dizia 'ali tem um córrego, que foi canalizado'... bom, meu pai era...".

Do lado materno, a informante descende de uma família "super tradicional" do sul do país, de mais de oito gerações de generais que já havia sido personagem de um livro. Tendo se casado com um médico da embaixada inglesa e, depois de ter ficado viúva, com um fiscal do imposto de renda paulista (formado em odontologia), sua avó materna teve que esperar a aposentadoria do segundo marido para se estabelecer definitivamente em São Paulo:

"Então ele veio morar em Pompéia porque era considerado o lugar que tinha o ar mais saudável de São Paulo. Então era um baita casarão na Avenida Pompéia (...) que hoje virou até um cortiço de tão grande que era aquela casa da vovó. Eram aqueles casarões que tinham na Avenida Pompéia".

Tal como fizera a respeito de seu pai e de seus avós paternos e maternos, Marieta retrata, não sem orgulho, a trajetória de sua mãe: "A mamãe foi uma das primeiras da geração dela a fazer Universidade, mamãe fez Maria Antônia, fez Universidade de Letras, letras neo-latinas". Ao contrário dos descendentes dos que viveram "vies minuscules" [316], dos imemorados que desapareceram sem deixar traços, os oriundos de famílias "ilustres" - isto é, de famílias que se perpetuam além da finitude

[316] MICHON, Pierre. *Vies minuscules*, op. cit.

dos agentes individuais que as encarnam - fazem uso da chamada "glória de empréstimo" [317] por toda a vida.

Nenhum grupo social das sociedades modernas possui o registro literário de sua existência com a mesma intensidade com que ocorre com as classes altas. A existência dessa literatura, rara em outros meios sociais, perpetua tais famílias "ilustres" para além da finitude biológica de seus agentes individuais. Tendo analisado o álbum de fotografia de Jacques Henri Lartigue, Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot concluíram que os assim chamados "bem-nascidos" são sempre apaixonados por suas origens e, assim, por suas memórias[318]. No universo estudado, o pai da restauradora de obras de arte Maria Cristina fez a árvore genealógica da família e escreveu suas "memórias" para contar a história da fazenda; o empresário *rentier* e filantropo Roberto foi "personagem" de um livro sobre as elites brasileiras e organizou uma exposição sobre os casarões de seus avós numa região importante da cidade; o banqueiro e filantropo Joaquim Pedro preserva e perpetua a memória da Fazenda de seus antepassados barões de café; o empresário de gigantesca construtora Sérgio faz o mesmo com as casas coloniais no interior paulista, propriedade da família do Conde L., seu bisavô. A historiadora, ex-diretora de museu e esposa de um importante arquiteto Regina redigiu com a irmã psicanalista um retrato da família, etc.

O *chef* Sandro viu registrada em livros sérios a história de suas famílias paterna e materna. Ele contou que quando a casa do avô paterno, localizada no Jardim América, foi vendida, ele ofereceu ao novo proprietário o livro de história da arquitetura que estudou esta residência do arquiteto Victor Dubugras. Um tio seu também foi o proprietário de uma das casas que, construída nos então novos bairros-jardim, entrou para a história da arquitetura da cidade de São Paulo. Do mesmo modo – e como ele não pôde ficar mais de uma hora comigo -, recomendou-me um livro escrito por um primo arquiteto bastante bem posto em seu meio profissional, que ao falar de Arquitetura e de seus projetos, narrou parte da história de sua família materna de extração quatrocentona. A respeito desse lado da família, referiu-se ao bisavô filho de italianos adotados por uma importante família quatrocentona de Campinas que:

[317] PONTES, Heloisa. "A burla do gênero: Cacilda Becker, a Mary Stuart de Pirassununga". Tempo social: revista de sociologia da USP, volume 16, 2004, p. 235.

[318] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. « Le bien-être de Jacques Henri Lartigue vu à travers ses 130 albums de photographies ». Paris, Informations sociales, n. 114, 2004.

"era um engenheiro que se deu super bem, foi um grande cara, Gustavo, fundou a *M.*, não sei o quê, um cara que ficou muito famoso e tal (...) Ele já era rico, o pai dele era rico. *Ele nunca foi novo-rico*, porque ele já era de uma família antiga (...) Ele tinha uma mesa no *Automóvel Clube* que todo dia comiam trinta pessoas, mesmo que ele não estivesse lá, a conta era dele. Era a mesa dele, sabe aquelas coisas de coronel?" [Entrevista 9].

Seu filho, pai da mãe de Sandro, "era um cara que também se destacou (...) ele comprou uma fábrica com dezoito anos esse cara, uma fábrica de fogões que é a T (...) fundou essa fábrica (...) depois deixou, para a minha mãe e para os irmãos dela... Venderam e ficaram com um dinheirão". Não surpreende, assim, que em sua temporada em Paris, Sandro fosse apresentado como um rapaz "bem-apessoado (...) de uma família tradicional, sul-americana (...) fazendeiros (...) E muito bem educado também" [319]. E não se pode dizer que em nossa entrevista ele tenha se mostrado indiferente ao particularismo de sua procedência: "Eu acho que tem muita gente que fala que é quatrocentão, mas não é, sabe"?

A "fala da procedência" emergiu, na entrevista com o empresário e *rentier* Roberto, quando eu perguntava sobre como a Cultura havia entrado em sua vida. Do lado materno e paterno, ele pertence a famílias de destaque na colônia sírio-libanesa paulistana. A avó paterna e a materna integraram o grupo de dez senhoras que fundaram o *Hospital Sírio-Libanês*. Os avôs participaram intensamente do desenvolvimento econômico de São Paulo, primeiro com o comércio de cafés e de gados, depois com a industrialização. Aos sessenta e seis anos, ele é certamente um herdeiro (após o colegial, perfez a rota clássica dos filhos das classes altas de sua geração, indo fazer cursos e visitar museus na Europa), mas um herdeiro que continuou fazendo dinheiro e, contrariamente à vontade do pai, engenheiro formado no *Mackenzie*, não fez Universidade, mas foi muito bem sucedido como empresário, tendo ampliado os negócios da família no ramo imobiliário: "eu liguei um dia para ele e falei 'pai, você queria que eu fosse engenheiro, eu não fui. Mas eu tenho dezenove engenheiros trabalhando para mim'. Ele bateu o telefone na minha cara".

Depois do almoço que o entrevistado e sua esposa fizeram questão de oferecer, Roberto mostrou as fotos de todos os cômodos do palacete de sua família na Avenida Paulista das mansões dos "novos-ricos" de então. Essas fotos que hoje formam o conjunto dos quadros que acompanha toda a extensão de um corredor seriam

[319] Não posso citar o livro para não revelar a identidade do informante.

emprestadas para a exposição que ocorreria no mesmo ano num espaço importante da cidade, inscrevendo a história da família na história de São Paulo.

A confecção de uma memória da família pode se dar de diferentes formas, como em matéria de decoração. De origem quatrocentona e atuante como decoradora e filantropa, Teresa Cristina orienta seus clientes a fazer narrar a história da família:

Então, daí, ela tinha um monte de fotografias (...), tantas e tantas e tantas. Daí eu falei "todas as suas preto e branco, as antigas, de família, seria ótimo no lavabo (...) Todas as preto e branco, a pessoa vai chegar aqui vai ficar vendo toda essa gente casando, depois as coloridas você põe"...

Personagens da história nacional e/ou local – e, assim, portadores de um capital simbólico convertido automaticamente em herança -, seus ancestrais estão como que fadados a serem lembrados de maneira positiva. Sobre a avó materna, afirmou:

"Ela foi uma grande professora lá em Santos, até tem uma escola com o nome dela. (...) E muitas pessoas estudaram com ela, lembravam, porque ela era uma pessoa muitíssimo, muito culta. Eu acho que ela tinha jeito de ensinar porque muitas pessoas vinham falar...".

Outra informante que se regala em rememorar os antepassados é Lygia, neta, filha e esposa de embaixadores, políticos e poetas do Brasil:

"O meu bisavô foi acadêmico na sua época. Eu nem conheci ele, mas ele foi acadêmico, enfim, uma das cadeiras. Ele tem aquela poesia (...), que a gente estudava no colégio (...) Mas, enfim, ele foi um poeta conhecido, mas aí ele foi acadêmico, nasceu nas águas do Maranhão" [Entrevista 10].

Espécie de usufruto antecipado, esse privilégio de origem integra desde sempre a existência social dessas pessoas, que desde o nascimento são já herdeiros de um capital simbólico considerável: "Minha mãe é R. T. [nome de uma família tradicional]. Então tem uma tradição intelectual" (Banqueiro, Jardim Europa); "Minha mãe, por exemplo, veio de uma família ótima, de nome e tudo mais (...) Os meus avós paternos eram pessoas da alta camada, de nível social e financeiro (...) Os irmãos de minha mãe eram também de muito bom gabarito, inclusive dois tios meus se sobressaíram bastante" (Dona-de-casa, 71 anos) [Entrevista 11].

Ao longo das entrevistas são comuns as referências aos retratos, tributos de homenagem e reconhecimento, os túmulos, os escritos, em suma, tudo o que eterniza a pessoa representada, inclusive trabalhos históricos que a introduzem na história legítima, fazendo com que mereça ser conhecida:

"O meu avô foi um homem muito interessante, não o conheci, isso foi contado por... Pelos tios, pelos... Pelo meu pai, meu pai era um admirador do pai dele, então ele contava de boca cheia.

Era um homem muito culto, professor de direito... Foi um homem famoso na época, na época dele, M. O., Professor M. O. (...). Ele colecionava obras de arte. Ele fez fortuna porque, quando pequeno, não sei se a família era rica ou não, isso eu não sei. Mas eu acredito que fosse (...) Ele foi, ele morou na Europa uma época, e o papai ficou junto com ele (...) Era na Suíça, em Zurique. E lá moraram acho que durante um ano e pouco. E foi mais nessa época que meu avô comprou muita obra de arte. Ele viajou, foi para a França também, e tem coisas que ele... Ele ia em leilão, ele ia em antiquários..."(Dona-de-casa, neta, filha e esposa de tradicionais advogados de São Paulo, 71 anos).

O orgulho da família de origem também foi evidente no retrospecto de João, jornalista e ocupante de altos cargos em instituições culturais públicas e privadas:

"O meu pai era um homem culto. Ele era um politécnico com laivos positivistas, o padrão da vida dele era o Euclides da Cunha (...) Mas ele era um homem que quando falava de Virgílio, ele sabia do que estava falando. Então ele tinha uma cultura científico-literária e basicamente filosófica muito grande. E tinha uma visão um pouco conservadora do mundo, de artes plásticas, do mobiliário, dessas coisas. Então ele era descendente de fazendeiros. Fazendeiro brasileiro paulista era muito austero (...) o meu pai, que era filho de homem rico, foi ser um funcionário, era engenheiro, foi trabalhar. Mas ele era muito culto. Ele era culto, mas não tinha uma cultura, não foram afetados pelo modernismo, a não ser mais no fim da vida. Então, ele se assustou com a minha, a minha coisa, embora sabia melhor Virgílio do que eu, entende?" [Entrevista 12].

Até mesmo Carlos Alberto, professor universitário e ex-ministro que tanto insistiu em dizer que a família de seus pais era realmente de classe média – e, não, de classe alta, como ele próprio é hoje – relatou, no início da entrevista, que "o meu avô, o meu avô foi... Tem o nome de dois grupos escolares em São Paulo, *S. B. A.*" [320] [Entrevista 13]. Num outro momento, ele prossegue evocando os parentes importantes:

Carlos Alberto - "(...) o meu tio S.B.L, isso é importante, esse meu tio, sabe quem é?
Carolina – Não.
Carlos Alberto – Então, ele chamou-se S.B.L., pernambucano, viveu a vida inteira, grande parte da vida dele no Rio de Janeiro, mas foi governador de Pernambuco em 19--, foi deputado federal várias vezes, foi presidente... Foi membro da *Academia Brasileira de Letras*...".

Ao longo do relato, ele sempre se refere à família de maneira elogiosa e homenageou o pai e a mãe em duas de suas crônicas, filiando-se a um gênero próprio aos dominantes, ou seja, as "memórias".

A Fazenda P. conta a história da família [...], a começar pelos móveis que têm gravados as iniciais do nome da linhagem. Sobre o bisavô, conde e proprietário dessas terras que hoje são suas, o banqueiro e filantropo Joaquim Pedro contou que era: "um homem de grande fortuna e de grandes haveres. Um homem extraordinário para o seu tempo. Fez estrada de ferro, a estrada de ferro de R. para S. e A. e para J. Foi ele que fez

[320] Isso depois ele vai matizar dizendo que o avô paterno era, na verdade, alta classe média, advogado formado na São Francisco e proprietário de um cartório. Já os avós maternos eram "professores não universitários, professores de *Caetano de Campos*".

com o sogro". A restauradora de obras de arte Maria Cristina contou, a propósito de seu avô paterno, que "foi uma pessoa importante também, foi um engenheiro agrônomo também, um cara do café, um cara super importante, chegou a trabalhar para o governo, ser Ministro da Agricultura". Discorrendo sobre a origem quatrocentona de seus pais, ela afirmou que "se você for andar na minha casa, você vai ver que tem assim móveis que era de bisavô, tataravô, louça (...) que é coisa que a gente aprendeu sempre e eu também passei para os meus filhos e, sabe, *é bacana você ter História*, tem pessoas na família, nossa, maior orgulho ter aquela pessoa". Evocando a notoriedade de que dispunha o nome de sua família já na Europa, o empresário de construtora de grande vulto Sérgio relata:

"Se você foi à torre de Portugal, quem descobriu, quem descobriu os Açores foi um [nome de sua família quatrocentona]. Você vai, tem uma capela nos Açores de 1453. Você vê que quando Portugal estava descobrindo as Índias lá que tem um [...], um general [...] lá que lutou" [Entrevista 14].

Como se viu, a "fala da procedência" atende à criação de uma espécie de "avanço" para os descendentes de pessoas bem situadas socialmente: "'Avoir trois générations de cols durs derrière soi', como le dit M. Georges H. (fils), suffit à la mémoire collective pour transformer en qualité ce qui n'est, en fait, à l'origine qu'acquisition"[321]. Não por acaso, então, são sempre dos ancestrais mais pobres (em todos os capitais) que se tem menos notícia, ao passo que quando se trata, por exemplo, de um avô juiz de direito, ele é rememorado. Tal é o caso do compositor Marcos, um dos informantes menos dados à "fala da procedência". E não é nem que Marcos tivesse conhecido o pai do pai: este já estava morto, tanto quanto o pai da mãe, quando ele nascera. Com a diferença de que o avô paterno de quem ele se lembra havia sido juiz e desembargador. Na maioria dos relatos, sempre que há um membro da família de situação mais modesta, os informantes costumam não saber o que eles fizeram ou estudaram: "Não tenho a menor idéia do que eram nem nada (...) Os meus avós da minha mãe eram imigrantes portugueses tentando se virar aqui. Deve [o avô] ter sido ferroviário ou alguma coisa do gênero" [Entrevista 15]. Quando perguntei a Marcos se a família (mais bem posta socialmente) do pai havia marcado mais ele respondeu: "É, apesar de ter morrido mais cedo", evidenciando o quanto a perenidade da memória de pessoas afortunadas é preservada malgrado sua ausência física.

[321] LE WITA, Béatrix. *Ni vue ni connue*, op. cit., p. 80.

“<u>Então você tem algumas referências</u>”:
Gosto apurado pela via familiar e ostentação da discrição

“Eu escuto a Sexta Sinfonia de Beethoven desde menina; mas o que foi aquilo? Mal terminou a primeira frase, estava com lágrimas nos olhos”.

Comentário de uma senhora na Sala São Paulo [322].

“Vovô tinha em sua casa em São Paulo alguns quadros de bons pintores brasileiros. Convivi com quadro de Oscar Pereira da Silva, por exemplo, desde sempre”.

Psicanalista e mulher de professor universitário e ex-ministro, 72 anos.

“A gente tem essa cultura de ir a museu, de aprender em museu. Então o museu é um lugar, para nós...”.

No segundo capítulo analisei como a ideologia da espontaneidade das maneiras depreende-se dos preceitos dos manuais de etiqueta e demais crônicas da vida mundana, que depreciam a via escolar de acesso ao “savoir-vivre” e tendem a valorizar os que eu chamei de “requintados de nascença”, quer em termos de autoridade mundana, quer no que tange à sofisticação propriamente estética. Feito o trabalho de campo, não se pode dizer, contudo, que tal ideologia tenha emergido em todas as entrevistas com paulistanos de classe alta interrogados. Muitos informantes – e não apenas a fração mais intelectualizada – reconheceram os condicionantes sociais das escolhas estéticas, julgando possível o aprendizado tardio e mesmo sofrido do mundo da cultura.

Mas igualmente expressivos foram, contudo, os depoimentos que remetiam o “saber-escolher” a algo dificilmente passível de ser aprendido fora do “berço”. Assim, malgrado a existência de uma elite que não cria barreiras simbólicas em função de uma autoridade cultural dada desde sempre, existe também uma outra parcela dessas classes altas que, em matéria de cultura como de “brilho” mundano, constrói visões essencialistas que pressupõem o acesso irrestrito às mesmas condições de existência, transformando formas bastante particulares de experimentar o mundo em única maneira legítima de existir.

[322] NESTROVSKI, Arthur. « Zubin Mehta revela Beethoven a SP ». *Folha de São Paulo*, 12 de agosto de 2009, p. E6.

Para a psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante empresário brasileiro, o mundo das artes é o mundo da família e dos amigos, e também um mundo a que tem acesso de maneira precoce e privilegiada: a exposição temporária "Versailles", ocorrida na Pinacoteca do Estado, foi feita na companhia do curador da exposição, "que eu conheci em Versailles, ele me levou para conhecer os aposentos particulares da Marie-Antoinette e do Luís 16". A última exposição de fotografia vista teve a curadoria do filho de uma grande amiga que, por sinal, também a acompanhou na visita. Assim, muito antes de ocupar um dos postos de direção numa importante instituição artística de São Paulo, Marieta já tinha a cultura como um "bem de família". As freqüentes idas aos museus são feitas, em geral, com o marido ou com a irmã, que trabalhou num importante museu brasileiro durante vinte anos e hoje segue atuando numa ativa instituição cultural privada:

"Eu me lembro do meu filho nos museus, porque quando eu viajava com o meu filho pequeno, a primeira coisa que a gente fazia era ir a museu. Nós fomos para o Egito, eu me lembro até hoje, o João tinha 12 anos, fomos para o Egito, vimos aquelas maravilhas, chegamos em Paris, tínhamos um dia em Paris antes de voltar para o Brasil, meu filho falou: 'Mamy, vamos no Louvre para ver todas aquelas coisas que eles roubaram lá dos egípcios'. É assim, nós fomos, adoramos, quer dizer, a gente tem essa cultura de ir a museu, de aprender em museu. Então o museu é um lugar, para nós... eu e a minha irmã fomos para Paris no primeiro semestre – porque nós fomos para Lourdes depois -, nós passamos um dia inteirinho no Louvre, nós chegamos às 10 da manhã e saímos às 10 da noite, foi o máximo, bolhas no pé e sorrisos nas faces".

Foi com os pais que visitou um museu pela primeira vez – o do Ipiranga -, com a mãe que assistiu pela primeira vez – quando "era minúscula" - uma apresentação do balé Bolshoi no estádio do Pacaembu ("lembro até hoje da solista dançando o Cisne Negro") e com a tia que assistiu, também quando criança, a ópera "A Flauta Mágica", no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Desde o colégio sempre teve aulas de história da arte, onde havia até um ateliê de pintura para o ensino de escultura e pintura: "Eu fui modelo de vários lá". Um pouco mais tarde, "nesse curso da *Lareira*, a gente tinha que saber distinguir uma cadeira *renaissance* de um *Louis quinze*, a gente estudou estilo mobiliário". A Bienal de 1953, na qual estava presente a famosa tela de Picasso, foi vista com as irmãs.

A experiência direta do mundo das artes, fruto do aprendizado no seio da família, foi relatada por vários dos informantes oriundos de famílias quatrocentonas. A literatura existiu na vida do banqueiro Luiz "desde Juca e Chico e João Felpudo". Para a embaixatriz e crítica de decoração Lygia, a pintura não é apenas um quadro, mas a

memória de momentos e itinerários familiares: "(...) eu ia tanto a museu e às vezes quando a gente era criança tinha, botava uns guias prá levar a gente e ensinar, então acaba que você (...) Eu lembro da minha mãe e do meu pai carregarem a gente pela Itália inteira assim, tinha uma hora que você não agüentava mais".

Entre os informantes com esse perfil, é também à família de origem que se atribui, muitas vezes, as atitudes condizentes com a incursão confortável pelo universo da sofisticação mundana, de modo que em alguns relatos tem-se a impressão de que, mais do que uma competência propriamente técnica, foi a familiaridade com os emblemas do requinte e do gosto o que de fato contou para a carreira que vieram a constituir. Filha das elites do café, Teresa Cristina vê na escolha da carreira de decoradora uma continuação natural do ambiente agradável que experimentara e observara na casa de sua mãe, numa clara expressão de como, nos setores menos institucionalizados, o recrutamento se faz por cooptação: "Eu gosto, eu acho que eu já tinha um jeito porque começaram a me pedir para arrumar, fazer isso e aquilo, né, e depois eu profissionalizei".

Mais adiante, pedi para que ela detalhasse o despertar de tal "vocação":

Carolina – E ao que é que você atribui isso em você [o pendor para a decoração]? (...) Da onde você acha que veio isso?
Teresa Cristina – Bom, não sei, a casa que eu morava sempre era muito gostosa mesmo.
Carolina – Ah da sua mãe?
Teresa Cristina – É, da minha mãe (...) eu me sentia muito bem lá, entende, então o meu olhar, assim... O meu quarto tinha um tecido, naquela época chamado *chintz* assim de flores, sabe assim, *então você tem algumas referências*. É como você comer um bolo na sua infância, aquele bolo você vai gostar né, eu acho que é um pouco assim, né, que você pode... Mesmo que seja simples é uma coisa em ordem, que não te fere, não sei te explicar.

Ela que não precisa consultar revistas de decoração quando tem que bolar um ambiente refere-se a um aprendizado que deve pouco a uma ação escolar sistemática. Situado no campo da natureza e do natural, o mundano, diz Bourdieu, "contenta-se em sentir ou, como se gosta de dizer atualmente, usufruir, liberando a experiência artística de qualquer vestígio de intelectualismo, didatismo e pedantismo"[323].

Quatrocentona típica, Teresa Cristina estudou no tradicional colégio católico *Des Oiseaux*, em que havia estudado também sua mãe, e onde posteriormente sua filha também se formara. Essa atmosfera a preparou para se sair bem em todos os cerimoniais da vida em sociedade, isto é, em todo o conjunto de atos "desinteressados" e "gratuitos"

[323] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 75.

inerentes às tomadas de posição estéticas, como os cuidados com o corpo, as escolhas indumentárias ou a decoração de uma casa. Pelo menos nos universos mundanos em que esse capital de origem é valorizado, ela dispõe de vantagens em matéria de aprendizagens culturais, arte da conversação, maneiras de se portar à mesa ou senso das conveniências.

Em *Arte, privilégio e distinção* José Carlos Durand observou que, contrariamente aos arquitetos e artistas plásticos, cuja tradição é preservada por um processo de documentação, os decoradores não se dão muito a conhecer através de uma história escrita, e compõem "uma categoria em que coexistem diplomados ao lado de pessoas com o gosto apurado apenas pela via familiar" [324]. De forma mais geral, Bourdieu também notara que, com capital escolar equivalente, o peso da trajetória social no sistema explicativo das práticas ou das preferências aumenta quando nos afastamos dos domínios mais legítimos, ou seja, no pólo mais "mundano" da qual faz parte a decoração:

"(...) quanto maior for o avanço em direção aos domínios menos legítimos – considerados pelos menos advertidos como abandonados à liberdade dos gostos e das cores, tais como o cardápio ou *a decoração da casa*, a escolha dos amigos ou do mobiliário -, tanto maior será a importância das diferenças estatísticas relacionadas com a trajetória social (e com a estrutura do capital)"[325].

Descendente de antigas famílias brasileiras, o banqueiro Luiz, residente no Jardim Europa, também valoriza trunfos de origem familiar ao falar de seus gostos literários, partindo da literatura infantil e de moços que descobriu junto aos irmãos e aos pais:

"Eu li desde o Juca e Chico, desde o João Felpudo, que eu não sei se você sabe (...) Grandes coleções, grandes livros, com maravilhosas traduções (...) Tinha uma coleção de livros de moço chamada Coleção Menina e Moça. *Lembro que em casa a gente lia como quem respira. Toda a minha família"* [326].

A analogia entre ler e respirar não deixa dúvida: trata-se de associar-se ao modo mais insensível, invisível e precoce de aquisição de uma disposição culta:

---

[324] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op. cit., p. 284.

[325] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 83. Grifos meus.

[326] "A gente lia como quem respira" ou, então, a frase de outra informante: "A gente tem essa cultura de ir a museu, de aprender em museu", eis algumas das evidências de como em meios burgueses o "nós" aparece muito mais do que o "eu", invariavelmente encerrado num conjunto complexo de relações familiares e sociais. Conferir, a esse respeito, LE WITA, Béatrix. *Ni vue ni connue*, op. cit., p. 13.

"Meu pai era médico, 'foi médico' como eu digo (...) Meu pai tinha essa formação clássica, os médicos eram muito humanistas antigamente (...) Os grandes médicos eram homens de grande cultura (...) Hoje raramente têm cultura, é uma coisa inacreditável como não têm cultura. *Então nós crescemos nesse ambiente. E a gente lia muito"*.

Ao se referir, amargurado, à elite médica atual como uma classe sem cultura, que não lê ("é uma coisa inacreditável como não têm cultura"), ele ilustra a hipótese de que o refinamento cultural é fator distintivo intra-elites de São Paulo. Como é também recorrente em seu relato, seu capital cultural não se formou apenas na escola, já que ele inicialmente fora obtido pela simples freqüentação de pessoas, lugares e objetos:

"Eu fiz Aliança Francesa, me formei, tenho um diploma (...) Com dezessete anos eu fiquei professor formado. *Na minha casa era assim, a minha irmã também foi*, eu fui o primeiro aluno do mundo (...) O exame de Nancy era um exame do mundo inteiro (...) Então, no meu ano eu fui o primeiro do mundo (...) *Minha mãe fala muito bem francês por governanta.* E por educação de colégio, colégio de freiras francesas. *Mamãe fala francês como português* (...) Todo mundo estudou no colégio, ela não, ela falava francês como uma francesa. Ela perdeu mãe, perdeu pai, tinha governanta (...) Mas não que a gente falasse francês em casa. A gente lê muitas línguas um pouco e tal (...) Meu pai gostava mais até, ele tentou aprender um pouco de hebraico, um pouco de alemão lendo mais...".

O mesmo pode ser dito da restauradora de obras de arte Maria Cristina, outra "paulista de quatrocentos anos" que pôde apurar o gosto na vivência do recinto doméstico:

"A gente sempre gostou de arte, a minha avó, mãe da minha mãe, foi uma pessoa muito importante na época, ela recitava poesia. Numa época (...) É, ela foi super famosa, a gente tem um material super bacana dela aí. Ela conheceu poetas e então a gente sempre conviveu muito com poesia também, porque a minha avó (...) Ela com quinze anos ela recitava, e ela foi meio talento, a gente tem esses programas que ela fazia no *Municipal*, saía no jornal, sabe? Então a gente sempre conviveu muito com poesia também, minha mãe é louca por poesia, por Bilac, Castro Alves, então a vida inteira... E nós tivemos uma coisa assim também, meus pais sempre fizeram questão de todo mundo na mesa na hora da refeição (...) E nesses almoços, assim, então eles sempre recitavam, ensinavam poesia para a gente (...) Mas a poesia então é uma coisa muito presente na nossa vida (...) meu pai [era] bem da literatura, gostava muito de ler, era um homem muito culto também (...) Então isso daí foi bem o carro chefe assim, a poesia que despertou a família para a coisa das artes. Eu tenho outras irmãs artistas também. Então a arte sempre foi muito presente na nossa vida (...) A arte sempre foi muito presente na nossa família, desde sempre".

A artista plástica Isabel também integra o pólo dos que possuem uma herança cultural elevada para um capital escolar relativamente reduzido. Assim como Teresa Cristina (mas, também, o filho da psicanalista Marieta e o próprio Sandro, chef da alta gastronomia), ela também não fez Faculdade. Muito de seu gosto foi apurado pela via

familiar, nas idas sistemáticas a museus fora do Brasil: “eu fui acostumada desde pequena, né, com os meus pais, direto” [Entrevista 16].

Também para o professor universitário e ex-ministro Carlos Alberto, o mundo das artes é, em parte, o mundo a que se tem acesso da maneira a mais precoce, no seio da família:

“Ele [o pai] lia e conhecia bastante e de literatura ele conversava bem. Agora a minha mãe falava de música. Não que ela fosse grande especialista nisso, ela tinha alguma cultura (...) Ópera, Chopin, não é, como é que chama... Tchaikovsky... Não é nada de muito sofisticado, não é? Beethoven (...) Ela ouvia, o meu pai também, o Beethoven... O meu pai gostava de Wagner também, né, quer dizer, de forma que eu muito cedo eu aprendi”.

Quando indagada sobre a primeira vez que teria visitado um museu, Ruth - neta, filha e esposa de advogado formado na Universidade de São Paulo - rememorou que “eu fui menina, primeira vez eu fui menina (...) doze anos, eu acho que foi a primeira vez que eu fui em museu, quando nós fomos para a Europa, foi quando meu irmão morreu. E daí o papai nos levou para a Europa, foi um tal de visitar museu, principalmente o do Vaticano. O do Vaticano foi o museu que mais me marcou”.

A embaixatriz e crítica de decoração Lygia também ressalta os incentivos recebidos de uma família cosmopolita e sensível às artes:

“Eles gostavam, gostavam de levar a gente aos museus, gostavam muito de arte e coisas bonitas (...) eles tinham uma casa, mandaram construir uma casa moderna, bem moderna nos anos 1950, linda, do Jorge Moreira, tinha um painel do Tenreiro, então, no fundo eu me acostumei a ver coisas contemporâneas porque meus pais gostavam. Eles misturavam com coisas antigas, mas... Então já tinha, eles tinham muitos amigos que eram arquitetos, então também dá... por isso que eu acho que educa quando você, desde cedo, você está em contato com as coisas”.

E assume, com orgulho, que adquirira “bons modos” simplesmente por meio da inserção precoce em um mundo de pessoas, objetos e práticas:

“Aprendi a comer direito, reto, botar o talher do lado certo, então eu acho que, eu acho importante por uma questão de educação, quer dizer (...) É porque a gente viaja, a gente come ao lado de outras pessoas, então realmente eu acho que... eu graças a Deus aprendi e procurei ensinar os meus filhos porque eu acho que a pior situação é você chegar num lugar e você ficar, sabe, que nem a história da lavanda que não sabia prá que servia uma lavanda, que tem a mulher que tomou, engoliu, tomou a água da lavanda. Então enfim, eram umas historinhas que contavam assim para ensinar a gente”.

Apesar de se referir a um processo de aprendizado, a ideologia da espontaneidade das maneiras dá-se a ver aqui na relutância em compreender a formação dos gostos e maneiras fora do recinto doméstico. Durante nossa entrevista, Lygia custou

a acreditar que havia na cidade de São Paulo vários cursos de etiqueta direcionados aos mais diferentes públicos: “Mas as pessoas aprendem o quê? À mesa assim?” A mesma dificuldade em compreender as pessoas que não aprenderam a “se portar” no ambiente privado da família emerge de sua crítica às refeições “padronizadas” encomendadas nos bufês. Para ela, os jantares oferecidos pelas grandes famílias não poderiam ser algo que se encomenda a um banqueteiro, mas, sim, uma oferenda de pratos que fossem típicos de cada família anfitriã:

“Agora hoje em dia o que acontece nessa, no ambiente dessas casas que você está..., é que as pessoas todas não cozinham mais tanto em casa. Quando elas vão receber elas têm que pedir alguém prá vir cozinhar, entendeu, então cria uma coisa muito padronizada, quando eu acho gostoso quando você faz as coisas na sua casa. Não tem que ser necessariamente, quer dizer, aquela coisa toda, sabe assim completamente nova, sei lá, fazer coisas que você está acostumada a fazer, que são gostosas, que você sabe que vai comer na casa do outro. Na minha casa sempre tem uma coisa, na outra, você sabe que você sempre vai encontrar uma coisa na casa de uma amiga que é a tradição da família dela. Então isso eu acho que está acabando um pouco e era uma coisa gostosa, né? Mas aqui eu vejo que as pessoas estão comprando pessoas para vir cozinhar na casa delas ”.

Também de família tradicional, a psicanalista e esposa de um grande empresário Marieta compõe a fração dos “ricos-cultos” que não gosta de delegar a estranhos a “concepção” de seus projetos de paisagismo e decoração. A oposição clássica entre aquele que “tem a idéia” e aquele que a executa é plenamente retomada na narrativa desta entrevistada:

Marieta – Eu que construí a casa. Quando mostraram a planta para mim, eu e a L. mudamos tudo, entendeu? Quer dizer...
Carolina – Que é a sua arquiteta?
Marieta – Não, *é minha amiga*, minha amiga decoradora. Então a gente que faz as decorações, eu faço decoração com ela há trinta anos de tudo quanto é coisa... *Mais para ter uma companhia*, para não fazer essas coisas sozinha porque eu acho muito chato (...) *Tudo eu me meto viu, eu gosto de me meter, eu não gosto de fazer as coisas com a cabeça dos outros* (...) Em [cidade onde tem uma casa de campo] eu tenho muitos mil metros de jardim, né, então lá eu (...) Então, por exemplo, lá eu tive toda uma idéia porque a casa, a casa é a casa do V., é um projeto do V. (...), uma casa assinada, era uma casa tombada pela arte, nós não mexemos em nenhuma parede, nós só restauramos a casa porque ela tinha sido abandonada por vinte anos. E nós fizemos uma casa mais... Por exemplo, os banheiros eram muito... Muito pobrinhos, então, nós, usamos os materiais mais... Enriquecemos a casa, recheamos a casa, sem mudar nenhuma parede, a concepção, nada (...) E a casa não tinha jardim, tinha um bosque de rododendros, tinha alguns, algumas árvores, bem poucas, e eu tive que pensar um jardim para a casa. Como eu estudei o projeto do V. e vi que ele se inspirou na arquitetura da Toscana que, aprendi com ele, que veio, que deu, que deu na arquitetura inglesa, então tem muita coisa inglesa e italiana junto (...) Então eu fui um dia na *Risoli* em Nova Iorque, eu me lembro até hoje, e o Gilberto [o marido] foi comprar sei lá o quê. Ele falou assim “vou te deixar aí uma hora, você me espera?” Eu falo “te espero”. “Quando eu chegar então eu, a gente pega os livros e a gente leva”. Quando

ele chegou eu tinha, eu e um homem puxando um carrinho que vinha do chão até aqui de livro assim ó... Era tudo (...) sobre jardins. Tinha jardins ingleses, jardins toscanos, jardins elevados, jardins com flores, jardins sem flores, como... Tudo. Lavandas (...) *Eu que pensava*. Lavanda, então lavandas, rododendros, todas as plantas que eu queria pôr no jardim, eu estudei tudo isso. *E claro que desenhei o jardim. Desenhei o jardim toscano* (...) Então com muitas fontes, né, com aqueles *parterre* quadrados, com as sebezinhas todas cortadas e as flores no meio. São sazonais, eu vou trocando (...) E essa parte, como eu te falo, essa parte de ir lá, comprar e não sei o quê, plantar, não faz a minha cabeça. *Eu sou mais assim de idéia, de mental.*

A mesma oposição entre aquele que sabe "conceber" e o que vai simplesmente "executar" aparece na narrativa da restauradora de obras de arte Maria Cristina, que assume que só contrataria um arquiteto para solucionar problemas práticos:

"(...) eu sei exatamente o que eu quero e como eu quero a minha casa, né? Mas talvez usasse um arquiteto no sentido de dar umas dicas assim de falar 'Ó, para pintar essa parede agora tem essa tinta assim'. Então, no sentido de dar dicas (...) Mas eu vejo, já lidei muito com essa gente e eu vejo que têm pessoas que são perdidas assim, que não sabem o que querem, então nesse caso eu acho interessante um arquiteto, porque o arquiteto vai encaminhando a pessoa, né, para o que ela quer. O cara sente a pessoa e faz por ela o que ela não é capaz. Mas eu sou uma pessoa muito determinada, para mim não ia precisar não".

O chef da alta gastronomia Sandro também afirma que os paisagistas e decoradores são amigos pessoais e servem apenas para resolver questões práticas de compras de mudas e espécies, não sendo jamais aqueles que "têm a idéia". Em sua opinião, o decorador só "passa por cima" do cliente "quando a pessoa quer que passe. Porque ela [sua amiga e decoradora] tem cliente que fala 'faz tudo aí'. *Na minha casa eu sempre tive coisa, então...*". Se, como ele acentua, *"A casa é feita das suas coisas"*, ele que "sempre teve coisa" nunca precisou de decorador para pensar por ele, mas, tão-somente para executar tarefas práticas: "eu chamo porque é mais prático, sabe? Já tem todos os fornecedores, já pede, já carrega tudo e não sei o quê. *E eu sei muito bem o que eu quero, então... E sempre faço com uma amiga minha que também é muito boa"*. Algumas de suas narrativas recendem o horror por aqueles que se sofisticaram fora da família de origem e que seriam, como se diz, "novos-ricos". Ele que afirmou com sentimento de alta dignidade social que seu avô nunca foi "novo-rico" ("ele já era rico, o pai dele era rico, ele nunca foi novo-rico") recebeu, em livro em sua homenagem, o seguinte elogio de uma colega de ofício:

"(...) nada no mundo é capaz de fazer do Sandro um novo-rico. Mas que alívio! Nada o torna *nouveau*. Não é uma graça dos céus? Conviver com alguém, principalmente nesta profissão, que enxerga além do dinheiro, sem preconceitos, distraído, descobrindo 'de dentro' das pessoas... é bom" [327].

[327] Não posso citar a fonte para não revelar a identidade do informante.

O peso da educação informal e/ou não sistemática e, assim, a valorização do saber que se aprende só pelo fato de existir revela-se na importância dos antepassados na decoração das casas de Teresa Cristina e Ruth, dando a medida de como este é um domínio em que a herança constitui um "avanço" rumo à "estilização da vida". A formação do gosto não é insensível às preciosidades que o entrevistado remete aos ancestrais que acumularam e legaram tais riquezas. Sobre os pintores de sua preferência, a dona-de-casa Ruth, oriunda de uma família tradicional de advogados e políticos de São Paulo, comentou:

"Olha, um pintor nosso aqui, o Almeida Júnior, eu sou apaixonada por ele... (...) porque inclusive ele... Houve uma exposição há pouco tempo aqui em São Paulo... [num importante museu] (...) E esta obra, este quadro... (...) está lá, [nome de tela famosa]. E esse quadro era da minha tia, ele estava na casa do meu avô (...) Meu avô que comprou esse quadro (...) Você pode imaginar o que é que o meu avô comprava (...) Está lá [num importante museu], minha tia doou esse quadro".

Evidenciando seu pertencimento à antiga elite cafeeira, Teresa Cristina mantém, em lugar de destaque numa das salas de seu apartamento no Jardim Paulista, uma pintura que, herdada dos pais, retrata uma vista panorâmica da sede de uma propriedade rural, como era de praxe na decoração dos casarões das fazendas de café no início do século XX [328].

Ainda no que concerne ao modo como os juízos de gosto ecoam certas trajetórias sociais, não é irrelevante que duas profissionais de decoração oriundas de famílias tradicionais tenham sugerido que o estilo minimalista seria típico de quem é jovem e, também, de quem não tem "pedigree" social. Nessa ótica, ser minimalista é não ter trajetória, pois, como adotar esse estilo se há todos os móveis herdados da família para serem conservados, ou então tudo o que se acumulou dos anos vividos fora do país? Nas narrativas de alguns informantes, o estilo minimalista é definitivamente incompatível com a pertença ao círculo das famílias antigas e poderosas socialmente. É, em suma, viável para aquele que não entende nem possui nada herdado, não sabe combinar as coisas e, com um estilo *clean*, não vai errar:

"Não, eu acho que tudo pode ser ensinado. Mas, assim, o gosto do olhar... Sabe, você pode até ensinar que as coisas têm que ser, e a pessoa seguir, digamos, que é feio, por isso que pega certas coisas de minimalismo, de coisa, porque pessoas acham que tudo tem que ser branco.

[328] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op.cit., p.42.

Então não, aí não, sabe, aí não tem, não vai errar muito, entende? Mas se você puder variar, aí você tem que ter muito mais segurança do que você está fazendo prá não, prá não dar derrapadas (...) Do que você só comprar aqueles móveis certos da *bauhaus* ou disso e daquilo que vão virando assim uns ícones de modelos, coisa que não (...) tem até um artista, meu problema é lembrar o nome desses caras, mas é um belga, esteve aqui na Bienal, há umas duas Bienais atrás, que ele, tinha o trabalho também de uma, com essas cadeiras *Barcelona* e as cadeiras do Mies van der Rohe e também era uma espécie de um pouco de gozação das pessoas que precisam ter aquela coisa que não vai errar, entendeu?" (Embaixatriz e crítica de decoração, 63 anos).

Além da valorização do gosto apurado pela vida familiar, outras práticas e narrativas que manifestam estranhamento pelos grupos recém-chegados às posições elevadas são as que defendem a preservação da discrição, reprovando a exposição vulgar dos que só fazem "dar nas vistas". Eis uma evidência de que nem tudo são invariâncias entre esses homólogos pela posição social: se há, como visto até aqui, disposições comuns aos ocupantes dos estratos mais elevados da sociedade, as várias maneiras de "estar no topo" indicam que os critérios de pertencimento não são unívocos. Para falar como Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot,

"L'un des axes d'opposition entre les cercles est la mesure dans laquelle on sait, ou l'on ne sait pas, y entourer de discrétion la fortune. Pour certains, celle-ci ne doit pas s'étaler, cela fait partie des bonnes manières. Ces systèmes d'opposition, mérite/naissance, suranné/moderne, exhibitionnisme/discrétion, dessinent les lignes de force d'un espace des cercles. Ils rompent avec une représentation monolithique des hautes classes : celles-ci sont fractionnées, multiples, concurrentes et l'existence de cercles divers, non réductibles les uns aux autres, répond aux variations dans la manière de concevoir l'excellence sociale, d'incarner la richesse légitime, le pouvoir et la culture "[329].

Aparecer fotografado na Revista *Caras*, por exemplo, permanece sendo um fator de oposição intra-elites. Nem todas as pessoas que a revista escolhe retratar sentem-se à vontade para figurarem nas páginas desse semanário-chefe do mundo das "celebridades". A reação daqueles que, por conta dos lugares e pessoas que freqüentam, não podem impedir a presença na revista, nem sempre é positiva:

"Mas mesmo quando eu tenho um jantar aqui que tem pessoas mais assim conhecidas, eu não gosto de fotógrafos. Eu acho que as pessoas estão ali para ficarem bem à vontade, né, não prá... (...) Por exemplo, sair em Revista *Caras* essas coisas, eu acho tão incômodo. Não acho, não consigo, não acho essa coisa... A não ser que você esteja lançando um produto, um livro, você é candidato a alguma coisa ou você... Aí eu até entendo que você tenha que usar os meios" (Embaixatriz e crítica de decoração, 63 anos).

[329] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Les ghettos du Gotha*, op. cit., p. 225.

Outra informante decoradora e filantropa (de família quatrocentona do café) evoca com orgulho o fato de que sua mãe proibira a que era então a "Revista *Caras* da época" de documentar sua festa de casamento:

"(...) nesse casamento que eram nós três irmãs, casando juntas, na época as revistas eram *Manchete*, *Cruzeiro*, eu estou falando de sessenta e quatro. Então ligaram para a mamãe... (...) Mas, então, e nessa época ligaram para a mamãe e falaram 'ah, então, nós queríamos fazer filme' e ela falou 'mas, de jeito nenhum!'. Não teve nada disso. Hoje em dia tem um mundo de celebridades, né, que é (...) Eu não sei lidar com isso não, acho que eu sou meio antiga".

Proprietária de uma importante coleção de arte, a psicanalista Carina faz gosto em dizer que, apesar das preciosidades adquiridas, "eu creio que eu puxei muito o meu marido para... Não abrir a casa para o público, nunca. A gente foi muito fechado. Sempre". O empresário de grande construtora Sergio se referiu, em tom jocoso, à "proveniência duvidosa" das pessoas que se expõem em revistas como a *Caras*. Isso permite que se diga que há, portanto, também no Brasil, uma elite de "charme discreto", como procurei indicar com o parêntese no título desta tese. Como sublinhou Béatrix Le Wita, «le luxe bourgeois doit être vécu et montré avec modestie et humilité. Dans le cas contraire, on encourt le risque d'être assimilé à la détestable espèce des parvenus »[330].

Nesse sentido, não admira ser comum, nesses segmentos, os homens usarem paletós e "sapatênis" no cinema e no restaurante, ainda que suas mulheres sejam mais resistentes à informalização geral da indumentária ("Não, para teatro a gente se arruma mais"). Ambos concordam, contudo, que o bom é não se vestir de modo a "dar nas vistas", o que é identificado como vulgar e em tudo oposto à verdadeira distinção. Essa "elegância sem busca de elegância; distinção sem intenção de distinguir-se" [331] os faz imunes ao janotismo, mas, a um só tempo, ao relaxo que denota displicência:

Carolina – Mas o que é que você acha, você se arruma quando você vai num concerto de música erudita, você vai mais... Ou você vai do jeito que você está em casa? O que é que você acha desse hábito?
Marcos – Eu acho que é assim, se... Acho que faz um pouquinho parte da liturgia, sabe, não vou de bermuda e camiseta, vou pôr uma calcinha melhor, né? Não é isso? Mas acho que é por respeito mesmo... Para valorizar aquilo que você está fazendo né? Acho meio natural, não é?

[330] LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue*, op. cit., p. 67.

[331] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 233.

Orientando sua arte de viver cotidiana a um "luxo discreto", a classe alta mais estabelecida "afirma sua rejeição das audácias 'pretensiosas' ou 'vulgares' da nova burguesia, pequena e grande" [332].

Carolina – Eu queria saber o que é que você acha dessa discussão de hoje também, é preciso estar mais arrumada para ir a um concerto ou a gente pode ir com a roupa que a gente está saindo do trabalho? (...) Porque hoje em dia tem gente falando "não precisa mais", mas outros falam "ah, mas, estão indo de qualquer jeito"...
Carina – Eu vejo de tudo. Eu vejo gente *soigné*, com pérolas, com (...) Até jóia *over*, como se diz, né, com saltos altos, com maquiagem... Não tem casacos de pele, como se saía antigamente para ir ao *Municipal*, inclusive eu, quando a gente se arrumava de gala. Gala, por exemplo, para uma abertura de gala do *Mozarteum* tinha gente de mangas de camisa, tinha gente com malha nas costas... Não vi se tinham de *tennis shoes*, mas...
Carolina – Tudo bem?
Carina – Não é mais nem tão *over*, nem tão *under*, né, tudo bem.

Tal como as críticas culturais e as representações do consumo discutidas no terceiro capítulo, as recusas distintivas dos grupos de elite investigados associam, não raro, objetos culturais e grupos sociais. Assim como a embaixatriz e crítica de decoração Lygia fez retirar a escada monumental de mármore que havia numa residência que comprou pronta, por considerá-la coisa do "dinheiro novo", de "quem precisa", o pianista, maestro e compositor Marcos considera que a contratação de um decorador estaria ligada à necessidade de ostentação social: "Tem gente que acha mais legal ostentar o bom gosto ou alguma coisa assim".

Como se verá a seguir, o desdém pelas extravagâncias do sujeito de "dinheiro novo" e a fala do "dinheiro que mudou de mão" percorrem diferentes momentos do capítulo sobre as elites dos Jardins. Isso porque, entre os moradores das classes altas dessa área arborizada da cidade, mesmo as frações de imigrantes enriquecidos passaram a se ocupar dos bens e práticas tradicionalmente nobilitantes do ponto de vista cultural, tal como ficará claro na seção seguinte sobre a conivência com o mundo das artes por parte desses altos estratos dos bairros-jardins.

[332] Idem, ibidem, p. 329.

"Eu sempre tenho convite porque a gente patrocina muita gente": Comprometimento cultural e envolvimento em causas sociais

Os cargos em instituições culturais e associações de caridade apareceram, nesta pesquisa, como insígnias dos grupos dominantes. Tal envolvimento é de fato importante, tanto mais porque eu nem havia perguntado, ao longo da entrevista, se eles pertenciam ou tinham algum papel no fomento às organizações sócio-culturais. Evocar seus cargos no gerenciamento das artes em resposta às minhas perguntas sobre pintura, teatro e concerto era uma maneira de dizer que é de fato necessário e louvável acumular capital cultural e investir na familiaridade com a cultura tida por "legítima": "Eu sempre tenho convite [para o teatro] porque a gente patrocina muita gente lá no restaurante" (Chef da alta gastronomia, 54 anos); "Já patrocinamos *Mozarteum*... Eu já fui diretor do *MAM*. Fui eu que recriei o *MAM*. Depois foi... Até a Milú fala que quem pôs ela dentro do *MAM* fui eu... E foi realmente (Empresário de grande construtora, 60 anos); "É eu sou do Mozarteum, sou até diretor do Mozarteum, conselheiro do Mozarteum (...) Até hoje eu vou jantar na casa da Sabine Lovatelli, que é diretora do Mozarteum, que é a fundadora do Mozarteum" (Banqueiro, Jardim Europa). Eles vão freqüentemente como convidados aos concertos (como a embaixatriz e crítica de decoração Lygia), estão acostumados a ganhar - e, não somente a comprar - obras de arte (como a historiadora da arquitetura, ex-diretora de museu e mulher de um importante arquiteto Regina) e CDs recém-lançados de música clássica (como o maestro Marcos), e também a receber orquídeas cotidianamente (tal como o colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo).

Se esta quase unânime participação nas organizações culturais não necessariamente indica uma adesão apaixonada à arte ou um padrão de gosto vanguardista, ela no mínimo sugere que essa elite dos bairros-jardins da City é recompensada, de algum modo, pelo seu engajamento na promoção de atividades artísticas. Em estudo sobre os gostos da elite gerencial britânica, Alan Warde e Tony Bennett salientaram o quanto o comprometimento com a causa da "Cultura" funcionava como meio de reconhecimento mútuo e facilitador de relações sociais no interior desse estrato: "Meeting the right people beyond the orbit of economic organizations does indeed lubricate the social life of the elite" [333]. Nessa linha de juízo, a participação,

[333] WARDE, Alan & BENNETT, Tony. "A culture in common: the cultural consumption of the UK managerial elite", op. cit., p. 254.

gerenciamento e/ou patrocínio de atividades culturais forneceriam uma oportunidade de aquisição e ostentação de capital social, o que implicaria reconhecer que a reprodução das classes dominantes continua se valendo dos itens simbólicos da cultura "legítima" para existir. A ocupação de altas posições na hierarquia social predisporia, assim, na visão desses autores, ao contato com a "alta cultura".

Vejamos as modalidades concretas de envolvimento desses paulistanos dos bairros-jardins: o banqueiro Luiz é conselheiro do Mozarteum Brasileiro[334] e sócio do *Metropolitan* e do *MOMA*, em Nova Iorque. O colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo faz parte do comitê de uma Bienal internacional, coleciona arte contemporânea e participa de uma oficina cultural num importante museu brasileiro. O mundo das artes é, muitas vezes, o mundo da família e dos amigos: o pianista, maestro e compositor Marcos confessa que formou seu gosto pelo estudo e prática da fotografia por conta de sua inserção num determinado universo de pessoas: "Mas eu sempre tive amigos fotógrafos e sempre adorei ver as fotos das pessoas, né?" Muitos membros da família do ex-marido (com quem ficou casada durante quarenta anos) de Carina, psicanalista e colecionadora de arte, são artistas ou promotores das artes e seu ex-genro é um artista reconhecido no mundo das artes e ex-marido de uma de suas filhas que também é artista plástica: "Super artista, chegou anteontem de Nova Iorque, não é, vai ter uma exposição agora mês que... Junho, no *Guggenheim* de Bilbao, o andar inteiro". Artista é também a sua primeira filha: "(...) minha filha maior fez não só um grande trabalho... Os primeiros trabalhos dela foram com fotografia, depois passou para vídeo, a E. A primeira exposição dela, convidada pelo professor Bardi, foi com fotogramas". Carina e seu marido doaram obras para um importante museu brasileiro e sua coleção percorre museus internacionais: "Aqui tem uma Mira Schendel que está agora no MoMa de Nova Iorque (...) É, porque eu dei emprestado. As Tarsilas eu emprestei também". Ela fala com gosto de suas atividades de mecenato. Sua coleção de revistas de arquitetura, paisagismo e decoração fora doada à USP e ela se orgulha em lembrar de quando recebera Fagner, Belchior e outros "nordestinos" em sua casa em São Paulo, tendo-os apresentado a um parente da família que trabalhava na Rádio Bandeirantes:

"Eu me lembro que eu dei um violão, camisa, porque, realmente, eles vieram com um pé na frente e outro nas costas. Levamos, uma amiga e eu, levamos lá na *Bandeirantes*, na Rádio

[334] Em 2008, uma assinatura para ter acesso às atrações da Temporada Mozarteum custava CR$1.100,00 no setor A, CR$950,00 no B, CR$600,00 no C e, finalmente, CR$400,00 no setor D.

Bandeirantes, porque o L. R. [um parente] fazia um programa, para apresentá-los lá. Então foram apresentados... Belchior veio em casa, ele e Fagner que vieram, e mais dois".

Proprietária de uma casa assinada por artista plástico importante numa cidade de veraneio cara às elites de São Paulo, a psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante empresário brasileiro Marieta é da presidência de uma das mais destacadas instituições culturais de São Paulo, assim como é do conselho do mesmo estabelecimento a embaixatriz Lygia, cujo marido pertence ao conselho de uma importante orquestra brasileira. Muitas das atividades culturais de Lygia estão ligadas às relações familiares: lê invariavelmente um caderno específico do jornal porque a filha escreve, vai muito a concertos porque o marido é do conselho da orquestra, está por dentro do que ocorre nos leilões de arte porque o irmão é colecionador em Nova Iorque, etc. Grande publicitário, o pai da artista plástica Isabel já foi tema de exposição num dos maiores museus de São Paulo e é vice-presidente de um importante museu brasileiro; a historiadora da arquitetura e mulher de um renomado arquiteto brasileiro Regina dirigiu um dos melhores museus da capital paulista; a decoradora e filantropa Teresa Cristina dirige uma creche e já participou de iniciativas voluntárias de arte-educação de um importante museu da cidade. Práticas "desinteressadas" por excelência, as atividades voluntárias nas áreas cultural e social seriam, também na visão de Bourdieu, uma maneira inequívoca de fazer apelo ao reconhecimento:

"O voluntariado - dispêndio ostensivo de *boa vontade*, ação ética pura e puramente desinteressada que não reconhece outra finalidade além de si mesma - confere, entre outros, o direito de se indignar, em nome da impecabilidade daqueles que se expuseram ao perigo, fizeram todo o seu dever e, sobretudo, criaram um fato consumado que faz apelo ao reconhecimento" [335].

Vários têm (ou tiveram) colunas nos jornais de maior circulação e detêm, assim, poder decisório na formação de opiniões em matéria de economia, política, arte ou decoração. Como consumidores desses bens, eles citam revistas estrangeiras como leituras correntes, ou seja, ainda que não sejam propriamente intelectuais, certos membros das classes altas (sobretudo os de longa data) dos bairros-jardins têm uma vida mais reflexiva, estão sempre se cultivando, lendo boa literatura, e isso é apresentado como algo básico: "pois é, enfim, o Sérgio [Buarque], o Caio Prado Júnior (...) Gilberto Freyre. Enfim, esse povo todo a gente... E um que eu descobri agora há mais pouco

[335] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 427.

tempo, que eu estou achando muito, muito profundo é o José Murilo de Carvalho"(Banqueiro e filantropo, 74 anos).

O comprometimento cultural também pode se dar, como visto, na aquisição de obras de arte: o banqueiro Luiz, o colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo e a historiadora da arquitetura e mulher de um reconhecido arquiteto brasileiro Regina possuem quadros de pintores de vanguarda nos anos 1970 – Rezende, Lygia Clark e Baravelli -, isto é, dispõem do que pode ser considerado um acervo de alta rentabilidade simbólica segundo José Carlos Durand, que notou que essa pintura moderna passou a predominar, a partir dessa época, nas galerias mais elegantes da cidade [336].

Fazendeira, psicóloga e herdeira de um grande exportador de café e produtor de gado, Verônica avalia que espaços grandes, jardim e luminosidade - ou seja, os princípios da arquitetura moderna da amplidão, do espaço ininterrupto e da penetração da luz natural – são as características estimáveis de sua casa no Jardim Europa, projetada pelo escritório de Vilanova Artigas. Ela que foi diretora de um memorável espaço cultural da cidade de São Paulo mantém atualmente doze famílias trabalhando em sua fazenda:

"Sempre foi [deficitária] porque é uma fazenda de coco, hoje em dia eu vendo coco lá a oitenta centavos. Esse coco que eu vendo a oitenta centavos me custa quatro reais e vinte centavos (...) Eu gasto quatro reais e vinte. Mas de um jeito ou de outro eu mantenho uma atividade, mantenho gente, agora estou plantando mamão para ver se eu saio do negativo" [Entrevista 17].

Um outro indício de como o comprometimento cultural favorece a acumulação de capital social é apresentado no relato de que adquire todos os anos ao menos duas assinaturas para temporadas de concertos – como Mozarteum Brasileiro e Cultura Artística - apesar de passar vários meses do ano fora da cidade de São Paulo e também do Brasil. Ela precisa, contudo, que nada é jogado fora, porque ela sempre oferece aos amigos o par de ingressos para a apresentação que deixaria de ver:

"Eu faço a *Sala São Paulo*, eu fiz durante muitos anos a *Cultura Artística*, fiz o *Mozarteum* um tempo... Por exemplo, agora a *Sala São Paulo* eu faço duas assinaturas, mas esse ano eu passei setenta e dois dias em São Paulo, dois meses e meio em dez, mas eu estou sempre com música a tiracolo. O Z. gosta muito de jazz, que é o meu sueco, o filho dele é um jazzista conhecido na Suécia. Então a gente está sempre para cima e para baixo, eu acho que música (...) eu acho que música e livro são os companheiros (...) Agora, gozado né, antes de viajar desse jeito que eu

[336] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op. cit., p. 201.

viajava, eu era como? Eu tinha três assinaturas, é o *Mozarteum*, o *Cultura Artística*, agora, viajando tanto... (...) Eu estou aqui olha, com duas agora dia seis. Mas eu mando sempre para alguém, mando para os meus amigos".

Malgrado o fato de que "a gente não tinha essa cultura de berço, porque imigrantes italianos não eram... Eram o oposto de famílias tradicionais, quatrocentonas", Verônica foi marcada pela "boa vontade cultural" de seu pai, que se tornou um homem muito rico e sensível às artes:

"O meu pai sempre teve por curiosidade essa, esse interesse. Então ele... desde pequeno a gente escutava óperas em casa. Desde... eu tinha cinco anos, morava no Paraná, da *RCA Victor*. Então, eu me lembro, ele botava ópera, ele dançava com a gente em casa, e essa preocupação com línguas, sempre teve bastante preocupação que a gente aprendesse a falar inglês, francês. Todos nós, os filhos, falamos inglês e francês e, agora, o outro, italiano (...) A minha mãe não, ela não era como o meu pai, mas como ela era apaixonada pelo meu pai, tudo o que o meu pai indicava ela fazia. A minha mãe era uma dona de casa dessas perfeitas. Ela em casa, sempre foi assim, jantar, almoço, ela é muito... cuidava muito dos filhos, a gente ia (...) Tinha que estar sempre... Eram quatro mulheres, nós somos quatro irmãs e um irmão. Então o meu pai se sentia um sheik no meio de um harém, né? (...) Eu me lembro quando a gente ia para casamento, ele ia no banco, pegava a caixa de jóias, e botava todo mundo lá em cima na frente do espelho, e ia botando colar, brinco, em cada uma das suas mulheres (...) E daí, era muito engraçado, porque... Eu, a minha mãe e as minhas irmãs e ele num carro. E o meu irmão com o motorista no outro carro. Era ele e suas mulheres (...) Uma vez por semana o meu pai lia, eu me lembro, um pedaço d'*Os Sertões* na mesa (...) Nem que fosse duas, três frases (...) Ele lia um trechinho, e ele lia também o *Reader Digest*, aquela revistinha americana... Tem vocabulário, então, todo dia na hora do jantar, ele, ele pegava e falava uma ou duas palavras, que a gente tinha que saber o significado (...) Meu pai sempre foi assim.Uma ou duas palavras, e ele (...) Meu pai falava francês, estudou sozinho francês, e era um batalhador né, porque filho de imigrantes, que educação que ele teve? Mas ele tinha essa consciência".

Assim como deu continuidade ao capital econômico herdado do pai, Verônica também se empenhou em fazer frutificar nos filhos a disposição estética, mantendo o capital cultural da família. Em seus relatos sobre sua atuação junto às crianças, figura o episódio em que, tendo trazido uma reprodução de obras de arte do museu *Jeu de Paume* para cada um dos três filhos, presenteou-os dizendo "Meus filhos – mandei fazer a moldurinha e botei no quadro (...) – eu quero que um dos objetivos de vocês na vida seja seguir e encontrar esses quadros pelo mundo afora". Ela - que nunca havia escutado um "não" do pai quando se tratasse de viagens, cultura e conhecimento – continua então:

"Eles tinham nove, dez anos. Quando eu fiz cinqüenta anos, eles foram comigo para a França (...) Sempre que eles iam em museu 'mãe, onde que está o quadro, onde que está?' Eu falava 'olha, vocês prestam atenção'. Bom, quando nós fomos ao *Quai d'orsay* que a (...) Elas se depararam, andando assim, nós fomos na ala dos impressionistas, eu pensei que elas fossem ter um enfarte. A Elisa, a Diana cada um pôde encontrar o seu, o seu quadro e o seu pintor. Então eu acho que isso vai sendo transmitido quando você gosta, né?"

Milú Villela

A HISTÓRIA DA BANQUEIRA

A psicóloga Maria de Lourdes Egydio Villela viveu anos no anonimato. Era uma mulher, como tantas outras, que dedicava seu tempo ao marido, aos dois filhos e à rotina da casa. Mal sabia, garante, que ocupava um lugar super privilegiado na escala social como herdeira do conglomerado financeiro e empresarial Itaú. Foi a morte de seu irmão, em 1982, que a obrigou a se situar no mundo dos valores materiais. Dez anos mais tarde, novo abalo: seu casamento de 20 anos terminou. A partir daí, tudo foi rápido e diferente. Em pouco tempo, Maria de Lourdes virava Milú Villela, ganhando fama como presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o prestigiado MAM. Depois assumiu o Centro do Voluntariado de São Paulo e agora está à frente também do comitê que organiza no Brasil as atividades do Ano Internacional do Voluntariado. Mais: acaba de ocupar a presidência do Instituto Cultural Itaú. "Depois que me separei, descobri a minha vocação de lutar por um mundo melhor."

(Revista Marie Claire, disponível em: http://marieclaire.globo.com/edic/ed123/rep_milua.htm)

Ao longo da realização desta pesquisa, já me ocorreu abrir a coluna social da *Folha* e do *Estado* e encontrar vários de meus informantes reunidos em meio aos ritmos integradores e distintivos do calendário mundano: a psicanalista e mulher de um grande industrial brasileiro Marieta, a embaixatriz e crítica de decoração Lygia e a família do banqueiro e filantropo Joaquim Pedro, por exemplo, foram ao jantar "badalado" com vistas à arrecadação de fundos para uma grande instituição artística de São Paulo. Convencidos de que « a sociabilidade mundana é uma forma eufemizada e denegada da mobilização da classe »[337], Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot vêem na promoção das artes um pretexto para cerimônias sociais que permitem a um público seleto afirmar e experimentar seu pertencimento ao "monde":

« On comprend alors mieux l'importance de la sociabilité mondaine, de ses fêtes, cocktails, dîners, vernissages ou premières d'ópera, car elle rassemble des personnes qui ne se connaissent pas toutes mais qui, par cette rencontre, vont mettre en relation les réseaux auxquels elles sont rattachées par ailleurs. Cette sociabilité est une technique sociale qui permet de tisser et retisser sans cesse le maillage infinit du pouvoir »[338].

[337] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Les ghettos du Gotha*, op. cit., p. 56. Tradução minha.

[338] Idem, ibidem, p. 60.

E qual não foi minha surpresa ao constatar que, mesmo tendo me valido, no momento de obtenção de informantes, de intermediários diferentes e que não se conheciam entre si, o banqueiro Luiz era primo-irmão da decoradora e filantropa Teresa Cristina que, por sua vez, recebera um telefonema da embaixatriz que eu havia entrevistado no mesmo dia em que eu a entrevistava, tendo sido ambas madrinhas de casamento da psicanalista que eu entrevistei em primeiro lugar e que, por sua vez, teve como convidados os pais da artista plástica Isabel, também minha informante. Ou, então, ao notar que o professor universitário e ex-ministro Carlos Alberto e o banqueiro e filantropo Joaquim Pedro – que era também primo do empresário de imensa construtora Sérgio e bisneto do mesmo conde - eram amigos entre si e ambos eram amigos do jornalista e ocupante de altos cargos em instituições culturais João que, por sua vez, era padrinho de Flávio, músico e herdeiro de uma família de banqueiros e políticos que, por seu turno, era ligado por relações de casamento à família do banqueiro e filantropo Joaquim Pedro [339].

Ora, pelo simples fato de que é menos comum encontrar membros das classes populares e médias nos conselhos das principais instituições artísticas e na direção de associações de caridade de vulto, pode-se dizer que os membros das classes altas predominam nessas redes de influência porque sua posição social, isto é, sua condição de indivíduo representante de uma família ou de um "milieu" confere não apenas reputação, mas, eficácia à ação desses círculos.

O comprometimento cultural dessa fração de elite é um dos conteúdos das oposições entre as elites dos Jardins e a de Aphaville. Tais investidas no campo da cultura se manifestam na intensidade com que os informantes se empenham na obtenção e/ou manutenção de capital cultural, quer em estado objetivado (bens, títulos), quer em estado incorporado (disposições). Este último caso sintetiza bem o mecanismo distributivo em que esteve enredada Regina, historiadora da arquitetura e mulher de um importante arquiteto brasileiro. Malgrado o fato de que seus avôs libaneses tenham sido mascates, seu avô materno tornou-se um homem muito rico e seu pai formou-se médico na Universidade de São Paulo e especializou-se nos Estados Unidos. A temporada

[339] Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot notaram a mesma coisa quando convidaram seus informantes para o lançamento de um de seus livros e "le goût de l'entre-soi" também foi destacado pelo trabalho de antropologia da cultura burguesa empreendido por Béatrix Le Wita ("endogamie souhaitée"). Cf. PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, op. cit. LE WITA, Béatrice. *Ni vue, ni connue*, op. cit.

americana foi, aliás, determinante para que ele matriculasse suas duas filhas no *Graded*, colégio americano no Morumbi. Um dos atributos culturais e simbólicos mais fundamentais da trajetória social de Regina, o fato de morar numa celebrada casa moderna feita por um arquiteto conhecido, não pode ser compreendido sem que se leve em conta o cabedal econômico de sua família, já que tinha a referida residência sido construída para a sua irmã, então uma jovem psicanalista que passara a viver em Paris, num imóvel posteriormente remanejado pelo mesmo arquiteto.

Mas em meio aos informantes socialmente privilegiados desta pesquisa, não é pelo patrimônio financeiro que Regina se distingue, já que integra o pólo da elite paulistana em que o capital cultural (e o capital simbólico a ele ligado) sobressai. Não por acaso, portanto, é com base na "cultura" que ela marca suas distâncias e aproximações. A bem da verdade – e como mostrou o trabalho de Michèle Lamont – o trato comparativamente mais difícil e menos empático com esta informante confirmou que as mais fortes barreiras à mistura social são, não raro, levantadas por aqueles para quem a sofisticação cultural é um *sine qua non* para a constituição dos relacionamentos sociais [340]: "Eu sou um ser cultural, sobretudo, né, então..." [Entrevista 18].

Se, como tanto se afirma, as elites brasileiras não se distinguem propriamente pelo seu refinamento cultural, posso dizer que entre os meus entrevistados houve uma parte que se fez distingüir por uma sólida disposição estética:

"Primeira vez, agora este ano, pela primeira vez, eu não fui a uma das Bienais. Eu fui a todas as Bienais, desde a primeira de 1950 (...) Em São Paulo a gente vai mais à *Pinacoteca*, que é o museu que está mais vivo lá. Aqui [em Paris] nós vamos a todos os museus, exposições, quer dizer, a gente volta ao *Louvre* de vez em quando, volta, vai a museus menores, a gente... A minha mulher tem muito interesse por isso, e eu acho que fazer turismo é, fundamentalmente, além de ver a cidade é ir a museu. Agora, por exemplo, eu fui convidado a ir a Grenoble dar uma conferência. Eu falei 'tem um museu aí? Se tiver um vou dormir um dia aí para ver o museu'. Depois eu fui ver no guia, tem um excelente museu lá. Então vou ver o museu, não tem nem conversa" (Professor universitário e ex-ministro, 75 anos).

No conjunto, os entrevistados fazem gosto em se mostrar familiarizados com o mundo das artes: "Então cultura, arte, sempre foi uma coisa que participou da minha vida" (Empresário "rentier" e filantropo, 66 anos). E se apresentam como consumidores vorazes de cultura: "Eu leio muito. Eu sou um leitor compulsivo assim" (Pianista, maestro e compositor, 61 anos). Tanto assim que muitas das perguntas que buscavam

[340] LAMONT, Michèle. *Money, Morals and Manners: The Culture of the French and the American Upper-Middle Class*, op. cit.

aferir a intensidade das práticas culturais foram, não raro, tidas por óbvias demais: “Ah, claro!”:

“Eu já freqüentava o Museu de Arte Moderna, a cinemateca do Museu de Arte Moderna, antes do Paulo Emílio. E lá eu aprendi a gostar de René Clair e de (...). Quer dizer, grandes filmes para mim era este, era *A grande ilusão*, do Renoir. Era o Marcel Carné, *Les enfants du paradis”* (Professor universitário e ex-ministro, 75 anos).

Integrante do pólo “mundano-cultivado” da população estudada, a psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um grande empresário brasileiro Marieta diz ir muito a galerias de arte toda vez que viaja para o exterior: “Estou sempre muito por dentro, é só você assinar o canal contemporâneo, por e-mail, que você recebe todas as exposições, já vê todos os quadros”. Gosta muito de fotografar o pôr-do-sol e os jardins de sua casa de veraneio, julga que a foto-souvenir é “inevitável” e pensa que, se o fotógrafo for bom, todo e qualquer objeto pode resultar numa bela fotografia. No que diz respeito aos espetáculos de música, disse adquirir assinatura para temporada de concertos todo ano, Mozarteum e Cultura Artística, e, à época da entrevista, o último show que havia visto era o de Chico Buarque. Sobre seus gêneros musicais favoritos, relatou:

“Eu gosto muito de ópera, nós vamos sempre que a gente viaja. Aqui em São Paulo eu tenho ido menos porque o Municipal tem levado umas óperas, não tenho ido muito no Municipal (...) mas eu gosto muito de ópera, e eu vou ver Lohengrin agora que eu vou para Paris, já estou com os bilhetes na mão, sempre que eu viajo vou com os bilhetes na mão (...) Ah, eu gosto de balés, não perco balés, eu fui ver agora em Nova Iorque toda a temporada possível, tudo da temporada que foi possível do *New York City Ballet*”.

Quando indagada sobre outros gostos musicais, para além de ópera, seu gênero preferido, revelou amar música clássica em geral, gostar de música popular brasileira, bossa nova, música popular americana dos anos 1940 e disse detestar música eletrônica. Tanto quanto a mãe e a avó, ela também tocou piano, e, ainda, violão, como era corrente nas festinhas de sua geração. Tem preferência pela *Rádio Cultura*, em especial o programa da Gioconda Bordon, e grande parte de sua coleção de CDs é composta de música clássica:

“Cada vez que eu vou viajar eu já tenho na minha lista, e cada vez eu tenho mais dificuldade de encontrar, porque, por exemplo, a última vez que eu fui para Nova Iorque, o lugar de música clássica que era uma coisa enorme virou... você tem que procurar pelo nome do autor, no meio dos outros, por exemplo, eu queria comprar... e eu consegui comprar as *ouvertures* todas do Wagner, mas foi um ‘upa’ para achar as *ouvertures*. Agora eu quero comprar as quatro últimas canções do Richard Strauss, que, aliás, foi o último concerto que eu fui ver na Sala São Paulo

(...) então quando eu vejo num concerto, escuto uma música que eu gosto, eu sempre anoto para comprar o CD... Tenho música clássica, tenho ópera um monte, tenho música de filmes, eu tenho Broadway que eu tenho paixão, toda vez que eu vou ver um show da Broadway eu compro um CD".

Em diversas ocasiões, esta informante apresenta um julgamento de gosto que os críticos e artistas mais conducentes à lógica do "campo" artístico chamariam de "legítimo": sempre se lembra do nome dos diretores dos filmes que assiste – elegendo, sem hesitação, Visconti como seu favorito –, assiste a muitos filmes que não fazem sucesso, não acha imprescindível a identificação com os personagens e seus dilemas e muito menos o final feliz. Na mesma linha de juízo, não considera importante que os atores sejam conhecidos do "grande público" ("Eu costumo ir à Mostra e eu adoro ver filme justamente de gente que eu não conheço, ator que eu não conheço, povo que eu não conheço para conhecer um pouco") e diz preferir os filmes mais "loucos", que ninguém gosta, por ficar encantada com a "invenção do cineasta". De maneira geral, prefere o cinema europeu, dizendo gostar também da produção nacional, que vê em geral no DVD, pois, não consegue "arrastar" ninguém para ir com ela quando se trata de filme brasileiro. Considera todos os filmes do diretor Walter Salles excelentes e diz não gostar de jeito nenhum de filme de ação.

Suas preferências em matérias de cinema são parcialmente homólogas aos seus gostos em matéria de teatro, espetáculo a que freqüenta em geral na companhia da mãe e das irmãs nas salas da FAAP. Ao longo da entrevista, disse ter visto quase tudo de Gerald Thomas, cujas produções ela reputa muito instigantes, e admirar o Teatro da Vertigem. Referiu-se a Jorge Takla como um diretor que acompanha sempre ("gosto das coisas que ele faz*, é meu amigo e tudo*") e a Bia Lessa como alguém que já dirigiu coisas espetaculares. Quando era mais jovem, chegou a ter uma cadeira cativa dada por Ruth Escobar, dada à sua assiduidade aos espetáculos teatrais. Para ela, não é importante que um ator seja conhecido do "grande público"; porém, diante da pergunta "Você acha que o enredo de uma peça deve mostrar personagens que agem como nós agimos na vida de todo dia?" respondeu de forma afirmativa, ainda que não sem evocar uma referência erudita: "Sim, Tchekov fazia sempre isso e se deu muito bem, né?".

Tendo afirmado gostar da arte abstrata na mesma medida que da figurativa, ela declara que, tomando-se a história da arte de um modo geral, Matisse, os fovistas, Picasso, Goya e Rembrandt seriam seus pintores favoritos, este último sendo considerado "o melhor retratista que já existiu na face da terra". No que diz respeito às

preferências em matéria de televisão, disse adorar todos os programas e documentários do GNT, Manhattan Conexion, Fernanda Young, Marília Gabriela, Observatório da Imprensa e o Jornal Nacional. Ainda em resposta às minhas perguntas, assumiu não perder a novela das oito, num exemplo claro de como por vezes não é tanto a competência cultural ou seu "gosto" o que mais a distingue das "novas-ricas", mas, justamente, seu desprendimento frente aos veredictos do universo artístico.

Mas declarações nas quais grupos dominantes afirmam gostar de práticas que, eles sabem bem, são vulgares, não devem levar a que se pense que as hierarquias culturais tenham sido abolidas, no mínimo porque há diferentes modalidades de relacionamento com as atividades por assim dizer menos nobres: ocasional ou durável, assumida ou envergonhada, e assim por diante. Não por outra razão, a entrevistada citou todas as revistas que assina (*Veja*, *Isto é*, *Época*, *Caras*), tendo "justificado" apenas a assinatura da revista *Caras*: "até na *Caras* dou uma olhada porque levo para o consultório". Como avalia Louis Pinto,

> "(...) a segurança atestada e sustentada através de um conjunto de signos de autoridade é o que permite tomar distância com relação às fronteiras da legitimidade cultural: é suficiente pensar nessas falsas confidências nas quais os dominantes deixam que se saiba que eles 'adoram' essa ou aquela atividade que eles sabem ser bem 'fácil', senão 'vulgar'. Não é isso que deveria suscitar o espanto do sociólogo, mas sim o gosto (ou o tato) que evita, ao menos nas situações públicas, de se perder nas transgressões as mais infames ou ridículas (a *Foire du Trône* é talvez 'divertida' para rir uma vez, mas bom...)" [341].

Além disso, a conivência com o mundo da arte e dos criadores não deixa de gerar, no caso de alguns entrevistados, uma narrativa culpada em função de se estar fruindo de bens emblemáticos da indústria de comunicação de massa. A artista plástica Isabel zomba de si mesma depois de confessar assistir à novela das oito. Mais de uma novela por dia lhe traria "dor na consciência, eu não consigo". Da mesma forma, a colecionadora de arte e psicanalista Carina – assim como a psicóloga e fazendeira Verônica - mostra-se muito avexada com o recém-adquirido hábito de acompanhar a novela das oito: "Ai que horror, comecei a ver novela. Um horror, comecei a ver novela!"

A "alta cultura", ao contrário, sempre é vista como algo que se faz menos do que o recomendável, suscitando pronunciamentos opostos aos referentes às desprestigiadas

[341] Cf. PINTO, Louis, "Ne pas multiplier les individus inutilement", op. cit. Sobre os "consumos secretos" - posto que incompatíveis com as impressões que suscitamos de nós mesmos – consultar GOFFMAN, Erving. *La mise en scène da la vie quotidienne*, op. cit., p. 46.

novelas ou revistas de celebridades ("eu não sou muito chegada [em teatro], infelizmente. Gostaria de gostar mais"; "eu pretendo ir mais ao teatro, é uma vergonha, nem fala que eu não vou ao teatro"):

Carolina – Gosta de museu?
Marcos – Eu gosto e eu acho que já freqüentei mais do que a média, mas menos do que deveria.

(...)

Marcos – Tem coisa que eu vou ver por gosto mesmo, de curtição, outro dia eu fui ver o Proveta tocar num no *Tom Jazz*, fui lá, de gosto assim. Mas eu acho que eu gostaria de ir mais em concerto, "Olha, tem um concerto bonito hoje".

Como já mencionado, o comprometimento cultural de certas frações da elite paulistana dá-se a ver também no fato de que eles compram obras de arte e não apenas freqüentam museus do mundo todo. Essa apropriação material dos bens artísticos, atributo de poucos, acaba levando, muitas vezes, a que o possuidor acredite que basta afirmar a posse de tais bens para atestar sua relação harmoniosa com as obras de arte: "Admiro pintura, mas como eu sou um sujeito muito ativo não tenho muito tempo para apreciar as pinturas. Minha mulher gosta muito e é uma grande colecionadora de pinturas (Empresário de grande construtora, 60 anos)". Como notou Bourdieu, quando o quadro, a estátua ou o vaso chinês são suscetíveis de serem adquiridos, aquele que os possui "não tem necessidade de confirmar, de outro modo, o deleite que eles proporcionam e o gosto de que são o testemunho"[342].

Neste grupo social, as pessoas sabem-se possuidoras de bens raros, desigualmente distribuídos socialmente e, desse modo, portadores das motivações de honra e prestígio. Indagado sobre os seus hábitos de leitura, o banqueiro Luiz referiu-se ao fato de possuir a Coleção Brasiliana *stricto senso*:

Carolina - Então, a gente podia falar um pouco da sua formação literária, já que a gente já entrou por esses gostos literários. Eu estou vendo aqui que você está rodeado, você gosta de falar e gosta de história. O que é que você gosta de ler?
Luiz – Aqui são livros brasileiros, olha a Brasiliana, você já deve ter ouvido falar (...) é a Brasiliana propriamente dita né, *stricto senso*. É uma coleção chamada Brasiliana.
Carolina – Sim, sim, uma coleção fantástica, aliás.
Luiz – E todos os livros aqui, praticamente, que estão de passagem são livros sobre o Brasil, praticamente, né?
Carolina – Arquitetura e pintura eu estou vendo aqui.
Luiz – Aí tem um pouco de livro de arte, mas em cima é continuação Brasiliana (...) isso aqui tudo é tudo Brasil. Brasil, história do Brasil, ponto".

[342] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 260.

De modo análogo, a freqüência aos espetáculos musicais associa-se, na vida do empresário e filantropo Roberto, à proeminência social de sua família:

Carolina – E você acompanhou algum show na sua vida?
Roberto – *Acompanhei, sim, vi todos eles, porque nós éramos donos do Cine [...], do Teatro* [...]*, que era da família T.* (...) E a família tinha duas, dois camarotes, que eram na época chamados de frisas (...) Eram todas forradas, como é hoje na Europa, porque lá se guarda as coisas. E tinha uma chave, estava escrito "Família T." (...) Então a gente pedia a chave para o meu avô ou o tio que estivesse com a chave, ia lá e assistia tudo.
Carolina – Tudo de camarote.
Roberto – Tudo de frisa.

Um colecionador de arte e médico proprietário de clínica residente numa casa assinada por Barry Parker, no Jardim América, principiou nossa conversa falando de sua coleção e, não, de seus gostos e conhecimentos em matéria de arte. Detentores de capital cultural e de capital econômico os burgueses, notou Louis Pinto,

«semblent peu préparés à un exercice qui présuppose une forme exclusivement symbolique d'appropriation de l'oeuvre, ou, si l'on préfère, une humilité incompatible avec l'image de soi de dominants, enclins à faire servir tous les biens au service de leur gloire temporelle »[343].

E revelou que tal acervo possuía os melhores trabalhos dos artistas em questão:

"(...) diz que a coleção aqui é o que tem, o que se pegou dos artistas nesses últimos quinze anos que eles realmente estavam fazendo legal (...) Tem esse conceito de que eu tenho trabalhos fundamentais dos artistas. Os artistas dizem (...) que a poética do artista está representada nos trabalhos da coleção. Iole de Freitas fala que é o melhor trabalho, o Emannuel Nassar fala, o Antonio Dias fala que é fundamental, o Nuno...".

Apresentando-se com a retórica da negação do mercantil, ele garante que nunca soube, *d'avance*, qual seria a "liquidez" das obras (tornadas importantes) que foi comprando:

Carolina – E você quando comprou não sabia de nada disso?
Ricardo – Não sabia de nada disso! Eu estava no abstrato, na experiência.

Nas narrativas daqueles que são colecionadores e, também, mais fortemente dotados de disposição estética – como é o caso de Ricardo -, nota-se uma clara hierarquia de consumo em favor do gasto com obras de arte:

[343] PINTO, Louis. « L'émoi, le mot, le moi », op. cit., p.81.

"Com trinta anos eu estava buscando uma identidade. Porque eu já sabia que eu era um bom médico, eu já tinha comprado os meus aparelhos de ultra-som, eu já tinha nome na cidade, eu trabalhava em C., então já era um futuro promissor. Aí eu tinha a opção de: ou comprar um avião, um helicóptero para ir para Maresias, ou comprar uma casa em Búzios, uma lancha, ou comprar uma casa no Outeiro das Brisas em Trancoso... Eram as opções que eu tinha. Ou fazer alguma coisa que pudesse estar relacionada a mim no sentido da memória, no sentido de registrar a minha experiência. E aí eu comprei esse quadro".

Ao elencar as despesas rejeitadas, Ricardo pede ser reconhecido pelo desinteresse em relação aos prazeres mundanos do luxo. Apesar de ter dinheiro para comprar um avião ou uma casa na Bahia, preferiu desde os trinta anos investir em obras de arte, atitude mantida até o presente e que fez dele, já aos 47, um reconhecido colecionador de mais de trezentos trabalhos de arte contemporânea. Dentre todas as técnicas passíveis de formar e acumular capital simbólico, diz Bourdieu,

"(...) a compra de obras de arte, testemunho objetivado do 'gosto pessoal', é a mais próxima da forma mais irrepreensível e mais inimitável do acúmulo (...) A apropriação exclusiva das obras sem preço mantém certa analogia com a destruição ostentatória das riquezas: ao permitir a exibição irrepreensível da riqueza, ela torna-se, inseparavelmente, um desafio lançado aos incapazes de estabelecer a dissociação entre o seu ser e o seu haver, de ter acesso ao desinteresse, afirmação suprema da excelência da pessoa" [344].

É com desdém que ele se recorda do tempo em que tomava champagne e estava para comprar um helicóptero. Essa fase suntuosa terminou precisamente ao tomar conhecimento, através de um livro lançado por uma editora de arte, que sua coleção inicial já era poderosa. No seu relato, foi aí que ele começou a gastar dinheiro com o que realmente interessava: "Já tomei muito champagne na época que eu estava quase comprando um helicóptero (...) Aí eu escapei. Até o Charles Cosac mandar o livro, eu tomava champagne". A "retórica da negação do mercantil" como salvaguarda do estatuto superior do desfrute artístico também figura no elenco de razões que o teriam levado a se tornar colecionador. Enquanto um colecionador de arte residente em Alphaville afirma, sem maiores problemas, colecionar arte como forma de investimento, Ricardo teria comprado tudo o que comprou para poder expor seus valores:

"E a idéia, quando eu comprei esse trabalho eu percebi que eu poderia começar a pendurar valores meus, para quando as pessoas viessem me conhecer, eu teria um apêndice para me mostrar. Para me fazer ser entendido. Então eu gostei dessa brincadeira, eu achei essa brincadeira a mais divertida de todas. Então desde então eu sempre tenho cinqüenta, cem mil reais na conta corrente, eu não consigo ter mais do que isso (...) Eu acho uma sorte sabia poder,

[344] BOURDIEU, Pierre. *A distinção,* op. cit., p. 263.

hoje, quinze anos depois ver que (...) Que você conseguiu fazer uma seqüência tua, dos valores, isso é uma grande alegria".

No mesmo contexto de negação dos interesses comerciais, ele se orgulha em dizer que nunca vendeu uma única obra de sua coleção, nem mesmo as que estão mofando no sótão e que não se valorizaram: "Eu nunca vendi nada. Eu tenho trezentas e vinte obras e eu nunca vendi nada, eu troquei um trabalho e só (...) E os que eu errei - errei, lógico que errei, errei oito - está tudo lá embaixo, eu não vendo. E estragou, dois estragaram. Eu não vendi". Ele que não pára de comprar obra de arte considera-se, no entanto, "livre" do sistema cultural voltado à produção de consumidores de arte:

"Todo o sistema cultural trabalha a arte como um objeto a ser adquirido, né, então a estratégia é essa, como é que você vai escapar dessa estratégia? Então você já entra no papel de consumidor (...) É, vai se perdendo, aí vem o gosto, o cara vai tentar achar aonde que é o gosto, mas aí ele já é, ele já entrou no sistema, entendeu? Ele não tem como escapar. *E eu não, eu tenho uma visão da experiência, eu sou montaignesco*, eu gosto de Montaigne. Porque a verdade vem da experiência, entendeu? As pessoas... Nesse sentido a filosofia é legal, porque ela te dá um tempo para você registrar visualmente a tua experiência".

Nessa mesma linha de juízo, ele se oporá aos colecionadores que compram muito, mas compram mal. Isso não impede, contudo – e como ele reconhece -, que a compra de obras de arte encerre, em si, uma alta rentabilidade simbólica:

"Olha, tem esse que está... Que continua comprando errado. Jovem. Que era legal você entrevistar, está no B. Vai ser uma pessoa interessante para você entrevistar, se você quiser eu te... Porque ele é um financeiro que está comprando um monte (...) Então, esse aí começou no barulho da *Vogue*. Aí comprou três quadros e já se achou legal! E engrupiu no que ele é legal. E aí já virou, porque ele tem facilidade, *já virou assistente do L. T., lá no B., já está em atividade mais pública*, para falar que ele está... Ele já incutiu na psique dele o colecionador, ele não consegue mais se livrar disso. *Mas continua comprando tudo, tudo errado*. Gasta cinqüenta mil reais por mês assim, compra (...) É, eles fazem investimento. É, eu acho que (...) É eu não acho que tem outra questão não".

Ele sempre recebe orquídeas de presente, o que também atesta que a compra de obras de arte serve ao acúmulo de capital simbólico:

Carolina – Que flores você costuma ter em casa?
Ricardo – Orquídea que sempre recebe, né, então... Eu não gosto muito de orquídea não, eu gosto de flores mais selvagens, mais rupestres.
Carolina – Recebe sempre orquídea? (...)
Ricardo – É, porque eu sou colecionador. É, colecionador... Todo mundo quando entra em casa de rico acha que tem que mandar orquídea. É padrão.

O empenho em impor uma representação de desapego material pode ser ainda identificado no relato (algo autovitimado) de que a compra contínua e sistemática de obras de arte impedia-o de fazer crescer sua conta bancária: “Sempre comprando. Eu não tenho mais, nunca tive mais que cem mil reais na minha conta corrente”. Aos 47 anos, Ricardo não trabalha mais: “Eu leio e cuido do meu filho”. Certo *interesse no desinteresse* revelou-se, como se viu, no relato de que não sabia que estava a comprar obras que os artistas mesmos consideram suas melhores realizações. A referência crítica aos colecionadores que só vão atrás do que “tem liquidez” é outra forma de se auto-representar como indiferente ao mercantil e pronto a correr riscos no mercado da arte: “O que é que é o tradicional? A pessoa ir lá e comprar o Krajcberg, que é da colônia judaica, tem liquidez, tem inserção na Europa...”.

Ocorre que numa entrevista de três horas os assuntos vão e vêm e às vezes vê-se que o entrevistado é menos “desapegado” do que parece. Tendo em vista o espaço social em que se move, ele certamente empreendeu um deslocamento horizontal adquirindo um capital cultural superior ao de seu pai, médico proprietário de hospital, mas, filho de imigrantes libaneses analfabetos. Mas Ricardo não deixou de manter, no entanto, o volume de capital econômico já conquistado pela geração de seus pais. Ele hoje vive de estudar, viajar e ir a exposições, mas durante dez anos “deu duro”, como ele diz, para construir uma próspera clínica de radiologia de cuja renda ele hoje vive sem trabalhar. Atualmente ele só vai até lá quando a equipe precisa de uma opinião sobre casos mais complicados: “Dá uma má formação fetal, os caras querem uma opinião, então aí acumula nas duas semanas e eu faço. Porque eu sou o mais experiente de todos”. Por gostar muito de física, ele chegou a pensar em ser professor, mas logo declinou da idéia porque “*eu queria ter dinheiro*, eu queria viajar”. Como seu pai, ele não concebe não acumular capital econômico. E mesmo a maneira como vê outras frações dos grupos dominantes dá a ver como ele tem dificuldade em conceber a relativa autonomia do capital social em relação ao capital econômico, a pessoa que não tem dinheiro não pode ter amigos que a recebam em Londres:

“Porque eles [os cariocas] recebem, eles têm amigos [imitando o sotaque carioca] (...) e eles ficam na casa do cara ‘que é tão simpático’, aí eles falam que têm amigo em Londres, *tudo duro que tem amigo*! (...) O Rio é a aparência”.

Sua própria trajetória demonstra, no entanto, como o capital social pode ser valioso e fonte de acumulação de riqueza material: a espaçosa “casa de campo” numa

rua bastante privilegiada pelas leis de zoneamento no coração do Jardim América foi comprada a um preço muito mais baixo do que o preço da imobiliária por conta da antiga proprietária da residência ter sido sua colega no Colégio Santa Cruz.

Carina foi outra informante que se auto-representou como alguém que rejeita os frívolos itinerários "mundanos" ao traçar uma evidente hierarquia de consumo orientadora de seu estilo de vida. Renegando alguns dos mais poderosos símbolos exteriores da estima social, essa psicanalista-colecionadora afirmara, já em início de conversa, que "não tinha roupa da moda", mas tinha dinheiro para ter a coleção de arte que tinha. Tal afirmação deu o tom de boa parte do depoimento, quer quando se referiu ao absurdo preço que se paga para comer nos restaurantes da elite paulista dos bairros-jardins da City (*La Tambouille*, Antiquarius, Fasano, Gero, Arábia, Figueira Rubaiyat), quer quando revelou que nunca dispôs de residência de vilegiatura, tendo alternado as férias no Brasil entre a casa na montanha e a casa na praia que possuíam os seus sogros. Trata-se de alguém que investiu primordialmente em obras de arte, e obras de muito valor no mercado atual (Chagall, Guignard, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Flávio Cavalcanti, Regina Gomide Graz, Mira Schendel, Krajcberg, Tomie Ohtake e muitos outros):

"O que ganhamos de dinheiro (...), o que nós tínhamos ganho de dinheiro, digamos, quando já tínhamos máquina de lavar, fogão e geladeira. Então o que fizemos? Eu escolhi, (...). Nós tínhamos todos os (...) e compramos também, tinha um grande para vender aqui, e compramos os quadros em Buenos Aires. Com o dinheiro que ganhamos de casamento".

Como o também colecionador Ricardo, ela se mostrou algo indiferente aos eventuais retornos financeiros da coleção de arte que estava a formar: "Se tivesse nome muito bem, mas se não tivesse não tinha importância". Seu comprometimento cultural é atestado a todo o momento, como quando se referiu às aulas de história da arte em inglês que ela e os três filhos ainda pequenos receberam durante anos. Quando as crianças chegaram à adolescência, Carina foi cursar ciências sociais na USP e psicologia na PUC: "E aí, o que é que eu podia fazer primeiro? Então fui fazer ciências sociais para não ficar com a linguagem muito 'psicologuesa', como se dizia naquela época, né? Para não ficar muito alienada". Sobre os cômodos de seu apartamento de quinhentos e oitenta metros em Higienópolis, ela afirmou que "em cada quarto tem biblioteca".

Apesar de não ter tido pais que fossem eles próprios artistas ou intelectuais, a "fala da educação primorosa" é testemunho recorrente no relato, o que demonstra, uma vez mais, o forte investimento educacional de frações da elite imigrante que tanto empenharam em enobrecer-se culturalmente (como visto, o mesmo se pode dizer dos pais de Ricardo, filho de libanês, de Regina, também filha de libaneses, de Verônica, filha de italiano e de Roberto, rebento de uma família sírio-libanesa). Um bom indicador nesse sentido, no caso do pai judeu polonês de Carina, foi a opção pelo já bastante caro *Colégio Bandeirantes*: "Então o maior valor sempre foi o estudo (...) Do *Bandeirantes* nós saímos, a minha turma, entrou em todos os primeiros lugares das Faculdades de São Paulo que eram poucas".

Tal como os colecionadores Ricardo e Carina, o pianista, maestro e compositor Marcos se auto-representa como um comprador das obras de arte que gosta e, não, das que valem mais. Sobre a compra de dois quadros de Iberê Camargo ele afirmou que "(...) eu comprei porque eu gosto (...) Eu não escolhi os melhores, não escolhi os mais valiosos, escolhi os que eu gostava".

A posse de cultura é também vivamente reivindicada pelos informantes marcados por um senso de declínio social, como foi o caso de João, jornalista de família antiga que ocupou e ocupa cargos de chefia em diferentes e importantes instituições culturais brasileiras. Tendo patrocinado artistas no tempo em que sua família de construtores fora poderosa economicamente, ele foi novamente chamado a financiar as artes no "tempo das vacas magras" e respondeu que desta vez só poderia ajudar com prestígio, não mais com dinheiro. A referência às obras de arte importantes que teve de vender - e mesmo às que nunca chegou a poder comprar - também sinaliza os problemas de dinheiro outrora ausentes:

"Grande empresa [a de sua família], a gente tinha avião, tinha tudo para deitar e rolar (...) onde é que eu pus o dinheiro? Pusemos dinheiro lá na fundação do *Teatro Oficina*. Eu fui co-fundador do *Teatro Oficina* (...) Num período em que ainda a gente não estava construindo prédio, que estava fazendo planta, nós emprestamos o terreno para (...) Para ser o lugar de ensaios do *Oficina*. Enquanto o *Teatro Oficina* era construído com tudo quanto era madeira, eu me lembro que a gente mandava, a gente tirava material da obra para mandar lá para o *Teatro Oficina* (...) Tanto é que eles têm liberdade comigo, agora me ligou o Borghi aí e falou 'pô, dá ajuda porque eu quero fazer um negócio aí, eu preciso da sua ajuda, não sei o quê...'. Eu falei 'só que agora eu não sou mais milionário, né, eu posso te ajudar com prestígio, mas não com grana né'".

"O que eu comprei de bom foi um Portinari, desse poeta que se exilou em casa e precisava de dinheiro e para ajudar eu comprei um Portinari e um Volpi. Perdi ambos. Um, numa mudança, jogaram o Portinari no lixo (...) Depois um Volpi que eu tive que vender por necessidade numa

época difícil (...) Eu queria comprar um Clóvis Graciano, que era uma exposição que ele fez numa galeria chamada *Elite*, na Praça da República. Tinha uma coleção de São Jorges, a coisa mais linda. Mas daí eu não pude comprar, mas tinha um mais barato que era um passarinheiro, um menino fazendo capoeira segurando o passarinho, daí eu comprei esse".

Como o que lhe falta hoje em dia é dinheiro, não parece um acaso que, em sua narrativa, os alvos das distinções negativas sejam os novos-ricos incultos e, não, o homem do povo:

"Não me incomoda a falta de erudição do homem comum, porque o homem comum tem uma cultura, embora seja ignorante. O homem do povo é culto, ele é ignorante, mas é culto. O que me incomoda no Brasil é a ignorância das elites. A elite que tinha meios e obrigação de ter uma cultura política, de ter uma cultura filosófica média, uma cultura artística, não tem! É a elite mais ignorante e mais... A Rua Amauri é nauseabunda, entende? Um shopping (...) Uma vez um político me pediu 'João, você que é desses negócio das cultura aí, a decoradora disse que eu preciso – deve ter sido um homem que enriqueceu muito depressa - de um quadro azul, um amarelo, um verde e não sei o quê, você não quer me ajudar?' Eu falei 'olha, eu não sou decorador e tenho um gosto muito próprio, mas eu te indico aquele menino lá' (...) Daí ele ligou lá, foi lá no cara, daí o Virgílio falou: 'João, você mandou um cara maluco aqui, eu fui na casa dele e ele queria um quadro amarelo, um verde e um azul e não sei o quê, e eu indiquei doze quadros para ele, preço alto não sei o quê, ele comprou tudo, depois mandou uma caixa aqui, uma caixa aqui de sabonete cheia de dólares, me pagou a vista, não queria recibo não queria nada'. Esse eu acho que é o extremo do limite da ignorância, né? (...) A decoradora devia ser tão ignorante que não foi nem comprar, né, ele quis que eu indicasse. Daí eu infelizmente indiquei um cara com muito nível, né, para ele, os quadros devem ser ótimos (...) Agora, então, a ignorância política das elites, depois a ignorância intelectual dos jornalistas (...) Então eu digo, a incultura em quem tem possibilidade é uma tragédia".

Tendo em vista que hoje o que o distingue socialmente não é mais o montante de capital econômico, todo o seu testemunho atribui à posse de cultura um valor supremo e inigualável na avaliação de si mesmo e também dos outros. E o horror a um mundo em que "o dinheiro mudou de mão" e que faz do poderio econômico o critério essencial de valoração das pessoas é tema reincidente em seu relato[345]. Em texto escrito num jornal de grande importância ele afirmou estarem hoje todas as classes sociais igualmente mal-educadas[346] :

João - Depois da guerra o dinheiro mudou de mão, e São Paulo é a cidade do mundo onde houve a maior migração de dinheiro, a maior troca de dinheiro de mãos. Mais que em Chicago, mais do que em qualquer outro lugar, aqui...
Carolina – Mas o senhor está especulando ou o senhor já...
João – Não, eu estou falando, eu estou falando... Eu não posso te dizer aonde é a fonte disso, mas é isso, São Paulo é onde houve a maior, a maior migração do capital e do patrimônio... O

[345] Como se vê, o tema do "dinheiro que mudou de mão" é de fato recorrente entre os informantes dos Jardins, mas, não, entre os entrevistados de Alphaville.

[346] Não posso citar a fonte para não revelar a identidade do informante.

patrimônio foi para isso, para aquilo, e depois para o sistema financeiro, né? E quem detinha o capital perdeu, primeiro, na crise de 29, depois perdeu depois da guerra, quando houve uma nova, um novo sistema de produção. O próprio Matarazzo, que foi o terceiro orçamento da República até 1939 - eu sei porque eu escrevi, eu escrevi o livro [...] -, até 1939 quando ele não fez o grande monopólio ele se ferrou. Já os, os Ermírio de Moraes fizeram monopólio, se sustentaram. Quem não seguiu a produção de massa do após guerra e tal, se ferrou. Agora, a sociedade, as elites... Por que é que as elites eram cultas? Porque as elites conviviam com a classe média intelectual, havia uma classe média intelectual extremamente erudita. Vamos até pôr o meu pai, apesar de ser "quatrocentos anos" era uma classe média alta intelectual. O Mário de Andrade era uma classe média até não tão alta, mas, intelectualizada. Todo mundo convivia com as elites. Inclusive, havia um espaço de mediação entre a aristocracia paulistana e a classe média intelectual. Isso é conversa minha com o Antonio Candido. E o espaço dessa mediação era o centro da cidade. O Chá do Mappin, a Casa Alemã, as grandes lojas, e todo mundo freqüentava o centro, freqüentava. A minha mãe ia no centro de chapéu e luva. E ia de ônibus!

Como se procurou demonstrar nesta seção, o comprometimento cultural dos entrevistados dos bairros-jardins da City expressa-se de diferentes formas, quer na aquisição de obras de arte, que no envolvimento com as atividades de mecenato artístico, quer, ainda, em todo investimento em disposição estética por meio da freqüência a exposições e galerias várias vezes ao ano e no mundo todo. Patronos das artes e mantenedores de projetos sociais, os informantes investigados passam a freqüentar outros filantropos e patrocinadores, constituindo uma rede que não é, senão, o resultado da acumulação de capital social via envolvimento com causas culturais e caritativas. Os padrões de atuação das classes altas nas áreas social e da cultura é, por fim, um bom indício de como a reprodução das posições dominantes continua se valendo dos itens simbólicos da cultura "legítima" (e - como visto na seção anterior – das "técnicas" da sociabilidade mundana) para existir.

O gosto dominante como gosto tradicional

Carolina – O que é que você acha dessa arte contemporânea das Bienais, dessas instalações? Para você a arte contemporânea é incompreensível? Ou não?
Roberto – É compreensível e inaceitável.
Carolina – Por quê?
Roberto – Porque não gosto, eu acho que não é arte, se isso for arte eu sou um artista.
Carolina – Então você acompanha menos arte contemporânea?
Roberto – Não, eu acompanho, *eu vou porque tem que ir*. Só para ver o que é que está acontecendo (...) Mas não é uma coisa que me dá prazer. Não me dá prazer.

De modo geral, estudos sobre a elite brasileira contemporânea tendem, como visto na Introdução, a abordagens em termos das variáveis socioeconômicas que influenciam a mobilidade social, ocupacional e/ou financeira[347]. Baseada em entrevistas com membros de setores abastados de São Paulo, esta pesquisa buscou apresentar, ao contrário, algumas representações que banqueiros, fazendeiros, *rentiers*, filantropos, embaixadores, empresários, etc. constroem de si mesmos e dos outros em suas preferências culturais declaradas, as quais também contribuem para formar a "realidade" dessas elites.

Na seção anterior sobre o comprometimento cultural dos segmentos sociais em estudo, destaquei o quão envolvida está a classe alta dos Jardins com postos-chave em importantes instituições culturais, num cenário parecido com aquele investigado por Warde e Bennett, que em estudo sobre os gostos da elite gerencial inglesa acentuaram como o comprometimento com a causa da "Cultura" funcionava como meio de reconhecimento mútuo e facilitador de relações sociais no interior desse estrato [348]. Tendo sugerido que tais atividades permanecem insígnias das classes abastadas e sofisticadas de São Paulo, concluí que tal situação forçava reconhecer que a reprodução das posições dominantes continua se valendo dos símbolos da cultura "legítima" para existir.

Ocorre que se a participação nas organizações culturais sugere que essa fração da classe alta é recompensada por seu engajamento na promoção de atividades artísticas, ela não necessariamente indica um padrão de gosto predominantemente

[347] MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos, ricos*, op. cit. FERREIRA, Marcelo Costa. "Permeável, *ma non troppo?*, op. cit.

[348] WARDE, Alan & BENNETT, Tony. "A culture in common: the cultural consumption of the UK managerial elite", op. cit..

vanguardista. A análise dos juízos de gosto emitidos pela população estudada permite afirmar que, com exceção do pólo mais "intelectualizado" da coleção de casos reunida, "o gosto burguês ou mundano é fundamentalmente um gosto tradicional" [349].

Um indicador nesse sentido é a dificuldade em admitir a arte contemporânea:

"Eu não sei se ela é incompreensível. Não me dizem tanto, eu acho que tem determinadas instalações, determinadas coisas nas artes conceituais que o artista tem que voltar lá todo ano prá trocar assim o fio. Incrível isso (...) eu fui ver um, tinha uma exposição dele [de José Rezende] compreensível, mas, tem que gostar, uma coisa assim quase idiota de tão boba. Tartarugas no chão, umas saboneteiras, C-A-R-Í-S-S-I-M-A-S. Em três horas estava tudo vendido. Muito caras. E muito feias (...) Eu me lembro de uma inglesa que veio aqui, que estava lá na OCA há um tempo, há uns quatro, cinco anos. Um copo d'água. Com água. Um pouco de água (...) Eu não vou dizer como o Monteiro Lobato falou da Anita Malfatti, mas, realmente, não me diz nada (...) Ainda mais num show, numa exposição que tem, tinha uns 10 assim...talvez se você visse o caminho dela de quinze anos que chegou no copo d'água" (Banqueiro, Jardim Europa)[350].

Não querendo ser classificado de tradicionalista, ele afirmou gostar de pintura surrealista, coisa de fato rara em meio aos informantes:

"Eu gosto muito de umas coisas, eu acho que os primeiros Dali eram fantásticos. Maravilhosos. Muito interessantes. Você viu alguma vez um táxi sóbrio? Eu vi no MOMA há muitos anos atrás. Há muitos anos atrás houve uma grande exposição dos surrealistas".

Mesmo Carina, proprietária de uma importante coleção de arte moderna, julga que a produção contemporânea apresentada, por exemplo, nas Bienais, não passaria de um "blefe": "(...) nem dou bola para isso. Isso eu acho que não tem cabimento".

Proprietário de duas obras de Iberê Camargo, o pianista, maestro e compositor Marcos avalia que, apesar de freqüentar as Bienais, "eu acabo curtindo 10% do que está lá, que é uma coisa que me bate". À pergunta sobre o gosto por pintura, o empresário *rentier* e filantropo Roberto respondeu de pronto: "Os clássicos, especialmente os clássicos (...) Eu demorei para aceitar Picasso, demorei para aceitar Picasso!" Autor de

[349] BOURDIEU, Pierre. *A distinção,* op. cit., p. 247.

[350] Tem-se, na narrativa acima, mais uma evidência de como uma certa parcela da elite dos Jardins, conquanto tradicionalista esteticamente, é sem dúvida alguma cultivada e profundamente envolvida com o universo da "alta cultura". Para negar a arte contemporânea, o banqueiro Luiz recorre à história do "campo" das artes plásticas brasileiras, relembrado a crítica feroz de Monteiro Lobato às obras da exposição de 1917 de Anita Malfatti. O mesmo, como visto, pode ser dito de Marieta, senhora da sociedade, psicanalista e esposa de um importante empresário brasileiro que, mesmo quando emite um juízo de gosto dos mais banais e ordinários (como a rejeição das estéticas mais experimentais), ela o faz evocando referências eruditas: "Sim, Tchekov fazia sempre isso [de tratar das questões que todos os homens se colocam] e se deu muito bem, né?".

fotografias que não buscam mais do que o registro de paisagens e de momentos felizes, Flávio, músico e escritor herdeiro de uma família de banqueiros e políticos, avalia que "as novas instalações são em geral facilmente compreensíveis, tolas em sua grande maioria" [Entrevista 19]. A artista plástica e herdeira de um importante publicitário brasileiro testemunha que "instalações, por exemplo, eu tenho uma certa dificuldade".

A arte abstrata não granjeia o interesse da maioria dos entrevistados: "Eu gosto da arte figurativa moderna mais do que a abstrata. E gosto de alguns abstratos, mas não é o meu... Hoje não é a arte que eu compraria" (Jornalista e ocupante de altos cargos em importantes instituições culturais brasileiras, 76 anos); "Há raros exemplos de bons trabalhos abstratos, que não sejam por preguiça de pintar algo mais difícil" (Músico, escritor e herdeiro de uma família de banqueiros e políticos, 50 anos). Herdeira de obras de arte que seu avô adquiriu na Europa, Ruth, oriunda de antigas e importantes famílias de São Paulo, exprime da seguinte maneira suas preferências em matéria de pintura:

"Eu sou mais do estilo romântico, o mais suave, não vou dizer que o meu predileto fosse o Van Gogh de jeito nenhum, mas admiro, acho bonito, mas não é o que eu mais gostaria de ficar visitando, por exemplo, quando estou viajando. Principalmente na Europa, né? Mas eu gosto, eu gosto do Cézanne, eu gosto de... Aquele maluquinho de umas formas compridas, engraçadinho (...) Modigliani. No colégio, no *Sedes Sapientiae* até, foi um pintor que marcou muito para mim porque nós estudamos bastante (...) Fora isso, já casada, eu fiz cursos de história da arte aqui no Clube Paulistano (...) Eu sou sócia do Paulistano. Então numa época eu aproveitei bastante esses cursos de (...) de arte, de história da arte. Mas eu gosto bastante, inclusive você vê que a minha casa é (...) coalhada desses livros. Deixa eu ver aqui em baixo (...) Obras de tudo quanto é jeito, livros antiqüésimos, isso aqui era tudo do meu avô... Eu mandei restaurar essas minhas encadernações que estavam caindo aos pedaços".

Integrante do pólo "mundano-cultivado" da população estudada, a psicanalista e mulher de um grande industrial brasileiro Marieta foi das poucas a se dizer interessada na arte contemporânea apresentada nas bienais, tendo inclusive julgado que tal modalidade artística só é incompreensível para aqueles que não se informam, pois para entender o que o artista contemporâneo quis dizer "você tem às vezes que ler um livro". No entanto, contrariamente ao que artistas e críticos de arte julgariam apropriado, a informante assume que, ao se deparar com um quadro, presta primeiramente atenção à legenda e, depois, à representação pictórica proposta: "Leio primeiro a legenda, sou muito do livro". Na mesma linha de juízo, diz se apegar mais ao conteúdo da tela, ao objeto representado, do que às técnicas propriamente formais empregadas pelo artista. Apesar de declarar ir ao cinema três vezes por semana, assume que não freqüenta as melhores salas, ou, ao menos, as salas "onde tem gente mais educada", por questões de

segurança, de distância e de conforto. Acaba indo bastante às salas do *Shopping Iguatemi*, que têm lugar marcado, excelente projeção, ciente de que nessas "a freqüência é de gente que come pipoca e fala, né?". Ou seja, o que temos aqui não é tanto o "amor puro" pela arte, pronto a quaisquer sacrifícios: na escolha de um cinema, a existência de um estacionamento conta mais do que uma platéia com mais sólida disposição estética.

Tendo em vista aferir a hierarquia das artes plásticas selecionadas, convém começar pela classificação por épocas. A arte contemporânea que domina a atualidade não é acolhida por mais do que três informantes, o que indica a falta de predileção pelo novo: "Eu achei bizarra essa Bienal, não tem um quadro nessa Bienal, um quadro sequer" (Restauradora de obras de arte, 49 anos). Em contrapartida, o período que se estende do século XV ao XX goza de forte representação, artistas do *Quattrocento* (como Piero della Francesca, Leonardo da Vinci, Van Eyck, Fra Angélico), pintores holandeses do XVII (como Rembrandt e Vermeer) e os impressionistas (Renoir, Monet, Manet e Degas), a partir do XIX, figuram, juntamente com a arte moderna brasileira do século XX (Anita Malfatti, Volpi), em boa parte do conjunto dos gostos dos entrevistados[351].

Pode-se considerar como categoria marginal, portanto, a arte contemporânea, gênero predileto de apenas dois informantes. Um deles – colecionador da arte desse período - elegeu também artistas de notoriedade intermediária no Brasil, como Magritte. A preferência por Picasso (9/30) e Van Gogh (6/30) - cujo renome é garantido por reproduções e coleções de vulgarização – demonstra que alguns dos entrevistados não recusam os valores mais consagrados e orientadores do "grande público". Tomando emprestada uma análise do gosto artístico empreendida por Louis Pinto, ninguém "se aventura nas regiões raras, audaciosas ou marginais: nem a arte contemporânea nem a arte não-ocidental são objeto de suas escolhas" [352]. Para além do gosto pela realidade idílica e "dócil" dos expoentes do movimento impressionista (13/30), o apreço pela obra de Matisse (6/30), considerada de "tramas ornamentais, decorativas e superficiais" [353] é mais um indício de como as elites dos bairros da Companhia City são pouco subversivas culturalmente.

---

[351] Conferir, nos anexos da tese, a tabela do conjunto dos gostos de todos os informantes

[352] PINTO, Louis. « L'émoi, le mot, le moi », op. cit., p. 85, tradução minha.

[353] MAYER, Arno. "Culturas oficiais e vanguardas". In *A força da tradição: a persistência do antigo regime.* São Paulo, Companhia das Letras, 1990 [1981], p. 226.

Outro ponto que atesta o quanto o gosto "burguês" é, aqui também, tradicional revelou-se nas preferências em matéria de flores. A metade dos informantes elegeu a orquídea, e algumas das exceções foram: uma colecionadora de arte e psicanalista e uma historiadora da arquitetura, ou seja, duas representantes das frações mais intelectualizadas, que revelaram gostar muito de plantas tropicais em geral, e, também, de antúrios, rosas e copos-de-leite (apesar de uma delas concluir: "Mas eu gosto de orquídea sim, eu gosto muito"). A alta cotação social dessa flor "que dura" apareceu ainda de outra maneira. Por conta da reputação de que goza atualmente, um colecionador de arte e médico proprietário de clínica recebe orquídeas diariamente. No momento em que falávamos sobre seus gostos em matéria de moradia, perguntei quais eram as flores que gostava de ter em casa. Respondeu que gostava de quase todas e que prezava muito o imenso jardim que circundava sua residência no Jardim América, mas que, por conta de ser colecionador de arte e integrante dos júris de bienais internacionais recebia orquídeas quase todos os dias.

Sobre o gosto arquitetônico pode-se afirmar o mesmo desapego ao vanguardismo. O bairro do Jardim América, por exemplo, reduto de eminentes representantes das altas classes estabelecidas, rejeita a arquitetura moderna propagada por Le Corbusieur e adota os estilos neogeorgianos, neocoloniais e um "clássico imponente e monumental":

> "Menos um estilo, mais uma concepção espacial, a casa clássica cúbica foi um exemplo de permanência no Jardim América. O tipo de plantas rebatidas nos dois pavimentos, com concepção simétrica organizada em torno de um acesso principal centralizado referido à vila cúbica paladiana, jamais deixou de existir como um modelo na concepção de residências no bairro. Tal concepção prestou-se como suporte a quase todas as linguagens e ornamentos que estiveram presentes nas casas do Jardim América. Desde sóbrias criações neogeorgianas do início da ocupação até o pragmatismo dos anos 1940, passando pelo neocolonial e por um clássico imponente e monumental nos anos 1930, às vezes referidos pela crítica como 'arquitetura fascista'. Antes dos anos de 1920 a concepção clássica já estivera presente como suporte para outras linguagens em São Paulo, em casas inspiradas no renascimento francês ou italiano, ou em experimentações no estilo neocolonial. Essa concepção de residência permaneceu até o final da ocupação do bairro, revestida com as variações do vocabulário ornamental vigentes, até a predominância de linguagens pragmáticas. Mas, em casas que buscassem expressar atributos como monumentalidade, a linguagem clássica jamais foi abandonada" [354].

[354] WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América*, op. cit., p. 190-191. Como mostrou a mesma autora, há também as residências de inspiração californiana, que fazem referência a motivos hispano-americanos.

Quando iniciei a pesquisa junto a frações da elite paulistana esperava encontrar mais casas modernas, feitas por arquitetos importantes, mas o que se pôde apurar foi o exato contrário: os projetos de casa consagrados pela arquitetura modernista eram raros. Com poucas exceções (como um informante que vivia numa residência projetada por Marcos Acayaba e outra residente num casarão projetado pelo escritório de Artigas), vários informantes reclamaram das "casas de arquiteto", nas quais "a cozinha está dentro da sala". Uma delas já tinha mesmo vendido uma de suas casas projetadas por Ruy Ohtake no Pacaembu e outro havia demolido uma residência no Jardim Europa feita pelo chileno e professor de arquitetura Ernesto Bofil, que trabalhou com Oswaldo Bratke, pai de Roberto Bratke, grande arquiteto moderno:

Luiz – E aqui era uma casa, aliás, moderna.
Carolina – Ah, é?
Luiz – É.
Carolina – Você mudou bastante então.
Luiz – Foi derrubada, todinha. Eu derrubei.
Carolina – Acontece muito isso aqui.
Luiz – Ficaram loucos da vida, uma casa... Era uma casa com graves defeitos, tem uma certa parcela, que era um negócio de inventar que não tinha mais telhado, então punham aquelas cores.
Carolina – Os cacoetes da arquitetura modernista...
Luiz – Eu me lembro do Roberto Lobo lá da USP, quando a USP teve um empréstimo do BID prá fazer...Eu vou distribuir, o capítulo 1 vai ser o seguinte: o projeto tem que ter telhado, porque todos os prédios da USP vivem com infiltração, por isso que ficou riquíssimo o sujeito lá aquele Baumgart que faz aquela porcaria daquele piche impermeabilizador que não impermeabiliza, que dilata.

Tais achados empíricos mostram que a atual configuração dos gostos e desgostos não é tão diferente daquela encontrada por José Carlos Durand que, tendo investigado o campo da arquitetura brasileira desde a inauguração de Brasília até o começo dos anos oitenta, mostrou o quanto "a arquitetura dos arquitetos" dirigiu-se a um segmento bastante exíguo da "burguesia" cultivada. O cliente do arquiteto, escreveu Durand, é alguém:

"(...) 'despojado' da necessidade de mostrar riqueza, porquanto se trata de uma riqueza cultural incorporada, destinada a ser vista basicamente por familiares, colegas e amigos, em grande parte também portadores dos mesmos trunfos. Quando se tenta localizar essa exígua clientela tolerante com o 'rústico fino' da arquitetura 'contemporânea', vê-se que ela é praticamente redutível a um ponto infinitesimal composto pelas residências dos próprios arquitetos e de sua parentela mais imediata – pais, irmãos ou primos"[355].

[355] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op. cit., p. 280. Para um estudo dos clientes e dos projetos das "casas de arquiteto" consultar o trabalho pioneiro de Marlene Milan Acayaba: *Residências em São Paulo: 1947/1975*. Dissertação de mestrado, FAU/USP, 1983. 2 vols.

Em meio aos informantes desta pesquisa, a resistência ao despojamento arquitetônico que suaviza a separação entre o "setor de serviços" e o "setor social" de uma casa ("a cozinha está dentro da sala!") e, ainda, as observações de que a cozinha é um lugar da casa em que não se entra, posto que "é o espaço das empregadas", dão a ver a dificuldade em aceitar uma arquitetura cuja ocupação dos espaços não reproduza a hierarquia social. Os que não simpatizam com os projetos modernos mantêm-se fiéis ao estilo da casa ideal-típica do Jardim América tal como analisada por Silvia Wolff. A historiadora da arquitetura notou, em tese de doutoramento, que não havia um número significativo de residências modernas nesse bairro em que o modelo de casa buscou organizar-se segundo o padrão da história da habitação burguesa do século XIX, que previa a divisão tripartida: setores independentes destinados às áreas de uso social, íntimo e de serviço:

"A distribuição dos setores bem definidos da casa burguesa vinha operando-se havia tempo suficiente para ter-se consagrado. Tal esquema estava presente na casa paulistana do final do século XIX, pelo menos como padrão desejável, identificado com cosmopolitismo, modernidade e elegância. A planta da casa do Jardim América seguiu essa tendência já arraigada e foram muito raras as exceções em que houve superposição entre os setores de uma habitação" [356].

Outro residente dos bairros-jardins, talvez aquele cujo volume de capital econômico é o mais expressivo de toda a coleção de casos, assume reiteradas vezes seu amor pelas casas coloniais deixadas por seus ancestrais fazendeiros de café e que hoje são restauradas por iniciativa sua: "Eu gosto dos arquitetos que fazem casas mais tradicionais, mais coloniais (...) Não gosto do moderno, eu não gosto de casa moderna, essa casa toda *clean*, toda branca, sem nenhuma parede". A revivescência dos estilos antigos tradicionais, em matéria de arquitetura como alhures, revigora traços do estilo de vida dos segmentos dominantes brasileiros, privilegiando hábitos de comportamento que, historicamente em São Paulo, associou-se aos quatrocentões.

Não surpreende, assim, que na opinião de Carlos Lemos, grande especialista das formas de morar, a arquitetura do território dos Jardins seja:

"(...) sem interesse maior, pois é posterior ao ecletismo histórico, continuando, no entanto, a mostrar aquela natural variedade de soluções típicas dos anos vinte, onde predominavam os estilos 'missões' especialmente as mexicanas, o neocolonial, o 'art-déco' e outras soluções estilísticas exóticas. É certo que essa miscelânea de gostos e soluções arquitetônicas também representa um estágio cultural de nossa classe conservadora que habita o local e, portanto, deve ser considerada como documento alusivo a uma época e a uma sociedade. E há, também de

[356] WOLFF, Silvia Ferreira dos Santos. *Jardim América*, op. cit., p. 185.

permeio, obras importantes de arquitetos de renome. Alguns exemplares podem mesmo ser considerados verdadeiros bens culturais. Mas a grande massa de edificações é vulgar. Seria interessante a preservação de exemplares mais representativos, de conjuntos residenciais dignos de preservação com fins documentais" [357].

A arquitetura que se reconcilia com uma antiga ordem social também seduziu a emergente elite imigrante libanesa. A respeito da casa de seus pais, imigrantes libaneses enriquecidos, uma historiadora da arquitetura, ex-diretora de museu e esposa de um importante arquiteto brasileiro afirmou o seguinte:

"A minha família, quando fez a casa importante da minha família, de um dos lados era um palacete, copiavam o palacete, a arquitetura muçulmana, mesquita. Sabe, quando o cara tem dinheiro ele precisa mostrar que, o que é que era a melhor coisa da cultura dele? Era a mesquita, ele vai lá e copia a mesquita".

"As palmeiras imperiais se tornaram, na ecologia patriarcal do Brasil, a marca ou o anúncio de habitação ou casa nobre, com pretensões a eterna ou imortal".

(Gilberto Freyre, Sobrados e Mucambos).

Ostentação de uma fachada "nobre" em casa do Jardim Europa/

Um professor universitário e ex-ministro também se desfez de sua casa moderna no Jardim Guedala e investiu numa casa "mais térmica" na Cidade Jardim. Apesar de afirmar a presença simultânea de móveis em estilo moderno, antigo e rústico, sua esposa ponderou que, em suas residências, "não temos móveis de design contemporâneo exagerado" [Entrevista 20]. Até mesmo os poucos informantes que, na época da entrevista, habitavam "casas de arquiteto" referiam-se sempre à necessidade de se impor frente aos quereres (não raro inegociáveis) do profissional da Arquitetura:

[357] LEMOS, Carlos. "O MIS e os ricos". Apud PAULA, Zuleide Casagrande de. *A cidade e os Jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986).* São Paulo, Editora Unesp, 2008, p. 204.

"Sabe, eu acho que o arquiteto é fundamental, e acho muito difícil o arquiteto... o arquiteto, eu acho que é como um terapeuta, ele tem que captar a alma do cliente. E eu acho que isso é muito difícil, eu acho que muitas vezes o arquiteto tem dificuldade de captar a alma, ele bota a sua própria alma, ele quer botar a alma dele no cliente. Isso daí eu acho que é uma coisa que..." (Fazendeira, psicóloga e herdeira de um grande exportador de café, 63 anos).

Nas narrativas sobre as respectivas atuações do engenheiro, arquiteto, paisagista e decorador, os arquitetos são tidos como os profissionais mais idiossincráticos e alheios ao gosto da clientela:

"Porque no Brasil até a minha infância não existia essa valorização da arquitetura. Eu acho que a arquitetura começou a ser valorizada pelo vulgo depois dos anos sessenta, por causa de Niemeyer, né, toda essa gente que começou a aparecer e tal, e as pessoas acordaram que arquitetura era importante. Antes era tudo casa de engenheiro (...) eu não chamei nenhum arquiteto para fazer a minha casa, não ia chamar a minha irmã porque também tem uma coisa, né, que o arquiteto às vezes é um sujeito um pouco... Por exemplo, é só se ver essa casa aí da frente, que é feita por um arquiteto muito famoso, e fez uma coisa horrorosa que para mim (...) tem um caixotão todo de madeirinha assim, com uma coisa... O caixotão cheio de madeirinha. (...) É eu adoro ver na casa dos outros, por exemplo, casa do Isay [Weinfeld], eu adoro ver a casa do Isay, mas aqui eu não chamei o Isay para fazer porque eu não queria casa de arquiteto. Queria uma casa minha, do meu jeito, uma casinha de velhinha. Mas acho que gente jovem deveria abrir mais espaço para esse tipo de cabeça, né, para os jovens arquitetos fazer a casa das pessoas jovens. (...) Eu já dormi numa casa do Niemeyer que tinha esse problema [de claridade de manhã], que era a casa da minha ex-sogra (...). Era linda, só que eu fui dormir lá porque o nosso apartamento estava sendo dedetizado, seis horas da manhã puf! Não tinha veneziana e para mim casa que não tem veneziana não serve! Tem que estar tudo bem escuro no meu quarto. Então... Tem que ter black-out, tem que ter tudo... Eu não sei, eu acho, por exemplo, que se eu fizesse uma casa na praia, eu chamaria um arquiteto. Mas também um arquiteto para poder dar uma forma, por exemplo, na casa, de um jeito que ela sumisse no verde, porque isso eu acho bacana. Essa idéia de fazer uma casa ecológica assim, né. Usar materiais, só materiais reciclados e tudo eu acho bacana. Mas, na cidade eu acho melhor uma casa confortável. (...) Aquele espaço todo, todo mundo fazendo bagunça, eu não gosto, ai... (...) Cozinha dentro da sala!" (Psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante empresário brasileiro, 62 anos).

Tendo reformado sua casa (tombada pelo patrimônio histórico) situada numa cidade de veraneio cara às elites brasileiras a fim de que ela ficasse "menos pobrezinha", essa entrevistada compõe o perfil típico do "gosto burguês" que "não agüenta" o ascetismo eletivo dos arquitetos mais energicamente modernos. Ao contrário da arquiteta Regina, integrante do pólo intelectual da coleção de casos reunida, que faz a casa com um arquiteto moderno e concebe um jardim inteiramente composto por plantas tropicais, Marieta criou em sua casa de campo um jardim toscano.

A capital federal do Brasil, Brasília, que concentra muitas construções assinadas por Oscar Niemeyer é, para Roberto, empresário *rentier* e filantropo, a expressão de como o Brasil "está cheio de coisa de mau gosto, é o que mais tem, é o que mais tem, vide por Brasília". Apesar de apreciar as casas de Artigas e Niemeyer, ele precisa em seguida que "não para eu morar, não para eu viver": "Maravilhosas, tem obras

fantásticas. Mas não que eu queira morar lá". A despeito de afirmar valorizar a atuação do arquiteto, ele na prática faz dele um profissional menos importante do que o engenheiro:

Carolina – Você acha que o arquiteto tem um papel tão importante quanto o engenheiro no projeto de uma casa ou encaminhamento de reformas?
Roberto – Total.
Carolina – Por quê?
Roberto – Porque é o arquiteto que dá a forma para a casa. O engenheiro executa. Por exemplo, eu fiz uma, eu fiz uma piscininha interna aqui. *O arquiteto fui eu.* Daí eu chamei o engenheiro e falei "eu quero isso". Ele falou "você é louco". "Sou, mas faço exatamente como eu quero, usando os materiais que eu quero" (...).
Carolina – E arquiteto então você nunca chamou?
Roberto – Não.

E os que, ainda que com restrições, fazem suas casas com os arquitetos afirmam sempre terem conseguido "domar" as idéias que não condiziam com suas necessidades:

"Teve esse arquiteto que infelizmente faleceu antes da gente se mudar para cá, e eu não acatava todas as idéias dele, nem F. também, graças a Deus (...) Mas nós tivemos muita sorte com o B. T. (...) Não só ouvia, a gente fez junto com ele, não é? As outras casas que nós visitamos dele… As pessoas não eram tão fortes quanto F. e eu. Fortes no sentido…" (Colecionadora de arte, psicanalista e ex-esposa de industrial, 69 anos).

A própria existência de problemas com os arquitetos revela outro capital importante das frações de elite em estudo: elas quase sempre concebem as casas em que moram, gozando do privilégio de dispor de espaços exclusivamente construídos para seu uso.

Informante atípica em meio à população estudada – a começar pelo fato de que mora numa casa moderna construída por sua família -, a artista plástica Anne vive, com a viuvez, a experiência do declínio econômico. O conjunto de seus gostos é, com efeito, significativamente menos convencional do que aquele manifestado pela maioria dos entrevistados, e esse é um dado que também leva a concluir que, ao menos no universo investigado, os "dominantes" não são os mais bem dotados em todos os tipos de capital, diferentemente do que apuraram alguns trabalhos de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot [358]. Como dá a ver o caso de Anne, as escolhas mais bem cotadas na hierarquia dos valores culturais (arquitetura moderna, cinema de Alain Resnais, música de Brahms, teatro de Brecht, etc.) integram uma estrutura patrimonial em que os trunfos econômicos são claramente decrescentes. A indiferença aos símbolos exteriores da

[358] Ver, entre outros, PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. « Le bien-être de Jacques Henri Lartigue vu à travers ses 130 albums de photographies », op. cit.

estima social constitui, no seu caso, uma máxima prática das condutas legítimas: "Não vou decorar minha casa, não estou nem aí" [Entrevista 21].

As indicações de caminho recebidas, por telefone, dessa informante artista plástica e residente no Jardim Europa já se distinguem daquelas que me foram fornecidas pelos residentes em Alphaville: a despeito de morar numa área entre os *Shoppings* Iguatemi e Eldorado, Anne, austríaca naturalizada brasileira, dá o Hebraica e a Marginal Pinheiros como referências para quem chega de carro, e faz questão de dizer, de saída, que é uma habitante atípica do bairro, que não freqüenta nenhum dos dois *Shoppings*, não sai para jantar nos restaurantes da região e não é amiga dos vizinhos. Já no primeiro e-mail, aliás, ela escreveu que não dava a menor importância ao fato de morar nesse que é um dos mais seletos bairros de São Paulo.

A análise da primeira parte da entrevista, que abordou somente as práticas culturais propriamente ditas, não me permite situá-la no pólo mundano cultivado, generosamente dotado de vários capitais, nem no dos ricos sem capital cultural, dos que apresentam um hiato muito grande entre seus cabedais econômicos e seus conhecimentos culturais. Ela não é de todo destituída materialmente – vive numa charmosa casa modernista situada no Jardim Europa, tem residência de praia e um "carrão" na garagem – mas, por outro lado, na condição de artista contemporânea e viúva de um industrial, está longe de corresponder ao investimento em representação ostensiva característico dos habitantes do seu bairro: "Você pode me apresentar como atípica porque, realmente, eu não freqüento os restaurantes daqui, eu acho caro. Agora, quando o meu marido estava vivo eu freqüentava" [359].

Suas preferências estéticas são das que mais indicam uma espécie de "amor puro pela arte" e uma inclinação vanguardista. O incômodo diante das questões da entrevista foi, em si, algo muito significativo, já que denota, por mais acolhedor e simpático que seja o informante, uma recusa de reduzir os "imponderáveis" do gosto a determinados padrões sócio-culturais. Forçada a falar – ela não parava de dizer que não se lembrava de mais nada, que viu tudo de teatro, cinema, arte, mas que não se lembrava de nomes e nem vivia mais tão intensamente quanto no passado a vida cultural paulistana – Anne exprimiu muitos dos traços do que Bourdieu chamou de "o estilo de vida do artista", dado seu total investimento no cultivo da "vida do espírito" e de seu considerável desprezo pelos juízos e coisas do "mundo". E suas referências concentram-se todas em expoentes bastante valorizados da hierarquia dos valores culturais: Thomas Mann e Samuel Beckett como referências literárias, Brecht no domínio do teatro, Bach, Beethoven e Brahms como músicos diletos, escultura e arte contemporânea/instalações como as modalidades artísticas mais exaltadas ("não são pintores os favoritos, eu gosto de Richard Serra, escultor, eu gosto de Marina Abramovic"), fotografia de objetos inusitados – como os guindastes de São Paulo -, total suspensão dos juízos morais não apenas em matéria de julgamento estético como no que tange a todas as esferas da vida. Para ela, o mundo das exposições de arte é o mundo dos amigos que são, a um só tempo, as companhias ao longo das visitas ou os autores das obras que são expostas nas galerias e museus, mas, também, nas paredes de sua casa: "Eu gosto desse artista que é o Antonio Lizarra, meu amigo, eu acho que ele é muito, muito bom". A ruptura do laço entre a estética e a ética, entre a arte e a moral é condição de invenção do "olhar puro": o conteúdo de uma pintura nunca é mais importante do que a forma, o desenho, o traçado do artista ("as revoluções são formais, não são de conteúdo"); quando discorre sobre os pintores canonizados pela história da arte que foram importantes para a sua formação destaca Paul Klee e Egon Schiele. Quando interrogada sobre cinema falou de seu entusiasmo pela obra de Alain Resnais. O conhecimento dos diretores, quer em matéria de cinema, quer em matéria de teatro, é sempre mais importante do que o dos atores no momento de escolher algo para assistir. Ela que prefere o cinema europeu, mas gosta muito do cinema brasileiro – malgrado a existência de filmes "sentimentalóides', como Central do Brasil, que a desagradam profundamente – não acha importante que os atores – de teatro ou cinema - sejam conhecidos do "grande público" porque se pode conhecer muitos jovens e desconhecidos atores que são muito bons.

Anne é fluente em alemão (sua língua natal), inglês, espanhol, francês, português e tem um conhecimento razoável do árabe. E, malgrado seu conhecimento primoroso das línguas, disse não se incomodar com aqueles que cometem erros de português, o que denota a menor preocupação das frações intelectualizadas da elite em estabelecer barreiras em relação ao "povo": "Eu acho engraçadíssimo, muito engraçado, eu gosto de escutar".

Anne, 77, artista plástica e viúva de um industrial, Jardim Europa.

[359] Logo no início da entrevista, quando mencionei que iríamos abordar suas práticas culturais, escolhas indumentárias e preferências gastronômicas, Anne disse que sua vida havia mudado muito depois da morte do marido, apresentado como um comerciante sírio e judeu.

No que diz respeito aos hábitos indumentários da população estudada, a preferência maciça, tanto de homens quanto de mulheres das classes altas paulistanas, por cortes clássicos e cores sóbrias segue a tendência - que, na visão de Gilberto Freyre, data do reinado de Pedro II no Brasil oitocentista - de desaparecimento dos orientalismos na moda – como o uso das "cores orientalmente vivas" – devido à:

"(...) reeuropeização em conseqüência da transferência da Corte portuguesa – e brasileira – de Lisboa para o Rio de Janeiro, com a qual coincidiu a abertura dos portos brasileiros às nações européias – particularmente ao comércio britânico. Ao comércio britânico privilegiado, mas também ao francês. E com relação a modas de mulher a predominância viria a ser a da influência francesa. Verificou-se então – como assinala em *Sobrados e mucambos* – uma considerável reeuropeização do que fosse influência, sobre o Brasil, de um Portugal metrópole, ele próprio um tanto oriental no seu modo singular de não ser de todo europeu. Reeuropeização, sobretudo, através da Grã-Bretanha, já carbonífera e industrializadíssima. Reeuropeização que afetou modos e modas dos brasileiros. Inclusive com relação a cores nos trajos. Às cores vivas de influência oriental sucederam-se modas, nesse particular, consagradoras – como já se referiu – da elegância de pretos e cinzentos, nos trajos masculinos das altas categorias e de cores antes escuras do que claras ou vivas nos trajos femininos. Daí cores classificadas como verde-garrafa, azeite, azul-escuro, roxo – além de pretos e brancos – em vestidos mais elegantemente femininos, que deviam acompanhar o aspecto, grave, solene, por vezes britanicamente hierático dos trajos masculinos. Repete-se, da parte de observadores estrangeiros do Brasil patriarcal e escravocrata, desde a primeira metade do século XIX, acentuando-se com relação ao Brasil de Pedro II desde muito jovem imperador, o reparo de ter sido considerado, a julgar pela aparência de brasileiros e brasileiras de categoria elevada, um país de gente 'grave', 'solene', ciosa de sua dignidade formalmente européia" [360] .

Assim, se por um lado, o trajar mais e mais *casual*, descontraído, que se afirma na contemporaneidade ("Hoje em dia a tendência toda é você não se arrumar") é um indício de enfraquecimento das aparências "graves" e "solenes" importadas da Europa, a quase absoluta rejeição do que consideram que sejam cores "berrantes", entre os paulistanos entrevistados, indica, por outro lado, que a reeuropeização na moda foi um gosto que se prolongou além da vigência da sociedade brasileira do século XIX: "Então o meu gosto é gosto europeu. Para ser mais exato, francês (...) Nas cores têm que ser cores discretas entendeu?" (Empresário *rentier* e filantropo, 66 anos); "Eu compro muita roupa fora. Então, eu gosto muito de blazer, de tailleurzinho (...) Eu sou super clássica (...) Nos cortes e nas cores, então, se você abrir o meu guarda-roupa ele começa no preto, passa pelo azul marinho, vai para o uva e algumas coisas em bege e alguma coisa em branco (...) Eu não uso nada estampado, nada xadrez" (Dona-de-casa e mulher de um industrial, 65 anos) [Entrevista 22].

[360] FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*, op. cit., p. 213-214.

******

"Então, de um modo geral prefiro o cinema europeu. Mas o americano tem coisas formidáveis. O brasileiro é que é uma infelicidade porque... Aí eu prefiro até o filme argentino ao brasileiro, porque o argentino tem vários filmes que pegam a classe média e põem os dramas da vida, as coisas com as quais a gente está acostumado. O brasileiro tem um prazer especial de pegar as chagas da nossa sociedade».

Banqueiro e filantropo, 74 anos.

"Você só vê filme falando mal do Brasil".

Alto executivo e proprietário de grande construtora, 60 anos.

Quando o que se tem em vista são as lutas para impor os princípios dominantes de hierarquização dos bens e das visões artísticas, pode-se dizer que, contrariamente à "falta de interesse pela existência ou pela não-existência da coisa representada" [361] apregoada pelas leituras "puras" das obras de arte, a recusa da insignificância do tema revelou-se, no universo estudado, em matéria de cinema. Por mais incisivas que sejam as investidas de críticos e historiadores da arte em prol de "uma aguda noção de forma"[362], debates recentes sobre o gosto cinematográfico veiculados pela mídia impressa e eletrônica também já apontaram a incapacidade bastante generalizada de se ater primordialmente às singularidades do estilo (e não do conteúdo) característico de uma obra de arte.

Em meio à discussão sobre as possíveis causas da queda do público dos longas nacionais – não obstante a produção cada vez mais volumosa de filmes brasileiros -, o produtor Diler Trindade avaliou que « o dado objetivo é que o dinheiro está curto para quem gosta do cinema nacional – as classes populares »[363]. Para o presidente da rede Cinemark Internacional, Valmir Fernandes, o descompasso entre a oferta e o consumo

[361] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 456.

[362] NAVES, Rodrigo. *O vento e o moinho: ensaios sobre arte moderna e contemporânea.* São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 19.

[363] Cf. ARANTES, Silvana. "Mercado discute queda de público". *Folha de São Paulo*, 11 de julho de 2007, p. E4. Ainda assim, o cinema aparece, nas estatísticas do Cebrap discutidas no capítulo precedente, como a prática cultural "externa" mais popularizada e, assim, menos seletiva socialmente.

do filme brasileiro no mercado interno – a queda do público no primeiro semestre de 2007 foi de 14,7% em comparação com o mesmo período do ano passado, sendo que o número de estréias, no mesmo intervalo de tempo, aumentou em 39% - também se deveu, em alguma medida, à falta de « condições para uma política de preços adequada às camadas populares » [364].

A crítica cultural de Cássio Starling Carlos intitulada "'Linha de Passe' chega, por fim, ao 'povo'" também denuncia a lógica socialmente perniciosa do acesso à cultura no Brasil, comprazendo-se com a chegada em DVD desse terceiro filme concebido pela parceria Walter Salles e Daniela Thomas:

"No espaço doméstico, 'Linha de Passe' talvez renove a oportunidade de ser percebido por uma platéia que não atingiu no trajeto pelas salas, estabelecendo nexos com um público que o filme teve como ambição projetar, hoje isolado dos cinemas devido aos custos das entradas, uma evidência do nosso 'apartheid' cultural" [365].

Mas o fato de que o preço dos ingressos é ainda proibitivo para os setores populares está longe de ser a única explicação plausível para a diminuição da audiência de filmes nacionais. As explicações acerca das causas do baixo público do filme « Antônia » (2007), de Tata Amaral, introduziram um argumento importante ao apontarem o dado de que a classe média alta, que poderia pagar entre R$15 e R$20 pela entrada, não estaria disposta a *ver «drama de pobre no cinema»*. No parecer do crítico Leonardo Cruz,

« 'Antônia' não atrai tal fatia da população, porque não tem nenhum astro (de Hollywood ou das novelas), é um drama (não uma comédia escrachada) e retrata o cotidiano na periferia de uma metrópole. Ou seja, esse público consumidor não quer ver pobre no cinema, resiste a ir a um filme que reproduza a indigesta realidade, mesmo que seja uma ficção »[366].

Depois de apresentar esse argumento no blog *Ilustrada no Cinema*, Cruz recebeu 266 mensagens que, a seu ver, podem ser condensadas na seguinte opinião:

---

[364] Idem, ibidem, p. E4. Nesse sentido, a tendência cada vez mais presente de salas de exibição no formato *Multiplex*, cujos ingressos podem chegar a custar CR$20, 00, sugere a permanência dos entraves de ordem econômica à constituição de uma disposição estética em matéria de cinema. Cf. LAGE, Janaina. "A era multiplex". *Folha de São Paulo*, 25 de junho de 2007, p. E1.

[365] CARLOS, Cássio Starling. "'Linha de Passe' chega, por fim, ao 'povo'". *Folha de São Paulo*, 3 de maio de 2009, p. E4.

[366] Cf. CRUZ, Leonardo. "Público de cinema rejeita pobreza". *Folha de São Paulo*, 12 de março de 2007, p. E3.

« Os críticos se esquecem que, tirando eles próprios, as pessoas vão ao cinema para seu entretenimento e não para ver denúncia social, ou como somos feios, sujos e malvados no Brasil. Para ver o mundo das favelas, pobreza, injustiças sociais, basta abrir a janela do apartamento ou olhar pelas ruas do país ou assistir aos telejornais, e não ir ao cinema »[367].

Tendo também discutido o tema em sua coluna « Olha Só », no site *No Mínimo*, o crítico de cinema e documentarista Ricardo Calil registra uma reação parecida por parte do público, como dá a ver o comentário de um leitor: «Os filmes nacionais fracassam porque são ruins. É simples assim. Alguém ainda agüenta assistir a histórias de periferia, travestis e violência[368]?» Em crítica ao filme *Linha de passe* (2008), de Walter Salles e Daniela Thomas, o editor da *Folha-Ilustrada* Marcos Augusto Gonçalves expõe seu desagrado devido a questões que ultrapassam a mera reincidência temática. No seu modo de ver, os filmes brasileiros que tratam das favelas, da violência e das grandes cidades construiriam visões dicotômicas tendentes a apresentar sempre o pobre como vítima e os ricos como algozes:

"Diferentemente dos representantes da elite, malvados, drogados ou pusilânimes, os pobres são sempre vítimas, e devemos desculpá-los, mesmo que se comportem de maneira irritante, como a pateta mãe corintiana, já crescida e experiente o bastante para arrumar e manter uma gravidez àquela altura do campeonato (sem trocadilho). A estratégia estética e mercadológica de 'Linha de Passe' se presta justamente a análises do tipo 'tem o mérito de confrontar o espectador da elite com uma realidade que ele desconhece ou não quer ver'. Francamente: moro em São Paulo há 24 anos e não creio que precise ir ao shopping, comprar um saco de pipoca e entrar num cinema para ter uma revelação sobre a pobreza que testemunho diariamente"[369].

Na mesma linha de juízo, o crítico Daniel Piza considera, em crônica veiculada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, que o filme incorreria numa "redução ideológica", por construir um contraste esquemático entre as classes altas e os pobres, desvalorizando de antemão as primeiras:

"Toda vez que aparece alguém de classe alta ou média no filme é para simbolizar o que há de ruim na sociedade brasileira. A juventude de condomínios droga o rapaz pobre e bate nele por jogar futebol melhor; os motoristas de importados atropelam os motoboys e apenas sentem medo deles, incapazes de olhá-los como pessoas; a intelectual não registra a empregada em carteira; o dono do posto de gasolina divide o mundo em bandido e 'dotô'. Todas essas situações são reais, até recorrentes no dia-a-dia?

[367] Idem, ibidem.

[368] Idem, ibidem.

[369] Cf. GONÇALVES, Marcos Augusto. "A ficção da realidade: politicamente correto, 'Linha de Passe' frustra como cinema e ensaio sociológico". *Folha de São Paulo*, 21 de setembro de 2008, p. E5.

Individualmente, sim. Mas por que a esse bloco de personagens não é reservada semelhante variedade? Por que nenhum recebe nem meia dose de compreensão?" [370].

No bojo da discussão sobre a queda de público do filme nacional, o Sindicato dos Distribuidores do Rio de Janeiro encomendou uma pesquisa ao Datafolha que, aplicada a 2.120 pessoas de dez cidades brasileiras, apurou que *o tema* dos filmes brasileiros desagrada 80% dos freqüentadores de cinema que afirmam não gostar da produção nacional [371]. Em crítica dedicada ao mesmo *Linha de passe*, Marcelo Coelho notou que o público estaria a "dar mostras de cansaço diante de tanta gente pobre no cinema brasileiro" [372].

De um modo geral, os informantes das classes altas entrevistados confirmaram as críticas e estatísticas culturais que mostraram serem as classes altas refratárias ao cinema nacional que tematiza a violência e os pobres. Depois de afirmar que "eu não consigo entender muito bem o que eles falam", uma dona-de-casa e esposa de um industrial assumiu desgostar da grande maioria dos filmes brasileiros a que assiste: "Nenhum desses filmes que foram famosos e que tiveram (...) premiação, aqueles meninos bandidos, favela, pá, pá, eu não assisto. Eu não assisto porque eu não... Tudo bem, seria uma coisa a discutir, mas eu não me sinto bem assistindo, entendeu? (...)".

Em meio aos entrevistados, mesmo aqueles que não eram ardorosos críticos da produção cinematográfica brasileira não demonstravam grande entusiasmo frente a esses filmes, com exceção do pólo representado pelas elites mais intelectualizadas (historiadora da arquitetura; psicanalista e colecionadora de arte; artista plástica):

---

[370] PIZA, Daniel. "Quase lá". *O Estado de São Paulo*, 21 de setembro de 2008, p. D3.

[371] Cf. ARANTES, Silvana. "Espectador prefere filme dublado". *Folha de São Paulo*, 29 de agosto de 2008, p. E4.

[372] Cf. COELHO, Marcelo. "Filmar pobre não é pecado". *Folha de São Paulo*, 24 de setembro de 2008, p. E12. A tematização da violência urbana no cinema nacional não é fato do século XXI, já que esteve presente, de forma precursora, entre os autores do chamado Cinema Marginal. Sem se contrapor radicalmente a seus antecessores do Cinema Novo, filmes como *O Bandido da Luz Vermelha* (Rogério Sganzerla, 1968) e *Matou a família e foi ao cinema* (Júlio Bressane, 1969) exploraram personagens ligados às práticas criminosas nas cidades. Após um período de "relativa invisibilidade que encobriu a pobreza e a violência nos anos 1970 e 1980, anos de consolidação da indústria de TV e do mercado de consumo no Brasil", o final dos anos 1990 e, sobretudo, início de 2000 foram marcados por uma "explosão" da temática violência urbana nos filmes nacionais. Cf. HAMBURGER, Esther. "Violência e Pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a idéia do espetáculo". Novos Estudos Cebrap, 2007, n.78, pp. 113-128.

"Acho que há bons filmes nacionais atualmente. Entretanto provavelmente para obter sucesso lá fora, abusa-se da filmagem da miséria, da pobreza. O estrangeiro gosta do exótico da miséria, das favelas. Há companhias de turismo hoje em dia levando estrangeiros para fazer um tour pelas favelas do Rio de Janeiro. Provavelmente o último filme *Quem quer ser um Milionário*, do diretor inglês Daniel Boyle, ganhou o Oscar neste ano influenciado por esta razão. O filme se passa na Índia. É um filme que abusa da filmagem da miséria da vida de crianças pobres órfãs. Vi a declaração de um intelectual indiano - infelizmente não me lembro quem - que declarava que este filme nem mesmo corresponde à realidade na Índia" (Psicanalista e esposa de professor universitário e ex-ministro brasileiro, 72 anos).

Depois de afirmar que a produção cinematográfica brasileira "tem um prazer especial em pegar as chagas da nossa sociedade", o banqueiro Joaquim Pedro admitiu ir ao cinema para se distrair e ter prazer e, não, para sair angustiado:

"O final feliz é simpático, né? (...) Não, não precisa, não necessariamente. Mas, enfim, se você vai assistir um... Em outras palavras, se eu vou assistir para me distrair, ou para vivenciar um drama e sair de lá angustiado, eu prefiro ver uma coisa mais leve, mais... Porque no fim das contas o cinema é um prazer, não é um estudo científico que eu estou fazendo. Se eu estou tendo que estudar um caso aí é diferente. Eu posso ter... Agora, se eu for por prazer, o que é que me dá prazer? O que dá prazer são as coisas bonitas da vida, as coisas gostosas, *as coisas que vão bem.* Não precisa ser água com açúcar também, mas enfim...".

Para o teatro é o mesmo gosto "la vie en rose", a próxima peça que veria era *Sassaricando*: "Me contaram que era divertido e eu... Isso é uma coisa que eu gosto. Coisa *leve*, *alegre*". O mesmo vale para suas preferências literárias: *Equador*, um romance que o marcou, é considerado "um livro leve, não é?" Eis um exemplo de como alguns membros das frações dominantes esperam que a arte se comprometa com a alegria e a "leveza":

"(...) uma peça, finalmente, que contém 'tudo o que é necessário para agradar', sem a mínima concessão à complacência ou à vulgaridade', que é bem feita para 'consolar um público equilibrado, reconduzindo-o ao equilíbrio com uma alegria saudável' porque ele limita-se sempre a formular perguntas que 'todos os homens formulam' e das quais 'só' conseguem 'livrar-se pelo humor e por um *incurável otimismo*'[373].

Sobre a filha artista plástica que retratou as favelas num dado momento de sua obra disse, com bom humor: "É a burguesia enfeitando as suas casas com fotografias da favela (...) há uma certa contradição, né?" Quando indagado sobre se atribuía mais importância ao conteúdo ou à forma de uma tela, Joaquim Pedro invocou São Tomás para dizer que o belo é *quod visum placet*, como ele disse, "que visto, agrada (...) O que é o belo? É aquilo que visto agrada".

[373] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 251. Grifos meus.

Outro informante que assumiu rejeitar filmes muito dramáticos e, também, músicas muito tristes foi um grande empresário de uma importantíssima construtora. Fã do repertório de Frank Sinatra e Glenn Miller, Sergio conta que sempre foi um "pé de valsa", e que dançava "fora tango, tudo, porque tango eu acho uma música muito triste, muito bonito, mas triste, e eu sou um cara alegre". Seus gostos em matéria de música parecem então homólogos às suas preferências cinematográficas, já que depois de dizer, a respeito do cinema nacional que tematiza a violência, que "a gente só vê filme falando mal do Brasil", afirmou preferir o cinema americano ao europeu porque este último se caracterizaria por fazer um filme "muito parado, muito drama, muito história de amor, muita mulher pelada (...) É muito drama, e eu não gosto de drama. Drama já chega a nossa vida que você tem tantos problemas". Como o banqueiro Joaquim Pedro, Sérgio inclina-se aos bens culturais que celebrem a alegria de viver e induzam a um olhar otimista sobre o mundo, opondo-se frontalmente às músicas e filmes "lentos" e propensos a suscitar tristeza e pessimismo.

O empresário *rentier* e filantropo Roberto destaca que, em matéria de teatro, "eu não gosto de tragédia":

Carolina – E o final feliz em teatro e cinema para você é importante?
Roberto – Eu não gosto de tragédia, eu só gosto de peças cômicas. Então o final feliz é imperativo.

Sem se opor frontalmente ao cinema brasileiro que tematiza a violência, o chef Sandro também reconheceu, entretanto, que se regala com os espetáculos que optam pelo "happy end":

Carolina – E para você é importante o final feliz?
Sandro – É, gosto, saio contente assim, mas não é...
Carolina – E quando não tem?
Sandro – Depende do dia. Não gosto muito. Prefiro sempre... Gosto de final feliz.

O mesmo para o caso da psicanalista e colecionadora de arte Carina que, entusiasta dos filmes brasileiros – malgrado a "temática terrível da violência"-, ela é também uma espectadora que se satisfaz com o "final feliz":

Carolina – E o final feliz?
Carina – O que é que tem o final feliz?
Carolina – É importante?
Carina – Ai que delícia!
Carolina – Você gosta de final feliz, não gosta...
Carina – Sou romântica, quando você me pergunta se sou apenas surrealista ou...
Carolina – bergmaniana...

Carina – bergmaniana com as tragédias totais, não é?
Carolina – Você também gosta de um final feliz?
Carina – Evidentemente.

Sem reagir energicamente aos temas diletos da produção cinematográfica nacional, o jornalista e ocupante de altos postos em importantes instituições culturais brasileiras João também não deixa de criticar uma espécie de obsessão pela pobreza nas várias modalidades artísticas brasileiras:

"O intelectual brasileiro tem medo de revelar o pensamento da burguesia. Todos os nossos sociólogos (...) cuidam do pobre, todos os nossos cineastas só fazem o cinema da pobreza. (...) Os romancistas fazem (...) a literatura regional. (...) Mas isso foi um pouco uma imposição ideológica depois de vinte, de uma grande hegemonia intelectual do partido comunista brasileiro, que só via a cultura dentro do traço regionalista e nacionalista. Então a burguesia urbana não era objeto de consideração. Já o contrário você pega na Alemanha, por exemplo. Você pega o... As grandes sagas, Thomas Mann, *Os Buddenbrooks*, é uma história da burguesia. Você pega o Proust, você pega o Roger Martin du Gard, os *Thibault*, é uma história, digamos, da burguesia. Mesmo se você for ver o Wittgenstein, a vida, é uma história do mais elevado pensamento burguês. (...) Isso não tem nada que ver com você fazer, só fazer a literatura da... Sobre as classes populares, o que é uma coisa tirânica porque você que fica escrevendo sobre quem é o pobre. (...) O que falta no cinema brasileiro, a meu ver, é roteiro. Nós temos um desprezo por roteiro, e quando fazemos roteiro é o roteiro da miséria, né (...) Agora, há um preciosismo, um sentimento de culpa, alguma coisa que levou ao exagero nessa temática da miséria, entende?"

Mesmo tendo dito não se incomodar com o cinema brasileiro que retrata a violência e a pobreza, o professor universitário e ex-ministro Carlos Alberto lamenta não ter ido assistir à comédia romântica "Se eu fosse você", com Glória Pires e Tony Ramos, um dos maiores sucessos da bilheteria nacional nos últimos tempos. E também pareceu manifestar aquilo que já foi chamado de "o incurável otimismo das elites" ao avaliar, num outro momento da entrevista, que "se você administrar bem a sua vida, você será bem sucedida, senão, não".

A rejeição do pessimismo na arte também apareceu nas preferências cinematográficas do colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo, que não escapa à supremacia temática quando deixa de assistir a um filme francês porque este trataria "de um cara na cadeira de rodas" [374]. A recusa da insignificância do tema e a oposição à arte que retrata a indigesta realidade são bastante claras nas preferências culturais de Flávio, músico, escritor e herdeiro de uma família de banqueiros e políticos do Nordeste. Certo de que o tema, mais do que os atores ou o diretor, é o que mais conta na escolha de um filme, ele assume gostar de longas "fáceis, humorados e felizes" e

[374] Trata-se do filme "O escafandro e a borboleta", de Julian Schnabel, de 2007.

valorizar o “final feliz”, pois, nas suas palavras, “a sociedade em si já é muito desanimadora”.

O banqueiro Joaquim Pedro e o empresário de grande construtora Sérgio, dois dos mais enérgicos opositores daquele cinema nacional que tematiza a violência, são bastante comprometidos com as ações sociais e culturais: praticamente toda a família de Joaquim Pedro está engajada em "causas nobres", e Sergio não pára de falar de seus projetos sociais “O meu maior prazer é ver um jovem se desenvolvendo” [375]. Essa “positividade” advinda do financiamento de atividades de inserção de jovens de comunidades carentes talvez torne difícil, senão insuportável, deglutir a realidade nua e crua da violência no Brasil encenada na produção cinematográfica nacional. Dando a ver um país um pouco sem saída, "que não tem mais jeito", filmes como *Tropa de Elite* ou *Linha de Passe* e documentários como *Notícias de uma guerra particular* ou *Ônibus 174* não são obras propriamente edificantes e confortadoras das boas intenções e dignidades morais. Atuando como agentes privados em projetos filantrópicos delimitados, precisamente financiados e com resultados (tanto quanto possível) controláveis, eles se situam na rejeição do pessimismo na arte e, também, na maneira de ver o país:

“Nós passamos por muitas crises no Brasil. E conseguimos vencer todas. Mas isso significou uma quantidade de trabalho monumental. E por isso que nessa crise global nós estamos indo bem (...) Sim, muito bem. Porque nós estamos com os bancos sóbrios, nós estamos com as nossas empresas sóbrias. Lógico, vamos perder emprego, vamos perder isso, mas a recuperação vai ser muito mais rápida do que Europa e Estados Unidos. A Europa sim, por causa do socialismo aí vai entrar num problema muito complicado”.

“O brasileiro é um povo espetacular. Não tem isso. E eu posso te provar hoje que nós estamos fazendo um estaleiro em Recife, vamos formar cinco mil crianças, meninos de dezoito anos que nós estamos tirando da cana. E muitas meninas eu tenho conversado (...) qual é o, o que é que ela vê como mulher, o que é que ela vê... Então ela vem de uma quase escravatura, de uma coisa, e uma oportunidade que nós demos espetacular, e você vê aquela mulher se transformando numa mulher com um ideal, com não sei o quê”.

“Você vê que churrascarias estão pegando o mundo hoje. O Brasil está se internacionalizando como um todo. Você vê a capacidade do povo brasileiro. Não é só as grandes empresas. Você vê os futebolistas, você vê o pessoal de... As modelos, as mulheres que nem você, bonitas!”

Por fim – e como enunciado no início desta seção -, o “incurável otimismo” das elites poderia ser aferido ainda no gosto pelos pintores impressionistas (13/30), “cuja adesão, a um só tempo, lírica e naturalista à natureza natural ou humana se opõe tanto a

[375] Sua mulher integra o conselho de uma associação caritativa internacional e o Instituto criado por ele - e que leva o seu nome - empreende também projetos de preservação ambiental, histórica e cultural.

uma representação realista ou crítica do mundo social (...) quanto a todas as formas de abstração" [376]. Desse modo, apesar do julgamento do artista plástico Paulo Pasta que, impondo uma leitura formalista das obras de arte, assume que "preciso pintar a coisa para não pintar a coisa, pintar o tema para não pintar o tema" [377], o conteúdo, quer em matéria de pintura, quer em matéria de cinema, é algo amplamente decisivo nas preferências culturais de boa parte do público interrogado que, como visto, orienta-se muito mais em função *do que* se representa e não *de como* se retrata determinado tema:

"*Tropa de elite* é o tipo de filme que tem que ver. Bom, eu detesto violência, está certo? E é um filme extremamente violento. Mas é um filme bem feito. Mostra uma realidade carioca dos morros, daquela violência toda, de lá para cá, de A para B e de B para A. Se você perguntar se é o que eu gosto, eu não gosto. Mas que é um filme bem feito é, mostra a realidade".

Essas são, ainda, algumas dentre tantas outras evidências de como a contestação simbólica da realidade social intentada por alguns artistas colide, inevitavelmente, com as expectativas do "gosto burguês", que prefere sempre e invariavelmente *la vie en rose* à *la vie en noir*, rejeita o pessimismo anti-burguês de gente com problemas para acolher o otimismo social de gente sem problemas esperando, em suma, que a arte não seja senão um instrumento de obscurecimento – e não de crítica - da realidade social. Contrariamente às frações intelectualizadas da classe dominante paulistana, "le 'bourgeois' attend de ses artistes, ses écrivains, ses critiques, comme de ses couturiers, ses joailliers ou ses décorateurs, des emblèmes de distinction qui soient en même temps des instruments de *dénégation de la réalité sociale"* [378]. A resistência à arte que tematiza a miséria do mundo não é especificidade brasileira. Quando discute o tradicionalismo da cultura do Segundo Império Germânico, Arno Mayer lembra que:

"segundo a concepção do Kaiser, a alta cultura tinha como única grande tarefa a de educar o público, em especial as classes baixas, retratando obrigatoriamente a virtude, a beleza e a honra. Enquanto projetar esses sublimes ideais clássicos era elevar moral e espiritualmente o povo germânico, pintar e exagerar a miséria humana era 'pecar contra ele' (...) Embora muitíssimo homenageado no exterior, Gerhart Hauptmann era sistematicamente rejeitado por seu tratamento naturalista da miséria dos tecelões da Silésia em *Die Weber* e sua ridicularização das tendências autoritárias da Prússia em *Der Biberpelz"* [379].

---

[376] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 24. Para uma discussão da "concepção serena de sociedade" dos impressionistas ver MAYER, Arno. "Culturas oficiais e vanguardas", op. cit., pp. 187-266.

[377] Cf. LONGMAN, Gabriela. "Exposição e livro revêem trajetória de Paulo Pasta". *Folha de São Paulo*, 18 de agosto de 2006, p. E8.

[378] BOURDIEU, Pierre. *La distinction*, op. cit., p. 334.

[379] Cf. MAYER, Arno. "Culturas oficiais e vanguardas", op. cit., pp. 220-221.

Repúdio à voracidade popular e apego às funções de representação

"À nova ética da sobriedade para a magreza – tanto mais reconhecida quanto mais elevada for a posição na hierarquia social – os camponeses e, sobretudo, os operários, opõem uma moral da boa vida. Além de gostar de comer e beber bem, o boa-vida é aquele que sabe entrar na relação generosa e familiar – isto é, simples e, ao mesmo tempo, livre – simbolizada e favorecida pelo beber e comer em comum, suprimindo, também, a moderação, as reticências e as reservas que manifestam o distanciamento pela recusa do convívio e da partilha espontânea com os outros".

Pierre Bourdieu, *A Distinção*.

"(...) é cada pratão que a gente vê, né, o pessoal fazer. Assim, o pessoal mais simples come, fazem uns puta pratão, né, aquele de... E gente chique come pouco".

Chef da alta gastronomia, 54 anos.

A subversão dos padrões de honra que outrora associavam a "boa mesa" à "mesa farta" lançam ao descrédito as pessoas que ainda se permitem viver, como se diz, "acima do peso". Acompanhando as transformações que uma *nouvelle cuisine*, por exemplo, introduziu na maneira de conceber e gozar as práticas gastronômicas, e, tomados por todas as orientações que visam o melhor cuidado com a saúde, todos os informantes das classes altas, *mas literalmente todos* condenam o comer descontroladamente, e de maneira mais enérgica do que repudiam o beber em excesso. Seja por uma questão de saúde, seja por questão de estética, o descontrole alimentar não deve ser tolerado. Nesse cenário, o "povo" é sempre representado como grupo aprisionado entre duas e inevitáveis alternativas: passar fome ou ser glutão. Ao contrário da "pulsão denegada" e da "vulgaridade vencida" dos dominantes, as classes sociais mais baixas figuram como as que não conseguem desviar-se de suas sensações:

"A classe social mais simples basicamente come com talher eu acredito – a não ser a mais simples mesmo -, e faz um pratarraz. É uma montanha que está no prato, e aquilo vai tudo. E é o que tem, quer dizer...". (Banqueiro e filantropo, 74 anos).

Nessas visões em que abunda o imaginário da fartura pós-escassez, os portadores do gosto burguês, rústico ou culto, formam um coro condenatório da voracidade do comer popular, caracterizado pelo comer muito ("fazem cada pratão assim"), pelo comer "pesado" ("arroz, macarrão e batata no mesmo prato!") e pelo "comer feio" ("tudo misturado, é um horror"), quer porque seus pratos dispensam toda e

qualquer preocupação nutricional, quer porque seus portadores deixam de observar o que consideram maneiras básicas e respeitosas de se portar à mesa:

"É arroz, feijão, carne assada, farofa... Aquela farofa com mandioca cozida, prato de estivador mesmo. Prato de estivador mesmo, eu acho que o brasileiro come. Tem um restaurante que tem um preço muito bom, nota cinco e meio. Você vai lá para conversar um pouco, comer, porque é perto do trabalho. E porque é mais barato vai um pessoal... Motorista de táxi, pessoal mais simples. Você fica louco de ver o que esses caras comem, como é que pode? Porque é barato, tem que comer para a semana inteira, entendeu?" (Engenheiro alto executivo de um importante escritório de engenharia, 59 anos) [Entrevista 23].

Nas representações com que os paulistanos das altas classes buscam criar ou manter diferenças em relação aos outros estratos da sociedade figuram freqüentemente o elogio ao sacrifício dos apetites e prazeres imediatos, tendo em vista recompensas vindouras, como a beleza e a saúde. O modo como o gosto alimentar é tributário da idéia que cada classe tem do corpo (e dos efeitos da alimentação sobre o corpo) dá-se exemplarmente a ver no depoimento de uma psicanalista, esposa de um importante empresário brasileiro e senhora da sociedade paulistana:

"Eu acho que as pessoas todas fazem regime... Mas agora, o povo come bastante. Eu acho, porque, por exemplo, aqui em casa eu gasto mais dinheiro com os meus empregados na comida deles do que na minha, entendeu? *Tudo bem, está certo, eles trabalham mais fisicamente*... Se bem que eu trabalho bastante também fisicamente... [referindo-se às duas horas e meia diárias de ginástica]. Mas eu não me empanturro não".

O imaginário das distinções de classe também orientou o testemunho de um chef e proprietário de restaurantes e bufês no ramo da alta gastronomia, que recebeu a encomenda de fazer um jantar de ótimo nível para todos os funcionários de uma empresa, desde os ocupantes dos postos mais humildes aos executivos do alto escalão. Ocorre que, por serem essas refeições sofisticadas muitíssimo mais raras – para não dizer inexistentes – em meio aos setores desprovidos de várias espécies de capital, os convivas desses estratos foram, por isso mesmo, impelidos a associarem tal ocasião extraordinária à idéia de abundância e de liberação das restrições habituais:

"Eu tenho uma funcionária que uma vez a gente fez uma festa para uma agência, e era desde o office-boy até o presidente, né? (...) E o cara pediu... Não, e você precisa ver o comentário da dona Luísa... O dono da agência falou 'olha, eu quero que você faça como se fosse na minha casa, assim, tipo, não é para fazer 'coisa para empregado assim', mas que seja bacana como se fosse'... Daí assei peru, um cuscuz e não sei o quê, cuscuz de camarão, tal, né? E daí a dona Luísa, e daí essa senhora foi e falou assim, falou depois: 'Olha, eu sou pobre, mas eu vou te falar, pobre é fogo, viu! [risos] Nossa, atacaram a comida!' Porque ela ia em buffet de gente... Mais de grã-fino, né, o pessoal mal come, pega uma alfacinha e fala 'ai, quero só o peito e tal'. E daí ela... Daí, por exemplo, daí o peru, mataram. Daí veio um outro, porque sempre tem...

Disse que na hora que chegou o outro peru o pessoal bateu palma, sabe? Tipo... Eu achei lindo, sabe, assim, imagina... E daí vem outro o pessoal batendo palma... Daí, dona Luísa: 'Pobre é fogo viu!'"

Verdadeiro emblema eletivo (e distintivo), a alimentação controlada, feita de pratos leves, que não engordam é seguida por absolutamente todos os informantes das frações de classe abastada estudadas, contrapondo-se ao sempre presente estereótipo do "povo" fissurado em alimentos "substanciosos": "Mais peixe (...) Mais peixe. Compro carne vermelha para o pessoal [os empregados], senão... (...) 'Não vai ter mistura hoje?'" (Psicanalista, colecionadora de obras de arte e ex-esposa de um industrial, 69 anos). A falta de moderação das classes populares está presente também na narrativa de Anne, artista plástica que, a respeito de outros assuntos, mostrou-se consideravelmente atípica em meio à minha população:

"Eu acho que eles [o "povão"] comem e não têm... Não regulam, não têm um regulamento 'Não posso comer mais, estou satisfeita'. Não, continuam comendo. O que tem na marmita – que eu observei – comem. Pode ser enorme, mas comem tudo. Nunca deixam nada (...) Não se cuidam, quer dizer, tem gente que se cuida, mas eu vejo que comem muitíssimo, uma coisa terrível".

Vivendo a rejeição eletiva dos alimentos, tais informantes estão sempre, como se diz, "de regime" ("dia-a-dia é aquele grelhadinho mesmo para não engordar"), param de jantar, deixam de comer pão no café da manhã da semana, substituem as sobremesas por frutas aderindo, em suma, à moderação que faz deles a antítese perfeita dos partidários das orgias gastronômicas ("Não posso mais"; "Eu me privo realmente"):

"Eu até brinco que na minha casa é geladeira de pobre no bom sentido. Você abre, tem pequenas coisas, eu não tenho, não tem assim... Entendeu? Não tem, minha compra no *Santa Luzia* é sempre a mesma, a não ser que tenha... Uma coisa assim que eu tenha, né, que receber alguém... Mas para mim é tudo muito certinho, para justamente eu não ter também a tentação porque também a tentação faz o ladrão, né?" (Psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante empresário, 62 anos)[380] .

Para falar como Bourdieu:

"À condição dominada que, do ponto de vista dos dominantes, se caracteriza pela combinação da ascese forçada com o laxismo injustificado, a estética dominante, cujas realizações mais acabadas são a obra de arte e a disposição estética, opõe a combinação da naturalidade com a ascese, ou seja, o ascetismo eletivo como restrição deliberada, economia de recursos, moderação, reserva, que se afirmam na manifestação absoluta da excelência que é a distensão na tensão" [381].

[380] À questão "Você acha que é bom comer e beber à vontade?", todos os entrevistados desta pesquisa, com uma única exceção, responderam negativamente.

[381] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 167.

No caso de não estarem submetidos a uma ascese forçada, os pobres seriam, também na visão de Cecília - psicanalista e esposa de um importante economista e ex-ministro brasileiro -, os mais tendentes à glutonaria. As classes altas, ao contrário, são apresentadas como os baluartes da guerra à obesidade e, assim, os exemplos em matéria de alimentação adequada:

Carolina - Acredita que o brasileiro coma demais?
Cecília - Não sei. Penso que depende da classe social. As pessoas mais pobres comem uma quantidade maior, provavelmente em razão do tipo de trabalho que exercem. Mesmo entre pessoas mais pobres tenho encontrado pessoas preocupadas em não ficarem obesas e em comer saudavelmente. Existe maior conscientização da necessidade de comer saudavelmente hoje em dia. Esta preocupação já atinge pessoas de classes mais pobres, ao menos aquelas pessoas que têm convívio com nossa classe social".

Além dos serviçais, sua narrativa inclui os imigrantes estrangeiros na categoria dos que impuseram os hábitos das mesas tradicionalmente transbordantes de pratos e mais pratos de comida:

Carolina - Você concorda que se deva cozinhar sempre mais do que o suficiente segundo a lógica do "é melhor sobrar do que faltar"?
Cecília - Tenho receio que falte comida. Aqui no Brasil prefiro que sobre. Mas não gosto de desperdício e não admito jogar fora comida. *Quando se tem funcionários numa casa, como nossa classe social tem, penso que a comida não sobra.* A preocupação é que não falte para os funcionários. A diferença é muito grande quando estamos na França e somos apenas os dois a comer.
Carolina - Por quê?
Cecília - Creio que não é hábito do brasileiro fazer quantidade certa de comida para um número certo de pessoas. Por exemplo, se faço bife na refeição para dez pessoas, costumo fazer um pouco a mais caso alguém queira repetir. E quando são meninos, na idade de crescimento, comem muito; e pode estar certa que repetirão o bife ou o que for. Há também uma questão de hábito social no Brasil. Não é difícil você ter um amigo de um filho ou filha ou de um neto que vem de última hora e come em casa. Minha avó e a avó de meu marido, por exemplo, costumavam fazer uma quantidade muito grande de pratos. É a tal questão de fazer um prato especial para cada uma das pessoas. Tal filho gosta disto, outro gosta daquilo e os pratos iam se somando. A cozinha libanesa também tem o hábito de servir muitos pratos. Temos aqui em São Paulo influência de várias cozinhas dada à imigração.

O excesso de alimentação também é atributo dos pobres na avaliação de Marly, dona-de-casa e esposa de um industrial:

"(...) como 90% da população brasileira é pobre, eles comem demais (...) É, eu observo. Talvez aqui em casa, que eu tenho... É uma coisa alarmante. Alarmante. Eu como, por exemplo, arroz integral. Então arroz integral sou eu e o meu marido atualmente. E a minha mãe que agora está morando comigo porque está velhinha (...) Somos três pessoas para almoçar. E tem três, vamos contar o piscineiro, vamos dizer assim, entre quatro e cinco por dia deles aí né? O guarda e tudo. Então eu gasto um pacotinho de um quilo de arroz integral, dura três semanas, duas semanas, mas lá são cinco quilos por semana de arroz que vai. Então são vinte quilos de arroz. Açúcar é

uma coisa que não dá para acreditar. Em tudo, em tudo, eles comem muito. O prato é desse tamanho. E, por exemplo, e se você for num restaurante de nível mais, né, mais popular, é um absurdo o que eles comem. E aquele prato que já vem aquilo eu já perco o apetite na hora".

O "é melhor sobrar do que faltar", tão conhecido da mesa brasileira, também diz respeito, na opinião de uma decoradora de família quatrocentona e filantropa, ao histórico de nossa estratificação social. Tal configuração justificaria o hábito de fazer sempre a mais a comida:

"Eu não sei se é porque a gente aqui teve... Antigamente era uma senzala, que sempre tinha. Depois tinha um monte de empregados (...) Entendeu? Então você tem, não que necessariamente eles vão comer a mesma coisa que você come, mas você já faz a mais porque você sabe que eles vão comer né? Então eu acho que é por isso (...) Eu tenho quatro pessoas ajudando. Tem isso também".

Por fim, pode-se dizer que, de uma maneira geral - e especialmente entre os "ricos cultos" -, foi expressa a intenção de domar as pulsões fáceis e as necessidades primárias, valorizando uma vida de requinte e sublimação. "L'ascétisme bourgeois, escreveu Béatrix Le Wita, est une méthode de conduite visant à surmonter 'le *status naturae*', à soustraire l'homme à la puissance des instincts, à le libérer de sa dépendance à l'égard du monde et de la nature" [382]. Símbolo da altivez que seria exclusiva do ser humano, a defesa do "domínio do corpo" é muito evocada quando o assunto são as práticas alimentares, indo perfeitamente ao encontro das regras imprescindíveis à posse de autoridade mundana propagadas pelos manuais de "bem-viver" examinados no segundo capítulo: "O que é bom mesmo, que é sábio conselho e que a gente não consegue fazer sempre, é *levantar da mesa com um pouquinho de... Podendo ter comido mais. E não tendo*" (Banqueiro e filantropo, 74 anos).

Mesmo o pianista, maestro e compositor Marcos, artista que faz questão de marcar sua recusa em relação ao gosto "burguês" – tem uma fazenda em Visconde de Mauá e, não, em Ibiúna, por exemplo -, tem horror a quem não sabe se controlar diante da comida. Quando o que está em discussão são as práticas alimentares, dar vazão aos instintos "naturais" é correr o risco de deixar a "apresentação de si" (no sentido da "fachada") "ao natural" demais, o que é visto como displicência e abandono culpável à facilidade:

[382] LE WITA, Béatrix. *Ni vue ni connue*, op. cit., p. 83.

"Tem essa preocupação [com a saúde, a magreza, etc.] que pode ser legal, eu acho, eu não concordo muito [com a observação de que vivemos na 'sociedade da culpa'], eu acho que é mais legal do que ruim. Eu acho que as pessoas, eu acho que essa preocupação recente tem feito mais bem do que mal (...) É porque as pessoas estão ficando obesas. Você tem ido para os Estados Unidos? (...) Daí eu voltei anos, muitos anos depois, eu fiquei assustado, né, porque você tem assim 40% da população... Não pode, então tem que puxar o breque em algum lugar".

Exprimindo a pressão de um consenso coletivo sobre os gostos pessoais, o "estar gordo" é, na visão de todos os informantes, estar "fora de moda" e, isso, nos dizeres de Gilberto Freyre, constitui "uma situação herética semelhante à pessoa desgarrada de atitudes e de comportamentos predominantes ou representativos de pensares e sentires consagrados como ortodoxos em ética, religião, política, economia e noutros setores caracteristicamente socioculturais"[383].

As diferentes maneiras de se alimentar formaram, com efeito, um critério de distinção recorrente com relação aos grupos pertencentes a classes sociais diferentes e, especialmente, no que diz respeito aos pobres: "Eu percebo que esse pessoal mais humilde assim, a qualidade de alimentação é péssima, muito óleo..." (Restauradora de obras de arte, 49 anos). Mais adiante, ela complementa argumentando por que considera que o brasileiro não se alimenta bem: "Ah, esse pessoal que trabalha fora, então, assim, em função de questão financeira come aqueles cachorros-quentes de um real e come lanchinhos... Então eu acho que em função da vida o brasileiro está comendo muito mal".

O "povo" também seria indiferente às dimensões estéticas do ato de se alimentar: "você vai num restaurante mais pobre dificilmente você vê um prato arrumado" (Empresário de grande construtora, 60 anos). Diferentes integrantes desse segmento das classes abastadas da cidade de São Paulo formaram um coro em várias vozes na representação de que os mais dramaticamente sujeitos aos constrangimentos sociais não apenas se alimentavam diferentemente, como violavam todas as normas culinárias do modelo consagrado de alimentação:

"Osasco primeiro já vê a arquitetura, né? Então você vai num restaurante, meio pequeno, mesa do lado, guardanapo ruim... E cozinha pequena, não dá para tirar o sal, não tem espaço para panela, então (...) então o tempo do preparo do brócolis, dos legumes é mais, mais gordura, menos gordura na comida de acordo com... Até a gordura da pessoa, tem restaurante que só vai gordo porque a mulher põe muita gordura e o cara precisa de energia. É gordura! (...) Cozinha rica é a *nouvelle cuisine*, né, por favor? *Relais & Châteaux*, eu já fui para *Relais & Châteaux*..." (Colecionador de arte e médico proprietário de clínica, 47 anos).

[383] FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*, op. cit., p. 30.

Ainda que as comidas típicas do Brasil "profundo" também sejam tidas em alta conta pelas camadas abastadas (carne moída, feijão tropeiro, paçoca e purê de batatas, por exemplo), seus hábitos alimentares se diferenciam pela escolha suplementar de alimentos marcados simbolicamente em relação à culinária ordinária como escargôs, caviar, vitela, camarão, lagosta, alcachofras, foie gras, badejo, frangos indonésios, salmão, arroz de pato, lula, aspargos e filé *mignon* [384]. O senso das hierarquias em matéria de alimentação pode manter-se forte mesmo entre os entrevistados mais subversivos culturalmente, como a artista plástica Anne: "Ah, sabe o que eu gosto também? É uma vergonha... Salsicha grelhada!" [385].

O repúdio à voracidade popular, tão manifesto nesses depoimentos em matéria de alimentação, remete a uma visão mais ampla de que o "povão" tenderia à supressão das reservas de um modo geral, o que não predispõe ao apego a algo que, assim como a magreza, é bastante caro a setores da elite: as funções de representação e os cerimoniais da vida em sociedade. Com efeito – e como visto na análise dos manuais de etiqueta -, além do conteúdo da alimentação (e do "quanto" se come), o "como" se deve alimentar é alvo certeiro dos legisladores do "bom gosto". Ter "boas maneiras" à mesa é também bastante valorizado por todos os informantes, especialmente os que argumentam que a observância de tal cerimonial constitui um marcador de antigüidade na classe alta. O empresário *rentier* e filantropo Roberto avaliou que é na mesa que você vê "se uma pessoa é educada ou não". A psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante empresário brasileiro Marieta julga que hoje os comensais andam muito vorazes e que antes as pessoas conversavam cordialmente durante uma refeição. Um *chef* muito bem sucedido no ramo da alta gastronomia referiu-se aos clientes que pagavam caro pelos seus bufês, mas que "não sabiam sentar para comer na mesa". Por fim, o banqueiro e filantropo Joaquim Pedro rememorou:

"Eu me lembro dessas coisas que... Nós estávamos Bete e eu num restaurante em Roma. Tinha ao nosso lado uma pessoa que estava comendo de boca aberta. Mas fazia tamanho barulho (...) que eu não consegui comer! Então é realmente... Por que é que eu me importava com aquilo? Não sei por que é que eu me importava... Porque é absolutamente desagradável!"

[384] Testemunhei um aspecto da conversão das classes populares às mais recentes conveniências burguesas ao ouvir um feirante (de linguagem e vestimenta bastante modestas) dizer, apontando para postas de salmão na barraca ao lado, "é esse o peixe que os médico fala que é bom para nóis comê (sic)".

[385] Outro indício do senso inelutável das hierarquias deu-se a ver em seu comentário absolutamente consciente do processo de proletarização de status vivido pela cidade em que possui residência de vilegiatura: "O Guarujá não é mais... As pessoas que vêm agora não são as mais ricas".

O bom comportamento durante as refeições figura como "básico" na educação dos filhos: "Eu me lembro de eu procurar saber como é que é que eles se comportavam à mesa"(Banqueiro e filantropo, 74 anos). Em oposição ao comer "sem cerimônia" associado às classes populares, as frações das classes altas interrogadas introduzem maneiras e formalismos como freio ao apetite imediato, tal como dá a ver a atitude de Teresa Cristina, decoradora e filantropa de origem quatrocentona, que se compraz em dizer que já introduziu, nos almoços semanais em sua casa, a lavanda para os netos pequenos lavarem as mãos: "Eu vou ensinando como eu fui ensinada". Para falar como Gilberto Freyre,

"São da linguagem cotidiana expressões como 'homem de bons modos', 'homem de modos finos', com 'modos', nesses casos, correspondendo àquelas maneiras, feições ou formas particulares e até, jeitos, artes e comedimentos próprios de homens bem-educados. De homens habilidosos. De homens requintados nos seus comportamentos ou, particularmente, nos seus meios, civilizados e civilizantes, de expressão" [386].

Atestando o apego das classes altas às funções de representação (que pressupõem a recusa do gozo impulsivo da vida), vários dos testemunhos recolhidos retratam os segmentos sociais mais modestos como avessos às formalidades não apenas alimentares. O "homem cordial" de Sérgio Buarque, que tem horror às distâncias e se acomoda mal aos ritualismos, seria então especialmente válido no caso das classes populares. Sobre o hábito de chamar de "presidente" todos os ex-presidentes do mundo, uma embaixatriz de família tradicional avaliou:

"Imagina se você vai falar com o Chirac e não vai chamar ele de presidente! (...) Não, todo mundo chama. Quer dizer, na rua, eles, as pessoas, *o povão pode chamar de Fernando Henrique*, mas se você vai num... (...) Chamam de presidente, quer dizer, a não ser que você seja íntimo"(Embaixatriz e crítica de decoração, 63 anos).

Condição de existência da moderação alimentar e da reserva no trato social, a censura dos sentimentos "naturais" também está no princípio da disposição estética tida por legítima, conforme visto em detalhe nos capítulos precedentes. Não é um acaso, portanto, que os pobres são percebidos como glutões, invasivos mas, também, precariamente munidos para o desempenho das funções de representação. Tais visões emergem de algumas narrativas sobre as empregadas domésticas. Para a colecionadora de arte Carina, as serviçais pecariam, justamente, nos "deveres de representação":

[386] FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*, op. cit., p. 20.

"(...) eu ensino arrumar uma alface (...) Eu ensino, mas não aprende, aí depois eu canso um pouco porque mal sabe falar (...) eu já não tenho força para ensinar, eu não gasto mais ensinando. Não adianta (...) Fiz, fiz muito, porque é importantíssimo o visual para mim, claro".

O lamento de Marieta, psicanalista e esposa de um grande industrial, se deve a razões de mesma ordem, já que em sua casa a cozinha é um dos poucos lugares sem plantas e flores, pois suas empregadas não dariam a devida importância às questões de "cenário":

"Nossa se você for ao meu banheiro tem flores e quadros. E cozinha é o seguinte, em cozinha eu não vou muito sabe, então, eu falo para as minhas empregadas que a cozinha tem que ser limpíssima e ela tem que ser alegre e se eu estiver assim na cozinha, eu, por exemplo, eu ponho vasos de temperos, *já dei montes de vasos de temperos para elas, mas elas quebram, elas não põem para frente, não sei, eu...".*

Indiferente a toda sensibilidade estética, a prática – tão deplorada pelos urbanistas - de cimentar excessivamente áreas externas que poderiam ser gramadas é algo próprio ao modo de vida dos pobres:

"Eu acho uma tristeza. Lugar sem verde para mim, lugar sem árvore e lugar sem passarinho eu jamais moraria. Quando a gente vai caminhando mais para a periferia, por exemplo, eu já fiz esse vôo de São Paulo, do centro de São Paulo para a periferia, você vai percebendo que cada vez tem menos árvore, cada vez está tudo cimentado, cada vez... A J. quando fez a primeira praça na periferia que ela conseguiu um lugarzinho assim para fazer uma pracinha, no dia seguinte – e ela pôs lírios, que era naquela época que dá lírio, então pôs lírio amarelo em volta, gramou tudo e não sei o quê -, no dia seguinte que ela chegou lá 'cadê a praça?' A praça tinha sumido, eles tinham roubado tudo da praça. Ela teve que pôr um guarda na praça para as pessoas se ligarem que não era para roubar, que era para a pessoa usufruir com a comunidade, né? Então acho que isso é uma questão de educação também, né?"

Também para a artista plástica Anne, que dispõe de um belo jardim em sua residência de arquitetura moderna do Jardim Europa, "a classe baixa cimenta mais, porque precisa de coisas práticas". Já na opinião da artista plástica Isabel, cimentar tudo é coisa "de classe média para classe média baixa": "Mesmo os pobres, eles às vezes preferem ter um jardim para até fazer a sua horta, suas galinhas, sua horta, sabe? Agora essa mania de cimentar tudo é bem daquele mediano". Ciente desse cenário, ela se refere com gosto às suas escolhas pouco banais em matéria de residência: "O meu piso lá [na casa do Jardim Paulistano] é de tijolo, não é de lajota. Eu tenho um jardinzinho na frente da sala". Ao exaltar o antigo piso de peroba rosa que faz questão de manter em sua residência no Jardim América, o colecionador de arte e médico dono de clínica Ricardo intenta se distingüir daqueles que ele reputa meros utilitaristas: "O Brasil é isso,

é uma derivação dos imigrantes, isso é cultura imigrante (...) Isso é coisa de pobre que veio, né? Lavar barro? É melhor pôr uma ardósia, você vê o que tem de ardósia nas casas?!"

Para além da disposição dos cômodos e dos móveis, outras qualidades da cobertura de dois andares de Sandro, chef da alta gastronomia, revelam seus investimentos nas funções de representação e sua disposição geral ao "gratuito". Há flores na cozinha, quadros no lavabo e sempre tem orquídea em casa. No terraço do andar da sala da lareira mantém árvores de pitanga, jabuticaba, limão e romã, sendo que *"romã é mais decorativo assim"*. O arquiteto chega a ser mais importante do que o engenheiro porque, enquanto este cuida para que o imóvel não caia, o primeiro é o que faz "ficar bonito" e faz o que você gosta. Ele, que planta orquídeas em todas as árvores de todas as suas residências e em seus restaurantes estava, na semana da entrevista, pondo orquídeas na descida de sua casa. Tamanho investimento na "estilização da vida" levou a que ele afirmasse que a grande barreira interposta entre as classes em matéria de comida dá-se menos em função do sabor e do tempero dos alimentos e, muito mais, devido às diferenças no *"meio de apresentar, a louça, como serve, tudo"*. E a "maneira" de se apresentar os pratos anda de mãos dadas com a "maneira" de se portar à mesa, como fica claro nos comentários de que, na casa de sua mãe, onde até hoje a comida "é uma delícia", desde sempre se atentou ao visual: *"o jeito, jeito de baixela, tudo bonitinho. Não podia levantar, tinha... Não podia pôr* [faz um gesto como quem coloca os cotovelos na mesa]... *Bem educado assim, não pode pôr cotovelo"*. Essa valorização das "maneiras" leva a que ele se sinta apartado não apenas da gente mais simples, mas, também, das famílias enriquecidas que contratam seu serviço de bufê: *"até cliente e tudo, você vai fazer degustação e você vê que o cara não sabe comer na mesa"*.

A negação das necessidades primárias inerente ao apego às funções de representação é de fato evidente em meio às elites dos bairros-jardins: o banqueiro de família antiga Luiz transformou um almoço em sua fazenda em cerimônia social, afirmando requinte estético ao produzir uma verdadeira exposição da culinária brasileira a grandes chefes da gastronomia francesa, como Gaston Lenôtre e Roger Verger. Ao longo da entrevista, ele mostra o cardápio em francês e discorre sobre os convidados de honra, figuras lendárias da *nouvelle cuisine française*. Estamos em meio a grupos há muito às voltas com a solenização da existência, como indica o fato de que na casa da avó de Marieta (psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante

empresário brasileiro) havia toda uma ala específica da residência só para receber, e que era mantida fechada no restante dos dias.

Nas residências de Cecília, psicanalista e esposa de um importante economista e ex-ministro do Brasil, também se recebe muito. Os almoços dos dias da semana são cerimônias sociais de que participam os filhos (5) e netos (11). Aos finais de semana, também recebem muitos amigos por conta da casa na praia, da fazenda na montanha e do apartamento em Paris:

«Il suffit en effet de se demander pourquoi et comment viennent aux puissants tous ces neveux, petits-neveux et arrière petits-neveux pour apercevoir que si les plus grands ont aussi les plus grandes familles tandis que les 'parents pauvres' sont aussi les plus pauvres en parents, c'est qu'en ce domaine comme ailleurs, le capital va au capital »[387].

Como se verá em seu testemunho, tanto as harmônicas relações familiares quanto a convivência com os "amigos-hóspedes" em suas residências de veraneio são ocasiões em que se reproduz o capital social e simbólico do casal igualmente bem dotado em trunfos econômicos e culturais:

"Durante a semana, uma vez por semana, os filhos e netos que podem almoçam comigo. De vez em quando, Carlos Alberto também está presente ao almoço. É um almoço aberto para que aqueles que podem vir. Os almoços são muito rápidos, mas os netos gostam muito. É uma ocasião para eles se encontrarem e para eu ter mais contato com eles. Eles partem logo porque têm sempre alguma atividade após o almoço. Os primos se dão muito bem entre eles e são muito amigos (...) Nós recebemos bastante os amigos também. Provavelmente mais familiares porque temos um sítio à beira da represa em (...) e uma casa da praia no (...). Desde que nossos filhos eram pequenos íamos ou para (...) ou para a praia para os fins de semana. Nunca tivemos o hábito de passar os fins de semana em São Paulo e sempre preferi levar os amigos de meus filhos conosco. Portanto estou habituada a ter a casa cheia de amigos e familiares. Continuamos saindo sempre que podemos e muitas vezes filhos e netos vêm conosco".

O apego às funções de representação revela-se, nessas elites dos bairros-jardins, na importância dada aos aspectos estéticos das refeições, que abrange desde o visual dos pratos à arrumação da mesa: "Acho que um prato mal apresentado perde bastante". A restauradora de obras de arte Maria Cristina também afirmou comer "muito com os olhos" e, em função disso, "se eu olho e não acho bonito, eu já não como". E o empresário de grande construtora Sérgio valoriza muito ver uma mesa bem posta e cheia de flores:

[387] BOURDIEU, Pierre. « Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction » In *Les bals des célibataires,* op. cit., p. 175-176.

"Bonito, é muito bonito você ver uma mesa muito bem arrumada, você ver flores na mesa, você ver os pratos bem arrumados, você ver a dedicação do cozinheiro, a dedicação do pessoal em servir, em mostrar os seus serviços. Porque a mesma coisa que uma fábrica, a mesma coisa que alguma coisa (...) Cada pessoa tem aquela vontade de mostrar o que está fazendo. Então isso é muito bonito. E normalmente eu dou parabéns para todo mundo".

O partido da "estilização da vida", que leva a deslocar a ênfase da matéria na direção da "maneira" (de servir, de apresentar e fruir objetos ordinários), aparece nitidamente quando a psicóloga e fazendeira Verônica enfatiza que "a mesa é o meu prato (...) Imagina, eu chego a não comer se tiver que comer feio". A presença de quadros e flores nos lugares utilitários da casa (como a cozinha e os banheiros) revela, ainda no caso dessa informante, o quanto esse grupo de mulheres se realiza na preparação dos "cenários" da existência da família e várias outras atividades ligadas à estética.

Permitindo-se extravagâncias em direção ao luxo, o colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo viajou para *Relais & Château*, perto de Bordeaux, e pagou mil dólares por diária para degustar as refeições de sete tempos. Tal modo de comer integra uma arte de viver que se investe de tudo que a opõe ao imediato (em prol do deferido), ao fácil (com vistas ao difícil) e à função (em benefício da forma). Na sua casa rodeada por diversas árvores frutíferas no Jardim América ("todo lugar que você olhar você vê verde"), as refeições devem ser solenizadas, não podendo ser apenas ocasiões para se matar a fome:

"(...) eu sou um cara ritualista, eu acho que você sentar à mesa pode ser um tempo de reflexão, né? Um tempo de conversa, de pensar o que é que você está... Do que é que aconteceu ali, o que pode ser... Uma frase pode ser muito importante, então quanto mais ritual você tiver, mais você tem o tempo entendeu? O tempo não está apressado. Então é legal ter um talher legal, é legal ter um bom copo de vinho, copo de água...".

Uma rotina de negação das necessidades mais primárias mostra-se ainda no relato de um jantar oferecido por um banqueiro e colecionador de arte no Fasano, cuja refeição tivera sete tempos. O modelo do "patrão único", preferência nacional, não nos deve tornar indiferentes ao "ato civilizatório" da refeição em várias etapas:

"(...) eu acho inclusive que não é nada besteira [a refeição em várias etapas]. Eu acho... Porque é o sentido gente, *você vai negar a Cultura! Cultura é acúmulo de conhecimento*. Se francês inventou que, italiano inventou que tem sete tempos é porque cada tempo é uma situação, entendeu?"

Muitos se referem à qualidade e extensão de suas bibliotecas e as mulheres, não raro, detêm o acervo dos livros de história da arte e estética. Num contexto de ascensão econômica estável, a trajetória das esposas tende a se caracterizar, ela também, por um movimento ascendente, mas no que tange ao montante do *capital cultural*. Apropriando-se dos atributos do "cultivo de si", essas mulheres acabam por se afastar, de forma bastante nítida, da mulher de classe média imersa num outro espaço de possíveis marcado por menores investimentos em refinamento cultural. Várias foram, em meio às minhas entrevistadas, as esposas de homens já ricos ou que se tornaram ricos que perfizeram o percurso de se formar em psicanálise ou decoração, fazer cursos de história da arte (MAM, FAAP, Tate Gallery), aprender línguas, programar viagens ao exterior, ler sobre culinária, paisagismo e tantas outras práticas da "estilização da vida" – entendida como o *primado dado à forma em relação à função* –, legitimando a visão de que as mulheres são as verdadeiras portadoras da distinção[388].

A esse respeito, também não foi inexpressivo o número de senhores que apontaram para a maior sofisticação cultural de suas esposas. Em vários dos testemunhos recolhidos, são as mulheres que em geral arrastam seus maridos para os museus, o que não significa que eles não irão adorar o programa depois. É importante enfatizar que é iniciativa da mulher não apenas o dedicar-se à incorporação simbólica, mas, também, material das obras de arte: elas fazem mais questão de comprar pinturas e esculturas e esse é o grande presente que o marido pode lhes dar: "Eu em geral não adquiro, quem adquire é a minha mulher. Esse Guignard eu procurei porque eu queria dar um presente e gostei muito" (Banqueiro e filantropo, 74 anos); "Nós colecionamos móveis do século dezoito e do século dezenove, temos uma boa coleção, minha mulher é considerada uma *expert* nesses anos (...) Todos os antiquários conhecem a minha mulher, aqui, na Europa e nos Estados Unidos, em tudo quanto é lugar" (Empresário de grande construtora, 60 anos); "A minha mulher comprou muita coisa (...) Nós temos um Bonadei que é muito bonito, temos... Nós temos um Volpi que é muito bonito (...) Nós temos o Cícero Dias, um lindo quadro do Cícero Dias" (Professor universitário e ex-ministro, 75 anos); "Admiro pintura, mas como eu sou um sujeito muito ativo não tenho muito tempo para apreciar as pinturas. Minha mulher gosta muito e é uma grande

[388] Apesar deste estudo não ter se voltado para as distinções de gênero, tal marcador emergiu com toda força na análise das práticas e funções de representação próprias às classes altas dos Jardins.

colecionadora de pinturas" (Empresário de grande construtora, 60 anos)[389]; "Vou com a minha mulher (...) Vou à exposição em Nova Iorque, vou às exposições em Londres. Agora mesmo, onde é que eu estava? É que eu viajo tanto" (Idem); "Minha mulher é bastante, é muito culta, conhece muito arte, estuda muito a arte (...) Nós vamos a muitos museus, conhecemos já todas as... Já fomos até uma vez à Holanda só para ver um museu na Holanda (...) Fomos especificamente para isso (...) Nós fomos agora, nós fomos agora à França, à Cannes, região de Cannes, só para... O interesse principal da minha mulher (...) era ver a igreja, a capela do Matisse. E ver também aquele museu de arte (...) Tem o museu em St Paul De Vence, tem um museu muito bom lá" (Professor universitário e ex-ministro, 75 anos) [390].

Relativamente excluídas dos assuntos econômicos – no sentido de que raramente ocupam cargos cruciais nas empresas, indústrias e toda sorte de negócios dos maridos e/ou pais -, as mulheres das altas classes entrevistadas se realizam na preparação dos "cenários" da existência da família e várias outras atividades ligadas à estética. E essas outras atividades não se restringem apenas ao domínio da arte: a chamada "estilização da vida", que leva a priorizar a forma sobre a função, produz também seus efeitos nas práticas da vivência diária. Assim é que a disposição geral para o "gratuito" e para o "desinteressado" parece também caracterizar, sobretudo, essas mulheres dos altos estratos. Sobre o serviço de entrega de flores para toda a casa – inclusive os banheiros – duas vezes por semana, o marido de Marieta, um grande empresário do setor têxtil, teria dito: "Para quê, imagina, que absurdo, para quem?" Ao que ela respondera: "'Para quem? Para mim!' Sabe aquele tipo de pessoa que só põe flor quando vem visita? Para quem! Eu exijo flores frescas, tanto que são duas vezes por semana que eu troco flores na minha casa".

Quando discorre sobre as práticas alimentares da família, Carlos Alberto acentua o gosto mais sofisticado de sua mulher em matéria de gastronomia:

---

[389] No ano em que entrevistei este informante, os jornais da cidade registraram a presença de sua mulher numa das edições da *SP Arte*, evento que reúne diversas galerias brasileiras e estrangeiras no Pavilhão da Bienal, com vistas à comercialização de obras de arte. Eis um caso ilustrativo do fato de que, nas classes altas investigadas, a reprodução do capital cultural (no caso, por meio da aquisição de bens de cultura legítima) fica praticamente nas mãos das mulheres.

[390] Alan Warde e Tony Bennett chegaram à mesma conclusão quando em estudo das práticas culturais da elite gerencial britânica: "Men followed their wives tastes more, and often to a significant degree (...) Culture was a family business with primary responsibility for organizing it being delegated to their wives, surely a sign of its limited centrality for most of the men we interviewed". Cf. WARDE, Alan & BENNETT, Tony. «A culture in common: the cultural consumption of the UK managerial elite», op. cit., p. 254.

"Eu estou muito mal acostumado a comer muito bem porque a minha mulher, além de ser uma grande chefe de cozinheiras, entende profundamente (...) de gastronomia, ela tem um livro que ela fez para ela própria enorme, todo no computador, de receitas, e ela orienta (...) Orienta as cozinheiras de maneira super bem. Além disso, ela tem um bom gosto para comida muito grande, melhor que o meu, ela distingue melhor o que é bom do que é mau e para ela a comida é mais importante do que para mim. Aqui na França, por exemplo, mas lá no Brasil também, ela quer ir sempre a restaurante um pouco melhor do que eu estou disposto a ir, não é? (...) O restaurante que eu vou normalmente em São Paulo é o *Le vin*. O restaurante que ela gosta, ela gosta do *Le vin* também porque ela percebeu que é comida boa também a do *Le vin*. Mas o restaurante que ela mais gosta lá no Brasil é o *Pomodori*, que é um restaurante mais caro e um pouco mais sofisticado. Mais sofisticado (Professor universitário e ex-ministro, 75 anos)".

Bourdieu caracteriza o "universo burguês" como um mundo dotado de inumeráveis atos "desinteressados" e "gratuitos", tais como a decoração de uma casa de campo ou as cerimônias e recepções, "que acabam servindo de pretexto para a ostentação de luxuosos rituais, cenários, conversações e enfeites" [391]. Estas seriam ocasiões de desperdício de cuidados, tempo e trabalho, muitas vezes executados pelos numerosos empregados domésticos. A embaixatriz e crítica de decoração Lygia é uma expressão de como as mulheres das altas classes se realizam parcialmente na preparação dos "cenários" da existência da família. Sua capacidade para *constituir esteticamente objetos e espaços quaisquer* se revela, por exemplo, na atitude de fazer do banheiro ou da cozinha lugares que se prestam às funções de representação tanto quanto uma sala:

"É, eu acho que você pode ter chão de madeira na cozinha, no... chão de madeira no banheiro, eu prefiro quando as coisas têm mais cara de sala, entende? Agora é claro que você não vai ficar botando na cozinha coisas que vão se... Mas eu gosto de banheiro que tenha coisas, primeiro o conforto, né, mas que tenha coisas simpáticas, pode ter quadros, espelhos, aqui... aqui, depende do tamanho, mas eu tive um banheiro em S. que era todo de chão de madeira, eu tinha uma mesinha inglesa, tinha um quadro pendurado, tinha um tapete...".

Ocupada com a preparação dos cenários das residências da família, a antiga aluna dos colégios *Sion* e *Des Oiseaux* Cecília é outra mulher das classes altas dos bairros-jardins devotada à "estilização da vida":

"Gosto de alguns quadros dependurados nas paredes, assim como gosto de esculturas espalhadas pela casa e pelo jardim. As obras de arte tornam a casa mais viva e pessoal. Nossos quadros refletem nossa escolha, contam para nós a história de alguns momentos de nossas vidas. Eles são de certa forma nossa memória. Acompanham-nos durante nossa vida e mesmo que mudemos de casa eles nos são familiares. Temos alguns quadros que pertenceram ao meu sogro e aos meus pais e avôs. Eles nos relembram nossa infância, pessoas queridas, eles pertencem à nossa história (...) Gosto de vaso de plantas no banheiro e de algum quadro no banheiro. Acho

[391] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 55.

que a parte estética na minha vida ocupa um espaço grande. *Podendo prefiro estar cercada de coisas bonitas*" (psicanalista e esposa de um professor universitário e ex-ministro, 72 anos).

Por fim, a importância dada ao "parecer", às "fachadas" e aos "cenários" deu-se claramente a ver na importância atribuída à beleza e à jovialidade do corpo: todos – e não apenas as mulheres – saúdam o aperfeiçoamento das defesas contra o desgaste da aparência pelo tempo. Mesmo setores aos quais tradicionalmente se associa certo despojamento na "apresentação de si" estão hoje bastante sintonizados com as várias técnicas de retardar o envelhecimento do corporal: vão ao dermatologista, procuram comer pouco e equilibradamente, fazem exercícios físicos, em geral com *personal trainer*. As inovações predominantemente juvenilizantes ao alcance das mulheres das classes altas parecem em tudo bem-vindas:

"(...) vejo, por exemplo, gente que é da minha idade e levo aquele susto porque a pessoa parece bem mais envelhecida por uma falta de... Porque é relaxada. Então é relaxada no peso, é relaxada na pele do rosto, relaxada no cabelo, não dá um corte, fica aquela raiz aparecendo, acho feio, não sei" (Psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante empresário, 62 anos).

Tendo recebido, desde a tenra infância, um educação que prima pelo controle das atitudes e das maneiras e, assim, pela admirável "apresentação de si", ela assume que se veste melhor do que o habitual para ir ao teatro, mesmo sabendo que hoje boa parte do público não faz mais isso: "Eu para sair de casa me arrumo. Nem que for à esquina, me arrumo". Como avaliam estudiosos da alta burguesia francesa,

«Le laisser-aller est antinomique de l'élégance, et celle-ci est une affirmation permanente du rapport cultivé au monde et à son propre corps, en quelque sorte une manifestation publique de sa force et de sa détermination, comme si ce refus de la décontraction était inhérent aux positions socialement dominantes, la première place devant aussi se justifier par la distance à l'égard du commun. La perception des hiérarchies sociales passe donc par celle du maintien du corps, de l'hexis corporelle. La manière de gérer le corps, de le tenir est immédiatement lisible comme expression de la place dans le monde, du rapport que l'on entretient avec ce monde et ceux qui le peuplent »[392].

Semelhante controle do corpo é em tudo oposto, como visto até aqui, ao habitus associado a uma posição socialmente dominada. Se está certo Richard Hoggart quando afirma que o hedonismo popular é um hedonismo superficial, posto que o "pleno hedonismo" dependeria do quanto é possível controlar o futuro [393], não é um acaso que,

[392] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, op. cit., p. 37.

[393] Cf. HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*, op. cit., p. 186.

em meio aos informantes das classes altas - reconhecidamente aqueles que mais domínio possuem sobre suas condições de existência -, esse prazer usufruído ao longo de toda vida - e não só de forma imediatista em momentos pontuais – é uma das bases sobre a qual se assenta seu já referido otimismo com relação ao futuro: para a fazendeira, psicóloga e herdeira de um grande exportador de café Verônica, querer retardar o processo de envelhecimento do corpo é a maior prova de que a pessoa está vivendo bem; o economista e ex-ministro Carlos Alberto freqüenta spas, come muito bem e pratica natação diariamente: "Eu procuro ficar uns quatro anos mais moço".

O exame das visões da voracidade popular e das práticas de estilização da vida empreendido nesta seção permite dizer que a censura dos sentimentos "naturais" é presente como regra de moderação alimentar, reserva no trato social e disposição estética legítima. Enquanto o "povão", que não teria nada a esperar do futuro, estaria encharcado nas sensualidades, a elite manifestaria, através do seu estilo de vida e do seu corpo, a determinação e o domínio de si, isto é, o controle dos apetites primários mas, também, da reprodução de suas condições ideais e materiais de existência.

Exclusividade ou primazia dos espaços virgens e das práticas raras

No segundo capítulo apresentei vários preceitos dos manuais de "savoir-vivre" contemporâneos e, entre eles, os que recomendavam viajar não apenas para os circuitos raros e inexplorados, mas, também, fora de temporada. As entrevistas com frações da classe alta de São Paulo mostraram que esses estratos são, de fato, menos sujeitos aos ritmos coletivos e ao calendário regular de trabalho: "Para mim é diferente porque eu não tenho férias, né, cada dois meses eu tiro dez dias e viajo. Não é que eu tenho férias assim uma vez por ano" (Chef da alta gastronomia, 54 anos); "Eu estou sempre em férias (...) Não, eu não tenho, quer dizer, esse negócio de férias para mim não faz muito sentido" (Professor universitário e ex-ministro, 75 anos); "Férias para mim é a minha vida do dia-a-dia. Ou seja, eu vivo de férias e eu vivo trabalhando". (Empresário "rentier" e filantropo, 66 anos). O colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo gosta de ir a exposições quando elas estão vazias: "(...) eu não vou mais em vernissage porque dá trabalho. E eu gosto de ficar, de ir num horário... Como eu não trabalho, então eu tenho horários, eu não preciso...". Essa disponibilidade de tempo

permite compensar a perda do controle do espaço para as multidões: “Sozinho. E sem ninguém do lado, às três da tarde, às duas da tarde, quatro da tarde”.

Para Marieta, psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante industrial brasileiro, viajar é o passatempo número um, realizado com os seguintes destinos e freqüências ao longo de um ano: uma praia do Brasil ou do Caribe; uma estação de esqui no Colorado, onde toda a família aluga uma casa e se encontra sempre em janeiro para a prática desse esporte de inverno; a Europa em julho; Nova Iorque entre outubro e novembro, para o auge das temporadas de óperas e de concertos e, por fim, uma vez por ano um lugar no estrangeiro que ainda não conhece. No momento da entrevista, por exemplo, estava lendo um livro sobre a Índia, pois para lá viajaria em breve só com as amigas, numa excursão montada por ela própria, da qual participariam apenas pessoas que já se conhecem:

“Não é que eu vou com qualquer uma, *vou com as pessoas que eu conheço*... Eu já fui, já andei em excursão, mas é punk, é punk, é péssimo porque você é obrigada a ficar íntimo de quem você não conhece, você tem o seu ritmo e o outro tem outro ritmo, e você tem que ouvir aquelas gracinhas, andar naquele ônibus, aí tem sempre aquela hora horrível que eles falam que é para cada um cantar uma música, detesto”.

Tais informações vão ao encontro das análises empreendidas por Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, para os quais a multiterritorialidade foi e continua a ser uma característica recorrente das famílias da grande burguesia, mas sempre em espaços em que a homogeneidade social é assegurada[394]. Diferentemente de dois informantes de Alphaville, que opinaram que as viagens em excursão permitem evitar inconvenientes, os entrevistados dos bairros-jardins não avaliam bem viagens coletivas, a menos que seja com um grupo de amigos para lugares exóticos (por exemplo, a Caxemira, Tailândia, Laos, etc.).

Com raras exceções, todos os informantes dispõem de residências secundárias que contribuem, claramente, para a reprodução da história social da família. Se, como visto anteriormente, o informante que tem casa na praia, fazenda na montanha e apartamento no exterior tem mais chances de conviver intensamente e durante toda a vida com os filhos, os amigos dos filhos e os seus próprios amigos – num bom exemplo de como o maior patrimônio assegura também a maior família -, pode-se dizer que os

[394] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. « La grande bourgeoisie : une classe sociale très organisée ». In CHOPART, Jean-Noël & MARTIN, Claude. *Que reste-t-il des classes sociales ?* Paris, Éditions de l’École Nationale de la Santé Publique, 2004, p. 65-75.

núcleos familiares destituídos de propriedades de veraneio não reproduzem, em igual medida, sua história social:

« L'existence des maisons de famille situe le bourgeois à l'antipode du migrant. *Son mode de vie urbain n'est pas fait de cassures ou de divisions déchirantes. Il ignore l'éclatement de la parenté, la séparation de générations*, les week-ends passés dans la grisaille parisienne ou banlieusarde, les enfants confiés aux centres aérés. (...) l'ancienneté des demeures, le côtoiement des générations, l'enracinement dans les pierres, l'entraide entre membres de la parenté, la maîtrise de la gestion matérielle des choses font de ces week-ends un temps privilégié de repos s'apparentant à un véritable luxe »[395].

Relativamente mais jovem em meio à população estudada (47 anos), a artista plástica e herdeira de um grande publicitário brasileiro Isabel evoca os shows de Bob Marley em Paris e o do *The Police* em São Francisco como espetáculos musicais que a marcaram. Se o gênero "rock" é pouco discriminante socialmente, a ida a concertos internacionais na década de 1980 eleva este "gosto" ao hall das práticas raras. A respeito de práticas culturais multiterritoriais, Verônica, Joaquim Pedro e Marieta, habitantes dos bairros-jardins, promovem viagens em algum lugar do mundo para toda a família se encontrar:

"*Enjoy life* é ver coisas bonitas, é passear e... Então nós, por exemplo, eu tenho um costume, tenho podido fazer e é muito, muito agradável... Aconteceu assim já há uns dez, doze anos... Nós a cada dois anos vamos para um lugar no exterior e convidamos toda a família (...) Os cônjuges, os netos e tal. E assim nós (...) a primeira vez começou com alugarmos um barco lá no Egeu, na Grécia. Depois fomos para a Toscana (...) O inverno não dá, é muito chato, então fomos no inverno para a Provence, em janeiro do ano 2000 (...) Depois fomos para Portugal, depois fomos (...) Todo mundo vai [os cinco filhos, cônjuges e netos]. Quer dizer, tem a viagem paga e a estadia de graça (...) E se quiser ir vai, se não quiser não vai, e se quiser ficar parte do tempo fica, se não quiser ficar o tempo inteiro não fica... E assim então temos viajado. Agora, independente disso, H. [a mulher] e eu fazemos outras coisas também"(Banqueiro, 74 anos).

Carina foi viajando pelo mundo em vários dos seus aniversários:

"Quando eu fiz quarenta anos, eu podia escolher um colar de pérolas maravilhoso, pérolas barrocas assim, desse tamanho, eu preferi um mês de Japão. Ficamos três semanas no Japão, quando eu fiz quarenta anos, e fomos para, também, enfim, fomos para a China... Também no outro ano eu preferi viajar (...) A China, meu deus do céu, tinha um avião em Pequim, fora o nosso. Só. Cada um levou a sua mala... Não faz tanto tempo, são só trinta e oito anos atrás meu deus do céu!" (Colecionadora de arte, psicanalista e ex-exposa de industrial, 69 anos).

[395] LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue*, op. cit., p. 43.

A exclusividade ou primazia dos espaços virgens e das práticas raras foi um traço característico do estilo de vida de Verônica, psicóloga, fazendeira e herdeira de um grande exportador de café e produtor de gado de origem italiana. Se de sua infância ela ainda guarda algumas lembranças amargas em relação à soberania social das meninas das famílias quatrocentonas, todo o restante de sua vida foi tão bom que hoje ela se gaba: "olha, eu tenho sessenta e três anos, é o que eu digo, o dia que eu morrer eu quero que escrevam assim 'aqui viveu alguém que viveu muito e muito bem'". Ecoando a escritora de manuais de etiqueta Danuza Leão, que em crônica sobre a alta sociedade afirmou que os muito ricos viajam somente com uma bolsinha pequena[396], Verônica confessa que "felicidade para mim é você poder viajar com um cartão de crédito – agora um não, dois – (...) uns dolarizinhos ou uns euros no bolso e uma malinha". A decoração da casa e a escolha das peças dão a ver seu *habitus* cosmopolita e a sua busca de "raridades": "Eu gosto de trazer coisas de um país para o outro (...) Eu gosto de trazer cultura de um lugar para outro, sabe alguma coisa que ninguém conhece?"

Muitos têm horror a viagens com excursão e afirmam sentirem-se totalmente à vontade fora do Brasil: "Eu já sei quais são os lugares que eu gosto, já sei quais são os hotéis que eu gosto, já sei quais são os restaurantes que eu gosto e já sei o que é que eu vou comer em cada um deles. Entendeu?" [397] Corrente em meio aos entrevistados das classes altas, a adesão a um estilo de vida « sem fronteiras » está longe de ser um comportamento presente em todos os meios sociais. Mesmo em sociedades mais desenvolvidas como a francesa,

« (...) la réalité des frontières a presque toujours été un phénomène de classe. Le cosmopolistime des hautes classes leur fait percevoir comme proche ce qui se passe très loin d'eux. La maîtrise des langues, la connaisance de plusieurs pays, l'habitude de voyager, l'aisance dans les relations avec des étrangers définissent des formes spécifiques, internationales, de capitaux culturels et sociaux »[398] .

Pinçon e Pinçon-Charlot também demonstraram que o cosmopolitismo é uma das mais antigas características da vida das elites: « Alors qu'on ne cesse de parler de mondialisation ou de l'émergence de modes de vie européens, il n'est pas inutile de

[396] LEÃO, Danuza. "Os muito ricos não gargalham". *Folha de São Paulo*, 21 de outubro de 2007, p. C4.

[397] A restauradora de obras de arte Maria Cristina foi a única, entre todos os informantes dos bairros da Cia City, a não viajar habitualmente para fora do país, o que indica que o cosmopolitismo é, com efeito, inerente ao poder e à alta sociedade.

[398] Cf. WAGNER, Anne-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation*, op. cit., p. 43.

rappeler que la haute société pratique depuis plusieurs générations des échanges matrimoniaux et des relations suivies à l'échelle internationale »[399]. Tal foi o caso de Roberto, empresário « rentier » e filantropo que, mesmo estando à frente de negócios localizados no Brasil, foi casado com uma francesa e viveu em Paris, no bairro de Neuilly, por vinte anos:

"Ué, não morei vinte anos fora? Meus negócios estão no Brasil. A conta de telefone era desse tamanho. Não tinha, não tinha... Aí apareceu o fax para baratear um pouquinho (...) Não hoje é tranqüilo (...) Mas a minha conta de telefone era um absurdo porque eu trabalhava com o Brasil e morava fora. Depois fui barateando devagarzinho, à medida que a tecnologia foi avançando".

"Olha eu estudei no *Santa Marcelina*, que era um colégio de freiras, depois eu fui fazer faculdade no *Sedes Sapientiae*. Comecei a trabalhar com psicologia desde o segundo ano porque eu adorava, depois me formei e fui fazer o mestrado na França. Chegou lá não era bem o que eu queria, mas eu fiquei fazendo vários cursos na... Independentes, fui freqüentando os seminários de Lacan, ficava... que eu não entendia nada mas não tinha importância, era a intelectualidade na França nos anos 1972 (...) Mas, o que era bom, é porque eu conhecia a Françoise Dolto que foi a primeira francesa que trabalhou com mãe e bebê, fiz supervisão com ela, eu freqüentei um pouco algumas aulas da *Sorbonne*, de filosofia, daí eu fui prá Vincennes, eu fazia umas aulas de integração corporal, de espontaneidade. Então daí eu fiquei dois anos na França fazendo um pouco de tudo isso. Daí eu fui para a Inglaterra, que eu fui fazer um trabalho com uma... Uma inglesa que trabalhava com pessoas mais velhas através de psicodrama (...) E daí eu fui para Paris aos dezessete, quase morri de... Fiquei completamente... (...) Sabe, a gente ia ainda pela *Panair do Brasil*, naquele tempo a gente viajava de salto alto, de luva e de bolsa. E daí foi assim que foi um pouco a minha formação, foi lá para fora, quando eu voltei, eu não queria mais morar com os meus pais, porque eu já tinha vinte e seis anos (...) Eu fiquei bastante tempo".

Verônica, 63, fazendeira e psicóloga.

Da mesma maneira, o pianista, maestro e compositor Marcos abriu mão da carreira que teria iniciado no curso de administração de empresas da *Fundação Getúlio Vargas* para estudar música contemporânea nos Estados Unidos:

"E por causa da história do jazz né que eu... Esse primeiro conjunto eu tinha acho que uns quinze anos quando eu entrei. Eu tinha essa fixação pela música americana, pela cultura americana, aquele negócio todo. Então o inglês ajudava, né? (...) Eu fui para os Estados Unidos em sessenta e nove. Antes disso (...) Eu fiquei... Na escola eu fiquei três semestres e nos Estados Unidos eu fiquei três anos".

A própria decoração de várias das casas visitadas representa o estilo de vida cosmopolita característico desses segmentos sociais. O garimpo e exposição das peças

[399] Cf. PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie,* op. cit., p. 70.

que compõem os interiores domésticos são, com efeito, tributários desse rotineiro e antigo trânsito internacional: na casa de Marieta, psicanalista e esposa de um importante empresário, os móveis e lustres foram comprados em Portugal e, os tapetes, na Turquia; o empresário e filantropo Roberto adquiriu seus móveis e tapetes "no mundo inteiro".

Para além do cosmopolitismo, o enaltecimento dos circuitos "raros" e a denúncia aristocrática do turismo de massa também são, como visto anteriormente, muito presentes nas encenações da imprensa diária e nos manuais de etiqueta contemporâneos. A exclusividade ou primazia dos espaços virgens e das práticas raras encontra sua plena realização no estilo de vida das frações de classe alta estudadas. Proprietária de uma casa em Trancoso, na Bahia, do tempo em que o vilarejo ainda não havia se popularizado, Verônica lastima-se:

"(...) é o que eu digo, rico gosta de fazer a mesma coisa que o rico faz. Trancoso era uma maravilha. Era uma coisa... tinha alguns poucos ricos, e o resto, e o gostoso era você conviver com as pessoas do local. Hoje em dia você vai para Trancoso não tem diferença de Laranjeiras... Então eu sinto assim, que muito as pessoas vão em lugares para ver e ser vistas".

O lamento desta residente do Jardim Europa é análogo ao relato de uma informante francesa sobre a deserção de Saint-Barth, por parte de figuras importantes, por conta da "invasão" do turismo de massa:

«C'était seulement quatre heures d'avion, c'était un peu une maison de campagne. J'y ai connu Edmond de Rothschild, David Rockefeller [qui a lancé Saint-Barth] et bien d'autres qui, depuis, sont partis. Car maintenant Saint-Barth est devenu un produit de masse. À l'époque on profitait de très belles plages avec des amis. Les transports, dans l'île, s'effectuaient sur des ânes. Ce que mon mari et moi nous appréciions le plus au monde, c'était l'authenticité. Les débuts de Saint-Barth, dans les années soixante, c'était de la recherche du calme, de la solitude et de l'innocence »[400].

O senso de posicionamento que leva a abandonar práticas e lugares desvalorizados porque tornados acessíveis a grupos socialmente dominados (e numericamente dominantes) é ilustrado pela fala de um banqueiro cultivado residente no Jardim Europa, que declarou ter se tornado sócio do MOMA e do *Metropolitan* especialmente por poder dispor de uma noite especial, quando as exposições se abrem exclusivamente aos sócios que ficam, assim, liberados das visitas em meio a multidões:

"Hoje não dá para ver muita exposição também. Em Nova Iorque, em lugar nenhum, você não vê, você é arrastado por uma multidão de pessoas. Agora estou vendo no *New Yorker* que tem uma nova, eu não vi, não dá para você ver, é impossível você ver. Você fica embodegado,

[400] Idem. *Les ghettos du Gotha*, op. cit., p. 151-152.

cansado, empurrado (...) Então também não tem como ver. E as pessoas estão indo lá para dizer 'eu fui' (...) Agora se você falar tem lugares menores, você vai no museu de Edimburgo, tem algumas coisas maravilhosas e você vê *à l'aise* (...) Tem uma sala no museu de Edimburgo que é um octógono. Um dos lados é a entrada para a sala. Tem sete paredes. Você pode ficar lá três horas vendo (...) Então, sabe, você pega um museu assim. Museus provinciais, às vezes, são muito mais gostosos (...)Agora a última vez que eu fui no MOMA, em New York (...) eu fui um dia lá, bem na hora do almoço, chovia, eu fui para isso, para ver a exposição. A quantidade de pessoas em todos os andares! Você não conseguia ver as coisas. Era quantidade de pessoas. Não sei se era uma semana meio de férias escolares que tem em Nova Iorque, não sei o que é que era. Então o que acontece hoje, para dizer um pouco – por acaso eu sou sócio do MOMA e do Metropolitan - (...) os sócios têm uma noite especial, um dia especial. Depois eu, no fim das contas, você até quer ser sócio para isso"[401].

O professor universitário e ex-ministro Carlos Alberto também é membro de associação artística em Paris, o que permite que ele veja as exposições longe das multidões: "Diz a minha mulher que pode entrar lá sem fila, porque ela tem uma, tem uma, ela é membro de uma associação qualquer aí da França que permite isso". Para Luc Boltanski, "os membros das classes superiores são particularmente sensíveis às 'agressões' diretamente ou indiretamente ligadas às transformações da densidade de ocupação do espaço" [402].

A busca consciente de distância em relação aos outros também se deu a ver na narrativa da restauradora de obras de arte Maria Cristina que, a propósito de seu bairro de residência – o Jardim América -, avaliou: "é maravilhoso, é tudo de bom (...) aqui você está perto de tudo (...) *e longe de todos*". Ela que fez parte da segunda à décima primeira *Casa Cor* deixou de participar de tal evento porque "agora virou uma feira a *Casa Cor*. Mas naquela época nós conhecemos os grandes decoradores de São Paulo, porque a *Casa Cor* era uma mansão vazia (...) que cada um fazia um ambiente e só os grandes, né?" A resistência a atividades menos seletivas socialmente também aparece em seu comentário dos leilões de arte que costuma freqüentar:

"Olha os leilões que eu mais tenho ido ultimamente, que eu mais tenho gostado são os do James Lisboa, até chegou um catálogo hoje para mim, já vi que dia dez de novembro vai ter. Esse cara, o James Lisboa, consegue um acervo bárbaro. É muita coisa boa e é um leilão bem bacana, porque tem muito leilão mixuruca por aí, né? De lance livre, que eles chamam, então são obras de pequeno valor e que os caras acabam comprando por cinqüenta reais, cem reais (...) Tem

[401] "(...) todas as intolerâncias – ao ruído, aos contatos, etc. – inculcados por uma educação burguesa são suficientes, quase sempre, para determinar as mudanças de terreno ou de objeto que, tanto no trabalho como no lazer, orientam para os objetos, lugares e práticas mais raros em determinado momento". Cf. BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 233.

[402] BOLTANSKI, Luc. « L'encombrement et la maîtrise des 'biens sans maître' », op. cit., p. 103. Tradução minha.

bastante leilão de lance livre aí, *Tableau* que chama normalmente quem faz. Agora os que eu... Esses do James Lisboa são muito bons, do Aloísio Cravo, o Aloísio Cravo faz um por ano, mas ele também junta obras bárbaras. E coisas até internacionais, artistas internacionais".

Herdeiro de uma família de políticos e banqueiros, o músico e escritor Flávio aprova os lugares em que seus pais construíram suas casas de veraneio, pois são "bonitos, saudáveis, *sem superlotação"*. Para a artista plástica e também herdeira Isabel, o fator "ter pouca gente" é critério supremo na hora de escolher um destino de veraneio. Viagem em grupo, só mesmo quando visitou um deserto no Japão. Sobre o "desgosto da mistura" e, com ele, a deserção de práticas popularizadas, Bourdieu observou que:

"(...) a oposição entre o raro, o distinto, o escolhido, o único, o exclusivo, o diferente, o insubstituível, o incomparável, o original, por um lado, e, por outro, o comum, o vulgar, o banal, o qualquer, o ordinário, o médio, o habitual e o trivial, com todas as oposições aparentadas entre brilhante e fosco, fino e grosseiro, requintado e rude, elevado (ou recalcado) e baixo, é uma das dimensões fundamentais – a outra se organiza em torno da oposição entre afortunado e pobre – do léxico da moral e da estética burguesas" [403].

Muitos dos informantes moradores dos bairros da Companhia City praticam ou praticaram, durante muitos anos e em família, o esqui na neve. Se levarmos em conta os benefícios honoríficos associados aos diferentes esportes - tais como os efeitos de distinção associados ao valor distribucional de cada um deles -, pode-se dizer que a ida anual ou semestral às estações de esqui da Europa ou dos Estados Unidos proporciona um rendimento simbólico inequívoco devido à raridade de tal prática e, também, ao fato dela estar claramente associada, no Brasil, às classes altas.

Mas a referência a um esporte comum não basta, como seu valor distribucional também não dá conta de toda a percepção que se pode ter a seu respeito. Em sua crítica aos dados estatísticos disponíveis, Bourdieu sublinhou a importância de se distinguir, nos "índices de freqüência", quais foram aqueles que praticaram esqui ou tênis desde a mais tenra infância e os que tiveram acesso a tais esportes na idade adulta[404]. Ora, levando-se em conta tal critério, não precisamos nem evocar o esqui na neve para ver emergir distinções (e desigualdades): podemos ficar com o tênis, hoje tido por um esporte cuja dispersão social teria se tornado mais heterogênea. Se tomarmos um caso como o do banqueiro Joaquim Pedro, que nasceu em 1935 e jogou tênis desde pequeno,

[403] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 388.

[404] Idem, ibidem, p. 198.

veremos que para além da modalidade esportiva “em si”, a antigüidade de sua prática introduz novos elementos à análise do acesso diferencial a cada esporte e, assim, à apreciação de suas vantagens, tanto imediatas quanto deferidas. No caso em pauta e, levando-se em conta sua idade, pode-se dizer que a prática do tênis já na infância atesta a antigüidade do pertencimento às frações dominantes. O mesmo se diga da entrada em alguns clubes: ser sócio do Harmonia e do Paulistano “desde moleque”, como é o caso do empresário de grande construtora Sérgio, é uma experiência em tudo diferente da compra de um título do Clube Pinheiros aos 50 anos de idade, caso do colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo.

Outra insígnia dos dominantes, a exclusividade ou primazia das novas experiências e dos espaços virgens também compõe a trajetória dos residentes dos bairros-jardins: “Eu já viajei muito com o meu marido, lugares assim absurdos que você nem acredita (...) Fazer churrasco no pólo norte assim...” (Esposa de um industrial, 65 anos). Empresário de imensa construtora brasileira, Sergio referiu-se às caças na África e no Alaska:

“Eu fui caçar no pólo norte com dois esquimós (...) Mas a caça me traz... Eu fui para lugares espetaculares que eu nunca podia imaginar que eu ia atingir (...) Alaska, a África, Áustria... Eu fui caçar na reserva que era do Hitler lá há uns cinco anos atrás”.

Depois de contar que já salvou dois caçadores profissionais na África das garras de um leão e de um búfalo, ele narra sua exploração dos altos mares que, a essa altura, o leva a nem parar mais nas praias:

“E também tem barco, você não falou de barco, tem barco (...) É, no barco eu não paro mais na praia. Eu faço projetos sociais, eu tenho barco que salva, eu tenho aí diversos salvamentos (...) Preservação das comunidades pesqueiras... Eu mergulho com os pescadores, brigo com os pescadores”.

Ele se representa como desbravador de lugares inatingíveis, como quando evoca suas caminhadas pelos picos dos Alpes que fazem a fronteira entre a Suíça e a Itália ou os seus vôos pela França. Não existem mais limites físicos e humanos para o seu domínio exploratório do mundo. A exploração dos circuitos distintos orientou também Ricardo, colecionador de arte e médico proprietário de clínica que no momento da entrevista acabava de levar seu filho de sete anos para andar de submarino em Aruba (“então ele entrou num submarino e foi para cento e quarenta pés”). A preferência pelos itinerários menos explorados também já se fez presente na escolha da viagem seguinte:

ao invés da *Disneyworld*, circuito "clássico" dos filhos de vários setores da elite brasileira, "a próxima viagem vai ser para a Índia numa casa de uma amiga em Goa (...) A gente vai para a Índia para ele andar de elefante".

Pilates, esteira, esqui na neve e na água, equitação, caminhada, tênis, corrida, surf, natação aparecem nas narrativas sobre as práticas esportivas. Na opinião de Gilberto Freyre, a equitação no Brasil é "arte, dentro das tradições européias de cultura, eminentemente aristocrática, associada de modo ostensivo à classe superior" [405]. Além da caça, o iatismo e o esqui, apreciados pelo gosto dominante, emergem como esportes que empreendem o combate imemorial contra a natureza, "em vez das lutas entre homens, de homem a homem, dos esportes populares – sem falar das competições, incompatíveis com uma elevada idéia da pessoa" [406]. Por fim, a grande maioria dos informantes (25/30) declarou investir nos esportes individuais ou que são feitos com parceiros escolhidos ("professora [de ginástica que vem em casa] que está comigo há vinte e cinco, mais de vinte e cinco anos"; "Eu corro dez quilômetros todo dia (...), que é a hora que eu penso. Sozinho. E sem ninguém do lado, às três da tarde, às duas da tarde"; "eu tenho uma raia de doze metros e meio, compridinha assim. E aquecida (...) Todo dia eu nado").

Como se pôde ver nesta seção, se há um grupo capaz de honrar o enaltecimento das práticas e circuitos raros divulgado nos manuais de etiqueta e demais compêndios do bem-viver analisados em capítulos anteriores, esse grupo localiza-se preferencialmente nos altos estratos da sociedade, mais predispostos à experimentação aristocrática e cosmopolita do mundo. Menos sujeitos aos ritmos coletivos e ao calendário regular de trabalho, os indivíduos investigados conseguem, mais do que outros segmentos sociais, evitar o contato direto com as multidões, por meio de suas práticas culturais multiterritoriais sem restrições de tempo e de dinheiro. A exclusividade ou primazia dos espaços virgens e das práticas raras encontra, desse modo, sua plena realização no estilo de vida dos paulistanos de alta extração estudados, que se orientam para lugares e práticas mais distintivas dum dado momento, preservando-se eficazmente dos espaços densamente ocupados.

[405] FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 1º Tomo. 6ª Edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981, p. 484.

[406] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 204.

Senso de dignidade social:
Ineditismo da trajetória e capital de relações

A preocupação em impor uma representação indiscutível da própria autoridade foi corrente entre os entrevistados das elites dos Jardins, o que vai ao encontro da proposição de Shils de que "the groups which enjoy higher status positions in their eyes and in the eyes of those adjacent to them will usually have a stronger view of their claims and merits than will those groups that feel themselves to be inferior"[407]. A "certeza de si" como algo próprio ao *habitus* "burguês" também foi assinalado por Vincent de Gaulejac em seu trabalho sobre a gênese social dos conflitos psíquicos[408]. No universo em exame, dois componentes mostraram-se centrais à conformação desse sentimento de alta dignidade da pessoa: a crença no ineditismo da trajetória e a mobilização de um capital de relações sociais. Tais auto-representações invariavelmente marcadas pela *certitudo sui* ilustram uma tese cara a várias vertentes sociológicas, qual seja, a de que a "estima de si" é sempre mais forte em meio aos grupos mais bem guarnecidos socialmente, o que desingulariza, forçosamente, essas trajetórias que por vezes se querem tão "únicas".

Aferrados a aspectos melhorados e idealizados de si mesmos [409], todos os paulistanos de classe alta dos bairros-jardins se têm em alta conta: "Minha vida é muito rica. Eu tive uma vida muito... Eu podia escrever diversos livros" (Empresário de grande construtora e filantropo, 60 anos); "O *Bankers Trust* me contratou, *e eu fui um dos primeiros brasileiros a irem para os Estados Unidos*, fiquei oito meses em Nova Iorque (...) Mas *fui muito bem* no *Bankers* e *fiz uma carreira muito bonita* lá" (Idem). Outro filho de família de fazendeiros que começou trabalhando em bancos (entre eles o *Comind*, banco brasileiro criado nos anos 1930 pela elite cafeeira paulista) e acha que teve uma bela passagem pelo mundo financeiro foi o chef da alta gastronomia Sandro:

Carolina – Você trabalhou quanto tempo fora...
Sandro – Na bolsa?
Carolina – É, no mundo financeiro.
Sandro – Dos dezoito até vinte e quatro.
Carolina – Ah, então foi um...

[407] SHILS, Edward. « Class », op. cit., p. 252.

[408] GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe: trajectoire sociale et conflits d'identité.* Paris, Hommes & groupes éditeurs, 1987, p. 111.

[409] GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation de soi*, op. cit., p. 40.

Sandro – Foi.
Carolina – Foi um bom tempo.
Sandro – É, com um ano fora do Brasil, depois... É.
Carolina – E você tomou essa decisão sozinho ou você teve o apoio de alguém? De mudar da água para o vinho dessa maneira?
Sandro – Eu não sabia porque eu parei, eu saí do mercado pela segunda vez... Porque eu abandonei, eu fui para Londres. Depois eu voltei, voltei no mercado.
Carolina – Você trabalhava aonde?
Sandro – Trabalhei em vários lugares. Trabalhei no (...), no *Auxiliar, Comind, Mercantil*. Daí eu (...) Na verdade eu era operador de bolsa e vendia, então eu fazia muito contato. *Todo mundo gostava de mim lá. Quando eu trabalhava como corretor eu era um bom atendente*. Mas depois parei de gostar, comecei a achar chato e não sei o quê... Daí eu fui viajar de novo. Daí quando eu voltei, *começou por acaso*, não foi que eu mudei assim! Comecei a... (...) Era natal "ah, vou fazer uns patês para vender", sabe aquelas coisas, que nem quem faz bolo vende? Daí continuou.

Encarnando o diagnóstico primorosamente discutido por Sérgio Buarque de Holanda em 1936, para quem um dos traços mais marcantes do aristocratismo de nossa sociedade tradicional estava na valorização do talento que dispensa esforço[410], o pianista, maestro e compositor Marcos rememorou que, na escola,

"Eu não era CDF, mas eu era um bom aluno. Eu tinha facilidade de captar (...) eu era um bom aluno, mas que não era *nerd*, nem era de turminha, eu me dava com todo mundo, inclusive com os maus elementos da classe (...) eu sabia entender o que é que era importante estudar e o que não era (...)".

Para além do olhar otimista com relação a si mesmo, poder-se-ia multiplicar aqui também os exemplos de narrativas que destacam o *ineditismo da trajetória*, invariavelmente vista como excepcional, como se eles quebrassem sempre todos os percursos ordinários. Psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um grande empresário, Marieta faz a formação na *Sociedade Brasileira de Psicanálise* em menos tempo do que a maioria dos psicanalistas:

"Minha analista me ajudou muito a reunir forças para conseguir entrar na Sociedade 'de cara', *porque ninguém entra 'de cara' assim na Sociedade, as pessoas geralmente fazem consultório durante anos, fazem o Sedes Sapiência, fazem outros cursos de formação psicanalítica e depois vão fazer Sociedade Brasileira* (...) mas eu consegui viu, eu fui fazer vários cursos, como eu te falei eu gosto muito de estudar então para mim não foi nada difícil já entrar em vários grupos de estudo. Eu entrei em vários grupos de estudo sobre Freud (...) *Na verdade eu fui muito inteligente porque eu fui atrás das pessoas-chave da Sociedade que forneciam cursos fora da Sociedade. Então quando eu fui fazer minha primeira entrevista eu já tinha no currículo ...*

[410] "(...) o verdadeiro talento há de ser espontâneo, de nascença, como a verdadeira nobreza, pois os trabalhos e o estudo acurado podem conduzir ao saber, mas assemelham-se, por sua monotonia e reiteração, aos ofícios vis que degradam o homem". In BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998 [1936],p. 164.

cursos que eram dados dentro da Sociedade eu já estava tendo fora, já conhecia todo mundo (...) eu já estava pronta. Eu fui aprovada, entrei, comecei meus cursos e foi nessa época que eu também comecei o consultório, eu comecei tudo no mesmo ano (...) Uma das minhas supervisoras que também era da Sociedade era na Faria Lima, então eu estacionava o meu carro na rua (...). Aí eu comecei a olhar uma casinha, ah que bonitinha essa casinha, essa casinha eu vou comprar para ser meu consultório. Comprei a casinha, na rua (...) *Uma idéia ótima a minha* porque hoje em dia, assim como antes, eu só levo 3 minutos para chegar no consultório e todo mundo tem esse problema aqui em São Paulo. Imagina porque naquele tempo todo mundo tinha consultório em Higienópolis, que era perto da Sociedade. Todo mundo. Inclusive queriam que eu tivesse também lá. Eu falei 'ah não eu quero ter perto da minha casa'. *Ótima idéia* porque até hoje eu continuo lá (...) E fiz a minha formação na Sociedade, levou ... *como sempre leva muito tempo, tem gente que leva 20 anos, eu levei 10"*.

O banqueiro Luiz ocupa posições de diretoria em instituições mais tempo do que permitem os estatutos, o colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo foi o primeiro latino-americano a receber uma bolsa de estudos para fazer a residência médica na França. Um professor universitário e ex-ministro afirmou que "Eu já freqüentava o Museu de Arte Moderna, a cinemateca do Museu de Arte Moderna, antes do Paulo Emílio". E, ainda, "Eu escrevia a cada quinze dias [no jornal], né? Agora, de tanto que insistiram, mudou para toda semana (...) eu organizei um curso de desenvolvimento econômico internacional com alguns dos mais importantes economistas do... Os mais importantes economistas do desenvolvimento que existem hoje".

Nas suas auto-representações, eles são sempre visionários: a psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante empresário Marieta era uma ecologista "avant la lettre", a mãe do banqueiro Luiz gostava de arte moderna no momento em que esta lutava por se afirmar e ele próprio já falava bem inglês quando nenhum banqueiro era versado na língua inglesa. O colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo entendia os trabalhos de arte contemporânea antes mesmo que se tivesse começado a falar disso: "(...) eu olhei para aquilo e eu entendi o trabalho. Eu entendi. Depois é que vieram falar disso, hoje em dia se fala, mas...". O banqueiro Luiz deu mais de um relato sobre o ineditismo de sua trajetória, apresentando-se como um grande destemido, o primeiro a escrever pela renúncia de Figueiredo: "Eu não trabalhava no jornal, *eu mandava*".

Tendo iniciado sua formação musical com um preceptor húngaro, o pianista, maestro e compositor Marcos parte para Boston como um dos primeiros alunos brasileiros a cursar a primeira escola dedicada à música especificamente popular:

"Como é que eu vou te dizer, da mesma forma que não era legal você ser músico profissional do ponto de vista da classe, da classe média, do ponto de vista musical também não era legal você fazer música popular. Música popular era para tocar no rádio, aquela coisa, era coisa secundária. Então não tinha escola (...) Mas, quer dizer, a primeira escola de música popular, escola de música popular, acho que foi o CLAM, que é de setenta e três, de setenta e quatro... Eu fui para os Estados Unidos em sessenta e nove (...) eu fui o primeiro brasileiro lá, né". .

O próprio professor húngaro teria sido o primeiro professor de música popular de São Paulo:

Carolina – Como é que surgiu essa coisa? Você gostava de acordeom, do Luiz Gonzaga...
Marcos – É, então...
Carolina – E como é que o piano chegou?
Marcos – Não, é o seguinte, que o Luiz Gonzaga, eu devia ter três, quatro anos de idade, estava começando a televisão, né, branco e preto, tudo. E eu batia o olho naquele cara e ficava maluco (...) Daí começaram a me comprar os discos do Luiz Gonzaga em 78, né, e eu não sabia ler, mas eu reconhecia pela forma do, das letras, que música que era, eu escolhia que música que era. Então eu era bem fissurado mesmo. E a minha avó, dizem que foi a minha avó que encheu o saco dos meus pais para me comprarem um acordeom (...) E daí me deram esse acordeom. E me puseram numa escola. Me punham para estudar tudo, né, você está vendo, inglês, francês (...) Daí me puseram numa escola para eu estudar acordeom. Mas, como eu te falei...
Carolina – Era uma formação mais...
Marcos – Os caras queriam que tocasse Chopin no acordeom (...) É, pavoroso, e era... E popular, não se falava em música popular, era feio tocar música popular (...) Mas jamais iam me ensinar uma música do Luiz Gonzaga. Então era uma coisa meio frustrante. E minha mãe tocava piano, tinha esse piano em casa (...) E daí eu começava a brincar no piano e daí eu dei sorte que eles sacaram que, que... Essa coisa do popular, minha mãe não teve esse, esse preconceito, então, o primeiro professor de piano que eu tive, quando eu me enchi o saco de acordeom...
Carolina – Foi esse húngaro?
Marcos – Foi esse cara que já era um professor de música popular, o primeiro que teve em São Paulo (...) foi o primeiro cara que me, que eu estudei piano, leitura e acordes e, por sorte, era um cara ligado na música popular, mais a música americana, assim. E eu dei muita sorte porque, quando tinha uns quatorze, quinze anos, tinha um conjunto que já existia, super amador, mas, de jazz tradicional que o pianista sofreu um acidente e não sei o quê, e não podia mais tocar, e aí me levaram para, um amigo me levou para fazer um teste. "Porra, mas vai vir esse moleque, o que é que está fazendo?" E, por causa disso, o professor... *Eu sabia todas as músicas, conseguia tocar tudo nos tons* e me enquadrava nesse estilo que os caras tocavam. Então acho que foi isso tudo que me levou para ser... Para a carreira, né, para ser músico mesmo, me dedicar à arte.

É de se notar, neste ponto, que a trajetória excêntrica sempre se revela acertada, o que indica que o sucesso social – ele é um músico bastante bem-sucedido, que vive de música, apesar (e por causa) do que herdou – e o sentimento da alta dignidade da pessoa andam de mãos dadas.

Nas narrativas do colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo, também estão presentes as referências à excentricidade do percurso: "As pessoas até hoje não me entendem, porque, imagina, ser colecionador num país latino-americano? Não é comum, entendeu? (...) Não, há quinze anos atrás me achavam completamente

maluco". Sobre a bolsa de estudos recebida para fazer residência médica em Paris: "Eu fui o primeiro cara que ganhou essa bolsa, tem uma bolsa para a América Latina".

Referindo-se às práticas gastronômicas em sua residência, o empresário "rentier" e filantropo Roberto destacou que sua filha, que teria tido a melhor formação que se pode ter em gastronomia em Paris, foi quem treinou a sua cozinheira:

Roberto – Eu compro peixe, peixe sai nadando, chega nadando aqui, entendeu? Peixe, camarão, lagosta, seja lá o que for, eles chegam fresquíssimos. Daí, mando lá para baixo ela já... (...) Já sabe, ela foi treinada pela minha filha que foi para a Europa, estudou cinco anos culinária e treinou essa aqui (...) Ela foi para Paris. Ela está no...
Carolina – na *Cordon Bleu*? Ou *Le Nôtre*?
Roberto – *Não, ela fez melhor*, ela trabalhou na cozinha do Alain Senderens, na *Place de la Madeleine*, como é que chama aquele restaurante? Chama-se Lucas Carton (...) Ela trabalhou junto com ele, com o cozinheiro, dentro da cozinha.

No retrospecto de Marieta, psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante empresário:

"*Eu tive uma educação muito primorosa*, me parece, porque as freiras tinham essa visão européia da educação, então nós estudávamos muitas línguas, bom, latim... a gente falava em latim, escrevia cartas em latim. Traduzíamos, escrevíamos e falávamos (...) Era latim, claro que francês, inglês, português, que até hoje eu tenho eu acho que eu devo aos meus anos de Marcelina (...) Eu não fui para a Universidade logo depois, naquela época a gente escolhia Clássico ou Científico, eu escolhi Clássico, porque eu gostava muito de línguas, de Filosofia, de Psicologia, que eram as matérias que havia naquela época, História. Eu era noiva naquela época, eu tinha 18 anos e estava noiva. E naquela época as mulheres se preparavam muito mais para casar do que para estudar e ter uma carreira profissional (...) E eu como era noiva fui fazer um curso muito interessante, que eu acho vocês nem sabem que existiu, chamava *Lareira.* Era ali na Joaquim Eugênio de Lima, era uma casa chamada *Lareira* (...) era um curso para preparação, era curso de noivas, durava um ano e nesse curso você aprendia tudo o que eles imaginavam... era dado por senhoras da sociedade, e nesse curso você... um curso pago, claro... e nesse curso você aprendia tudo o que parecia importante naquela época que uma dona-de-casa soubesse. Então, por exemplo, tinha assim: cozinhar, como lavar roupas finas, fazer tricô, crochê, conseguir fazer um molde para costurar em máquina de costura, puericultura, etiqueta, decoração, arranjos florais, mas as matérias que eu gostava mesmo eram as matérias teóricas. A gente estudava Direito de Família e estudava também o conceito da família no decorrer da civilização. Eu achava muito interessante, porque era Antropologia. Aí quando eu terminei o curso, *eu terminei o curso super bem porque eu sempre fui a primeira da classe desde que eu entrei, tanto que nas "marcelinas", quando eu me formei no clássico eu ganhei uma medalha de ouro, porque eu fui a primeira da classe desde que eu entrei"*.

Para além do tom auto-engrandecedor, algo que também permeia todo o seu testemunho é a idéia de que a sua vida foi uma sucessão de eventos "singulares" que se deveram exclusivamente às suas escolhas "pessoais". O noivado ("foi completamente escolha minha, imagina"), o rompimento do noivado ("Realmente eu queria dar outro

rumo à minha vida"), e, depois, a opção pelo Mackenzie e não pela Universidade de São Paulo:

"Eu saí da Lareira, fiquei um ano... assim, ano sabático, fiquei fazendo vida social, coisa que eu não fazia porque estava noiva, né? Então, sei lá, eu saía, passeava, ia a boates, de noite... aí eu falei 'eu vou fazer'... porque naquela época inclusive só tinha um vestibular por ano, não é como hoje (...) Eu cheguei à conclusão de que Direito era a faculdade mais fácil de eu entrar. Como eu tinha a vida inteira estudado num colégio de freiras, *eu não queria fazer Direito no Largo do São Francisco porque eu queria ir para a Universidade para me divertir também*, eu queria uma coisa mais divertida como Faculdade, *então eu escolhi a Universidade (sic) Mackenzie, escolhi mesmo, eu falei: 'Eu vou fazer a Faculdade Mackenzie'*, que era a segunda em São Paulo (...) *Fui super bem colocada no vestibular, entrei em quinto lugar, e naquela época era bem disputado o Mackenzie*. Comecei o curso. *Comecei o curso e, como eu já tinha pensado, o Mackenzie era muito bom*, porque tinha muitos bons professores, mas também tinha aquela coisa de rolar no pátio conversas com os engenheiros, com os arquitetos, com os economistas, no barzinho. Nessa época eu tinha acabado de namorar o [compositor brasileiro], nesse ano sabático que eu peguei aí. Então eu também tinha muitas ligações com a FAU que era perto do Mackenzie, era muito divertido (...) *Eu fui a primeira colocada também no Direito Civil com o professor Silvio Rodrigues, que me adorava, me convidava sempre no fim do ano para tomar um champanhe na casa dele para comemorar as notas, eu só tirei dez com ele*. E a minha inclinação natural então era me preparar para ser advogada, só que quando eu estava no terceiro ano de Direito, eu comecei a mudar de idéia".

A fase de desistência da carreira de advogada e, posteriormente, de entrada numa Faculdade de Psicologia é, da mesma forma, retratada de modo a compor uma trajetória feita de opções individuais, livre de quaisquer constrangimentos e caracterizada pela mais absoluta certeza de si:

"Eu não estava interessada naquilo, *eu sabia que eu ia conseguir fazer muito bem isso porque eu era bem relacionada, eu logo conseguiria entrar num grande escritório de advocacia* e tudo, mas, novamente, eu me rebelei contra mim mesma e falei 'não, eu vou voltar a estudar cursinho porque eu quero aprender matemática, biologia, física, tudo o que eu não aprendi no Científico (sic)[411], porque eu vou prestar vestibular de Psicologia' (...) *Eu também escolhi, eu não quis fazer a USP*, porque naquela época a USP estava passando por uma crise enorme, estávamos em plena era militar (...) os professores da USP estavam sendo demitidos, cassados, presos, exilados... e a Psicologia da PUC não, porque a PUC sempre teve gente mais...sei lá, tinha gente também misturada na política, mas tinha sempre uns professores mais, sei lá, não eram conservadores nem eram de direita mas era gente mais acadêmica. E a Psicologia da PUC era mais clínica e a Psicologia da USP era mais comportamental na época. Depois mudou isso, mas quando eu entrei era mais clínica. *Eu entrei também super bem colocada e tal*".

O relato de que se concedera um outro ano sabático "porque queria se divertir" e de que permanecera mais de uma década sem trabalhar depois de uma gravidez de risco

[411] Houve aqui uma confusão: ela com toda certeza quis ter dito "Clássico" e não "Científico", porque era efetivamente no curso "Clássico" que não se aprendia matemática, biologia e física.

e, do nascimento do filho, não gera nenhum desconforto, o que implica reconhecer que a moral do trabalho que forçosamente enobrece, do "Deus ajuda quem cedo madruga", não é igualmente partilhada por todos os setores da sociedade brasileira. Supremo exemplo de como seu "ser" é irredutível ao seu "fazer", seu ócio jamais significa indolência, mas, efetivamente, o tempo gasto – e muito bem gasto – em atividades não produtivas: « recebia minhas amigas eu casa, dava almocinhos, ficava sentada lá na piscina, eu precisava tomar super sol porque estava anêmica, então ficava no sol com minhas amigas, e indo no médico toda semana e tal ». A ela se aplica singularmente a proposição de que:

"Un grand bourgeois est toujours bien plus que sa position professionnelle. C'est d'ailleurs cela qui le définit le mieux : une accumulation exceptionnelle de capitaux, sous toutes les formes possibles, économique, culturelle, sociale, symbolique, qui rend la position sociale irréductible à la position occupée dans le système productif »[412].

Além do ineditismo da trajetória, tal sentimento de alta dignidade social também parece nutrir-se do montante de relações que o informante está apto a mobilizar, como depreende da narrativa de Lygia, filha, esposa e neta de embaixadores, politicos e poetas do Brasil:

Carolina – Então você foi a primeira geração [de mulheres da família a terem uma profissão]...
Lygia – É, eu e a minha irmã estudamos... Mas a, sei lá, também tenho uma tia que casou com diplomata, tem vários filhos fantásticos. C.L.B, por exemplo, é meu primo irmão, é filho de uma irmã da minha mãe. Você conhece o C.L.B?
Carolina – Não.
Lygia – Você não tem idéia de quem ele seja?
Carolina – Não.
Lygia – Bom ele tem uma... Acabou de lançar esse livro que está nos jornais [...]. Ele tem a [nome de uma editora] hoje, mas ele é um dos grandes colecionadores de autógrafos e de coisas, ele é agitadérrimo aí. Ele tem um irmão maravilhoso que mora em Brasília, que é casado com uma francesa maravilhosa também. Enfim. Aí esse meu primo é um arquiteto nato, mas é diplomata, tem uma casa deslumbrante (...) Mas super internacional, o C. também, todo mundo viaja, todo mundo conhece todo mundo lá fora, então, sabe?

[412] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, op. cit., p.30. Eis um grande exemplo de como a divisão de poder entre os sexos exige uma discussão prévia, qual seja, a que diz respeito à distribuição de poder entre as classes. Em estudo sobre a desigual mobilidade internacional segundo as classes, Anne-Catherine Wagner mostrou que enquanto as mulheres das classes superiores abandonam tranqüilamente suas carreiras profissionais para se dedicar exclusivamente à gestão do capital social da família no exterior (organização de jantares, recepções, etc.), "chez les syndicalistes issus des classes moyennes ou des fractions supérieures des classes populaires, les épouses sont presque toujours actives, souvant militantes et, dans la plupart des cas, peu disposées à renoncer à leur activité professionnelle pour suivre leur conjoint à l'étranger. L'attachement au travail féminin est à la fois une valeur revendiquée par les deux conjoints et une nécessité économique". Cf. WAGNER, Anne-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation*, op. cit., pp. 92-93.

O capital social associa-se estreitamente à antiguidade na classe por meio da notoriedade de um nome ou da extensão e qualidade de um círculo de relações. Entre os informantes dos Jardins, com efeito, a posição dominante também foi marcada pela referência recorrente à natureza de suas relações:

"Durante muito tempo eu recebia, pela *C.*, todos os enviados do governo que queriam ir para a Amazônia e para o mato, porque eu gosto de mato (...) E fiquei amigo de muitos reis, rainhas, presidentes, então (...) Mas eu na verdade ficava amigo, entendeu? Então a rainha Sílvia e o rei Carlos Gustavo são meus amigos íntimos. O príncipe Frederik é meu amigo íntimo. E daí eu te dou uma série de outros" (Empresário de grande construtora e filantropo, 60 anos).

Psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante industrial brasileiro, Marieta conta que "nós fomos com o presidente [do Brasil] para a China inaugurar uma exposição". Algumas das obras de arte presentes em seu consultório foram compradas na Luisa Strina, "*que é minha amiga* e me ajudou a encontrar umas obras que pudessem ficar bem num consultório (...) eu tenho duas bem abstratas (...) *foi na Luisa, porque ela é minha amiga, por isso"*.

Herdeira de muitas fazendas, Verônica frisa que "ele [o pai] era amigo do Amador Aguiar para você ter uma idéia. Meu pai se sobressaía pela firmeza, pela ousadia, pelo caráter, pela elegância". Um importante artista brasileiro também é apresentado como integrante de suas relações pessoais: "Eu sou muito amiga do Granato, então, eu estou sempre com ele. Ontem mesmo ele estava pintando um quadro e eu dando palpite 'Bota um douradinho aqui' e ele botou o douradinho ali". O grande empresário e filantropo Sérgio tem gosto em dizer que "a Milú [Vilela] fala que quem pôs ela dentro do *MAM* fui eu... E foi realmente". No retrospecto do colecionador de arte e médico proprietário de clínica Ricardo, "o [banqueiro] Edemar Cid Ferreira, por exemplo, antes de ser preso deu um jantar de sete tempos ali no Fasano que eu fui e adorei". A informante Lygia, embaixatriz e crítica de decoração, afirmou que "a Glória [Kalil], ela é muito, ela é muito minha amiga assim". E falou do avô nos seguintes termos: "como ele era muito amigo do Getúlio e fez com o Getúlio a Revolução de 30, ele acabou voltando a ser ministro do Getúlio e acompanhou Getúlio a vida inteira", num bom exemplo de como as histórias de família dos indivíduos estudados confundem-se, não raro, com a história nacional [413].

[413] É certamente mais fácil garantir o anonimato quando se têm informantes cuja existência não atingiu nenhuma notoriedade. Nesta pesquisa, muita informação sociologicamente relevante foi perdida durante o processo de anonimização das entrevistas.

A exposição das relações com personalidades do mundo do *show business* também foi freqüente entre os entrevistados dos bairros-jardins, tal como o chef da alta gastronomia Sandro, originário de famílias importantes e generosamente dotado de diferentes espécies de capital:

Carolina – E tem alguém que você admira muito nesse ramo [do teatro]?
Sandro – A Marília Pêra. Acho ela simpática.
Carolina – Você viu Chanel?
Sandro – Vi.
Carolina – Gostou?
Sandro – Gostei. Vi duas vezes, a primeira vez eu dormi. *E ela sabe, ela me falou "Você dormiu!" Eu fiquei pensando se ela viu ou se contaram para ela, sabe? Porque eu fui de convidado, na época a gente estava patrocinando Chanel*, e eu dormi mesmo! E depois eu fui ver de novo!

Quando discutíamos sua relação com a fotografia, o empresário "rentier" e filantropo Roberto rememorou que "uma vez eu fui com um fotógrafo profissional que era um... Na França, e ele me ensinou a olhar, a enxergar. Então ele saiu com uma mala cheia de máquinas, e eu acompanhando. Ele era um deputado francês. Dassault, da família Dassault que faz os aviões". Quando indagado sobre suas preferências em matéria de teatro, ele também exibiu suas relações no intuito de afirmar sua disposição estética: "Raul Cortez, bom, o Raul Cortez era um amigo pessoal". Por fim, quando discorre sobre atividades mais mundanas, Roberto evoca a troca de acenos diária com Salvador Dali e Frank Sinatra em Paris e Montecarlo:

"Eu dei para ele [para o seu mordomo] um livro do Salvador Dali que mostrava as fotografias dos pratos e das travessas do *Lasserre*, do *Maxime* de Paris (...) Até aceito o Salvador Dali, hoje eu aceito ele. Mas no começo eu achava (...) Eu conheci ele pessoalmente (...) Em Paris, ele ia sempre para o *Lasserre*, para o restaurante, tinha a mesinha dele lá (...) nós nos cumprimentávamos assim. Assim como lá em Montecarlo o Frank Sinatra passava... Passamos dois meses juntos, ele na mesa de trás e eu na mesa da frente, era "Hi"!, "Hi!" e tudo bem (...) "Hi Roberto, Hi Frank". Bom, enfim, e o Salvador Dali é conhecido também.

Depois de se referir a uma amiga da família Orleans e Bragança, a restauradora de obras de arte Maria Cristina revelou que "Aí ela [sua irmã] abriu a molduraria e o negócio começou a crescer porque o Sig Bergamin, que é um grande decorador, tinha aberto uma loja de gravuras antigas e pegou as nossas molduras, pegou com exclusividade as nossas molduras". A exposição das relações também apareceu na narrativa do jornalista e ocupante de altos cargos em importantes instituições culturais João, que afirmou que "eu freqüento muito a casa dos meus amigos banqueiros e tudo

isso". A colecionadora de arte Carina justificou que "Eu via novela porque a Maria Adelaide fez várias adaptações, Maria Adelaide Amaral, que é minha amiga".

Conteúdo de uma das oposições entre as elites dos Jardins e a de Alphaville, o fato de que algumas casas dos habitantes dos bairros-jardins da City sejam não apenas a morada de uma família, mas, também, *casas públicas*, celebradas socialmente, só faz contribuir para o aumento relativo do montante de capital social e, também, simbólico dessa fração de elite: a casa da embaixatriz Lygia já foi celebrizada pela revista *Casa Vogue* e por um livro que também tornou importante socialmente o duplex do chef da alta gastronomia Sandro, a casa de campo da psicanalista e esposa de um grande empresário brasileiro Marieta e a fazenda do banqueiro e filantropo Joaquim Pedro [414]. A casa da historiadora da arquitetura e mulher de um importante arquiteto Regina é assunto de livros e monumento visitado rotineiramente por brasileiros e estrangeiros: "É uma casa muito celebrada, sabe, os japoneses, agora veio o maior fotógrafo do Japão aqui fotografar a casa, quer dizer, a casa ela tem, ela é um ícone dentro da arquitetura (...) A casa tem muitas fotos no mundo inteiro".

Se, como visto em seção anterior, a chamada "glória de empréstimo" engendrava-se no sentimento de amor-próprio com a memória dos imortalizados ancestrais, o senso da alta dignidade social aqui exposto se esteia na crença no ineditismo da trajetória e, ainda, no acionamento de um capital de relações. A pujança de todos esses critérios extra-econômicos de classificação e consagração social evidencia o quanto a estratificação social é algo que dificilmente se dá a conhecer através de escalas e estratos definidos a partir de um único critério de hierarquização legítima, mesmo que ele seja, como a posse de capital econômico, aquele que mais chances tem de impactar toda a estrutura patrimonial.

[414] Aqui não posso citar a fonte porque senão não há mais como garantir o anonimato dos informantes.

Parente não é serpente:
Trunfos familiares e negação da gênese social das preferências

"La politesse entre parents et enfants m'est demeurée longtemps un mystère. J'ai mis aussi des années à 'comprendre' l'extrême gentillesse que des personnes bien éduquées manifestent dans leur simple bonjour (...) La déchiffrement de ces détails s'impose à moi maintenant, avec d'autant plus de nécessité que je les ai refoulés, sûre de leur insignifiance. Seule une mémoire humiliée avait pu me les faire conserver. Je me suis pliée au désir du monde où je vis, qui s'efforce de vous faire oublier les souvenirs du monde d'en bas comme si c'était quelque chose de mauvais goût ".

Annie Ernaux, *La place*.

Em seções anteriores chamei a atenção para dois traços recorrentes nos paulistanos das classes altas dos bairros-jardins: o *sentimento de amor-próprio com a memória dos antepassados* e a *valorização do gosto apurado pela via familiar*. Diferentemente dos que abandonam seus meios sociais de origem devido à inserção num mundo regido por valores inconciliáveis, os entrevistados que compõem a fração "mundano-cultivada" da coleção de casos em estudo não apenas contam com seus aprendizados "de berço" e seu capital simbólico "de empréstimo" para conquistarem e manterem suas posições na estrutura social, como dispõem, de saída, de um capital econômico e de relações apto a validar, sem maiores conflitos intergeracionais, mesmo as trajetórias aparentemente mais errantes. A julgar pelo grupo investigado, a chamada "crise de geração" parece de fato existir, em suas conotações mais extremas e dramáticas, quando as condições de vida dos pais e dos filhos foram muito diferentes, como é o caso nas trajetórias dos informantes em migração de classe[415]. Tal cenário sugere então que:

"(...) a transformação do *modo de geração social dos agentes* determina a aparição de gerações diferentes, cujos conflitos não se reduzem ao que se inscreve, em geral, nos conflitos de gerações, já que têm como princípio a oposição entre os valores e os estilos de vida associados à predominância, no patrimônio, do capital econômico e cultural"[416].

[415] Ver, a esse respeito, BOURDIEU, Pierre. "As contradições da herança". In *Escritos de educação*. 3ª edição. Petrópolis, Vozes, 2001.

[416] Idem. *A distinção*, op. cit., p. 425. Grifos meus.

A desidentificação com os pais formados em outras condições de existência é um luto que deve ser refeito interminavelmente:

"Ce 'travail de deuil' recouvre le travail psychologique et social de dé-liaison que nécessite un changement de classe: travail de désincorporation des habitus originaires et de re-incorporation d'habitus nouveaux; travail de désidentification des modèles 'déposés' dans l'enfant par son milieu initial et de ré-identification à des modèles différents parfois contradictoires; travail de dé-idéalisation des valeurs et acquisition de croyances et d'idéologies nouvelles"[417].

Na contramão dessa vivência conflitiva engendrada por uma trajetória promocional, os entrevistados das elites dos bairros da City representaram suas relações familiares de modo a compor um cenário em que não há conflito aparente significativo quando pais e filhos tiveram acesso às mesmas oportunidades de vida. A análise do impacto das "facilidades" e "necessidades" associadas a uma condição revelou, com efeito, o quanto "a ação pedagógica da família e da escola, até mesmo em sua dimensão mais especificamente artística, *exerce-se, no mínimo, tanto através das condições econômicas e sociais que são a condição de seu exercício* quanto através dos conteúdos que ela inculca" [418].

A maneira com que os pais reagem ao perceberem que os filhos talvez não dêem continuidade à ascensão social que eles souberam manter é um indicador importante do modo como os paulistanos de classe alta experimentam o mundo. Neste quesito, meus informantes foram, em sua grande maioria, flexíveis com as idas e vindas, incertezas e instabilidades dos filhos e tinham certamente mais condições de aceitar a idéia de que a prole poderia fazer, em termos estritamente econômicos, "investimentos a fundo perdido". Herdeira de fazendas e haveres aos quais soube dar continuidade, Verônica disse que é preciso aceitar o desapego material do filho cineasta residente em Londres:

"Eu estava com ele, encontrei com ele, e ele foi me visitar, eu estava em Paris, ele foi até Paris passar quatro dias comigo. E eu estava discutindo com ele negócio de profissão, de não sei o quê, né, (...) falando de, alguma coisa assim de vida afetiva, de namoro e não sei o quê, e ele virou e falou 'mãe, sabe uma coisa, eu estou vendo os meus amigos, (...) o outro comprou um carro esporte, o outro comprou apartamento de cobertura, o outro casou, está lá com dois filhos, sabe mãe, o meu tesão na vida, não é nada disso. Eu descobri que o meu tesão, sabe o que é que me dá tesão na vida? É observar as pessoas, observar situações, ver o que está por detrás, aquilo que não está escrito, ver como as pessoas funcionam, ver as ciladas, o mecanismo das situações, e um dia poder (...) traduzir isso para o mundo'. Isso... sabe? Então, é, tem essas coisas que você vai... às vezes você faz uma coisa, projeta uma coisa, de repente o seu filho fala 'é isso que me

[417] Cf. GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*, op. cit., p. 102.

[418] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op. cit., p. 55.

dá tesão na vida'. *E você tem que respeitar.* Então para mim, lá na Bahia é um projeto, porque lá na Bahia eu mantenho doze famílias trabalhando na fazenda. E a fazenda é deficitária(...)".

O respeito ao filho que já disse não ter intenção de ganhar dinheiro e a manutenção de uma fazenda deficitária ("de um jeito ou de outro eu mantenho uma atividade, mantenho gente") são dois dentre vários outros aspectos de uma vida de liberdade com relação ao dinheiro que só o dinheiro proporciona. O banqueiro e filantropo Joaquim Pedro elogia o filho que abandonou a Administração de Empresas e "se tornou um ótimo arquiteto". A esposa de um industrial Suely falou com orgulho de uma filha que se casou com um nativo de Fernando de Noronha e se mudou para o paradisíaco e elitizado arquipélago, "deixando tudo para trás em São Paulo". Essas trajetórias que, à primeira vista, poderiam indicar um rompimento com a posição social até então ocupada pelos pais, não são tidas como motivo de conflitos na família. Psicóloga e herdeira de fazendas, Verônica vive agora com o filho o que ela própria já vivera com seu pai:

"Meu pai era um homem muito avançado, sabe assim, tudo o que era novo, diferente, ele topava. Quando eu disse para ele que eu ia morar em comunidade, imagina, morando nessa casa cheia de banheiro de mármore, eu fui morar na comunidade sem luz, sem estrada, sem nada (...) Ele falou assim que ele ia encarar isso como (...) como uma, mais uma das minhas... aprendizados pelo mundo. E eu me lembro que ele falou 'se algum amigo meu perguntar onde você está eu vou dizer que você está passando férias na casa de uma amiga... no sítio de uma amiga'".

Devido ao próprio fato de que este trabalho estuda aqueles que, como se diz, "se deram bem na vida", cabe distinguir as trajetórias em que fora importante, como alavanca da carreira vitoriosa, a inserção precoce em um mundo de pessoas, objetos e práticas. Tal foi o caso do chef da alta gastronomia Sandro, do empresário e filantropo Roberto, do empresário de grande construtora e filantropo Sérgio e vários outros dos entrevistados, sendo esses apenas casos exemplares.

Eu sabia que Sandro era um chefe de cozinha bastante badalado e que uma entrevista acadêmica, longa, não seria fácil junto a esse homem que comanda dois restaurantes – um nos Jardins e outro num clube tradicional da cidade de São Paulo – e um buffet. Ao longo da conversa, ele se mexe sem parar, atende o celular várias vezes, numa delas vira para mim e avisa que Eliana Tranchesi, dona da Daslu, acabara de ser presa novamente. Ele pergunta à pessoa que ligou para dar a notícia se ela estava fazendo quimioterapia, onde é que o seu câncer tinha dado metástase e depois comenta

comigo que não apenas elas, mas, também os políticos corruptos do governo Lula – "José Dirceu e todos os envolvidos no escândalo do Mensalão" – deveriam ter tido o mesmo fim.

No retrospecto de Sandro, nada parece ter sido aprendido na escola. O francês e o inglês ele aprendeu "na vida", como ele conta, morando em Londres e em Paris, onde sua mãe já tinha apartamento (e onde hoje ele tem também). Sua consagrada carreira de chef na alta gastronomia paulistana não teve nada de premeditado, ele não fora preparado "escolarmente" para isso. Se é para apontar alguma influência por assim dizer "do meio", ele prefere lembrar que seu pai também cozinhava ("ele tinha aquela prática de fazer um bife com molho bom que nenhum pai fazia"). Tendo feito *Elvira Brandão, Rio Branco, Santa Cruz* e *Mackenzie* – onde não terminou o curso de Administração -, ele iniciara sua vida profissional no mundo dos capitais, jogando na bolsa de valores e trabalhando em bancos, compondo o perfil clássico dos netos e bisnetos "do café", essa gente de fazendas que cultuou a França e ocupou o que são hoje algumas das áreas mais valorizadas da cidade[419].

Quando se está diante de "herdeiros", os usos sociais da parentela são abundantes e os "ganhos da escola" nunca estão à altura das aquisições de herança: Sandro mora, há trinta anos, na cobertura duplex no Jardim Paulistano cujo prédio fora construído por sua avó. Segundo me disse, era comum que as pessoas que ganharam dinheiro com as fazendas se voltassem para atividades no setor imobiliário.

Boa parte da renda do empresário e filantropo Roberto, neto das fundadoras do *Hospital Sírio-Libanês*, advém dos valores que recebe da locação de imóveis na região da Avenida Paulista, área em que tiveram residências seus avós. Tal como o chef Sandro, ele é outro herdeiro que não dá tanta importância assim a uma educação escolar sistemática. Ainda que na infância, impulsionado pelos pais, eles tenham cursado os colégios "clássicos" da elite paulistana do século XX (*Elvira Brandão, Santa Cruz, São Luís, Rio Branco,* etc.), o momento da Faculdade já se confunde com o período da vida em que começam a experimentar o mundo na condição de herdeiros, o que não predispõe a uma ardorosa devoção às exigências universitárias. A grande formação cultural é aquela que se adquire viajando, conhecendo o mundo, aprendendo línguas na base do *natural approach*. Tal foi também o caso de Flávio, músico, escritor e herdeiro

[419] Tanto quanto o empresário de grande construtora Sérgio e o pai da restauradora de obras de arte Maria Cristina - também descendentes de famílias quatrocentonas -, Sandro trabalhou no Banco *Comind*, criado nos anos 1930 pela elite cafeeira paulista.

de uma família de banqueiros e políticos, que declarou ter aprendido espanhol "no Chile, em viagens de férias pai-trocinadas (sic)".

Ao contrário daqueles que sofrem os efeitos desestimulantes das trajetórias sociais declinantes na família[420], os paulistas investigados mantêm o trajeto ascendente e/ou estável dos antepassados que "se deram bem na vida", mesmo quando abrem mão da tarefa de reprodução do capital estritamente econômico. Eles são sempre muito conscientes de que têm muitas relações e muito a esperar do futuro: "Eu tinha muita habilidade manual, eu poderia ter sido médico que nem o meu pai. Não fiz a medicina, eu fiz até cursinho para medicina, mas desisti porque eu sabia que eu ia estudar para burro *e depois já ia ser logo diretor do hospital*" (Empresário de grande construtora, 60 anos). As oportunidades lhes chegam às mãos rapidamente: "Eu era subchefe da Casa Civil de um governador ilustre com vinte e poucos anos de idade!" (Jornalista e ocupante de altos postos em instituições culturais, 76 anos).

Outro informante, um banqueiro bastante bem sucedido, já havia trabalhado no importante escritório de advocacia Pinheiro Neto antes de concluir a graduação em Direito na São Francisco e partir para aperfeiçoar-se na Alemanha:

"Fiz um ano lá de direito internacional privado, pude freqüentar um seminário, o que não é coisa fácil na Alemanha e daí eu queria continuar lá e apareceu uma oportunidade muito simpática. Na Universidade de Heidelberg existe um curso de tradução simultânea, *dolmetschen*. Eu me apresentei para ser *dolmetschen*, para lecionar em português, o que foi ótimo, lecionar em português sobre o Brasil. Fiquei um ano lá em Heidelberg como leitor da Faculdade (...) E depois, o escritório em que eu já havia trabalhado aqui em São Paulo, que é o escritório Pinheiro Neto, me convidou para voltar para trabalhar com ele (...) Mas antes me pediam que fizesse um estágio em escritórios de advocacia alemã, alemães, o que eu fiz em Munique".

Mesmo o trajeto bem sucedido do pianista, maestro e compositor Marcos, herdeiro de um industrial proprietário de fábrica de medicamentos, não pode ser inteiramente compreendido sem se levar em conta a "alavanca" e "pontapé inicial" representados pela posse de um capital econômico de antemão ao seu dispor, para não falar no investimento maciço em sua educação. Justamente porque ele era um dos poucos candidatos que falavam inglês em 1968 é que pôde vencer a competição por uma bolsa de estudos numa escola de música nos Estados Unidos:

Carolina – Você já falava inglês, já era fluente...
Marcos – Foi o que me facilitou, na bolsa, foi a história do inglês, porque a escola exigia o inglês.

[420] «(...) on sait que le niveau d'aspiration scolaire et professionnel des enfants est déterminé par le niveau auquel les parents sont arrivés ». Cf. GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*, op. cit., p. 56.

Carolina – Então quer dizer que os músicos nessa época, digamos, fim dos anos sessenta, eles eram pessoas mais humildes? (...) Ninguém falava inglês, não tinham...?
Marcos - Isso aí começou a ser quebrado a partir da bossa nova, né, que é um movimento de (...) De classe média (...) Quer dizer, então daí é a época que marca realmente...
Carolina – Um outro grupo social fazendo música.
Marcos – Uma outra turma entrando em música, mas não chegava assim a ser um número... Era gente começando entrar, né? Então não tinha nem muitos concorrentes essa história do... Eu lembro que o Théo de Barros era um dos caras que estavam concorrendo para essa bolsa e o Théo não sabia inglês.

As narrativas sobre os parentes que foram políticos, escritores e "fizeram história" também apresentam as especificidades das famílias que viabilizam – não seja que pela familiarização - a ascendência aos mais altos postos:

"O meu tio S. L. B... Isso é importante, esse meu tio... (...) Então, ele chamou-se S. L. B., pernambucano, viveu a vida inteira, grande parte da vida dele no Rio de Janeiro, mas foi governador de Pernambuco em (...), foi deputado federal várias vezes (...) Foi membro da *Academia Brasileira de Letras* (...) Foi presidente do *Instituto do Álcool e do Açúcar* no tempo do (...) E foi candidato à vice-presidência da República junto com o J. D. em (...) Era um grande jornalista e um grande historiador, um grande intelectual (...) Ele morreu com 103 anos, é uma das grandes figuras nacionais o S. L. B." (Professor universitário e ex-ministro, 75 anos).

Os trunfos familiares abundantemente expostos nas narrativas dos paulistanos dos bairros-jardins fizeram às vezes, na opinião do banqueiro Luiz, de presentes envenenados. Talvez pelo fato de não se enquadrar totalmente no modelo de homem de família quatrocentona, ele emite uma narrativa algo impiedosa de sua classe de nascimento. O pouco valor dado a uma carreira liberal obtida através do estudo formal foi, na opinião desse informante, um desastre para os rebentos das famílias de cafeicultores. Vítimas do próprio privilégio, os netos dos brasileiros que enriqueceram com o café já não eram os melhores e mais bem formados em termos escolares:

"Deixa eu falar de uma forma mais simples, não me tome a mal d'eu falar desse jeito. As pessoas da nossa classe social, que era como se falava, nossa geração... é incrível, quando nós tínhamos quinze anos, nós já ficávamos – nós eu estou falando um pouco a minha família imediata – 'nossa como não sabem nada', e, por outro lado, 'nossa como sabem tudo'. Mas depois o que houve também é que as pessoas não fizeram faculdade. Quer dizer, *os netos das pessoas que ficaram ricas com o café não tiveram faculdade*. E falavam, 'ah, agora só tem turco, agora só tem japonês' (...) 'Como é que pode?' Saía lá resultado da Faculdade de Medicina: 'Ah, é turco, só turco'. 'Porque vocês não entram!' Quando eu entrei na Faculdade de Direito já os brasileiros já entravam no Mackenzie porque não conseguiam entrar...Tinha muito brasileiro, é claro, na São Francisco... Os 'membros das boas famílias' nem metade entrava na São Francisco. Já não entrava na São Francisco porque fazia uma porcaria de um colégio, repetiam de ano. Não é porcaria de colégio, faziam bons colégios, mas não estudavam. Então o que era bom colégio naquela época? *São Luís*. Era o colégio dos moços, dos homens. As mulheres, *Des Oiseaux* (...) E não iam para a Faculdade! As moças não iam à Faculdade! A minha irmã não foi à Faculdade, casou aos 19 anos".

O relato de que em sua família o sujeito só ia exercer a medicina quando a opção mais dignificante de ser fazendeiro de café não era mais possível dá a medida de quão divergentes eram as aspirações de vida dos "paulistas de quatrocentos anos" e dos filhos de imigrantes estrangeiros que, como os libaneses, tinham enorme apreço pela profissão de médico, então digna da mais alta honraria. Para os herdeiros do café, ao contrário, exercer-se-ia a carreira médica apenas na falta de algo melhor:

"O filho do senador D., esse filho, um dos filhos dele, um tal de F. era médico de formação mas, fazendeiro. Então, foi para o Rio (...) 'abrir', falava 'abrir' fazenda de café no estado de São Paulo (...) E aí, naquele tempo, começo de século (...) tinha quatro ou cinco anos bons e daí o crédito caía e os bancos eram fraquíssimos, não agüentavam, trocavam de fazenda, enfim, não sei direito quais as circunstâncias, quebrou. E aí, *faute de mieux* e *faute d'argent*, foi ser médico, quer dizer, já era médico, mas foi exercer a medicina como funcionário público, chamado 'médico legal'. Médico de presos, médico, assim ...e ele foi com esse cargo em Santos".

Essa imagem de que os descendentes dos brasileiros que ganharam dinheiro com o café não alcançaram alta escolaridade aparece em relatos sobre os filhos de fazendeiros que teriam ido para a Europa "só para farrear" e acabaram voltando sem diploma nenhum:

"Meu pai nasceu em São Paulo, não fez faculdade, também fez *Rio Branco*, depois se formou, foi estudar em Paris, ia fazer Ciências Políticas, ficou lá na maior farra porque ele era molecão, voltou, foi trabalhar com meu avô na fazenda e ficou fazendeiro, logo casou e tal. A mamãe eu acho que não fez nada... (Chef da alta gastronomia, 54 anos).

O banqueiro e filantropo Joaquim Pedro, de família quatrocentona por parte de mãe, evoca uma situação semelhante na geração dos seus avós maternos:

"Minha avó muito triste porque ela foi posta no *Sion*, mas a irmã que era mais nova chorou muito então tiraram ela do *Sion* e foi aprender com as professoras em casa mesmo. E o meu avô eu acho que o pai mandou para a Inglaterra, onde ele mais farreou do que fez outra coisa, agora depois ele (...) depois entrou nos eixos, foi dos filhos o que mais entrou nos eixos e melhor se comportou".

Nos testemunhos sobre a história das famílias, abundam personagens que ganharam dinheiro sem terem feito faculdade, como o avô do chef da alta gastronomia Sandro, fundador da que viria a ser uma das mais importantes fábricas de fogão do país. Tendo parado de estudar no colegial, o pai de sua mãe adquiriu tal negócio aos dezoito anos e, por conta disso, deixou "um dinheirão" para todos os seus filhos.

Num contexto em que a busca pelos melhores diplomas passa a ser sistematicamente disputada com imigrantes enriquecidos, não era unânime, entre os oriundos das antigas famílias de São Paulo, um percurso de formação acadêmica semelhante ao do banqueiro e filantropo Joaquim Pedro, por exemplo, que se formou na São Francisco, aprendeu alemão, inglês e francês e se especializara na Alemanha.

O empresário de grande construtora Roberto, ao contrário, foi fazendo cursos de economia pelo mundo, sem jamais ter se formado no ensino superior. Seus filhos estudaram, na época universitária, na FAAP e no Mackenzie – tendo sua filha abandonado antes do fim o curso de Administração de Empresas -, o que também sugere que as classes altas brasileiras não possuem sempre e em abundância todos os tipos de capital, diferentemente do que apuraram estudos sobre os setores abastados franceses [421]: no caso em pauta, o patrimônio especificamente escolar é claramente inexpressivo. Herdeiro de imigrantes sírios e libaneses que fizeram negócios vultuosos com fazendas, comércio e indústria, Roberto viveu *en rentier* em seus anos universitários, quando optou por viajar pela Europa, sem compromisso de voltar com um diploma:

"Bom, eu fui para colégios muito rígidos, tá? (...) fiz até o primeiro grau aqui no Elvira Brandão, que era um colégio muito, muito rígido, um colégio católico, muito rígido, que foi o mais rígido que eu já tive. Depois fui para o *Mackenzie*, quando eu fiz o segundo grau, e comecei a fazer economia. Daí eu fui morar na Inglaterra (...) antes de terminar a graduação (...) Daí, da Inglaterra eu fui para a Irlanda do Norte, direto, tinha dezessete anos. Fui aprender a falar o inglês que eu cheguei lá eu já tinha uma noção (...) do *Mackenzie* e também de uma prima que era a minha professora particular. Porque ela era de Cambridge e me deu as primeiras... Mas, eu cheguei na Irlanda do Norte e não entendia nada porque o inglês que eles falam lá é um negócio um pouco complicado. Muito bom. Depois de oito meses... Eu estava estudando equipamento industrial, então indústria que nós estávamos, a família estava comprando na época. E daí eu guardei dinheiro, porque eu tinha dinheiro para ficar num hotel, fiquei numa casa de família, depois de oito meses você já viu que eu tinha um caixa importante. E daí eu fui, e daí eu fui conhecer o mundo (...) Economia depois eu fui fazendo cursos de economia, curso um aqui e outro ali".

Dando a ver ainda outro traço típico da fração dessa elite cujo patrimônio escolar não está à altura dos outros componentes da estrutura patrimonial, Roberto atribui o seu gosto por livros que tratam das "fórmulas do poder" à posição social de quem, como ele, exerceu muitas funções de comando: **"**Eu cheguei a ter, na indústria tinha três mil funcionários (...) e depois, quando eu comecei a construir, eu construí dez prédios ao

[421] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, p. 82.

mesmo tempo na Avenida Paulista, eu tinha mil operários em cada prédio. Eu tinha dez mil funcionários!"[422]

Também o empresário de grande construtora Sérgio não fez GV e sua esposa e seus filhos não estudaram na USP, mas na FAAP e no Mackenzie, tendo ele próprio cursado a Faculdade São Luís, "porque eu não consegui entrar na GV". Seu sogro, o fundador de uma das empreiteiras brasileiras de maior envergadura - à qual todos os herdeiros estão vinculados - "não fez Administração, nunca fez nada" e, no entanto, "tocava um império" [423]. Seu avô, filho de um dos mais importantes condes do café, formou-se em direito na Europa, mas assumiu a atividade de fazendeiro quando da volta ao Brasil.

Por maiores que possam ser as diferenças internas a essas famílias antigas, a posse de fazendas lhes é característica no passado e, muitas vezes, no presente. O par "fazendeiro de café" - e depois de outras coisas também – e mulher formada no *Des Oiseaux* ou no *Sion* veio à tona em diferentes entrevistas. E muitos ainda extraem parte de seus rendimentos da exploração de propriedades rurais (a maioria já vindas da época da família). O pai e os avós do chef Sandro foram fazendeiros e a família atual mantém ainda uma fazenda. Os banqueiros Luiz e Joaquim Pedro têm fazenda, a psicóloga e herdeira de muitos haveres Verônica tem fazenda, a restauradora de obra de arte Maria Cristina tem fazenda, o empresário e filantropo Roberto tem fazenda, a decoradora e filantropa Teresa Cristina cresceu em fazenda, lê o Suplemento Agrícola semanalmente e a pintura de mais destaque em sua sala de estar retrata a vista de uma sede de fazenda colonial. O empresário de grande construtora Sergio tem fazenda e até na casa de praia em Paraty contratou arquitetos especializados em casas coloniais, numa clara expressão de traços que, a julgar pela análise de Arno Mayer, afirmariam o fascínio por um estilo de vida mais tradicionalista e de pretensões senhoriais[424].

---

[422] A ocupação de posições de comando figura, aliás, como traço corrente em meio aos setores sociais investigados: "(...) fui diretor da [um jornal brasileiro], fui diretor do [revista brasileira] (...) e infelizmente na vida nunca consegui ser soldado (...) sempre eu fui, fui comando, sempre eu era... Desde pequenininho, eu saí da Faculdade, eu estava na Faculdade de Direito me chamaram para ser subchefe da Casa Civil do [um governador paulista], que era um cargo de velho. Eu tinha 22 anos (...) depois eu fui secretário de comunicação do [outro governador paulista], secretário da cultura (...) presidente de todas as secretarias de cultura do Brasil, depois eu fui ser presidente da [uma emissora de televisão brasileira], depois eu vim presidente da [outra emissora de televisão brasileira] (...) presidente da *ABEPEC* (...) presidente de tudo" (Jornalista e ocupante de altos cargos em instituições culturais brasileiras, 76 anos).

[423] Sem escolaridade, seu sogro integrou a lista dos bilionários da Revista Forbes nos anos 1990.

[424] MAYER, Arno. "Classes dominantes: a burguesia se inclina". In *A força da tradição: a persistência do antigo regime*, op. cit.

O caso do chefe da alta gastronomia Sandro é interessante porque, apesar de sua mãe pertencer a uma das mais tradicionais famílias de São Paulo, do lado de pai ele descende de um médico inglês que chegou ao Brasil em 1840. Em seu relato ele precisa que seu avô, neto do fundador da família no Brasil, "não herdou fazenda", montou fazenda em 1929, quando a mesma podia ser comprada a preço módico: "Ele comprou a fazenda por quatrocentos contos, a minha avó contava isso, o cara que vendeu para ele tinha comprado por um milhão e duzentos, antes da crise do café". Mas foi com dinheiro ganho em negócio de seguros ("Ele tinha uma corretora grande") que o avô pôde, aos 40 anos, tornar-se fazendeiro e aos 48 anos abandonar o ramo dos seguros para se dedicar inteiramente à fazenda:

"Tanto é que ele dizia, ele achava que fazenda não era trabalhar, sabe? Ele dizia que ele tinha trabalhado dos dezoito aos quarenta e oito. Com quarenta e oito ele comprou a fazenda e virou (...) só fazendeiro. É. Não é *rentier*, né, porque *rentier* é se ele tivesse comprado imóveis para viver de renda, né? Ele ralou para cacete, ele montou a fazenda inteira. Mas ele achava que isso era um prazer (...) E o vovô comprou por quatrocentos em vinte e nove. Daí ele montou, daí ele nasceu, o meu avó nasceu em oitenta e nove... Ele tinha quarenta anos, é isso. Mas aí acho que ele ficou trabalhando com o negócio do seguro e montando a fazenda. Daí quando ele tinha quarenta e oito ele passou a carteira dele - era um, tinha uma corretora grande – para o sócio, já tinha um capital e não sei o quê, e ficou só tomando conta da fazenda e fez uma fazenda muito bonita, ganhou prêmio de conservação do solo tudo (...) Ele era neto de ingleses".

No testemunho de Sandro, já esse antepassado inglês que era médico integrou-se a famílias muito bem postas socialmente na primeira metade do século XX:

(...) *Mas esse médico era… Casou com uma família, com uma fulana que era de família quatrocentona, assim, meio estabelecida, T.* (...) Eu sei que o marido dela, ela era viúva, né, essa senhora, a avó do meu avô. Mas o marido dela era o cara que tinha ido levar a carta para o D. Pedro, sabe? É, Alferes não sei o quê C. E aí o D. Pedro recebeu (...) Daí o D. Pedro recebeu a carta e falou 'independência ou morte', né, a mesma historinha, né. Então a gente sabia que o… Essa é a história da viúva, da F. (...) E esse médico que chegou aí, ele ia para a Argentina. Isso a gente sabe porque o meu primo tem o diário dele. E o irmão... Porque na Argentina tinha uma grande colônia inglesa né? Só que o navio parou aqui, estava em, tinha tido uma, tinha que ficar em quarentena antes de parar para desembarcar (...) Ficou quarenta diz ao largo (...) E o cara conta que ele ficou maravilhado. Imagina você ficar, 1838, sei lá, na Baía da Guanabara? Ele conta que assim vinha tucano, que voavam (...) É, daí desembarcou no Brasil depois de quarenta dias, acho que era médico, devia ter pouco médico, sabe? (...) Era um médico da Inglaterra que estava vindo para a Argentina porque eu acho que o irmão estava lá (...) E daí ficou aqui, daí casou com essa viúva e foi para Rezende. E fez família lá. Lá tem bastante M.".

Conhecendo-se a história de seu avô (o neto do antepassado inglês) que, seja em negócios de seguro, seja com a aquisição tardia de fazenda, "se deu bem", como se diz, do ponto de vista econômico, pode-se dizer que Sandro soube manter essa condição econômica abastada, mas a custo de um deslocamento horizontal, passando de um

campo a outro, já que abandonara o emprego no mundo dos capitais para se dedicar inteiramente à gastronomia. Ainda assim, não se pode dizer que o percurso deste chef da alta gastronomia tenha operado um desvio de grande amplitude no interior de sua classe, já que as próprias circunstâncias nas quais ele se tornara um banqueteiro de sucesso têm ligação com sua inserção nos estratos sociais elevados mais antigos. Depois de ter abandonado duas vezes seu emprego na bolsa de valores para morar um ano em Paris e outro em Londres, ele começou a cozinhar, como diz, de forma nada premeditada durante um Natal: "Vou fazer uns patês para vender". Na ocasião, sua primeira clientela foram senhoras da sociedade paulistana, por meio de sua mãe e, pouco depois, o *Empório Santa Luzia*, especializado em importados e produtos finos da gastronomia e localizado no mesmo bairro em que ele e sua família residem.

Desnecessário sublinhar o quanto o pertencimento a um grupo antigo, dotado de diferentes propriedades com valor distintivo, contribuiu como pontapé inicial na trajetória profissional de Sandro. Em concordância com o que foi visto na seção "O gosto apurado pela via familiar", seu percurso encarna o suposto de que no pólo mais mundano, as profissões de banqueteiro e de decorador, por exemplo, têm no ambiente doméstico uma referência positiva que os libera completamente do rompimento com o meio de origem "para se dar bem".

Não obstante tais orientações altamente reveladoras de um *habitus* de classe – que, no caso em pauta, garantem a reprodução das posições dominantes, nem que seja num domínio não estritamente econômico do mundo social -, alguns informantes preferiram não associar suas origens sociais (e a estrutura do capital no momento da entrevista) aos juízos de gosto que vieram a constituir. Contrariamente aos indivíduos submetidos às exigências homogeneizadoras das instituições sociais, vários dos paulistanos entrevistados procuraram fazer crer que não devem senão a si próprios aquilo que são ou o que se tornaram. Como se verá a seguir, os testemunhos autobiográficos que se ocupam em fazer um balanço do vivido (face às oportunidades abertas com o presente) tendem a excluir a condição de classe da constelação de fatores que contribuíram para a chegada a uma situação digna de apreço.

As auto-representações de Verônica, psicóloga, fazendeira e herdeira de muitos haveres compõem um caso exemplar de psicologização de uma trajetória bastante definida socialmente[425]. O dado de que viajara muito pelo mundo todo desde a

[425] A trajetória de Verônica é emblemática da ascensão econômica, cultural, social e simbólica de grupos de imigrantes enriquecidos. Tendo feito sua primeira formação escolar no *Colégio Santa Marcelina*,

adolescência encontra sua primeira explicação na astrologia ("Eu sou aquário com ascendente de peixes"), depois na psicologia ("Eu sou uma pessoa em movimento"). Do modo análogo, estar na Suécia dezessete horas depois que teve a idéia de partir é uma liberdade "que se adquire com a idade". Viver tranqüila e calmamente também é algo que ela adquiriu com a idade e, também, com a profissão de psicóloga (único componente de sua "classe" evocado espontaneamente). Sua herança não aparece nas narrativas sobre a formação de suas disposições estéticas. Muito pelo contrário, acredita que há pessoas que nasçam com bom gosto e "psicologiza" a inclinação ao gratuito necessária à formação de uma disposição estética: "Eu acho que tem que ter uma disponibilidade... *Se você tem ansiedade você não consegue nem discriminar*". Logo depois ameaça abandonar a visada psicologizante ao lembrar que desde pequena fazia cerâmica no Colégio Santa Marcelina, mas, logo em seguida, refere-se ao escolarmente aprendido como algo inato: "Eu sempre tive essa coisa". No que tange às suas habilidades profissionais, ela também traçou um retrato naturalizado de si mesma ao avaliar que o "tino para os negócios" (que ela herdou do pai) é questão de genética. A retórica da negação do mercantil é clara no uso de metáforas que camuflam a atividade comercial, que é retratada como "desafio", "energia" e "curiosidade pelo novo".

"Você sabe que o meu pai morreu muito cedo, ele morreu com cinqüenta e cinco anos, eu tinha vinte e nove anos quando o meu pai morreu. Mas eu acho que é uma questão de herança, meio de genética. Essa minha, eu tenho três filhos, essa daqui é muito parecida comigo, a Diana. As outras... (...) Elisa já é mais artista, o Manoel também, então eu acho que tem muito uma carga genética que você... Nós somos cinco, eu acho que eu e uma irmã temos essa coisa que o meu pai tinha (...) da energia, de estar sempre, desafio, gostando do novo, sabe?"

Atribuindo à astrologia o que advém de um *habitus* de classe, a artista plástica (e herdeira de uma renomada agência de publicidade) Isabel, residente numa casa do Jardim Paulistano, afirmou que, por ser de touro, "eu gosto de ter um certo conforto, de ter um quarto legal, um banheiro legal, uma cozinha que funcione, né? Eu acho isso importante". Publicitário muito bem sucedido no Brasil, seu pai se opõe frontalmente ao

---

iniciou sua formação universitária na *Faculdade Sedes Sapientiae*, reduto das jovens mulheres da burguesia paulista à época. Proprietária de duas fazendas de gado e de cana no Mato-Grosso e no Paraná e de outra de coco na Bahia, de duas casas no Jardim Europa, em São Paulo, de outra numa praia bastante exclusiva na Bahia, de uma na não menos seleta praia de Ubatuba e, ainda, de uma residência de frente ao mar na Suécia, onde vive seu companheiro, esta informante situa-se, certamente, entre os entrevistados de maior capital econômico da coleção de casos em estudo. Para uma análise das residências secundárias "isoladas", que funcionam como instrumentos de segregação e de apropriação de bens "livres" (como as praias, montanhas e florestas) ver BOLTANSKI, Luc. « L'encombrement et la maîtrise des 'biens sans maître' », op. cit.

ethos paterno que busca despachar rapidamente a filha casando-a, e faz questão de manter-se, muito ao contrário, na posição de mantenedor de toda a família (pais, filhos e netos). Tal comportamento é visto, por sua filha, como algo típico dos homens de sua origem étnica e, não, de senhores de classe alta bem-sucedidos, *cujo maior patrimônio assegura também a manutenção da maior família*:

Carolina – E hoje então você considera que a sua família seja você e a sua filha. Seria isso?
Isabel – É, na verdade a minha família ainda é todo mundo porque o meu pai é muito centralizador, né, espanhol, então... Eu freqüento muito eles, a gente está sempre muito ligado. Mas assim, é, eu moro com a T. [sua filha], quer dizer, a minha família é eu e a T. ... Fora os meus pais.

A recusa da gênese social das preferências também apareceu na opinião de que o estudo formal "não depende de dinheiro, depende de vontade". A retórica da negação do mercantil exprimiu-se na tentativa de se representar como alguém pouco envolvida em práticas economicamente rentáveis. A insistência num trajeto associado às atividades artísticas e desvinculado das práticas comerciais levou a que ela me corrigisse, ao longo da entrevista, dizendo que havia feito "cinema", logo após eu ter mencionado o fato de que ela havia trabalhado com "publicidade". Ocorre que, posteriormente, quando pedi que especificasse os longas e curtas metragens de que havia participado, ela assumiu que já havia feito "filmes para publicidade":

"Eu não sou publicitária, tá, quem é, é o meu pai (...) eu fui convidada a fazer um q. para as *N*. Como eu fui convidada para fazer uma da *Brastemp* agora. Mas eu nunca trabalhei em agência. Eles me chamaram para fazer um trabalho artístico com as *N"*.

A decoradora e filantropa (que também não fez Faculdade) Teresa Cristina afirma que é possível melhorar o gosto, mas o comentário é ainda assim naturalizador: "Não sei o que é bom gosto/mau gosto. Eu acho que a harmonia é o bom gosto. *Isso eu acho que está dentro da pessoa (...) Você vai sempre fazer uma coisa ficar legal*. Eu gosto muito da simetria, talvez porque a natureza seja simétrica".

Incomodados, muitas vezes, por estarem sendo entrevistados exclusivamente devido ao fato de pertencerem às classes altas, eles assumem uma representação de si que busca fazer crer que eles são pessoas simples ("Eu sou um homem muito simples"), "como todo mundo". A recusa em ser categorizada, corrente em círculos burgueses[426],

[426] LE WITA, Béatrix. *Ni vue ni connue*, op. cit., 1988.

evidenciou-se claramente na entrevista com Teresa Cristina e, especialmente, na questão que foi sem dúvida a mais incômoda para muitos dos informantes: "Você acha que existem grandes diferenças nas maneiras com que as diferentes classes sociais tratam os alimentos e as formas de servi-los?" Apesar de ter feito referência às suas origens e à história da sua família quatrocentona, ela em mais de uma ocasião se declarou "como todo mundo", como quando comparou a comida que servia aos netos e aquela servida na creche que administra: "Mas os meus netos, o que é que eles comem? Eles vêm aqui e comem arroz, feijão, carninha moída, pirirripirirriporóró... O que é que é servido para as crianças da creche? Arroz, feijão, carninha moída, e pirirriporóró, igualzinho (...) Gelatina. Não tem diferença. Não tem diferença nenhuma". Como bem notou Béatrix Le Wita,

« En effet, le bourgeois cherche à se présenter comme un 'homme moyen' accessible à tous, à l'égal du bon sens qui serait la chose du monde la mieux partagée (...) C'est ainsi que ses caractères culturels particuliers, toujours présentés comme universels, voire naturels, peuvent ne plus être perçus comme marques distinctives »[427].

Em concordância com as representações encenadas no material de imprensa que, como visto, afirmam a participação indiscriminada num repertório cultural comum, o empresário Sergio também não gosta de fazer distinções de classe para falar de gosto. Sobre o projeto de residência que lhe convém, ele respondeu "que casa tem que ser um porto seguro para a família. *Pode ser simples, pode ser sofisticada*, mas tem que ser um porto seguro para a família". Mostrando-se "como todo mundo", ele passa em silêncio diante das condições sociais inerentes a "uma casa que é um porto-seguro para a família": ao invés de narrar sua situação de morador de uma casa grande, sofisticada e bem localizada, ele frisará que a casa ideal é a que tem "carinho", "amor" e toda uma série de fatores emocionais e/ou psicológicos. Proprietário de várias residências secundárias, Sergio emitiu, a respeito das disposições estéticas do "povo", um relato condescendente:

"O brasileiro aprendeu, e nós temos um canal de escape que é o futebol, então qualquer favela... Eu andava de moto e eu corria muitas favelas antigamente (...) É, porque ficava no caminho (...) E eu parava nas favelas. Eu procurava sempre conhecer quem era (...) Quem que era a pessoa que pudesse me tirar de uma encrenca se eu entrasse na encrenca. E fazia um cafezinho, conversava com as pessoas e não sei o quê, e você vê que se você pegar uma senhora de favela e se der um joguinho de café, bule e não sei o quê, aquele joguinho sempre estava limpo, sempre estava preparado para o meu café".

[427] Idem, ibidem, p. 26.

Apesar de responder positivamente à pergunta "você acredita que existam grandes diferenças nas maneiras com que as diferentes classes sociais tratam os alimentos, as formas de servi-los e prepará-los", o músico e escritor Flávio, herdeiro de uma família de políticos e banqueiros, precisa imediatamente em seguida que "Não depende da classe social a cultura de não cometer desperdícios". Na mesma linha de juízo, ele completa que, longe de ser uma questão de classe, "a forma de servir vai do tempo, amor e carinho".

Integrante do pólo cultural do campo das frações de classe em análise, a artista plástica Anne, outra moradora do Jardim Europa, adverte que "eu não conseguiria comer um prato muito mal apresentado, não me dá fome, eu começo a ter enjôo, não tem como. *Mas isso é um hábito meu, não sei se tem a ver com classe"*. Da mesma forma, o chef da alta gastronomia Sandro opinou que "você vai à casa de uma pessoa super simples e o tempero pode estar ótimo". A posição de classe se traveste de "época" na narrativa de Ruth, dona-de-casa advinda de uma das famílias antigas e ilustres de São Paulo:

"Falava-se francês e inglês, principalmente francês. Isso na época, eu tenho setenta e um anos (...) Bom, só sei que nessa época era normal as moças serem educadas falando uma língua pelo menos, mas meu pai até nesse ponto ele era legal à beça porque ele dava, ele fazia questão que as filhas falassem duas línguas".

Talvez pela postura de negação sistemática dos gostos típicos das classes altas brasileiras, o pianista, maestro e compositor Marcos, de 61 anos, também foi um dos informantes que menos conjugou, em suas narrativas, a estilização da vida e um *habitus* de classe. Informantes como ele fazem com que o sociólogo se dê conta de que ele de fato aborda assuntos que muitas pessoas julgam desagradáveis e impertinentes. A conversa não flui, o questionamento dos pressupostos da pesquisa é total. Por conta das categorias com que trabalha – e, portanto, das perguntas que coloca -, o sociólogo não raro incensa a desconfiança e é metido numa posição incômoda. No caso em pauta, o músico nega sistematicamente o que ele sabe serem os pilares da investigação: a estilização da vida (no sentido weberiano) e o *habitus* de classe (no sentido bourdieusiano). Boa parte do seu testemunho é uma grande condensação expressiva da negação do social. Os diferentes graus de distância com relação às urgências do mundo não figuram no seu relato, muito pelo contrário: mais cultura ou mais dinheiro não são determinantes na formação da audiência de suas apresentações musicais. Isso porque,

para esse antigo regente e diretor artístico de orquestra (e um dos grandes nomes da música instrumental brasileira) a música - como a pintura - não é *cosa mentale* (como pretendeu Leonardo da Vinci), mas algo que "vem de dentro", do que ele próprio chama de "instinto":

Marcos - Eu tenho experiências de tocar para platéias absolutamente xucras e que ficam extasiadas com a música (...) Eu tocava com um grupo de música clássica, que era violino, viola, violoncelo e piano. Então é um grupo que faz metade do repertório, metade do concerto música clássica mesmo, Brahms, Beethoven e não sei o quê, e daí a outra parte é música popular brasileira só que para arranjos para esse tipo, para arranjo clássico, né? A gente viajou aí (...) Bom, e aí, entre outras coisas, como a gente é patrocínio da *Petrobrás*, a gente foi parar em Urucu, que é uma cidade seiscentos quilômetros para cima de Manaus, já na fronteira da Venezuela (...) Os caras tomam, chegam para trabalhar, da cidade mais perto, é dois dias de barco. Os caras nunca viram nada, eles conseguem ouvir o radinho tocando, tocando aquelas coisas que eles sabem que toca lá em cima.
Carolina – E eles se concentravam na apresentação de vocês?
Marcos – Eu nunca vi uma platéia tão... Os caras estavam maravilhados com aquela música. Os caras nunca tinham visto um violino na vida deles, os caras não sabiam o que é que era aquilo. Eles não entenderam, aquele som... Foi de..., um negócio extremamente emocionante tocar para essas pessoas, porque *você vê que não é um problema de conhecimento racional, a música pega eles por um lado...*
Carolina – Mais sensorial...
Marcos – *Totalmente sensorial. Não importa que seja Brahms*, os caras (...) Tocamos Mozart, Beethoven, não sei o quê, tocamos uns (...) *eles ficaram completamente tomados. Uma das platéias mais, mais entregues que eu já vi na minha vida (...)*
Carolina – Mas você então acha que o gosto e a sensibilidade cultural não têm a ver nem com educação nem com dinheiro?
Marcos – Não.
Carolina – Você acha que tanto você pode ter pessoas bem formadas que não têm gosto nenhum quanto pessoas totalmente destituídas e que se emocionam com a, com uma obra super sofisticada como é o seu trabalho?
Marcos – Assim como você é capaz de ir para o interior da Índia, para o interior da África e ver uns caras tocando uma música que você nunca viu na vida e ficar emocionada. Você não precisa conhecer e ter informação sobre aquele negócio. É a sua sensibilidade.

Filho de industrial, neto de juiz de direito e desembargador e, tendo ele próprio se formado na GV e, depois, na *Berklee College of Music* de Boston, Marcos rejeita uma boa parte dos símbolos exteriores de estima social característicos de seu grupo de pertencimento econômico. Para passar férias, mais vale buscar a natureza durante quinze dias na Chapada dos Veadeiros do que ir para Paris, como ele diz. É com grande obstinação que se auto-representa como pianista não erudito, parecendo aprovar a definição de um crítico cultural contemporâneo que avaliou que seu percurso sempre lidara equilibradamente com o jazz e a música popular brasileira[428]. Comida indiana é

[428] Não posso dar a referência bibliográfica do artigo, pois isso comprometeria o anonimato que garanti a todos os meus informantes.

um dos pratos que sabe fazer bem quando recebe os amigos, *tai chi chuan* é a atividade que pratica há vinte e cinco anos, decorador é um profissional que ele jamais contrataria. Sobre os "ossos do ofício", disse aceitar o fraque em determinadas apresentações – já que destaca melhor o movimentar das mãos sobre os instrumentos -, mas é em seguida que se apressa em precisar que o retira tão logo deixa a cena. Ele fez questão de não se mostrar muito "clássico" em nenhum dos seus gostos. A respeito de suas preferências no que tange à arte conservada nos museus mais importantes do mundo, ele afirma apreciar "mais as coisas mais modernas do que as coisas mais clássicas".

Esta penúltima seção sobre as elites dos bairros-jardins da City identificou uma fronteira importante entre esses grupos e setores da sociedade mais ampla: com freqüência, eles estão mais liberados dos conflitos familiares extremos implicados na ruptura franca ou velada com a parentela (ou com parte dela). Em meu universo de análise, *parente não é serpente*, como no filme de Mario Monicelli, mas, ao contrário, aquele de quem se obtém trunfos econômicos e extra-econômicos que, não raro – e como visto aqui -, farão seu portador esquecer-se da gênese tão decisivamente social das preferências e aversões. Da mesma forma que, como analisado anteriormente, as representações do consumo encenadas na imprensa instituem a adoção transclassista de bens e práticas, os entrevistados dos altos estratos silenciaram sobre as marcas de classe de seus juízos de gosto.

Migração de classe

« Papa gagnait huit cents pengös par mois. Mon mari six mille cinq cents. Il a fallu que je m' y habitue (...) Moi, on m' avait appris qu'il fallait gagner sa vie. Lui, on lui avait inculqué le goût de vivre avec méthode et élégance. Tout cela compte énormément, mais je ne le savais pas encore à l' époque.

Un jour, au début de notre mariage, il me lance brusquement au petit déjeuner :

- Ces housses mauves dans la salle à manger sont vraiment criardes, non ? Elles finissent par me fatiguer. Va donc faire un tour en ville, ma chérie, et trouve-nous un autre tissu.

Il s' agissait de recouvrir douze chaises d' une housse 'moins fatigante'. J' étais décontenancée, j'ai d'abord cru qu'il plaisantait... je lui ai jété un regard embarrassé. Mais non, il lisait son journal, l'air le plus sérieux du monde. De toute évidence, il avait bien réfléchi à ce qu'il venait de dire, le mauve le fatiguait vraiment. La housse était un peu vulgaire, d'accord, j'en conviens. C'était ma mère qui l'avait choisie, flambant neuve. Une fois mon mari parti, je me suis mise à pleurer. Je n'étais pas complètement bornée, j'avais bien saisi le sens de ses paroles... Il voulait tout simplement dire que nous appartenions à deux mondes différents, que nous n'avions pas les mêmes goûts » .

Sándor Márai, *Métamorphoses d'un mariage.*

« Por exemplo, eu acho que eu aprendi com os meus sogros. Eu acho que eu aprendi com o meu sogro principalmente. Creio que sim (...) E ele se vestia como lorde (...) Apresentável, impecável, limpo, lavava aqui e no dia seguinte punha um outro. Coisa que não era típico do meu pai, que era um *kibbutznik*, era um (...), que era de Israel, que pegou tifo, que pegou... Que era o oposto disto!».

Carina, 69 anos, colecionadora de arte, psicanalista e ex-esposa de industrial.

Ao contrário do condomínio fechado de Alphaville que, como será visto em seguida, concentra uma população mais homogênea socialmente, o território que compreende os bairros-jardins criados pela Companhia City (ou inspirados por ela) conta com uma diversidade social mais significativa. Um exemplo disso, no caso em estudo, revelou-se no fato de que, entre os informantes dos Jardins, havia tanto representantes das antigas famílias de São Paulo, chamadas "quatrocentonas", quanto paulistanos oriundos das prósperas frações de imigrantes estrangeiros.

Apesar de já ter feito referência ao caso de Verônica, psicóloga, fazendeira e herdeira de um grande exportador de café (filho de italianos) que, ao longo da entrevista, narra os problemas de contato com a alta sociedade estabelecida nas tentativas de estudar no colégio *Des Oiseaux*, reduto das famílias antigas de São Paulo,

a ênfase até o momento foi dada ao que essas elites dos bairros-jardins mantêm em comum. E tal procedimento não foi arbitrário, já que os entrevistados das famílias de imigrantes enriquecidos de fato "se enobreceram" do ponto de vista cultural, no sentido de que, malgrado uma maior abertura às artes e arquitetura de vanguardas – fruto, inclusive, da importância do capital cultural recém-adquirido e, muitas vezes, já superior ao alcançado pelos descendentes das grandes famílias -, adotaram práticas, locais de moradia e estilos de vida semelhantes aos modelos consagrados pelas famílias quatrocentonas de São Paulo, num cenário próximo ao encontrado por Arno Mayer, que aquilatou o modo como uma antiga ordem se revigora através dos padrões de gosto subservientes de uma nova elite econômica[429]. Tais acomodações foram analisadas na seção "O gosto dominante como gosto tradicional", que mostrou como a "burguesia" paulistana, de um modo geral, adota os cânones artísticos "garantidos", sendo, apesar de cultivada, pouco subversiva culturalmente.

Mas se em muitos aspectos os informantes dos bairros-jardins unem-se num coro a várias vozes cujo teor é bastante diverso do que se declama no condomínio fechado do Alphaville, há distinções internas evidentes sobre as quais também é preciso discorrer. Uma das oposições, como já referido, reside no tempo de pertencimento aos estratos da elite paulista. A propósito, os dominantes de mais longa data dos bairros da Companhia City – os que mais se aproximam da alta burguesia francesa estudada por Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, por serem amplamente dotados de várias espécies de capital - não poupam de comentários depreciativos os recém-chegados à mesma posição, e através desses discursos tem-se acesso ao *processo de distinção social que reproduz, no âmbito local, as desigualdades sociais*. O banqueiro Luiz, integrante do pólo "mundano-cultivado" e oriundo de famílias cultas e abastadas, refere-se ao banqueiro Joel, seu vizinho, como "um rapaz da zona norte do Rio", "que ia de motoneta para o Rio" e que, hoje, possuidor de dois bilhões de dólares, mora no Jardim Europa e "toma Mouton-Rothschild na garrafa, *sei lá como"*.

Os recém-chegados aos altos estratos advindos das classes baixas são considerados incapazes de adquirir "bom gosto", mesmo para os informantes que afirmam que as "maneiras" não são aptidões inatas, mas, ao contrário, algo que requer aprendizado. Em meio aos setores recém-enriquecidos, sugere o empresário e filantropo

[429] MAYER, Arno. "Culturas oficiais e vanguardas", op. cit.

Roberto, somente a segunda ou a terceira geração se empenhará na aquisição de uma sofisticação propriamente cultural:

Carolina – Você acha que é possível aprender a ter "bom gosto", ou você acha que o gosto é uma coisa inata?
Roberto – Aprender a ter bom gosto...
Carolina – As pessoas podem aprender?
[esposa: claro].
Carolina – Ou é uma coisa que a gente já nasce...
Roberto – Não, não nasce, é questão de educação. Você aprende. Mas, vamos dizer, pega o Zé da esquina. O Zé da esquina vai e ganha um monte de dinheiro.
Carolina – De um dia para o outro...
Roberto – *O neto dele ou o filho dele talvez tenham educação. Ele vai só fazer besteira. Ele vai querer mostrar que tem...*
Carolina – Sim, a ostentação...
Roberto – Todas aquelas besteiras clássicas que nós já sabemos quais são.

Apesar de considerar que o gosto é algo passível de ser aprendido, a restauradora de obras de arte Maria Cristina não deixa de julgar, contudo, que "é legal quando você aprende assim do berço, né, quando é uma coisa natural, assim".

Nesse imaginário de valorização do gosto apurado pela precoce via familiar, o Brasil figura como um país de novos ricos e, também, uma terra de uma "incrível mobilidade social":

"(...) as classes na França são muito mais estratificadas, né? (...) Você vê a alta burguesia, de uma forma, 80% o avô já era da alta, da média burguesia. E aqui não é, sei lá, hoje, é só falar (...) que acabou de entrar aqui, que comprou, esse rapaz Joel, do banco L., ele há 15 anos atrás era... ia de motoneta, sei lá, para o banco no Rio, rapaz da zona norte do Rio, foi uma carreira fantástica e tem literalmente dois bilhões de dólares. Então toma mágnum de Mouton-Rothschild na garrafa, sei lá como. Mas isso é uma coisa típica da sociedade americana e brasileira, essa mobilidade e ascensão social, que é incrível" (Banqueiro, Jardim Europa).

A existência de informantes em migração de classe em meio às elites dos bairros-jardins (e não apenas nas classes altas de Alphaville) pode ser considerada uma expressão dessa estratificação "mais frouxa", mas, também, um fenômeno próprio ao movimento das sociedades modernas, "que confronta o indivíduo à possibilidade de uma distância com relação à posição herdada e, assim, aos conflitos de identidade quando sua trajetória o conduz a mudar de condição" [430].

Filho de imigrantes judeus de origem humilde que se tornou engenheiro civil e alto executivo de um dos mais importantes escritórios de engenharia de São Paulo,

[430] GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*, op. cit., p.67.

Fernando foi um dos poucos informantes, nos Jardins, a questionar a distinção social pelo gosto. Apesar de sua trajetória promocional e de levar uma vida cultural bastante intensa e voltada às práticas reputadas "legítimas", ele tem dificuldade em classificar (e hierarquizar) as pessoas pelas suas preferências e aversões estéticas: no seu modo de ver, quem tem mau gosto não necessariamente é má pessoa. Assim é que, à questão "o que é, em sua opinião, bom gosto?", ele respondeu que bom gosto é ter generosidade diante daqueles que têm, ao contrário, mau gosto. A propósito, quando discorre sobre o interesse intelectual pelo belo, Kant apresenta as críticas que foram feitas àqueles que consideravam o interesse pelo belo como sinal de bom caráter moral:

"Não sem razão foi-lhes, todavia, contestado por outros que apelam ao fato da experiência, que virtuosos do gosto são não só freqüentemente, mas, até habitualmente vaidosos, caprichosos, entregues a perniciosas paixões, e talvez pudessem ainda menos que outros reivindicar o mérito da afeição a princípios morais;"[431]

Não é possível dizer, contudo, que esse engenheiro de um dos mais importantes e antigos escritórios de São Paulo - que já comandou a construção de cerca de oito aeroportos - despreze inteiramente as hierarquias em matéria de Cultura, como sugere seu relato de que ele já vê com maus olhos o funcionário e demais prestadores de serviços que escrevem cometendo erros de português:

Fernando - Esses a gente até releva, né, esses peões que a gente cruza na vida. Meu núcleo de trabalho, quem trabalha comigo, não falar bem, não redigir bem para mim é um pecado, eu estou muito rigoroso.
Carolina – Mas você fala alguma coisa ou você deixa passar?
Fernando – Eu? Eu corrijo. Eu reescrevo. Sou muito cuidadoso, sou maneiroso, mas, não pode, (...) péssimo em concordância, não olha o plural com singular, masculino com feminino! Troca! Muitas vezes vêm cartas preparadas para que eu assine. Correspondências, relatórios, cartas, seja o que for. Eu não assino. Eu não passo essa vergonha.
Carolina – Por que tem erro?
Fernando – Ah, não passo! O pessoal já (...) Às vezes, não fazem muita coisa, sabe por quê? Porque não sabem!
Carolina – E aí você fala "Olha, tem um erro, precisa reescrever essa carta".
Fernando – (...) Não deixo passar.
Carolina – Nunca teve problema?
Fernando – Não. Sou rigoroso, a tua base da língua eu não deixo passar não (...) Isso para a minha equipe. Quando eu recebo de terceiros, e-mails, cartas, clientes, o que for, e tem erros assim (...) já não gosto, sabe, já dá uma reação desnivelada de quem conversa. É difícil Carolina você deixar de associar base de formação e tudo mais, entendeu? É difícil.

[431] KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008 [1793], p. 144.

Investindo-se dos símbolos de pertencimento à burguesia, a propensão a mostrar um aspecto melhorado e idealizado de si mesmo[432] consiste, por vezes, em obnubilar os episódios anteriores à ascensão social. Fernando disse-me primeiramente que fizera sua formação pré-universitária no *Colégio Bandeirantes*, mas, diante do meu pedido de confirmação ao longo de uma de suas narrativas, ele se corrigiu dizendo que na verdade só fizera o colegial nessa escola reputada de elite.

Professor universitário e ex-ministro, Carlos Alberto sabia que estava sendo entrevistado por ser um integrante "da classe alta", como ele disse, mas, ao longo da entrevista, questionou seu pertencimento a este segmento:

"Eu não sei, quer dizer, porque você veja, eu estou sendo entrevistado como membro da classe alta que eu sou. Eu sei muito bem que eu sou membro da classe alta por uma questão de... *Mas eu sou membro da classe alta em termos porque o único amigo importante que eu... Amigo, assim, que eu freqüento etc. e que é de classe alta é o Joaquim Pedro.* Os outros não são. Quer dizer, eu sou amigo dos professores da USP, dos professores da GV...".

Durante essa conversa de quase duas horas e meia, transcorrida no interior de um café em Paris, o informante afirmara com convicção que tanto ele quanto a mulher eram originários de famílias de classe média, que não descendiam dos "paulistas de quatrocentos anos" nem nunca fizeram parte dessa antiga alta sociedade paulistana. Sua mulher chegou ao final da entrevista e interrompeu discretamente vez ou outra para complementar ou precisar o que o marido acabava de dizer. Sobre a origem de ambos nas classes médias, ela interveio dizendo que na sua família havia, entretanto, gente dos [família ilustre de São Paulo]. Matizando a visão do marido de que a família de seus pais era "realmente de classe média" – e não de classe alta, como ele próprio é hoje -, sua esposa acrescentou: "Seu pai tinha um irmão que era médico também né".

Esta origem social de classe média que ele insiste ter sido a sua o impede de não se referir, a todo o momento, à sua ascensão social às classes altas. Mesmo que hoje ele pertença aos estratos os mais elevados da sociedade brasileira – sua família dispõe de capital econômico importante e de um capital cultural igualmente significativo -, ele não se sente inteiramente à vontade no rótulo "classe alta" porque, como disse, freqüenta de verdade mesmo uma única família desses grupos muitíssimo abastados. Tal como afirmaram os Pinçon,

[432] GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne.1. La présentation de soi,* op. cit., p. 40.

« On peut être un grand patron sans être membre d'un club mondain. On ne peut pas appartenir pleinement au 'grand monde' si l'on n'est pas dans l'un des cercles qui comptent. Ces institutions sont symboliquement très classantes, mais elles peuvent ignorer des personnes disposant d'un pouvoir important, particulièrement dans l'économie et les affaires »[433].

Essa fragilidade do capital social – relativamente aos capitais econômico e cultural – é vivida como uma escolha, já que ele garante ter mais prazer junto aos amigos do mundo intelectual e artístico, isto é, junto às relações advindas de sua inserção num pólo importante do mundo universitário paulista, onde leciona há cinqüenta anos. Malgrado o fato de que, pelo seu estilo de vida, Carlos Alberto possa ser posicionado nos mais altos estratos da hierarquia social da cidade de São Paulo, o esforço de auto-análise que ele pôs em prática ao longo da entrevista revelou uma trajetória que encarna o suposto de que "as formas de agir e de pensar podem sobreviver a uma mudança nas condições de existência" [434]. Antes de responder à minha questão sobre as obras de arte que adquiriu, ele houve por bem relatar como é que chegou a amealhar o capital econômico imprescindível a essa incorporação material dos objetos artísticos. Apesar de ter ocupado cargos ministeriais no governo do Brasil e de ter sido, por vinte anos, diretor administrativo de uma das mais importantes empresas do país, ele não deixa de se referir às atividades por assim dizer menos nobres executadas ao longo desse seu percurso ascendente, pois, como ele afirma mais de uma vez, tanto sua família quando a de sua mulher haviam falido quando de seu casamento, cabendo ao então jovem casal iniciar um novo núcleo familiar sem muita ajuda de terceiros. As perguntas sobre a importância dada à presença de flores em casa e também às voltadas à trajetória social da esposa nos informam que esta mantivera, junto da mãe, uma loja de flores artificiais, dado que o meu informante complementa dizendo que, na conjuntura do início do casamento, tal empreitada visava "fazer um pouco de dinheiro".

Alguns dos informantes cuja origem social localiza-se nas classes médias relataram ao menos uma experiência de "vergonha social" quando em contato com segmentos das classes altas da época. Sensível ao seu desprestígio (e ao de seus irmãos) nos primeiros anos do *Colégio Santa Cruz*, o neto de imigrante libanês analfabeto Ricardo reconstitui episódios indicativos da "gênese social dos conflitos psíquicos,

[433] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Les ghettos du Gotha*, op. cit., p. 228.

[434] BOURDIEU, Pierre & SAYAD, Abdelmalek Apud WACQUANT, Loïc. « Seguindo Pierre Bourdieu no campo », op. cit., p. 17, nota 11.

particularmente no desenvolvimento dos sentimentos de culpabilidade, humilhação e inferioridade" [435]:

"Não, não tive ensino artístico, a gente era muito pobre, a gente chegou no *Santa Cruz* teve aquele choque de influência com a elite, a gente não entendia nada, a gente morava em Osasco! (...) Era muito difícil de entender para a gente (...) A gente era chamado de 'Osasco' lá no *Santa Cruz* (...) A gente era chamado de Osasco. 'Osasco chega aí' (...) E a gente tinha um sotaque meio caipira, porque tem um pouco de caipira em Osasco (...) Entendeu? Porque o pessoal... Ainda tinha só um pouquinho de sotaque de caipira! Discreto! (...) chamavam ou 'Osasco' ou 'Caipira' (...) E a gente era bom aluno. A gente tirava nota boa e era bom de esporte (...) Então... É, reverteu. Depois da oitava série a gente foi aceito, acabou a história de Osasco. Mas os dois primeiros anos! (...) É. E a gente, naquela época tinha aqueles tênis *Adidas*, que eram chiquésimos. A gente ia com aqueles brasileiros, entendeu? (...) Cara era um inferno, era um inferno, era um inferno! (...) Era *Rainha*, a gente comprava o tênis *Rainha*, que era o mais caro também, meu pai não tinha dinheiro! Porque a gente não tinha dinheiro de pegar o avião e ir para fora (...) E todo mundo voltava das férias! Não tinha, era muito caro ir para fora (...) Eu acho que ficou incutido em mim, essa vontade de sair vem dessa situação conflitante aí, eu acho. Eu acho, quando eu resolvi estudar na França... Eu acho que é uma resolução dessa experiência traumática" (Médico proprietário de clínica e colecionador de arte, 47 anos).

Tendo feito três casamentos e recebido sempre as famílias de suas mulheres em sua casa (uma era professora universitária americana e a outra filha de usineiros de Pernambuco), Ricardo conta que a única exceção fora junto a uma família abastada da comunidade judaica de São Paulo: "Judeu rico não queria papo comigo (...) É, judeu rico é judeu rico, né? Terrível". Clínico geral e proprietário de um hospital na periferia da cidade, seu pai é descrito como um "vencedor", para usar termos dele: "Meu pai é um Vargas, é um getulista, ele é um brasileiro, ele gosta de construir o Brasil (...) O meu pai é o médico mais famoso de C., mais querido, então a gente via pessoas levando galinha, e ele saía à noite para... Bem clínico mesmo, era o primeiro clínico da região".

No seu testemunho, a trajetória ascendente de seu pai, que passara das classes baixas para as classes médias, repercute no seu próprio percurso ascendente rumo às classes altas: a existência gloriosa do pai predizia parte daquilo que ele próprio conseguiria fazer:

"O meu pai vencedor e a minha mãe família. A gente viveu com esses dois valores muito fortes. Então eu sabia que se tivesse uma bolsa eu ia ganhar a bolsa. A gente foi incutido, isso é uma coisa que a gente tinha (...) É, de conseguir! De conseguir, entendeu? Desde que a gente entrou no *Santa Cruz* eu sempre soube que eu podia contar com a minha inteligência".

[435] GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*, op. cit., p. 19.

Filha de um rico proprietário de armazéns e exportador de café de origem italiana, Verônica descreveu da seguinte maneira sua tentativa de adentrar naqueles que eram os colégios-receptáculos das moças das antigas famílias quatrocentonas de São Paulo:

"(...) eu estudei no *Santa Marcelina*, minhas irmãs estudaram uma no *São Domingos*, depois... Ah, a gente teve uma tentativa de *Des Oiseaux*, que ninguém nunca conseguiu se... freqüentar a alta sociedade paulistana, a gente não... não bicava, sabe? (...) Não, e olha a gente quando foi para o *Des Oiseaux* e para o *Sion*, eu fiquei três dias, voltei para casa e fiquei de férias, porque a gente não conseguia, a gente não tinha aquela coisa daquelas grã-fininhas, mesmo como adolescentes, sabe? E... tinha uma divisão muito grande...".

Além do estudo de Maria Helena Bueno Trigo sobre as estratégias de distinção dos "paulistas de quatrocentos anos" [436], a declaração de Marieta, psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um importante empresário de que sua mãe, de origem quatrocentona, referia-se com desdém a "essas suas amigas italianinhas", o depoimento de Verônica de que, por ser filha de imigrante italiano recém-enriquecido nunca fora aceita pelas meninas de famílias quatrocentonas dos colégios *Sion* e *Des Oiseaux*, ou, ainda, o comentário do banqueiro Luiz que os "herdeiros do café" ficavam furiosos quando saíam as listas dos aprovados na Faculdade de Medicina da USP ("Só tem turco, só tem japonês") me permitem ao menos nuançar a interpretação de Warren Dean de que "nunca foi real, ou, quando menos, [que] nunca foi levada muito a sério a distância social entre uma fração proprietária e abastada de 'quatrocentos anos' e o círculo dos imigrantes italianos, alemães, espanhóis, portugueses e sírio-libaneses que haviam enriquecido no comércio, na indústria, na usura ou nos serviços urbanos"[437]. Como lembrou Verônica, uma neta de imigrantes italianos: "O meu pai com o negócio de café ele ganhou muito dinheiro, então ele tinha dois carros maravilhosos importados, então a gente era 'perdoada' do que a gente não tinha de tradição por ter muito dinheiro".

Mas se a freqüentação dos ambientes das altas classes expunha ao risco de experiências humilhantes, ela também representava um estímulo para "subir na vida". Professor universitário e ex-ministro, Carlos Alberto explica sua mudança para as altas classes da seguinte maneira:

[436] TRIGO, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos*, op. cit.

[437] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op. cit., p. 118.

"Você tem que entender (...) eu tinha um amigo, que eu me torno amigo na JEC [Juvetude Estudantil Católica], chamado Joaquim Pedro, um grande amigo meu até hoje, e que era um homem, já naquela época, da classe rica – hoje é da classe muito, muito, muito rica -, e eu tinha um irmão, um ano e meio mais moço do que eu, que já morreu, morreu o ano passado, que fez a GV, mas logo se revelou um bom administrador e começou a subir rápido na vida como administrador. De forma... E eu tinha *Colégio São Luís*. Desculpe, faltou ainda isso, eu tinha *Colégio São Luís*. Então *Colégio São Luís*, Joaquim Pedro que vinha do *Colégio São Bento*, quer dizer, e o meu irmão, né, isso significava para mim uma necessidade de ascensão social. Que embora já estivesse um pouco na minha mãe e no meio pai, embora eles não estivessem muito preocupados com isso, eram classe média alta, né. Eu sempre lembro da minha mãe – isso é interessante para você -, isso ficou marcado na minha... Um dia ela foi a um jantar de classe alta. Porque não ia, não era o, não era (...) Não era habitual. E ela viu uma conversa entre duas senhoras, mulheres que estavam lá, em que uma falava, não sei se era por causa da taxa de câmbio, sei lá o quê, que elas iam sempre a Paris, mas que agora estava impossível (...) E aí a minha mãe completava 'Na certa, dado isso, na certa vamos morrer'. Ou seja, a minha mãe estava gozando, quer dizer, a grã-finagem... A atitude da minha família era muito, muito contra essa coisa... Era grã-fino que se falava na época. Não era distinção. Grã-fino e grã-finagem. Mas eu tinha, eu tinha uma demanda de ascensão social forte (...) Eu tinha essas duas figuras, um irmão que estava subindo porque ele era bom administrador, estava subindo, era o meu irmão. E o outro era um homem rico que era muito amigo meu".

O fato de seus pais o terem colocado para estudar no *São Luís* é compreendido como uma demanda de ascensão:

"Mas eu fui colocado já numa escola de classe alta. Eu fui colocado no *Colégio São Luís* (...) E a minha mãe, quer dizer, resolveu, não só por educação, mas resolveu, ali, tentar uma ascensão social através do *Colégio São Luís* eu acho (...) Mas havia também muita gente que era de classe média alta lá no *Colégio São Luís*, quer era o colégio de elite naquela época".

A determinação material da existência é muito enfatizada pelo informante, não é possível avaliar as chances que foi tendo pela vida sem atentar para o mecanismo distributivo em que esteve enredado: "o que você tem que pensar é o seguinte: é que, para você entender, me entender, você tem que entender a falência do meu pai, a falência do meu sogro". Neste relato, toda a sua existência - a exceção talvez dos últimos anos – foi comandada por seus investimentos financeiros. Como é comum nas carreiras liberais em que médicos e juristas trabalham também fora da Universidade, Carlos Alberto investiu no aumento do volume de seu capital econômico desde mocinho, mesmo depois de se tornar professor de uma importante Universidade brasileira: "O salário era muito pequeno". No seu retrospecto, não é demérito dizer que se dedicou a tal tarefa para ganhar dinheiro, nem revelar que por anos a fio prestou consultoria a uma grande empresa: "Nessa ambição eu fui para o A., né? (...) Quer dizer, e aí vinte anos e depois fui para a política, voltei e fiquei mais seis anos, né, aí para ajudar fundamentalmente a terminar a, a sanar, a sanar... E foi aí que eu me tornei

classe alta. Foi ganhando dinheiro no *A*.". Tendo, no entanto, mantido sempre "um pé" bem fincado no mundo acadêmico, ele também faz questão de mostrar como "chegou lá", em termos econômicos, a custa de muito trabalho, talvez por desconforto em ter mais dinheiro do que seus colegas cientistas, com quem há dez anos convive mais por conta de sua "aposentadoria" de cargos políticos e funções executivas em empresas.

Houve ainda um último caso de informante não nascido nas classes altas no território dos Jardins: uma dona-de-casa e esposa de um industrial residente num casarão em Alto de Pinheiros.

Marly é fundamentalmente a mulher de um bem-sucedido homem de negócios. Ela se preparou e viveu para isso durante toda a sua vida. Justamente por não ser essa a situação da maioria das paulistanas das classes altas dos bairros-jardins – que estão, o mais das vezes, envolvidas com atividades e postos de prestígio em instituições culturais e/ou de caridade -, ela é relevante em minha coleção de casos. Em migração de classe, ela demonstra seu senso das hierarquias já no início da entrevista, ao não conseguir pronunciar o bairro em que vivia com seus pais, limitando-se a dizer somente que seus pais moravam num "bairro muito pobre". Mais para frente, quando alguma cumplicidade já havia sido estabelecida, eu perguntei qual era afinal o bairro, e ela me disse que era a Mooca.

Essa senhora faz pensar no estudo de Bourdieu sobre a sua região natal do Béarn, no qual ele observou que as mulheres aceitaram de forma menos traumática e mais bem-sucedida a crescente dominação do estilo de vida parisiense. Ao contrário dos homens, que tenderam a ficar perto da terra (que não vertia mais nada) e aprisionados a maneiras que, outrora positivamente reputadas viris, passaram a rusticidade desacreditada, as mulheres se mudavam para a capital, onde seriam elegantes secretárias. No caso de Marly, tão logo seu pai melhorara na vida – depois de se tornar representante de vendas de uma multinacional –, ela se pôs a fazer inglês na *Cultura Inglesa* e francês na *Aliança Francesa*. Como o trabalho de seu pai levara a família a Santos, ela veio a São Paulo instalar-se na casa de uma prima que vivia no Jardim Paulistano e era casada com um proprietário de um hospital em São Bernardo do Campo. Ao longo da entrevista, Marly lembra com gosto de como aprendera a preparar uma mesa primorosa com a prima que recebia com muito requinte quase todas as noites promovendo jantares ligados às atividades profissionais do marido. Semelhante solicitação da parentela atesta como não gostamos de todos os parentes da mesma maneira: "Dans le Roman familial, ce sont toujours les figures les plus prestigieuses, les

personnages les plus 'considérables' qui seront pris comme parents de substitution ou comme références idéales"[438].

Depois de casada com um homem que fez dinheiro como industrial, jamais descuidara das muitas e muitas viagens pelo mundo, da elegância do corpo e da sofisticação que cabe a uma grande anfitriã. Seu super-investimento em símbolos de pertencimento à burguesia se deu a ver ainda no empenho para que todos os quatro filhos – que estudaram no *Madre Alix,* no *Des Oiseaux* e no *Palmares* - aprendessem a esquiar muito bem – durante dez anos a família toda esquiava anualmente – e fossem morar nos países cujas línguas estudaram (inglês, francês e alemão). *La Tambouille, D.O.M* e *Vecchio Torino* são, em sua opinião – como na maioria dos informantes dos Jardins – restaurantes que fizeram da cidade de São Paulo a capital gastronômica da América Latina. Quando moça, ela que já tinha diploma técnico de secretariado houve por bem matricular-se no sofisticado curso *Lareira,* ministrado por "senhoras da sociedade" e dirigido à formação de exímias donas-de-casa (ou "curso das mulheres casadoiras", para empregar os termos da entrevistada).

Mas a história familiar de Marly mostra que *a ascensão social é uma experiência solitária*: "minha irmã, eu tenho uma irmã, que ela continuou em Santos (...) Ela é totalmente diferente de mim. Por exemplo, ela não liga para talher, ela não tem o mínimo gosto para arrumar casa, então ela põe arquiteto que faz o que quer lá". Durante o depoimento, ela reclama da irmã que não buscou aprender esse tipo de coisa e que sucumbe ao desleixo aumentando os ponteiros da balança:

"Não tem que ficar gorda, mulher tem que ser, ela tem que ser elegante (...) Ela não tem que ser gorda, então ela tem que fazer regime sim, entendeu? Vai arrumar uma maneira de fazer um regime. Se é fechando a boca, é fechando a boca. Se é fazer uma lipo, porque realmente aquela barriga não vai sair de jeito nenhum e você não gosta de fazer ginástica, você tendo poder aquisitivo, 'tendo o poder aquisitivo', você vai fazer a lipo, entendeu? (...) E eu sempre fui muito, muito vaidosa. Em todas as fases da minha vida. E continuo sendo hoje. E fico muito brava com a minha irmã que engorda, que ela fica gorda, fica com aquele bração (...) E ela come um pote de sorvete. Por exemplo, a gente estava em Nova Iorque, sai do teatro 'Ai...'. 'Restaurante agora eu não vou jantar'. Então ela pega, vai para o hotel, ela come um pote assim de sorvete e eu tomo um chá. Porque eu já aprendi que eu não vou tomar sorvete para ficar gorda que nem ela e aí eu não aprendi a gostar de sorvete, entendeu? Eu dou muito valor a isso, eu acho que a mulher tem que ser... Tem sim que ter uma pele limpa, ela tem que estar bem penteadinha, ela tem que ser magra".

Mas essa senhora cuja residência atesta bem o quanto ela soube adquirir um capital por assim dizer "mundano", não se voltou com o mesmo fervor ao

[438] GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe,* op. cit., p. 175.

aprimoramento de sua disposição estética propriamente dita. Prefere em geral os filmes americanos, o teatro de comédia e os espetáculos da *Broadway*. Os quatro filhos foram repetidas vezes enviados a *Disneyworld* e o cinema nacional que se dispõe a conhecer não é aquele que trata da violência e dos pobres, mas a comédia romântica encenada por Tony Ramos e Glória Pires. Ela que comprou obras de arte no mundo todo não gosta da pintura abstrata nem da surrealista, como também não entende a arte contemporânea das Bienais. Admiradora de Gaugin e Renoir, ela admite, sem constrangimento, que seu apetite de cultura jamais a impulsionara à ida a um concerto.

Nas lutas simbólicas em que o pretexto é a imposição de um estilo de vida legítimo, os móveis de uma casa apareceram como indicador de antigüidade na classe alta, de tal modo que, mesmo uma família empobrecida economicamente faz questão de não se desfazer do mobiliário que passará a todos os filhos, netos e bisnetos do patriarca da linhagem: "(...) quadros, mobiliário também, prataria também temos bastante, e tudo coisa assim que vem de bisavô, tataravô, que a gente conserva, cuida... E sempre gostamos de tapete, bastante coisa (...) e coisas bem requintadas" (Restauradora de obras de arte, 49 anos). Senhores do tempo, os informantes originários das classes altas sempre se referem à herança de parte do mobiliário, como no caso da entrevistada em questão, que avaliou que 70% dos móveis de sua casa foram herdados.

Como que para dar seqüência a uma coleção que remete ao passado, os herdeiros de móveis antigos tornam-se freqüentadores e clientes de antiquários no Brasil e no mundo. Já os entrevistados oriundos das classes médias e/ou de famílias modestas não tinham, pelo contrário, composto suas casas com peças e móveis pertencentes à família de origem, o que significa que, nesses estratos, a posse de capital cultural (materializado) começa na geração deles e, precisamente, com eles ("Minha mãe já não tinha [móveis], minha sogra teve, tinha uns móveis muito bonitos"). Os recém-chegados às altas posições têm a percepção de que entraram em uma corrida na qual eles já estavam atrasados, e isso não exclui manifestações de ressentimento travestidas de atribuição de mau gosto:

Carolina – A senhora vê muita coisa de mau gosto por aí?
Marly – Ah nossa! Muita. Muita. Muita. Muita coisa de mau gosto. Eu tenho um, um sócio do meu marido (...) Eles são de família muito tradicional, muito rica, e de barões de I., e de barões, porque eles receberam uma herança (...) assim de pratarias, muito... Eu fui adquirindo as minhas coisas como eu te falei, *eu não recebi nada* (...) *Então eu não recebi nada da minha mãe*. Então "eu herdei da minha avó aquelas pratas portuguesas que estão lá". Não, eu fui comprando. *Tudo o que eu tenho eu fui comprando*. Eles não, eles foram herdando do barão do café, barão de I., não sei o quê, tal, tal. Então, o que é mau gosto? É você chegar numa sala e porque você tem

aquelas peças, você colocar tudo, tudo lá (...) Então, esse sócio do meu marido, ele tem uma casa de três andares com elevador e tudo aqui no V.. E herdou tudo isso da família, coitado. E ele quer pôr na casa! (...) Então, herdou de uma avó uma, uma vitrine, aí da outra avó outra vitrine... Aí na sala tinham cinco vitrines, cada vitrine, uma vitrine tinha todos os cristais verdes, na outra vitrine tinha todos os cristais azuis, aqueles *baccarat*, aquelas coisas, tal (...) Mau gosto é entulhar as coisas, não combinando, só porque você tem, entendeu?

É claro, na narrativa da dona-de-casa Marly, que a descendência das famílias antigas de São Paulo interfere diretamente no gosto pela decoração da casa. Na sua visão, a pessoa que herda é como que obrigada a mostrar que herda e isso toma conta do princípio de suas escolhas estéticas, tornando-as necessariamente anárquicas, sem critério. Nessa linha de raciocínio, só as pessoas que não recebem nada e compram pessoalmente tudo o que têm estariam em condições de compor um ambiente harmônico e com razão de ser.

Necessidade tornada virtude, o "desapego de herança" de Marly é em tudo oposto ao vínculo incondicional com o mobiliário de Maria Cristina, oriunda de uma família de fazendeiros "quatrocentos anos" vinda do interior e uma das poucas informantes dos Jardins a viver a experiência do declínio social. A obsessão pelos móveis antigos recebidos dos antepassados é tanto mais significativa quanto mais tivermos em vista que sua família vive, hoje, acentuado descenso econômico devido à morte de seu mantenedor e, também, ao fato de o mesmo ter vivido, durante vinte anos, *en rentier*:

"Na juventude assim, quando a gente mudou para cá [para o Jardim América], nós éramos muito ricos. Meu pai estava muito bem de vida. Só que aí ele também ficou muito tempo sem trabalhar, porque o meu avô fez uma Associação Brasileira dos [...], que era o sonho da vida do meu avô. E aí o meu pai quando estava bem de grana falou 'Eu vou pegar esse projeto do meu pai e vou mandar para frente'. E dedicou vinte anos da vida dele para a Associação e aí ele não trabalhava, só gastando o que ele tinha (...) Aí minou toda a nossa fortuna. Mas ele se realizou muito com aquele negócio e está aí a Associação até hoje (...) Nessa época a gente tinha muita grana, foi um tempo bom na nossa vida. Mas aí... Não foi tudo, conseguimos segurar um pouco, porque o meu pai deixou um patrimônio bem legal para a gente. Mas, não dinheiro vivo, deixou assim terras, tudo, ainda estamos no inventário dele aí".

A casa - de grandes dimensões e construída com requinte numa rua cheia de pompa no Jardim América – encontra-se com a pintura toda descascada, a vegetação crescendo desordenadamente e sem câmera de segurança, o que é absolutamente incomum neste endereço aparatoso ("a gente está um pouco desfalcada"). O "brilhante" deixado pelo pai, nas suas palavras, é este imóvel em que reside com a mãe, cuja conservação é dispendiosa e excede à capacidade econômica dos descendentes do

falecido proprietário, que comprara a "residência de barão" (como ele dizia), nos dias de sua máxima opulência econômica[439].

Apesar da falta de condições mínimas de manutenção da casa, a mesma dispõe, no entanto, de um aposento em que se empilham muitos móveis antigos à espera dos casamentos dos netos e sobrinhos. Não se cogita vender esses bens para antiquários – o que atualmente daria um bom dinheiro -, do mesmo modo que não se concebe alugar ou vender barato alguns dos imóveis mais valiosos adquiridos pelo chefe da família no Jardim América. Impressionante, na fala dessa informante cuja família chegara ao Brasil nos idos de 1600, é a recusa em aceitar a nova ordem das coisas em que reina o poder do dinheiro e, não, os móveis, pratarias e louças que personificam a memória dos antepassados. A condição de burguesia algo "ultrapassada" dá-se a ver na própria natureza dos bens deixados pelo pai: terras (fazenda) e casarões em áreas exclusivamente residenciais do Jardim América, que os descendentes não conseguem alugar para fins comerciais devido às restrições das leis de zoneamento. A imensa casa na Rua D., já há alguns anos à venda, não será deixada por qualquer preço:

"O meu irmão fala, a Rua D. é uma das melhores coisas da herança do meu pai, é um brilhante que nós temos, não vamos dar uma martelada nesse brilhante, né? Então a gente está aqui se agüentando há anos porque também não vamos vender na bacia das almas, né?"

Como se vê, tanto em suas propriedades objetivas quanto em suas práticas e opiniões, ela aparece ligada a um passado que se esgota, reagindo a todos os sinais de ruptura com a ordem antiga. Imbuída dos "deveres de representação" [440] ela justifica, ao longo da entrevista, o fato de o pai ter sido enterrado no Morumbi afirmando que o jazigo da família já estava lotado no Cemitério da Consolação.

A julgar pela análise feita por José Carlos Durand, o descenso social de Maria Cristina dá-se a ver já em sua preferência por pinturas acadêmicas, gênero a que se dedica exclusivamente em seu trabalho de restauradora de obras de arte ("Eu gosto muito de arte acadêmica, arte abstrata assim eu sou meio enjoada"). De acordo com o sociólogo, desde fins dos anos 1960 as galerias de arte da cidade empreenderam especializações até então inexistentes: os pintores "modernos" de primeira geração, por exemplo, eram os mais procurados pelos *marchands* de maior capital e mais bem

[439] A casa fora construída por Gastão Vidigal que, depois de nela viver por muitos anos, alugou-a para membros da família Civita para, posteriormente, vendê-la ao pai de Maria Cristina.

[440] ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*, op. cit., p. 92.

situados nos círculos da alta burguesia, levando a que as novas galerias buscassem adquirir, sobretudo, a produção pictórica das novas vanguardas. Ainda que não se possa falar em alijamento do mercado da pintura acadêmica, diz Durand, a conversão do circuito moderno em circuito dominante parece inegável: "É plausível que, diante da predominância da pintura 'moderna' nas galerias mais elegantes as telas 'acadêmicas' tenham sido deslocadas social e espacialmente, ou permanecendo no antigo centro de São Paulo, ou deslocando-se para bairros de classe média e cidades do interior" [441].

Pode-se dizer, portanto, desse caso de trajetória descendente, que o *gosto regressivo* da informante denota o declínio social de sua família, pois, a partir do momento em que a reprodução da posição de classe se torna impossível (desclassificação), só resta se reportar ao passado, fazer referência a um sistema de valores ou, melhor, "a uma lógica da determinação do valor correspondente a um estado superado da estrutura do campo das classes sociais" [442].

Tendo acompanhado trajetórias (sobretudo ascendentes, mas, também, descendentes) de migração de classe, esta seção buscou nuançar a idéia de que no vasto e heterogêneo território dos Jardins existiria uma monolítica fração de elite inteiramente oposta aos segmentos abastados de Alphaville. Existe, como visto, uma parte dos informantes dos bairros da Companhia City cujos avós, imigrantes estrangeiros, deram duro na ascensão social no Brasil e estiveram, por isso mesmo, bastante distantes dos avós daqueles que, oriundos das famílias "quatrocentos anos", combinaram a posse de capital sob múltiplas formas.

Na realidade – e como dito na Introdução – o trabalho de campo em Alphaville objetivava encontrar uma fração contraposta à grande fração que eu supunha existir nos Jardins. Feitas as entrevistas, eu pude encontrar também nos bairros ajardinados da cidade alguns poucos ricos de primeira geração, numa situação semelhante à da maioria dos informantes do Alphaville. O caso mais evidente e mais extremo, nesse sentido, foi o de Marly, dona-de-casa de família italiana da Mooca que se casou com um industrial de família quatrocentona e libanesa dos Jardins. Mas, dado o seu baixo investimento em sofisticação cultural, a trajetória dessa informante permanece, contudo, uma exceção entre os paulistanos - de origem imigrante ou não - dos Jardins que, bastante comprometidos do ponto de vista cultural, diferenciaram-se nitidamente dos depoentes

[441] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção,* op. cit., p. 201.

[442] BOURDIEU, Pierre. *A distinção,* op. cit., p. 426.

do condomínio de luxo fechado, mais despretensiosos culturalmente e satisfeitos em sua opulência material.

Assim, a despeito dessa diferença intra-elite dos Jardins, os que não eram de famílias tradicionais buscaram enobrecer-se o quanto puderam, conforme visto na seção sobre o comprometimento cultural desse segmento, em que destaquei os fortes investimentos educacionais da elite imigrante, entre muitos outros indícios de devoção ao *establishment* cultural (como as atividades de mecenato). Dizer que existe, portanto, em São Paulo, frações de elite que hierarquizam as possibilidades de fruição de bens ao alcance de sua "classe" em favor de escolhas eminentemente culturais é mostrar que o "gosto" - ou a sensibilidade estética - pode constituir, em momentos precisos, parâmetro legítimo de formação de barreiras sociais:

"Que é o melhor vinho, não há dúvida. Então, quer dizer, eu na verdade não procuro... *Acabo fazendo porque isso é inevitável*, mas eu não procuro me distinguir pelo gosto. Pelo gosto não, *pelo gosto sim, porque eu quero ter um gosto melhor do que os outros tanto em comer quanto em artes, cultura, etc.*, mas é de um ponto de vista muito intelectualizado. Quer dizer, eu quero gostar como gostam as pessoas que realmente entendem e as pessoas que realmente entendem de tudo o que é parte cultural são os meus amigos intelectuais ou artistas, que eu tenho alguns amigos também. E não... Eu tenho uma grande amiga que é uma grande escultora, M.H. *Por que é que eu sou amigo dela? Porque ela é escultora*"(Professor universitário e ex-ministro, 75 anos).

Investindo-se dos símbolos da "burguesia", os recém-chegados aos altos estratos dão mostras de acionar os mesmos mecanismos por meio dos quais foram apreciados e julgados anteriormente, tal como ficou claro no caso de Fernando, de Marly, mas, também - como visto acima -, no do professor universitário e ex-ministro, que apesar de iniciar sua narrativa contestando os que ele julga serem os pressupostos da pesquisa ("eu não procuro me distinguir pelo gosto"), termina por concluir que "acabo fazendo porque isso é inevitável". Por conta dessas hierarquias que não se deixam facilmente relativizar, esta última seção sobre os que vivem a experiência da migração de classe acabou tratando dos ressentimentos que acometem esses seres em trânsito, quer em trajeto ascendente, quer em percurso declinante.

5. Alphaville:
Contentamento material e renúncia aos investimentos simbólicos

« Esse contra-senso de se afastar das áreas centrais é até explicável pela ideologia das classes mais ricas. Mas a cidade bem feita é sempre um espaço democrático. Isso apavora esse pessoal que gosta de morar afastado. Não percebem que, com isso, destroem a sua própria cidade, a sua própria moradia. Eu não sei como é que se faz para educar os filhos na adolescência em condomínios fechados. Estão produzindo monstrengos ».

Paulo Mendes da Rocha, *Caderno MAIS!*

Fonte inspiradora dos arranjos espaciais que se reproduzem por todo o país, Alphaville funciona como bairro estanque que tem como motivação central a busca de segurança. Enquadrados no conceito de *cluster*, seus condomínios residenciais têm na portaria o único meio de comunicação com a malha urbana. Desse modo, ainda que, como o Jardim Europa e o Jardim América, Alphaville tenha também se baseado nos conceitos das cidades jardim, há uma diferença crucial em relação ao que vinha sendo feito até então na capital paulista:

« Examinando, por exemplo, os bairros desenvolvidos na Cidade de São Paulo pela Cia. City, isto é, pela 'City of São Paulo Improvements to Freehold Land , Company Limited, sociedade anônima, com sede em Londres, Inglaterra, e filial nesta Capital', tais como Jardim América, Jardim Europa, Alto de Pinheiros e City Lapa, situados em regiões periféricas, afastadas do centro à época de sua implantação, percebe-se que sua malha viária estava preparada para se integrar à malha urbana num futuro mais ou menos remoto (...) As ruas internas de um condomínio residencial fechado, pelo contrário, nunca se integrarão à malha urbana do município a que pertencem (...) essas ruas começam e terminam dentro do loteamento, tendo como única finalidade, ligar cada residência à portaria, único ponto de comunicação com o meio urbano exterior »[443].

Mas não é só a concepção urbanística do condomínio de Alphaville - nem seu estilo neoclássico com fachadas monumentais ornamentadas por colunas e pórticos – que chama a atenção de historiadores da arquitetura e profissionais de decoração doméstica. Como noticiou a *Revista da Folha*, o ethos "novo rico" dos proprietários do condomínio – como o compositor de música sertaneja Zezé de Camargo – dar-se-ia também a ver no uso abusivo de materiais como mármore e ouro [444]. Não parece um

[443] Cf. FERREIRA, Clovis Chiezzi Seriacopi. *A casa dos sonhos*, op.cit., p.101.

[444] Cf. PIEMONTE, Marianne. "Ilustres desconhecidos". *Revista da Folha*, 20 de maio de 2007, p. 12.

acaso que a mesma reportagem tenha discorrido sobre a mansão da família Jafet, no Ipiranga, como exemplo de suntuosidade que "não significa exatamente bom gosto". Inaugurado em 1923 por imigrantes libaneses que fizeram fortuna na indústria da tecelagem, o "Palácio dos Cedros" conta com escadarias feitas de mármores de Carrara e, dada à mescla de estilos oriental, clássico e barroco, é considerado "o auge da ostentação do ecletismo". De acordo com o crítico de decoração inglês Peter York, os ricos e poderosos de origem social modesta, que não estudaram história da arte e da arquitetura e, assim, não dispõem de um capital cultural equivalente ao seu poderio político-econômico, tendem a se orientar por uma idéia de luxo importada dos cenários de Hollywood e/ou de saguões de redes de hotéis americanas, exibindo os símbolos os mais óbvios do que venha a ser riqueza e poder, como mármore, cristais e ouro [445].

Em entrevista junto a uma corretora atuante numa imobiliária tradicional (pertencente a uma família quatrocentona de São Paulo) - com vistas a conferir a pertinência dos bairros que eu havia selecionado -, eu também pude verificar a mesma designação de "novo-rico" para definir o morador do condomínio de Alphaville. Retirar-se tão ostensivamente da vida da cidade seria uma atitude demonstrativa de como as relações de vizinhança estrutural exacerbam as estratégias de distinção social: os chamados "novos-ricos" seriam fatalmente mais preocupados em se separar dos pobres justamente por terem uma trajetória passada que os aproxima dos pobres, contrariamente aos ricos antigos e cultos.

A própria categorização "novo-rico", já me foi dito, encerraria uma classificação de minha parte, como se todo dinheiro novo cheirasse a arrivismo. Não é este sentido pejorativo que "novos-ricos" assume neste trabalho. Se me sirvo dele vez ou outra é porque tal é o termo empregado não apenas pela fala nativa – que se combina assim, à maravilha, com as representações do material de imprensa e os preceitos dos manuais de *savoir-vivre* -, como pelos estudos acadêmicos que se dedicaram às práticas e conflitos dos indivíduos de ascensão recente. O bom gosto como algo alheio aos novos-ricos figura na resposta de um médio empresário russo a uma socióloga:

- « Tu ne te sens pas faire partie d'une élite » ?

- « Je ne me sens pas être une élite. Malheureusement c'est avec beaucoup de peine qu'on peut appliquer le mot élite à nos entrepreneurs, étant donné qu'ils manquent souvent de culture et d'études, qu'un gros portefeuille ne compense pas. Abramovitch a gagné ses 14 milliards en seulement sept ans, alors que la famille Rockefeller a mis 100 ans à accumuler ses 2 malheureux

[445] YORK, Peter. *Dictators' homes.* Londres, Atlantic Books, 2006 [2005].

milliards. Bien sûr que l'argent ne détermine pas tout. L'aspiration à la culture, le désir d'apprendre est présent chez nos entrepreneurs, et avec le temps, ça pourrait les faire entrer dans la catégorie de l'élite, mais pour l'instant ce n'est pas une élite, *ils manquent de goût, de connaissances permettant de se servir de ce goût*, et avant tout ils manquent de critères dus à une longue pratique historique : l'attitude envers le personnel domestique. Nos nouveaux riches ne savent pas bien parler ni aux femmes de ménage, ni au chauffeur, car chez nous pendant très longtemps de tels rapports n'existaient pas. Il y avait une classe héréditaire de serviteurs, tout comme il y avait une classe héréditaire d'aristocrates, et une attitude correcte envers le personnel était une des caractéristiques primordiales de l'aristocratie. Tous les nouveaux riches sont odieux avec leur personnel, et c'est encore un signe distinctif du plébéien »[446].

Uma evidência de que os moradores do Alphaville integrariam uma elite "postiça" revelou-se já em minha primeira consulta à lista telefônica de Barueri, onde estão localizados os residenciais em questão. O anseio de identificação com os segmentos bem postos socialmente há mais tempo dá-se a ver no próprio sistema de nomeação das ruas dos Residenciais I e II: "Alameda Noruega", "Alameda Colômbia", "Alameda Luxemburgo", "Alameda Espanha", "Alameda Grécia", "Alameda Peru", "Alameda Venezuela" e etc. Ora, como se sabe, Jardim Europa e Jardim América são bairros cujas ruas, tradicionalmente, receberam nome de países dos continentes europeu e americano[447]. O sentimento de desonra grupal foi igualmente visível nas auto-ironias de um morador do Alphaville, presidente de uma multinacional e colecionador de arte: "Alphaville é um horror, Alphaville é um esquema de *nouveau riche*, para mostrar, você conhece Alphaville, né?" Cabe lembrar aqui as observações de Elias e Scotson sobre a sociodinâmica da estigmatização, que se faz sempre acompanhar de uma boa dose de assentimento, entre outros motivos porque "os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior de seus inferiores sociais" [448].

Numa visão de conjunto, pode-se dizer que os informantes de Alphaville são pessoas mais simples e menos sofisticadas culturalmente tendo, portanto, se incomodado mais com algumas das questões da entrevista, como se por detrás destas se

[446] KHLOPOVA, Anna. Développement du mode de vie des dirigeants des petites et moyennes entreprises dans la Russie post-soviétique, mémoire de Master 2, Institut d'Études Politiques de Paris, 2008, p. 99.

[447] Fico a me perguntar se é só um acaso o fato da rua em que mora minha diarista, na periferia da cidade, chamar-se "Luanda", portanto, nome de um país da África, e, não, da Europa ou da América. Outro indicador de que o território dos Jardins concentra a "autoridade" em matéria de senso mundano apareceu na *Revista da Folha* de 1º de junho de 2008, cuja reportagem sobre a expansão dos edifícios e serviços de luxo no Tatuapé, na Zona Leste da cidade, teve como título "Um mergulho nos 'Jardins' da Zelê". Cf. OLIVEIRA, Roberto de & LAVIGNE, Nathalia. "Gente fina da zona leste". *Revista da Folha*, 1º de junho de 2008.

[448] Cf. ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*, op. cit., p. 27.

assentassem critérios de excelência social que os exclui. Com exceção de Marcelo, empresário de construtora de arquitetura ecológica e herdeiro de uma família de construtores de condomínios de luxo, os outros entrevistados não possuem obras de arte consagradas e insistem que o importante não é a assinatura do quadro, mas, sim, o quanto ele é capaz de emocionar. O gosto não foi apurado pela via familiar e a recusa da insignificância do tema revela a antítese da disposição estética legítima: "O conteúdo [de um quadro], acho que o conteúdo, a história, o que o artista tentou simbolizar (...) A história que conta, né? (...) O que é que o artista quis representar" (Presidente de multinacional e colecionador de arte, 44 anos) [Entrevista 24].

Seja pela explicação didática da tela *Guernica*, de Picasso, por parte de Bernadete (esposa de um industrial), seja através da digressão sobre as influências toscanas de Pennacchi, por parte de Antônio (presidente de multinacional e colecionador de arte), o fato é que o morador de Alphaville, mais do que o residente nos Jardins, é mais marcado por uma reverência em relação à cultura, mas se trata muitas vezes de reverência advinda de um passado de privação: "eu não sei tocar piano, eu não tive a chance, acho que se eu tivesse tido eu teria ido razoavelmente bem" (Presidente de multinacional e colecionador de arte, 44 anos). Ao contrário dos informantes dos bairros-jardins, os moradores de Alphaville não têm a mais absoluta "certeza de si" nas questões sobre o que poderia ser considerado o "bom gosto": a dona-de-casa Bernadete afirmou mais de uma vez que "eu não vou dizer que eu seja uma pessoa de bom gosto" (...) "Pode até ser que eu não tenha bom gosto" [Entrevista 25]. O alto executivo e colecionador de arte Antônio fez o curso da Associação Brasileira de Sommeliers e, segundo me contou, "saí de lá sabendo que eu não sei nada".

O fato de os residentes em Alphaville serem mais desprovidos de notoriedade social, mais pobres em capital cultural e, ao mesmo tempo, integrarem a primeira e, no máximo, a segunda geração de paulistanos pertencentes aos altos estratos sugere que à antigüidade de acesso às classes dominantes associam-se diferenças na estrutura do patrimônio possuído. Se o modo de existência "burguês" pressupõe uma formação cultural prolongada, pode-se dizer que aí também eles se diferenciam dos moradores dos bairros da Companhia City, já que não dispõem de diplomas altamente prestigiosos nem de um gosto apurado pela vida familiar. A título de exemplo, apenas um informante havia estudado na USP e feito mestrado e basicamente todos os entrevistados falam apenas o inglês como segunda língua (e dois deles estudam o espanhol).

O capital social também se associa estreitamente à antiguidade na classe por meio da notoriedade de um nome ou da extensão e qualidade de um círculo de relações. As entrevistas mostraram que esta também é uma espécie de riqueza mais fraca na estrutura patrimonial dos informantes de Alphaville, comumente considerado um bairro de classe alta pela ciência social brasileira[449]. Em meio às elites de São Paulo, seus residentes figuram como fração dominada por disporem fundamentalmente de poderio econômico e terem origem social mais baixa[450]. Malgrado o fato de que suas ruas adotam os nomes das ruas do Jardim América e do Jardim Europa, o condomínio não vive um mimetismo social: seus residentes não são como as frações de elite dos bairros-jardins e, em grande medida, por conta de sua renúncia aos investimentos de ordem simbólica.

Incompatibilidade entre "gostos de tendência" e "gostos de vontade"

« Cette fin qu' elle avait arrêtée ne démentait pas la cohérence psychologique de son héros: elle savait que, comme tous ceux qu'on appelle 'parvenus' que parce qu' ils ne parviennent pas davantage à faire oublier leurs origines à autrui qu' à eux-mêmes, et qui sont des pauvres exilés chez les riches sans espoir de retour. Dufourneau avait sans doute été d'autant plus impitoyable envers les humbles qu' il se défendait de reconnaître en eux l' image de ce qu'il n' avait jamais cessé d' être » .

Pierre Michon, *Vies minuscules.*

Depois de ter feito a primeira entrevista da pesquisa com uma senhora de família quatrocentona residente no Jardim Europa, fiz a segunda com uma neta de imigrantes italianos (de origem humilde) que hoje reside em Alphaville, onde vive bastante confortavelmente. Essa experiência inicial me fez pensar que estava seguindo uma pista fértil ao procurar *variantes* do gosto dominante em São Paulo: como eu pude ver já nesse início de trabalho de campo, as frações da elite paulistana não são todas iguais, não se engajam nas mesmas práticas, não partilham os mesmos valores e têm nas preferências estéticas um de seus traços distintivos.

[449] CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, EDUSP, Editora 34, 2000.

[450] Cinco dos seis informantes oriundos das classes populares são residentes em Alphaville, não obstante o fato d'eu ter entrevistado vinte e três pessoas nos Jardins.

Contatada por intermédio de um arquiteto que havia feito seu mestrado sobre o condomínio, Bernadete contrasta, em quase todos os seus gostos, com minha informante da alta sociedade dos Jardins. É já na primeira questão ("Se tivesse mais tempo ou dinheiro, gostaria de ter estudado mais do que já estudou formalmente"?) que ela exprime sua "boa vontade cultural", sua crença de que o "cultivo de si" é bom, mas, algo que, dada sua origem modesta, não estivera sempre ao seu alcance:

"Olha eu fiz vários cursos, sem ter tido condições como solteira, como casada, uma parte do... o início do casamento, embora eu fizesse... mas não dava muito também... mas eu acho que *eu sou uma eterna estudante*... eu sou eterna tanto que agora estou fazendo um curso de desenho, porque a minha filha me cobrou isso para eu ajudá-la nos desenhos".

Essa trajetória de quem, não advindo de famílias cultivadas, passou a vida fazendo "vários cursos" ("É porque a minha família assim, vamos dizer, ela é de poucas condições, né? Não que a gente fosse pobre, mas, trabalhadores..."), é exemplarmente ilustrada num romance húngaro do século XX:

«Tu sais, naturellement, tout ce qui peut séparer ceux qui, grâce au hasard de la naissance, ont eu l'occasion d'entrevoir le secret de la vraie culture et ceux qui ânonnent simplement leur leçon. Cette différence existe bel et bien, et une vie entière ne suffirait pas à apprendre ce genre de nuances... Pour le petit-bourgeois, mon vieux, la culture – et tout ce qu'elle comporte – ne constitue pas une expérience vécue, seulement un ensemble d'informations... »[451].

Sua relação "escolar" com as obras artísticas evidencia-se no fato de que todas as suas atividades artísticas estão ligadas às exigências educacionais e, posteriormente, profissionais da filha: na Dinamarca foram ver os designs de cadeira que a filha precisava conhecer, no Louvre fizeram o percurso das obras com as quais ela precisava se familiarizar para o vestibular; o Mercado Municipal ela conheceu em detalhes por conta de um projeto de reforma hipotético que a filha teve que fazer como trabalho de faculdade, entrou em contato com fotógrafos "badalados" porque eles fotografam as peças da filha, etc. Quando, entretanto, ela discorre sobre seus programas sociais, os espetáculos culturais são preteridos, o que denota certa incompatibilidade entre seus "gostos de tendência" e seus "gostos de vontade":

Carolina – E você acha, por exemplo, que a gente tem que se arrumar melhor para ir num concerto, por exemplo, ou não?

[451] MÁRAI, Sándor. *Métamorphoses d'un mariage.* Paris, Albin Michel, 2006, p.159.

Bernadete – Não, eu acho assim, não é só em relação a concerto, nem a... Eu acho que se você está em casa, tenho, eu posso ficar com meu tipo de roupa. Se eu for passear no *Shopping* de tarde eu já não vou desse jeito, ponho uma roupinha. Eu não sou também dondoca, nem dessas que se vestem... Mas eu acho que tem que ser outro tipo diferente de roupa. Se eu for a um batizado, a um aniversário, dependendo do tipo de aniversário, a um casamento, para cada momento eu acho que existe uma roupa certa.

Nenhuma inclinação ao gratuito emerge, portanto, de suas várias práticas culturais, motivadas especialmente pela necessidade de ajudar a filha que é designer de jóias[452]. Além do curso de desenho que realizava no momento da entrevista, outros feitos na área de decoração também podem explicar o fato de que os gostos em matéria de pintura são os únicos em que Bernadette, que trabalhou como construtora e administradora de obras em Alphaville, não destoa tanto do que se reputa disposição estética legítima.

Mas apesar de ter feito cursos de história da arte e declarar seu amor pelo surrealismo de Dali, Bernadete - que tem Picasso como pintor favorito - justifica a presença de um grande painel na principal sala de visitas - pintado por uma de suas amigas e retratando em diversas cores os contornos de vários corpos femininos – como uma escolha declarada pelas imagens "não-agressivas": "É de uma amiga minha, ela nem assinou porque ela achou um desafio para ela, ela mesma não gostou e eu adoro esse quadro, porque eu acho que ele é assim, embora ele seja grande, tenha cores, *ele não é agressivo, porque eu não gosto de nada visualmente agressivo"*. Nesse sentido, é significativo que, apesar de concordar com a opinião "legítima" no meio fotográfico de que todo e qualquer objeto pode resultar numa fotografia interessante, ela aponta prontamente, como objetos "fotografáveis", uma paisagem e um pôr-do-sol:

"Todo objeto, uma paisagem, eu acho... Mas você tem que pegar, né, a luz certa, o momento certo para que aquela paisagem tenha um sentido. Um pôr-do-sol muito especial... Para ser uma foto artística, não é, para você dizer que justifica você ir a uma galeria ver uma, ver uma coleção de fotos, né, porque só pode ser foto artística" [453].

Da mesma forma, apesar de declarar que a pintura acadêmica não a atrai mais como antigamente ("o retratado a gente tem em fotografia") e que o conteúdo importa

[452] Formada em desenho industrial na Faap, Luana tem 26 anos e é já proprietária do seu próprio negócio localizado nos Jardins.

[453] Para uma análise de como as paisagens (como um pôr-do-sol) são imagens recorrentes criadas pelos consumidores de arte abstrata ver HALLE, David. *Inside culture: art and class in the American house*, op. cit.

menos do que o traçado e as cores empregados pelo pintor, ela não é propriamente indiferente à temática, já que avaliou que "em cima da cama do casal não precisa ser uma cena pornográfica como muita gente põe (...)". E também impõe restrições à arte abstrata e à contemporânea:

"É o que eu te disse, só não gosto daquele negócio de atirar pincel. Isso para mim não faz sentido, é um cara que é louco, realmente está precisando fazer uma baderna. Mas tem que ter um... Dentro daquela loucura, tem que ter uma coerência, tem que ter uma base, tem que ter uma composição, tem que ter um equilíbrio, tem que ter uma harmonia... Se você sentir tudo isso, o resto não importa. Eu comprei um quadro agora totalmente doidão".

Vê-se, assim, claramente, o quanto as condições sociais da produção do gosto não podem ser reduzidas à formação especificamente artística dos informantes. Isso porque, no caso de Bernadete, os valores (não exatamente estéticos) do "trabalho", atividade à qual a família deve tudo o que tem, são prontamente evocados quando se trata de definir os critérios do que vem a ser uma prática artística louvável:

"E a minha filha, todo trabalho que tem que fazer de escola, começa a recortar de qualquer jeito e eu dizia 'Não, *isso aí não é trabalho*, trabalho é aprender a recortar direitinho', é pegar um papel grande em que a pessoa a uma certa distância ela lê sem as palavras, porque é muito mais fácil você entender...eu acho até pela minha memória...visual, então eu gosto de tudo o que tem um sentido visual, as palavras às vezes passam meio difíceis no meu ouvido".

A explicitação de modelos de conduta conformistas orienta todo o sistema de preferências que corresponde, por sua vez, ao perfil clássico dos grupos materialmente abastados sem um enraizamento anterior no mundo da sofisticação estética: predileção pelo cinema americano - que se vê em casa, no DVD -, rejeição do teatro que desconcerta as convenções burguesas – cenas de nudez são desrespeitosas -, afeição por best-sellers como *O código da Vinci*, desconhecimento de música erudita, afeição pelo programa dominical da Rede Globo *Fantástico* e limitada familiaridade com línguas estrangeiras - só aprendeu o inglês, curso que uma firma em que trabalhou podia lhe pagar:

"É que também não tinha tempo, eu trabalhava, queria fazer o colegial, entrei numa faculdade de línguas, também, né, que foi anglo-saxônica, mas não acabei. E a firma que eu trabalhava, a *Philips*, 'olha, uma faculdade a gente não pode te pagar Bernadete, mas podemos te pagar curso (...) que te desenvolva para o departamento em que você trabalha'. E o meu departamento precisava de inglês. Então, vai fazer o quê? Vai entrar aonde? Fui para a *Cultura Inglesa* e fui lá quase até o final".

A dedicação aos saberes "gratuitos" é tardia em sua vida e, assim, algo adquirido fora do recinto doméstico e, mesmo, da escola da infância e da adolescência:

"É porque ler mesmo eu fui aprendendo mais tarde. Mas não a literatura... Eu fui estudar literatura, mas inglesa né, quando eu fiz (...) a *Cultura*. Foi onde eu comecei a me interessar por ler bastante, e aí começar a ler livros... Mas aí eu já lia traduções, entende, não eram bem os Doms, Dom Casmurro. Hoje... Eu tenho toda a coleção aí, um dia eu ainda vou, vou pegar porque deve ser interessante, né?"

Apesar de situar sua família no nível de renda "mais de 80 salários-mínimos mensais", essa moradora de Alphaville não investe significativamente na compra de obras de arte nem em assinaturas para temporadas de concerto, o que indica não apenas a estrutura quiasmática de seu capital, mas, também, o fato de que nessas searas a honorabilidade social não se assenta na competência cultural. Enquanto entre os residentes dos bairros-jardins encontramos vários possuidores de obras de artistas importantes (Francis Bacon, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lygia Clark, Mira Schendel, Krajcberg, Tomie Ohtake, Portinari, Volpi, Guignard, Bonadei, Di Cavalcanti, Pancetti, Cícero Dias, Hiroshige, Almeida Júnior, Hélio Oiticica e outros), Bernadete não freqüenta galerias nem leilões e compra quadros de artistas amadores não consagrados no meio artístico especializado:

"(...) foi um vernissage que a gente foi, de uma pessoa conhecida, por sinal ela era médica. Foi médica durante trinta anos no Hospital das Clínicas, ela nunca teve consultório, trabalhou sempre mais na área de pesquisa, tal, ela e o marido. E aí ela se aposentou. Quando ela se aposentou ela entrou num curso de artes plásticas. E agora ela... (...) Pinta, faz aí os vernissages dela... Mas ela está numa fase agora um pouco perigosa, aquela fase de experimentar colar madeira junto com não sei o quê, eu não sei, essa eu ainda não cheguei nessa".

No tocante a residências secundárias, elege o Guarujá como o melhor lugar para se ter uma casa de veraneio e assume que saiu muito para jantar tendo como destino as churrascarias ("a gente chegava a sair para comer churrasco, houve um tempo... a última vez que eu fui passei mal, falei 'não, chega!'"). Já o mapa "caseiro" que me enviara indicando o percurso até a sua casa é emblemático desses setores afortunados economicamente, mas destituídos de capital cultural de longa data ("*não dava para aprender direito porque eles* [os familiares imigrantes] *inclusive não tinham uma cultura de falar bem*"). Ao contrário de uma informante artista plástica residente no Jardim Europa que fez questão de frisar que não freqüentava nenhum dos dois *Shoppings* colados à sua casa (o Iguatemi e o Eldorado) – e diferentemente do pianista, maestro e compositor Marcos que afirmou, sem mais, "Eu detesto Shopping" -,

Bernadete me fez um desenho que continha como referências o *Shopping* Eldorado, o *Shopping* Villa-Lobos e o Laboratório Fleury. O *Shopping* é, aliás, um destino evocado de forma recorrente quando uma saída de casa é mencionada:

"(...) se eu tiver que ir num *Shopping* para ver alguma coisa ou para passear, domingo, por exemplo, às vezes você vai passear no *Shopping*. Almoça lá e vai passear. Logicamente é uma roupa um pouquinho mais própria para um passeio. Se for *Shopping* em São Paulo um pouquinho mais".

Ao contrário de Marieta, desde sempre mundana e cultivada, Bernadete não dispõe da Cultura como "um bem de família", e isso é claro em todo o seu depoimento. As questões sobre os filmes e as peças de teatro que mais a marcaram denunciam sua incapacidade de suspensão dos julgamentos morais na avaliação das obras de arte, como dá a ver o tom de indignação moral que orienta seu julgamento do filme "Filadélfia". Dirigido por Jonathan Demme e estrelado por Tom Hanks, o filme norte-americano de 1993 narra o processo de "proletarização do status" de um advogado homossexual vítima da Aids:

"Um filme que me marcou bastante foi Filadélfia, que foi interessante esse filme. Eu assisti ao filme inteiro sem me emocionar. Todo mundo emocionado...porque o cara vai morrer...só que eu falava assim 'Mas ele procurou essa vida, ele' (...) eu falava 'ele está colhendo o que ele..., né?'".

A ausência de uma opinião propriamente estética do longa metragem que mais a marcou vai ao encontro de outras atitudes em matéria de cinema: preferência pelas salas de exibição da rede *Cinemark*, pelas grandes produções cinematográficas norte-americanas e pela seleção dos filmes em função da participação de atores conhecidos e, não, de diretores, como exige a disposição "cinéfila". As suas referências são sempre os atores, mesmo quando a pergunta é sobre os diretores: "marido da Sofia Loren... Eu não lembro os nomes, eu tenho problema com nome, marido da Sofia Loren". A opção pelo cinema norte-americano justifica-se no fato de que os europeus seriam muito sérios e melodramáticos, e as produções nacionais incorreriam no erro de mostrar apenas "um Brasil". Vê-se bem que, no quesito "cinema brasileiro", nada a diferencia de muitos dos habitantes dos Jardins, que também manifestaram desgosto do cinema nacional que tematiza a violência e os pobres:

"Eles não aprenderam ainda a mostrar um Brasil que... nós temos dois Brasis, e eles só mostram a parte ruim, quer dizer, o povo de fora só conhece a gente por essa parte de violência, de pobreza... Não é pobreza, de miséria, porque ser pobre é uma coisa e ser miserável é outra. Tem

quem mora num barraco feito aqui na beira da marginal, falei 'pô eu acho engraçado eles fazem aquelas casinhas de cachorro, falei qualquer dia eu vou parar e eu vou conversar com um cara por que é que ele não faz aquela casinha num tamanho maior e vende para o pessoal, pelo menos morar numa casinha bem feitinha. Não, eles pegam aquelas madeiras, cruza de um lado e de outro, aí depois ele vai fazer a casinha do cachorro direitinho, você já reparou? '" [454].

A intolerância diante do que é vivido como uma "agressão" ao público "direito" dá-se a ver em suas apreciações em matéria de teatro:

"A gente foi assistir uma peça do Ney Latorraca, até então eu tinha uma admiração por ele, porque eu tinha assistido uma peça com ele e o Nanini, *Irma Vap*, que eu achei espetacular. Assisti duas vezes, de tão espetacular que achei (...) Então quando teve esse do Latorraca, ai a gente foi logo porque era aquele 'O médico e o monstro'. Já é um clássico, né, o Ney Latorraca, vamos lá, né? Eu acho que o cara tinha bebido um pouco durante a peça porque eu acho que já é um desrespeito pela platéia, como aquela artista que canta, que entra drogada, cai no palco. Então na peça, quase no final, ele fez assim: 'Agora vocês vão conhecer um outro lado do Ney Latorraca'. Apresentou toda a peça... não tinha terminado, ainda estava no momento final da peça, ele virou para o palco e fez assim 'Agora vocês vão conhecer um outro lado do Ney Latorraca'. Advinha o que ele fez? Virou para o público, de costas, e abaixou as calças. Gente, mas faz tempo isso. Eu falei 'eu vou levantar'. Meu marido me agarrou o braço 'não você vai ficar aí'. 'Não eu não tenho obrigação de ficar vendo a bunda dele'. Não, meu marido não me deixou porque a gente estava nas primeiras fileiras, ele falou 'sabe o que que vai acontecer? Quando ele te ver no corredor ele vai te esculachar'. Aquilo me fez sentir uma coisa tão sufocante, tão aprisionada na cadeira, o braço do meu marido me agarrando. 'Ele vai debochar de você, você vai sair daqui, vai ter gente do lado dele e vai ter gente contra ele'. O fato é que ninguém levantou... Eu acho que [a reação do público] foi a mesma que a minha. A minha, na verdade, era levantar e ir embora. Eu sempre fui meio intempestiva né? Mas eu acho que todo mundo pensou na mesma coisa, porque não é possível" [455].

A informante ficou apenas um pouco menos desconcertada numa outra peça, encenada por Raul Cortês, em que este último e um jovem ficam nus na beira do palco: "Eu sabia que naquela peça ele ia fazer papel de um homossexual, só que eu não esperava que eles iam ser tão explícitos, né? E bem na cara da gente!" [456]

[454] Segundo me informou uma amiga socióloga da violência, essas pessoas que vivem à beira da Marginal fazem caprichosamente as casinhas de cachorro porque elas são fontes de renda, eles as vendem.

[455] Tendo entrado em cartaz em 1986 sob a direção de Marília Pêra, *O mistério de Irma Vap* apresenta todos os elementos característicos de uma produção cultural "grand public": teve mais de 1.500 apresentações até 1997, bateu recorde de tempo em cartaz com o mesmo elenco e foi vista por mais de 2,5 milhões de pessoas. Além disso – e como avaliou um dos atores da nova montagem que entraria em cartaz num teatro de *Shopping* em 2009 – "É um texto de *puro entretenimento*, uma diversão, uma fábula não localizada numa região, num grupo social. É uma historinha de terror-humor *confortável*". Cf. NEVES, Lucas. "Médici e Scapin recriam 'Irma Vap': dupla substitui Marco Nanini e Ney Latorraca, protagonistas da montagem original, comédia de sucesso nos anos 80 e 90". *Folha de São Paulo*, 21 de setembro de 2008, p. E6. Grifos meus. Um outro informante de Alphaville também apresentou *Irma* Vap como a peça que mais o marcou.

[456] Em contrapartida, o pianista, maestro e compositor Marcos expressou a atitude de abandono moral própria aos artistas e, em menor medida, aos intelectuais: "(...) eu acho ruim, digamos, o cara que só usa terno e acaba ficando fechado e assumindo 'Eu sou um senhor', 'Eu sou um cara respeitável (...)' Como

Muito significativa desse sistemático julgamento ético dos bens estéticos foi a compra de um dos poucos quadros que figuram nas paredes de uma das salas, motivada exclusivamente pelo fato de que o autor era um deficiente físico:

"Tem um quadro de um rapaz que pintava, eu não lembro qual era o defeito físico que ele tinha, mas era uma coisa impossível de pintar, e eu achei que merecia, tinha muito valor (...) Eu sei que ele tem um defeito físico muito grave, mas ele pintava assim mesmo (...) Meu marido trouxe, perguntou se eu gostava, me contou a história dele, você vê que é uma pintura meio de traços né? Parece que era com a boca que ele pintava (...) ele punha o pincel na boca e pintava, e eu me emocionei com isso daí e achei que... sabe? Valia... o cara tinha mérito, achei que tinha muito mérito. Muito mérito".

A identificação com os personagens e suas peripécias é visivelmente um componente essencial para que uma obra mereça sua atenção, como dá a ver sua apreciação do livro *Amor em tempos de cólera*, de Gabriel Garcia Marques:

"Os livros dele se encaixam muito com fases da vida da gente, foi interessante porque quando eu li este livro o meu sogro tinha falecido, e tudo o que estava acontecendo depois era igualzinho. E eu lia o livro, eu chorava, porque não é possível, esse homem, o que ele tem na cabeça que ele sabe de tudo isso? Como é que ele sabe da vida de todo mundo desse jeito? Tudo o que aconteceu, no final e depois da morte dele (...) todos os envolvidos da família, nossa, só faltava pôr nomes ali, é impressionante".

Bernadete possui ainda outros traços típicos dos que começaram a se cultivar tardiamente, dada à inspeção permanente de si e dos outros, como revela o dado de que tem sempre vontade de corrigir cada vez que ouve alguém cometer erros de português, apesar de ela mesma ter cometido erros ao longo da entrevista. Como avaliou Cooley, « une valeur d'un type determiné est d'autant plus revendiquée par ceux qui en sont dépourvus qu'elle est plus reconnue et admirée »[457].

O apego a todo tipo de regra se mostra ainda no comentário de que, ao longo de sua formação escolar, sempre teve predileção pela gramática da língua portuguesa, e, não, pela literatura: "A minha paixão mesmo era quando tinha, por exemplo, chamada oral de preposições... ler mesmo eu fui aprendendo mais tarde".

---

era antigamente. 'Então eu preciso criar uma carapaça muscular, eu preciso ter um terno, eu preciso... Não posso dar risada, não posso...'. É isso que envelhece". E nesse sentido, outro dado relevante de sua biografia diz respeito ao fato de ter participado de uma das fotos de Spencer Tunick, fotógrafo norte-americano que documenta a nudez das multidões.

[457] COOLEY, Charles H. APUD GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation de soi.* Paris, Minuit, 1973 [1959], p. 41.

Sua posição social se baseia fundamentalmente na posse de capital econômico e, talvez por isso, ele seja evocado a todo o momento, como se Bernadete estivesse a tatear uma condição ainda não inteiramente internalizada ("Geralmente *quando dá* a gente viaja [para fora do Brasil]"). Seu desapossamento cultural não exclui sua docilidade com relação aos mecanismos de distribuição do valor cultural: sempre que viaja para o exterior costuma consagrar uma boa parte da viagem aos chamados programas culturais, como as visitas a museus e catedrais: "Tem que ter sempre a parte cultural porque a parte cultural é a história". Menosprezado pelos "cultivados de nascença", esse ethos "escolar" dá-se a ver no fato de que, quando teve a oportunidade de acompanhar um curso de História da arte, anotou tudo e tanto que o próprio professor pedia sempre seu caderno para se lembrar do que já tinha ensinado: "Eu tinha a seqüência porque eu não queria esquecer de nada. Aí viajei de novo em seguida, aí já fui com o meu caderninho já entendendo... toda vez tem que ter uma parte cultural". Outro testemunho inequívoco de "boa vontade cultural" aparece na importância atribuída à foto-suvenir, que registraria um patrimônio inalienável: "Eu preciso guardar aquele momento porque diz-se que a viagem, os conhecimentos que você tem, que você vê, é a única coisa que ninguém nunca vai me roubar, podem me roubar o álbum fotográfico".

A baixa freqüência a concertos/shows e o conhecimento restrito da música de um modo geral são narrados de forma envergonhada, o que atesta, uma vez mais, alguma incompatibilidade entre os seus "gostos de tendência" e os seus "gostos de vontade": "É a música é onde eu peco, em toda essa parte de arte eu acho que eu peco na música". Apesar de não ter o hábito de ir a shows, Bernadete afirma que teria ido com gosto ver a uma apresentação de Ivete Sangalo, Paul Mcarteney ou Charles Aznavour, artistas que não foram citados por nenhum dos informantes dos Jardins. Ela que em matéria de pintura não gosta de nada que seja "agressivo" emite comentários análogos ao discorrer sobre suas preferências musicais, dando a ver, aqui também, a incapacidade de suspensão de julgamento moral na avaliação das produções culturais:

"De CDs a gente tem aqui em casa alguns clássicos, que o meu marido gosta (...) quer dizer, não sei se ele gosta. E tem os meus Beatles, uma coleção dos Beatles aí que eu gosto porque é uma música gostosa, embora ela tenha feito um efeito meio radical na... eles mudaram toda a juventude e até hoje né? Acho que ficou todo esse... mas eu gosto de ver eles cantarem, entendo o que eles estão falando, *mas procuro não me influenciar pelo que eles falam porque é muito perigoso*".

Instigada a emitir julgamentos musicais, ela também fez comentários que não diziam propriamente respeito às composições dos artistas em questão: “Bom, infelizmente a música brasileira tem o Caetano, muito simpático, cada vez mais bonitão, porém aquela moleza dele me irrita [fala com sotaque baiano]. O Gil a mesma coisa”.

A insegurança própria aos que só recentemente se iniciaram nas práticas cosmopolitas historicamente associadas aos setores há muito bem postos socialmente revela-se na preferência pelas viagens em excursão, sobretudo depois que ela e o marido se perderam na estrada numa viagem de carro pela Itália:

> “Nós tínhamos andado uma hora e meia. Aí ele se deu conta que estava errado. Eu disse ‘Está vendo, do lado de cá tem isso, do lado de lá tem aquilo’. ‘Poxa vida, será que...’. Agora ele confessou ‘Não, realmente melhor mesmo para viajar é excursão, porque aí o ônibus vai para onde quer, se tiver que atravessar alguma fronteira que tenha algum problema eles mesmos se encarregam disso, tal’. Aí ele resolveu”.

Enquanto os informantes dos Jardins afirmam detestar viagens em excursão (“é péssimo porque você é obrigada a ficar íntimo de quem você não conhece”; “eu tenho um certo pavor disso”), Bernadete insiste que seu marido também tomou gosto por essas viagens em grupo pilotadas pelas agências de turismo: “ele gosta porque ele acha que ele descansa mais, se ele quer descer, andar para caramba, ele vai, senão ele fala ‘ó, vou ficar aqui descansando’”.

Por fim, ela admite não escutar rádio nem ler de forma sistemática o jornal impresso para se informar, já que prefere o acompanhamento televisivo das notícias por meio do programa do Datena (“quando ele não está muito atacado”), do jornal da Bandeirantes e do Jornal Nacional. Nesses momentos, não é raro que o seu marido tente mudar o canal para encontrar um jogo de futebol ou de tênis, sendo esse último uma modalidade esportiva que ela admira bastante: “Os jogadores *têm um jeito fino de jogar*, uma coisa bonita, né? (...) Agora, não suporto futebol, que eu acho agressivo demais, *não é um esporte fino*”.

“Eu não nasci em berço esplêndido”: a ascensão solitária

O único quadro da sua sala tem por volta de dois metros por um, é muito colorido, com grandes pássaros que ocupam o primeiro plano: tucanos, papagaios e outros sobre um fundo repleto de folhas de floresta virgem em tons de verde bem vibrante. Feita da técnica de batique, a obra parece não ter nenhuma pretensão específica, a não ser a de ser viva e colorida: ostenta um estilo bastante elementar em que a força do visível é valorizada como elemento de decoração. Segundo meu informante, a exaltação da natureza do Brasil tão ostensivamente retratada nessa pintura figurativa estava ali de destaque em sua sala pois os sócios escandinavos da empresa, assim como os outros estrangeiros que passavam sempre em seu escritório, adoravam essa tão reiterada apresentação de um Brasil exótico: “isso é mais para gringo”.

Levando às últimas conseqüências a compatibilidade entre o mundo dos negócios e o mundo das artes, o próspero presidente de multinacional e colecionador de arte assumiu, ainda que um pouco vexado, que suas investidas no mercado artístico visavam deliberadamente aos ganhos financeiros. Ele não tem mais onde colocar cavaletes em sua residência no Alphaville, sua coleção é numerosa. Mas a propriedade cultural em estado objetivado (bens, títulos) não se faz acompanhar, no caso de Antônio, pela propriedade cultural em estado incorporado (disposições), já que na entrevista ele se mostrou destituído para responder a perguntas mais ou menos elementares como “o que você acha da pintura surrealista?”

Antônio encarna a figura da “elite profissional” de parca inclinação ao gratuito. Faz gosto em dizer que em sua casa todos os espaços têm sua utilidade e que, da mesma forma, áreas reputadas “de serviço” - como a cozinha - são também os ambientes sociais da residência. A condição de neto de um médico formado na primeira turma da faculdade de medicina de Salvador não é o suficiente para deixar de ver nele o ethos de uma elite profissional que exprime, também em suas escolhas estéticas, apreciações utilitárias, contrariamente a outros grupos de elite que investem muito mais em funções de representação e prestígio, e não concedem significado crucial a questões de receita e despesa. Feito os homens de comércio do *Quattrocento* que, atribuindo um valor excepcional a certas técnicas matemáticas, eram sensíveis aos quadros dotados de proporcionalidade pictural, isto é, “aos quadros que portassem traços de processos

análogos” [458], o entrevistado recém enriquecido tem na “economia” o critério formador de sua experiência visual e de suas formas de estilização da vida: apesar de achar importante ter um *Dior*, por exemplo, assume que não se sente bem em comprar roupas de grife no Brasil “porque são muito caras”, comprando-as somente quando em viagem ao exterior. O apartamento no Guarujá foi vendido porque “dá muito gasto”, as viagens de lazer estão sempre a reboque das viagens a trabalho. Vivendo num mundo que prima pelo senso do cálculo econômico, ele tem em tal princípio o guia de todas as suas práticas: sobre a melhor maneira de presentear sua mulher, não hesitou em afirmar que era comprando-lhe jóias legítimas (“Para ela é jóia, acho legal, acho perene”), como se estivesse a afirmar que, numa eventualidade, tais objetos “perenes” poderiam lhes servir de caução, o que fazia com que tal presente fosse, antes de tudo, um “investimento”, uma salvaguarda do patrimônio familiar.

Nós havíamos evocado, no início da conversa, uma anedota que constaria num livro sobre o Conde Matarazzo: seu filho entrava em seu alfaiate e ia logo encomendando vários ternos, enquanto que ele, tido por um dos homens mais ricos da América Latina à época, continuava comprando um terno a cada vez. Quando indagado sobre o porquê do comedimento dos gastos em relação ao total desprendimento do filho ele respondera: “Meu filho teve pai rico, eu não”. Tanto os pendores utilitários do informante quanto a reputada austeridade de Matarazzo ilustram a proposição de Elias de que “a motivação pela ‘honra’, as exigências de distinção e de prestígio tomam seu lugar após uma ou duas gerações” [459]. Ilustrativo disso, na história desse informante, foi o fato de que ao levar as filhas para conhecer a Penha, bairro em que nasceu e morou durante todos os seus anos de formação, ouviu de uma delas “nossa papai, como você era pobrezinho”, numa demanda evidente de que ele deixasse de lado as (não muito bem cotadas) fidelidades identificatórias originais[460].

Nas auto-representações dos paulistanos residentes no Alphaville, a superioridade social é largamente determinada pelo papel profissional, diferenciando-os das elites dos bairros-jardins que, como visto, estão mais próximas dos informantes de

[458] BAXANDALL, Michael. *Olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da renascença.* Tradução de Maria Cecilia Preto R Almeida. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p. 177.

[459] ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte,* op. cit., p. 84.

[460] Sobre o modo como o abandono dos hábitos originários é vivido como uma negação de seus origens, um ruptura de seus vínculos primeiros e, em suma, uma “traição”, consultar GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe,* op. cit., p. 196.

Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, que possuem uma acumulação de capitais sob múltiplas formas, tornando a posição social irredutível à posição ocupada no sistema produtivo. Em Alphaville, ao contrário, os entrevistados têm origens sociais mais modestas do ponto de vista econômico, cultural, social e simbólico. Nos testemunhos desses informantes recém chegados aos mais altos estratos, a referência aos "primos pobres" é constante, dando a ver a distância entre a posição social de origem e a de chegada. Quando discorre sobre as razões que o levaram a vender todas as suas casas de veraneio, Antônio relembra com desgosto das "brigas de irmão" para ver quem poderia emprestar os apartamentos que teve na praia:

"No Guarujá, tive numa praia em Porto Alegre, tinha um apartamento aqui e um apartamento em Porto Alegre, tive, tive já. Mas eu hoje, eu acho que é mais legal a gente combinar mais ou menos tudo na tua única casa, e depois vai para o hotel, cara! Sabe você tem um apartamento lá, puta, aí você não quer mais ir, aí você, puta, *tem briga de irmão que quer ir*. Aí tem não sei o quê, aí os caras vão e te detonam, aí, puta, *você só vai lá quando o empregado te liga para a manutenção* (...). É muito trabalho, pouco prazer, *péssimo investimento*"[461].

Utilitário, tudo em sua vida, dos presentes à mulher à compra de obras de arte tem fins de investimento, ele não pode abandonar o percurso de aumento de seu capital econômico. Os deveres da profissão - à qual ele deve tudo o que é - condicionam todas as suas escolhas: fluente em inglês e espanhol, duas línguas que estudou para fins de "desenvolvimento profissional", ele afirma, contudo, que "francês seria uma língua [que gostaria de aprender]. Eu acho o som muito bonito... Quando eu comecei a estudar na escola aqui no Brasil tinha ainda francês (...) Então eu trago isso dentro de mim, eu gostaria de retomar. *Mas é uma língua que, profissionalmente, não me dá muita perspectiva"* [462].

Numa exaltação dos valores do esforço, da moderação e da seriedade, ele afirma que as férias nunca ultrapassam duas semanas e são sempre e invariavelmente conjugadas com viagens de trabalho[463]. O baixo apego ao que é da ordem do gratuito revela-se também em suas escolhas de leitura, sempre centradas no tema *business*. Casado com uma mulher do ABC paulista formada em administração de empresas na

[461] Sua vizinha em Alphaville, a dona-de-casa Bernadete se refere ao show de Paul Mccartney no Brasil lembrando que "meu irmão ficou assim do lado de fora (...) estava lotado, mas ele também não podia pagar porque era caro, pegou e botou o carro lá fora e ficou ouvindo".

[462] Na entrevista Antônio conta que seus pais "nunca pagaram escola para a gente, mas curso de inglês eles pagaram". Ele atribui ao domínio da língua inglesa uma das razões de seu sucesso profissional.

[463] Isso foi corrente em meio a todos os informantes homens de Alphaville.

UNIP, Antônio também tem na vestimenta uma via de adequação às suas necessidades profissionais: “Eu trabalhei em empresa americana, muito tempo, e os caras chegaram até a falar ‘Olha, cuidado com algumas cores de terno, cuidado com algumas cores de meia’”.

Ao contrário das elites dos Jardins que se movem constantemente na retórica da negação do mercantil, em Alphaville não é demérito afirmar a ação racional com relação a fins: Antônio não esconde que a motivação primeira de sua coleção de arte foi investimento econômico. Ao invés do tom auto-engrandecedor e do forte sentimento de lisonja social presentes na elite dos Jardins, fração dominante em todas as questões de estilo de vida, em Antônio o que se tem é o sentimento de indignidade cultural de quem precisa “correr atrás do atraso”: “Mas eu confesso que eu não tenho assim... Eu preciso desenvolver mais a sensibilidade. Eu estou chegando agora”.

As autocríticas referentes ao comportamento cultural são constantes e, a julgar pelos relatos de suas práticas, associam-se a uma situação de despossessão: “Eu não tenho [um livro que tenha marcado], não lembro assim de nada que tenha sido forte assim”. O teatro é sinônimo de *Broadway*, os atores do cinema são mais importantes que os diretores. Mesmo considerando que “hoje em dia o cinema aqui está virando muito americanizado”, as produções cinematográficas são sempre conferidas nos circuitos *Cinemark*, ícone da filmografia comercial (o que demonstra que, apesar de criticar a hierarquia segundo o sucesso comercial, ele não a contesta em suas práticas em matéria de cinema, posto que tais são os filmes que ele, de todo modo, acaba por assistir). Apesar de não desferir críticas ao cinema nacional, as produções brasileiras a que assiste, em família, não se enquadram propriamente no rótulo “cinema brasileiro que retrata a violência e os pobres”: “A gente procura assistir as coisas... Antonio Fagundes, aquelas coisas dessa turma mais nova chegando aí”. Ele que jamais adquirira uma assinatura para temporada de concertos (“chega uma dada hora eu acho um pouco cansativo”) menciona algumas idas ao Municipal, prontamente acompanhadas da ressalva de que “o duro é parar o carro, né?”.

Como a dona-de-casa Bernadete, mas, também, a esmagadora maioria dos residentes nos Jardins, a visão que Antônio tem dos pobres não é das mais lisonjeiras. Nesse quesito, nada diferencia os informantes de Alphaville de seus homólogos dos Jardins: aqui também o “povão” come pesado, come mais carboidrato (“até na busca de energia, nutrição”) e prefere, ao contrário do que seria sensato, morar numa favela numa

região mais central do que num prédio de apartamentos numa área mais distante. As classes populares também não teriam "a referência da higiene".

Mais do que os oriundos das famílias antigas de São Paulo que afirmaram, sem grandes problemas, comerem e beberem mais do que deveriam vez ou outra, o rico de primeira geração do condomínio fechado segue mais energicamente as novas regras de cuidados com o corpo. Diferenciando-se tanto do modo de vida desimpedido associado às posições dominadas quanto do ethos libertino das nobrezas européias de todos os tempos, essa elite profissional um pouco moralista à americana afirma uma ética da sobriedade que, como se sabe, não é estranha a uma trajetória de ascensão pelo trabalho: "Eu como pouco, também não, não lembro a última vez que eu fiquei de porre. Sabe, eu não acho legal perder o controle".

****

Quando discorre sobre as diferentes frações que compõem as classes altas, Bourdieu afirma que "a parcela dos 'novos ricos' aumenta quando se passa das frações dominantes para as frações dominadas" [464]. No plano bastante "micro" desta pesquisa, foi mais comum encontrar nos informantes do Alphaville um desbalanço considerável entre os vários tipos de capital e, mais especificamente, paulistanos que deviam sua condição de "elite" principalmente ao capital econômico de que dispunham. Os ricos de primeira geração de Alphaville são pessoas simples que, malgrado a ascensão econômica recente, não cessam de evocar suas origens humildes e, justamente, o quanto elas marcaram suas relações "crispadas" com o mundo da sofisticação estética e do refinamento mundano. Eles podem aceitar uma série de coisas que os "ricos-cultos" - há mais tempo bem postos socialmente – julgariam *infra dignitatem*.

Tendo descoberto a inferioridade social de seus pais, um antigo presidente de multinacional e hoje proprietário de uma fábrica de equipamentos hospitalares (voltados à área de cardiologia) lembrou-se que uma das coisas que o fez perceber que a família de sua mulher (com quem está casado desde o último ano de Engenharia Mecânica no *Mackenzie*) estava num patamar superior à sua foi *a maneira como sua mãe se portava*

[464] BOURDIEU, Pierre. *A distinção,* op.cit., p. 246.

à mesa, relativamente às maneiras mais refinadas da sogra, professora formada em Escola Normal. O *décalage* entre o seu mundo de origem e aquele para onde ele foi deu-se a ver também na fala sobre seus amigos de infância, de quem se afastara mais e mais na medida em que ascendia socialmente. Ele jogara futebol por vários anos com esses amigos do bairro de Santana, mas era o único que não fumava maconha e que fez faculdade. E, fazendo faculdade, ele começou a jogar futebol no time da faculdade e, depois, já estagiário, com os times das multinacionais em que trabalhou. Seus olhos marejaram quando contou que, em sua formatura, seus camaradas de infância temeram tanto lhe envergonhar que "foram todos assim de gravatinha, e ficaram num cantinho, bem quietinhos"...[Entrevista 26]. Quando se desculpou por ter derramado lágrimas perguntei se ele chorava devido à brusca mudança de universo social que o afastara, definitivamente, de seu meio de origem. Ilustrando "a hipótese segundo a qual a proximidade social favorece as aproximações afetivas, enquanto que a distância social pertuba os vínculos afetivos" [465], ele disse que sim, que essa clara ruptura realmente era algo que o emocionava, mas que sabia que isso era inevitável, pois a vida começou a ficar muito diferente e rarearam-se as possibilidades de convívio e troca. Para falar como Bourdieu,

> "Na ordem da sociabilidade e das satisfações correlatas é que o pequeno-burguês realiza os sacrifícios mais importantes, para não dizer, mais manifestos. Com a garantia de que deve sua posição apenas a seu mérito, ele está convencido de que se deve contar somente consigo para conseguir sua salvação: cada um por si, cada um consigo mesmo. A preocupação de concentrar esforços e reduzir os custos leva a romper os vínculos – até mesmo, familiares – que criam obstáculo à ascensão individual (...) A 'decolagem' supõe sempre uma *ruptura*, cuja negação dos antigos companheiros de infortúnio representa apenas um aspecto. Exige-se que o trânsfuga vire a mesa dos valores, proceda a uma conversão de toda a sua atitude (...) As relações familiares ou de amizade deixaram de ser para o pequeno-burguês uma certeza contra a infelicidade e a calamidade, contra a solidão e a miséria, uma rede de apoio e de proteções de que é possível receber, em caso de necessidade, uma ajuda, um empréstimo ou um emprego; eles ainda não são o que, em outras circunstâncias, se designa por 'relações', ou seja, um capital social indispensável para obter o melhor rendimento do capital econômico e cultural, mas apenas entraves que devem ser derrubados, custe o que custar, porque a gratidão, a ajuda mútua, a solidariedade, assim como as satisfações materiais e simbólicas que elas proporcionam, a curto ou longo prazos, fazem parte dos luxos proibidos"[466].

Não tendo conseguido entrar na Escola Politécnica da USP, fez Engenharia Mecânica no *Mackenzie* e logo nos primeiros anos já estagiava na área, tendo tido

[465] GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*, op. cit., p. 84. Tradução « livre » da autora.

[466] BOURDIEU, Pierre. *A distinção*, op.cit., p. 316.

oportunidades extraordinárias de progredir na carreira. Ele define seus pais como pobres, filhos de lavradores que lograram ter uma pequena vendinha e que o ajudaram a pagar a Faculdade. Chegou a dizer que não sabia como sua mulher pôde ter se interessado por ele já naquele momento em que ele não havia sido ainda, como ele mesmo disse, "lapidado" culturalmente. Tendo em vista que, como sublinharam Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, "il n'y a pas de réussite sociale digne de ce nom qui ne s'accompagne d'une résidence qui l'exprime et la manifeste"[467], a ascensão econômica do senhor H., lembrada em todos os momentos da entrevista, era inicialmente "atestada" pela construção de uma casa de cinco suítes em Alphaville:

Carolina - "O senhor sempre morou em Alphaville"?
Senhor H. - "Não, imagina, primeiro eu tive que ganhar o dinheiro para vir para o Alphaville, eu não nasci em berço de ouro".

Quando cheguei em seu escritório numa cidade do ABC paulista, fiquei espantada com a despretensão estética do lugar. Grades de lança, janelas de alumínio, espaços mal distribuídos, pisos de ardósia, sofás simplórios e, logo na recepção, um imenso quadro abstrato que, a meu ver, não seria considerado bem sucedido segundo a crítica cultural que se impõe atualmente como legítima. A música ambiente entre secretárias e funcionários também seria vista como nada além de um meloso bastante comercial. E, no entanto, tais funcionários e, é claro, o proprietário em primeiro lugar, dispunham de belos carros que eram todos vigiados pelo guarda privado permanentemente em serviço na entrada do estabelecimento.

Mas ao entrar na sala do senhor H., a "fachada social" mudou um pouco. Na parede direita, uma cópia de uma tiragem de xilografia do Volpi das bandeirinhas; uma coleção de fotos da São Paulo antiga, enquadradas e bem dispostas numa das outras paredes; uma reprodução de um artista que lembrava muito o estilo de Van Gogh – seu pintor favorito – na parede bem acima de sua mesa. Ele desconhecia a autoria do quadro, sabia apenas que não era um Van Gogh. Depois disse que devia ser um Rembrandt, o que é 100% impossível. A recente sofisticação do estilo de vida é uma constante na maneira como ele se apresenta a mim, não sendo difícil "controlar" a efetividade do que diz por meio dos testemunhos que escapam ao seu controle, tal como esse de dizer ser um Rembrandt uma reprodução que em nada lembra a obra do mestre

[467] PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*, op. cit., p. 16.

holandês. Ele disse ter freqüentado, no passado, leilões de arte e antiguidades, e que sua casa em Alphaville é repleta de quadros e flores. Por fim, na mesinha baixa em sua parede lateral, livros da coleção *Grandes mestres da pintura*, lançada pela *Folha de São Paulo* em 2007.

Esse "cenário" composto de reproduções de obras de arte, mas, também, diversas outras passagens da entrevista testemunham que, apesar das preferências "grand public" características de várias dimensões de seu estilo de vida, esse industrial não era completamente destituído de ambição cultural. Um bom indício nesse sentido apareceu na declaração de que vivia a corrigir os erros de português dos funcionários do escritório de sua fábrica, sobretudo os das secretárias. Malgrado a declaração de que, por trabalhar muito, não gosta de ver filmes que o façam pensar demais, que lhe "dê sono", mas sim de bons filmes americanos de aventura, de guerra ou épicos, cita os bem reputados *E o vento levou* e *Casablanca* como longas que o marcaram. Em seguida, rememora uma viagem feita à Casablanca junto da mulher, onde disseram "play it again" ao músico no mesmo hotel em que se passara o filme. O casal mantém há vários anos uma videoteca muito extensa e há anos garimpam filmes raros. Ele considera Martin Scorsese um dos melhores diretores de todos os tempos e acredita que, nas escolha de um filme, o que conta mais, depois do tema, é o diretor e não os atores.

Muito embora sua predileção por autores como Dan Brown, de quem leu todos os livros, H. reivindica uma espécie de "pecúlio cultural" ao rememorar com alegria os seis meses de MBA feito em Harvard, e algumas temporadas na Suécia, por conta de seu cargo de presidência numa multinacional. Quando o assunto eram as preferências musicais, ele evocou prontamente a música clássica, em especial Beethoven e Mozart, e mencionou uma ida a uma ópera de Verdi, em Nova Iorque, sempre em companhia da mulher. É ela, aliás, que o convida sempre para ir a teatros, museus e concertos, o que ele julga muito salutar. Da mesma maneira, julga adequado ir mais bem vestido do que o habitual a um desses espetáculos. Antes mesmo de abordarmos o tópico referente ao mundo da gastronomia, senhor H. disse com alegria que já havia feito um curso de culinária em Milão e outro de comida tailandesa em Nova Iorque. Ele sempre recebe de vinte a trinta pessoas de Alphaville aos sábados para uma paella, uma de suas especialidades. Embora não seja propriamente magro, diz comer pouquíssimo e achar importante manter uma vigilância permanente em relação ao peso, por questões de saúde, mas, também, "de amor próprio".

Uma das oposições fundamentais que estruturam a população estudada reside na importância dada às funções de representação. Enquanto na maior parte das casas dos Jardins os banheiros e a cozinha, lugares primordialmente definidos por sua função, fornecem a ocasião para escolhas estéticas ("no nosso banheiro, que é um pouco maior, tem umas gravuras do Minnesaenger. São os menestréis alemães do século treze, sei lá eu, que nós trouxemos em 60 ainda"), a dona-de-casa Bernadete não tem quadros nos banheiros. E não costuma ter flores em casa nem dar jantares na área social da residência. O próprio projeto da casa, aliás, priorizou os espaços íntimos do convívio familiar cotidiano:

"(...) é um espaço que a gente fez sala de almoço, sala de TV e um cantinho lá que eu tenho o meu computador, mas só que é tudo aberto. Só uma prateleira para esconder um pouco a minha bagunça lá, porque de vez em quando eu deixo bagunçado, mas se eu tiver, se a minha filha chega e ela quer jantar, comer alguma coisa, né, que ela também toma lanche, e a gente estiver assistindo televisão, a gente está ali com ela conversando ao mesmo tempo, não precisa ficar sentado na mesa junto conversando. Se estiver trabalhando, às vezes ela estava fazendo trabalho de escola, também usava esse espaço... Uso bastante. Então a minha preocupação sempre foi esse espaço familiar, sempre pensando em que a família tivesse uma forma de estar junto embora fazendo atividades separadas".

Tanto Bernadete quanto o alto executivo e colecionador de arte Antônio fazem questão de afirmar que investem menos nos "deveres de representação" e nunca abandonam o espírito do cálculo econômico, guia de todas as suas práticas. Ao contrário do que se passava com os indivíduos nas sociedades de corte, que gastavam tudo o que recebiam no consumo representativo e respeitavam a riqueza herdada, não conquistada pelo esforço, os poderosos ricos das sociedades industriais economizam e trabalham como os pobres. A sensibilidade estética desse grupo aparece, como apurei nas entrevistas, como uma das dimensões desse comportamento permanentemente imbuído do cálculo de perdas e ganhos financeiros: "tem elevador [a casa em que mora] que comunica os pisos... O elevador nunca vai usar, até fiz mais pensando em investimento" (Presidente de multinacional e colecionador de arte, 44 anos). Eles não fazem referência à posse de uma boa biblioteca de história da arte e se confessam pouco versados no assunto: "Eu compro alguma coisa, né, mas não sou um leitor muito assíduo" (Idem).

O reduzido investimento de Bernadete, esposa de um industrial, na pesquisa de vestuário também dá a medida de sua baixa propensão a se atirar nas práticas de representação: declara achar importante dedicar-se à aparência física "embora eu não tenha muita paciência"; julga que a pessoa tem que estar bem vestida, "apresentável",

mas confessa que comprar roupa não é o seu forte: “Só vou numa aqui quando eu preciso de uma roupa melhor”. Freqüenta spas com o marido, mas mal vai ao dermatologista. Ao dizer que não é “de dar jantares”, ela revela uma outra deficiência da estrutura patrimonial das classes altas de Alphaville, já que conferir pouco valor à vida de relações (tão bem conservada no oferecimento de jantares) é, sem dúvida, perder oportunidades de acúmulo de capital social: « (...) embora nessa casa eu tenha feito toda essa parte social, mas porque eu pensava em fazer jantar, convidar mais amigos, o pessoal de relacionamento comercial do meu marido, mas aí acabei não fazendo nada disso”. A vida social é restrita à família e, dentre as coisas que mais valoriza na sua residência, ela elege os espaços que propiciam o convívio familiar.

Enquanto uma crítica de decoração do Jardim Europa assina, além da Casa Vogue brasileira, as revistas *World of Interiors* e *House and Garden*, Bernadete - que fez cursos de decoração na FAAP e na Panamericana, tendo trabalhado como administradora de obras em Alphaville – só teve assinaturas das revistas nacionais (*Casa Cláudia*, *Casa Vogue*, *Viver Bem* e *Projetos*). Um outro traço característico de investimentos culturais mais modestos aparece na referência à UNIP como a Faculdade que cursaria no atual estágio da vida [468].

Elite profissional

Diferentemente dos informantes dos Jardins que, mesmo quando banqueiros ou empresários *full-time* possuem os códigos de *savoir-vivre* apregoados pelos manuais de etiqueta e pelas crônicas da vida mundana, a classe alta profissional de Alphaville está habituada a emitir um discurso público sobre suas várias funções e responsabilidades, e não compreende muito bem a necessidade de evocar aspectos de sua vida não ligados às suas funções profissionais. Filho e neto de engenheiros e médicos da elite imigrante japonesa de São Paulo, Tiago foi outro informante a confirmar que uma pesquisa sobre a disposição estética - e as aquisições exclusivamente culturais - não é assunto frente ao qual todos os paulistanos abastados se sentem à vontade. Muito pelo contrário,

[468] Nessa linha de juízo, é significativo que ela não lembre onde é que fez faculdade quando moça (“Era uma escola de química, de química industrial, que depois eles transformaram em curso superior”) e que seu filho e marido tenham feito engenharia no Mackenzie e, não, na USP.

indivíduos com muito capital econômico e algum capital social e simbólico, mas, relativamente pobres em matéria de refinamento cultural sentem-se visivelmente acuados quando se dão conta de que a entrevista não tematizará os incríveis negócios que conseguiram realizar no mercado brasileiro e mundial.

Ao contrário do paulistano de família antiga cujo "ser" é irredutível ao "fazer", as elites bem-sucedidas do Alphaville têm uma inclinação muito mais frágil ao "gratuito" e, assim, tendem a falar mais comumente de como elas "deram certo na vida dos negócios". Dessa maneira, a cada pergunta específica do pesquisador o entrevistado trazia lances de sua vida profissional e dos investimentos comerciais acertados que conduziu. Tal atitude demonstra o quanto a classe alta de Alphaville não é nada sem a posição profissional, sendo, portanto, a posição social perfeitamente redutível ao posto ocupado no sistema produtivo.

O primeiro choque, então, quando se está diante de um engenheiro civil orgulhoso (e como razão) de seus empreendimentos imobiliários - dando continuidade à carreira vitoriosa que já tivera seu pai, também um ex-aluno da Politécnica da USP, na construção de importantes condomínios de luxo -, advém da constatação, de parte do entrevistado, de que o assunto da entrevista não será propriamente o seu trabalho nem a sua "carreira-modelo": ele será entrevistado, em primeiro lugar, por ser um integrante das "classes altas" e, mais, será inquirido a respeito de suas práticas culturais eruditas e de sua sofisticação mundana. Aquele que até então se mostrara faladeiro, pronto a contar muitos felizes acontecimentos profissionais, sente-se acuado e no dever de ostentar saberes e "refinamentos" julgados perniciosos e aristocráticos. Sua esposa adora fazer fotos-souvenir e, em contraste com os paulistanos dos Jardins, ele não desdenha as viagens em excursão: "Eu acho que é um caminho para aprender a não dar grandes tombadas" [Entrevista 27].

Uma pessoa que acredita que o mérito individual tudo pode - como é o caso de Tiago - tende a ver com maus olhos a valorização das habilidades propensas a excluir os que não nasceram, como se diz, em "berço esplêndido". Ele não se incomoda com erros de português ("o que para mim interessa é o que a pessoa está querendo falar") nem com etiqueta à mesa, não é capaz de citar um pintor que o tenha marcado e, quando precisa evocar uma figura de autoridade, refere-se a "Yunus, aquele cara do microcrédito". Contou com a ajuda da prima arquiteta para a indicação das obras de arte abstratas que adquiriu (Mabe, Wakabayashi, Tar).

Ele que gosta de trabalhar com arquitetos e dá muita importância para as áreas verdes nas casas que constrói não considera, contudo, que se possa dizer, por exemplo – e como faz em peso a classe dos arquitetos – que o neoclássico seja um estilo arquitetônico criticável, porque o fato de agradar a tanta gente atesta, de maneira irrefutável, sua legitimidade social. Em sua opinião, o profissional de Arquitetura "tem a responsabilidade de não induzir o cliente a fazer o que ele acha que ele tem que fazer". Isso vai ao encontro das observações feitas por José Carlos Durand, que mostrou como os engenheiros e os decoradores eram vistos, principalmente pelo "rival" arquiteto, como profissionais prontos a se curvarem ao gosto do freguês:

"Já por esse particular, é possível notar a afinidade entre a arquitetura dos arquitetos, dirigida a um exíguo segmento cultivado da burguesia, e a arquitetura dos engenheiros-civis e dos decoradores, que atende às demandas dos demais segmentos dominantes. Enquanto a primeira é para os 'que não precisam aparecer' ou que 'aparecem sem denunciar que querem aparecer' a segunda é mais abertamente preocupada com a ostentação de poder aquisitivo. Tal ostentação não está apenas na visibilidade das fachadas 'nobres' escancaradas para a rua, mas também na carga de luxo comunicada pelo emprego profuso de materiais de acabamento de alto custo unitário: o mármore, o bronze, as guarnições em madeira de lei lavrada etc"[469].

Essa espécie de "elite de mérito técnico-empresarial" que rejeita os privilégios de origem dá-se a ver também, no caso de Tiago, em suas escolhas matrimoniais. Já seu pai, filho de japoneses, não se casara com uma nissei, como ele, mas com uma descendente de italianos formada em medicina na USP. Prolongando também nesse quesito a figura do pai, meu informante casou-se com uma mineira que estudara na Universidade de Goiás e que era filha de um fazendeiro não estudado. Como sua sogra, ela também se formou profissional da saúde – fez odontologia –, tendo ambas atuado no domínio da pediatria e praticado a benemerência social: sua mãe atendeu durante muitos e muitos anos crianças num importante hospital público de São Paulo todas as manhãs sem nada receber em dinheiro e sua mulher dedicava uma parte de sua atividade profissional a um trabalho não-remunerado numa universidade paulista.

Como é comum em meio aos informantes "herdeiros", Tiago tomou o seu tempo, já no início da conversa, para deixar bem claro que, malgrado a esmagadora figura de sucesso do pai no mesmo ramo de trabalho em que fora atuar, ele desde cedo - aconselhado inclusive pelo pai - iniciou seus próprios negócios, firmou sua própria empresa que, somente após a morte do pai, veio a fundir-se, em algumas atividades, com a construtora criada pelo pai e um sócio. Em entrevista à imprensa sobre um de

[469] DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção*, op. cit., p.

seus empreendimentos imobiliários bem-sucedidos, Tiago emite uma narrativa bastante marcada pelo interesse no desinteresse: ele jamais se refere aos ganhos econômicos advindos de seus projetos de condomínios fechados voltados às classes altas de São Paulo, restringindo-se a mencionar a satisfação advinda do atendimento das necessidades das pessoas por espaços com mais qualidade de vida, segurança e respeito ao meio ambiente[470].

Surfista nos mares de Paraty, onde tem uma casa, e, há dois anos, em Bali, um de seus vários destinos no mundo por conta de todas as suas atividades imobiliárias e engajamentos sócio-ambientais (é da comissão do *Greenpeace*, integrou equipes multidisciplinares e multinacionais do *M.I.T*, etc.), Tiago não faz questão de ouvir música clássica e prefere o cinema americano: "Cinema gosto dos filminhos 'água com açúcar'". Julga que nos filmes europeus os diálogos são excessivos: "Então é muito diálogo, você fica ouvindo, ouvindo, ouvindo, ouvindo, ouvindo, ouvindo... Um ambiente muito parado". Spielberg é seu diretor de cinema favorito e um filme que o marcou foi *Patch Adams*. Ele assume sem titubear que gosta "mais de distração do que de usar isso [a ida ao cinema] para fazer alguma coisa para você pensar (...) *A lista de Schindler* foi muito bonito. Mas, assim, é o máximo que eu vou".

Assim como seus vizinhos de Alphaville, que afirmaram freqüentar mais as salas *Cinemark* de cinema, Tiago precisa que, quando em São Paulo, ele vai sempre aos cinemas de Shopping (Morumbi e Villa-Lobos). Ao contrário de alguns dos habitantes dos bairros-jardins, que escolhem sempre o cinema em função do filme que desejam assistir, esse engenheiro/empresário de Alphaville escolhe os filmes a partir dos Shoppings que freqüenta. Tanto quanto os informantes dos Jardins, contudo, considera que em matéria de cinema "você sempre torce para o final feliz". Seja nos filmes que assiste, seja nas viagens que realiza, ele faz gosto em celebrar a alegria do mundo:

"Europa do Leste eu fui, mas era muito comu..., muito ainda, muito... Era muito triste (...). Fui para Berlim Oriental. Muito triste, eu fiquei angustiado ali, passei um dia ali... Uma das piores experiências. Não sei se você assistiu a um filme, *Te peguei*. Uma comédiazinha (...) e aí o cara, quando ele consegue, quando ele atravessa de volta para o ocidental, assim, ele dá um berro de alegria (...) Não, essa era vontade que eu tive de fazer quando eu entrei de volta no ocidente. Porque assim, era muita tristeza. Ainda era fechado, o muro não tinha caído. Então, assim, as pessoas andavam todas de cinza, ninguém sorrindo na rua".

[470] Não posso citar a fonte para garantir o anonimato do informante.

O inglês, único idioma em que é fluente, ele teve que melhorar "na marra", por conta de suas participações em comissões internacionais (programa experimental do *M.I.T*, etc.): "mas o meu inglês é um inglês meio de índio". Do livro *Ilusões*, de Richard Bach, ele aprendeu a lição de que cada um tem a vida que deseja para si, ostentando uma "visão tipicamente pequeno-burguesa que faz o êxito social depender da vontade e da boa vontade individuais" [471]:

"(...) a sua vida é aquilo que você deseja para ela. Se você quer uma vida agitada, você vai ter uma vida agitada. Se você quer ter uma vida tranqüila você vai ter, se você quer ter uma vida feliz, você vai ter, se você quer ter uma vida com muitos desafios e problemas, você vai ter. Então... Aí ele faz a seguinte pergunta para o mestre dele. Ele fala assim 'E por que é que tem gente que a gente vê que é tão infeliz, tão triste, né?' Ele falou 'Do mesmo modo que tem gente que gosta de filme de terror'. Ou seja, as pessoas, embora elas não (...) Se dêem conta que elas desejam isso, elas estão desejando isso. Então, ou seja, a nossa realidade é fruto da nossa imaginação. Primeiro ela vem da imaginação e depois isso se torna realidade".

Em sua auto-representação, é tão bom comer o prato dos peões das obras que comanda quanto a refeição elaborada de várias etapas no Vale do Chantilly, na França, onde costuma passar férias. Na USP, onde se formou, ele acabou voltando para fazer mestrado e doutorado, por conta de ter sido convidado para dar um curso sobre o uso do computador no controle de obras: "eu fui um dos primeiros a ter microcomputador no escritório". Pragmático, seu tema de estudo é uma reflexão sobre as atividades que ele desenvolve na área de negócios imobiliários. O excesso de "senso de realidade" próprio à categoria dos engenheiros deu-se, como se viu, na defesa do gosto neoclássico dos clientes, mas, também, na defesa de um ensino de engenharia que fosse mais comercial e menos técnico: "Com a crise econômica dos anos 1980, essa área [de negócios imobiliários] começou a ficar cada vez mais importante na Escola, porque assim, não adiantava o engenheiro ter idéias, se ele não sabia transformar aquilo em dinheiro e como conseguir esse dinheiro".

Apesar da despretensão cultural que permeia todo o seu relato, frente ao sociólogo ele não foi, contudo, completamente indiferente aos processos de distinção social que atravessam a sociedade paulistana. Estimulado por minhas perguntas, lembrou-se com euforia do episódio do lançamento do livro sobre o seu avô, médico japonês enviado pelo governo do Japão para assistir a comunidade japonesa de São Paulo. Na ocasião, Tiago foi muito reprovado por suas tias, que não gostaram de ler que, conforme o relato do sobrinho, o avô era "um imigrante japonês". Segundo elas, o

[471] BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*, op. cit., p. 32.

avô jamais fora um “imigrante japonês”, mas, sim, um médico oficialmente enviado pelo governo do Japão: “Eu te dou um livro com a história dele”.

*****

Quando se tem em vista a estrutura patrimonial específica de cada habitante desse condomínio, pode-se dizer que Luíza, consulesa de um país da Europa Central e jornalista de um órgão da imprensa oficial, vem de uma família de capital cultural levemente superior àquela de Bernadete, sua vizinha no Alphaville. Tendo sido educada em colégio interno de freiras francesas, sua mãe era diretora de escola rural e se empenhou para que a filha lesse muito e aprendesse a falar inglês. Apesar da “boa vontade cultural” materna, não é possível desconsiderar que Luíza nasceu “na roça”, como ela diz, tendo sido a primeira pessoa de sua família a fazer Universidade (os pais, os avós paternos e os maternos não tinham diploma do ensino superior). Tendo se casado “para cima” com um cônsul, empresário e juiz de direito (formado na Alemanha) de uma família da alta burguesia da Europa Central (“O pai dele era jornalista e o jornal na [país da Europa Central], ele era dono do jornal como aqui o *Estadão*”), Luíza se refere diversas vezes ao *décalage* entre o seu mundo de origem e o de seu marido:

> “Aliás, o meu marido ele tem uma cultura musical que eu não chego nem perto (...) porque ele nasceu toda semana indo no concerto (...) Ele tem uma cultura musical que eu vim pegar essa cultura depois de moça (...) Imagina eu que nasci na roça, em Minas Gerais se eu tinha alguma música clássica? (...) E ele não, ele já nasceu... Quando era folga o que é que eles tinham que fazer? Toda sexta-feira para o concerto. Então ele conhece os clássicos, ele gosta muito e curte muito. Então o que é que nós fazemos? Nós sempre viajamos para lá, e quando nós viajamos já estão comprados todos os ingressos (...) Então nós vamos, nós fazemos o circuito cultural Budapeste, Praga, Bratislava e Viena, que é o cantinho nosso, né?” [Entrevista 28].

O fato de não ter tido o gosto apurado pela via familiar tenha talvez contribuído para sua crítica ferrenha da hierarquia dos valores culturais. Ela garante que não se incomoda com aqueles que cometem erros de português, “porque a pessoa falando ela está simplesmente mostrando o *background* dela. A comunidade que ela vive, como é”. Nivelando “por baixo”, argumenta que a falta de letramento da população brasileira nos impede de exigir, de um modo geral, um exímio português. Ostentando rancor em relação aos símbolos da sagacidade mundana, Luíza se irrita com a questão referente ao

estilo do mobiliário de sua residência: “Eu não me preocupo muito quando eu vou escolher se é isso ou aquilo, ou assado, cozido ou frito, viu Carolina, eu gosto daquilo, eu quero aquilo”. Resistente aos formalismos dos exercícios de estilo, ela ironiza os que, veladamente, criticam sua suposta falta de gosto:

“(...) eu tenho umas coisas doidas aqui em casa que ninguém sabe nem por que é que eu tenho. Um dia veio uma pessoa aqui que é super entendida, falou que a minha casa é uma confusão de estilos e de não sei o quê. Eu falei ‘Que bom! Eu adoro confusão. Está bastante confuso? Está? Que bom! Vou por umas coisas diferentes para ficar mais confuso ainda’”.

Na mesma linha de juízo, ela pondera que uma refeição da alta gastronomia, que se pretende tão inimiga dos glutões, “às vezes ela se torna muito mais do que o pratão”. Não é pelos grandes restaurantes prezados pelas elites dos bairros da Companhia City (Fasano, *La Tambouille*, Antiquarius, etc.) que ela considera que se possa atribuir à São Paulo a condição de um dos pólos da gastronomia mundial:

“Primeiro que São Paulo para mim é a capital gastronômica do mundo (...) Você falou quais os restaurantes? Eu te digo que essa fama surge de todos. Porque se você vir bem, nós temos assim: você tem várias lanchonetes que você pode ir lá e comer um x-salada que é uma delícia. Você come o churrasquinho, você tem pizzas deliciosas de todos os tipos, você quer comida de qualquer parte do mundo você come, você tem restaurantes aqui que tem uma escala de níveis de satisfação extremamente variada, que é uma coisa que você não encontra na Europa, na Europa você tem assim, aqui embaixo e lá em cima. E aqui não, você tem os intermediários em vários níveis de satisfação para o cliente. Não tem problema (...) Então você vai num *Fasano*, você vai gastar um monte, mas, de repente, você pode comer super bem que não é no *Fasano*. Você vai no *Sapore* não sei do quê lá do mar e que come super bem. Aí você vai comer numa churrascaria A, B, C... Mas também tem de todo tipo. Então acho que isso realmente é a capital gastronômica do mundo porque todos os restaurantes te deixam de alguma forma alguma coisa. Você vai na feira é o melhor pastel que tem. É para falar quais os restaurantes? Primeiro a feira. Os estrangeiros chegam aqui, nós vamos levá-los na feira para comer o pastel, tomar caldo de cana, você não tem noção!”

Quando, por insistência da entrevistadora, ela se dispõe a falar dos restaurantes que freqüenta, vê-se que estes não compõem o *mainstream* dos templos da alta gastronomia da cidade. A despretensão propriamente cultural também dá o tom de boa parte da entrevista, é como se ela não concordasse que se devesse hierarquizar por tais critérios. É por isso que os seus “alvos” são, não raro, os que têm pretensão intelectual:

“O [cinema] europeu era muito *dark*, nos últimos anos ele tem mudado bastante. Principalmente assim, polonês, está vindo muito, tcheco, está vindo muito filme. Assim é uma nova geração que está fazendo um cinema muito bom. *Americano é claro que quem disser que não gosta está mentindo*. Está mentindo porque o americano faz filme para todo tipo e para todo gosto, e ele tem uma tecnologia que é de deixar todo mundo de queixo caído. Ninguém tem a tecnologia que o americano tem. Isso não resta a menor dúvida, pode gostar ou não, mas é verdade. Tem muito filme americano que eu gosto. Gosto realmente. Do Brasil eu detestava porque eu nunca gostei de pornochanchada. Nunca gostei. A coisa que eu mais detesto na vida é uma coisa chamada

Macunaíma. Porque 'o herói, o herói, o anti-herói...'. Você pode falar para mim toda argumentação que você quiser. Eu detesto *Macunaíma*. E te digo mais. Muitas pessoas que leram, que isso, que aquilo, que vão, que curtem, que escrevem ensaios e isso e aquilo sobre o *Macunaíma* na verdade detestam o *Macunaíma"*.

O cinema brasileiro que ela acompanha não é aquele que trata da miséria e da violência no Brasil, de modo que, nesse quesito, ela pouco se diferencia das senhoras da alta sociedade dos bairros-jardins de São Paulo:

"Ninguém quer ir ao cinema para ver isso. Você pode ir assistir um documentário, um filme com um tema desses, *mas você não pode ir toda hora ao cinema assistir favelado matando, favelado pobreza, e sem roupa e, sabe, com um palavreado muito chulo. Ninguém agüenta isso. Olha, isso não é nem pobre, nem médio, nem rico. Isso é o ser humano em si, ele não consegue conviver com isso muito tempo.* E por isso que deu, na minha opinião, por isso que todo mundo se distanciou do filme nacional. Falava que era filme nacional 'Não, estou fora'".

Se tivermos como parâmetro os princípios que, em matéria de disposição estética legítima, se impõem como dominantes, Luíza não poderia integrar o grupo das mais altas estruturas patrimoniais. Sua casa é cheia de objetos de "artistas", mas ela nunca menciona o nome dos mesmos; as exposições de arte ela assiste no Shopping ou em Hotéis, os leilões no Guarujá e na Riviera de São Lourenço; o valor de uma obra de arte está inteiramente condicionado à carga afetiva que for capaz de suscitar: "Bom, veja, aquele quadro ali pequeno é um quadro bem, vamos dizer, não tem nenhuma técnica de pintura. Mas aquele quadro eu tinha quatro anos quando a minha madrinha pintou esse quadro para mim". Se, para Kant, o gosto permanece um gosto "bárbaro" enquanto houver necessidade de misturar a satisfação às emoções[472], Luíza, bem ao contrário, insiste que, assim como a pintura, a música também tem que nos fazer bem:

"Olha, eu vou te dizer, eu tenho paixão por Beethoven, paixão assim absoluta, para mim em primeiro lugar é o Tchaikovsky, porque eu sou doida por causa dele, mas eu detesto Wagner. Eu não suporto ouvir Wagner, se eu começo a ouvir eu começo a ficar triste, eu choro".

Tal como sua vizinha Bernadete que, como visto, aciona critérios morais na avaliação de bens culturais, Luíza disse não aceitar a arte contemporânea "porque eu acho que *arte deve fazer bem para gente*. Arte deve fazer a gente sentir maravilhada, não é? Eu me sinto assim, eu gosto de ver coisas bonitas, eu gosto de ver coisas que me dizem lá dentro. *Se eu vejo um quadro agressivo, não gosto. Não quero ver*".

[472] KANT, E. *Analytique du beau. Critique de la faculté de juger*, op. cit., p.80.

A degustação distinta da natureza

Marcelo encarna exemplarmente a hipótese da transmissibilidade do *habitus*. Pioneiro na arquitetura ecológica do Brasil[473], esse engenheiro civil formado no *Mackenzie* e nos colégios *Waldorf* e *Santa Cruz* tem no contato com a natureza a fonte de todos os seus gostos. Ao contrário de seu pai, aluno da Politécnica da USP e colecionador de porcelana chinesa que já lhe presenteou com um retrato de Portinari, ele coleciona colares étnicos de vários lugares da África e da Ásia ou, como ele faz gosto em mencionar, de fora do circuito Europa-Estados Unidos: "Para mim o maior legado cultural que existe hoje no mundo é Angkor, são os templos de Angkor, né, e em Siam Reap, no Camboja"; "e hoje eu me interesso mais pela arte que a própria natureza faz (...) para mim não existe maior artista do que a natureza" [Entrevista 29].

Hoje suas residências não são na praia, mas, como ele diz, no "mato", como sua casa-sítio em Itu, onde há um lago em que ele esquia na água, ou então sua fazenda na Amazônia. Quando eu perguntei se ele dispunha de jardim em sua residência ele respondeu que "não é jardim, é árvore, né? Por exemplo, no jardim da minha casa aqui em Alphaville eu tenho árvores em volta e esse verão já com esse calor todo eu já não preciso usar ar condicionado (...) Árvore frutífera, tem tudo. Tem árvores grandes, de porte, tem pau Brasil, mogno". Adepto da medicina antroposófica e estudioso dos modos de vida simples, este construtor de casas de estrutura de madeira e baixo impacto ambiental – e filho de um grande construtor de condomínios de luxo -, é um crítico feroz do que ele considera que seja o consumismo desenfreado dos dias de hoje, do programa televisivo *Big Brother* - reputado o símbolo de nossa miséria cultural - e do apego excessivo aos valores da aparência física tomados de empréstimo do mundo das modelos e celebridades. Integrante de conselhos e ONGS de conservação ambiental, Marcelo sinaliza, em cada dimensão de seu estilo de vida, todas as outras: o cinema que mais admira é Werner Herzog, o mobiliário da sua casa é considerado "rústico", a revista que coleciona é a *National Geographic* e os livros escritos por ambientalistas estão entre os seus prediletos (*The last forest*, *Gaia's Revenge*, etc.)

Sua capacidade de reconhecer as "opiniões chiques" em diversos julgamentos propostos não impede que se veja o quanto o seu senso da postura "legítima" não se faz acompanhar por uma competência específica:

[473] Não posso citar a fonte para não comprometer o anonimato do informante.

Carolina – E a arte abstrata te interessa tanto quanto a figurativa ou você prefere a figurativa?
Marcelo – Eu prefiro a abstrata.
Carolina – Você prefere a abstrata?
Marcelo – Eu prefiro o expressio... Impressionistas, tipo, Van Gogh.

Filho de pai rico (que não foi filho de pai rico), Marcelo se mostra crítico do imaginário social das pessoas das classes altas que vieram a construir suas casas em Alphaville: eles precisavam de casas "de oito quartos", "de duas salas", fachadas monumentais, tinham que mostrar que "eles podiam mais do que seus vizinhos". Mais uma vez, o Brasil é visto como um país de imigrantes afaimados e incultos: "(...) porque eles chegaram muito pobres aqui os italianos, os japoneses, e de repente eles fizeram a vida aqui, ganharam, ganharam uma condição, um status melhor (...) Então tem que ostentar". Sobre as resistências inicialmente suscitadas pelos seus projetos alternativos de condomínio para a elite, ela afirma que "a gente pagou o preço do pioneirismo, como eu pago hoje pela G.":

"(...) a gente tentou introduzir aqui no Brasil que o fato de você morar numa casa pequena igual à do teu vizinho não quer dizer que você é menos, melhor ou pior que o cara (...) Então a gente quis trazer através da idéia dos condomínios horizontais e da utilização da madeira como sendo uma coisa não porque o cara tem mais dinheiro, mas é porque ele não precisa mais do que aquilo que ele está vivendo. Não sei se você entendeu o que é isso (...) Isso foi uma revolução na cabeça das pessoas, tanto é que em Alphaville, onde é uma classe (...) rica, mas um pouco assim "nova rica", vamos chamar (...) Isso fazia muito mal para essas pessoas, fazia muito mal para a cabeça.

No seu relato, os proprietários das casas em Alphaville encarnam, à maravilha, a figura do burguês fidalgo de Molière:

"Casas caríssimas, as coisas mais feias, as coisas mais de gosto contestável que você pode imaginar no mundo, na tua vida. Mostra bem o perfil da pessoa que vinha para Alphaville. O perfil da pessoa que vinha para Alphaville, de São Paulo para cá, ele chegava aqui, ele falava assim 'Eu comprei o meu terreno, eu construo o que eu quiser aqui', entendeu? Era bem assim, esse conceito bem provinciano, sabe, bem tacanho (...) De novo rico (...) Então o cara chega aqui ele fala 'Eu posso e não interessa se eu vá fazer duas piscinas e eu não sei nadar, se eu vá fazer três salas ou tem um piano de calda e eu não sei tocar piano nem quero tocar piano', entendeu?"

Assim como Tiago, da sua faixa etária e também da segunda geração de alphavillianos "ricos", Marcelo sente dificuldade em não evocar sua bem sucedida carreira empresarial e os inovadores projetos que pôde capitanear. Isso demonstra, uma vez mais, que a classe alta profissional de Alphaville está habituada a emitir um discurso público sobre suas várias funções e responsabilidades empresariais,

compreendendo mal a necessidade de evocar aspectos de suas vidas não ligados às suas funções profissionais. Desse modo, a cada nova pergunta do pesquisador, ele não raro voltava a repassar algum episódio feliz de sua vitoriosa carreira de engenheiro civil proprietário de construtora ecológica. As narrativas sobre o ineditismo de sua trajetória são bastante próximas dos sentimentos de alta dignidade da pessoa dos residentes nos bairros Jardins, o que indica que a "certeza de si" é um atributo mais geral de diferentes frações das altas classes:

"(...) foi o primeiro condomínio no Brasil de casas e com estrutura de madeira. Era uma coisa super inovadora na época, muito, muito inovadora (...) Pensei [nisso] indo visitar na Europa e nos Estados Unidos condomínios parecidos com esse, condomínios de casas. Porque até então no Brasil só existiam ou condomínio vertical (...) ou loteamentos com lotes, onde você vendia um lote e a pessoa construía a sua casa. O que a gente estava oferecendo era apartamento no chão, que é o conceito de *townhouse*, né, que é muito difundido lá fora, mas no Brasil ainda não existia, existia ainda muita resistência para fazer isso. Ainda mais com estrutura de madeira".

Também da mesma forma que Tiago, Marcelo dispôs de uma família viabilizadora de sua ascensão, tanto mais por ter rumado à hereditariedade profissional, tornando-se, como o pai, engenheiro civil proprietário de construtora. Seguindo a carreira paterna Marcelo – assim como Tiago – se fez imune à situação menos segura dos que, mudando radicalmente de atividade, não têm referências sobre o que convém e o que não convém fazer para "dar certo na vida". Ainda que tenha empreendido inúmeras modificações em seus empreendimentos próprios, a empreiteira de seu pai adiantou-lhe os terrenos dos primeiros imóveis que construiu e seu pai foi um dos investidores brasileiros de um condomínio que ele construiu em Portugal. Nesse ponto Marcelo não se diferencia em nada das elites dos Jardins que, cosmopolitas, consideram-se responsáveis por colocar o Brasil em compasso com o mundo:

"Então, para fazer esse tipo de construção, esse tipo de condomínio, você precisava ir para a periferia, onde o terreno, o metro quadrado é menor, você não precisa verticalizar para diluir o custo do terreno. Então você tem que ir para a periferia. Ora, na periferia é onde mora a classe B e C, né, uma classe social mais baixa (...) Então, todo mundo que pensava, que vinha aqui para Alphaville, 'Eu vou morar num CDHU em Alphaville? Mas de jeito nenhum!', entendeu? E teve muita gente que entendeu o conceito, tanto é que depois de dois anos foi um sucesso. Aí começaram a pipocar em São Paulo milhares desses condomínios, hoje em dia no Morumbi tem muito disso, na Granja Julieta, Santo Amaro, tem muito desses condomínios, né? Você vê toda hora, até hoje estão lançando muito. Que é uma coisa que já acontece há décadas nos Estados Unidos esse tipo de moradia".

Muito embora ele se considere um morador "atípico" de Alphaville – e em alguns pontos ele até seja mesmo -, é possível notar uma série de semelhanças para com os seus vizinhos de condomínio, a começar pela despretensão cultural e mesmo mundana. Assim como seus vizinhos Luíza, Antônio, Tiago e Bernadete, que não se sentem à vontade com os exercícios de estilo, Marcelo descreve da seguinte maneira uma de suas idas ao *D.O.M*:

"Eu achei muito pretensiosa a comida, o valor também não é justo, é muito caro, muito além do que aquilo que você come, e eu acho de um... Eu não sei, eu acho de uma prepotência, de uma falta de... Eu prefiro muito mais uma comida simples (...) Bem feita e grelhada do que com excesso de molho, excesso de sofisticação".

Ele não consegue, no entanto, ignorar todas as hierarquias em matéria de comida e, instigado a opinar, concluiu que *Fasano*, *Gero* e outros eram restaurantes ótimos ("eu sou amigo do Fábio, que é... Do Fábio Tranchesi, então, de vez em quando a gente vai, a gente vai comer lá no *Gero*, que é um meio sócio do *Fasano*. Vou em muito restaurante japonês"). Tanto quanto os moradores dos bairros-jardins, Marcelo observou que o "povão" come pesado:

"Vai para Rondônia lá para você ver o que é que é um prato dos caras, eu como no refeitório com eles (...) lá não tem verdura, não tem essas coisas. Mas a gente tem a nossa horta, hoje em dia tem verdura, mas os caras não comem. Não dá sustância para eles, segundo eles (...) Eles querem comer farinha, feijão, bife... Nem peixe eles não comem".

“Eu graças a Deus não sei o que é passar dureza. E nem quero saber”.

Mais pobre em vários tipos de capital, Neide é o exemplo de como as elites do Alphaville se preocupam, antes de mais nada, com a segurança, o que não predispõe a se tornarem as detentoras da excelência em matéria de estilo de vida. Tendo feito referência ao fato de que a casa de seu pai – que era médico -, no Pacaembu, fora invadida por assaltantes quando o chofer da casa entrava com o carro na garagem, e que seu cunhado fora baleado ao lado de seu marido na indústria de que o último é proprietário, ela afirmou que a decisão de sair de Perdizes - onde morava desde que se casara - e construir uma casa em Alphaville - ao invés de ocupar a residência que herdara da família no Pacaembu – fora exclusivamente motivada pela estratégia de evitar outros grupos sociais e, especialmente, aqueles diante dos quais ela disse se sentir “um alvo”. A residência de praia na Riviera de São Lourenço também foi construída num condomínio fechado e seus três filhos, hoje casados, construíram suas casas em Alphaville.

Todos os seus gostos são os gostos apreciados pelo “grande público”, não existe a menor preocupação em adquirir uma disposição estética “legítima”. “Ensina-me a viver”, com Glória Menezes, no teatro da Faap, foi uma peça que marcou e, no que tange a esse tipo de programa cultural, os atores sempre contam mais do que os diretores. Escolhe teatro pela localização (onde é perigoso, onde não é, etc.), não vai mais ao centro da cidade, a menos que tenha estacionamento do lado. Detesta concerto, embora já tenha tocado piano (“piano era obrigada”) e violão (“violão era porque eu gostava”). Tem preferência pelo filme americano, “Cidade dos anjos” e “Colcha de retalhos” foram filmes inesquecíveis: “eu gosto de filme leve (...) beijaram e foram felizes para sempre” [Entrevista 30]. Atores e a história são os fatores que mais contam na escolha de um filme. Sua sala dileta é a da rede *Cinemark*. E só: “Eu prefiro ver vídeo em casa”. Acha que todo mundo tem que se arrumar mais em todas as ocasiões: “está todo mundo muito esculhambado”. Reclama que as mulheres não se pintam mais. “Eu andava atrás de três filhos de salto alto”. Como Bernadete, sua vizinha no Alphaville, ela não lê jornal, pois prefere o noticiário televisivo da Globo; lê *Veja* e *Cláudia*. Adora ler romances, mas não sabe dizer os títulos. Compra olhando os mais vendidos na livraria ou por recomendação de amigos. Não viaja muito para fora do Brasil e dentro do país vai muito para o Nordeste “Porque eu odeio frio, neve eu quero ver só na televisão. Já vi, já fui para Bariloche e detestei”. Se pudesse escolher um lugar para ir hoje, iria para Maceió. Para ela, bom gosto é algo que se aprende: atribui à família de origem seu aprendizado nesse sentido. Dá importância às maneiras à mesa e perde a vontade de comer se o prato não estiver bonito. Carnes, verduras e frutas compõem sua rotina alimentar, vitela e tortas estão presentes nas refeições especiais. Acha que está comendo demais e afirma não beber. Cotidianamente, come em restaurante por quilo e um lugar mais “legalzinho” para ela é o “La Buca Romana”, restaurante jamais evocado pelas elites dos Jardins.

Em questões de moradia, acredita que tanto o arquiteto quanto o engenheiro sejam importantes, o estilo do mobiliário de sua residência é mais antigo, clássico, apesar de ter começado com um estilo mais moderno. Concorda com a idéia de que o brasileiro cimenta demais áreas externas que poderiam ser gramadas, o que para ela é uma ignorância. Ao longo da entrevista, saímos para ver o paisagismo e a área da piscina e sauna, ocasião em que pude notar que a informante tem piso de ardósia no quintal, opção de revestimento do solo ridicularizada por um entrevistado do Jardim América. Adora ter flores em casa, mas, diferentemente das classes altas dos bairros-jardins que escolheram, em peso, a orquídea, ela disse não ter preferência e achar que se deve comprar o que está bonito no dia. Tem quadros no banheiro “porque eu tenho espaço”. Ela e o marido se formaram em faculdade de Mogi das Cruzes e os filhos fizeram Unip, o que indica, uma vez mais, a modesta aspiração cultural das elites de Alphaville. Em matéria de escolhas indumentárias, avalia que “na dúvida, o neutro é de bom gosto”. Não sai de Alphaville e por isso vai às lojas de lá mesmo. Antes ela não achava que o conforto devesse ser o critério número um na escolha de uma roupa: “Tinha que ficar bonita em primeiro lugar”. No passado passava frio, calor, o que fosse para estar bela, mas hoje acha “que a gente tem que estar confortável”. Faz referência ao fato de que não teria dinheiro para fazer massagem todo dia - como fazem os paulistanos abastados dos Jardins -, critica a sociedade que não nos deixa envelhecer e as amigas que ficaram deformadas de tanta cirurgia plástica feita no rosto.

Neide, esposa de um industrial, Alphaville.

Considerações finais

Os resultados alcançados nesta pesquisa estão profundamente conectados às especificidades do universo social investigado. Como as exigências de "estilização da vida" e a predisposição ao contato com a "alta cultura" são mais evidentes em meio aos grupos localizados nos altos estratos sociais, é possível que um estudo que abrangesse os padrões de gosto das classes médias e baixas encontrasse maior indiferença à distribuição de lucros simbólicos baseada no domínio e/ou familiaridade com o repertório erudito, sobretudo no contexto brasileiro, marcado historicamente pelo desapossamento cultural generalizado. Além disso, a dificuldade de obtenção de informantes pertencentes aos setores abastados e o precário conhecimento disponível da totalidade das preferências das classes altas (paulistas ou brasileiras) fazem de minha coleção de casos um material empírico que dá suporte a uma análise de *caráter exploratório*, isto é, que buscou, antes de tudo, constituir algum conhecimento sobre frações de classe comumente ausentes das estatísticas brasileiras de um modo geral.

Nesse sentido, é provável que uma análise mais ampla de todas as frações dos altos segmentos paulistanos – o que de fato autorizaria a falar de uma "amostra" - fizesse concluir que a regra de comportamento cultural fosse dada pelos entrevistados de Alphaville, com seus modelos de conduta estética conformista e avessa aos valores da cultura tradicional. Quando se sabe que o "tecnobrega" da banda paraense Calypso e o "sertanejo romântico" da dupla goiana Zezé Di Camargo e Luciano lideram a preferência nacional em matéria de música – sendo mais ouvidos nos setores de menor escolaridade e no norte e nordeste do país -, não é difícil aventar a hipótese de que a fração de elite cultivada que encontrei nos Jardins seja bastante minoritária no Brasil.

Ainda assim - e tendo em vista que não só o número de adeptos confere legitimidade a uma regra -, este estudo mostrou que os referenciais da cultura erudita seguem como itens simbólicos passíveis de conferir prestígio àqueles que os acionam. Como os primeiros capítulos da tese procuraram demonstrar, a consagração dos "requintados de nascença" nos mercados mundanos - e, ainda que com menos intensidade, no mundo da sofisticação propriamente estética - atualiza estilos de vida historicamente associados aos setores cultos e abastados do Brasil, chancelando processos de distinção (e de desqualificação) que explicitam *habitus* de classe e têm no domínio das práticas e valores estéticos seu campo de atuação.

Não tendo sido, porém, insensível às críticas endereçadas à sociologia que postulou o quanto a aversão pelos estilos de vida diferentes constitui uma das maiores barreiras entre as classes, nem sempre foi fácil manter-me orientada por um modelo explicativo que prioriza dimensões do conflito social julgadas ultrapassadas ou inoperantes pela maioria da sociologia do gosto contemporânea. Um acontecimento de ordem biográfica ocorrido no derradeiro momento de escrita da tese me deu coragem para apresentar todos os indícios de respeito às normas da "alta cultura" colhidos ao longo da pesquisa. No contexto de um curso de sociologia ministrado aos alunos de Moda do Centro Universitário Senac, em que discutíamos o impacto dos avanços tecnológicos na esfera cultural, realizei uma aula externa na Sala São Paulo, tendo em vista sugestão dos próprios estudantes, muitos dos quais jamais tinham freqüentado um concerto. Na semana que antecedeu nossa ida, a classe estava em polvorosa, todos se perguntavam como deviam se vestir, quando bater palmas, quanto custaria o ingresso, como reconhecer os instrumentos, como se tivessem sido surpreendidos em sua indigência cultural. Na aula seguinte à apresentação de duas peças de Schumann e uma de Mahler (que eles julgaram mais difícil), o comentário de uma aluna sintetizou bem a mentalidade do grupo naquele dia "Escrevi ao professor de Estética e História para dizer 'agora já sou culta, fui a um concerto na Sala São Paulo'"). Como também mostraram as representações do consumo cultural entre setores populares e médios, a etnografia de um leilão de artes e antigüidades e mesmo as entrevistas com os moradores de Alphaville, a situação de desapossamento cultural não entrava os processos de docilidade em relação à cultura tradicional, sendo perfeitamente possível e inclusive comum a atitude de *reconhecimento com desconhecimento*. Além disso, o teor rancoroso das narrativas dos informantes do Alphaville em matéria de "bom gosto" e pretensão cultural sugere que a renúncia aos investimentos simbólicos dessa natureza não se faz sem pena.

Fruto da identificação de embates no campo da sociologia do gosto contemporânea, o problema da pesquisa definiu, portanto, as dimensões da realidade aqui descritas e analisadas. Justamente porque a idéia inicial era discutir as análises internacionais sobre o gosto, programei as entrevistas e a seleção das fontes documentais de modo a subsidiar o estudo das práticas e valores investigados nessas pesquisas que integram o grande debate em torno de *A distinção*, de Pierre Bourdieu.

Devido ao próprio fato de a pesquisa de campo ter se concentrado nos grupos sociais mais abastados, os relatos das origens e trajetórias sociais muitas vezes foram

bastante além de um breve comentário sobre a profissão dos pais, o que acabou ampliando o foco da análise para as especificidades de *habitus* dos que ocupam, de maneiras diversas, posições elevadas na hierarquia social brasileira. Para além dos privilégios políticos e econômicos a que estão mais predispostas as elites de qualquer época e contexto histórico, existem trunfos e deficiências de ordem simbólica que também impactam o jogo de distribuição dos lucros sociais. Quando se tem em vista a partilha dos ganhos em matéria de excelência social, nota-se que nenhum grupo social detém o registro literário, histórico e/ou artístico de sua existência com a mesma intensidade com que isso ocorre com as classes altas. Esse patrimônio, raro em outros meios sociais, perpetua tais núcleos familiares para além da finitude biológica de seus membros individuais e a esse modo específico de experimentar o mundo ligam-se o senso de dignidade social, a disponibilidade de um capital de relações e de trunfos familiares que, não raro, levam a que seus portadores se esqueçam da gênese tão decisivamente social das preferências e aversões.

Sendo o principal argumento do trabalho o de que as lutas de classificação explicitam *habitus* de classe e se reforçam através das preferências de gosto, foi de fundamental importância encontrar evidências de como, entre os informantes dos bairros-jardins da City, o gosto apurado pela via familiar constitui um "avanço" em matéria de estilização da vida, da mesma maneira que a primazia das práticas raras e dos espaços virgens situam os entrevistados em pauta nos padrões de excelência dos manuais de etiqueta e crônicas da vida mundana, para ficarmos com apenas uma instância de dignificação de modelos de conduta social. A conivência com o mundo da arte da parte dos paulistanos de famílias quatrocentonas, mas, também, das elites de imigrantes estrangeiros leva a que tais moradores dos bairros ajardinados mantenham presença cativa em instituições de conservação e consagração cultural, e tal comprometimento com a causa da "Cultura" rende, entre outros dividendos, a expansão e consolidação do montante de capital social, esse quinhão do patrimônio tão bem conservado nos ritmos integradores do calendário mundano que são os vernissages e os jantares para a arrecadação de fundos para instituições culturais.

Se, de um modo geral, os estudos sobre as elites brasileiras contemporâneas centram-se em variáveis socioeconômicas que influenciam a mobilidade social, ocupacional e/ou financeira, a idéia aqui foi, ao contrário, apreender as representações que setores abastados de São Paulo constroem de si mesmos e também dos outros grupos em suas preferências culturais manifestas, as quais também contribuem para a

formação da “realidade” de tais segmentos. O repúdio à voracidade popular e o desgosto do cinema nacional protagonizado pelos pobres indicaram o quanto frações das classes altas se definem em oposição àqueles que consideram “as chagas da nossa sociedade” ou “a parte ruim” do povo brasileiro. O apego aos “deveres da representação” e o ascetismo eletivo de vários paulistanos dos estratos dominantes fazem com que o “povão” seja fatalmente inserido no rótulo que o aprisiona às sensualidades e ao laxismo injustificado, de modo que não é possível falar de “lutas de classificação das classes” negligenciando-se esses (e outros) aspectos extra-econômicos de distinção social.

A despretensão vanguardista de uma boa parte da classe cultivada do Jardim América e do Jardim Europa mostra, em matéria de juízo estético, aquilo que Florestan Fernandes e outros já haviam dito da “burguesia” brasileira de um modo geral, ou seja, que ela não tende a ser revolucionária, teima em “renascer das cinzas do senhor feudal” e em se acomodar aos princípios aristocráticos herdados do passado colonial. O envolvimento com o mecenato e a benemerência social contribui para afastar ainda mais do horizonte desses grupos o diagnóstico negativo do Brasil, incitando a *recusa do pessimismo na arte* tão fortemente característica do juízo de gosto dos grandes filantropos interrogados.

Em concordância com o modelo explicativo adotado que, no que tange à estratificação social, confere um tratamento menos artificioso ao estado das distribuições, este estudo dos processos de distinção social pelo gosto mostrou que à antigüidade de acesso às classes dominantes associam-se diferenças na estrutura do capital possuído. No caso da cidade de São Paulo, a escolha de dois núcleos residenciais de elite de fato fez aparecer disparidades associadas à estrutura e, sobretudo, à evolução no tempo do volume total do capital: não parece um acaso que em Alphaville estejam não apenas os informantes menos dotados de capital cultural, social e simbólico mas, também, os mais tardiamente chegados às altas classes paulistanas. Nessa linha de juízo, um dos argumentos implícitos na própria investigação em termos de “frações de classe” é o de *variantes do estilo de vida dominante em São Paulo*, de classes altas “no plural”.

E em meio aos vários critérios de diferenciação possíveis, o refinamento cultural e a autoridade mundana mostraram ser componentes de fronteiras internas a esses segmentos. Contrariamente aos estudos que minimizaram as oposições engendradas no interior dos altos estratos brasileiros, esta pesquisa restrita à São Paulo identificou, no mínimo, dois tipos de “burguesia”: uma que, conquanto tradicionalista esteticamente, é

cultivada e profundamente envolvida com o universo da “alta cultura”, e uma outra que, satisfeita com sua opulência material recém-conquistada, segue predominantemente a cultura de massa típica das frações não intelectualizadas das classes médias, renunciando aos investimentos simbólicos mais prestigiados. A análise dessas batalhas pela imposição de um estilo de vida legítimo autoriza apontar que os embates de gosto permanecem atravessados pelas relações de força entre as classes e frações de classe e, de outro lado, o acompanhamento de diferentes confrontos de preferências permite afirmar que o gosto (cultural e/ou mundano) participa dos processos de distinção social, induzindo à formação de barreiras e à manutenção da ordem simbólica estabelecida.

A demonstração de como é ainda poderosa a ideologia da espontaneidade das maneiras, de como o consumo cultural está predisposto a revelar diferenças de posicionamento (e trajetória) social e, por fim, a análise das definições antagonistas de cultura legítima dos privilegiados dos Jardins e de Alphaville testemunham o quanto os processos de distinção e estigmatização inerentes à reprodução das posições na estrutura social mantêm-se recorrendo aos emblemas da cultura “legítima” e às técnicas da sociabilidade mundana para poderem existir. Tais acomodações sugerem ainda que não se pode aceitar uma concepção opcional do social, como por vezes parece depreender de algumas análises que reivindicam a supressão dos tradicionais instrumentos de análise sociológica, como primo pressuposto da compreensão da realidade de hoje. Veiculando “lutas surdas”, as manifestações de violência simbólica passadas em revista são a prova cabal de como a extirpação dos constrangimentos que pesam sobre os indivíduos e suas práticas nunca foi e não parece que será em breve uma mera questão de escolha. Os conteúdos das classificações mudam, evidentemente, com todas as transformações tecnológicas que assaltam o desenrolar histórico, mas o que conta aqui é que a oposição estrutural entre o distintivo e o vulgar permanece vigorosa.

Nessa linha de raciocínio, a idéia atualmente em voga (tanto na imprensa como no mundo acadêmico) da predominância de hábitos culturais transclassistas parece atender mais a uma tomada de posição de antemão contrária às teses mais “clássicas” - que se ocuparam em relacionar as simpatias e aversões culturais às relações hierárquicas que correm no bojo da sociedade – do que dar conta de uma realidade em que os processos de distinção e estigmatização seguem se revigorando através das classificações conflitivas que explicitam *habitus* de classe e se atualizam através das práticas e escolhas estéticas.

Anexos:

Roteiro da entrevista semi-dirigida

Práticas culturais

Se tivesse mais tempo ou dinheiro, gostaria de ter estudado mais do que estudou formalmente? Aprendeu alguma língua estrangeira? Onde? Qual o motivo da escolha dessa (s) língua (s) específica (s)? Gostaria de aprender alguma outra? Você se incomoda quando conversa com alguém que comete erros de português? Por quê?

Gosta de pintura? Poderia citar os pintores de sua preferência? Quando você se depara com um quadro num museu, olha primeiro o que está escrito na legenda ou vai direto na representação pictórica proposta? Você se apega mais ao conteúdo da tela, ao objeto que ela representa ou concentra mais a atenção no estilo propriamente formal empregado pelo pintor? Acredita que o artista, através de seu quadro, deva atuar sobre os costumes da sociedade? Recebeu ensino artístico em algum momento de sua formação? Realizou algum curso de história da arte? Onde? Você possui livros de arte? Quando você vai a alguma exposição, já tem alguma informação prévia das obras de arte que irá encontrar? Se sim, quais são as suas fontes de informação (crítica de jornal, amigos, folder, etc.)? A pintura abstrata te interessa tanto quanto a figurativa? Você gosta de pintura surrealista? Você acha que a arte contemporânea é incompreensível? Com que freqüência você vai a museus? Em geral na companhia de quem? Com aproximadamente quantos anos e com quem foi ao museu pela primeira vez? É a favor de que as exposições disponham de recursos pedagógicos (flechas, tabuletas explicativas, textos na parede)? Por quê? Você costuma ir a galerias de arte? Quais? Em geral, na companhia de quem? Caso já tenha comprado obra de arte em galerias, poderia falar um pouco sobre as peças adquiridas?

Você costuma tirar fotografias? O que você gosta de fotografar? Você fotografa por fotografar? O que você acha da foto-souvenir? Freqüenta exposições de fotografia? Você acha que qualquer objeto fotografado pode resultar numa bela foto? Por quê?

Costuma freqüentar shows e/ou concertos de música? Onde? Em geral, na companhia de quem? Você já adquiriu assinaturas para temporadas de concertos? Com aproximadamente quantos anos e com quem foi a um concerto pela primeira vez? Você se arruma mais do que o habitual para ir a um concerto? Por quê? Costuma sair para jantar depois? Quais são os seus gêneros musicais favoritos? Quais os seus músicos preferidos? De que tipo de música não gosta de jeito nenhum? Por quê? Toca algum

instrumento? Quando começou a tocar? Há alguma razão especial para a escolha desse instrumento específico? Qual instrumento gostaria de tocar? Por quê? Tem o hábito de ouvir rádio? Quais as estações favoritas? E os programas? Você poderia discorrer um pouco sobre os CDS que tem em casa?

Você gosta de cinema? Poderia citar alguns dos filmes que mais te marcaram? Para que um filme tenha interesse, acha imprescindível uma identificação com os personagens e suas peripécias? Por quê? E o final feliz? Por quê? De um modo geral, você prefere o cinema americano, o europeu ou o nacional? Por quê? De que tipo de filme não gosta de jeito nenhum? Com que freqüência você vai ao cinema? Em quais salas da cidade você mais vai? Quais são os seus diretores favoritos? Acha importante que os atores sejam conhecidos do grande público? O que conta mais na escolha de um filme: o conhecimento do diretor ou dos atores?

Você acompanha festivais de dança? Se sim, que tipo de dança? Onde é que você já viu espetáculos de dança?

Você gosta de teatro? Poderia citar algumas das peças de teatro que mais te marcaram? Você acha que o enredo de uma peça de teatro deva mostrar personagens que agem como nós agimos na vida de todo dia? Por quê? Acha importante que os atores sejam conhecidos do grande público? Por quê? Com que freqüência você vai ao teatro? Em geral na companhia de quem? Quais as salas de teatro que você mais freqüenta? Quais são os seus diretores favoritos? Com quem foi ao teatro pela primeira vez? Você tenta sempre comprar os melhores lugares na platéia? Você acha que é preciso se arrumar mais do que o habitual para ir ao teatro? Por quê? Costuma sair para jantar depois?

Você gosta de ler livros? Que tipo de livros? Que tipo de livro você não leria nunca? Você é assinante de algum jornal? Quais os cadernos de sua preferência? E revistas?

Você assiste televisão? Quais são seus canais e programas favoritos?

Quais são os seus passatempos preferidos?

O que foi que você fez nas suas últimas férias? O que é, para você, tirar férias?

Você costuma viajar pelo Brasil e/ou para o exterior a trabalho ou a turismo? Com que freqüência? Em geral para onde? Quais os motivos da escolha desses lugares? Você costuma comprar *souvenirs* quando viaja? E tirar fotos? O que você acha de viagens com excursão? Se pudesse escolher, para onde gostaria de viajar? Por quê? Possui uma ou mais residências na praia, no campo ou algum outro lugar? Qual o motivo da escolha desse (s) lugar (s) específico? É possível aprender a ter, como se diz, “bom gosto”?

Práticas alimentares

Você acredita que existam diferenças nas maneiras com que as diferentes classes sociais preparam os alimentos e as formas de servi-los? Por quê? O que você espera de uma refeição? Considera importante que um prato seja visualmente belo ou é mesmo só o sabor que importa? Por quê? Você dá importância às maneiras à mesa? Por quê? Quem prepara as refeições da casa? Quais os pratos freqüentes no dia-a-dia? E nas ocasiões especiais? Quais as carnes mais freqüentes no cardápio? É mais comum comê-las cozidas, fritas ou grelhadas? Você poderia citar alguns de seus pratos preferidos? Você prefere uma refeição com prato único ou a que comporta entradas, mais de um prato principal, sobremesas, etc? O que não comeria de jeito nenhum? Por quê? E as bebidas, quais são as mais freqüentes no dia-a-dia e nas ocasiões especiais? Qual a bebida alcoólica favorita? Qual a marca favorita? Costuma receber os amigos e familiares em casa? Como são essas ocasiões? Você recebe mais os amigos ou mais os familiares? Você acha que come demais? Bebe demais? Acredita que o brasileiro coma demais? Beba demais? Você concorda que se deva cozinhar sempre mais do que o suficiente segundo o ditado do "é melhor sobrar do que faltar"? Por quê? Acredita que seja bom comer e beber à vontade? Por quê? Com que freqüência vai a restaurantes? Quais restaurantes estão entre os seus preferidos? O que costuma pedir para comer? O que você acha da afirmação "As coisas agradáveis são as coisas não necessárias"?

Moradia

Quais são as coisas da sua casa que são importantes para você? Que adjetivos você usaria para descrever uma casa ideal? Como você descreveria o interior da sua casa? Você dá importância à presença de flores em casa? Por quê? E de quadros? Por quê? O que você acha de quadros e/ou flores no banheiro e/ou na cozinha? Você contratou alguém para se ocupar da decoração da casa ou fez você mesmo? Contrataria? Por quê? Você já contratou os serviços de um paisagista? Contrataria? Por quê? Onde adquiriu o mobiliário? Você freqüenta antiquários? Você diria que os móveis da sua casa tendem mais para o estilo moderno, o antigo ou o rústico? Acha importante ter um quintal com jardim gramado e árvores ou é a favor de cimentá-lo? Por quê? Há pessoas que dizem que o brasileiro cimenta demais áreas externas que poderiam ser gramadas. Você concorda com tal afirmação? Que tipo de plantas e flores costuma ter em casa? Você acha que o arquiteto tem um papel tão importante quanto o do engenheiro no projeto de uma casa e/ou encaminhamento de reformas? Por quê? Você costuma comprar revistas

de arquitetura? E de decoração? Acha importante que o interior da casa esteja sempre limpo e arrumado? O que é, para você, ter "bom gosto"?

Cuidados com o corpo e escolhas indumentárias

Acha importante dedicar-se à aparência física (roupas, cabeleireiro, cuidados com a pele, etc)? Por quê? O que avalia ser um cuidado desejável com a aparência? Freqüenta o salão de beleza? Qual? Com que freqüência? O dermatologista? Você avalia positiva ou negativamente a adesão cada vez mais significativa às várias técnicas de retardar o processo de envelhecimento do corpo? Por quê? Você acha que as mulheres devem estar sempre vigilantes em relação ao peso? Por quê? E os homens? Você usa maquiagem? Todos os dias ou só em algumas ocasiões? Você lê revistas de moda? Acompanha os desfiles de moda, pessoalmente e/ou pelos meios de comunicação? Poderia citar os nomes de seus estilistas favoritos? Onde costuma comprar roupa? Prefere roupas de corte clássico ou sente-se mais inclinado a ousar? Por quê? Considera que o conforto deva ser o critério principal na escolha de uma roupa? Por quê? Suas roupas do dia-a-dia são muito diferentes daquelas usadas em ocasiões especiais? Pratica algum esporte? Onde? Quais são, para você, as vantagens dessa prática esportiva? Há quanto tempo é praticante? Quais os esportes que não faria? Por quê? Qual o esporte que gostaria de fazer? Por quê? Você é ou foi sócio de algum clube? Qual? Você usufrui de serviços de massagens ou demais práticas de relaxamento do corpo? Quais? Se tivesse mais tempo ou dinheiro, gostaria de se empenhar mais intensamente nos cuidados com o corpo? Por quê? Alguns estudiosos dizem que vivemos na "sociedade da culpa", dada a preocupação cada vez mais obsessiva com a saúde e a tendência cada vez maior de ataque ao prazer. Você concorda com essa avaliação?

Questionário passado (quando possível) no final da entrevista

Idade: _____ Sexo: ( )F ( )M Estado civil: _____

Local de nascimento: _____

Trajetória social

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Locais de moradia (bairros) atual e anteriores: _____

Profissão atual e anteriores: _____

Número de filhos e colégio em que estudam os filhos: _____

Trajetória social dos pais

Pai

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros) atual e anteriores: _____

Mãe

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros) atual e anteriores: _____

Trajetória social dos avós paternos

Avô paterno

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros) atual e anteriores: _____

Avó paterna

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros) atual e anteriores: _____

Trajetória social dos avós maternos

Avô materno

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros) atual e anteriores: _____

Avó materna

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairros) atual e anteriores: _____

Trajetória social do cônjuge

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão atual e anteriores: _____

Locais de moradia (bairros) anteriores: _____

Trajetória social dos pais do cônjuge

Sogro

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairro) atual e anteriores: _____

Sogra

Local de nascimento: _____

Escolaridade (nível e instituições de ensino): _____

Profissão (atual e anteriores): _____

Locais de moradia (bairro) atual e anteriores: _____

Renda familiar mensal (Soma de todos os tipos de rendimentos constantes – pensões, aluguéis, aposentadorias, salários, etc. – de todos os membros da família; Valor do salário mínimo = CR$ 410,00).

( ) mais de 20 SM; ( ) mais de 40 SM; ( ) mais de 60 SM; ( ) mais de 80 SM

Carta-convite

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia - Pós-Graduação

CENTRE DE SOCIOLOGIE EUROPÉENNE

54 Bd Raspail - 75 270 Paris Cedex 06 - Tel 01 49 54 20 95 - FAX 01 49 54 26 74
csec.cse@msh-paris.fr - http://cse.ehess.fr/

No âmbito de uma pesquisa de doutorado na área de sociologia do gosto, a aluna Carolina Pulici, que desenvolve sua tese na *Universidade de São Paulo* (com estágio de um ano no *Centre de Sociologie Européenne/École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, entre 2007-2008) gostaria de convidá-lo a participar de uma entrevista anônima e com fins estritamente científicos. Caso você tenha disponibilidade e interesse em contribuir com essa pesquisa, concedendo uma entrevista à própria pesquisadora, queira, por gentileza, marcar o dia, o horário e o local enviando um e-mail para carolinapulici@usp.br .

As questões da entrevista versam sobre as práticas culturais, as preferências alimentares, as características da residência, os cuidados com o corpo e as escolhas indumentárias. Para qualquer outra informação suplementar contatar, por favor, a pesquisadora no e-mail supracitado.

Fica o registro de que as informações prestadas serão absolutamente sigilosas no que se refere à identidade das pessoas entrevistadas. Se for o caso, essa certificação poderá ser feita de forma oficial, mediante declaração pública da mesma, prestada perante Tabelião em Cartório de Notas.

A *Universidade de São Paulo*, o *Centre de Sociologie Européenne (EHESS)* e, principalmente, a aluna Carolina Pulici agradecem desde já a atenção que for dada a esta carta-convite.

_____

Carolina Pulici.

Tabela dos gostos das classes altas de São Paulo

Moradia	Associações culturais e instituições de caridade	Restaurante	Esporte	Línguas estrangeiras	Gênero musical	Pintores favoritos	Compositores /cantores	Compra/ganha obra de arte	Filmes	Diretores de cinema	Teatro	Livros/autores	Jornais e Revistas	Televisão	Pratos favoritos	Bebidas favoritas	Flores	Assinante de temporadas de concerto	Destinos de viagem
SANDRO Jardim Paulistano	Patrocina espetáculos teatrais	Arábia e Gero	Esqui na neve e ginástica em casa com "personal trainer". Jogava tênis antes de operar o joelho	Inglês e francês	MPB	Picasso, Gauguin e os impressionistas	Chico Buarque e Caetano Veloso	SIM (Leonilson, Leda Catunda, Zerbini, Luiz Hermano)	E o vento levou, de Victor Fleming; Um homem e uma mulher e Les uns et les autres, de Claude Lelouch	Claude Lelouch e os irmãos Coen	(as referências são os atores, como Beatriz Segall e Marília Pêra)	Jorge Amado, Érico Veríssimo e Somerset Maugham (O fio da navalha)	Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Revista Veja, Época e Vanity Fair	Jornal de notícias e filmes em DVD	Boeuf bourguignon, Purê de batatas, picadinho, almondega, ragu, croquete ("tudo o que é carne moída eu adoro, hamburguer")	Vinho de forma geral; cerveja quando está na praia e caipirinha em algum almoço de domingo	Orquídea ("porque depois eu ponho na árvore")	Já adquiriu mas no momento vai mais quando está em Paris	Europa ("Paris sempre") e algum lugar diferente que não conhece (Ásia, Egito), sempre com um mesmo grupo de amigos
RICARDO Jardim América	Acopanha ateliês de arte para deficientes no MAM. Hospeda artistas na casa de hóspedes de sua residência, principalmente os que vêm para a Bienal	Arábia, Casserole, Tenda do Nilo e Emir	Joga tênis e corre dez kilômetros por dia	Inglês, francês e italiano	Clássico e eletrônico	Manet, Jorge Guinle,Volpi, Matisse, Magritte	Debussy, Horowitz, Caetano Veloso, Lucas Santana (música eletrônica), Rolling Stones, James Brown e Pink Floyd	SIM (Lygia Clark, Hélio Oiticica, Nuno Ramos, Tunga, Iole de Freitas, Antônio Dias, Raimundo Colares, Emannuel Nassar, Jorge Guinle)	2001: uma odisséia no espaço, de Stanley Kubrick; Gêmeos, de David Cronenberg; Paris Texas, de Wim Wenders e Lemon Tree, de Eran Riklis	Stanley Kubrick	Companhia dos atores, do Rio de Janeiro	Livros de física, astronomia, filosofia e artes plásticas	Jornal Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo	Globo News, Art in America, Art Forum	Thai Food, risotos, feijoada	Vinho tinto (cabernet e pinot)	Orquídeas, lírios, flores selvagens	NÃO	Fernando de Noronha, Morro de São Paulo (Bahia), Florianópolis, Berlim e Roma
REGINA Cidade Jardim	Dirigiu um importante museu da cidade de São Paulo	Fasano, DOM e Cadoro	Natação e caminhada	Inglês, francês e italiano	Música Clássica, Jazz , MPB e Bossa Nova	Arte abstrata	Villa-Lobos e Tom Jobim	SIM (Baravelli, Bavinsky, Victor Reis, Cássio Inchalana)	Profissão: repórter e A noite, de Antonioni; La nave va, de Fellini; O poderoso chefão, de Francis Ford Coppola e Maria Antonieta, de Sofia Coppola	Michelangelo Antonioni, Frederico Fellini, Wong Kar-Wai e Robert Altman	Teatro La Mama, de Nova Iorque	Casa Grande e Senzala (Gilberto Freire), Rede de Dormir (Câmara Cascudo), Aprendendo a Viver (Sêneca), O Envangelho Segundo Jesus Cristo(José Saramago) e O Profeta (Khalil Gibran)	Jornal Folha de São Paulo, Rádio Cultura e Eldorado	Filmes	Camarão na moranga, vitela, peixes, alcachofras, lagarto com batata, arroz e feijão, rosbife, saladas e frutas	Vinhos franceses, italianos, brasileiros, chilenos e argentinos	Plantas tropicais	Só vai a concertos quando está fora do Brasil	Paris, Londres e Nova Iorque
CARLOS ALBERTO Cidade Jardim	Na condição de doador, ele participa do financiamento privado da pesquisa científica. Ele tem uma coluna semanal em um dos jornais mais importantes do país e é membro de uma comissão da ONU	Le vin e Pomodori	Natação (no passado jogou tênis e vôlei)	Inglês, francês, espanhol e italiano	Música Clássica, Música Popular Brasileira e Jazz (mas só freqüenta concertos)	Piero della Francesca, Ticiano, David, Rubens e Picasso	Chico Buarque, Caetano Veloso e, dos mais atuais, Legião Urbana e Lenine (algumas coisas)	SIM (Bonadei, Volpi, Sued, Cicero Dias)	A grande ilusão, de Jean Renoir; Les enfants du paradis, de Marcel Carné e Um lugar ao sol, de George Stevens	Ingmar Bergman, William Wyler, Clint Eastwood	Os pequenos burgueses, no Teatro Oficina ("É, mas um Zé Celso mais comportado") e "Os sete gatinhos", direção de Antunes Filho	Edgar Wallace, Monteiro Lobato e Dostoievski ("Os irmãos Karamazov"), Alexandre Dumas e Sir Walter Scott	Jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Valor e Le monde diplomatique; Revista The Economist, Revista Prospect, Revue internationale des livres & des idées e Cahiers du cinéma ("Eu tenho uma porção de revistas acadêmicas que eu assino")	Só assiste ao canal Euronews quando está em Paris. No Brasil não assiste televisão	Insistiu em dizer que gostava de tudo e que se deve comer de tudo	Vinho francês (Bordeaux)	Todas	SIM (Cultura Artística, Mozarteum e Sala São Paulo)	Paris, Nova Iorque, Ibiúna e Camburizinho
Moradia	**Associações culturais e instituições de caridade**	**Restaurante**	**Esporte**	**Línguas estrangeiras**	**Gênero musical**	**Pintores favoritos**	**Compositores/ cantores**	**Compra/ganha obra de arte**	**Filmes**	**Diretores de cinema**	**Teatro**	**Livros/autores**	**Jornais e Revistas**	**Televisão**	**Pratos favoritos**	**Bebidas favoritas**	**Flores**	**Assinante de temporadas de concerto**	**Destinos de viagem**
JOÃO Alto de Pinheiros	Presidente do conselho curador e vice-presidente de duas importantes fundações culturais brasileiras; no passado patrocinou as artes			Inglês, francês e espanhol	Música clássica, samba tradicional, bossa nova e jazz	Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael, Vermeer, Cézanne, Picasso e os impressionistas	Ravel, Schubert, Brahms, Chopin e Mahler; Tom Jobim, Caetano Veloso e Chico Buarque; Jacques Brel, Léo Ferré e Charles Aznavour; Elis Regina, Amália Rodrigues e Edith Piaf; Beatles	SIM (uma escultura de Bruno Giorgi e uma pintura de Volpi que teve que vender), Pennacchi, Portinari, Jorge Mori, Fábio Cardoso e "algumas boas imagens barrocas"	Rocco e seus irmãos e O leopardo, de Luchino Visconti; Oito e meio, de Frederico Fellini; Cantando na chuva, de Stanley Donen & Gene; Domínio de bárbaros, de John Ford e A paixão de Joana D'arc, de C T Dreyer	Luchino Visconti e Billy Wilder	Diretores: José Celso Martinez Corrêa, Augusto Boal e Antunes Filho; Peça: Cristovão Colombo, de Paul Claudel (com Jean-Louis Barrault)	Fedor Dostoievski						Não adquire porque vai a todas as temporadas como convidado	Europa
LYGIA Jardim Europa	É do conselho de uma importante instituição artística de São Paulo	Arábia, Fasano, Gero, Parigi, La Frontera e Due Cuochi	Pilates e esteira	Inglês, francês, italiano e espanhol	Ópera, Música clássica , MPB e Bossa nova	Holbein (que "mostrava assim a condição social das pessoas"), Cézanne, Picasso, Pré-rafaelistas, Pintura Tudor	Wagner, Beethoven, Rachmaninov, Chico Buarque e Tom Jobim	SIM (Francis Bacon, Arthur Waagen, Athos Bulcão, Sergio Camargo, Emanuel Araújo, Galeno)		Ingmar Bergman, François Truffault e Woody Allen	Tom Stoppard	Sándor Márai, Milton Hatoum, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Dostoievski e Thomas Hardy	Revista World of Interiors, Revista House and Garden, Revista Casa Vogue, Revista Veja, Jornal The Economist, The New York Times, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo	Filmes	Brandade de morou, salada com camarão, "uma sopinha interessante", "um franguinho com casquinha de gergelim"	Vinho (tinto) francês, português e argentino	Orquídea, antúrio, copo-de-leite e hortência	Ela vai muito a concertos como convidada porque seu marido é do conselho de uma importante orquestra da cidade	Paris, Campos de Jordão, Inglaterra e Salzburg
JOAQUIM PEDRO Alto de Pinheiros	Filantropo (doador de fundos para projetos voltados a crianças desassistidas)	Antiquarius, Fasano, Massimo e Brasserie Victória	Equitação e Caminhada. Quando pequeno (década de 1940) jogava tênis. Também já nadou	Inglês, Francês e Alemão	Música clássica e MPB	Piero della Francesca , Van Eyck , Vermeer, Van Gogh e Dürer	Chico Buarque, Marlene Dietrich, Edith Piaf	SIM (Hiroshige, Benedito Calixto, Guignard, Pancetti, Mira Schendel)	Casablanca, de Michael Curtiz	"Olha, eu sou de uma total ignorância a respeito, então são os atores, porque o diretor eu mal sei quem é"	Encenações de peças de Shakespeare e Dostoievski	Guerra e Paz, de Tostoi, Les Thibault, de Roger Martin du Gard, Os irmãos Karamazov, de Dostoievski e Equador, de Miguel Sousa Tavares, Livros de pensamento social brasileiro (Sérgio Buarque, Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e José Murilo de Carvalho)	Jornal O valor, O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Revista Veja e The Economist. Rádio Cultura e estações que dão notícias (CBN, Jovem Pan, Eldorado, Bandeirantes)		Feijão tropeiro, ossobuco, escargôs, fois gras, paçoca. No dia-a-dia arroz com feijão, saladas e verduras cozidas	Vinho francês	As flores as mais variadas (ele inclusive fez com que todas as salas de seu banco tivessem flor); ele e a mulher se envolvem muito com o paisagismo de suas casas	SIM (Cultura Artística e Mozarteum)	Europa várias vezes ao ano. A cada dois anos ele e a esposa pagam para toda a família (cinco filhos, cinco cônjuges e doze netos) uma viagem fora do país. Sempre que um neto faz quinze anos viaja com os avós para o exterior. No momento da entrevista iria para a Borgonha com a mulher
ROBERTO Campo Belo	Mantenedor e presidente de honra de um programa de combate à desnutrição infantil	Arábia, La Tambouille, Parigi, Gero, Fasano, Figueira Rubaiyat, Almanara, La Forneria e Churrascaria Rodeio	Bridge, caminhada e massagem todos os dias; já praticou ski na água e na neve, vôlei, futebol, basquete e boxe	Inglês, francês, espanhol e italiano	Música clássica, MPB e bossa nova	Renoir, Monet, Manet , Sisley e Van Gogh	Frank Sinatra e Roberto Carlos		"E o vento levou", de David O Selznick; "My fair lady", de George Cukor; "The king and I", de Walter Lang e "Barry Lyndon", de Stanley Kubrick	Filmes históricos	Boeing-Boeing, de Marc Carmoletti		Revista Veja e o jornal O Estado de São Paulo	Globonews e filmes	Peixes (badejo, salmão), camarão, lagosta, massas, caviar, carne, Comida árabe, italiana, japonesa e francesa	Vinho tinto e champagne	Orquídea	Vai toda quinta-feira à Sala São Paulo ver a mulher violinista se apresentar	"França, Itália, Espanha, Mônaco ... A minha praia é aí (...) Pelo menos de uma a duas vezes por ano"
Moradia	**Associações culturais e instituições de caridade**	**Restaurante**	**Esporte**	**Línguas estrangeiras**	**Gênero musical**	**Pintores favoritos**	**Compositores /cantores**	**Compra/ganha obra de arte**	**Filmes**	**Diretores de cinema**	**Teatro**	**Livros/autores**	**Jornais e Revistas**	**Televisão**	**Pratos favoritos**	**Bebidas favoritas**	**Flores**	**Assinante de temporadas de concerto**	**Destinos de viagem**
VERÔNICA Jardim Europa	Ex-diretora de um importante espaço cultural da cidade de São Paulo, sócia do Museu Louisiana, em Copenhague e mantenedora de doze famílias em sua fazenda na Bahia	Arábia, La Tambouille e Gero	Pilates, esteira e massagem; jogou capoeira no passado	Inglês, francês e italiano	Ópera, música clássica e MPB	Todos os impressionistas (Monet, Manet, Degas), Picasso e Van Gogh	Maria Callas, Elis Regina, Caetano Veloso, Chico Buarque	SIM (Zanini, Granato, Rezende, Jack Lerner, Lila, Antônio Carelli). Sua casa foi projetada pelo escritório do Artigas	"Barry Lyndon", de Stanley Kubrick; "Morangos silvestres", de Ingmar Bergman; "A árvore dos tamancos", de Ermanno Olmi	Ingmar Bergman, Stanley Kubrick, Rainer Fassbinder e Pedro Almodóver	José Celso Martinez Corrêa	Proust, Thomas Mann ("Os Buddenbrooks"), Hemingway, Sartre, Simone de Beauvoir e Jorge Amado	Folha de São Paulo, Jornal O Valor, Revista Carta Capital, Revista Isto é e Revista Caras	TV Cultura (Metrópolis), programas do GNT, novela das oito da Globo e Jornal no canal francês	Pato, peixes variados, frangos indonésios, salmão com batata	Vinho tinto francês (e, atualmente também vinhos sul-africanos e portugueses)	Rosas, gérbera, lírio, copo de leite, tulipa, "orquídea não é sempre que eu gosto"	SIM (Mozarteum Brasileiro e Cultura Artística)	"O meu circuito é São Paulo, Bahia, Suécia e Paris". "Eu vou muito para a África do Sul porque eu tenho uma amiga que mora lá"
SERGIO Jardim Europa	Ex-diretor de um dos mais importantes museus da cidade de São Paulo. Presidente e idealizador de uma Fundação com fins sociais, ambientais e culturais	La Tambouille, Antiquarius e Vecchio Torino	Caça no Alaska, na África e na Áustria; esqui aquático, esqui na neve, pilotagem aeronáutica, mergulho do seu barco e equitação (no passado); massagem e sauna pela manhã	Inglês e francês	Bossa nova, samba tradicional, músicas italianas	Anita Malfatti	Frank Sinatra, Glenn Miller, Edith Piaf, Tom Jobim e Chico Buarque	SIM (Anita Malfatti e outros; a mulher é uma grande colecionadora de pintura, mas ele não se lembra dos nomes da coleção)	E o vento levou, Lili Marleen, La vie en rose	Steven Spielberg	O fantasma da Ópera (nos EUA e na Inglaterra)	Shogun e Tai Pan, de James Clavell	Jornal O valor , O Estado de São Paulo e A Folha de São Paulo. Revistas especializadas em aviação e economia	Jornal Nacional e Discovery ("Acho que os nossos programas estão abaixo da crítica (...); o único lugar que eu acho boa a televisão é na Inglaterra")	Macarrão com ragu e macarrão com frutos do mar	Vinho francês	Orquídea ("Todas as minhas casas, todos os lugares são cheios de orquídeas")	Não, mas patrocina (Mozarteum)	Viaja para o mundo todo muitas vezes ao ano, a trabalho e a passeio
MARIETA Jardim Europa	Vice-presidente de uma importante instituição artística de São Paulo	Antiquarius, Fasano, Gero, Le vin, Família Mancini e Piselli	Esqui na neve, balé, esteira, ginástica e musculação com personal trainer que a acompanha há mais de vinte e cinco anos	Inglês, francês e italiano	Ópera, música clássica, MPB, bossa nova e música popular americana dos anos 1940	Matisse, os fovistas, Picasso, Goya e Rembrandt	Frank Sinatra, músicas antigas americanas cantadas por Norah Jones, etc	SIM (Cícero Dias, Mário Gruber, Luiz Aquila, Gilberto Salvador, Cláudio Tozzi); seu marido tem Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Cícero Dias, Pancetti e Antônio Bandeira		Luccinho Visconti e Walter Salles	Jorge Takla, Gerald Thomas (e admira o Teatro da Vertigem)	A montanha mágica, de Thomas Mann	Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Revista Veja, Revista Época, Revista Isto é e Revista Caras. Rádio Cultura	Programas e documentários do canal GNT, Manhattan Conexion, Fernanda Young, Marília Gabriela, Observatório da Imprensa , Jornal Nacional e novela das oito da Globo	Arroz de pato, estrogonofe de galinha, bife rolê e carne moída	Vinho branco e champagne franceses (Sancerre, Dom pérignon rosé, os chardonnays e os sauvignons)	Orquídea, rosa, lírio, copo de leite e antúrio	SIM (Mozarteum Brasileiro e Cultura Artística)	Europa, Estados Unidos, Caribe, nordeste do Brasil e Campos de Jordão
TERESA CRISTINA Jardim Paulista	Dirige uma creche e já participou de comissões de arte-educação de um dos mais importantes museus de arte da cidade	Gero e Freddy	Faz massagem, caminha de seu apartamento no Jardim Paulista ao clube do qual é sócia, o Harmonia, onde trabalha seu cabeleireiro. Já fez ioga, hidroginástica, dança do ventre e começou a aprender golf	Inglês e francês, mas aprendeu também informalmente italiano e espanhol	Música Clássica e MPB	Os impressionistas, Michelangelo e Arcimbolo. Gosta de arte abstrata também	Chico Buarque, Caetano Veloso, Maria Bethânia ("Ali todo mundo é legal"), Edson Cordeiro	SIM (Krajcberg, Maria Bonomi , Noné de Andrade, Astréia El-Jaick)	Suplício de uma saudade, de Henry King e Dogville, de Lars von Trier	Almodóvar, os cineastas franceses da Nouvelle Vague (Truffault, Godard) e os italianos, como Frederico Fellini	Diretor Flávio Rangel e o grupo catalão La fura dels baus. Peça Roda Viva, no Teatro Oficina	*Equador* , do português Miguel Sousa Tavares e a literatura de Clarice Lispector e Rachel de Queiroz	Jornal O Estado de São Paulo e Jornal Folha de São Paulo. Revista Veja, Revista Isto é, Revista Architecture e Revista Vogue. Rádio Cultura	Globo News, T V 5 (canal francês) e filmes	Lula, aspargos, alho poró, salada com camarão, coquetel de camarão, filé mignon grelhado, nhoque e frutas	Vinho francês preferencialmente (também gosta de vinhos italianos, chilenos e argentinos). Caipirinha com cachaça	Orquídea, azaléia, rosa e cravo	Não	Campos de Jordão e, fora do Brasil, especialmente a Europa
MARCOS Perdizes	A ligação com as artes está inscrita na própria função de pianista, maestro e compositor	Nellos, Ton Hoi (comida chinesa) e Sendai (comida japonesa)	Tai Chi Chuan, natação e academia de ginástica tradicional. Já fez jiu jitsu	inglês e francês	Música instrumental brasileira, música clássica e jazz	Rembrandt, Vermeer, Matisse, Monet, Di Cavalcanti, Carybé, Bosch	Luiz Gonzaga e Stan Getz,	SIM (Iberê Camargo, Siron)	Casablanca, de Michael Curtiz; Os guarda-chuvas do amor, de Jacques Demy ; Esse mundo é dos loucos, de Philippe de Broca	Os italianos Frederico Fellini, Michelangelo Antonioni e Ettore Scola	Os pequenos burgueses, no Teatro Oficina	"(...) romance histórico eu gosto bastante"; livros de História em geral; Monteiro Lobato e Francisco Marins (na infância). Policial de vez em quando. Vai muito a sebos	Rádio Cultura; Jornal O Estado de São Paulo ("Raramente")		Currys indianos, salmão, frutos do mar e saladas	Bebe quase nada, quando bebe é vinho, a "cerveja social" e cachaça		Não (as apresentações musicais estão inscritas em sua função de músico profissional)	Visconde de Mauá, Ubatuba, mais algum lugar no Brasil e uma vez ao ano viaja para o exterior a trabalho
Moradia	**Associações culturais e instituições de caridade**	**Restaurante**	**Esporte**	**Línguas estrangeiras**	**Gênero musical**	**Pintores favoritos**	**Compositores /cantores**	**Compra/ganha obra de arte**	**Filmes**	**Diretores de cinema**	**Teatro**	**Livros/autores**	**Jornais e Revistas**	**Televisão**	**Pratos favoritos**	**Bebidas favoritas**	**Flores**	**Assinante de temporadas de concerto**	**Destinos de viagem**
LUIZ Jardim Europa	Conselheiro de uma grande associação promotora da música de concerto, responsável pela vinda das maiores orquestras mundiais. Sócio do MOMA e do Metropolitan, em Nova Iorque			Inglês e francês	Música clássica, música popular brasileira, bossa nova, música popular americana, jazz e chansons françaises	Modigliani	Ella Fitzgerald e Chopin	SIM (Volpi, José Resende)	Jules et Jim, de François Truffault	Truffault e Louis Malle					Risotos			SIM (Mozarteum Brasileiro)	Estados Unidos e Europa
ANNE Jardim Europa	A atividade artística está inscrita em sua função	Arábia	Dança e natação. Fazia ginástica com personal trainer mas, por conta da mudança desta, precisou interromper	Alemão, inglês, espanhol, francês e um pouco de árabe	Música clássica	Paul Klee, Egon Schiele, Amadeo Modigliani, Paul Gaugin, Matisse e Picasso; Tarsila do Amaral, Pancetti, Guignard, Volpi, Antonio Lizarra. Gostou da Pop Art	Brahms, Wagner, Bach, Beethoven, Adam Berg	Antonio Lizarra	O ano passado em Marienbad, de Alain Resnais e "O discreto charme da burguesia", de Luis Buñuel	Alain Resnais, Michelangelo Antonioni, Wim Wenders, Werner Herzog e Glauber Rocha	Bertolt Brecht, Jean Genet ("O balcão") e Teatro da Vertigem	Thomas Mann, Samuel Beckett, Albert Camus, Ionesco e livros de história da filosofia	Folha de São Paulo e Estado de São Paulo (já foi assinante da Novos Estudos Cebrap, da Veja e da Bravo!) Rádios Cultura, Eldorado e Band News	TV Cultura ("Roda Viva")	Lombo com ameixa recheada, quibe de bandeja, tomate recheado, abobrinha recheada, torta de espinafre com ricota, peixes e frango grelhados	Vinho tinto português	Flores que dão em vaso	NÃO, mas vai com a filha às vezes à Sala São Paulo e já foi muito a concertos no teatro Cultura Artística	Viaja pouco
FERNANDO Jardim Paulista		Figueira Rubaiyat, Le vin, Tordesilhas, Pitanga, Capim Santo, Pasquale e Mestiço	Dispõe dos serviços de um personal trainer e faz massagem, ioga, tênis e corrida	Inglês	Música Clássica, Jazz e, sobretudo, MPB	Os impressionistas e a pintura abstrata; Matisse	João Bosco, Elis Regina, Simone e a vocalista do Madredeus	Gravuras de Volpi, esculturas de Amilcar de Castro; Fernando Veloso	"Natureza selvagem", de Sean Penn		"Os sete afluentes do rio Ota", dirigido por Monique Gardenberg	"Mentiras no divã", de Irvin Yalom	Jornal O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Rádio CBN e Band News	Programa de esportes na Globo e Sport TV	Carne na brasa e saladas. Chocolates. Afirmou comer de tudo	Vinhos franceses, espanhóis, argentinos e chilenos	Lírios e gérberas	Não, mas freqüenta a Sala São Paulo e o Mozarteum, de onde recebe malas-diretas ou convite de amigos	Viaja sempre a trabalho e a turismo pelo Brasil e para o exterior
ISABEL Jardim Paulistano	A atividade artística está inscrita em sua função	La Tambouille, Figueira Rubaiyat e Rodeio	Anda de bicicleta em Paraty (já fez ioga, balé clássico e dança nos EUA)	Francês e inglês	Música clássica e música popular brasileira	Os impressionistas e, com menos intensidade, os renascentistas e os pré-rafaelitas	Caetano Veloso, Marisa Monte, João Gilberto, Gilberto Gil, Billie Holiday, Chet Baker, Marvin Gaye, Bob Marley e The Police	Permuta e presente: um quadro de Bené Fonteles e fotos de André Andrade	"O piano", de Jane Campion; "Barry Lyndon, de Stanley Kubrick;"A missão", de Roland Joffé e "O poderoso chefão" e "Apocalipse Now", de Francis Ford Coppola	Luchino Visconti, Francis Ford Coppola, Bernardo Bertolucci, Pier Paolo Pasolini e François Truffaut	A referência é um monólogo com Marilena Sálvio	Literatura francesa (Balzac, Zola, Roger Martin du Gard, Camus e Proust) e brasileira (Jorge Amado, Graciliano Ramos, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Josué Montello)	O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Rádios Eldorado e CBN notícias	Jornais de notícias, novela das oito e filmes	Blanquette de poulet, cassoulet, comida mediterrânea (peixes, tomates, azeites e pães); Saladas e carnes brancas	Vinho, cerveja e caipirinha	Rosas, lírios, palmas, cravos e orquídeas	NÃO	Nordeste e Paris todo ano
RUTH Jardim Paulista		Bistrô Charlô, Quattrino	Fazia ginástica com personal trainer mas, por conta de uma artrose, precisou interromper	Inglês e francês	Música clássica, ópera e MPB	Cézane, Modigliani e Van Gogh	Vinícius de Moraes e Tom Jobim	Herdou muitos quadros que seu avô, quando moço, comprou na Europa	"E o vento levou", de Victor Fleming e "À noite sonhamos", de Charles Vidor	Luchino Visconti e Carlo Ponti	O avarento, com Paulo Autran, no Teatro Cultura Artística	O caçador de pipas, de Khaled Hosseini	Jornal O Estado de São Paulo, Revista Veja		Verduras, legumes, peixes, chester, rosbife, frango e massas	Vinho	Orquídeas	Já foi assinante de temporadas de concerto na Sala São Paulo, Cultura Artística e Teatro Municipal	Ásia e Europa uma vez por ano com amigos
Moradia	**Associações culturais e instituições de caridade**	**Restaurante**	**Esporte**	**Línguas estrangeiras**	**Gênero musical**	**Pintores favoritos**	**Compositores /cantores**	**Compra/ganha obra de arte**	**Filmes**	**Diretores de cinema**	**Teatro**	**Livros/autores**	**Jornais e Revistas**	**Televisão**	**Pratos favoritos**	**Bebidas favoritas**	**Flores**	**Assinante de temporadas de concerto**	**Destinos de viagem**
MARIA CRISTINA Jardim América	A atividade artística está inscrita em sua função		Já fez natação, ioga e ginástica	Não aprendeu nenhuma língua estrangeira (apesar da mãe, que fez Sedes Sapientiae, ser fluente em inglês e francês)	Música clássica, música popular brasileira e rock and roll	Picasso, Munch e a arte acadêmica de um modo geral	Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Arnaldo Antunes, Rita Lee e Carlinhos Brown		Indiana Jones e o templo da perdição, de Steven Spielberg; O auto da compadecida, de Guel Arraes; A arte do crime, de Thomas Crown	Frederico Fellini	Cacá Rosset e Antunes Filho	Teoria da personalidade, de Calvin S Hall & Gardener Lindzey	Jornal O Estado de São Paulo, Revista Veja, Rádio Cultura AM e Kiss FM	Novelas e filmes	Peixes, carne assada com legumes, suflês, feijoada, cereais, saladas e sucos	Cerveja	Maria sem-vergonha e brinco de princesa	NÃO	Não viaja
MARLY Alto de Pinheiros		D O M , Tambouille, Vecchia Cucina, Arturito e Fidel	Ioga, massagem e ginástica; já esquiou bastante e jogou tênis	Inglês e francês	Música clássica, MPB, bossa nova, músicas italianas, portuguesas, francesas e russas	Renoir e os impressionistas	Handel, Aurelio Fierro	Gino Bruno, Dário Mecatti	"A vida é bela", de Roberto Benini	Roberto Benini	A referência é o ator "Juca de Oliveira"	Pássaros feridos, de Colleen McCullough	Folha de São Paulo e Revista Veja	Jornal de notícias da Bandeirantes e filmes	Frutos do mar, massas com molhos variados, risotos, cordeiro, trufas, camarões flambados, bries, salmão	Vinhos franceses (carménère)	Flores campestres, silvestres e margaridas	NÃO	Europa, Ásia e Estados Unidos, pelo menos uma vez ao ano
CECÍLIA Cidade Jardim	É membro de uma associação de museus da França	Due Cuochi Cucina, Le Vin, Vecchio Torino e Pomodori	Ginástica, massagem e caminhada	Francês, inglês, italiano, espanhol e alemão	Música clássica, ópera, jazz, samba, bossa nova, tango e fado	Giotto, Fra Angelico, Masaccio, Piero della Francesca, Modigliani, Michelangelo, Vermeer, Rubens, Klimt, Egon Schiele, Malevich, Emil Nolde, Kirchner, Munch, Oskar Kokoschka, Manet, Cézanne, Matisse, Monet, Van Gogh, Gaugin, Chagall, Picasso, Kandinsky, Miró, Calder, Rodin, De Chirico, Giacometti, Brancusi, Rauschenberg, Antoni Tàpies e Anselm Kiefer	Monteverdi, Mozart, Bach, Telemann, Handel, Brahms, Beethoven, Chopin, Schumann, Ravel, Verdi, Puccini, Wagner, Shostakovich, Rachmaninoff e Beatles	SIM (Bonadei, Volpi, Sued, Cicero Dias)	"Milk", de Gus Van Sant; "A troca", de Clint Eastwood; "The Frozen River", de Courtney Hunt e "O leitor", de Stephen Daldry	Frederico Fellini, Ingmar Bergman, Clint Eastwood e Gus Van Sant			Revista Bravo. Já foi assinante da House and Garden. Rádio Cultura FM no Brasil e Radio Classique em Paris		Carré de carneiro, vitela, filé mignon, alcatra, rosbife, paella, risotos, quiches, verduras, legumes, peixes grelhados com molho de gergelim ou de pistache, frango	Vinhos da região de Bordeaux (Pomerol, Saint Emilion, Pessac Leognan, Saint Esthèphe); vinhos italianos e chilenos	Orquídeas ("(...) e principalmente de Pharanopsis,que é uma orquídea branca")	SIM (Cultura Artística, Mozarteum e Sala São Paulo)	Paris, Nova Iorque, Ibiúna e Camburizinho todos os anos
CARINA Higienópolis	Integrante da lista da "categoria VIP" dos sócios mantenedores de uma importante ONG brasileira. Colecionadora de arte, seus quadros percorrem museus do Brasil e do mundo	Rodeio e Vento Aragano	Ginástica com personal trainer todos os dias. Já fez balé e natação	Francês, espanhol, inglês, hebreu e entende alemão	Música clássica, MPB e canções francesas	Rembrandt	Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Villa-Lobos, Chiquinha Gonzaga, Tom Zé, Mônica Salmaso, Antônio Nazaré, Jacques Brel, Georges Brassens	SIM (Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Mira Schendel, Krajcberg, Tomie Ohtake, Yolanda Mohalyi, José Rezende, Tenreiro, Gerchman, Aldemir Martins, Edith Derdkly); Tapessaria de Regina Gomide Graz	Noites de circo, de Ingmar Bergman e La Strada, de Frederico Fellini	Akira Kurosawa, Ingmar Bergman, Frederico Fellini, Woody Allen, Pedro Almodóvar e Sofia Coppola	Diretor Sérgio Ferrara. Peça "O evangelho segundo Jesus Cristo", adaptação de Maria Adelaide Amaral, sua amiga	Leite derramado, de Chico Buarque. Thomas Mann, Hermann Hesse, Sigmund Freud, Car Gustav Jung (e junguianos), Amos Oz	Jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Revista Veja e Le nouvel observateur	BBC, Eurochannel e Film and Arts	Soufflé grand marnier. Comida Japonesa. Gefilte fisch. Peixes	Vinhos	Orquídea, rosinhas e antúrio	SIM (Sala São Paulo, Mozarteum e Cultura Artística)	Londres e Alemanha
FLÁVIO Alto de Pinheiros	Investe em editora de livros acadêmicos e na produção de Cds. A atividade artística está inscrita em suas funções (de escritor e músico)	Arábia, América e restaurantes japoneses	Ginástica e massagem	Francês, espanhol, inglês e italiano	Música clássica, música popular brasileira e rock and roll	Leonardo da Vinci, Michelangelo e Matisse	George Harrison, John Lennon, Caetano Veloso e Luís Melodia	SIM (Marcelo Cipis)	O iluminado, de Stanley Kubrick e A vida de Brian, de Monte Pyton	Stanley Kubrick e Frederico Fellini	Irma Vap	O estrangeiro, de Albert Camus	Jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. Revista Veja. Rádio Cultura FM, Eldorado e Brasil 2000	Globonews e Sport TV	Fraldinha grelhada com arroz e salada, sushi, massas, peixes, frango e verduras	Vinho tinto	Rosas e trepadeiras	NÃO	Chile, Bahia, Visconde de Mauá e litoral norte
Moradia	**Associações culturais e instituições de caridade**	**Restaurante**	**Esporte**	**Línguas estrangeiras**	**Gênero musical**	**Pintores favoritos**	**Compositores /cantores**	**Compra/ganha obra de arte**	**Filmes**	**Diretores de cinema**	**Teatro**	**Livros/autores**	**Jornais e Revistas**	**Televisão**	**Pratos favoritos**	**Bebidas favoritas**	**Flores**	**Assinante de temporadas de concerto**	**Destinos de viagem**
MARCELO Alphaville	Está envolvido em projetos de recuperação ambiental	Gero, Fasano, La Tambouille (este último por insistência dos pais)	Esqui aquático, esqui na neve, corrida, ginástica (com um personal trainer), ioga e massagem. Já velejou, fez tênis, karatê e handball	Alemão, inglês e espanhol	Rock dos anos 1970	Van Gogh	Rolling Stones, Beatles, Led Zeppelin, Yes, Gênesis e toda a música a partir de Woodstook	Ganhou um Portinari do pai, que é colecionador de arte; tem um Bonadei e um Mecatti. Ele coleciona objetos étnicos, tais como colares, majoritariamente vindos da Ásia e da África	O enigma de Kasper Hauser e Aguirre e a cólera dos deuses, de Werner Herzog e e Laranja Mecânica, de Stanley Kubrick	Werner Herzog	Irma Vap (a referência são os atores: Marco Nanini e Ney Latorraca)	"The Last Forest", de Brian Kelly and Mark London; "Gaia's Revenge", de James Lovelock e "Killing Fields", de Christopher Hudson	Jornal O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo Revistas Veja, Época e National Geographic	Jornal nacional, filmes "e alguma coisa de esporte"	Carnes grelhadas de um modo geral	Vinho tinto português e chileno; cerveja	Orquídea ("porque eu posso replantar")	NÃO	Itú, Rio de Janeiro, Amazônia, Londres, Portugal, Áustria, Estados Unidos, América Latina, África e Ásia
BERNADETE Alphaville	Não	Não lembrou do nome de nenhum restaurante	Já fez ginástica e caminhada	Inglês	Música americana ("A música brasileira muito pouco")	Picasso, Tomie Ohtake, Brecheret, Salvador Dali	Paul Mccartney, Charles Aznavour, Ray Conniff, Paul Anka e Neil Sedaka, Ivete Sangalo	Não tem obras de artistas consagrados no meio artístico	Filadélfia, de Jonathan Demme	Steven Spielberg	Irma Vap, O fantasma da Ópera (nos EUA e no Canadá) e Cats	A firma, de Richard Grisham, O código Da Vince, de Dan Brown	Jornal O Estado de São Paulo, Revista Veja, Revista Caras	Jornal da Globo e o da Bandeirantes; Filmes	Bacalhau, lasanha, pizza, peixes e saladas	Chope e vinho (não especificou quais: "não sou conhecedora assim de vinho")	Rosas	NÃO	Europa (uma a duas vezes por ano)
ANTÔNIO Alphaville	Coleciona obras de arte latino-americanas	Família Mancini	Caminhada, natação e RPG. Já jogou basquete	Inglês e espanhol	Música popular brasileira	Os impressionistas	Beatles, Elton John, Andrea Bocelli, Milton Nascimento, Chico Buarque, Djavan, Skank, Pato Fu	Aldemir Martins, Pennacchi, Carlos Paez Vilaró e Medina	Auto da compadecida, de Guel Arraes		Mamma Mia, O fantasma da ópera, Os miseráveis (Broadway)	Não soube falar de um livro que o tenha marcado	Revistas Exame, Veja, Época, DCI; Rádio CBN	"Fantástico" (Rede Globo), Globo Rural, Filmes	Peixes, crustáceos e frutos do mar em geral; risotos, massas, paella		De rosas a copo de leite	NÃO	Viagens pelo Brasil, pelos EUA, pela Argentina, pelo Uruguai, pelo México e pela Escandinávia a trabalho e a turismo
TIAGO Alphaville	A mulher desenvolve ações de benemerência social e ele lida com organizações ecológicas. O casal patrocina eventos beneficentes	Figueira Rubaiya, Dinho's	Surf e meditação	Inglês	Música pop e música brasileira	Não soube dizer o nome de um artista que gostasse	Pink Floyd, Gênesis, Jean-Luc Ponty e Milton Nascimento	Wakabayashi, Tar, Mabe	Patch Adams, de Tom Shadyac	Steven Spielberg	Os miseráveis (que assistiu no Brasil e na Europa)	"Ilusões", de Richard Bach	Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Revistas Veja, Isto é e Scientific American,	Filmes	Feijão com arroz ("adoro a comida que vai para a obra") e bife à milanesa; pastel, folhados, pratos japoneses, peixes e camarão	Vinho e cerveja ("mas eu não sou muito dos vinhos sofisticados")	"flores, dentro de casa, eu não faço questão"	NÃO	Paraty, Estados Unidos, Europa e algum outro lugar na Ásia (Bali, China, etc)
LUÍZA Alphaville	A promoção de atividades culturais está inscrita em sua função de consulesa	La Pasta Gialla, La Vecchia Cucina, Vinheria Percussi e Abruzzi	Caminhada, ioga e massagem. Já fez capoeira	Inglês	Música clássica, bossa nova e jazz	Michelangelo, Renoir	Beethoven, Mozart, Tchaikovsky, Tom Jobim, Maria Bethânia	Não tem obras de artistas consagrados no meio artístico	O baile, de Ettore Scola e Os canhões de Navarone, de J Lee Thompson	Steven Spielberg e Frederico Fellini	"Piaf", com Bibi Ferreira. Espetáculos da Broadway	"O castelo do homem sem alma", de Joseph Cronin; "O livro tibetano da vida e da morte", de Sogyal Rinpoche e "Um pilar de ferro", de Taylor Caldwell	New York Times, New Yorker, O Valor, O Globo, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo; Revistas Times, Veja, Exame, Fapesp	Filmes e jornais de notícias (CNN, CNN Internacional e Última Hora)	Panqueca aos quatro queijos, saladas, arroz, feijão, bife, frutas, pudins, pavês,	Vinho tinto	Orquídea	Não, mas vão sempre a concertos como convidados por conta das relações de seu marido, cônsul de um país da Europa Central	Ibiúna, Budapeste, Viena, Praga, Bratislava e Estados Unidos
HEITOR Alphaville				Inglês	Música clássica (Beethoven, Mozart e Verdi)	Van Gogh		Não tem obras de artistas consagrados no meio artístico	E o vento levou, de Victor Fleming e Casablanca, de Michael Curtiz	Martin Scorsese		Livros de Dan Brown			Paella				
NEIDE Alphaville		La Buca Romana	Não faz nada	Inglês	Pagode			Não tem obras de artistas consagrados no meio artístico	Cidade dos anjos, de Brad Silberling e Colcha de retalhos, de Jocelyn Moorhouse		"Ensina-me a viver", com Glória Menezes no Teatro da Faap	Não soube se lembrar de nenhum dos títulos dos romances que leu	Revista Veja e Revista Cláudia	Jornal Nacional	Vitela, tortas, carnes e verduras	Não bebe álcool; coca-cola	Não tem preferência	Disse detestar concerto	Riviera de São Lourenço e nordeste do Brasil

Bibliografia

ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo: 1947/1975.* Dissertação de mestrado, FAU/USP, 1983. 2 vols.

ALMEIDA, Ana Maria & PEROSA, Graziela. « La construction des frontières et les inégalités au Brésil ». In Éducation et production des frontières sociales : familles, monde associatif et institutions scolaires. Rapport final de recherche du Centre d'Étude des Mouvements Sociaux-Institut Marcel Mauss et équipes associées, 2007, p. 179-204.

APPADURAI, Arjun. "Introduction: commodities and the politics of value". In APPADURAI, Arjun. *The social life of things: commodities in cultural perspective.* Cambridge University Press, 1986, pp. 3-63.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

BASTIDE, Roger. *Arte e sociedade.* Tradução de Gilda de Mello e Souza. 3ª edição. São Paulo, Editora Nacional, 1979 [1945].

BAXANDALL, Michael. *Olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da renascença.* Tradução de Maria Cecilia Preto R Almeida. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

BECKER, Howard S. *Outsiders: studies in the sociology of deviance.* New York, The Free Press, 1966 [1963].

BELLAVANCE, Guy ; RATTÉ, Michel & VALEX, Myrtille. « Le goût des autres : une analyse des répertoires culturels de nouvelles élites omnivores » . Sociologie et sociétés, vol. XXXVI, 2004.

BESNARD, Philippe & DESPLANQUES, Guy. « Les catégories socioprofessionnelles à l'épreuve de la stratification temporelle des goûts », volume 40, n. 1, 1999, p. 97-109.

BOCKEMÜHL, Michael. *Rembrandt: o mistério da aparição (1606-1669).* Paisagem, 2005.

BOLTANSKI, Luc. « Taxinomies populaires, taxinomies savantes : les objets de consommation et leur classement ». Revue française de sociologie, 1970, 11, p. 34-44.

BOLTANSKI, Luc. « L'encombrement et la maîtrise des 'biens sans maître' ». Actes de la recherche en sciences sociales, n. 7, 1976, pp. 102-109.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo.* 4ª edição. Tradução de Regina A. Machado. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

BONNET, Estelle. “Les critiques gastronomiques: quelques caractéristiques d’une activité experte”. Sociétés contemporaines, 2004, n. 53, p. 135-155.

BOTELHO, Isaura. *Romance de Formação: FUNARTE e política cultural (1976-1990)*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.

BOTELHO, Isaura & FIORI, Maurício. “O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo”. Relatório de pesquisa disponibilizado pelo Centro de Estudos da Metrópole – CEBRAP em abril de 2005.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Zouk, 2003 [1969].

BOURDIEU, Pierre & BOLTANSKI, Luc & CHAMBOREDON, Jean-Claude & CASTEL, Robert. *Un art moyen : essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1965.

BOURDIEU, Pierre. “Gostos de classe e estilos de vida”. In *Pierre Bourdieu*. ORTIZ, Renato (org.). 2 ed., São Paulo, Ática, 1994 [1976].

BOURDIEU, Pierre & SAINT MARTIN, Monique de. « Anatomie du goût ». Actes de la recherche en sciences sociales, volume 2, número 5, 1976.

BOURDIEU, Pierre & SAINT MARTIN, Monique. « Le sens de la propriété : la genèse sociale des systèmes de préférences ». Actes de la recherche en sciences sociales, números 81-82, p. 52-64, 1990.

BOURDIEU, Pierre. “As contradições da herança”. In *Escritos de educação*. 3ª edição. Petrópolis, Vozes, 2001 [1993].

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996 [1992].

BOURDIEU, Pierre & DELSAUT, Yvette. “O costureiro e sua grife: contribuição a uma teoria da magia”. In BOURDIEU, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo, Zouk, 2004, p. 113-190.

BOURDIEU, Pierre. *Le bal des célibataires : crise de la société paysanne en Béarn*. Paris, Éditions du Seuil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. “Espaço social e gênese das classes”. In *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998 [1984].

BOURDIEU, Pierre. “Condição de classe e posição de classe”. In *A economia das trocas simbólicas.* MICELI, Sergio (org.). 5ª edição. São Paulo, Perspectiva, 1999 [1966], pp. 3-25.

BOURDIEU, Pierre. “O mercado de bens simbólicos”. In *A economia das trocas simbólicas.* MICELI, Sergio (org.). 5ª edição. São Paulo, Perspectiva, 1999 [1970], pp. 99-182.

BOURDIEU, Pierre (org.). *La misère du monde.* Paris, Seuil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento.* São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2008.

BRYSON, Bethany. “What about the univores? Musical deslikes and group-based identity construction among Americans with low levels of education”. Poetics, Princeton, Estados Unidos, n. 25, 1997.

BRUBAKER, Rogers. “Rethinking classical theory: the sociological vision of Pierre Bourdieu”. Theory and Society, v.14, n.6, 1985.

BUENO TRIGO, Maria Helena. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo, Annablume, 2001.

CABIN, Philippe. “À propos de... La distinction : critique sociale du jugement”. Sciences Humaines, numéro spécial Pierre Bourdieu, Paris, França, 2002.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros : crime, segregação e cidadania em São Paulo.* São Paulo, Edusp, Editora 34, 2000.

CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo, Senac, 2001.

CALDAS, Waldenyr. *Uma utopia do gosto.* São Paulo, Brasiliense, 1999 [1998].

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. “Diferenciação social e participação na cultura”. In *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª edição. São Paulo, Fundação Editora da Unesp, 1997 [1964].

CHAMBOREDON, Hélène & PAVIS, Fabienne & SURDEZ, Muriel & WILLEMEZ, Laurent. «S’imposer aux imposants: à propos de quelques obstacles rencontrés par des sociologues débutants dans la pratique et l’usage de l’entretien ». Genèses, 16, 1994, p. 114-132.

CHAMPAGNE, Patrick. “La vision médiatique”. In BOURDIEU, Pierre (org.). *La misere du monde.* Paris, Seuil, 1993.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do antigo regime*. São Paulo, Editora Unesp, 2004.

CHARTIER, Roger. "Por uma sociologia histórica das práticas culturais". In *A história cultural: entre práticas e representações.* Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa, Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, Difel, 1990 [1988].

CHAUVEL, Louis. « Du pain et des vacances : la consommation des catégories socioprofessionnelles s'homogénéise-t-elle (encore) ? , volume 40, n. 1, 1999, p. 79-95.

CLARK, T. J. *A pintura da vida moderna. Paris na arte de Manet e seus seguidores.* Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo, Companhia das Letras, 2004 [1984].

COULANGEON, Philippe. « Classes sociales, pratiques culturelles et style de vie : le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète ? », volume 36, 2004.

DARNTON, Robert. "O grande portal: Rousseau na entrada de Vincennes". In *Os dentes falsos de George Washington. Um guia não convencional para o século XVIII.* São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

DAVIES, Mel. "Corsets and conception: fashion and demographic trends in the nineteenth century". Comparative Studies in Society and History, vol. 24, n.4, 1982, pp. 611-641.

DESLAURIERS, Jean-Pierre & KÉRISIT, Michèle. « Le devis de recherche qualitative ». In POUPART, DESLAURIERS, GROULX, LAPERRIÈRRE, MAYER, PIRES (Groupe de recherche interdisciplinaire sur les méthodes qualitatives). *La recherche qualitative : enjeux épistémologiques et méthodologiques* . Québec, Gaëtan Morin Éditeur, 1997.

DELSAUT, Yvette. "Le double mariage de Jean Célisse". Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n° 4, p. 3-20, 1976.

DONNAT, Oliver. « La stratification sociale des pratiques culturelles et son évolution 1973-1997 ». Revue française de sociologie, XL-1, 1999, p. 111-119.

DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção. Artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985.* São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989.

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. *"Algumas formas primitivas de classificação"*. In Émile Durkheim. RODRIGUES, José Albertino (org.). 2 ed. São Paulo, Ática, 1981.

DUVAL, Julien. "L'art du réalisme: le champ du cinéma français au début des années 2000". Actes de la recherche en sciences sociales, 2006/1-2, 161-162, p. 96-115.

EDER, Klaus. “Cultura e classe: a mudança operada por Bourdieu na teoria tradicional de classe”. In *A nova política de classes.* Tradução de Ana Maria Sallum. Bauru/SP, Edusc, 2002.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.* Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes.* Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995 [1991].

FABIANI, Jean-Louis. « Peut-on encore parler de légitimité culturelle? », texto apresentado no colóquio *Les public (s). Politiques publiques et équipements culturels*, em 2002 e diponível em http://www2.culture.gouv.fr/deps/colloque/fabiani.pdf (consultado em janeiro de 2009).

FABIANI, Jean-Louis. « Peut-on encore parler de légitimité culturelle? ». In DONNAT, Oliver & TOLILA, Paul. *Le (s) public (s) de la culture.* Paris, Presses de Sciences Po, 2003.

FEATHERSTONE, Mike. “Culturas da cidade e estilos de vida pós-modernos” e “Estilo de vida e cultura de consumo”. In *Cultura de consumo e pós-modernismo.* São Paulo, Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Florestan. “Análise e crítica do projeto de lei sobre diretrizes e bases da educação nacional”. In *Diretrizes e bases da educação nacional*. BARROS, Roque Spencer Maciel de (org.).São Paulo, Pioneira, 1960.

FERREIRA, Clovis Chiezzi Seriacopi. *A casa dos sonhos: necessidades, aspirações, símbolos. Uma avaliação de residências unifamiliares idealizadas, planejadas e empreendidas pelos próprios usuários, em Alphaville, Região Metropolitana de São Paulo.* Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP em 2006.

FERREIRA, Marcelo Costa. “Permeável, *ma non troppo?* A mobilidade social em setores de elite, Brasil – 1996”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 16, n. 47, 2001.

FERREIRA, Marcelo Costa. “Consumo cultural e espaços sociais: os vestibulandos das universidades públicas na cidade do Rio de Janeiro, 1990”. Opinião Pública, Campinas, vol. IX, n. 1, 2003.

FISCHLER, Claude. *L’homnivore: le goût, la cuisine et le corps.* Paris, Odile Jacob, 1990.

FLANDRIN, Jean-Louis. “La distinction par le goût”. In ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. *Histoire de la vie privée.* Paris, Seuil, 1986, p. 266-309.

FLEURY, Laurent. « Abolition des classes sociales ou production d’une fiction d’égalité ? La réalisation d’un space utopique au TNP de Vilar ». In CHOPART Jean-Noël, MARTIN Claude (dir.). *Que reste-t-il des classes sociales ?* Paris: Éd. de l'ENSP, 2004, p. 121-136.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. “Lazer e consumo cultural das elites”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, AMPOCS, n.6, vol.3, 1988.

FRANCASTEL, P. “Problèmes de la sociologie de l’art”. In GURVITCH, G. Traité de sociologie. Paris, P.U.F, 1960, t. II.

FRANCASTEL, Pierre. *Études de sociologie de l’art.* Paris, Denoël/Gonthier, 1970.

GANS, Herbert. “Preface”. In LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences : symbolic boundaries and the making of inequality*. The University of Chicago Press, 1992.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.* 14ª edição revista. São Paulo, Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*. 2ª edição. São Paulo, Global, 2009.

FRIDMAN, Viviana & OLLIVIER, Michèle. « Goûts, pratiques culturelles et inégalités sociales: branchés et exclus ». Revista Sociologie et Sociétés, vol. XXXVI, 2004, p. 3-11.

GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe : trajectoire sociale et conflits d’identité.* Paris, Hommes & groupes éditeurs, 1987.

GIDDENS, Anthony. “Estilos de vida e planos de vida”. In *Modernidade e identidade.* Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

GIGLIO, Ernesto Michelangelo. “A compra do imóvel na planta por mulheres solteiras e sua relação com a identidade”. São Paulo, Revista da ESPM, vol.5, edição n. 4, novembro/dezembro de 1998.

GOBLOT, Edmond. *A barreira e o nível: retrato da burguesia francesa na passagem do século*. Campinas, Papirus, 1989, [1925].

GOFFMAN, Erving. « Symbols of Class Status ». The British Journal of Sociology, vol. II, n.4, 1951.

GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne*, vols. 1 (« La présentation de soi », 1959) e 2 (« Les relations en public », 1971). Paris, Minuit, 1973.

GOFFMAN, Erving. « La ritualisation de la féminité ». In *Les moments et leurs hommes.* Paris, Seuil/Minuit, 1988 [1976].

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. "Lazer operário e consumo cultural na São Paulo dos anos oitenta". São Paulo, Revista de Administração de Empresas, 31(3), 1991.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2004.

GRIFFITHS, Dave & MILES, Andrew & SAVAGE, Mike. "The end of the English cultural elite?" In In SAVAGE, Mike and WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites.* Oxford, Blackwell Publishing, 2008.

HALL, John R. "The capital (s) of cultures: a nonholistic approach to status situations, class, gender, and ethnicity". In LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences : symbolic boundaries and the making of inequality*. The University of Chicago Press, 1992.

HALLE, David. "The audience for abstract art: class, culture and power". In LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences: symbolic boundaries and the making of inequality*. The University of Chicago Press, 1992.

HALLE, David. *Inside Culture: Art and Class in the American Home*. Chicago, University of Chicago Press, 1993.

HAMBURGER, Esther. "Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a idéia de espetáculo". Novos Estudos, 78, 2007, pp. 113-128.

HOBSBAWM, Eric. "Morre a vanguarda: as artes após 1950". In *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).* São Paulo, Companhia das Letras, 2002 [1994].

HOGGART, Richard. *La culture du pauvre: étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1970 [1957].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998 [1936].

IANNI, Octavio. "Estratificação e história". In *Teorias de estratificação social: leituras de sociologia*. 3ª edição. São Paulo, Editora Nacional, 1978.

JAMESON, Fredric. “Pós-modernidade e sociedade de consumo”. São Paulo, Novos Estudos Cebrap, 1985 [1982].

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio.* Tradução de Maria Elisa Cevasco. Revisão da tradução de Iná Camargo Costa. São Paulo, Editora Ática, 1996.

JOPPKE, Christian. “The cultural dimensions of class formation and class struggle: on the social theory of Pierre Bourdieu”. Berkeley Journal of Sociology, n. 31, 1986.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008 [1793].

KANT, E. *Analytique du beau. Critique de la faculté de juger*. Paris, Flammarion, 2008.

KATZ, F. M. “The meaning of success: some differences in value systems of social classes”. The Journal of Social Psychology, 62, 1964, p. 141-148.

KHLOPOVA, Anna. *Développement du mode de vie des dirigeants des petites et moyennes entreprises dans la Russie post-soviétique*. Mémoire de Master 2, Institut d'Études Politiques de Paris, 2008.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos.* Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre, Artmed, 2006.

LAMONT, Michèle. *Money, morals and manners: the culture of the french and the american upper-middle class.* University of Chicago Press, 1992.

LEMOS, Carlos A. C. “A casa do início da era cafeeira”. In *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo, Edusp, 1999.

LENOIR, Rémi. “Espace social et classes sociales”. In PINTO, Louis & SAPIRO, Gisèle & CHAMPAGNE, Patrick. *Pierre Bourdieu, sociologue.* Paris, Fayard, 2004, pp. 133-160.

LÉVI-STRAUSS. “A eficácia simbólica”. In *Antropologia estrutural.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 [1949].

LÉVI-STRAUSS. “A estrutura dos mitos”. In *Antropologia estrutural.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 [1958].

LÉVI-STRAUSS. “O feiticeiro e sua magia”. In *Antropologia estrutural.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 [1949].

LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue. Approche ethnographique de la culture bourgeoise*. Éditions de la Maison des sciences de l’homme, Paris, 1988.

LIEBERSON, Stanley & BELL, Eleanor O. “Children’s first names: an empirical study of social taste”. American Journal of Sociology, vol. 98, n.3, 1992, pp. 548-549.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Mídia e mercado de status no Brasil contemporâneo”. Trabalho apresentado ao seminário temático 13 do XVIII encontro anual da AMPOCS. Caxambu, Minas Gerais, outubro de 2004.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Ethos emergente: notas etnográficas sobre o sucesso”. Revista Brasileira de Ciências Sociais, volume 22, número 65, 2007.

MAJIMA, Shinobu & WARDE, Alan. “Elite consumption in Britain, 1961-2004: results of a preliminary investigation”. In SAVAGE, Mike and WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites.* Oxford, Blackwell Publishing, 2008.

MANNHEIM, Karl. “A democratização da cultura”. In *Sociologia da cultura*. Trad. Roberto Gambini. São Paulo. Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

MARQUES, Eduardo & SCALON, Celi & OLIVEIRA, Maria Aparecida. “Comparando estruturas sociais no Rio de Janeiro e em São Paulo”. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 51, n.1, 2008, pp. 215 a 238.

MARX, Karl. “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”. In *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.* 2ª edição. São Paulo, Editora Abril, 1978.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia.* São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

MAUGER, Gérard & POLIAK, Claude F. & PUDAL, Bernard. *Histoires de lecteurs.* Paris, Nathan, Essais & Recherches, 1999.

MAUGER, Gérard. « Mode de vie/genre de vie ». In *Dictionnaire de sociologie, Encyclopedia universalis*. Paris, Albin Michel, 2007.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do antigo regime (1848-1914).* Tradução de Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1990 [1981].

MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira.* São Paulo, Hucitec: Ampocs, 2005.

MERTON, Robert K. & LAZARSFELD, Paul F. “Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada”. In COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural : leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de massa nessa sociedade.* São Paulo, Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

MERTON, Robert K. “Estrutura social e anomia”. In *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo, Mestre Jou, 1968.

MICELI, Sergio. *A noite da madrinha e outros ensaios sobre o éter nacional.* São Paulo, Companhia das Letras, 2005 [1972].

MICELI, Sergio. *Imagens negociadas: retratos da elite brasileira (1920-1940).* São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

NAVES, Rodrigo. *O vento e o moinho: ensaios sobre arte moderna e contemporânea.* São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

O'DOUGHERTY, Maureen. "Auto-retratos da classe média: hierarquias de 'cultura' e consumo em São Paulo". DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol.41, n. 2, 1998.

O'DOUGHERTY, Maureen. *Consumption intensified: the politics of middle-class daily life in Brazil.* Durham, Duke University Press, 2002.

ORTIZ, Renato. "Legitimidade e estilos de vida". In *Mundialização e cultura.* São Paulo, Brasiliense, 2003 [1994].

PASSERON, Jean-Claude. "Présentation". In HOGGART, Richard. *La culture du pauvre: étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1970 [1957].

PAULA, Zuleide Casagrande de. *A cidade e os Jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986).* São Paulo, Editora Unesp, 2008.

PEREIRA, Daniela Scridelli. *Em busca do refinamento: um estudo antropológico da prática da etiqueta.* São Paulo, Annablume, 2006.

PETERSON, Richard A. & SIMKUS, Albert. "How musical tastes mark occupational status groups". LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences: symbolic boundaries and the making of inequality*. The University of Chicago Press, 1992.

PFEFFERKORN, Roland. *Inégalités et rapports sociaux: rapports de classes, rapports de sexes*. Paris, La dispute, 2007.

PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie.* Paris, La Découverte, 2000.

PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. « La grande bourgeoisie : une classe sociale très organisée ». In CHOPART, Jean-Noël & MARTIN, Claude. *Que reste-t-il des classes sociales ?* Paris, Éditions de l'École Nationale de la Santé Publique, 2004, p. 65-75.

PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. « Le bien-être de Jacques Henri Lartigue vu à travers ses 130 albums de photographies ». Informations sociales, n. 114, 2004.

PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*. 2ª edição. Paris, Quadrige/PUF, 2005.

PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Les ghettos du gotha : comment la bourgeoisie défend ses espaces*. Paris, Seuil, 2007.

PINTO, Louis. « 'C'est moi qui te le dis' : les modalités sociales de la certitude ». Actes de la recherche en sciences sociales, números 52-53, 1984.

PINTO, Louis. «L'émoi, le mot, le moi: le discours sur l'art dans le 'musée égoïste' du Nouvel Observateur ». Actes de la recherche en sciences sociales, n.88, 1991, pp. 78-101.

PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PINTO, Louis. Présentation de « Proust sociologue. De la maison aristocratique au salon bourgeois ». In PINTO, Louis & MAUGER, Gérard. *Lire les sciences sociales (volume 4/1997-2004)*. Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2004.

PINTO, Louis. "Comment négocier un tournant ?", *EspacesTemps.net*, 11 de novembro de 2004 http://espacestemps.net/document778.html (consultado em novembro de 2006).

PINTO, Louis, "Ne pas multiplier les individus inutilement", Revue Interrogations, n. 2, 01/06/2006, http://www.revue-interrogations.org/article.php?article=39 (consultado em janeiro de 2007).

PIRES, Alvavo P. *Échantillonnage et recherche qualitative : essai théorique et méthologique*. In POUPART, DESLAURIERS, GROULX, LAPERRIÈRRE, MAYER, PIRES (Groupe de recherche interdisciplinaire sur les méthodes qualitatives). *La recherche qualitative : enjeux épistémologiques et méthodologiques*. Québec, Gaëtan Morin Éditeur, 1997.

PONTES, Heloisa. "A burla do gênero: Cacilda Becker, a Mary Stuart de Pirassununga". Tempo social: revista de sociologia da USP, volume 16, 2004.

POULAIN, Jean Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Tradução de Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmen Sílvia Rial e Jamir Conte. Florianópolis, Edufsc, 2004.

POUPART, DESLAURIERS, GROULX, LAPERRIÈRRE, MAYER, PIRES (Groupe de recherche interdisciplinaire sur les méthodes qualitatives). *La recherche qualitative : enjeux épistémologiques et méthodologiques*. Québec, Gaëtan Morin Éditeur, 1997.

PULICI, Carolina. "Sociologia do gosto: notas sobre um confronto bibliográfico". BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 67, 2009.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções. Rio de Janeiro – século XIX*. Brasília, Editora da UNB, 2002.

RÉAU, Bertrand. « Évasions temporaires : socialisations et relâchements des contrôles dans les villages de vacances familiaux ». Espaces et sociétés, 120-121, n. 1-2, 2005, p. 123-139.

RÉAU, Bertrand. « Enchantements nocturnes : ethnographie de deux discothèques parisiennes ». Ethnologie française, XXXVI, 2006, 2, p. 333-339.

ROBINSON, Dwight E. "The economics of fashion demand". The quarterly journal of economics, vol. 75, n. 3, 1961, pp. 376-398.

SALLUM JR., Brasilio. « Classes, cultura e ação coletiva ». Lua Nova, São Paulo, 65, 2005.

SAINT-MARTIN, Monique de. *L'espace de la noblesse*. Paris, Éditions Métailié, 1993.

SAVAGE. Mike & WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites*. Oxford, Blackwell Publishing, 2008.

SCHWENTKER, Wolfgang. "A paixão como um modo de vida. Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo". Revista Brasileira de Ciências Sociais, AMPOCS, n.32, 1996.

SCOTT, John. *Stratification and power: structures of class, status and command*. Polity Press, Cambridge-UK, 1996.

SCOTT, John. "Modes of power and the re-conceptualization of elites". In SAVAGE, Mike & WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites*. Oxford, Blackwell Publishing, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. "A categoria estilo de vida nas obras de Simmel e Bourdieu: uma aproximação sociológica". Idéias, Campinas, 7 (2) / 8 (1), 2000-2001.

SHILS, Edward. « Class ». In *Center and periphery in microsociology.* Chicago, The University of Chicago Press, 1975.

SILVA, Frederico Barbosa & ARAÚJO, Herton Ellery & SOUZA, André Luis. "O consumo cultural das famílias brasileiras". In SILVEIRA, Fernando Gaiger & SERVO, Luciana Mendes & MENEZES, Tatiane & PIOLA, Sérgio Francisco (orgs.). *Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas*. Volume 2. Brasília, Ipea, 2007.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In *O fenômeno urbano.* VELHO, Otávio Guilherme (org.). Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

SIMMEL, Georg. "Fashion". American Journal of Sociology, LXII, 1957.

SOMBART, Werner. *Luxury and Capitalism*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1967 [1913].

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. 4. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2001 [1950].

SOUZA, Gilda de Mello e. "A estética rica e a estética pobre dos professores franceses". *Discurso*. São Paulo, Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, 9:9-30, 1979 [1973].

TASCHNER, Gisela Black. "Distinção social, lazer e entretenimento". Trabalho apresentado ao seminário temático 13 do XVIII encontro anual da AMPOCS. Caxambu, Minas Gerais, outubro de 2004.

THOMPSON, E. P. "Padrões e experiências". In *A formação da classe operária inglesa*. 2ª edição, volume II ("A maldição de Adão"). Tradução de Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 [1968].

UZEL, Jean-Philippe. « Kant et la socialité du goût ». Sociologie et sociétés, volume 36, 2004.

VERRET, Michel. "A honra de classe". In *A honra: imagem de si ou o dom de si – um ideal equívoco.* Tradução de Cláudia Cavalcanti. Porto Alegre, L&PM, 1992.

WACQUANT, Loïc. « Seguindo Pierre Bourdieu no campo », Revista de Sociologia Política, Curitiba, 2006.

WAGNER, Anne-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation.* Paris, La Découverte, 2007.

WAIZBORT, Leopoldo. "Estilo de vida". In *As aventuras de Georg Simmel.* São Paulo, Editora 34, 2000.

WARDE, Alan & BENNETT, Tony. "A culture in common: the cultural consumption of the UK managerial elite". In SAVAGE, Mike & WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites*. Oxford, Blackwell Publishing, 2008.

WEBER, Max. "A distribuição do poder da comunidade. Classes, estamentos, partidos". In *Economia e Sociedade: Fundamentos de Sociologia Compreensiva*. Volume 2, tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa e revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, Editora da UNB, 2000.

WEBER, Max. "Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)". In *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, revisão técnica de Gabriel Cohn, 3ª edição, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2000 [1913].

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* Tradução de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário,

correspondência vocabular e índice remissivo de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo, Companhia das Letras, 2004 [1904].

WEBER, Max. “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”. In *Ensaios de sociologia*. Organização e introdução: MILLS, Wright & GERTH, H. H., tradução de Waltensir Dutra, revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1982 [1915].

WEBER, Max. « L’objectivité de la connaissance dans les sciences et la politique sociales ». Paris, Librairie Plon, [1904], 1965.

WESTERGAARD, J. H. “Sociologia: o mito da ausência de classes”. In *Ideologia na ciência social: ensaios críticos sobre a teoria social.* Coordenação de Robin Blackburn, tradução de Aulyde Rodrigues. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

WILLEMS, Emilio. “A sociologia do snobismo”. Revista do Arquivo Municipal, n.64, 1939.

WILLIAMS, Raymond. “Com vistas a uma sociologia da cultura”. In *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

WINKIN, Yves. “Erving Goffman: portrait du sociologue em jeune homme”. In GOFFMAN, Erving. *Les moments et leurs hommes.* Paris, Seuil/Minuit, 1988.

WOLFF, Sylvia Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura.* São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

WRIGHT MILLS, C. *A nova classe média (white collar).* Tradução de Vera Borda. Rio de Janeiro, Zahar, 1969 [1951].

ZOLBERG, Vera L. “Barrier or leveler? The case of the art museum. In LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences: symbolic boundaries and the making of inequality*. The University of Chicago Press, 1992.

S/A. *Retrato da leitura no Brasil.* Câmara Brasileira do Livro/BRACELPA/ABRELIVROS, São Paulo, 2001.

Fontes secundárias

ARAÚJO, Alcione. “Esquizofrenia na educação e cultura”. *Folha de São Paulo*, 4 de agosto de 2006, p. A3.

ALONSO, Maria Rita. “Experts em receber”. *Veja São Paulo* da semana de 25 de junho de 2003, disponível em http://veja.abril.com.br/vejasp/250603/sociedade.html (consultado em março de 2007).

ARANTES, Silvana. “Questão de classe”. Entrevista com Carlos Lyra. *Folha de São Paulo*, 2 de setembro de 2005, p. E1.

ARANTES, Silvana. “Filme com estrelas da Globo faz sucesso”. *Folha de São Paulo*, 29 de janeiro de 2006, p. E5.

ARANTES, Silvana & MATTOS, Laura. “Público fica ‘em casa’ na sala de cinema”. *Folha de São Paulo*, 29 de janeiro de 2006, p. E5.

ARANTES, Silvana. “Walter Salles ataca a ‘invasão’ da estética da TV”. *Folha de São Paulo*, 30 de setembro de 2006, p. E3.

ARANTES, Silvana. “Aïnouz defende a necessidade de sonhar”. *Folha de São Paulo*, 17 de novembro de 2006, p. E4.

ARANTES, Silvana. “A TV contribui com o cinema”. *Folha de São Paulo*, 25 de janeiro de 2007, p. E20.

ARANTES, Silvana. “Mercado discute queda de público”. *Folha de São Paulo*, 11 de julho de 2007, p. E4.

ARANTES, Silvana. “Segundo semestre sugere raros candidatos ao sucesso”. *Folha de São Paulo*, 11 de julho de 2007, p. E4.

ARANTES, Silvana. “Jorge Furtado critica cinema brasileiro”. *Folha de São Paulo*, 20 de julho de 2007, p. E4.

ARANTES, Silvana. “Espectador prefere filme dublado”. *Folha de São Paulo*, 29 de agosto de 2008, p. E4.

ARANTES, Silvana. “Bateu!” *Folha de São Paulo*, 4 de março de 2009, p. E1.

ARAÚJO, Inácio. “‘Longe Dela’ cativa pela sensibilidade”. *Folha de São Paulo*, 12 de outubro de 2008.

BARBOSA, Maria Ignez (Texto) & REINÉS, Tuca (Fotografia). *Casas de São Paulo*. São Paulo, Metalivros, 2009.

BASTOS, Giuliana. “Banquete para poucos”. *Revista da Folha*, 19 de outubro de 2008, p. 11.

BERGAMASCO, Daniel. Entrevista com Rogério Fasano em “Jardim Europa deveria ser demolido e virar parque”. *Folha de São Paulo*, 8 de julho de 2007, p. C6.

BIRMAN, Joel. “Uma nação de invejosos”. *Folha de São Paulo*, 4 de setembro de 2005, Caderno *MAIS!*, páginas 4 e 5.

BRISSAC, Chantal. “Doce balanço: transforme algumas horas à beira-mar em uma sessão de bem-estar”. *Revista da Folha*, 7 de janeiro de 2007, p. 4.

CAETANO, Nana. “Glória da moda”. *Veja São Paulo* da semana de 26 de abril de 2006, disponível no site: http://veja.abril.com.br/vejasp/260406/perfil.html (consultado em dezembro de 2008).

CALIL, Ricardo. “Diretora usa Lars von Trier e novelas como influências”. *Guia da Folha*, de 22 a 28 de junho de 2007, p. 20.

CANONICO, Marco Aurélio & NOVAES, Tereza. “Preferência nacional”. *Folha de São Paulo*, 22 de julho de 2007, p. E1.

CARLOS, Cássio Starling. “‘Linha de Passe’ chega, por fim, ao ‘povo’ ”. *Folha de São Paulo*, 3 de maio de 2009, p. E4.

CASTRO, Daniel. “Pobres sustentam ibope de novela da Record”. *Folha de São Paulo*, 8 de abril de 2006, p. E 12.

CHIODETTO, Eder. “‘Salvador Negroamor’ questiona ‘apartheid’ econômico”. *Folha de São Paulo*, 15 de janeiro de 2007, p. E8.

COELHO, Marcelo. *Gosto se discute*. São Paulo, Ática, 1994.

COELHO, Marcelo. “Filmar pobre não é pecado”. *Folha de São Paulo*, 24 de setembro de 2008, p. E12.

COELHO, Sérgio Salvia. “‘Ferro em Brasa’ é um digno, mas limitado resgate do melodrama”. *Folha de São Paulo*, 14 de outubro de 2006, p. E8.

COELHO, Sergio Salvia. “‘O Avarento’ reverencia o bom teatro”. *Folha de São Paulo*, 23 de agosto de 2006, p. E4.

COELHO, Sergio Salvia. “Rio Preto assume riscos de quebrar novas barreiras”. *Folha de São Paulo*, 18 de julho de 2006, p. E5.

COELHO, Sérgio Salvia. “Musical ‘My fair lady’ entrega apenas o que seu público espera”. *Folha de São Paulo*, 30 de junho de 2007, p. E7.

COUTO, José Geraldo. “Selton Mello dirige retrato incômodo de família em ruína”. *Folha de São Paulo*, 21 de novembro de 2008, p. E5.

CRUZ, Leonardo. “Público de cinema rejeita pobreza”. *Folha de São Paulo*, 12 de março de 2007, p. E3.

CYPRIANO, Fabio. “Art-O-Meter mede só o ibope da obra”. *Folha de São Paulo*, 27 de dezembro de 2006, p. E4.

DÁVILA, Sérgio. “FHC diz a rádio de Nova York que duvida que Lula goste de música clássica”. *Folha de São Paulo*, 10 de junho de 2006, p. A4.

FUTEMA, Fabiana. “Doméstica influencia consumo de patrão”. *Folha de São Paulo*, 11 de novembro de 2005.

GÓES, Mara. “Simplesmente uma mulher”. Entrevista com Danuza Leão. *O liberal*, ano LXII, n. 32163, 28 de janeiro de 2005.

GOIS, Antônio. “Famílias gastam 4% da renda com cultura: quando adicionados os gastos com telefonia, despesas atingem 8%, segundo pesquisa do IBGE com dados de 2003 e 2004”. *Folha de São Paulo*, 30 de novembro de 2006, p. B9.

GOIS, Antônio. “Muito ricos escondem renda em pesquisa”. *Folha de São Paulo*, 21 de outubro de 2007, p. C5.

GONÇALVES FILHO, Antonio. “Os novos colecionadores: Milionários são substituídos por profissionais da alta classe média no mercado de arte”. Revista Época, 14 de março de 2003, edição número 252 consultada em http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG56176-6011-252,00.html (consultado em dezembro de 2008).

GONÇALVES FILHO, Antonio. “Crítico troca Hirst por Michelangelo”. *O Estado de São Paulo*, 20 de setembro de 2008, p. D3.

GONÇALVES, Marcos Augusto. “A ficção da realidade: politicamente correto, ‘Linha de Passe’ frustra como cinema e ensaio sociológico”. *Folha de São Paulo*, 21 de setembro de 2008, p. E5.

GRIEG, Maria Dilecta. *Elite: ontem, hoje e sempre.* São Paulo, Olho d’água, 2006.

HORTA, Nina. “O gosto que se discute”. *Folha de São Paulo,* 9 de março de 2006, p. E9.

HORTA, Nina. “A carregadora de livros”. *Folha de São Paulo*, 20 de novembro de 2008, p. E5.

KALIL, Gloria. *Alô, chics!* São Paulo, Ediouro, 2007.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

LAGE, Janaina. “A era multiplex”. *Folha de São Paulo*, 25 de junho de 2007, p. E1.

LAURENCE, Michel. “O tênis já não é mais o mesmo”. Disponível em http://colunistas.ig.com.br/jogoquaseperfeito/2008/01/24/o-tenis-ja-nao-e-o-mesmo/ (consultado em abril de 2009).

LEÃO, Danuza. *Na sala com Danuza.* São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

LEÃO, Danuza. *Fazendo as malas.* São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

LEÃO, Danuza. "Os muito ricos não gargalham". *Folha de São Paulo,* 21 de outubro de 2007, p. C4.

LEME, Odilon Soares. "Hipercorreção e a vontade de acertar". *Folha de São Paulo,* Especial Fovest, 12 de setembro de 2006, p. 6.

LEMOS, Carlos. "O MIS e os ricos". Apud PAULA, Zuleide Casagrande de. *A cidade e os Jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986).* São Paulo, Editora Unesp, 2008.

LEMOS, Nina. "Feminices: TV para moças divide público alvo". *Folha de São Paulo,* 5 de junho de 2005, p. E 3.

LONGMAN, Gabriela. "Praça da República chega à galeria". *Folha de São Paulo,* 8 de fevereiro de 2006, p. E6.

LONGMAN, Gabriela. "Exposição e livro revêem trajetória de Paulo Pasta". *Folha de São Paulo,* 18 de agosto de 2006, p. E8.

LONGMAN, Gabriela. "Feira aposta no mercado de arte". *Folha de São Paulo,* 18 de abril de 2007, p. E8.

MÁRAI, Sándor. *Métamorphoses d'un mariage.* Paris, Albin Michel, 2006.

MARGARIDO, Orlando. "Com que quadro eu vou?" *Veja São Paulo,* 16 de maio de 2007, p. 25.

MARTINS, José de Souza. "Casa da Bóia, a estética da ascensão social". *O Estado de São Paulo,* 18 de junho de 2005.

MARTINS, José de Souza. "A cidade invisível das ruas". *O São Paulo* (Semanário da Arquidiocese de São Paulo), 19 de fevereiro de 2008, p. A2.

MATARAZZO, Claudia. *Amante elegante: um guia de etiqueta a dois.* São Paulo, Melhoramentos, 2001.

MAYRINK VEIGA, Carmem. "Uma vida com tudo lindo: lenda viva da alta moda conta histórias de glamour e elegância". *Folha de São Paulo, Revista de Moda,* n.14, 29 de julho de 2005, p. 42.

MEDAGLIA, Júlio. "O que você precisa ouvir". In PINSKY, Jaime (org.). *Cultura e elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante*. São Paulo, Contexto, 2005.

MENDES CALDEIRA, Eleonora. “Apresentação”. In PINSKY, Jaime (org.). *Cultura e elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante*. São Paulo, Contexto, 2005.

MICHON, Pierre. *Vies minuscules.* Paris, Gallimard, 1984.

NENO, Silviane. “Herança vintage: elegantes desde o berço, paulistanas como Vanda Jacintho, 28, guardam no closet peças que contam histórias”. *Revista da Folha*, 18 de maio de 2008, p.15-21.

NESTROVSKI, Arthur. “Campos recebeu dos gigantes da música”. *Folha de São Paulo*, 18 de julho de 2006, p. E2.

NESTROVSKI, Arthur. « Zubin Mehta revela Beethoven a SP ». *Folha de São Paulo*, 12 de agosto de 2009, p. E6.

NETO GUIMARÃES, Ernane. Entrevista com Henrique Soares Carneiro em “Do luxo ao lixo”. *Folha de São Paulo*, 20 de maio de 2007, Caderno *Mais!* , p.6.

NEVES, Lucas. “Médici e Scapin recriam ‘Irma Vap’”. *Folha de São Paulo*, 21 de setembro de 2008.

NEY, Thiago. “Para marchand, ‘valor de reposição’ justifica pagar R$ 3.000 para ver BB King”. *Folha de São Paulo*, 30 de novembro de 2006, p. B10.

NUNES, Augusto. “Suave é a vida nos Jardins: no quadrilátero dourado da cidade, pessoas ricas, bonitas e elegantes lançam moda e fazem do dia-a-dia uma grande festa”. Edição comemorativa de 20 anos da *Veja São Paulo* publicada em abril de 2005 e disponibilizada em http://vejasaopaulo.abril.com.br/especiais/20anos_jardins1.shtml. (consultado em maio de 2007).

OLIVEIRA, Roberto de & CARMOS, Maria do. “A gente não quer só merenda”. *Revista da Folha*, 1º de abril de 2007, p. 12.

ORICCHIO, Luiz Zanin. “O realismo cru de Gomorra revela o lado obscuro da Itália”. *O Estado de São Paulo*, 18 de outubro de 2008, p. D7.

PIEMONTE, Marianne & XAVIER, Karime. “Nem precisa beber”. *Revista da Folha*, 22 de abril de 2007, p. 9.

PIEMONTE, Marianne. “Ilustres desconhecidos”. *Revista da Folha*, 20 de maio de 2007, p. 12.

PINSKY, Jaime (org.). *Cultura e elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante*. São Paulo, Contexto, 2005.

PIQUEIRA, Gustavo. *Manual do paulistano moderno e descolado.* São Paulo, WMF Martins Fontes, 2007.

PIQUEIRA, Gustavo. "'Uma ligação fantástica com seu próprio corpo'. Não é lindo?". *Folha de São Paulo*, 10 de junho de 2007, p. E7.

PIZA, Daniel. "O que você precisa ler". In *Cultura e elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante*. PINSKY, Jaime (org.). São Paulo, Contexto, 2005.

PIZA, Daniel. "Quase lá". *O Estado de São Paulo*, 21 de setembro de 2008, p. D3.

RAMOS, Luiz Fernando. "Bloch merecia mais do que repetir sua imagem televisiva". *Folha de São Paulo*, 11 de outubro de 2008, p. E6.

RAMOS, Luiz Fernando. "Peça 'chique' não corre riscos". *Folha de São Paulo*, 10 de setembro de 2009, p. E11.

SAITO, Bruno. "Feminices". *Folha de São Paulo*, 5 de junho de 2005, p. E1.

SAMBRANA, Carlos. "O dono da rua". Revista ISTO É Dinheiro, 27 de agosto de 2003 e disponível em http://www.terra.com.br/istoedinheiro/313/estilo/313_diniz.htm (consultado em 12/06/2009).

SAMPAIO, Paulo. "Com alemães demais, Brasil leva surra na numerada". *Folha de São Paulo*, 28 de junho de 2006, p. D6.

SAMPAIO, Paulo. "'Nunca vi tanta gente feia', dizem habitués". *Folha de São Paulo*, 11 de junho de 2007, p. C3.

SCHNEIDER, Clarissa. "Prefácio". In BARBOSA, Maria Ignez (Texto) & REINÉS, Tuca (Fotografia). *Casas de São Paulo*. São Paulo, Metalivros, 2009.

SCHNITZLER, Arthur. *Thérèse*. Paris, Calmann-Lévy, 1981.

SCLIAR, Moacyr. "O que você precisa ler". In PINSKY, Jaime (org.). *Cultura e elegância: o que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante*.. São Paulo, Contexto, 2005.

S/A. "A sociedade da culpa". *Folha de São Paulo*, 23 de outubro de 2005, Caderno *MAIS!* , p. 4.

S/A. Revista da Folha, 16 de outubro de 2005.

S/A. "Cultura leva apenas 0,2% do total de gastos públicos". *Folha de São Paulo*, 20 de novembro de 2006, p. B11.

Cf. "Antologia pessoal: Godofredo de Oliveira Neto". *O Estado de São Paulo*, 24 de setembro de 2006, p. D16.

S/A. *Oásis de charme e sofisticação*, informe publicitário do jornal *Folha de São Paulo*, 20 de dezembro de 2006, p. 6.

S/A. “Modernidade prevalece desde o planejamento”. *Oásis de charme e sofisticação*, informe publicitário do jornal *Folha de São Paulo*, 20 de dezembro de 2006.

S/A. “Nunca pagaria R$7.500 num vinho”. *Folha de São Paulo*, 11 de setembro de 2008, p. E2.

S/A. “Os doces frutos da monocultura”. *Valor Econômico*, 28/04/2006, disponível em: http://ftp.mackenzie.com.br/dhtm/assessoria_comunicacao/imprensa/macknaimprensa.php?ass=1110&ano=2006 (consultado em dezembro de 2008).

S/A. *O Estado de São Paulo*, 20 de setembro de 2008, p. D1.

S/A. “Folha é o jornal mais lido por jornalistas”. *Folha de São Paulo*, 9 de outubro de 2008, p. A10.

S/A. “Joaquim Pedro de Andrade reinventa Oswald”. *Folha de São Paulo*, 19 de outubro de 2008, p. E9.

S/A. “Folha tem a melhor imagem nas classes A e B de São Paulo”. *Folha de São Paulo*, 17 de maio de 2009, p. A9.

S/A. Revista Marie Claire, disponível em: http://marieclaire.globo.com/edic/ed123/rep_milua.htm (consultado em março de 2009).

S/A. www.bottin-mondain.fr (consultado em 18/08/2009).

S/A. Texto do site do Teatro Bibi Ferreira disponível em http://www.bibiferreira.hpg.ig.com.br/ (consultado em julho de 2008).

S/A. Texto do site do Teatro Oficina disponível em http://www.teatroficina.com.br/ (consultado em julho de 2008).

SERPA, Dagmar. “O brilho do bem”. *Revista Veja*, 14/10/98 disponível em http://veja.abril.com.br/141098/p_109.html (consultado em setembro de 2008).

SOUZA, Ana Paula. “A classe operária vai ao cinema”. *Folha de São Paulo*, 10 de setembro de 2009.

QUINTANILHA, Leandro. “Elegância depende de cultura”, texto da agência Estado de 27 de outubro de 2006, disponibilizado no site de notícias do Yahoo (seção “Entretenimento”). Consultado em 14/03/2009.

WESTIN, Ricardo. “Arroz e feijão são o principal prato de pobres e ricos”. *Folha de São Paulo*, 17 de fevereiro de 2008, p. C4.

YORK, Peter. *Dictators’homes.* Inglaterra, Atlantic Books, 2006 [2005].

YURI, Débora. “Estranhos no paraíso”. *Revista da Folha*, 30 de outubro de 2005, p. 16.